



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE MULHERES
GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL: UMA ANÁLISE DE
DISCURSO CRÍTICA

KARINA MENDES NUNES VIANA

BRASÍLIA-DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

**REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE MULHERES
GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL: UMA ANÁLISE DE
DISCURSO CRÍTICA**

KARINA MENDES NUNES VIANA

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Monteiro Sales Coroa

BRASÍLIA-DF

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VV614r VIANA, KARINA
Representações linguístico-discursivas de mulheres
gestantes em situação prisional: uma análise de
discurso crítica / KARINA VIANA; orientador Maria
Luiza Coroa. -- Brasília, 2016.
390 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Análise de discurso crítica. 2. Representações.
3. Identities. 4. Mulheres gestantes em situação
prisional. 5. Linguística sistêmico-funcional. I.
Coroa, Maria Luiza, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Monteiro Sales Coroa – Universidade de Brasília – UnB

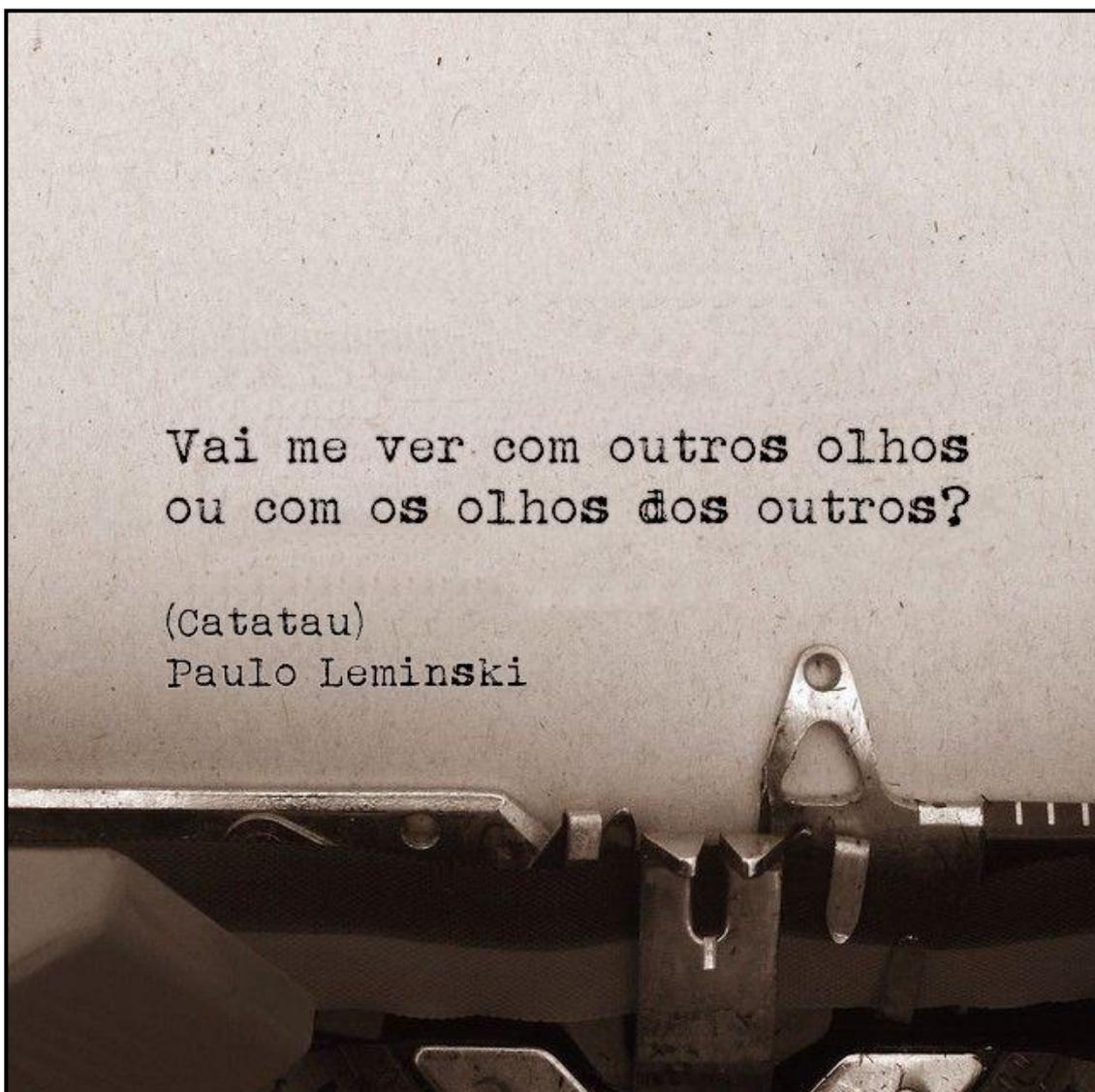
Membro externo: Prof. Dr. Sóstenes César de Lima – Universidade Estadual de Goiás – UEG

Membro externo: Prof. Dr. André Lúcio Bento – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF

Membro interno: Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira – Universidade de Brasília – UnB.

Membro interno: Profa. Dra. Cibele Brandão de Oliveira – Universidade de Brasília – UnB.

Suplente: Profa. Dra. Viviane de Melo Resende – Universidade de Brasília – UnB.



¹ A escolha da citação retirada do Romance "Catatau" (LEMINSKI, 2004, p. 269) justifica-se pela percepção da instabilidade da razão como importante caminho traçado por Catatau, para quem a racionalização se concretiza na espera frustrada de um significado desprovido de sentido.

²Cabe esclarecer que a escolha por verbos na primeira pessoa do singular não exclui a colaboração de

DEDICATÓRIA

Para as mulheres gestantes em situação prisional que temem dar à luz, em cima de sacos de lixo, nos corredores da prisão.

Para as mulheres gestantes em situação prisional que, apesar da gestação em fase avançada, precisam saltar até o segundo andar dos beliches em que ficam alojadas.

Para minhas amadas filhas, Karen Cristina e Ludmila que, como mulheres, vocês nunca tenham de passar por isso.

AGRADECIMENTOS

Concluí o Mestrado em Linguística Aplicada em maio de 2011 e, nesse mesmo ano, fui aprovada para cursar o Doutorado em Linguística. Algumas pessoas que fizeram parte da seção de agradecimentos da dissertação já não convivem mais comigo. Os diálogos mudaram, as pessoas mudaram. E essas não foram as únicas mudanças. Houve mudanças de área, de tema. Eu mudei. E agradeço por isso. Tudo valeu a pena.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela vida, pelas bênçãos e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais.

Entre as pessoas que Deus colocou em meu caminho, gostaria de iniciar os agradecimentos aos mais próximos, à minha família – Karen Cristina e Ludmila –, obrigada pela melhor parte de todos os dias que é estar com vocês, pelo constante aprendizado e pela espera. Aos meus pais, Zulene e Francisco, pelo apoio de sempre. Ao Eriton Lincoln, pela disposição em dividir comigo o seu tempo.

Não poderia deixar de agradecer de forma especial à professora Maria Luiza Monteiro Sales Coroa por compartilhar seu conhecimento, suas leituras e por sua serenidade, bem como à professora Cibele Brandão, por suas lições e exemplos e aos/ às demais professores/ as do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Agradeço também pela colaboração das servidoras Élide e Renata.

É claro que não conseguirei agradecer, em um parágrafo, às ricas contribuições de minhas colegas de doutorado. De forma resumida, Chislene, obrigada pela suave companhia, em especial, aos domingos e feriados, na Biblioteca Central da UnB; Elaine Caldeira, Maria Aparecida e Roberta e a todos os/as colegas, amigos/as por terem compartilhado os ensinamentos desses quatro anos de estudos. Vocês enriqueceram a minha vida em cada conversa, cada aula, cada ombro-amigo que me ofereceram.

Agradeço, também, ao Colégio Militar de Brasília, ao Instituto Federal Goiano e ao Instituto Federal de Brasília, respectivamente, por concederem-me autorização para cursar as disciplinas do doutorado, bem como para participar de Congressos Nacionais e Internacionais.

De maneira especial, meus agradecimentos às Mulheres Gestantes em Situação Prisional que participaram desta pesquisa pela confiança que depositaram em mim ao compartilharem suas histórias de vida. Por fim, agradeço aos servidores da comunidade carcerária do Presídio Feminino do Distrito Federal e à Vara de Execuções Penais do Distrito Federal que possibilitaram a realização deste estudo.

RESUMO

Esta pesquisa se configura como uma análise de discurso crítica sobre representações linguístico-discursivas de mulheres gestantes em situação prisional em micronarrativas de vida, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos. A perspectiva teórico-metodológica adotada fundamenta-se na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 2001, 2003; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; VAN DIJK, 2010; MAGALHÃES, 1996, 2000), com incursões nas Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008), na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004), no Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005; VIAN JR., 2010), nos estudos sobre Identidades (HALL, 2000, 2007; WOODWARD, 2000; GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2005; SILVA, 2000) e nos estudos sobre Gêneros Sociais (BEAUVOIR, 1980; BUTLER, 2015; SAFFIOTI, 1992, 2004). A partir de um viés qualitativo-interpretativista (DENZIN e LINCOLN, 1994, 2006; FLICK, 2009a, 2009b; WATSON-GECEO 1988), busquei orientar os processos de coleta e de geração de dados pelos princípiosêmico e holístico. Nesse sentido, os dados que constituem o *corpus* são provenientes da técnica de cristalização de dados (RICHARDSON, 1997, 2000), a partir da qual privilegiei a entrevista semiestruturada, a observação de campo e as análises sociais, textuais e discursivas. As análises linguístico-discursivas foram realizadas à luz da ADC e das categorias do sistema de transitividade, das redes de representações sociais e do sistema de avaliatividade. Os resultados das análises estão organizados com relação às representações autoatribuídas pelas mulheres gestantes em situação prisional, às representações atribuídas por outros atores sociais e com relação às implicações dos contrastes entre essas representações nas constituições identitárias dessas mulheres. A partir de análises das representações autoatribuídas pelas mulheres gestantes em situação prisional, em suas micronarrativas de vida, é possível traçar linguístico-discursivos de identidades desejadas e, até mesmo, possíveis conflitos de identidade gerados pela relação com suas experiências marcadas pela pobreza, pela situação de rua, pela gravidez na adolescência, pela maternidade na adolescência, pelo desemprego ou pelo histórico de exploração no trabalho, pela pouca ou nenhuma escolaridade, pelas famílias desestruturadas, pelo uso de drogas e marcadas por estigmas de estigma social e de sanção social. As análises das representações atribuídas às mulheres gestantes em situação prisional, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos, apontam para o acionamento de repertórios discursivos que reforçam a construção de estigmas por estigma social e que contribuem com a naturalização da exclusão social dessas mulheres. Quanto às implicações dos contrastes entre as representações autoatribuídas e as representações atribuídas em discursos de outros atores sociais, os resultados apontam as representações de natureza negativa que são atribuídas às mulheres gestantes em situação prisional, em notícias e em comentários eletrônicos, exercem forte influência na forma como suas identidades são ativamente constituídas. Em geral, as mulheres gestantes em situação prisional tendem a resignar-se às representações de cunho negativo ao contrário de repudiá-las e de posicionar-se de modo crítico a resisti-las.

Palavras-chave: mulheres gestantes em situação prisional, representações, identidades, análise de discurso crítica, linguística sistêmico-funcional, avaliatividade.

ABSTRACT

This research is organised as an analysis of the critical discourse on the linguistic-discursive research on pregnant imprisoned women focusing on their situational representations that are coming from their life stories, online news and online comments. The adopted theoretical and methodological approach is based on the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1992a, 2001, 2003; CHOULIARAKI AND FAIRCLOUGH, 1999; VAN DIJK, 2010; MAGALHAES, 1996, 2000) with incursions on the Representations of the Social Actors (VAN LEEUWEN, 1997, 2008), the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994 ; HALLIDAY and MATHIESSEN, 2004), the Appraisal System (MARTIN and WHITE, 2005; VIANEY, VIAN JR., 2010), the Identity Studies (HALL, 2000, 2007; WOODWARD, 2000; GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2005; SILVA, 2000) and Social Gender Studies (BEAUVOIR, 1980; Butler, 2015;. SAFFIOTI 1992, 2004). Departing from the qualitative-interpretive perspective (Denzin, LINCOLN, 1994, 2006; FLICK, 2009a, 2009b; WATSON-GECEO 1988), I have researched the means of collecting and processing the data by emic and holistic principles. Therefore, the data that constitutes the corpus of this work is originated with the technique of data crystallization (RICHARDSON, 1997, 2000), from which I have put an accent on the semi structured interview, the field observation and social, textual and discursive analysis. The linguistic-discursive analyses have been realised by the means of the ADC and transitivity system categories, and by the network of the social and appraisal system representations. The results of these analyses are organised in relation with the self-ascribed representations of the imprisoned pregnant women, the representations ascribed by the other social actors, and related contrast implications between them that influence the identity constitution of these women. From the analysis of the self-ascribed representations of the imprisoned pregnant women, in micronarratives of their lives is possible to identify wanted identities, and it is even possible to find conflicts of identity that are created by the relation with their experiences marked by poverty, by the situation on the street, adolescent pregnancy, adolescent motherhood, unemployment or the history of work exploitation, little or none schooling, disordered families, drugs abuse and finally, the stigmatization due to their social esteem and social sanction. The analyses of the representations attributed to pregnant, imprisoned women in the electronic news and in the electronic comments, point out the actuation of discursive repertoires that reinforce the formation of stigma caused by social esteem and contribute to the normalization of these women's social exclusion. Regarding the implications of the contrast between the self-ascribed representations by the pregnant and imprisoned women, and the representations ascribed in the discourse of other social actors, the results point out that for the social actors like imprisoned and pregnant women, post-modernity acquires different profiles once the negative representations that are being ascribed to them carry out a strong influence on the way their identities are actively constituted. Generally, the imprisoned pregnant women tend to resign themselves to negative representations, instead of refusing them and posing themselves critically, in order to resist such representations.

Key words: *imprisoned pregnant women, representations, identities, Critical Discourse Analysis, Systemic Functional Linguistics, Appraisal System.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de interconexões entre os riscos globais de 2016 a 2026.....	36
Figura 2 - Distribuição de estabelecimentos prisionais de acordo com o gênero.....	39
Figura 3 - Maternidade representada como fator de ressocialização.....	51
Figura 4 - Categorias textuais de van Dijk (1990) no gênero notícia eletrônica.....	88
Figura 5 - Tipos de processos.....	93
Figura 6 - Síntese de categorias para representação dos atores sociais no discurso.....	98
Figura 7 - Procedimentos de segurança para entrada na PFDF.....	109
Figura 8 - Entrada única da PFDF.....	120
Figura 9 - Percursos da pesquisa.....	126
Figura10 - Roteiro para cristalização de dados.....	131
Figura 11 - Contexto de situação da notícia “Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF”.....	221
Figura 12 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na notícia I, de acordo com os tipos de processos.....	232
Figura 13 - Realizações discursivas das representações das MGSP, nos comentários eletrônicos relativos à notícia I, de acordo com os tipos de processos.....	239
Figura 14 - Contexto de situação da notícia “Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia”	241
Figura 15 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na notícia II, de acordo com os tipos de processos.....	249
Figura 16 - Realizações discursivas das representações das MGSP, nos comentários eletrônicos relativos à notícia II, de acordo com os tipos de processos.....	251
Figura 17 - Contexto de situação da notícia “GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina”.....	256
Figura 18 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na Notícia III, de acordo com os tipos de processos.....	263

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A afirmação de identidade e marcação de diferença por meio de marcas da presença do poder.....	63
Quadro 2 - Sistema gramatical de transitividade.....	96
Quadro 3 - Momentos constitutivos da orientação analítica da ADC.....	106
Quadro 4 - Textos selecionados para análise, coletados da mídia eletrônica.....	118
Quadro 5 - Nomes fictícios e papéis sociais dos(as) colaboradores(as).....	121
Quadro 6 - Procedimentos, perguntas norteadoras e fontes de coleta e geração de dados.....	135
Quadro 7 - Síntese de perfis das colaboradoras da pesquisa.....	140
Quadro 8 - Síntese de resultados das análises das micronarrativas.....	209
Quadro 9 - Processos distribuídos por participantes no Texto I.....	231
Quadro 10 - Comentários de Leitores do Texto I.....	234
Quadro 11 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto I.....	237
Quadro 12 - Processos distribuídos por participantes no Texto II.....	249
Quadro 13 - Comentários de Leitores do Texto II.....	250
Quadro 14 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto II.....	254
Quadro 15 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto III.....	262
Quadro 16 - Síntese de resultados da análise das notícias e comentários.....	269
Quadro 17 - Visualização da pesquisa de acordo com os momentos constitutivos da orientação teórico-metodológica da ADC.....	277

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Inclusão e exclusão de atores sociais nas micronarrativas de MGSP.....	207
Tabela 2 - Inclusão e exclusão de atores sociais nas notícias eletrônicas.....	265
Tabela 3 - Inclusão e exclusão de atores sociais nos comentários eletrônicos.....	267

LISTA DE SIGLAS

ABF - Associação Brasileira de *Franchising*

ADC – Análise de Discurso Crítica

ATP – Ala de Tratamento Psiquiátrico

BOPE - Batalhão de Operações Policiais Especiais

CAJE – Centro de Atendimento Juvenil Especializado

COMEIA – Centro de Observação e Triagem de Menores Infratores em Atendimento

CRT – Centro de Recepção e Triagem

DCA – Delegacia da Criança e do Adolescente

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

GEATI – Gerência de Assistência à Interna

HRAN – Hospital Regional da Asa Norte

LEP – Lei de Execução Penal

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

MGSP – Mulheres Gestantes em Situação Prisional

PFDF – Penitenciária Feminina do Distrito Federal

PQI – Pesquisa Qualitativa

RS – Representações Sociais

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SESIPE - Secretaria da Segurança Pública e da Paz Social do Distrito Federal

SSP/DF – Secretaria de Estado de Segurança Pública

NuS – Núcleo de Saúde

TJDFT – Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios

VEC – Vara de Execuções Criminais

VEP – Vara de Execuções Penais

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

As convenções foram estabelecidas a partir de algumas das propostas de transcrição feitas pelo pesquisador Luiz Antônio Marchuschi (2003), em sua obra intitulada “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”.

Notações	Ocorrências
(())	Comentários da analista
(+)	Pausa
[[]]	Falas simultâneas
“ ”	Citação, discurso indireto ou referência a outras falas
„ ”	Aspas dentro de aspas
-	Não é enunciado o final projetado da palavra
/	Truncamento brusco
?	Indica entonação ascendente ou pergunta
!	Indica forte ênfase
,	Descida leve indicando que mais fala virá
.	Descida leve finalizando o término do enunciado
::	Pausa por desistir da fala em favor do interlocutor
(*)	Uma palavra incompreensível
(**)	Mais de uma palavra incompreensível
(****)	Trecho incompreensível
()	Hipótese do que se falou
MAIÚSCULA	Ênfase
/.../	Indicação de que o excerto em questão é um recorte de um trecho mais longo.
Ah, é, oh, ih, uh, ahã, mhm, mm, nhum	Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
Estilos da fonte: Itálico	Palavras estrangeiras.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
LISTA DE FIGURAS.....	xi
LISTA DE QUADROS.....	xii
LISTA DE SIGLAS.....	xiii
CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....	xiv
SUMÁRIO.....	xv
APRESENTAÇÃO: POSICIONAMENTO DA ANALISTA	18
Motivações	23
Referenciais teóricos	24
Referenciais metodológicos	26
Problema de pesquisa	27
Objetivos.....	28
Questões de pesquisa.....	29
Organização da pesquisa	30
CAPÍTULO 1 - SUSTENTAÇÃO TEÓRICA	32
1.1 Mulheres gestantes em situação prisional: quem são e como vivem?	32
1.1.1 Mundo globalizado e profunda instabilidade social	32
1.1.2 Gêneros sociais e relações de poder na pós-modernidade: promessa ou renovação?.....	42
1.1.3 Por que mulheres gestantes em situação prisional?	45
1.1.4 A instalação de uma Penitenciária Feminina na cidade do GAMA - a contragosto dos moradores.....	46
1.1.5 Dentro da penitenciária: ala e cela destinadas às mulheres gestantes em situação prisional.....	50
1.2 Discurso e identidades nos contornos da Pós-Modernidade	52
1.2.1 Identidade e diferença.....	59
1.2.2 Identidades e representações.....	69
1.2.3 O que são e por que precisamos de representações?	74
1.3 Análise de Discurso Crítica: uma abordagem para pesquisas sociais.....	78
1.3.1 Bases teóricas e tessituras entre o social, o discursivo e o textual	83
1.3.2 Gêneros textuais e relações de poder	84
1.3.3 Categorias analíticas	92
CAPÍTULO 2 - SUSTENTAÇÃO METODOLÓGICA	102
2.1 Pesquisa Qualitativa.....	103
2.1.2 Momentos teórico-metodológicos constitutivos da orientação analítica da ADC	105
2.1.3 Algumas considerações sobre o contexto da pesquisa	108
2.1.4 Coleta e geração de dados	110
2.1.4.1 Observação e notas de campo	113

2.1.4.2 Análise documental.....	114
2.1.4.3 Entrevistas semiestruturadas	115
2.1.4.4 Micronarrativas de vida	116
2.1.4.5 Leitura e análise de notícias e de comentários eletrônicos.....	117
2.2 A entrada em campo	120
2.2.1 Flexibilidade da pesquisa	125
2.2.2 Considerações éticas da pesquisa.....	127
2.2.3 A metáfora da cristalização.....	129
2.2.4 Proximidade e Distanciamento do Tema.....	131
2.2.5 Sistematização dos dados para análise	135
CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE MULHERES GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL EM MICRONARRATIVAS DE VIDA, EM NOTÍCIAS E EM COMENTÁRIOS ELETRÔNICOS	138
3.1 Perfis das colaboradoras a partir de análise das fichas cadastrais	139
3.1.2 Contexto situacional das entrevistas com as colaboradoras a partir das notas de campo.....	143
3.2 Representações linguístico-discursivas de mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida	145
3.2.1 Temáticas identificadas nas micronarrativas de vida	147
3.2.2 Algumas reflexões sobre como são representadas as mulheres gestantes em situação prisional nas micronarrativas de vida.....	206
3.3 Representações linguístico-discursivas atribuídas às mulheres gestantes em situação prisional em notícias e em comentários eletrônicos.....	219
3.3.1 Análises das notícias e dos respectivos comentários eletrônicos	219
3.3.2 Algumas reflexões sobre como são representadas as mulheres gestantes em situação prisional nas notícias eletrônicas e nos comentários eletrônicos.....	265
3.3.3 Articulações entre discurso e realidade social	273
REFLEXÕES FINAIS	276
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	286
ANEXOS.....	294
ANEXO I - ENTREVISTAS NARRATIVAS NA ÍNTEGRA E COM MARCAÇÕES.....	294
ANEXO II - NOTÍCIAS ELETRÔNICAS E RESPECTIVOS COMENTÁRIOS DE LEITORES EM DECORRÊNCIA DE EVENTO COM MULHER GESTANTE EM SITUAÇÃO PRISIONAL ...	379
ANEXO III - CAPA DO RELATÓRIO DE VISITA PENITENCIÁRIA FEMININA DO DISTRITO FEDERAL - PPDF RELATIVOS ÀS MGSP	385
ANEXO IV- TERMOS E EXPRESSÕES UTILIZADAS PELAS MGSP	386
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS GESTANTES/ FAMILIARES PARTICIPANTES DA PESQUISA	388
APÊNDICE II - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ACESSO ÀS NARRATIVAS DE VIDA	390

APRESENTAÇÃO: POSICIONAMENTO DA ANALISTA

Quem tem o poder de tirar a voz do outro? Quem tem o poder de dar voz ao outro? Como ouvir sujeitos da/ na linguagem? (TOMÉ, 2010, p. 72)

Para começar, assumo que o meu posicionamento como analista não está voltado a dar voz às Mulheres Gestantes em Situação Prisional, doravante MGSP. Isso, porque, nesta pesquisa, o meu posicionamento é no sentido de ouvir atores sociais constituídos do/ no discurso e, no máximo, contribuir para que suas vozes se tornem mais audíveis. Desse modo, assim como Tomé (2010), na citação que abre esta apresentação, bem como Spivak (2010), questiono se, ao me propor a “dar voz” às participantes desta pesquisa, eu não estaria reforçando uma situação assimétrica de poder, posicionando, de um lado, essas mulheres que continuam sem voz, sem fala, sem direitos e, de um outro lado, posicionando a mim mesma (como analista), pressupondo-me autorizada a “dar essa voz”.

Por força do percurso desenvolvido nesta pesquisa, decidi² assumir alguns traços um pouco atípicos para a escrita acadêmica, como o uso da primeira pessoa do singular e um tom, muitas vezes, narrativo. No entanto, a assunção desses traços não se deve à mera vontade de transgredir normas, mas sim, ao desejo sincero de produzir uma expressão mais próxima possível do modo como esta pesquisa foi desenvolvida.

Proponho esta pesquisa à área de concentração Linguagem e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB e a situo na linha de pesquisa Discursos, Representações Sociais e Textos.

Assim, apresento esta tese pelo título. O título de um trabalho diz muito a seu respeito, pois representa um compromisso. E esse compromisso é feito com o leitor. Por

²Cabe esclarecer que a escolha por verbos na primeira pessoa do singular não exclui a colaboração de minha orientadora durante a pesquisa e nem diminui o respaldo teórico e metodológico que sustenta o meu trabalho. A esse respeito, Martin (1992), pesquisadora que estuda sobre cultura e narrativas em contextos organizacionais, considera importante deixar claro ao leitor “quem fala”, “quando fala” e “de onde fala”. Assim, posiciono-me como uma estudante de ADC, para quem o universo carcerário feminino era desconhecido até então. Desse modo, ao usar o pronome “eu”, simplesmente, assumo a responsabilidade por minha interpretação, que é apenas uma, das milhares possíveis. No decorrer do texto, haverá ocorrências da primeira pessoa do plural. Ao usar “nós” ou desinência de primeira pessoa do plural, estarei me referindo a mim e a você, leitor, com o simples objetivo de tentar envolvê-lo com uma leitura mais fluida e interativa.

concordar com essa ideia, explicarei qual o meu compromisso social para além do leitor – pois se estende às colaboradoras da pesquisa e à teoria que sustenta a pesquisa – com o título deste estudo.

O primeiro título que tinha em mente para este estudo era “O que esperar quando se está esperando atrás grades: representações e identidades em narrativas de mulheres gestantes em situação prisional.”³ Contudo, respaldada pela necessária flexibilidade da pesquisa qualitativa – sobre a qual discorro na **Seção 2.1**, do **Capítulo 2**, desta tese –, ao ter contato com as micronarrativas das colaboradoras, bem como, ao aprofundar as leituras a respeito de representações e identidades, percebi, a tempo, dois importantes pontos que culminaram na modificação do título. O primeiro deles foi que as participantes desta pesquisa são pessoas com histórias que datam de antes, durante e que datarão de depois do período da privação da liberdade, isto é, da situação prisional. Por conseguinte, todas essas fases constituem suas representações linguístico-discursivas, o que me fez reconsiderar que a ideia inicial seria muito redutora, pois consideraria representações relativas apenas àquele período “atrás das grades”. O segundo ponto é relativo às representações e identidades. Inicialmente, não havia me atentado para a forte tessitura entre representações e identidades. Assim que comecei a aprofundar minhas leituras sobre os temas, pude perceber as amplas possibilidades de articular o conceito de representações sociais (oriundo da Psicologia Social) e os conceitos de identidades (HALL, 2000, 2006; BAUMAN, 2005) com a orientação teórico-metodológica proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) para a Análise de Discurso Crítica (ADC). Por isso, a expressão representações linguístico-discursivas⁴ traduz de

³ Priorizo a utilização do nominalizador/ identificador “mulheres gestantes em situação prisional” e a respectiva sigla MGSP, ao fazer referência às protagonistas desta pesquisa, por acreditar que estar gestante na prisão não é uma opção individual, mas uma situação decorrente de condições como adversidades pessoais, restritas oportunidades de trabalho e renda, bem como de fatores sociais, como rompimento dos vínculos familiares e necessidade de autoafirmação perante a sociedade. No entanto, outros termos como “detenta”, “presa”, “mãezinha”, “presidiária” também aparecem no trabalho, pois são recorrentes na referência a essas mulheres por outros atores sociais.

⁴ Nesta pesquisa, adoto a expressão “representações linguístico-discursivas” (no plural), em razão do que afirma Hall (2006) de que, na globalização, a ideia de identidade unificada e estável tem sido fragmentada. Assim, a identidade não se apresenta mais como uma única identidade mas como uma composição de várias identidades, certas vezes contraditórias ou não resolvidas. Nesse sentido, Hall (*ibidem*, p. 13) explica que: “[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”

forma mais fiel o intento deste estudo no sentido de fazer emergir marcas linguístico-discursivas das relações de poder.

O presente título “Representações linguístico-discursivas de Mulheres Gestantes em Situação Prisional: uma análise de discurso crítica” justifica-se pela afinidade com a afirmação do filósofo Bakhtin (1997, p. 32) de que “na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos dos outros, sempre regressamos a nós mesmos.” Antes de iniciar o processo de doutorado em Linguística, durante uma daquelas reflexões que fazemos antes de tomar uma decisão importante, questionei-me sobre o motivo de trilhar um percurso acadêmico tão trabalhoso. E defini que só estudaria sobre algo que me proporcionasse um, como afirma Bauman (2005, p. 9), “olhar o mundo de frente”. Em outras palavras, um estudo que me proporcionasse a capacidade de perceber a realidade de atores sociais⁵ para além dos liames de ideologias preconcebidas. Aliado a esse pensamento, quando escrevi o projeto desta tese, havia também o fato de que estava grávida de quatro meses. Fato esse que justifica a afinidade pessoal com as colaboradoras desta pesquisa: MGSP.

Voltando ao pensamento proposto por Bakhtin (1997), é sem receio dos liames preconcebidos, que afirmo o quanto esta pesquisa me proporcionou um olhar compreensivo e atento da realidade de MGSP. A cada entrevista com elas, eu questionava se o meu “olhar” não estava sendo direcionado por minhas experiências pessoais. Além disso, em vários momentos, procurei valer-me dos referenciais – entre os quais, os de Fetterman (1998) – sobre perspectiva êmica e perspectiva holística do pesquisador⁶. Esse cuidado metodológico era uma tentativa de refinar o meu papel como pesquisadora e de despir-me de uma série de preconceitos em relação ao contexto prisional.

⁵ A expressão atores sociais (no masculino) é utilizada para fazer referência às MGSP. Não vi a necessidade de utilizá-la na forma gramatical do feminino, porque na teoria da Representação de Atores Sociais proposta por van Leeuwen (1997, 2008) esta expressão é utilizada para fazer referência a indivíduos em textos.

⁶ A perspectiva êmica remete a um olhar do contexto social a partir da perspectiva dos próprios participantes. A perspectiva holística pressupõe analisar os eventos de uma maneira ampla, considerando o contexto em que esses eventos se inserem, bem como os diversos aspectos nos quais se delimitam, entre estes, os aspectos sociais, linguísticos ou socioculturais, conforme van Lier (1990). A perspectiva holística focaliza, ainda, segundo a autora Watson-Gegeo (1988, p. 588-589), “descrições holísticas, com riqueza de detalhes, nas análises das interações e nos contextos multiníveis em que estas interações ocorrem.” Assim, a assunção de uma postura êmica e de uma visão holística pelo pesquisador contribuem com as possibilidades de analisar como determinados atores sociais entendem o contexto que os cerca.

Em segundo lugar, explico a minha escolha pelo estudo de representações linguístico-discursivas presentes nas micronarrativas de vida dessas mulheres. Segundo Bauman (2005, p. 12), o conceito de identidade é volátil, o que é discutido mais detidamente nas **Seções 1.2.1 e 1.2.3**, do **Capítulo 1**. Por conseguinte, os estudos sobre representações linguístico-discursivas podem contribuir para nos mostrar como as pessoas, a partir da relatividade de suas histórias de vida, estão envolvidas em “um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história” – como menciona Vecchi (2005), ao tecer considerações sobre uma série de entrevistas realizadas com Bauman (2005) a respeito, entre outros, do tema identidades.

Desse modo, na minha última visita à Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFD), regressei a mim mesma, como propõe Bakhtin (1997), e percebi que o meu olhar em relação ao outro (às colaboradoras) havia começado a se ressignificar. Por conseguinte, posso dizer que este estudo não contribuiu apenas para que eu ampliasse minha capacidade de entender um pouco sobre as representações linguístico-discursivas relativas às MGSP como uma questão social. Nossas interações modificaram as minhas próprias representações a respeito da situação dessas mulheres não como uma questão de escolha pessoal delas, mas, também, como reflexo de lacunas sociais. Em outras palavras, essas interações e os esforços em entender os discursos envolvendo esses atores sociais modificaram minha *Weltanschauung*⁷ privada.

Assim, procurei articular representações linguístico-discursivas nos discursos das colaboradoras, nos discursos da imprensa e nos discursos de alguns leitores-comentadores, em um portal⁸ de notícias. Isso possibilitou compreender as representações de MGSP sobre temas diversos e de fundamental importância para entender suas práticas sociais, bem como as maneiras como as MGSP são representadas por outros atores sociais em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos. Além disso, foi possível analisar as representações das MGSP do ponto de vista não apenas linguístico-discursivo, como também da perspectiva dos efeitos dessas constituições

⁷ *Weltanschauung* – *Welt* – mundo e *Anschauung* – concepção, percepção – é uma expressão popular alemã que traduzida para o português significa percepção [de si próprio e] do mundo. Segundo Ribeiro (2013, p.20), o texto intitulado “Visão filosófica do mundo”, de Max Scheler, foi publicado pela primeira vez em 05 de maio de 1928 no *Münchener Neuesten Nachrichten*. Conforme Ribeiro (2013), a referida obra traz algumas das possíveis traduções da palavra *Weltanschauung* para o português, retiradas do dicionário *Langenscheidt* do alemão: concepção ou visão do mundo, mundi-vidência, filosofia, ideologia.

⁸ Portal é um site projetado para hospedar e possibilitar o acesso a conteúdos de fontes diversas.

identitárias sobre a vida cotidiana no contexto prisional e sobre as expectativas para além dele. Ademais, também foi possível analisar as relações dos pontos de contato entre as representações que emergem dos discursos das MGSP e as representações dos discursos refletidos em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos.

Com isso, posso afirmar que o desafio inicial de ampliar a minha capacidade de “olhar o outro de frente” foi progressivamente sendo alcançado, pois de crítica centrada em pré-julgamentos herdados ou adquiridos, em certa medida, no convívio social, passei ao papel de analista de discurso crítica. Esses pré-julgamentos coadunam com a definição de estigma proposta por Goffman (1988). O autor (*op cit*) enfatiza que essa definição pode ser aplicada a todos os casos em que um aspecto observável é salientado e interpretado pelos demais membros da sociedade como “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral, proporcionando ao indivíduo um sinal de aflição ou um motivo de vergonha” (GOFFMAN, 1988, p. 12-13). Quanto à assunção do papel de analista de discurso crítica, isso implica diretamente uma reflexão sobre “Até que ponto eu não tenho nada a ver com isso?”. A população de MGSP aumenta a cada ano no Sistema Prisional Brasileiro, conforme dados estatísticos do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Ignorar esse fato é tão prejudicial quanto sujeitar-se a ele. Por isso, sustentados teórica e metodologicamente, veremos que todos nós estamos, de certa forma, implicados na situação dessas mulheres.

A partir dessa percepção, ressalto que, neste período de estudo sobre Análise de Discurso Crítica (ADC), o que mais me marcou foi a visão de discurso como uma possível contribuição para transformações da realidade social e o seu potencial como uma forma de contribuir com grupos de militância contra a violação de direitos humanos. Essa percepção me possibilitou enxergar na análise das representações dos atores sociais⁹, contribuições que podem caminhar para combater situações de conformidade, discriminação e preconceito no processo de reintegração social das MGSP.

Nesse sentido, é razoável afirmar que o discurso como prática social permeia a dimensão pessoal e social das MGSP. Além disso, compartilhar representações

⁹ O conceito de ator social é o proposto por Van Leeuwen (1997), segundo o qual o indivíduo é considerado em sua dimensão histórica, cultural e social e representado na relação com os outros indivíduos: suprimidos, encobertos, ativados, apassivados, personalizados, impessoalizados em discursos.

autoatribuídas pode contribuir com reflexões sobre seus papéis como atores sociais (trans)formadores de sua situação em uma realidade contextualizada e, por si só, tão delicada como é a realidade prisional.

Ao tratar de representações linguístico-discursivas, não posso deixar de considerar o que Fairclough (2003) diz a respeito da relação dialética entre identidade pessoal e identidade social. Ao estabelecer essa relação, Fairclough (2003) nos mostra que as constituições das identidades de um indivíduo, como potencial sujeito transformador da realidade social, dependem dos papéis sociais que se propõe pessoalmente a exercer, fundindo-se, dessa maneira, identidade pessoal e identidade social.

Assim, analisar e interpretar criticamente as representações linguístico-discursivas em micronarrativas de vida de MGSP, bem como em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos é mais que construir conhecimentos específicos sobre esses atores; é responder ao desejo daquele(a) que, ao se reconhecer como “outro”, pode perceber-se estranho e, assim, se dar conta de suas identidades e de seus papéis sociais. A respeito dos potenciais de pesquisas que procuram articular discurso, linguagem e identidade, Bakhtin (1997) afirma que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.” (BAKHTIN, 1997, p. 113). Em outras palavras, e, trazendo para este estudo, o discurso vai além da simples comunicação, ele viaja de um “eu” para um “outro”, percorre suas intenções e embarca e desembarca na construção de representações a partir das interações sociais.

Motivações

A escolha do tema de pesquisa foi motivada, primeiramente, pela minha identificação de experiência de vida com mulheres gestantes – uma vez que, como já mencionado na **Apresentação** desta pesquisa, eu também me encontrava nesse estado – e, também, pela minha inclinação ao estudo de questões com implicações sociais. Por isso, além da fundamentação sobre representações linguístico-discursivas (FAIRCLOUGH, 2001), esse tema é estudado com o suporte, entre outras, da Teoria das Representações Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008).

Tais motivações foram reforçadas pelo fato de que, nos últimos anos, estudiosos têm demonstrado um significativo interesse pelas representações sociais articuladas com práticas textuais e discursivas. Em diversos países, isso tem se traduzido em publicações científicas sobre o tema (FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 2001, 2003, MAGALHÃES, 1996, 2000). No Brasil, no entanto, pesquisas que investiguem representações linguístico-discursivas relativas a MGSP, por meio da análise de seu discursos, ainda são escassas (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 2010; MELLO, 2014). Cabe acrescentar que, no Distrito Federal (DF), até onde minhas leituras puderam alcançar, estudos com essa perspectiva, que contemplem conhecimentos específicos sobre as MGSP do Sistema Prisional Feminino do DF, são ainda inexistentes.

Assim, neste estudo, proponho-me a interpretar, a analisar e a compreender traços linguístico-discursivos que revelem maneiras como essas mulheres são representadas em suas micronarrativas de história de vida, nas notícias eletrônicas selecionadas sobre elas, bem como nos comentários eletrônicos de modo a compreender as implicações disso na realidade social, as diferenças entre representações atribuídas¹⁰ por parte da imprensa e de alguns de seus leitores-comentadores e representações autoatribuídas nos discursos de MGSP.

Para isso, tomarei por base as possibilidades, propostas, entre outras, por Fowler (1991, p. 89), de trazer a ideologia de atores sociais, normalmente escondida pela habitualização do discurso, à superfície, para análise. Para tal, conto com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). São utilizados os seguintes instrumentos para geração dos dados: observação, análise documental, entrevistas semiestruturadas, notas de campo e leitura e seleção de notícias cujas gerações de dados serão organizadas na constituição do *corpus*.

Referenciais teóricos

Para a realização deste estudo, baseio-me nos referenciais teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) propostos por (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; CHOULIARAKI

¹⁰ Os usos das expressões representações atribuídas e representações autoatribuídas, nesta pesquisa, possuem significados designativos que coincidem com o significado identificacional (FAIRCLOUGH, 2003) e não coincidem com o significado do termo “atribuição” que é utilizado em Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

e FAIRCLOUGH, 1999; VAN DIJK, 2010), na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) proposta por (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e nos estudos sobre Ideologia (THOMPSON, 2011; VAN DIJK, 1997), bem como na aplicação sociocultural proposta por seus seguidores (entre os quais destaco MAGALHÃES, 1996, 2000; RESENDE e RAMALHO, 2011, 2014 e FUZER e CABRAL, 2014), nos estudos sobre Identidades (HALL, 2000, 2006; WOODWARD, 2000; GIDDENS, 1990, 2002; BAUMAN, 2005; SILVA, 2000), nas discussões teóricas e nas pesquisas a respeito de Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; van LEEUWEN, 1997, 1998, 2008).

A ADC, como Ciência Social Crítica, segundo Fairclough (2003), ocupa-se dos possíveis efeitos ideológicos dos significados que permeiam os textos, como instâncias do discurso, sobre relações sociais, ações, interações, pessoas e mundo material. Segundo Fairclough (2003), tais significados operam a serviço de projetos particulares de dominação, contribuindo para “[...] modificar ou para sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores ou mesmo para alterar relações” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8). Nesse sentido, como destaca Ramalho (2012), os estudos a respeito de ideologia têm servido como ponto de partida para um diálogo transdisciplinar sobre maneiras como o discurso pode agir ideologicamente na vida social. Portanto, no sentido de analisar as representações linguístico-discursivas envolvendo MGSP pelo viés crítico, a perspectiva da ADC, em constante diálogo com os pressupostos sobre ideologia, também se constitui como referencial teórico adequado para esta pesquisa. Isso, por buscar investigar, nas dimensões discursivas das micronarrativas, das notícias eletrônicas e dos comentários eletrônicos, questões relacionadas às ideologias, às relações de poder e às representações linguístico-discursivas.

Estudos sobre identidades mostram que, na pós-modernidade, diversos movimentos sociais têm colocado em foco a mobilização das identidades como uma questão política. A esse respeito, o crítico cultural Mercer (1990) destaca que "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (MERCER, 1990, p. 43). Em consonância com esse pensamento, Hall (2006) afirma que, no presente momento, ocorre uma mudança no conceito de identidade e de

sujeito, uma vez que as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas e fragmentadas e, como consequência, não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre o que é identidade, visto tratar-se de um aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores. Transpondo esses fatores para a situação prisional, segundo estudos de Foucault (1999), a prisão é uma instituição que favorece a invisibilidade, pois ao mesmo tempo que estabelece fronteiras entre as pessoas que ali estão para ser vigiadas e punidas, torna-as invisíveis para o restante da sociedade. Nesta pesquisa, no entanto, a discussão sobre identidades e representações linguístico-discursivas tem destaque tanto para ouvir as vozes das MGSP nas representações autoatribuídas, quanto para ouvir as vozes de outros atores sociais ao atribuírem representações às MGSP, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos, de modo a contribuir com o entendimento de como tais representações apontam para fatores de exclusão, ou de invisibilidade dessas mulheres diante da sociedade.

A teoria das representações sociais, por sua vez, tem servido, largamente, para revelar os conhecimentos mais populares, ingênuos ou de senso comum, que estão presentes na sociedade, em seus diversos membros e agentes, influenciando seus papéis sociais. Por isso, baseio-me, também, em seus pressupostos.

Portanto, os pressupostos da ADC, das representações sociais, da ideologia, das identidades, da LSF e da teoria da avaliatividade são utilizados na tessitura entre representações que emergem de micronarrativas de vida, de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos e análises linguístico-discursivas.

Referenciais metodológicos

Na pesquisa qualitativa, em que um fenômeno é estudado dentro de um recorte da realidade social, os dados são frequentemente gerados por meio de vários procedimentos desenvolvidos simultaneamente. Essa diversidade costuma favorecer, desse modo, a obtenção de múltiplas perspectivas a respeito das práticas sociais sob investigação. Dessa forma, para a geração de dados, são usados instrumentos como gravações em áudio, entrevistas semiestruturadas, notas de campo e observação com relação às participantes da pesquisa, o que possibilita a cristalização dos dados (RICHARDSON, 1997).

Assim, as unidades de análise deste estudo são categorizadas a partir das interações com MGSP, durante as visitas à PFDF, das micronarrativas de história de vida, das observações, da análise documental, das notas de campo e de uma seleção de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos a respeito das MGSP e, ainda, de entrevistas com uma policial civil responsável pela Ala de Bebê e Gestante e com uma ex-diretora da Vara de Execuções Criminais (VEC) .

Problema de pesquisa

Problema de pesquisa “[...] na acepção científica, é qualquer questão não resolvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento.” (GIL, 1999, p. 49). Para Kerlinger (1980, p.35), problema de pesquisa “é uma questão que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução”. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), a definição de um problema social constitui o primeiro momento da orientação teórico-metodológica da ADC. A esse respeito, Magalhães (2000, p. 149) faz um recorte muito interessante das representações de grupos em situação de vulnerabilidade social. Para a autora, um aspecto que passa despercebido por estudiosos que se propõem a investigar representações é justamente que a noção da diferença inclui apenas os grupos sociais organizados, deixando “a mercê de sua própria marginalização os segmentos sociais totalmente enfraquecidos, que segundo a autora (*ibidem*) “não têm a liberdade para ‘criar’ sentidos em suas experiências, mas frequentemente têm sentidos impostos sobre eles por atores mais poderosos.” (BERMAN, 2000, p. 160 *apud* MAGALHÃES, 2000, p. 149). Nesse sentido, a temática que me proponho a discutir são as articulações entre as representações autoatribuídas em discursos de MGSP e as representações atribuídas a elas em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos. Dessa forma, o problema de pesquisa aqui focado são as implicações das diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em discursos de MGSP.

Assim, a proposta deste estudo é explicar as representações autoatribuídas e atribuídas por MGSP e por outros atores sociais a essas mulheres que, por sua situação, deveriam estar envolvidas em um processo de reintegração à sociedade. No entanto, como nos mostra o estudo de Foucault (1999), para quem “a prisão torna possível, ou

melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solitários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidade futuras [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 222), em muitos casos, a experiência prisional acaba por reforçar a inserção e a permanência dessas mulheres no mundo do crime.

Dessa forma, neste estudo, a percepção do problema social envolvendo as MGSP, como problema de pesquisa, está na necessidade social de uma investigação acerca dos aspectos linguístico-discursivos de representações autoatribuídas em discursos de MGSP e de representações atribuídas em discursos de outros atores sociais que possibilite compreender implicações relativas a representações e a relações de poder baseadas em discursos hegemônicos.

Acredito que um estudo norteado por tais preocupações possa ter efetiva relevância social. Isso pela possibilidade de sugerir caminhos que contribuam para a compreensão das representações de MGSP. Ademais, pela possibilidade de contribuir com a adoção de políticas públicas que defendam os papéis dessas mulheres no processo de reintegração à sociedade e os seus direitos a condições de vivenciar, em situação prisional, o período gestacional de maneira digna.

Objetivos

Com base nos referenciais teórico-metodológicos já mencionados, este estudo tem por objetivo geral compreender que implicações, em termos de realidade social, têm as diferenças entre as representações linguístico-discursivas atribuídas pelo “outro” nas representações linguístico-discursivas autoatribuídas em discursos de MGSP. Desse modo, os objetivos específicos desta pesquisa são:

1. Interpretar criticamente, por meio de análise de micronarrativas de vida, as representações linguístico-discursivas que emergem de discursos de MGSP.
2. Analisar como as MGSP são representadas pela imprensa em notícias eletrônicas e por leitores-comentadores em comentários eletrônicos.
3. Compreender como as diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações

autoatribuídas em discursos de MGSP contribuem para constituir suas identidades.

Para tanto, uso para constituir o *corpus* desta pesquisa, os dados gerados a partir de fichas cadastrais, entrevistas semiestruturadas, leitura e seleção de notícias e comentários eletrônicos a respeito de práticas sociais envolvendo MGSP na PFDF, como representativos das vozes do “outro”.

Questões de pesquisa

Ao escolher analisar tanto as representações que emergem das micronarrativas de vida de MGSP quanto as que emergem das notícias eletrônicas e dos comentários eletrônicos, acredito que posso entender melhor questões relacionadas às representações e suas relações com os conceitos de identidade, ideologia, poder e discurso. Assim, a partir dos objetivos propostos, busco, principalmente, responder às seguintes questões de pesquisa

1. Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?
2. Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?
 - 2.1 Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?
3. Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?

Para responder a essas perguntas, defino, no **Capítulo 2**, desta tese, o percurso metodológico e as categorias analíticas empregadas na análise de dados que constituem o *corpus*.

Organização da pesquisa

Conforme orientação analítica para a ADC, proposta por Chouliaraki e Fairclough, (1999) e por Fairclough (2001), é essencial que o analista contemple a contextualização do meio social. Desse modo, é importante também investir em leituras que contribuam para a compreensão das práticas sociais nas quais o problema de pesquisa está inserido. Em outras palavras, não se pode analisar um discurso sem contextualizar e compreender o meio social em que ele é produzido. Sendo assim, cabe esclarecer que a despeito de esta pesquisa ser um estudo linguístico-discursivo, ela não se restringe à análise textual. Na tentativa de compreender o contexto sociodiscursivo pesquisado, bem como de tornar as análises discursivas mais amplas e efetivas, dediquei-me a diversas leituras. Muitas dessas leituras alinham-se a áreas diversas da Linguística, como Psicologia Social, Sociologia, Serviço Social, Economia, além dos textos relativos aos Sistemas Prisionais. Por esse motivo, além das seções de Apresentação e Reflexões Finais, este estudo está organizado em três capítulos.

No **Capítulo 1**, apresento a sustentação teórica da pesquisa organizada em três eixos que se inter-relacionam. No primeiro eixo, com o propósito de situar a pesquisa no mundo, explico as razões e importância de um estudo envolvendo MGSP, abordo temas como mundo globalizado e profunda instabilidade social, de modo a relacioná-los com a realidade social das MGSP. No segundo eixo, discuto conceitos de identidades, representações e cultura na tentativa de compreender quais as relações sociais construídas e suas relações de ideologia e poder, no contexto prisional, mostradas nos gêneros textuais analisados. No terceiro eixo, apresento e discuto algumas perspectivas teóricas sobre linguagem e sociedade, sobre a ADC e defendo a articulação entre representações e estudos crítico-discursivos. Essas proposições teóricas fornecem suporte às minhas discussões e considerações acerca da análise e interpretação dos dados.

No **Capítulo 2**, apresento o percurso metodológico trilhado nas fases de coleta e geração de dados e teço algumas considerações acerca das escolhas metodológicas que sustentam as análises dos dados e que me prepararam para ir a campo.

No **Capítulo 3**, sistematizo e explano traços linguístico-discursivos que revelam representações de MGSP em micronarrativas de vida, a respeito de experiências anteriores à prisão, durante a situação prisional e em relação às projeções e expectativas

destas para o futuro, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos. Em seguida, apresento os resultados de acordo com a orientação teórico-metodológica da ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 60) no sentido de articular as análises com as funções social, discursiva e textual. Por fim, retomo as questões de pesquisa com o intuito de traçar algumas reflexões sobre como são representadas as MGSP em discursos de outros atores sociais e em discursos de MGSP e analiso quais são as implicações desses contrastes.

Este estudo inclui, ainda, reflexões finais, referências bibliográficas e quatro anexos contendo micronarrativas de vida das MGSP, notícias eletrônicas, comentários eletrônicos, capa do Relatório de Visita à PFDF – Mecanismo contra a tortura – e um glossário com termos e expressões utilizados pelas MGSP em suas micronarrativas de vida.

Essas primeiras palavras tiveram o intuito de demonstrar como foi despertado em mim o interesse pela temática “representações linguístico-discursivas relativas a MGSP”. No próximo capítulo, serão discutidas algumas das importantes perspectivas teóricas que sustentam as análises dos dados deste estudo.

CAPÍTULO 1 - SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, discuto os principais conceitos teóricos que sustentam esta pesquisa. Considero relevante ressaltar que, sempre que necessário, as perspectivas teóricas são retomadas, também, ao longo dos demais capítulos desta tese.

Lembro que, para responder às questões de pesquisa mencionadas na seção dedicada à apresentação, apoio esta pesquisa em alguns eixos teóricos, a saber: conceitos de globalização, conceitos de discurso e relações de gênero e poder, conceitos de representação, conceitos de identidade e as relações desses elementos com as práticas sociais que se revelarem por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC) em micronarrativas de vida de MGSP, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos.

Passo à apresentação das perspectivas de alguns teóricos que, com suas contribuições, fornecem suporte às minhas discussões e considerações acerca da análise e interpretação dos dados.

1.1 Mulheres gestantes em situação prisional: quem são e como vivem?

Neste primeiro eixo do capítulo de sustentação teórica, procuro construir um entendimento sobre como pensar quem são as MGSP, sobre a relevância do problema de pesquisa que me proponho a investigar e a possibilidade de fazê-lo em termos de representações linguístico-discursivas, tendo a ADC como abordagem teórica e metodológica. Para tal, os tópicos seguintes se desdobram para a discussão das relações entre a atual instabilidade social e as perspectivas conceituais de gêneros sociais, de identidades e de representações linguístico-discursivas. Além disso, busco uma reflexão sobre as perguntas que intitulam esta seção: quem são e como vivem as MGSP?

1.1.1 Mundo globalizado e profunda instabilidade social

Para discutir a respeito de linguagem como prática social, Magalhães (1996, p. 20) menciona as limitações do esforço que estudos em linguística têm dedicado a discutir as estruturas e os sistemas linguísticos. A crítica da autora se dá no sentido de que a linguística ainda tende a abstrair o estudo da linguagem do contexto social em que a produção linguística se concretiza. Para Magalhães (*ibidem*):

Se diferentes níveis do contexto social – a situação imediata, a instituição e a sociedade global – determinam a produção linguística como também sua interpretação, os estudos da linguagem devem valorizá-lo. (MAGALHÃES, 1996, p. 20)

Assim é que, procurando não abstrair da realidade social em que vivem as MGSP, começo discutindo o contexto social em que estas, assim como todos(as) nós, estão inseridas: em um mundo globalizado e de profunda instabilidade social. Desse modo, na interface da antropologia com a economia, é possível perceber que mundo globalizado e profunda instabilidade social são temas estreitamente relacionados às questões de identidade apreendidas pela sociedade atual. Por isso, constituem a base dos estudos que discuto neste tópico.

No livro “A Globalização Imaginada”, o antropólogo argentino Garcia Canclini (2007) afirma que um dos fatores que mais influencia nas sociedades pós-modernas é a globalização. O autor nos explica que há distinção entre globalização e globalização imaginada

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, *majors* do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que esses atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX. [...] Mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes, por produtores de cinema e televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos. As políticas globalizadoras obtêm consenso, em parte, porque excitam a imaginação de milhões de pessoas ao prometer que o dois e dois que sempre somou quatro pode resultar em cinco ou até seis. Muitas histórias sobre o que aconteceu a quem soube adaptar seus bens, suas mensagens e operações financeiras para se recolocar em um território expandido indicam que o realismo de se ater ao local, de quem se conforma a trabalhar com números nacionais, seria hoje uma visão míope (GARCIA CANCLINI, 2007, p. 29, grifos do autor).

De acordo com essa perspectiva, o processo de globalização não é apreendido por toda a sociedade de maneira uniforme, o que reforça a necessidade de atentar para as assimetrias existentes. Além disso, trata-se de uma forma de valorizar o que é global em detrimento do que é local. Isso porque, normalmente, determinados países, devido à hegemonia econômica e política que exercem, acabam impondo ao restante do mundo sua cultura e sua identidade, o que resulta no enfraquecimento cultural e identitário de outros países. No que tange à globalização imaginada, seria aquilo que se idealiza sobre a globalização, o que está no imaginário das pessoas, mas que não deixa de ter sua importância, uma vez que, segundo o autor “Se as construções imaginárias possibilitam a existência das sociedades locais e nacionais, elas também contribuem para a arquitetura da globalização” GARCIA CANCLINI, 2007, p. 30).

Nesse sentido, Garcia Canclini (2007) reconhece que, sem uma integração entre os países sob os mais diversos aspectos, como econômico, social, ambiental, entre outros, a globalização inexistente. Apesar desse reconhecimento, o autor (*ibidem*) enfatiza que aos países da América Latina se aplica muito mais o que se concebe por globalização imaginada, ou seja, uma globalização idealizada, que por globalização propriamente dita e, a esse respeito, conclui:

Portanto, por mais que nos dias que correm se fale muito mais de integração entre países latino-americanos e europeus e se realizem acordos mais concretos que em qualquer época anterior, a abertura aos outros, a construção de uma interculturalidade democrática, está mais subordinada ao mercado que em qualquer época precedente (GARCIA CANCLINI, 2007, p. 76).

Em outras palavras, ao considerar que à América Latina resta uma porcentagem tão baixa do faturamento resultante da internacionalização da economia, o autor afirma que prevalecem sobre a universalidade dos direitos políticos e culturais, a concorrência e a discriminação do mercado. Desse modo, Garcia Canclini (2007) ressalta a influência de fatores econômicos para justificar a assimétrica posição, menos privilegiada, que ocupam os países da América Latina com relação aos países da Europa e dos Estados Unidos.

Estabelecida a indissociabilidade entre globalização e economia, é certo que a globalização trouxe muitos pontos positivos para as sociedades pós-modernas, entre outros exemplos, os avanços tecnológicos, a rápida digitalização, o amplo acesso às

informações, o maior intercâmbio em nível político, social e econômico entre as nações e uma gama de oportunidades para os atores sociais e espaços de solução, anteriormente inimagináveis, para alguns dos problemas mais urgentes do mundo. Todos esses aspectos são fundamentais para a transformação das sociedades. Contudo, como sugere Garcia Canclini (2007), é relevante ver a globalização não somente do ângulo de quem se beneficia com a ampliação dos mercados, de quem pode participar dele nas economias e culturas periféricas, mas também do ângulo dos conflitos, das assimetrias e daqueles que são excluídos dos circuitos globais. Sendo assim, a despeito de todos esses pontos positivos, é preciso perceber o “outro lado da moeda”, pontos negativos, como significativos riscos relacionados com a mudança de padrões de emprego, com o alargamento da desigualdade de renda e instabilidades sociais estreitamente associadas ao que o Relatório dos Riscos Globais, do Fórum Mundial Econômico, realizado no ano de 2016, em Genebra, aponta como riscos globais.

Na 11ª edição do Relatório dos Riscos Globais, Schwab (2016, p. 5), fundador e presidente do Fórum Mundial Econômico de 2006, afirma que as possibilidades de construir conhecimentos a respeito do desenvolvimento dos riscos globais e de contribuir para criar uma compreensão compartilhada das questões mais urgentes que o mundo enfrenta motivaram especialistas de diversas áreas a publicar o 1º Relatório dos Riscos Globais. No que tange aos pontos negativos da globalização, a 11ª edição do referido relatório, publicada em 2016, confirma que o mundo passa por um momento de profundas mudanças. Desse modo, compreender as maneiras como essas profundas mudanças se interconectam e seus potenciais impactos negativos para pessoas, instituições e economias é mais relevante do que nunca.

A esse respeito, conforme mostra a **Figura 1**, abaixo, o Relatório identifica as interconexões entre 29 grandes riscos globais para a próxima década.

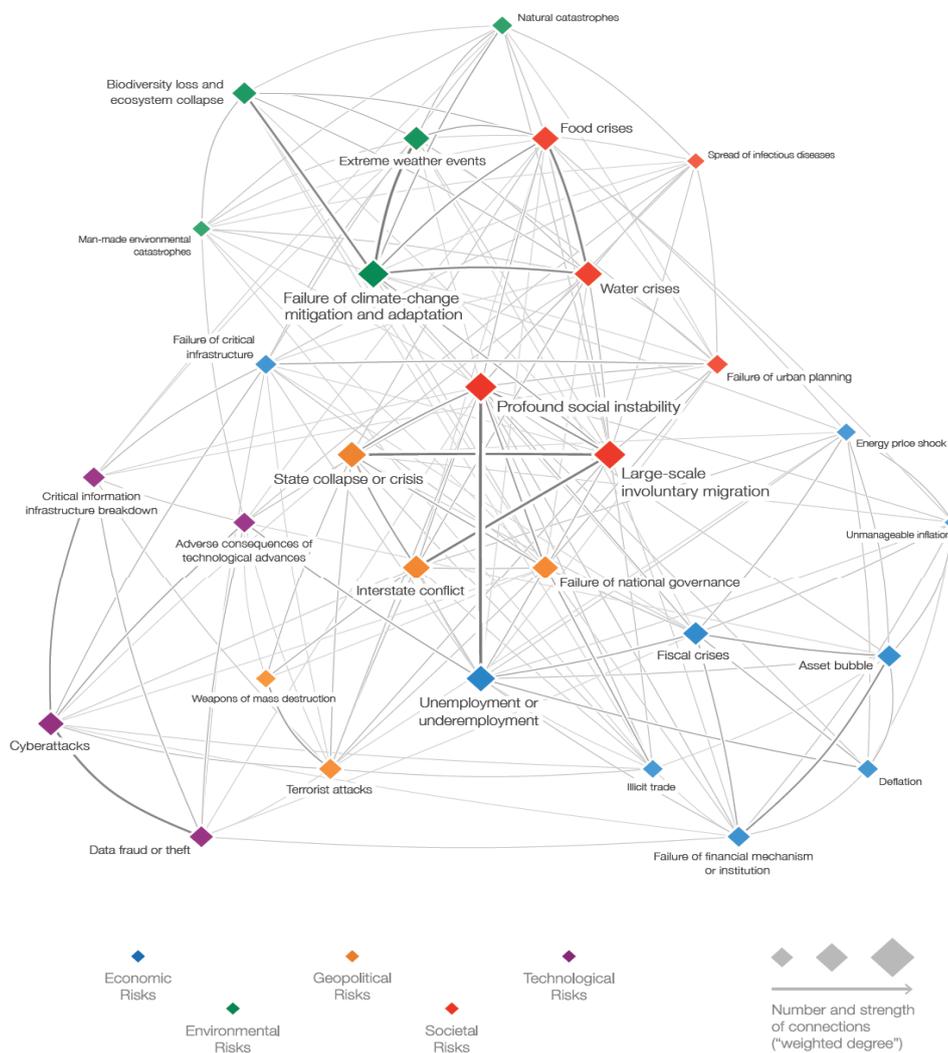


Figura 1 - Mapa de Interconexões entre os Riscos Globais de 2016 a 2026

Fonte: The Global Risks Report 2016, p. 4

Como podemos ver, com base na legenda que compõe a ilustração da **Figura 1**, os riscos globais são divididos em cinco categorias: econômica; ambiental (perda da biodiversidade e colapso dos ecossistemas, falha na adaptação em mudanças climáticas, eventos climáticos extremos, catástrofes naturais e catástrofes ambientais provocadas pelo homem); social (propagação de doenças infectocontagiosas, crise hídrica, crise alimentar, instabilidade social, migrações involuntárias e falha nos planejamentos urbanos); geopolítica e tecnológica (RELATÓRIO DOS RISCOS GLOBAIS, 2016, p. 86).

Segundo o referido Relatório, os riscos globais têm se materializado em novas e inesperadas formas. Além disso, suas consequências afetam pessoas, em maior ou menor grau, instituições e economias. Nesse sentido, conforme a **Figura 1**, cabe chamar a atenção para o posicionamento central que assumem os aspectos sociais e, por conseguinte, a profunda instabilidade social.

Essa profunda instabilidade social é caracterizada por múltiplas transformações que afetam a maioria, senão todos, dos países do mundo. Tais transformações resultam da junção de aspectos, como acelerado progresso tecnológico, globalização, concentração de riqueza e renda, mudanças demográficas, falta de oportunidades de trabalho e mudanças climáticas. Juntos, esses aspectos estão criando novas oportunidades, expectativas e, também, fontes de frustração. Contudo, como consta no Relatório, a instabilidade social não se perpetua como um fator negativo, porque pode conduzir os atores sociais em outras direções, com novo e maior equilíbrio.

Com base nos dados extraídos do Relatório, as interconexões entre os riscos globais sugerem que uma convergência pode estar ocorrendo, com um pequeno número de riscos-chave exercendo grande influência. Conforme a **Figura 1**, no topo da escala, os dois riscos projetados para 2016, com maior número de interconexões – profunda instabilidade social e desemprego estrutural ou subemprego – são responsáveis por 5% de todas as interconexões. Com base nessa relação, o Relatório explora três dinâmicas em que os riscos globais têm maior potencial de impactar a sociedade. São elas: a do "cidadão (des)empoderado", a do impacto das alterações climáticas na segurança alimentar e a do potencial que pandemias têm de ameaçar a coesão social.

A expressão “cidadão (des)empoderado” é utilizada no Relatório para descrever a dinâmica que vem emergindo de duas tendências concomitantes: a do empoderamento e a do (des)empoderamento dos atores sociais. Os indivíduos se sentem mais “empoderados” em função do que as mudanças tecnológicas propiciam, como maior facilidade em reunir informações, em se comunicar e em se organizar. Ao mesmo tempo, os indivíduos, os grupos da sociedade civil, os movimentos sociais e as comunidades locais se sentem cada vez mais excluídos da significativa participação nos tradicionais processos de tomada de decisões e cada vez mais (des)empoderados em termos de capacidade de influenciar, de serem ouvidos por instituições e fontes de poder.

Conforme o Relatório, com mais “cidadãos (des)empoderados”, aumentam organizações e mobilizações e, com isso, governos e empresas precisam chegar a um acordo a respeito de como possam estar exacerbando as causas-raiz do descontentamento dos cidadãos. Assim, esses governantes e empresários precisam compreender os riscos e trabalhar para se ajustar a uma mudança operacional ambiente e a um novo panorama social.

Além da incerteza econômica, os riscos para os países em decorrência de uma profunda instabilidade social são: (1) enfraquecimento da legitimidade do mandato do governo; (2) aumento de polarização social; (3) impasse político e a impossibilidade de acionamento de reformas, conforme o caso; e – em circunstâncias mais graves – (4) possível desintegração de sistema governamental do país e outra cascata de riscos que possam facilmente emergir em um mundo verdadeiramente globalizado, interconectado e complexo.

Mas de que modo essa profunda instabilidade social pode implicar as questões relativas às identidades da sociedade atual? Como nos mostra o Relatório, a coesão social é enfraquecida por muitas incertezas, o que resulta em enfraquecimento ou mesmo em ausência de identidade comum e de causa comum entre os membros de uma sociedade.

Desse modo, uma sociedade com empoderamento, em que atores sociais estão alinhados atrás de uma visão conjunta para o país é um forte sinal de que um país é estável e confiante, com maior transparência, baixos índices de corrupção e regras que sejam fortes com relação ao cumprimento das leis e dos direitos.

Como consta no Relatório, um panorama de riscos tão amplo não tem precedentes nos 11 anos nos quais o Relatório tem acompanhado os riscos globais. Pela primeira vez, quatro das cinco categorias – ambiental, geopolítica, social e econômica – estão representadas entre os cinco principais riscos de maior impacto, como nos mostra a **Figura 1**. A esse respeito, o Brasil não está e nem estará imune às consequências da profunda instabilidade social. Um exemplo dessa profunda instabilidade social pode ser observado, no contexto brasileiro, por meio da temática da crescente inserção de mulheres nos índices de criminalidade, especificamente, de MGSP.

A respeito dessa temática, o gráfico da **Figura 2**, abaixo, mostra a distribuição dos estabelecimentos prisionais do Brasil de acordo com o gênero a que se destinam. A maior parte dos estabelecimentos, três quartos, é destinada ao público masculino. É importante ressaltar que há menos unidades prisionais femininas (7%) que estabelecimentos mistos (17%). No entanto, ao comparar os dados do último Infopen¹¹, que data de 2014 com os do mesmo relatório de 2004, é possível constatar que houve um aumento de aproximadamente 246% da população carcerária feminina nos últimos dez anos (a população carcerária feminina passou de 10.112 em 2004 para 35.039 em 2014), impulsionado pela grande incidência do tráfico de drogas no Brasil. No Distrito Federal, de acordo com dados de junho de 2015, a população carcerária é de 7.712 pessoas em situação prisional, sendo que 590 são mulheres, incluindo as 18 grávidas e os 26 bebês, que convivem em uma ala específica, Ala de Bebê e Gestante, da PFDF.

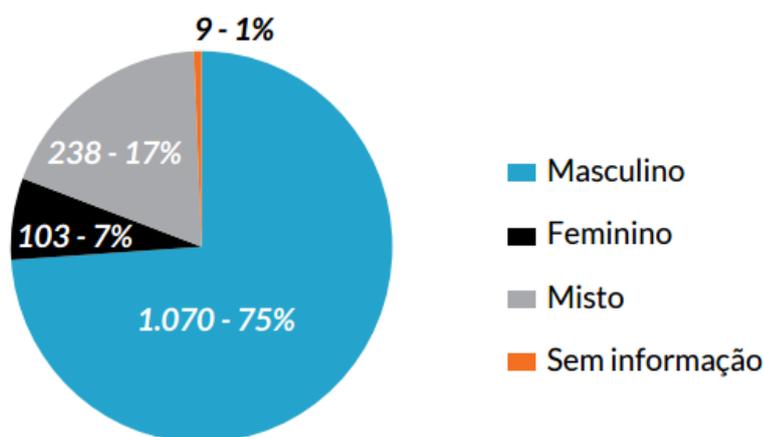


Figura 2 - Distribuição de estabelecimentos prisionais de acordo com o gênero

Fonte: Infopen, junho de 2014

Os dados do gráfico da **Figura 2** e a constatação do órgão que gerencia o Sistema Prisional do Distrito Federal (SESIPE) de que “o número de detentas grávidas vem aumentando muito em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem

¹¹ Infopen é um relatório resultante do Levantamento nacional de Informações Penitenciárias feito pelo Ministério da Justiça. Este documento é divulgado uma vez ao ano e toma como base o número de presos no Brasil referentes ao primeiro semestre do ano anterior. Os relatórios mencionados datam de 2008 e 2014 e podem ser consultados em: <http://www.infopen.gov.br/>.

com entorpecentes nos presídios"¹², chamam a atenção para o fato de que o crescimento célere do número de mulheres nos cárceres não é o único fator preocupante, mais preocupante ainda é a quantidade de gestantes, que se soma diante desse aumento. Diante dessa realidade, a relevância deste estudo está na possibilidade de produzir conhecimentos específicos sobre as representações linguístico-discursivas relativas às MGSP, de modo a contribuir para o entendimento da questão social. Isso, no sentido de chamar a atenção de autoridades para a necessidade de implantação de políticas voltadas para esse público e de outros atores sociais, como a imprensa, por exemplo, para que essas mulheres sejam ouvidas como pessoas em processo de ressocialização.

Assim, para definir o foco da pesquisa, é necessário apresentar o contexto particular vivenciado por MGSP no espaço de execução penal do Sistema Prisional Feminino do Distrito Federal. Segundo o último estudo realizado, em 2013 e publicado em 2014, pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), as pesquisas sobre encarceramento feminino são ainda inexpressivas e realizadas de forma generalizada.

Andrade (2011), em um estudo empírico sobre a história de presídios femininos no Brasil, relata que, no projeto inicial da Penitenciária do Estado de São Paulo, constava o pavilhão para mulheres. No entanto, na época de sua inauguração, em 1920, o referido pavilhão foi utilizado como hospital e enfermaria, sendo adiada por mais de vinte anos a efetiva inauguração de um espaço penitenciário para mulheres. Segundo Andrade (*op cit*), somente em 1947, foi inaugurado o Presídio de Mulheres de São Paulo, o primeiro do Brasil. Ainda assim, tal presídio foi inaugurado de forma improvisada, pois funcionava na antiga residência dos diretores no terreno da Penitenciária do Estado, no bairro do Carandiru. Historicamente, esse tratamento superficial dado ao contexto prisional feminino se deve ao fato de que, no Brasil, até meados do século XX, o quantitativo de mulheres em situação prisional era praticamente inexpressivo, sem o registro de dados quantitativos precisos. No entanto, no decorrer dos últimos dez anos, houve um crescimento acentuado e constante da população feminina a ocupar espaço nos estabelecimentos prisionais do país. Como já

12 Informação da SESIPE em entrevista concedida ao G1 (sede de um jornal local) sob o título de "Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF", em 09/05/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/detenta-da-luz-em-cima-de-saco-plastico-em-corredor-de-presidio-no-df.html>. Acesso em 28/07/2015.

mencionado, na explicação da **Figura 2**, a população carcerária feminina passou de 10.112 em 2004 para 35.039 em 2014. Pode parecer pouco, mas esse número representa 24.927 mulheres em situação prisional a mais, o que culmina na inclusão média anual de aproximadamente 2.050 mulheres ao sistema prisional. Conseqüentemente, em razão de especificidade do gênero feminino, entre os quais, a gestação, também, um aumento expressivo da quantidade de MGSP.

No Distrito Federal, especificamente, contamos com a Penitenciária Feminina do Distrito Federal – PFDF. Esse Estabelecimento Prisional de segurança média é destinado ao recolhimento de mulheres sentenciadas a cumprimento de pena privativa de liberdade em regime fechado e semiaberto, bem como de mulheres em situação prisional provisória que aguardam julgamento pelo Poder Judiciário. À época da coleta e da geração de dados, entre 2013, 2014 e até meados de 2015, essa penitenciária possuía uma unidade materno-infantil, com capacidade total para 24 MGSP, dotada de berçário integrado, contando ainda com acompanhamento médico e psicológico, prestado por profissionais do próprio estabelecimento e da rede pública de saúde.

Segundo Diagnóstico Nacional, elaborado pelo Ministério da Justiça em 2014 (documento mais recente), na referida penitenciária feminina, as mulheres são separadas por regime e por grau de periculosidade. O último dado oficial, que data de 2014, é de que, na PFDF, existem 26 bebês e 44 mulheres, entre mães e gestantes, convivendo na ala destinada ao berçário (DIAGNÓSTICO NACIONAL DE MULHERES ENCARCERADAS, 2014, p. 42).

A respeito dos direitos das MGSP, existe a Lei de Execução Penal que regulamenta a matéria. “A mulher gestante que se encontra na condição de detenta, tem seus direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, (Artigo 5º- L - CF) e pela L.E.P. (Lei de Execução Penal V. Art.89, Lei 7.210/84) de ficar com o seu bebê durante o período de aleitamento materno”. Esse direito, porém, pode ou não ser praticado dentro da unidade onde a MGSP cumpre sua pena, desde que este estabelecimento prisional tenha estrutura suficiente para proporcionar uma permanência saudável tanto para a mãe quanto para o seu bebê.

Neste tópico, abordei as visões de Nestor García Canclini (2007 e de especialistas responsáveis pela elaboração do Relatório dos Riscos Globais (2016) sobre

a globalização, as identidades e suas dinâmicas culturais, sociais, políticas e econômicas e a crescente inserção da mulher em situações de criminalidade, bem como a distribuição de estabelecimentos prisionais de acordo com o gênero. No próximo tópico, passo à discussão sobre gêneros sociais na pós-modernidade.

1.1.2 Gêneros sociais e relações de poder na pós-modernidade: promessa ou renovação?

Atualmente, no Brasil e em outras tantas partes do mundo, algumas conquistas das mulheres, como o aumento da representatividade destas em meio à política, à economia e em outros contextos antes exclusivos aos homens, dão a ideia de que questões envolvendo desigualdades de gênero já estão superadas. Entretanto, é sabido que o uso de tais questões como reflexo de assimetrias entre homens e mulheres e como pretexto para exclusão de mulheres, em diversos contextos, inclusive por meio de discriminação de gênero, constitui mais que uma questão histórica na realidade social, mas, ao mesmo tempo, uma questão atual. A propósito, o que é gênero?

Para Beauvoir (1980), ser mulher não é uma origem, nem um fim, mas um processo. Para a autora (*op cit*), “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualifica como feminino” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Nessa perspectiva, gênero é entendido como um processo resultante de uma construção social, em que ser mulher é um estado de incompletude, diferentemente do sexo que é biologicamente determinado.

A filósofa Butler (2015), por sua vez, entende que “o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de confluência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (BUTLER, 2015, p. 33). Nesse sentido, a autora (*op cit*) considera que apreender gênero e sexo como uma díade em que o sexo seria naturalmente construído, a partir do momento do nascimento de uma pessoa, e que o gênero seria construído socialmente, ao longo da vida, é uma forma simplificada de conceituar esses dois construtos. Assim, para Butler (2015), a despeito das influências do sexo quanto à escolha do gênero, não há uma relação direta entre aspectos biológicos e gênero, mas entre escolhas e atitudes, ao longo da vida de uma pessoa.

Nessa linha de convergência entre fatores sociais e definição de gênero, a necessidade de relacionar o conceito de gênero a uma ordem patriarcal de gênero¹³, em função da realidade social em que são construídas as ideias do que é ser mulher e do que é ser homem, é suscitada pela socióloga e militante feminista brasileira, Saffioti (1992)

Como gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar (SAFFIOTI, 1992, p. 187).

Assim, é possível entender que as relações de gênero constituem e são constituídas pelas relações sociais, não resultando exatamente da “existência de dois sexos macho e fêmea” (SAFFIOTI, 1992, p. 187), mas das relações sociais em que “Tais indivíduos são transformados, através das relações de gênero, em homens e mulheres, cada uma dessas categorias-identidades excluindo a outra” (SAFFIOTI, 1992, p. 187).

Nesse sentido, Saffioti (2004) ressalta que o gênero “carrega uma dose apreciável de ideologia” (SAFFIOTI, 2004, p. 136). Contudo, a ideologia à qual a autora (*ibidem*) se refere é a ideologia patriarcal, como forma simbólica de legitimar (THOMPSON, 2011) questões envolvendo desigualdade, assimetria de gênero entre homens e mulheres no sentido de estabelecer relações de dominação, ou seja, uma ordem patriarcal de gênero.

Um exemplo evidente dessa assimetria está expresso no espaço destinado às mulheres no mercado de trabalho, em que estas, em função das especificidade do gênero, ainda carecem de acesso de seus filhos a creches e a escolas em horário integral, de direitos trabalhistas, entre outras questões. A esse respeito, destaca-se a visão de Saffioti (1995) em relação ao binômio dominação-exploração envolvendo as mulheres em relações sociais

A relação dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no polo de dominada-explorada. Ao contrário, integra essa relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois polos da

¹³ Conforme Saffioti (2004), a ordem patriarcal de gênero corresponde à dominação, à exploração e à discriminação de mulheres por quem é homem, branco e heterossexual de forma naturalizada pela sociedade, como se configurasse um direito adquirido pelos homens em relação às mulheres.

relação existe poder, ainda que em doses desiguais. Não se trata de uma hierarquia, mas de uma contradição. [...] Como na dialética entre o senhor e o escravo, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania (SAFFIOTI, 1995, p. 183).

Ainda assim, para manter os seus empregos, por necessidade, as mulheres tendem a aceitar tais relações de dominação ou a desistir do trabalho em que, muitas vezes, são discriminadas e exploradas.

Outro exemplo dessa desigualdade de gênero pode ser observado no contexto prisional feminino, em que o tratamento dispensando às MGSP, muitas vezes, viola os seus direitos, quando, mesmo nos meses finais da gestação, para dormir, elas têm de saltar até o segundo andar de beliches e, em muitos casos, não contam com a assistência médica necessária em período integral, o que, recorrentemente, resulta em dar à luz em condições que violam os direitos humanos dessas mulheres.

Entre as maneiras de se legitimar assimetrias em que as relações de gênero, histórica, social e culturalmente, tendem a discriminar o gênero feminino, Salih (2015), evocando os diálogos da obra de Butler (1997) com as obras de Hegel (1992) e Foucault (1987) sobre linguagem, utiliza o argumento de que

Se, como defende Foucault, o poder, em vez de proibitivo, é produtivo, então os censores da sociedade podem estar envolvidos na geração e na proliferação dos discursos e das representações que eles se propõem a banir. E se os signos são instáveis, reiteráveis e nunca estão, em última instância, determinados pelo contexto ou pela convenção, deve ser possível ressignificar e recontextualizar as representações e as palavras consideradas ofensivas (SALIH, 2015, p. 139).

Assim, outra forma de discriminação de gênero pode ser percebida em relação às maneiras como MGSP são representadas, por escolhas lexicais, como “chocadeiras, bandidas, quem rouba, mata, furta e trafica, presa, prostituta”. Esses termos são usados por membros da sociedade que publicam notícias eletrônicas e comentários eletrônicos, em um portal brasileiro de notícias de ampla circulação nacional, demonstrando que um tratamento simétrico com relação aos gêneros sociais na pós-modernidade ainda está mais para promessa que para renovação.

Nesse sentido, não é demais trazer Salih (2015) reafirmando que “Se a linguagem é uma cadeia significativa que se prolonga para trás e para além de quem enuncia, então seria um erro supor que quem enuncia é o produtor isolado de sua fala” (SALIH, 2015, p. 143). Isso, contudo, não quer dizer que essa assimetria, apesar de constantemente legitimada (THOMPSON, 2011), seja perpetuada. Reconhecê-la pode representar um primeiro passo em direção a ressignificações e a mudanças no sentido de superar formas de discriminação de gênero.

Afinal, às mulheres precisa ser reconhecido o direito à diferença, dadas as especificidades do gênero, sem que isso implique, obrigatoriamente, desigualdade, discriminação e exploração. Por isso, a pertinência em discutir a definição de gênero também contribui com as reflexões apresentadas nesta pesquisa. No próximo tópico, explico as razões da escolha em pesquisar discursos de MGSP.

1.1.3 Por que mulheres gestantes em situação prisional?

Segundo Fairclough (2003), “em toda análise, escolhe-se responder a determinadas questões sobre eventos sociais e textos, e não a outras questões possíveis. Há sempre motivações particulares na escolha de certas questões”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 5).

Para explicar minhas motivações particulares (as quais já foram narradas na seção destinada à apresentação desta tese) para a realização desta pesquisa, é preciso situar que eu sou mulher¹⁴, mãe de duas meninas (grávida de uma delas durante parte da produção desta tese) e professora. Sou filha de um pedreiro aposentado e de uma costureira. Sou neta de analfabetos. Nasci na cidade satélite do Gama. Passei minha infância no bairro periférico Chaparral e minha adolescência na cidade satélite Samambaia. Mantive dois empregos para conseguir cursar a faculdade à noite e para dar continuidade à minha trajetória, tanto acadêmica quanto profissional.

A relevância desse relato pessoal, nesta parte da tese, mais que pinçar uma experiência individual justifica-se na tentativa de explicar que, além da pertinência social, a motivação em discutir representações a respeito de MGSP está relacionada à

¹⁴ Fui instada a situar-me como mulher, com especificidades culturais e sociais, ao assistir a palestra da Profa. Dra. Tânia Cristina Cruz, na mesa “Perspectiva étnico-racial e de gênero”, durante o Seminário Conexões entre Questões, FUP/UnB, 2012.

vontade de construir conhecimentos específicos a respeito de mulheres que, assim como eu, vieram de uma realidade de precarização social muito marcante em suas constituições identitárias. Além disso, procurei situar uma identidade de partida, em que o “outro” contribui para a construção do “eu”, uma vez que “eu” sou o “outro” para as MGSP, colaboradoras desta pesquisa. Feito isto, passo ao contexto situacional da realidade em que esses atores estão inseridos.

1.1.4 A instalação de uma Penitenciária Feminina na cidade do GAMA – a contragosto dos moradores

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), é necessário compreender que observar práticas discursivas concerne não apenas à relação entre os vários momentos dentro de uma prática social, como também à articulação das diferentes práticas e à observação de suas implicações. Assim, transpondo o evento da instalação de uma Penitenciária Feminina na cidade do GAMA – a contragosto dos moradores – para uma tentativa de compreender como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados (THOMPSON, 2011, p. 76), é indispensável tratarmos de ideologia nesta pesquisa.

Thompson (2011) propõe uma análise da ideologia que “está primeiramente interessada pelas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder.” (THOMPSON, 2011, p. 75). Para esse autor (*op cit*), estudar ideologia é “estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.” (THOMPSON, 2011, p. 76). Em seguida, o autor (*op cit*) esclarece que por formas simbólicas, ele entende um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. (THOMPSON, 2011, p. 79).

Nesse sentido, Thompson (2011, p. 83-89) identifica cinco modos de operação da ideologia nos textos, sendo: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação e suas respectivas estratégias típicas de construção simbólica. A legitimação refere-se às relações de dominação que são representadas como legítimas. Algumas das estratégias de construção desse modo de operação da ideologia são a racionalização (uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações), a

universalização (em que interesses específicos são apresentados como interesses gerais) e a narrativização (em que exigências de legitimação inseridas em histórias do passado legitimam o presente). A dissimulação ocorre para que as relações de dominação sejam ocultadas, obscurecidas ou mesmo negadas. É realizada por estratégias, como: deslocamento (deslocamento contextual de termos e expressões), eufemização (valorização positiva de instituições, ações ou relações) e tropo (sinédoque, metonímia, metáfora). A unificação diz respeito à construção simbólica de identidade coletiva. É construída por meio de estratégias, como: estandartização (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado) e por simbolização da unidade (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva). A fragmentação é relativa à segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante. É construída pelo uso de estratégias, como: diferenciação (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo) e expurgo do outro (construção simbólica de um inimigo). A reificação está relacionada à retração de uma situação transitória como permanente e natural. É construída pelo uso de estratégias, como: naturalização (criação social e histórica tratada como acontecimento natural), eternalização (fenômenos sócio-históricos como permanentes), nominalização e passivação (concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações). Nesta pesquisa, algumas dessas estratégias são observadas durante os procedimentos de análise e interpretação dos dados. Ademais, como sugere Thompson (2011), podemos compreender os fenômenos simbólicos como ideológicos e, por isso, podemos analisar a ideologia, desde que esses fenômenos “sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2011, p. 76). Assim, passemos às circunstâncias sócio-históricas da instalação de uma penitenciária feminina na cidade do Gama.

A referida penitenciária é popularmente conhecida como “Colmeia”, o que remete muitas pessoas do Distrito Federal a pensarem (inclusive, eu) que há alguma relação entre as mulheres e as abelhas. Mas, ao pesquisar, tanto na Internet quanto em conversas com a Diretora do Presídio e demais funcionários, a princípio, não encontrei relação alguma. No entanto, após entrevista com uma das ex-diretoras da VEC – Vara de Execuções Criminais, soube que, na realidade, o nome popular vem da sigla COMEIA - Centro de Observação e Triagem de Menores Infratores em Atendimento.

Segundo a ex-diretora, COMEIA era um presídio de menores. Com a Constituição de 1988, esse tipo de instituição foi proibido para que se criassem outros modelos destinados à ressocialização de menores. Assim, foi criado o CAJE - Centro de Atendimento Juvenil Especializado, o qual, inclusive, já foi demolido, dadas as condições insalubres da estrutura física. Também a COMEIA foi desativada. Desse modo, podemos depreender que o termo “colmeia”, popularmente usado, deriva de processos de analogia tanto fonológicos quanto semânticos da sigla COMEIA .

Em 1995, dada a superlotação dos presídios do complexo da Papuda (presídio masculino do DF), o chefe do setor de réus presos da VEC – Vara de Execuções Criminais – presidiu um grupo de estudos sobre a aplicação dos benefícios da LEP – Lei de Execuções Penais – aos réus, principalmente, aos que cumpriam pena nas delegacias. Fez parte, também, desse trabalho, o levantamento das condições prisionais e, com isso, foi constatado que cada pessoa em situação prisional tinha somente 48cm² (quarenta e oito) centímetros quadrados para viver. Desse modo, o Sistema Prisional de Brasília, nas palavras da ex-diretora entrevistada, “encontrava-se à beira de uma grande rebelião. Os presos dormiam por turnos ou amarrados nas grades com seus cobertores.”

Frente a essa situação, em 1996, a nova diretoria da Secretaria de Segurança, juntamente com o Dr. Geórgia Lopes Leite, juiz titular da VEC, iniciaram uma busca por espaços públicos, no Distrito Federal, para desocupar a Papuda, quando surgiu a ideia de recuperar e ocupar as instalações da COMEIA e instituir um presídio semiaberto. Assim, esse presídio semiaberto foi instalado em um galpão da Terracap – Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal, no Setor de Indústrias da cidade satélite do Gama, mesmo contra a posição dos empresários locais que chegaram, juntamente com alguns moradores da cidade do Gama, a fazer passeata para impedir a instalação de um presídio na região.

Nessa conjuntura de reformas no Sistema Prisional do DF, surge a implantação da Penitenciária Feminina do DF, a COMEIA. O imóvel onde foi instalada pertencia à Secretaria de Ação Social. Por isso, iniciou-se um processo burocrático em relação ao local. Enquanto os membros da VEC e da Secretaria de Segurança cuidavam da burocracia, a Câmara Legislativa aprovou um decreto legislativo autorizando o governo a conceder o espaço para uma faculdade veterinária, vizinha à COMEIA. Tal decreto motivou a decisão de diretores do presídio Papuda, cujo nome é uma referência à antiga

fazenda a que correspondia o terreno onde hoje está instalado o presídio masculino, a levarem as mulheres em situação prisional para o espaço da COMEIA, mesmo sem antes preparar o espaço, e assim foi feito. Foram levadas para lá, 15 (quinze) das 102 (cento e duas) mulheres em situação prisional. Com isso, o prédio da COMEIA foi ocupado. Em seguida, a comunidade da cidade do Gama mobilizou-se contra a instalação de uma penitenciária na cidade. Os moradores alegavam que uma instituição prisional poderia comprometer a segurança da cidade, devido à proximidade das residências.

A esse respeito, é importante ressaltar que o presídio localiza-se em um setor afastado cuja ocupação é feita por fábricas e uma faculdade de grande porte. Em síntese, a instalação de uma penitenciária feminina naquela região representou uma presença indesejada para a comunidade. E essa representação da sociedade de que mulheres em situação prisional são presenças indesejadas traz para este trabalho as reflexões de Hall (2000) sobre as identidades como construtos socioculturais na perspectiva da relação com o outro. Segundo o autor (*op cit*), é notável que

As identidades não são nunca unificadas, que elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 106).

Nesse sentido, é notável a importância da representação do “outro” na constituição das identidades. No entanto, o que mais me chama a atenção é que a construção sociocultural das identidades se dá na relação com o “outro”, segundo Hall (2000), sendo marcada pela fragmentação e pela transitoriedade, o que ressalta a sua natureza flexível e mutável. Desse modo, é relevante trazer para este estudo, as colocações da ex-diretora por se tratar de uma pessoa que vivenciou a história de implantação da PFDF.

Contudo, após explicações da Secretaria de Segurança vulgarizadas pela mídia, o número de opositores ao presídio foi diminuindo e o discurso de “presença indesejada” foi perdendo força e, assim, foi implantada a Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Questionada sobre por que não colocaram outros contingentes no espaço, a ex-diretora respondeu que

Ex-diretora: A estrutura lá era muito boa, tinha um auditório, salas de aula, uma cozinha industrial enorme e espaço para até 400 (quatrocentas) presas. Como elas são minorias, o espaço não precisaria de grandes investimentos na recuperação e atenderia um possível crescimento da população de presidiárias por uma longa margem de tempo. Essa é a história, bem simplificada.

Após tomar conhecimento da história de implantação da referida penitenciária, é possível perceber a relação entre a estrutura atual e sua historicidade. Atualmente, a cozinha industrial encontra-se desativada. A comida das mulheres em situação prisional (motivo de reclamações generalizadas) é preparada por uma empresa contratada por licitação. Após quase uma década, as mulheres representam uma parcela significativa da comunidade em situação prisional do DF. Com isso, as instalações da PFDF demonstram que a infraestrutura atual encontra-se desgastada. Além disso, entre 2013 e 2015 não havia superlotação. Em meados de 2016, por meio de Ofício, a VEP informou que não seria possível conceder autorização para que eu retornasse à PFDF, em função do pouco efetivo de agentes penitenciários(as) e devido à superlotação.

1.1.5 Dentro da penitenciária: ala e cela destinadas às mulheres gestantes em situação prisional

Com relação a como vivem as MGSP, o espaço destinado a elas é considerado, conforme as narrativas das participantes da pesquisa, o lugar mais “aconchegante” (se é que é possível haver aconchego, com o filho no ventre, em um ambiente prisional) da PFDF.

A respeito do poder de punir, Foucault (1999) mostra que, nas instituições prisionais, os atores estão posicionados em relações de manipulação de poder. Isso pode ser percebido no discurso da SESIPE a respeito de maternidade como fator de ressocialização. Afinal, as MGSP não estão posicionadas em relações de poder que lhes possibilitem divulgar suas impressões sobre a maternidade em situação prisional, diferentemente da SESIPE, devido a sua posição de autoridade.

Conforme **Figura 3**, abaixo, apesar de o texto da SESIPE descrever que “há instalações com toda a estrutura necessária para que as mães custodiadas possam oferecer cuidados maternos aos seus bebês”, a cela possui uma sala com pintura desgastada na cor verde, de modo que o visitante só consegue visualizar esta sala e não

os cômodos que compõem a cela. No total, há seis cômodos. Em cada um, há duas camas (beliches) e um berço. Os berços são divididos entre os bebês. Quando há muitas mulheres, dormem mais de dois bebês em cada bercinho. As MGSP mostram-se solidárias umas com as outras, em especial, na relação entre as gestantes e as mulheres que estão no puerpério¹⁵. Além disso, como afirmam algumas das participantes, por causa dos bebês, as mulheres ficam mais tranquilas.

Maternidade como fator de ressocialização

A Penitenciária Feminina do DF possui uma ala exclusiva para as internas gestantes e com recém nascidos até 6 meses de idade.

Nesta ala, há instalações com toda a estrutura necessária para que as mães custodiadas possam oferecer cuidado materno aos seus bebês. São 12 celas com beliches e berços e banheiro coletivo com chuveiros quentes. Todas recebem o enxoval completo, fornecimento de materiais de higiene para mãe e filho tais como fraldas descartáveis, sabonetes infantil e adulto, pomadas, banheira infantil de plástico, sabão em pó e em pedra – para lavagem do enxoval, absorventes e outros.

Para aquelas crianças que necessitam de complementação alimentar, são também fornecidos: leite, sopa infantil e fruta.

O acompanhamento do pré-natal é realizado na própria Penitenciária Feminina, por equipe do núcleo de saúde, exceto em casos de gravidez de alto risco, que são encaminhados à rede hospitalar pública.

A mãe custodiada tem todo o suporte desde o momento da confirmação da gravidez até os 6 meses de idade da criança. O acompanhamento do desenvolvimento fetal, a orientação nutricional e os exames são providenciados pela própria penitenciária.

Caso a mãe tenha sido presa após o nascimento de uma criança menor de 6 meses de idade, o filho poderá usufruir dos seus cuidados e do suporte da penitenciária até o prazo permitido.



Gerência de Atendimento ao Interno

Figura 3 - Maternidade representada como fator de ressocialização
Fonte: SESIPE

Após apresentar um olhar sobre quem são e como vivem as MGSP, no tópico seguinte, dedico-me à apresentação de reflexões que tentam explicar as razões para escolha do discurso enquanto uma maneira de analisar como os atores sociais MGSP agem no mundo e como representam a si mesmos e a sua realidade social. Para isso,

¹⁵ Puerpério é o nome dado à fase pós-parto em que a mulher experimenta modificações físicas e psíquicas. Esse período corresponde desde o momento em que cessa a interação hormonal entre o bebê e o organismo materno até o momento em que os órgãos reprodutores da mãe retornem ao seu estado antes da gravidez.

passo à apresentação das perspectivas de alguns teóricos que, com suas contribuições, fornecem suporte às minhas reflexões.

1.2.1 Discurso e identidades nos contornos da Pós-Modernidade

Por que discurso e identidades¹⁶ nos contornos da pós-modernidade? Porque entendo que investigar o discurso pode ser uma forma de analisar como as MGSP agem no mundo e como constroem a si mesmas e a sua realidade social. Além disso, porque entendo que a relação entre discurso e identidades pode ser vista como importante contribuição para um processo de transformação e de mudanças na realidade social.

Para Foucault (2003), analisar discursos pressupõe também analisar questões sociais, pois discurso e aspectos da vida social são indissociáveis. Com efeito, “não há de um lado, as formas de rejeição, de exclusão, do reagrupamento ou da atribuição; e, de outro, em nível mais profundo, o surgimento espontâneo dos discursos que, logo antes ou depois de sua manifestação, são submetidos à seleção e ao controle” (FOUCAULT, 2003, p. 66). Em outras palavras, a linguagem é entendida como espaço de ressignificação e/ ou de manutenção de discursos que contribuem para sustentar a exclusão de atores sociais em situação de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, analisar as representações atribuídas e autoatribuídas às MGSP nos discursos por meio da ADC, com incursões nas identidades, neste estudo, implica compreender essas marcas identitárias como constituídas nos contextos de interação social vivenciados por MGSP como um conceito múltiplo, heterogêneo e dinâmico (RAJAGOPLAN, 1998; MAGALHÃES, 2006). Desse modo, podemos definir essa constituição, inicialmente, como uma reunião de referências e de marcas existenciais heterogêneas, que nos fazem reconhecer um indivíduo como os próprios que compartilham de suas práticas sociais.

¹⁶Para Hall (2006), “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13). Portanto, neste estudo, eu me aproprio do termo identidade no plural, justamente por considerar a multiplicidade do conceito identidades.

Assim, em complementação a essa definição, trazendo-a ainda mais para o contexto desta pesquisa, é possível compreender a constituição de identidades como um conjunto de referenciais para uma investigação acerca das especificidades das realidades vivenciadas por MGSP e relacioná-la, assim, à seguinte definição de Magalhães (2006):

As identidades são criadas no contexto das relações sociais e culturais – são ativamente produzidas no discurso, e é por meio dele que são instituídas. É necessário distinguir identidade pessoal de identidade social, embora ambas estejam numa relação dialética: a identidade pessoal diz respeito à personalidade, à subjetividade; a identidade social depende das circunstâncias sociais em que as pessoas nascem e de sua socialização em determinados papéis sociais (MAGALHÃES, 2006, p. 27).

Sendo assim, por entender que as identidades sociais têm como particularidade a necessidade de serem reconhecidas pelos “outros” e por entender que tal reconhecimento é feito, também, discursivamente, neste tópico, tenho o intento de compreender a constituição de identidades dos atores sociais frente às práticas discursivas. No entanto, tenho clareza de que não é viável oferecer uma definição de identidade sem, simultaneamente, contemplar a extensão desta a outros fatores das práticas sociais com os quais está imbricada. Em outras palavras, é possível notar nas perspectivas conceituais selecionadas, neste tópico, discussões não apenas do que seja identidade, como também de outros fatores que a constituem e que são, mutuamente, constituídos por ela, como: discurso, contornos da pós-modernidade, diferença, cultura, e representações.

Giddens (2002, p. 36) reflete sobre a questão da autoidentidade em relação ao contexto social, porque acredita que mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão estreitamente relacionadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude. Para este autor (*op cit*)

A autoidentidade constitui para nós uma trajetória através das diferentes situações institucionais da modernidade por toda a duração do que se costumava chamar de ‘ciclo da vida’, um termo que se aplica com maior precisão a contextos não modernos que aos modernos (GIDDENS, 2002, p. 20).

Assim é que Giddens (1991, 2002) prefere o uso das expressões “modernidade alta” ou “modernidade tardia”¹⁷ para se referir ao período da pós-modernidade, pois defende a ideia de que a sociedade ainda mantém traços da modernidade, como, por exemplo: o distanciamento entre espaço e tempo, os mecanismos de desencaixe no que concerne à ideia de global e local, assim como Garcia Canclini (2007), e a reflexividade institucional.

Giddens (2002) nos explica que, na atualidade, o distanciamento entre espaço e tempo advém das formas como são organizados os contextos sociais na pós-modernidade. Tal distanciamento possibilita a fundamentação para as recombinações das maneiras como são organizados os contextos sociais. Em outras palavras, há um encurtamento desse distanciamento.

Quanto à reflexão de Giddens (2002) a respeito dos mecanismos de desencaixe, eles correspondem, em uma perspectiva pré-moderna, à ideia de deslocamento das relações sociais dos seus contextos usuais, bem como à rearticulação dessas relações sob a influência da indeterminação do espaço-tempo, característicos da modernidade. Essa reflexão em torno dos mecanismos de desencaixe sob a forma de sistemas especializados é relevante no sentido de que, na atualidade, tempo e espaço tornam-se menos importantes diante da validade dos conhecimentos técnicos, independentemente dos sujeitos que deles fazem uso (GIDDENS, 2002, p. 24).

A reflexividade institucional da modernidade significa que as práticas sociais modernas são enfocadas, organizadas e transformadas, a partir do conhecimento constantemente renovado sobre estas próprias práticas. Nas condições da modernidade reflexiva, ter conhecimento sobre algo não é sinônimo de ter certeza, isto é, por mais entendimento que se tenha a respeito de determinada questão, esse conhecer é sempre fragmentado, questionável e relativo às práticas sociais e vice-versa.

Desse modo, a atualidade é caracterizada por um sistema de tempo universal, em que há a construção de um “passado” padronizado e de um “futuro” universalmente

¹⁷Chouliaraki e Fairclough (1999) também optam por utilizar a expressão modernidade tardia para retratar o período atual que envolve profundas transformações na sociedade contemporânea, fortemente ligadas aos processos de globalização. Assim, opto por utilizar a expressão “pós-modernidade” para me referir ao atual contexto social de mudanças.

aplicável. Assim, as sociedades tradicionais estão encaixadas na noção de tempo e espaço na história, porém a modernidade traz os mecanismos de desencaixe. Para Giddens (1990)

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p. 37-38 *apud* HALL, 2006, p. 14-15).

É justamente ao fazer essa ligação entre as dimensões “pessoal” e “social” que Giddens (2002) ressalta que “o nível do distanciamento tempo-espaço introduzido pela alta modernidade é tão amplo que, pela primeira vez na história humana, ‘eu’ e ‘sociedade’ estão inter-relacionados num meio global” (GIDDENS, 2002, p. 36). Tal inter-relação evidencia a reflexividade entre identidade pessoal e identidade social na atualidade. Para este autor (*ibidem*):

A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada – como quando um indivíduo saía da adolescência para a vida adulta. Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social (GIDDENS, 2002, p.37).

Desse modo, podemos depreender que Giddens (2002) concebe identidade, na atualidade, como um construto progressivo. Assim, diferentemente de como era percebida nas sociedades tradicionais, não se espera mais, nos dias atuais, que uma única identidade seja atribuída ao indivíduo desde o seu nascimento até a sua morte e nem que cada mudança de identidade seja claramente indicada. Nesse sentido, identidade é um construto que passa por modificações ao longo de toda a vida; ou seja, identidade, nos contornos da pós-modernidade, adquire um caráter plural e progressivo. Por conseguinte, na concepção de identidade apresentada por Giddens (2002), o

conceito de “reflexividade” adquire relevo, uma vez que as identidades são vistas como uma construção reflexiva. Sendo assim, as identidades não são mais predeterminadas pelas sociedades tradicionais, mas sim fortemente afetadas pelas possibilidades de as pessoas construírem ativamente suas autoidentidades, o que reforça a importância de estudarmos não só marcas de identidade atribuídas pelo “outro”, mas as marcas de identidade autoatribuídas pelos atores sociais.

No entanto, para atores sociais, como as MGSP, é possível afirmar que a pós-modernidade adquire contornos diferentes, uma vez que, as constituições identitárias sociais de natureza negativa que lhes são atribuídas exercem forte influência na forma como suas identidades são ativamente construídas, como é possível perceber por meio das análises das representações autoatribuídas nos discursos dessas mulheres.

Por outro lado, ao situar identidades nos contornos da pós-modernidade, é possível perceber que se estas são discursivamente constituídas, são também passíveis de serem discursivamente contestadas. Nesse sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que “a reflexividade inerente à ação humana foi ‘externalizada’ na modernidade, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade ‘vêm de fora’.” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2013, p. 31). Apesar de os atores sociais se valerem de informações que vêm de fora, a constituição das identidades na pós-modernidade parece ser reflexiva justamente pelo entendimento de que “Cada um de nós não apenas ‘tem’, mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida” (GIDDENS, 2002, p. 20). Desse modo, entendo que a constituição de identidades não se restringe apenas ao que vem do mundo externo e nem apenas ao que vem do mundo interno. Essa constituição também abrange as possibilidades de mudanças sociais e identitárias, a partir dos pontos de articulação entre o interno e o externo, bem como a partir da resistência, da contestação, e não simples aceitação, das identidades atribuídas e autoatribuídas aos atores sociais ao longo da vida.

Assim, nos contornos da pós-modernidade, a pergunta “como devo viver?” tem tanto que ser respondida em decisões cotidianas sobre como “comportar-se, o que vestir

e o que comer – e muitas outras coisas – quanto ser interpretada no desdobrar temporal da autoidentidade.” (GIDDENS, 2002, p. 21).

Para Giddens (2002), a noção de reflexividade conduz à noção de identidades híbridas, uma vez que, na modernidade tardia, aos sujeitos são atribuídas diversas identidades e, por conseguinte, diversas formas de representação. Um exemplo de identidades híbridas são as diversas identidades sociais atribuídas à figura feminina. Às mulheres podem ser atribuídas identidades de dona de casa, de profissional, de mãe, de filha, de esposa, entre outras, em detrimento de uma só identidade específica.

Hall (2006) também apresenta algumas discussões que coincidem com a linha de pensamento de Giddens (2002) sobre a questão das identidades em relação ao contexto social, mais especificamente, dentro de uma perspectiva cultural na pós-modernidade. Para Hall (2006), o conceito de identidade passou por significativas modificações ao longo dos anos. Assim, em uma tentativa de sintetizar tais modificações, o autor (*ibidem*) discute três principais compreensões de identidade: aquela ligada ao sujeito iluminista, a qual ressalta um viés individualista; a ligada ao sujeito sociológico, que buscava uma interação com a sociedade; e a dos dias atuais, a do sujeito pós-moderno, em que se reconhece uma desarticulação nas possibilidades de certeza e continuidade.

Nesse sentido, para Hall (2006), as identidades do sujeito pós-moderno estão sendo descentradas diante da complexidade das transformações das sociedades modernas. A implicação direta de tais transformações são as fragmentações das culturas de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça e de nacionalidade, as quais ofereciam, no passado, sólidas localizações para os indivíduos sociais.

Assim é que Hall (2006) critica algumas maneiras naturalizadas e neutras de se perceber identidades culturais nacionais na atualidade. A crítica do autor (*ibidem*) à existência de uma identidade nacional unificada está fundamentada na tese de que há uma estreita relação entre identidade e diferença, pressupondo, assim, identidades e diferenças plurais existentes em uma mesma sociedade.

Segundo Hall (2006), a globalização, “um complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2006, p. 4), tem contribuído para a ocorrência de diversos deslocamentos no interior dessas identidades culturais nacionais, deslocando o foco para identidades locais e regionais, assim como um hibridismo das culturas originado pela migração dos povos, o que ecoa as ideias a respeito de mundo globalizada e profunda

instabilidade social (GARCIA CANCLINI, 2007) já discutidas na **seção 1.1.1** deste **Capítulo**.

Assim como Giddens (1991; 2002), Hall (2006) também aborda a relação entre espaço, tempo e identidade, no sentido de afirmar a diminuição do distanciamento entre espaço e tempo. Para Hall (2006), uma das principais características da globalização é a “compressão espaço-tempo”, em que a aceleração dos processos globais nos dá a correta sensação de que “o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2006, p. 69). Isso nos remete à ideia sobre reflexividade entre identidade pessoal e identidade social.

Para Hall (2006), é relevante o impacto da globalização sobre os temas tempo e espaço em sua teorização sobre identidade cultural na pós-modernidade, pois é em relação a esse impacto que tempo e espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Além disso, todos os sistemas de representação, como a escrita, a pintura, o desenho, a fotografia, devem traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais.

Dessa maneira, atualmente, a questão da identidade e da diferença é central na teoria social e na prática política e encontra-se “na tensão entre perspectivas essencialistas e perspectivas não-essencialistas sobre identidade” (WOODWARD, 2000 *apud* SILVA, 2000, p. 12). Assim, considerando que, é a partir das relações sociais que ganham força a representação e a identificação de aspectos culturais e sociais, ganham destaque as relações entre identidade e contexto social. Sem entrar em pormenores, é importante destacar que ganha notoriedade a perspectiva denominada estudos culturais, em que identidade é entendida de forma relacional e estreitamente ligada à diferença.

Nesse caminho, Agar (1994) afirma que a língua é uma prática social e como tal possibilita a construção de significados. Além disso, a perspectiva dos estudos culturais se mostra relevante para este estudo por reconhecer a necessidade de estabelecer relações entre identidades, representações e linguagem. Assim é que a forte relação entre cultura e construção de significados é suscitada por Agar (1994)

A língua, em todas as suas variedades, em todos os modos em que aparece na vida cotidiana, constrói um mundo de significados. Quando você se depara com diferentes significados, quando você se torna consciente dos seus próprios e trabalha para construir uma ponte

para outros, ‘cultura’ é o que você está fazendo. A língua preenche espaços entre nós com sons; a cultura forja a conexão humana através deles. A cultura está na linguagem e a linguagem está impregnada de cultura (AGAR, 1994, P. 28).

Nesse sentido, no tópico seguinte, dou continuidade à revisão de perspectivas teóricas com a definição de identidade¹⁸ presente na obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Esta obra foi organizada pelo estudioso Tomaz Tadeu da Silva e, além de suas contribuições, traz as reflexões de identidade propostas pelos pesquisadores Kathryn Woodward e Stuart Hall. Cada um desses autores contribui com importantes perspectivas para os estudos de identidade.

1.2.2 Identidade e diferença

Para tratar de identidade, Woodward (2000, p. 7-9) conta uma história que se passa na antiga Iugoslávia, durante a guerra entre sérvios e croatas. Quando, em meio a um dos confrontos, um estrangeiro, na intenção de “compreender por que vizinhos começam a matar uns aos outros”, questiona alguns soldados sérvios sobre “O que faz vocês pensarem que são diferentes”? Em resposta, um dos soldados sérvios ressalta que “vocês estrangeiros não entendem nada [...]” e incomodado diz: “Olha a coisa é assim. Aqueles croatas pensam que são melhores que nós. Eles pensam que são europeus finos e tudo mais. Vou lhe dizer uma coisa. Somos todos lixo dos Bálcãs” (IGNATIEFF, 1994, p. 1-2 *apud* WOODWARD, 2000, p. 8).

A partir dessa história, a autora segue na reflexão de que as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8). Em seguida, mencionando Hall (1997a), defende que “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.” (HALL, 1997a *apud* WOODWARD, 2000, p. 8). Para continuar sua reflexão, a autora enumera quatro questionamentos envolvendo identidades: (1) como a ideia de representação poderia ser utilizada para analisar a forma como as identidades são construídas? (2) O que é visto como sendo a mesma

¹⁸ Embora, na referida obra, autores, como Hall (2000), Woodward (2000) e Silva (2000) conceitualmente tomem por referência o caráter plural das identidades, eles optam por usar o termo no singular, diferentemente do uso que Hall faz desta palavra na obra “A identidade cultural na pós-modernidade”.

coisa e o que é visto como sendo diferente nas duas identidades – na dos sérvios e na dos croatas? (3) Quem é incluído e quem é excluído? (4) Para quem está disponível a identidade nacional sérvia enfatizada na história?

Sem a preocupação de desenvolver respostas específicas aos questionamentos enumerados, Woodward (2000) explica o seu propósito ao iniciar uma introdução teórica e conceitual sobre identidade e diferença com a referida história.

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, forneça as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não-croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9).

Nesse sentido, a identidade é relacional e, para se constituir, depende da existência de elementos externos a ela. Por essa razão, de acordo com Woodward (2000), cabe depreender que as identidades são marcadas pela diferença e que a diferença é sustentada pela exclusão, uma vez que, se um indivíduo é sérvio, não pode ser, concomitantemente, croata. Desse modo, as identidades se distinguem, nas relações sociais, pela diferença, ou seja, distinguem-se por identificarem, em âmbito social, também aquilo que não são.

Outro ponto muito importante é que, segundo a autora, “a identidade é marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2000, p. 9), isto é, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a pessoa usa.” (WOODWARD, 2000, p. 10). Por isso, a perspectiva conceitual da autora é de que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social.” (*ibidem*, p. 10).

Nesse sentido, a relação entre identidade e diferença também é marcada na teorização de Silva (2000) a respeito de identidade. Para o autor (*op cit*), “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p. 78). Assim, Silva (2000, p. 73) propõe teorizar sobre a produção social da identidade e da diferença, questionar quais são as implicações políticas de diferença e identidade, diversidade, alteridade e indagar o que está em jogo na identidade. Estas são questões bastante pertinentes para esta revisão sobre o entendimento de identidades. Segundo o autor (*ibidem*)

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos aquilo que não somos (SILVA, 2000, p. 76).

Para Silva (*ibidem*), os indivíduos tendem a expressar a identidade de maneira afirmativa e autocentrada, tendo a si mesmos como referência, o que passa a impressão de que ela é independente e autocontida. A diferença, por sua vez, costuma ser expressada com relação ao “outro” como referência. No entanto, a maneira afirmativa como a identidade é geralmente expressa costuma colocar em um segundo plano a relação de dependência entre identidade e diferença. Contudo, Silva (2000) deixa claro que seu propósito é mostrar que, em uma perspectiva de produção social de identidade e diferença, ambas são interdependentes. Sendo assim, Silva (2000, p. 76) afirma que tanto identidade quanto diferença são mutuamente constituídas.

Outro ponto importante, em termos de identidade e diferença como fatores socialmente construídos, é atribuído à linguagem. Para Silva (2000)

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p.76).

Nesse sentido, considerando que os indivíduos tendem a tomar identidade e diferença como “dadas”, ou seja, como fatos espontâneos da vida, Silva (2000, p.76) afirma que identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística. Para este autor (*ibidem*), isso significa que “É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença” (SILVA, 2000, p.77).

Em seguida, para ilustrar a relação entre identidade e diferença e ato linguístico, Silva (2000) menciona a conhecida relação saussuriana entre significado e significante. Para Saussure (2006, p.83), apesar de ser arbitrário o vínculo que une significado e significante, esse vínculo não é imotivado, pois o significado não depende da “livre

escolha do que fala”. Inclusive, Saussure (2006) enfatiza que não está ao alcance de nenhum indivíduo trocar coisa alguma no signo, uma vez que esteja este signo estabelecido num grupo linguístico. Contudo, cabe ressaltar que identidade e diferença não podem ser tratadas como dicotômicas porque a diferença cria novas identidades. Em outras palavras, o vínculo entre significado e significante é socialmente construído, assim como a interdependência entre identidade e diferença. Silva (2000) acrescenta que

Se considerarmos apenas o aspecto material de um signo, seu aspecto gráfico ou fonético (o sinal gráfico “vaca”, por exemplo, ou seu equivalente fonético), não há nele nada intrínseco que remeta àquela coisa que reconhecemos como sendo uma vaca – ele poderia, de forma igualmente arbitrária, remeter a um outro objeto como, por exemplo, uma faca. Ele só adquire valor – ou sentido – numa cadeia infinita de outras marcas gráficas ou fonéticas que são diferentes dele. O mesmo ocorre se consideramos o significado que constitui um determinado signo, isto é, se consideramos seu aspecto conceitual. O conceito de “vaca” só faz sentido numa cadeia infinita de conceitos que não são “vaca”. Tal como ocorre com o conceito “sou brasileiro”, a palavra “vaca” é apenas uma maneira conveniente e abreviada de dizer “isto não é porco”, “não é árvore”, “não é casa” e assim por diante (SILVA, 2000, p. 77)

Na referida analogia entre linguagem e diferença, fica claro o entendimento de Silva (2000) de língua como um sistema de diferenças. Esse entendimento implica tomar a noção de diferença como processo e não como resultado. Por sua vez, estendendo esse entendimento à díade identidade e diferença, identidade seria, nessa perspectiva, um sistema que constitui e é constituído por diferenças.

Para Silva (2000), “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 78), uma vez que são tidas como seres da cultura e dos sistemas simbólicos que compõem a cultura e não como seres da natureza. Nesse sentido, o autor (*ibidem*) reforça, em uma perspectiva cultural, seu intuito com a aproximação entre linguagem e identidade e diferença. Para ele, a linguagem é “caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade” (SILVA, 2000, p. 80), o que coincide justamente com o fato de serem identidade e diferença constituídas, em parte, pela linguagem e, por conseguinte,

“não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade.” (SILVA, 2000, p. 80).

Partindo da perspectiva de que identidade e diferença são “o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2000, p. 81), a identidade, assim como a diferença, pode ser entendida como uma relação social. No entanto, tal relação tem o poder de definir. Conforme Silva (2000, p. 81), tal entendimento implica reconhecer que a definição discursiva e linguística de identidade e diferença está sujeita a vetores de força e a relações de poder. Assim é que “Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.” (SILVA, 2000, p. 81). Essa disputa pela identidade, por sua vez, envolve a necessidade de afirmação da identidade e a enunciação da diferença como reflexo do desejo de grupos sociais assimetricamente situados em “garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. (*ibidem*)

Segundo o autor, onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, existem, também, relações de poder sendo, para Silva (2000), a diferenciação “o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.” (SILVA, 2000, p. 81). No entanto, além desse processo central, existem outros tantos processos que também traduzem essa diferenciação ou que, pelo menos, estão fortemente relacionados a ela. E é nesse sentido, que o autor avança uma relação de marcas da presença do poder, as quais sistematizo no **Quadro 1**:

Quadro 1 - A afirmação de identidade e marcação de diferença por meio de marcas da presença do poder

Contribuições quanto às constituições identitárias	Exemplos	Significados
Incluir/ excluir a partir da afirmação da identidade e marcação da diferença.	“Estes pertencem, aqueles não.”	Dizer o que somos é dizer o que não somos. E a identidade e a diferença trazem a ideia de quem pertence e de quem não pertence, ou seja, de quem está incluído ou excluído.
Afirmar a identidade com a demarcação de fronteiras, afirmação e reafirmação de relações de poder.	“Nós e Eles”	A distinção entre o que fica dentro e o que fica fora é uma forma de demarcar fronteiras, ou seja, de afirmar a identidade. Neste caso,

		“nós” e “eles” são “indicadores de posições de sujeito fortemente marcadas por relações de poder”.
Classificar, detendo o privilégio de classificar.	“Bons e Maus”; “Puros e impuros”; “Desenvolvidos e primitivos”; “Racionais e irracionais”	A atribuição de diferentes valores aos grupos classificados.
Normalizar, fixando uma determinada identidade como a norma e elegendo, arbitrariamente, uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.	“Nós somos normais; eles são anormais”	É uma das formas mais sutis de atribuir características positivas possíveis a uma identidade, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.

Fonte: Adaptado de Silva (2000, p. 81-83)

A partir das marcas linguístico-discursivas apresentadas no **Quadro 1**, podemos depreender a forte relação entre linguagem e poder por meio de significados que perpassam os construtos identidade e diferença, em um processo concebido por Silva (2000) como diferenciação. Tal processo demonstra, justamente, que “Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do dentro”. (SILVA, 2000, p. 84). Desse modo, podemos fazer uma tentativa de responder ao questionamento: “qual o entendimento linguístico-discursivo da definição de identidades?” Um entendimento da definição linguístico-discursiva das identidades implica considerar relações de poder.

Assim, por possibilitar a identificação de quem é o “outro”, a diferenciação reproduz a alteridade¹⁹, tornando os indivíduos identificáveis, visíveis ou invisíveis, previsíveis ou imprevisíveis. Assim é que podemos reconhecer que a diferença constitui parte significativa da identidade. Apesar da tendência da sociedade em rejeitar quase tudo o que difere da identidade hegemônica, ou seja, da identidade socialmente bem-aceita, de acordo com Silva (2000), “Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal.” Afinal, conforme Silva (2000, p. 84), a diferença é parte ativa da formação da identidade.” (*ibidem*, p. 84). A diferenciação, portanto, é responsável por (re)construir /

¹⁹ Alteridade é explicada por Silva (2000) como relativa à natureza ou à condição do que é outro, do que é diferente. O autor (*op cit*) também se refere à alteridade, como “outridade”.

(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível. Ao dividir, separar, classificar, normalizar, a diferenciação resulta na hierarquização. Aqui, cabe um adendo para fazer dialogar diferenciação com formas de atribuir estigmas sociais ao “outro”. A esse respeito, Goffman (1988), ao relacionar identidade, estigma e identidade social nos esclarece que

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação" (GOFFMAN, 1988, p. 5).

A citação de Goffman (1988) estabelece uma relação entre estigma e identidade social como um reflexo de nossa tendência, como seres sociais, de tentar, de forma desatenta e desprovida de reflexão particular, observando uma série de aspectos, “categorizar” outros atores sociais e a atribuir-lhes identidades sociais, de acordo com os ambientes sociais em que estes estão situados. Goffman (1988) reconhece nessa nossa tendência formas de atribuir estigmas sociais ao “outro”. E exemplos desse tipo de tendência estão à nossa volta, quando postamos comentários eletrônicos, em portais de notícias eletrônicas, por exemplo, atribuindo estigmas às pessoas pelo fato de estas estarem em determinadas situações; quando produzimos textos e fazemos escolhas léxico-gramaticais “sem atenção ou reflexão particular” para representar outros atores sociais; quando excluimos o “outro”, negando-lhe oportunidades de trabalho ou de estudos com base em atributos considerados comuns e naturalizados em nossa sociedade; entre tantas outras possibilidades de estigmatizar o “outro”. Assim, é possível reconhecer formas de diferenciação (SILVA, 2000) em formas de atribuir, nos discursos, estigmas sociais a outros atores sociais. (GOFFMAN, 1988).

Assim como a diferenciação, cada forma de atribuir estigmas sociais tem um propósito. Entretanto, antes de passar a esse propósito, é importante mencionar os três tipos de estigmas observados por Goffman (1988):

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 1988, p. 7).

De acordo com os três tipos de estigmas observados por Goffman (1988), estigma por deformidades físicas, estigma por caráter individual e estigma por raça, nação e religião, podemos perceber que a atribuição de cada um desses tipos de estigma está condicionada a um intento quanto à identidade, uma vez que, ao atribuir estigmas sociais, há impreterivelmente dois papéis sendo executados: o do ofensor e o do ofendido. Assim, temos a atribuição de estigmas sociais como uma forma de afirmação de identidade e marcação de diferença por meio de marcas da presença do poder, assim como nos propõe a perspectiva de Silva (2000) a respeito da diferenciação, como sintetizado no **Quadro 1**. No entanto, cabe ressaltar que, segundo Silva (2000), as formas de diferenciação podem tanto incluir como excluir a partir da marcação da diferença e as formas de estigmatização tanto podem incluir alguém, mesmo que seja em uma categoria socialmente indesejada, como excluir alguém. Nesse sentido, como ressalta Goffman (1988), as formas de atribuir estigmas sociais estão fortemente ligadas a expectativas, em que um ator que possui um estigma se afasta negativamente das expectativas previstas, sendo, por isso, considerado não normal e, por conseguinte, excluído.

Estabelecida a indissociabilidade entre estigma e exclusão, Goffman (1988) nos alerta que, ao atribuirmos formas de estigmas sociais ao “outro” por meio de

discriminações e atos impensados, podemos reduzir as chances de vida de alguém e, assim

Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original (GOFFMAN, 1988, p. 8).

Outro ponto importante para o qual o autor (*ibidem*) nos chama a atenção é que, ao estabelecermos expectativas quanto aos atributos que as pessoas devem ter e ao excluirmos as pessoas em função do não atendimento a esses atributos, estamos, como seres sociais, naturalizando (THOMPSON, 2011) a exclusão de outros atores.

Após este adendo, em que procuro estabelecer relações entre identidade, diferenciação e estigmatização, retomo a discussão com maior enfoque em identidade e diferença.

Silva (2000), após discutir a relação entre linguagem, identidade e diferença e poder, assim como Woodward (2000, p. 89), enfatiza a relação entre identidade e representação. Para Silva (2000), identidade tem de ser representada. Isso, porque tanto identidade quanto representação são significações cultural e socialmente atribuídas.

Assim é que, Silva (2000), citando Hall (*apud* SILVA, 2000, p. 90), defende que os estudos sobre representação devem ser desenvolvidos em conexão com uma teorização sobre a identidade e a diferença. No entanto, especifica que, entre as diversas concepções de representação, a mais fortemente ligada à identidade e à diferença é a que concebe representação como “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2000, p. 91).

De acordo com Silva (2000), é com base nesse entendimento de representação que é possível afirmar serem identidade e diferença estreitamente dependentes da representação. Isso, porque, “É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 91). Além disso, o autor acrescenta que “É por meio dessa representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir” (SILVA, 2000, p. 91).

Para Silva (2000), “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000, p. 91). Sendo assim, representar significa o mesmo que dizer “essa é a identidade”, “a identidade é isso” (SILVA, 2000, p. 91). E é justamente dessa forma, que se pode afirmar que identidade e diferença se ligam a sistemas de poder por meio da representação. Esta é uma das razões para a representação ter importância central nos estudos e nos movimentos sociais relativos à identidade.

No entanto, a representação linguístico-discursiva não deve ser puramente descritiva, mas performática. Para sustentar tal argumento, Silva (2000) menciona o entendimento de Judith Butler (1999 *apud* SILVA, 2000, p. 92), para quem o conceito de performatividade “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – [...] para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação.” Em outras palavras, o significado do uso da linguagem enquanto representação não se restringe a descrever as coisas, mas fazer com que alguma coisa aconteça, o que implica em não simplesmente descrever um fato, mas contribuir para que certas identidades sejam reforçadas, como ocorre com o exemplo dado por Silva (2000)

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo. Assim, por exemplo, quando utilizamos uma palavra racista como “negrão” para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino, não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor de uma pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída à identidade “negra” (SILVA, 2000, p. 93).

Assim, a força de atos linguísticos, como o mencionado no último exemplo acima, na construção da identidade, depende da insistente repetição do enunciado. De modo que, a repetição da palavra “negrão”, dadas algumas variações, ative nos falantes de uma língua o reconhecimento de uma referência pejorativa a uma pessoa afrodescendente. Tal caráter de repetibilidade é designado como citacionalidade, o que

permite que a linguagem sempre possa ser “[...] retirada de um determinado contexto e inserida em um contexto diferente.” (SILVA, 2000, p. 95). Isto é, essa força adquirida por meio do discurso constitui a performatividade da identidade não só por possibilitar a representação oriunda do indivíduo, mas a representação retirada de um contexto mais amplo, em que as identidades são social e culturalmente construídas.

Nesse sentido, cabe o seguinte questionamento? Então, por que estudar as representações tão estreitamente ligadas às identidades, se elas tendem a ser naturalizadas? Uma possibilidade de resposta seria porque, segundo Judith Butler (1999), a mesma repetibilidade ou citacionalidade que garante “a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas” (BUTLER, 1999 *apud* Silva, 2000, p. 95). Isso, porque a repetição de atos linguísticos pode ser questionada e contestada. Tal questionamento possibilita que as identidades não representem simplesmente a reprodução das relações de poder, mas que tornem possível se pensar na produção de novas e renovadas identidades.

1.2.3 Identidades e representações

Hall (2000), na obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, inicia sua discussão sobre identidade, com as seguintes indagações: “Onde nos situamos relativamente ao conceito de ‘identidade’?” e “Onde está, pois, a necessidade de mais uma discussão sobre a ‘identidade’?” e “Quem precisa dela?” (HALL, 2000, p. 103).

A respeito de onde se situam os sujeitos relativamente ao conceito de identidades, Hall (2000) afirma que “As perspectivas que teorizam o pós-modernismo têm celebrado, por sua vez, a existência de um ‘eu’ inevitavelmente performativo.” Nesse sentido, Hall (2000), analisando Butler (1993), defende que

A visão de que o sujeito é produzido no curso de sua materialização está fortemente fundamentada em uma teoria performativa da linguagem e do sujeito, mas a performatividade é despojada de suas associações com a volição, com a escolha e com a intencionalidade [...] (HALL, 2000, p. 127-128).

Com relação ao caráter performativo da identidade dos indivíduos, é possível depreender que os sujeitos são representados, ou seja, posicionados, de acordo com as identidades que lhes são social e culturalmente atribuídas. Há de se considerar ainda em relação à necessidade de mais uma discussão sobre “identidade”, que Hall (2000) enfatiza ser fundamental que essas discussões sejam vinculadas aos processos e práticas que perturbam a relativa “estabilidade” de populações e culturas, como a globalização, os processos de migração forçada, ou seja, a respeito de tudo que implica mudanças na vida social.

Contudo, como síntese às indagações apresentadas por Hall (2000), cabe ressaltar que apesar de a identidade ter uma tendência à estabilização, parece ser a oscilação entre os processos que tendem a estabilizá-la e os processos que tendem a desestabilizá-la que fazem necessário continuar as discussões a respeito da constituição das identidades. Quanto a quem precisa de identidade, Hall (2000) afirma parecer que

[...] é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo da subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetividade parece implicar – volta a aparecer (HALL, 2000, p. 105).

Assim, precisamos das identidades, e aqui destaco o uso do termo no plural, porque elas estão estreitamente relacionadas com os usos que fazemos da história, da linguagem e da cultura para “a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 109). Além disso, a identificação, sem prescindir da diferença, é materialmente e simbolicamente sustentada e, portanto, condicional.

Neste ponto, Hall (2000), assim como Woodward (2000) e Silva (2000) faz referência à relação entre identidade e representação. Para Hall (2000), as identidades têm a ver

[...] não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 108-109).

Desse modo, identidade e diferença precisam ser representadas, pois somente a partir da representação adquirem sentido, já que é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam aos sistemas de poder. Nesse sentido, fica claro por que a representação ocupa lugar central na teorização a respeito de identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. Isto é, “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade” (SILVA, 2000, p. 91).

Também nessa direção, Bauman (2005) inicia sua discussão sobre o que é identidade pelo viés do pertencimento. A teorização deste autor coincide com a teorização de Woodward (2000) por ter a identidade nacional como pano de fundo. No entanto, em vez da relação entre identidade e diferença, reforçada nos estudos de Woodward (2000), de Silva (2000) e de Hall (2000), a relação que aparece na expressão de identidade de Bauman (2005) é de pertencimento e identidade. Para Bauman (2005) estar total ou parcialmente deslocado equivale a não se sentir em casa. No entanto, mais adiante, afirma ser preciso aceitar que “[...] em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Antes de analisar a relação de pertencimento, Bauman (2005), partindo de sua experiência como polonês judeu, perseguido pelo nazismo e pelo Partido Comunista da Polônia, desenvolve o conceito de deslocamento e situa sua discussão no contexto social a que se refere como época líquido-moderna. (BAUMAN, 2005, p. 20). Segundo o autor (*ibidem*), “Em nossa época líquida-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18).

De acordo com esse entendimento da atualidade como uma época líquido-moderna em que a transitoriedade das relações sociais é ressaltada, Bauman (2005) apresenta sua concepção de identidade.

[...] Sim, de fato, a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais—mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Na época líquido-moderna, a identidade se caracteriza pela revelação de sua fragilidade e pela sua eterna condição de provisoriedade. Segundo Bauman (2005, p.23), essa percepção faz do tema identidade, um dos assuntos de maior evidência.

Nesse sentido, podemos depreender que existe uma certa ambivalência quanto à questão das identidades na época líquido-moderna, o que implica na sustentação da categoria liquidez ou identidade líquida defendida por Bauman (2005). A liquidez da identidade não possibilita se poder afirmar a existência de uma única identidade acabada, imutável e que não seja passível de mudanças em função do contexto histórico, das relações sociais ou da vivência de experiências específicas. Experiências essas que, por sua vez, possam fazer com que, em determinado momento, os indivíduos ressaltem um ou outro aspecto de suas identidades.

Assim como Hall (2006), Bauman (2005) está preocupado com os processos de constituição identitária na atualidade. Desse modo, as categorias de reflexividade e de liquidez parecem apontar para a constante necessidade de ressignificação das identidades, as quais são fortemente influenciadas pelas rápidas mudanças impostas no mundo globalizado.

Após apresentar os temas discurso e identidades nos contornos da pós-modernidade, identidade e diferença e identidades e representações, cabe ressaltar os pontos relevantes para estudo, em cada uma das perspectivas apresentadas quanto aos processos de constituição identitária. Assim é que Giddens (1991, 2002) analisa a transformação na concepção de identidade a partir do rompimento com entendimentos de uma sociedade dita tradicional. Para Hall (2000; 2006), a constituição identitária se dá pela comparação com outras identidades, em um processo no qual as diferenças constituem as identidades e as identidades constituem as diferenças. De acordo com Woodward (2000), a identidade é relacional, uma vez que é construída a partir da linguagem e dos meios. Para Silva (2000), identidade, diferença e representações são construções culturais e, por isso, interdependentes. Segundo Bauman (2005), a constituição identitária, na modernidade líquida, é assumida de maneira experimental, em que uma identidade vai se sobrepondo à outra, de acordo com o recorte contextual no qual está inserido o indivíduo.

Assim, posicionando-me sobre o entendimento do conceito identidades, saliento que, como nos mostram as análises dos dados adiante, as constituições identitárias das MGSP, participantes da pesquisa, também não são identidades estáveis ou fixas. Como apresento no **Capítulo 3**, desta tese, as análises das representações indicam que essas constituições identitárias são resultantes de uma complexa articulação entre as representações que essas mulheres fazem de si próprias, que outros atores sociais fazem delas e, ainda, as maneiras como essas mulheres aceitam, adaptam ou recusam essas representações que lhes são atribuídas. Desse modo, vários estudos afirmam que a identidade de um indivíduo constitui-se também na linguagem e através dela. Entretanto, não se pode deixar de considerar a importância dos papéis essenciais não apenas do discurso, como também de outros elementos implicadores nos processos de constituição identitária.

Como o objetivo principal desta pesquisa é investigar as representações linguístico-discursivas de MGSP, no sentido de estabelecer relações entre identidade e outros elementos envolvidos na constituição identitária das colaboradoras, focalizo minhas atenções no significado representacional do discurso, o qual está associado ao conceito de discursos como “modos de representar aspectos do mundo: os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, etc., e o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124). No entanto, é imprescindível explicitar que, na análise dos dados, questões relativas aos significados ideacional e textual também são abordadas. De acordo com essa perspectiva, diferentes discursos correspondem a diferentes visões de mundo, associadas a diferentes interações que os atores sociais estabelecem com o mundo, o que é relativo às suas identidades pessoal e social e às posições que os atores sociais ocupam no mundo.

Com esta discussão sobre identidades e representações, busco deixar claro em quais perspectivas conceituais de identidades, esta pesquisa busca sustentação para compreender as representações de MGSP em seus discursos e nos discursos do “outro”. Sendo assim, passo à discussão do conceito de representações e de sua relevância social.

1.2.4 O que são e por que precisamos de representações?

Nós somos criaturas individuais e sociais. Nós precisamos de outras pessoas para sobreviver, mas nós queremos sobreviver como indivíduos (TANNEN, 1986, p. 31).

Início este tópico com uma citação sobre a dualidade humana por causa da forte relação desse pensamento com as constituições identitárias de MGSP. Tannen (1986) evidencia que somos seres individuais e sociais, uma vez que precisamos das outras pessoas para sobreviver, mas sem abrir mão de sobrevivermos como seres individuais que somos. Essa percepção alinha-se com a forma como as identidades são constituídas: individual e socialmente. Em outras palavras, as identidades não são espelho apenas do que construímos, como seres individuais, a nosso respeito, são, também, o que o “outro” constrói sobre nós e como esse “outro” nos representa. Nesse sentido, Halliday (1994) também afirma que as escolhas lexicais utilizadas por um usuário da língua, em um texto, carregam traços de sua identidade, que podem estar perceptíveis ou não na superfície textual, dada a sua necessidade de representar a si próprio ou ao “outro”.

A propósito, por que precisamos representar nossas identidades? Rajagopalan (2003) discute sobre o que chama de tese do representacionalismo, a qual faz parte dos pressupostos sobre a linguagem. Para esse autor:

a tese do representacionalismo se alicerça naquilo que Jacques Derrida chama de ‘a metafísica da presença’. O que se lamenta é, no fundo, a impossibilidade de que a linguagem nos impõe de que os significados se apresentem sem qualquer intermediação. Dessa forma, a tese do representacionalismo na verdade esconde o sonho de apresentação, de uma espécie de ‘epifania’, do significado – o sonho, o desejo de, enfim, desvencilhar-se da própria linguagem humana. Pois, o ideal mesmo seria que o mundo pudesse mostrar (apresentar) sua face sem a intermediação da linguagem e que as mentes humanas pudessem comunicar-se entre si sem ter que recorrer ao uso de língua – uma ferramenta, afinal, tão imperfeita! Por mais paradoxal que pareçam, as nossas teorias da linguagem, erguidas em sua grande maioria, sobre a tese do representacionalismo, são, no fundo, desejos inconfessos de superar ou transcender a própria linguagem, como, por exemplo, por meio da telepatia (RAJAGOPALAN, 2003, p. 31).

A referida “impossibilidade” imposta pela linguagem reforça que as representações são imprescindíveis à constituição cultural das identidades. Quanto ao

que Rajagopalan (2003) trata como ideal, penso que as implicações de nos comunicarmos sem o uso da linguagem, por exemplo, por meio de outras formas de acesso às mentes uns dos outros, como a telepatia, também seriam imperfeitas.

Já em um sentido diferente sobre as razões pelas quais precisamos das representações, Jovchelovitch (1995, p. 78) defende que “é através da atividade do sujeito e de sua relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói”. Nesse sentido, também, Moscovici (1984, p. 20) afirma que “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar.” A esse respeito, Fairclough (2001) amplia os potenciais da teoria sobre Representações Sociais para pesquisas em ADC, ao definir discursos como

representações diversas da vida social que são inerentemente posicionadas – posicionados de modo diferente, os atores sociais ‘veem’ e representam a vida social de modos distintos, com diferentes discursos. Por exemplo, as vidas das pessoas pobres e em desvantagem são representadas por meio de diferentes discursos nas práticas sociais do governo, da política, da medicina, e da ciência social, e por meio de diferentes discursos dentro de cada uma dessas práticas, correspondendo a posições diferentes dos atores sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 2).

Além disso, Fairclough (2001) entende os discursos como um dos elementos de abordagem das significações nos textos a partir dos significados acional, representacional e identificacional. Em outras palavras, o discurso é um modo de representação, mas também um modo de ação, em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre outras pessoas.

Assim é que, com a finalidade de compreender aspectos da relação entre a ADC e a perspectiva das representações de atores sociais, realizo uma breve incursão pela Teoria das Representações Sociais (TRS). A TRS possui tradição de estudos em áreas como Antropologia, Sociologia e Psicologia Social. Entretanto, só mais recentemente, essa teoria, por sua natureza transdisciplinar e por suas possibilidades de questionar as relações entre indivíduo e sociedade, passou a ser objeto, também, de estudos linguísticos. É possível enfatizar, nessa explicação, que as bases da TRS alinham-se às da ADC.

Assim, o conceito de representações tem como representante mais significativo o psicólogo social Serge Moscovici (2003), o qual, partindo de Durkheim (1912, 1995), define representações sociais (RS) como:

um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p. 21)

Desse modo, é possível perceber que as RS referem-se especialmente aos saberes que emergem do cotidiano e que pertencem à realidade social. Em outras palavras, são social e culturalmente constituídas. E uma das maneiras de se estudar as representações é por meio do discurso como um recorte das práticas sociais.

Nesse sentido, van Leeuwen (1997, 1998, 2008) sugere a teoria da Representação de Atores Sociais como proposta teórico-metodológica, o que dialoga muito bem com a ADC, por possibilitar investigações dos modos pelos quais atores sociais podem ser representados discursivamente. Para van Leeuwen (1997), investigar o discurso corresponde a analisar como os atores sociais agem no mundo e como constroem a si mesmos e a sua realidade social. Sendo assim, o propósito das análises linguísticas é desvelar e compreender os significados que estão presentes nos textos. Para isso, van Leeuwen (1997, 2008) investiga as representações de atores sociais no discurso. Isso porque as formas de representação podem estar fortemente relacionadas às escolhas linguísticas feitas pelos indivíduos para externar suas experiências de / no mundo.

Nas interações entre atores e sociedade, as escolhas linguísticas podem contribuir para constituir representações sociais a respeito de atores e eventos sociais. Para tanto, na perspectiva teórico-metodológica da representação de atores e eventos sociais, há a possibilidade de investigar as escolhas léxico-gramaticais realizadas, os contextos institucionais e sociais em que se concretizam e, também, a finalidade pela qual essas representações são realizadas, depreendendo quais as relevâncias implícitas a elas e quais desígnios são alcançados. Em outras palavras, as representações inserem-se

em contextos sociais e culturais pré-definidos e variam em função da intenção do indivíduo.

A esse respeito, van Leeuwen (1998) entende que “as representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1998, p. 180). Este entendimento se alinha aos pressupostos de Hall (2000, 2006), de Woodward e de Silva (2000) acerca da díade identidade e diferença, pois estas também incluem ou excluem indivíduos e grupos, dependendo da prática social e de quem representa e, ainda, de quem é representado. Desse modo, assim como as representações, as identidades diferenciam o indivíduo, contribuindo para que ele seja mais ou menos aceito socialmente. Nesse sentido, as formas de representação podem estar relacionadas às escolhas linguísticas que os atores sociais fazem para representar suas experiências no mundo.

Quanto à interpretação e ao uso do conceito representação nas pesquisas em ADC, Fairclough (2001) defende que os discursos constroem identidades e relações sociais. Assim, o autor entende que as representações têm suas possibilidades de transmissão de ideias ampliadas por se realizarem por intermédio da linguagem para comunicar determinado discurso. Para Fairclough (2001), é no discurso que o sujeito escolhe como representar de uma forma ou de outra. Assim é que as representações vão muito além da fala ou da escrita, elas estão relacionadas a outros elementos de caráter discursivo, como as circunstâncias em que o discurso é produzido e mesmo como o modo são expostos os fatos.

Assim, discursos não podem ser analisados apenas sob os limites formais da linguística sem uma relação com o contexto cultural e sociológico “em contextos institucionais específicos que têm relações específicas com as práticas sociais e das quais produzem representações” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 172). Em vez de analisar as representações exclusivamente em termos de usos linguísticos, as análises podem ser feitas considerando que os atores sociais podem ser representados por um inventário sócio-semântico crítico (a respeito do qual discuto na **seção 1.3.3**, deste **Capítulo**).

Assim é que, na perspectiva da ADC, para compreender as representações, importa quem representa, como, quando e por que representa. Desse modo, as

representações são constituídas discursivamente, em articulação com as práticas sociais e com os diferentes significados construídos tanto pelo “eu” quanto pelo “outro” para o discurso. Segundo Fairclough (2003, p. 136), os eventos sociais em termos gerais incluem formas de ação; pessoas (com crenças, desejos e valores); relações sociais, formas institucionais; objetos; meios (tecnologias); tempos e espaços; linguagem (e outros tipos de semioses).

De acordo com Fairclough (2003), ao representar um evento social, este é incorporado ao contexto de outro evento social. Isso é a recontextualização, um tipo de evento social específico que é representado em diferentes campos de conhecimentos, nas redes de práticas sociais e nos gêneros textuais. Assim, a escolha do indivíduo por alguns elementos do evento social fornece pistas de como o evento será representado, após passar por uma espécie de “filtragem” em que alguns elementos são “excluídos, alguns incluídos e mais ou menos destacados.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139). Isso é a recontextualização, ou seja, um tipo de evento social específico que é representado em diferentes campos de conhecimentos, nas redes de práticas sociais e nos gêneros textuais, de acordo com as escolhas que atendam a intenção do falante. Essas escolhas também afetam a forma concreta ou abstrata como eventos sociais são representados. Em síntese, escolhas por elementos como “presença”, ou seja, a presença de aspectos, ou a presença de eventos em uma cadeia de eventos, se os eventos estão presentes / ausentes, se estão em destaque ou em segundo plano; “abstração” relativa ao grau de abstração; “generalização” relativo à existência ou não de generalizações a partir eventos concretos; “ordenamento” relativo a como os eventos são ordenados; “acréscimo” se refere ao que é adicionado na representação de eventos, como explicações ou legitimações (razões, causas, propósitos) e como avaliações. Assim, as escolhas por usar ou não usar esses elementos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139) “explicitam, avaliam, legitimam como os eventos são representados.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139). Nesse sentido, passo à discussão da ADC como uma possível abordagem para pesquisas sociais envolvendo representações.

1.3 Análise de Discurso Crítica: uma abordagem para pesquisas sociais

A ADC parte da premissa de que “qualquer análise de textos que pretende ser significativa em termos científicos sociais tem de se conectar com questões teóricas

sobre o discurso e com os efeitos socialmente constitutivos do discurso” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3). Desse modo, a ADC como uma abordagem para pesquisas sociais pressupõe que análise social, análise discursiva e análise textual estejam muito bem articuladas. Isso, porque “nenhuma compreensão real dos efeitos sociais do discurso é possível sem olhar de perto o que acontece quando as pessoas falam ou escrevem” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3).

No entanto, como alerta Fairclough (2003), a análise textual é uma parte essencial da análise do discurso, mas “a análise do discurso não é apenas a análise linguística dos textos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3). Em outras palavras, para alcançar o propósito de contribuir com pesquisas, no âmbito da linguagem, a respeito de um problema social, é preciso estabelecer tessituras entre o social, o discursivo e o textual. Assim, os interesses da ADC, segundo Fairclough (2001), além das características linguísticas dos textos, voltam-se para a dimensão social na sua interação com os leitores e as relações econômicas que determinam sua produção e circulação.

Sendo assim, neste estudo, é possível ver a ADC como a linha da agulha que tece as costuras teóricas, ao orientar uma abordagem para a análise social, para a análise discursiva e para a análise textual. Por isso, nesta tese, essa costura teórica realiza-se sob a orientação da ADC que permeia as perspectivas teóricas complementares, indicando a Teoria das Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 1998) e a Teoria do Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), bem como os contornos da globalização (GARCIA CANCLINI, 1993) para uma abordagem social. A orientação teórico-metodológica da ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) norteia uma abordagem discursiva, com o sistema gramatical de transitividade situado na LSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) para uma abordagem textual.

Desse modo, o estudo das representações por meio do discurso constitui um dos exemplos de pesquisa que aliam a orientação crítica e social da ADC e contribuem com ações de militância pertinentes a grupos sociais em situação de exclusão. Para Fairclough (2001), “Representação é um processo de construção social, incluindo a construção reflexiva de si mesmo – representações penetram em processos sociais e os moldam.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123). Embora essas representações sejam histórica

e culturalmente constituídas, comumente acabam assumindo um valor de “verdade absoluta” para os atores sociais, podendo influenciar diretamente no modo como conduzem suas ações.

A respeito da noção de crítica presente na própria nomeação da ADC, Magalhães (2005) esclarece que essa dimensão crítica relaciona a ADC a uma preocupação explícita com o exercício do poder nas relações sociais, o que inclui não só as relações de gênero e classe social, como também as relações entre raças e etnias. Sendo assim, o termo “crítica” é constantemente usado para designar uma postura reflexiva e indagadora em relação aos fenômenos da vida, isto é, às relações sociais. Lembramos, com Mey (2001, p. 315), que a palavra “crítica” tem tradição nas Ciências Sociais.

Ao refletir sobre a necessidade de conduzir os estudos da linguagem com base em uma postura crítica, Rajagopalan (2007) ressalta que pesquisas linguísticas ainda têm tímidas iniciativas no que se refere a perceber que a linguagem funciona como algo mais que um simples espelho da mente humana. Para este autor (*ibidem*), a linguagem constitui-se em “importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas as constantes lutas” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 16).

Nesse sentido, Rajagopalan (2007) faz uma crítica à noção de crítica e retoma o conceito de autofagia presente nos primeiros críticos de Frankfurt: de que é necessário ser crítico de si mesmo quanto às próprias práticas. Por exemplo, trazendo essa proposição para esta pesquisa, fundamentar uma análise discursiva na teoria proposta de Fairclough (2001, 2003) exige do meu papel como pesquisadora a percepção de que pesquisar representações de MGSP, em práticas discursivas, é uma oportunidade de assumir um posicionamento sociopolítico engajado. E sendo um posicionamento, realizar o exercício de análise crítica pressupõe, senão um conviver com a transformação, ao menos, um estabelecer de mudanças como um horizonte social possível, mesmo quando não realizado. Desse modo, é preciso estar disposto à transformação e a perceber que as bases ideológicas a partir das quais se representam os atores sociais não são definitivas e nem imutáveis. Significados sociais, como as

representações de MGSP, são socialmente reproduzidos com viés ideológico. Assim, a crítica pressupõe escolha e admite o valor da diversidade.

Ainda sobre o sentido da palavra crítica, é possível depreender que a designação de Linguística Crítica apresentada por Rajagopalan (*op cit*) está muito mais alinhada a uma consciência crítica por parte dos pesquisadores da área que, propriamente, a uma nova proposta de produção de conhecimento científico. Segundo o autor (*op cit*)

A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta. (RAJAGOPALAN, 2007, p. 16)

Ao mencionar o que caracteriza a tomada da consciência crítica, esse autor também afirma que pesquisas envolvendo linguagem devem ir muito além da mera descrição estruturalista. Nesse sentido, pretende mostrar que a linguagem é mais uma dimensão da vida humana, assim como a cultura, a vestimenta, os hábitos, entre outros aspectos que constituem a identidade de uma sociedade. Por isso, não parece produtivo investigá-la isoladamente e nem de forma neutra.

Para Fairclough (2001), o discurso deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que pode contribuir para transformar o mundo e transformar os outros indivíduos no mundo. Desse modo, segundo a Teoria Social do Discurso, proposta por esse autor (*op cit*), os analistas que se propõem a fazer estudos em ADC devem formular pesquisas que exerçam ações de contrapoder e contraideologia, práticas de resistência à opressão social. Segundo Fairclough (2001), a análise pode ser chamada de crítica por “ter o objetivo de mostrar maneiras não-óbvias pelas quais a língua envolve-se em relações sociais de poder e dominação e em ideologias” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 229). Por isso, para ele, o analista que, em uma pesquisa, assume uma postura de neutralidade diante das estruturas sociais, assume o risco de tornar-se cúmplice de tais estruturas.

Nesse sentido, van Dijk (2010, p. 15) defende que o perfil crítico nos Estudos do Discurso está fortemente relacionado ao aspecto de dominação coletiva “abuso de poder social por um grupo social”, cujo objetivo da investigação visa a proporcionar

mudanças que superem relações assimétricas de poder. Também esse autor esclarece que os estudos críticos do discurso não são neutros, mas posicionados no engajamento em favor de grupos marginalizados na sociedade. Sendo assim, de acordo com van Dijk (2010, p. 15), o perfil crítico de pesquisas com foco no discurso revela-se quando:

- relações de dominação são estudadas principalmente na perspectiva do grupo dominado e do seu interesse;
- as experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante;
- pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas;
- podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados” (VAN DIJK, 2010, p. 15).

Refletindo sobre a ADC em suas relações com a Ciência Social Crítica, é possível perceber que o ponto comum entre as duas converge para o entendimento de que o mundo é constituído pela atribuição de sentido que os atores sociais imputam a ele. Sendo assim, as duas áreas pressupõem a Pesquisa Social Crítica como um instrumento político contra a injustiça social, uma vez que, sem levar em consideração a intenção dos sujeitos, a interação subjetiva e a atribuição de sentido aos objetos, não existem condições para explicar o processo de produção do discurso e dos sentidos. A esse respeito, consoante Fairclough, “[...] a atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas” (FAIRCLOUGH, 1985, p. 747 *apud* MAGALHÃES, 2005).

Desse modo, a Linguística Crítica é uma das fundamentações teóricas que inspiraram a ADC. Nesse sentido, dada a dimensão social e a noção de crítica a partir da Ciência Social Crítica e da Linguística Crítica, a ADC configura-se como uma abordagem científica de grande potencial para a realização de pesquisas sociais. Assim, no tópico seguinte, abordo os potenciais de algumas bases teóricas no sentido de tecer relações entre o social, o discursivo e o textual.

1.3.1 Bases teóricas e tessituras entre o social, o discursivo e o textual

Para Fairclough (2003, p. 26-27), a LSF é bastante adequada para dialogar com a ADC por estar "profundamente interessada na relação entre linguagem e outros elementos e aspectos da vida social, e pelo fato de sua abordagem quanto à análise linguística de textos possuir uma orientação social". (FAIRCLOUGH, 2003, p.5).

Como propõe Halliday (1994), os textos realizam, de forma simultânea, três metafunções. Uma delas é a ideacional, em que, através dos textos, são representados aspectos do mundo exterior, de modo histórico, social e culturalmente situado e do mundo interior relativo à consciência, que pode ser representado por meio de escolhas, como nos mostra a proposta do sistema de transitividade que é utilizado para organizar as representações da consciência. Outra metafunção é a interpessoal, em que os textos desempenham relações sociais entre os participantes de um evento social, assim como as atitudes, crenças e valores desses participantes. Isso, para a LSF, pode ser identificado por meio de papéis atribuídos aos participantes de processos discursivos e pelas escolhas que modalizam esses processos, por exemplo, nos sistemas de modo (estruturas no imperativo, no interrogativo, no indicativo) e modalizações (verbos modais e outros elementos modalizadores). Por último, há a metafunção textual, em que a linguagem e os textos possibilitam a construção de mensagens relacionadas aos contextos situacionais, por meio do sistema temático. Nesse sentido, "Para um linguista, descrever a linguagem sem levar em conta o texto é estéril; descrever o texto sem relacioná-lo à linguagem é vazio" (HALLIDAY, 2003, p. 196), isto é, o texto, na perspectiva sistêmico-funcional, é visto como um espaço multifuncional, o que se alinha à ideia de discurso como mais um momento constitutivo das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 1999, 2001, 2003).

Assim, enquanto Halliday (1994) entende os textos como espaços multifuncionais em que se pode identificar as metafunções ideacional, interpessoal e textual, Fairclough (2003) opta por falar em três principais tipos de significados do texto. Segundo Fairclough (2003), os textos refletem e constroem significados, ou seja, remetem a formas de representar, formas de agir e formas de ser. Além disso, os textos estão ligados ao evento social no qual são gerados, aos atores sociais participantes desse evento, bem como ao contexto físico e social. Nessa perspectiva, Fairclough (2003)

ressalta não as funções dos textos, mas os diferentes significados criados, reproduzidos ou alterados por eles em relação ao texto e ao evento social, ao mundo físico e social e às pessoas envolvidas no evento. Para Fairclough (2003, p. 27), os três grandes grupos de significados textuais são: representacionais, os quais correspondem à metafunção ideacional; acionais, que correspondem à metafunção interpessoal, e identitários, que correspondem à função textual. Cabe especificar que, para Fairclough (2001), o que Halliday (2004) chama de função interpessoal pode ser dividida em dois grupos de significados: os acionais, correspondentes às relações sociais estabelecidas por meio do texto, e os identitários, correspondentes às formas de ser, bem como às identidades sociais constituídas pelos textos.

Desse modo, dado o alinhamento da proposta deste estudo à metafunção ideacional, não me deterei quanto às demais metafunções. Em vez disso, enfatizarei à metafunção ideacional por meio do detalhamento a respeito do sistema de transitividade, o qual constitui uma das categorias para análise dos dados.

Contudo, antes de passar à apresentação das categorias linguístico-discursivas selecionadas para a realização das análises de representações relativas às MGSP em micronarrativas de vida, em notícias e em comentários eletrônicos, discuto, no tópico a seguir, as conexões entre gêneros textuais como práticas particulares e relações de poder.

1.3.2 Gêneros textuais e relações de poder

Segundo Fairclough (2003, p. 75), gêneros textuais como práticas particulares de interação constituem tipos específicos de relações sociais, podendo sugerir, inclusive, hierarquia e distância social entre as pessoas. Assim, no **Capítulo 3** desta tese, apresento uma análise linguístico-discursiva de como se dá a representação de MGSP em três gêneros textuais: micronarrativas de vida das MGSP; notícias eletrônicas sobre eventos envolvendo MGSP; e comentários eletrônicos a respeito dessas notícias. Estes dois últimos gêneros foram veiculados em portais midiáticos de ampla circulação nacional. Para isso, foi preciso ampliar a minha visão sobre os gêneros textuais. Os gêneros passaram a ser vistos como práticas particulares da realidade social em relações

de poder, ou seja, como discursos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano e pelos quais somos afetados.

A respeito do que se propõe a realização de uma pesquisa social cuja abordagem é a ADC e as práticas particulares analisadas são materializadas em termos de gêneros textuais, Fairclough (2003) afirma que gêneros são “o aspecto especificamente discursivo das formas de agir e de interagir no curso de eventos sociais.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65). Assim é que, para este autor (*ibidem*), ao analisar um texto, em termos de gênero, estamos “perguntando como ele figura e como ele contribui para a ação social e interação em eventos sociais.” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65).

Segundo Koch (2007), os gêneros textuais, como práticas sociocomunicativas, são “dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros.” (KOCH, 2007, p. 101). Essa dinamicidade contribui para uma extensa lista de gêneros textuais que a autora chama de “transmutações”, isto é, novos gêneros textuais decorrentes das variações de gêneros textuais tradicionais. Essas “transmutações” decorrem da internet como a ferramenta mais abrangente dos processos de globalização na atualidade, bem como de suas recorrentes invenções tecnológicas. Por isso, vemos o aumento significativo de portais midiáticos, em que são veiculados diversos gêneros textuais diariamente. Assim, podemos pensar nos gêneros textuais “notícia eletrônica” e “comentário eletrônico” como exemplos dessas “transmutações” dos gêneros “notícia impressa” e “carta de opinião”, respectivamente. E esses gêneros se fazem necessários por serem representativos da visão do “outro”. Passo a abordar os gêneros textuais que compõem o *corpus* deste estudo: micronarrativas de vida, notícias eletrônicas e comentários eletrônicos.

Micronarrativas de vida

Nesta pesquisa, a análise de discurso crítica que me proponho a realizar a partir das micronarrativas de vida das colaboradoras tem como pano de fundo as experiências de vida das MGSP. Para tanto, as micronarrativas são entendidas como narrativas de curta extensão cujo mote são relatos sobre experiências de vida. Assim, para analisar as

interações, bem como para investigar as representações autoatribuídas nos discursos das colaboradoras, faço incursões em conceitos da Sociologia e da Psicologia Social.

Nesse sentido, Bateson (1998) indica que nenhuma elocução do discurso pode ser compreendida sem fazermos uma referência à metamensagem da orientação discursiva, pois esta contém um conjunto de instruções para o ouvinte, da mesma forma como uma moldura em torno de um quadro representa um conjunto de instruções dadas ao observador indicando para onde dirigir o seu olhar. Sendo assim, a metamensagem contribui para a delimitação ou representação da classe ou conjunto de mensagens ou ações significativas que estão presentes no discurso dos interlocutores.

A micronarrativa de vida possibilita ao narrador pensar e refletir sobre si. Geralmente, nesse tipo de retrospectiva, “os eventos da história de vida são relatados, por princípio, na forma como foram vivenciados pelo narrador enquanto ator” (SCHUTZE *apud* FLICK, 2009b, p. 167) e, como enfatiza Passeggi (2006), “[...] cada autor desconstrói e reconstrói representações desse universo cultural [referindo-se à identidade e relações de poder dentro do sistema prisional], numa articulação dialética entre situação pessoal e estrutura institucional” (PASSEGGI, 2006, p. 66).

O acesso às micronarrativas de vida das gestantes em situação prisional é uma possibilidade da obtenção de versões mais ricas de eventos e experiências vivenciados por elas no que se refere às suas trajetórias de vida até o momento em questão e, também, de análise da maneira como cada uma irá lidar com as representações discursivas por meio de práticas discursivas. Além disso, considero que narrar a própria história em forma de micronarrativas pode ser uma maneira de levar as participantes a uma reflexão sobre as representações autoatribuídas, pois “assume-se o risco de colocar em jogo nessa tarefa a imagem de si, a imagem que os outros fazem de si, a imagem de si para si mesmo” (PASSEGGI, 2006, p. 71).

Notícias eletrônicas

A complexidade da realidade contemporânea globalizada exige que assumamos diferentes identidades que, como alerta Woodward (2008, p. 30), podem estar em conflito. Um dos efeitos desses possíveis conflitos é o processo de desencaixe, que implica, muitas vezes, marginalização, exclusão e diferença. Desse modo, na contemporaneidade, é relevante buscar compreender as implicações de como os atores

sociais são representados, no sentido de “encontrar a si mesmos”, uma vez que, como afirma Hall (2000), as identidades são percebidas como um construto inacabado, em constante construção e transformação. Além disso, identidades são constituídas pelo próprio indivíduo e pelo “outro”.

Consoante Woodward (2008) e Hall (2000), e percebendo o discurso como forma de ação social fortemente ligado às constituições identitárias, cabe ressaltar o discurso jornalístico como um exemplo de discurso social institucionalizado. Segundo van Dijk (1997), o discurso jornalístico, por meio do uso de estratégias, consiste em construir a opinião para o seu público e, assim, dominar esse público de acordo com os seus propósitos e interesses, de forma a garantir sua ideologia. Nesse sentido, ainda de acordo com van Dijk (1997), o discurso jornalístico é orientado pelas categorias discursivas “poder”, “controle” e “acesso”. A categoria do poder é exercida, geralmente, pelos donos da empresa-jornal que podem tomar decisões e fazer imposições ideológicas aos leitores. Para isso, a categoria controle é exercida por profissionais, como o jornalista, o redator, o redator-chefe, que têm a incumbência de expressar os acontecimentos de modo a garantir a ideologia do jornal como instituição, isto é, de forma a colocar em prática as decisões determinadas pelo poder. A categoria acesso, por sua vez, é exercida por profissionais, como o revisor e o diagramador cuja função é deixar as notícias em um formato pronto para que o jornal seja distribuído aos leitores. Sendo assim, antes de se tornar acessíveis aos leitores, as notícias passam rigorosamente por estas três instâncias: poder, controle e acesso.

A notícia é o gênero textual mais recorrente do discurso jornalístico. Neste estudo, tomarei por foco o gênero notícias eletrônicas como exemplo de ação discursiva em que atores sociais são representados. Nesse sentido, podemos perceber que a *Internet* se constitui em um espaço ideal para difundir o discurso jornalístico, por meio do jornalismo eletrônico que, segundo Squirra (1998), é “um fenômeno midiático recente que surge no bojo das transformações decorrentes da disseminação das novas tecnologias de comunicação, no caso, a *Internet*” (SQUIRRA, 1998, p. 20 *apud* BACELAR, 2013, p. 5). Dado o formato de veiculação dos textos, bem como o amplo alcance, no jornalismo eletrônico, é evidenciada a relação entre gêneros textuais e relações de poder.

Nesse sentido, van Dijk (1990, p. 86) propõe um esquema textual para o gênero notícia que se alinha com o esquema textual que costuma orientar as características textuais de notícias eletrônicas quanto ao relato de acontecimentos e elenca algumas categorias básicas, mas não obrigatórias: sumário, relato jornalístico e reações verbais. Ilustro estas categorias, usando uma das notícias analisadas nesta tese (ANEXO II), conforme **Figura 4**.

The image shows a screenshot of a news article from g1.globo.com. The article title is "Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF". The article text includes a sub-section "saiba mais" with several headlines, a quote from Paulo Figueiras, and a paragraph about the prison conditions. On the right side, there are two blue boxes with white text and lines pointing to specific parts of the article. The top box is labeled "SUMÁRIO:" and contains the words "título", "lide", and "foto". The bottom box is labeled "RELATO JORNALÍSTICO:" and contains the words "episódio", "comentários", and "consequências".

Figura 4 - Categorias textuais de van Dijk (1990) no gênero notícia eletrônica

Com base em van Dijk (1990, p. 87) e de acordo com o que nos mostra a **Figura 4**, a categoria sumário abrange o título e o lide que topicalizam o acontecimento

principal da notícia. Este evento principal é apoiado pela foto. A categoria relato jornalístico abriga episódio e comentários, ou seja, o evento ocorrido e a interpretação desse evento. A subcategoria episódio, por sua vez, abrange o evento noticiado e suas consequências. As reações verbais relativas às consequências consistem nas citações de atores sociais cujos discursos são relevantes para a notícia.

Outro aspecto relevante a respeito do gênero notícia são os papéis assumidos pelo autor. Fairclough (2003, p. 12) endossa Goffman (1988), ao se referir ao autor como aquela pessoa a quem, de um lado, é atribuído o papel principal de se colocar no texto, uma vez que, este é o responsável pelas escolhas lexicais e pelas formas de organizar as informações. Por outro lado, o autor pode estar apenas exercendo o papel de porta-voz, ao passo que a notícia, mesmo sendo de sua autoria, pode ter no papel principal um político, por exemplo, a quem o jornal apoia implicitamente. A esse respeito, é interessante observamos que nas notícias publicadas pelo Portal G1, a respeito das MGSP (ANEXO II), os textos não são assinados por um autor. Isso pode endossar uma certa (in)visibilidade do jornalista que, segundo Fairclough (2003) e Goffman (1988) assume apenas o papel de porta-voz do poder cultural ou simbólico de autoridades que, neste caso, exercem o papel principal nos eventos noticiados. A respeito das influências e efeitos da notícia como gênero textual formador de opinião, é notável o seu potencial para a produção de significados e, por conseguinte para as relações de poder.

A propósito da relação entre gêneros textuais e relações de poder, Thompson (2004) afirma que, na sociedade, o poder se manifesta por meio de quatro formas: econômica, política, coercitiva e cultural ou simbólica. Segundo Thompson (2004), a mídia se insere entre as instituições sociais que mais exercem o poder cultural ou simbólico. Tal forma de poder concerne à “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 2004, p. 24). E um dos gêneros textuais mais utilizados pela mídia para exercer este poder cultural ou simbólico é a notícia.

Comentários eletrônicos

Os comentários eletrônicos, segundo Balocco (2016), são “textos opinativos, em que os locutores expressam seus pontos de vista em relação a temas veiculados no jornal” (BALOCCO, 2016, p. 425). Para Herculano (2011), os comentários eletrônicos são um processo natural de transposição de gêneros textuais como cartas do leitor e afins, moderadas e submetidas aos critérios da empresa-jornal, para a *Internet*, como um espaço sem tantos critérios e moderações como pressupostos para expressão de opinião.

No entendimento de Herculano (2011), “O formulário de comentários pode ser entendido como uma espécie de livro de visitas assinado apenas pelo visitante que assim desejar” (HERCULANO, 2011, p. 3). Entretanto, para que este visitante, no caso, o leitor possa deixar sua opinião, algumas características textuais precisam ser atendidas, como descreve Herculano (2011): informação do nome que pode ser fictício ou não, ficando a critério do leitor-comentador; endereço de e-mail que, dependendo do site, pode ser divulgado ou não e que também que pode ser fictício ou não; idade, cidade, profissão (fictícias ou não) que aparecem recorrentemente nos portais de notícias, embora não sejam informações obrigatórias; postagem de texto que atenda à quantidade pré-estabelecida de caracteres. Outro ponto interessante é que, depois de postado, o comentário eletrônico só pode ser editado pelo leitor-comentador. No entanto, só pode ser apagado pelo moderador do site. Data e horário das postagens dos comentários ficam registrados.

É possível responder aos comentários eletrônicos de modo a tecer críticas, elogios, sugestões e correções sobre o evento noticiado ou sobre erros ortográficos, por exemplo. Para Herculano (2011), isso se dá porque “O comentário, por ter o poder de ofender, às vezes, não é bem quisto pelos jornalistas, que tendem a se sentir lesados publicamente, enquanto o comentarista conta com a proteção do anonimato.” (HERCULANO 2011, p. 3). Esta pode ser uma das razões para que autores de notícias divulgadas em alguns portais de ampla circulação, não divulguem os nomes dos autores dos textos.

A respeito das relações entre os comentários eletrônicos e o jornalismo eletrônico, Herculano (2011) afirma que o jornalismo precisa se habituar à presença do “outro” (do leitor-comentador) como constituinte do processo de criação, já que “Não se

vive mais no mundo de ‘apenas emissores’ e ‘apenas receptores’, como se julgou no passado.” (HERCULANO, 2011, p. 4). Em outras palavras, os espaços para postar comentários eletrônicos fazem dos leitores de notícia não só receptores, mas também, potenciais emissores, ao assumirem o papel de leitores-comentadores. Nesse sentido, van Dijk (2012) destaca que, como leitores de notícias, nós não nos contentamos em construir nossa versão pessoal sobre os acontecimentos com base no texto. Nesse sentido, destaca que

A natureza mental e subjetiva dos modelos mentais também explica porque os modelos mentais não se limitam a representar os fatos tais como os participantes os veem, mas também opiniões e emoções (VAN DIJK, 2012, p. 94).

Além disso, como atendimento a uma necessidade de representar, “formamos crenças que valem por avaliações, ou seja, formamos opiniões a respeito dos acontecimentos” (VAN DIJK, 2012, p. 94) e dos atores sociais envolvidos. Estas opiniões estão normalmente associadas com emoções como tristeza, raiva e indignação. Nessa perspectiva, podemos perceber a forte relação entre opiniões, emoções e ideologias por meio do gênero textual comentário eletrônico.

Assim, podemos entender que os comentários eletrônicos são postagens de opiniões de leitores-comentadores a respeito de acontecimentos noticiados em portais digitais de notícias de ampla circulação. Esses comentários constituem um gênero textual muito recente e se assemelham ao gênero cartas do leitor, com o diferencial de que não são editados pelo jornal e ficam disponíveis para que outros leitores aprovelem ou desaprovelem as opiniões postadas ou que leitores-comentadores respondam aos comentários e estabeleçam, assim, uma interação. Retomando Fairclough (2001, 2003), podemos dizer que os comentários eletrônicos são práticas particulares de agir e de representar a realidade social. No entanto, como alerta Balocco (2016), os comentários eletrônicos “textualizam-se na forma de um discurso polêmico, que se caracteriza pela tentativa de desconstrução do outro, com farta ocorrência de violência verbal (insultos, injúrias, xingamentos, desqualificação do outro)” (BALOCCO, 2016, p. 427). No caso dos comentários eletrônicos analisados, podemos perceber práticas discursivas que contribuem para naturalizar a exclusão do ator social MGSP.

Desse modo, no tópico a seguir, passo à apresentação das categorias linguístico-discursivas selecionadas para a realização das análises de representações relativas às

MGSP em micronarrativas de vida, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos.

1.3.3 Categorias analíticas

Neste estudo, as análises são realizadas com o intuito de articular aspectos discursivos, textuais e sociais. Com isso em mente, é a partir das micronarrativas de vida, das notícias eletrônicas e dos comentários eletrônicos, que busco alcançar essa articulação entre aspectos sociais, textuais e discursivos. Para tanto, seleciono algumas categorias linguístico-discursivas, as quais, segundo Ramalho e Resende (2011). “[...] auxiliam o mapeamento de relações dialéticas entre o social e o discursivo, permitindo a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais, e vice-versa” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 111). São elas: a) o sistema de transitividade; b) redes de representações de atores sociais e c) sistema de avaliatividade.

a) Sistema de Transitividade

Neste estudo, o sistema gramatical de transitividade, da Gramática Sistêmico-Funcional, GSF (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) é uma das propostas teóricas que embasam as análises dos dados. Para fins analíticos, a GSF propõe categorias para estudo do discurso no nível da oração, isto é, no nível léxico-gramatical. Essas categorias constituem o que os autores (*ibidem*) denominam como sistema gramatical de transitividade.

Como vimos, segundo a perspectiva da LSF, proposta por Halliday (1994) e por Halliday e Matthiessen (2004), ao fazermos uso da linguagem para nos comunicarmos com o “outro”, realizamos, simultaneamente, três metafunções, ou seja, três tipos de significados: a metafunção interpessoal; a metafunção experiencial ou ideacional e a metafunção textual. Em função de o foco desta tese serem as representações de MGSP, darei maior ênfase à metafunção ideacional ou experiencial, apesar de considerar que, em diversos momentos, esses três significados se tocam. Para tanto, é preciso reconhecer os diferentes tipos de processos que, segundo proposto por Halliday (1994) e explicitado por Halliday e Mathiessen (2004, p. 171, 172), podem ser representados em forma de círculo e destacados por diferentes cores, conforme a **Figura 5**, abaixo.



Figura 5 - Tipos de processos
Fonte: Halliday (1994, p. 108), com adaptações

A representação dos processos em forma de círculo, conforme a **Figura 5** e segundo a explicação de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004, p. 171-172), indica a construção da experiência pela gramática de forma contínua. As cores primárias, ou seja, aquelas que não podem ser criadas a partir da combinação de outras cores, vermelho, azul e amarelo indicam os três principais tipos de processo no sistema da transitividade. São eles os processos materiais, mentais e relacionais. As cores secundárias, isto é, novas tonalidades que podem ser criadas a partir da combinação das cores primárias, indicam os processos considerados secundários. São eles os processos verbais, comportamentais e existenciais, ilustrados pelas cores verde (azul com amarelo ou mental com relacional), roxo (azul com vermelho ou mental com material) e laranja

(amarelo com vermelho ou relacional com material), conforme (HALLIDAY, 1994, p. 108) e (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171-172).

A respeito de caminhos para começar uma análise com base na GSF, Martin, Matthiessen e Painter (2010) nos explicam que a unidade mais importante para uma análise da GSF é a oração. No entanto, para identificar orações, é preciso dividir o texto e, basicamente, existem três abordagens para fazê-lo: por meio da metafunção ideacional ou experiencial, da metafunção interpessoal e da metafunção textual.

Uma abordagem pode ser por meio do que Halliday (1994) chama de metafunção ideacional ou experiencial. Isso implica olhar para os processos – funções que nomeiam os eventos que ocorrem –, por exemplo, (ir, cozinhar, pensar, dormir, entre outros) ou as relações entre as coisas (é, parece, tem e assim por diante). Após dividir o texto em processos, tudo o que acompanha esses processos (como quem fez o quê a quem, onde, quando, como, porquê etc.) é relevante. Assim, é fundamental considerar os participantes (ator, experienciador, dizente, comportante, entre outros) e circunstâncias (localização, modo, extensão, entre outras) como categorias semânticas por meio das quais o falante expressa sua experiência de mundo. Se o analista tiver alguma ideia do significado de um verbo, logo entenderá que os processos realizam-se pelo uso de verbos. Martin, Matthiessen e Painter (2010) fazem um alerta de que alguns processos poderão ser lembrados da perspectiva da gramática tradicional, em que os verbos indicam ações. Isso pode ser útil, desde que o analista tenha em mente que muitos verbos, como (ser e ter) referem-se a relações e não a ações.

Uma segunda forma de análise pode ser por meio do que Halliday (1994) chama de metafunção interpessoal. Implica ver a oração como uma troca, cujos propósitos se dividem em dar ou solicitar informação ou em dar ou solicitar bens e serviços. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 107), associados a esses propósitos, existem quatro funções discursivas que, por sua vez, estão associadas a estruturas léxico-gramaticais específicas: declaração (ao dar informações, as orações são utilizadas como proposições, por meio de orações declarativas), pergunta (ao solicitar informações, são utilizadas orações interrogativas); oferta (ao oferecer bens e serviços, podem ser utilizadas proposições com função semântica distinta da que se percebe na oração como troca de informações), ordem (ao solicitar bens e serviços, podem ser usadas orações com função semântica de ordem, pedido, ou seja, de orações no modo imperativo).

Basicamente, isso implica dividir o texto em termos de orações que possam ser questionadas, com as quais o analista possa interagir, a partir das quais, o analista possa argumentar, conforme Martin, Matthiessen e Painter (2010).

Ainda na proposta da GSF, dentro da metafunção interpessoal, é importante tratar a respeito de duas categorias: a da modalidade e da polaridade. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 328), polaridade se refere à oposição entre os polos positivo e negativo. A esse respeito, Fuzer e Cabral (2014) nos explicam que, geralmente, a polaridade é expressa por meio de um elemento finito que pode assumir uma forma positiva (é, foi, está, tem, pode) ou uma forma negativa (não é, não foi, não está, não tem, não pode) ou por meio do uso de adjunto modal de polaridade (sim, claro, não). Quanto às orações interrogativas, estas requerem informações do tipo (sim/ não) relativas à polaridade. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), “as reações e opiniões podem se situar em níveis intermediários, desde o menos negativo até o menos positivo” (FUZER E CABRAL, 2014, p. 112). E são justamente esses níveis que situam os discursos entre o polo negativo e o positivo, constituindo o que Halliday e Matthiessen (2004) identificam como modalidade. Assim, a modalidade está relacionada à distinção entre dar ou solicitar informação ou em dar ou solicitar bens e serviços e pode ser entendida como “um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam um opinião ou fazem julgamento” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 114).

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), há dois tipos de modalidade: modalização epistêmica e modalidade deôntica. Na modalidade epistêmica, o grau de probabilidade varia do sim ao não e também ocorrem os graus de probabilidade, como (possivelmente, provavelmente, certamente) e os graus de usualidade, como (usualmente, sempre). Na modalidade deôntica, ocorre a avaliação do grau de polaridade e há também dois tipos de possibilidades intermediárias, sendo: graus de obrigação (permitir, supor, dever) e graus de inclinação (querer, ansiar, desejar). Assim, para Halliday e Matthiessen (2004), a modalidade ocorre entre os graus intermediários situados entre os polos positivo e negativo, ou seja, entre o sim e o não. Nesta pesquisa, a modalidade epistêmica será priorizada em função de seu potencial em “apresentar o valor do julgamento que está sendo emitido” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 115). Em

outras palavras, pelo seu potencial em indicar o grau de engajamento dos atores sociais com relação às representações que emergem de seus discursos.

Uma terceira abordagem pode ser por meio do que Halliday (1994) chama de metafunção textual. Isso implica ver a oração como mensagem, ou seja, como uma estrutura organizada pelo falante para expressar uma mensagem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 299), a organização dessa mensagem no texto abrange duas estruturas: a estrutura da informação e a estrutura temática. A estrutura da informação consiste na organização do texto com a inserção de um elemento novo (dato) seguido por um elemento sobre o qual já se sabe (dato). A estrutura temática envolve a função do tema que consiste na escolha léxico-gramatical, que o falante faz para se expressar, e a função rema, que é relativa às novas informações, ou ainda, a tudo que não faz parte do tema.

Depois de ter dividido o texto em orações, é possível passar a analisá-las detalhadamente, com base na identificação das partes funcionais – processos, participantes, circunstâncias – de cada uma, conforme as três metafunções propostas por Halliday (1994): ideacional, interpessoal e textual. Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a “transitividade é um sistema da oração que afeta não apenas o verbo que serve como processo, mas também os participantes e as circunstâncias” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 181).

Nesse sentido, conforme Halliday e Matthiessen (2004), o sistema gramatical de transitividade é relativo à metafunção ideacional ou experiencial, a qual implica ver a oração como representação. Para tanto, são necessárias três funções: a do processo, a dos participantes envolvidos nesse processo e a das circunstâncias relativas a esse processo. A esse respeito, conforme Halliday e Matthiessen (2004), no **Quadro 2**, sintetizo, em termos de significados, algumas das relações entre as categorias semânticas “processo” e “participantes”.

Quadro 2 - Sistema gramatical de transitividade

Processos	Significados	Participantes
Materiais	No nível do “fazer” e do “acontecer”, constroem ações e eventos para expressar experiências do mundo exterior e interior.	Ator, Meta, Recebedor, Alvo
Mentais	No nível do “sentir”, “perceber”, “conhecer” e “desejar”, constroem o	Experienciador, Fenômeno

	mundo da consciência.	
Relacionais	No nível do “ser” e “estar”, constroem processos que identificam e caracterizam personagens, cenários e coisas.	Portador, Atributo Identificado, Identificador
Verbais	No nível do “dizer”, constroem relações simbólicas, representando o mundo da consciência por meio da língua.	Dizente, Receptor, Alvo, Verbiagem
Comportamentais	No nível do “comportar-se”, constroem a expressão de processos internos: fisiológico e psicológico.	Comportante
Existenciais	No nível do “existir”, constroem a representação de algo que existe ou acontece.	Existente

As circunstâncias, por sua vez, ao possibilitarem a descrição de especificidades de como os processos se realizam, complementam os significados da oração. Como nos explicam Fuzer e Cabral (2014, p. 53), “em termos de significado, circunstâncias associam-se aos processos referindo localização de eventos no tempo (quando?) ou espaço (onde?), modo (como?) ou causa (por quê?)”.

Assim, para Halliday e Matthiessen (2004), o sistema gramatical de transitividade está diretamente relacionado à oração. Sendo assim, não se restringe ao verbo que serve para materializar os processos, mas afeta também os participantes e as circunstâncias. Conforme o tipo de processo realizado, a função semântica exercida pelos participantes varia, por isso é necessária uma análise detalhada das relações lógico-semânticas estabelecidas entre os complexos oracionais.

Em síntese, cada uma das metafunções se ancora em um sistema. Assim, a metafunção ideacional se ancora no sistema de transitividade, a textual se ancora nos sistemas temáticos e de informação e a metafunção interpessoal se ancora no sistema de modo.

b) Redes de Representações de Atores Sociais

Para o levantamento dos possíveis modos de representar os atores sociais, van Leeuwen (1997) propõe “um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados, e dessa forma uma análise de discurso das representações sociais pode estabelecer a relevância sociológica e crítica” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 169) de eventos e práticas sociais.

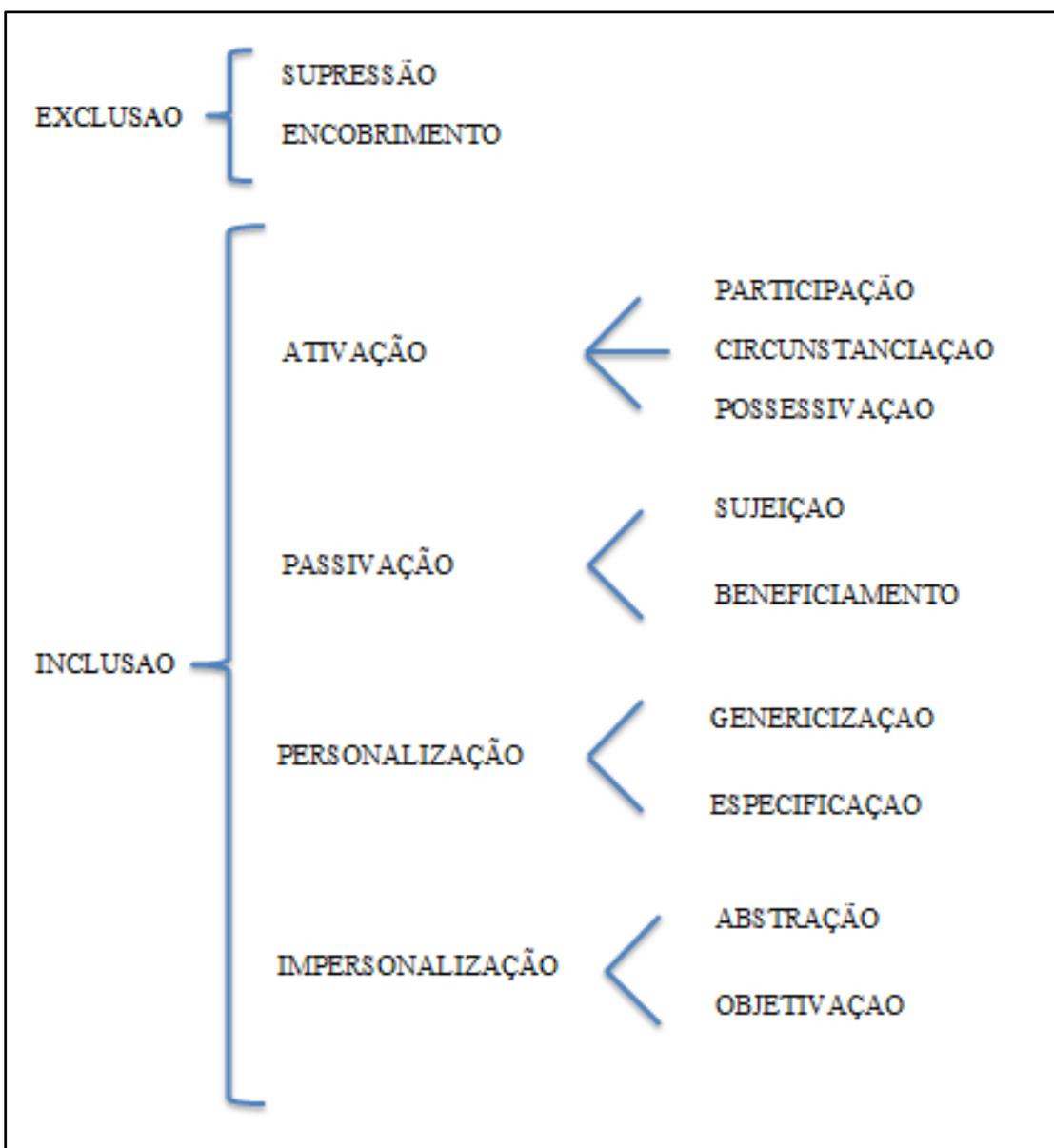


Figura 6 - Síntese de categorias para representação dos atores sociais no discurso, com base em Van Leeuwen (1997, p. 219)

Nesse sentido, a exclusão pode ocorrer por supressão ou por encobrimento. A supressão, que corresponde a excluir totalmente os atores sociais, ocorre, por exemplo, com o uso de estratégias discursivas, como apagamento do agente da passiva, uso de orações infinitivas como atores de processos discursivos, uso de nominalizações, uso de adjetivos. O encobrimento que corresponde a colocar o ator de processos discursivos em segundo plano, ou seja, em apagá-lo parcialmente do discurso, também ocorre por meio, por exemplo, do uso de elipses e de estratégias discursivas para excluir por supressão.

Outro ponto importante é que a exclusão de atores sociais pode acontecer de modo a impedir ou a dificultar o acesso do interlocutor a certas informações ou de se pressupor que o que está ausente já é compartilhado pelo interlocutor pretendido.

Na **Figura 6**, sintetizo as categorias de inclusão e exclusão consideradas para a análise de micronarrativas, de notícias e de comentários eletrônicos. Em complementação às formas de representação dos atores sociais no discurso (VAN LEEUWEN, 1997), conforme sintetizado na **Figura 6**, acima, Fuzer (2010) especifica as relações entre essas categorias sociológicas da Representação de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1998) com as estratégias discursivas embasadas pela LSF (HALLIDAY, 1994).

Assim, de acordo com a **Figura 6** e conforme as especificações de estratégias linguístico-discursivas (FUZER, 2010), a inclusão pode se dar de formas variadas, por: ativação, passivação, genericização, especificação, personalização e impersonalização. A inclusão por ativação corresponde ao uso de estratégias discursivas, como o uso de escolhas léxico-gramaticais que denotam papéis gramaticais participantes de ator, comportante, dizente, experienciador e uso de circunstâncias para representar o ator social como força ativa em relação aos processos discursivos. A inclusão por passivação corresponde a representar o ator social se sujeitando ao processo discursivo ou sendo afetado por ele e pode ocorrer por meio do uso de estratégias, como escolhas léxico-gramaticais que denotam papéis gramaticais participantes de fenômeno, meta, portador. A inclusão por personalização pode realizar-se por genericização ou por especificação. Inclusão por genericização consiste em representar os atores como classes, por meio de estratégias discursivas, como uso de plural sem artigo definido, uso de singular com artigo definido e uso de verbos no tempo presente, indicando ações recorrentes. A inclusão por especificação pode ocorrer por individualização ou por assimilação. Individualização se realiza por meio de escolhas discursivas que destacam a singularidade do ator social, como escolhas léxico-gramaticais que denotam dados identificadores. A assimilação, por sua vez, pode ocorrer por coletivização ou por agregação. A assimilação por coletivização se realiza quando as estratégias discursivas denotam pluralidade, como o uso de substantivo indicando grupos de pessoas. A assimilação por agregação se realiza por meio de escolhas léxico-gramaticais que denotam quantificação, por exemplo, grande parte, maioria significativa, minoria. Em

síntese, a inclusão por personalização corresponde à diferenciação de atores sociais, identificando-os como indivíduos ou como grupos. Esta categoria pode ser realizada por funcionalização (papéis gramaticais em razão da profissão, função desempenhada pelo ator social), parentesco papéis gramaticais em razão de filiação ou de tipo de parentesco) e espacialização (papéis gramaticais em razão de lugares específicos). Por último, a inclusão por impersonalização pode ser realizada por abstração (atores sociais representados em razão de suas características) e por objetivação (atores sociais representados com base em referenciais metonímicos).

c) Sistema de Avaliatividade

A Teoria da Avaliatividade é proposta por Martin e White (2005). Segundo os autores (*ibidem*), a avaliatividade é um sistema linguístico-discursivo que possibilita ao leitor perceber estratégias, empregadas por autores de um texto, de avaliação de comportamento do “outro”. Esse entendimento também é demonstrado por Vian Jr. (2010) ao evidenciar que a avaliação de comportamento do “outro” é uma forma de estabelecer relações de poder.

O modo como construímos e realizamos linguisticamente nossas avaliações veicula a forma como expressamos nossos sentimentos em relação aos usuários nos contextos em que estamos inseridos, ou seja, os significados avaliativos expressados ao construirmos os sentimentos em nossos textos será um fator determinante na construção de valores e circulação do poder nas comunidades (VIAN JR. , 2010, p. 85).

Nesse sentido, respeitando as premissas de que o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), compreende três subsistemas: atitude, engajamento e julgamento, neste estudo, detenho-me ao enfoque do subsistema de julgamento. Com embasamento na LSF (HALLIDAY, 1994), Martin e White (2004) referem-se ao subsistema de julgamento como uma categoria semântica de avaliação positiva ou negativa de comportamento, em conformidade com normas sociais.

Assim, a categoria semântica de julgamento compreende valorações de estima social e de sanção social. Os julgamentos por estima social estão voltados para avaliar se o “outro” se distancia positiva ou negativamente do que é considerado ideal pela sociedade. Esses tipos de julgamento ocorrem por normalidade (valoração do outro em

normal ou anormal), capacidade (valoração do nível de capacidade do “outro”) e tenacidade (valoração do nível de determinação que tem o “outro”). Os julgamentos por sanção social implicam avaliação do “outro” em função do cumprimento ou não preceitos legais ou morais estabelecidos pela sociedade. Esses tipos de julgamento ocorrem por veracidade (valoração da confiabilidade do “outro”) e propriedade (valoração do nível de ética do “outro”). Desse modo, o principal destaque entre julgamentos de estima social e de sanção social é que “o julgamento de estima social envolve admiração e crítica sem implicações legais, enquanto que o de sanção social implica elogio e condenação, geralmente com complicações legais”. (MARTIN e WHITE, 2005 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 106).

No presente capítulo, abordei os princípios teóricos que sustentam minhas discussões e considerações para a análise e interpretação dos dados.

No capítulo seguinte, apresento a metodologia que orienta esta pesquisa, bem como o relato do percurso metodológico e esclarecimentos sobre os procedimentos de pesquisa utilizados.

CAPÍTULO 2 - SUSTENTAÇÃO METODOLÓGICA

Neste capítulo, tendo em vista a assunção do papel social de analista de discurso crítica, dedico-me a esclarecer, a partir de descrições e explicações, os modos como percorro os caminhos de análise e de interpretação dos dados durante as fases da pesquisa.

Para isso, na **seção 2.1**, explico a natureza da pesquisa, com especial atenção à perspectiva qualitativo-interpretativista. Na **seção 2.1.2**, apresento a orientação teórico-metodológica para a análise de discurso crítica, Chouliaraki e Fairclough (1999) e discuto como os seus momentos constitutivos contribuem, nesta pesquisa, para fortalecer a análise da prática social. Na **seção 2.1.3**, descrevo o contexto no qual a pesquisa foi realizada, com informações a respeito do espaço físico e social e teço algumas considerações sobre o referido contexto da pesquisa. Na **seção 2.1.4**, apresento as três principais fontes de dados que constituem o *corpus* desta pesquisa: seis micronarrativas de histórias de vida de MGSP (**ANEXO I**), três notícias eletrônicas relativas a eventos envolvendo MGSP (**ANEXO II**) e dezesseis comentários eletrônicos relacionadas às referidas notícias (**ANEXO III**) e procuro explicar os procedimentos utilizados na coleta e na geração dos dados. Nas **seções 2.1.4.1 a 2.1.4.5**, descrevo os instrumentos de pesquisa utilizados. Na **seção 2.2**, faço uma síntese dos procedimentos necessários à entrada em campo. Na **seção 2.2.1**, discuto sobre a necessária flexibilidade da pesquisa. Na **seção 2.2.2**, faço algumas considerações a respeito dos preceitos de confiabilidade e ética da pesquisa. Na **seção 2.2.3**, discorro sobre o método da cristalização dos dados. Na **seção 2.2.4**, transponho a relação entre o individual e o coletivo para algumas reflexões sobre minha proximidade e distanciamento do tema pesquisado. E, por fim, na **seção 2.2.5**, explico como os dados foram sistematizados para a análise de acordo com a orientação das questões de pesquisa.

Como este capítulo é sobre sustentação metodológica, passo à apresentação de uma sucinta noção do que entendo por pesquisa qualitativa.

2.1 Pesquisa Qualitativa

Diferentes formas de conceber a realidade dão origem a maneiras diversas de abordá-la. Segundo Pedro Demo (1995, p. 15), “o maior problema da ciência não é o método, mas a realidade”. No entanto, para interpretar ou “ver” a realidade, usamos “filtros culturais” e questionamentos. Isso porque questões sociais, na maioria das vezes, não são evidentes. Além disso, não há coincidência entre as concepções que se tem da realidade e a própria realidade, no sentido de contexto e, ainda, de práticas sociais.

Sendo assim, tradicionalmente, há duas maneiras básicas de se lidar com pesquisa científica: a quantitativa e a qualitativa. A pesquisa qualitativa, doravante PQI, é, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 16), “em si mesma um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas”. Em outras palavras, a PQI não pertence somente a uma área. Por conseguinte, os termos que fazem alusão à PQI são diferentes em cada uma das áreas do conhecimento humano, o que dificulta uma definição consensual. Todavia, Denzin e Lincoln (*ibidem*, p. 17) sugerem uma definição que me parece a mais apropriada para entender o significado dessa perspectiva e sua aplicabilidade nas pesquisas sobre práticas sociais e, mais especificamente, nas que, como esta, propõem realizar análise de discurso crítica.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17).

Desse modo, a PQI consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade a questões sociais. Essas práticas retratam o mundo em uma série de representações, incluindo registros como notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações, observações, entre outros. Nesse sentido, a PQI envolve uma abordagem interpretativista das práticas sociais, o que significa que os pesquisadores estudam os fenômenos em sua realidade social, tentando entendê-los e interpretá-los, em termos dos significados que as pessoas lhes conferem.

Segundo Lincoln e Denzin (2000), no momento pós-moderno, o que é considerado PQI passa por uma transformação cujo foco das investigações “se altera e se desloca à medida que novas vozes anteriormente oprimidas ou silenciadas entram no discurso.” (LINCOLN e DENZIN, 2000, p. 575). Relacionando essa possibilidade de ouvir as colaboradoras da pesquisa ao teor interpretativista da perspectiva qualitativa, seria inviável, nesta pesquisa, representar as vozes das MGSP, sem considerar também a minha interpretação como pesquisadora como a inserção de outro elemento no universo discursivo das MGSP. Sendo assim, procuro esclarecer, a partir de descrições e explicações, os modos como percorro o caminho de análise e interpretação dos dados durante as fases da pesquisa. Além disso, cabe reconhecer os avanços da PQI com relação aos estudos envolvendo a mulher na sociedade.

Outro ponto destacado por Mason (1997), e de interesse para esta pesquisa, é o potencial interpretativo da pesquisa qualitativa em relação ao estudo de questões sociais. Esse potencial é enfatizado pela possibilidade de se empregar procedimentos flexíveis e sensíveis aos diferentes contextos e pelo modo de tratar os problemas de pesquisa, ao mesmo tempo, em sua complexidade e detalhes. Tal potencial interpretativo contribui para a investigação de questões relacionadas às representações, justamente por dedicar-se à compreensão de um nível da realidade que não se contenta em ser apenas quantificado, mas, demanda ser interpretado.

Assim, a PQI mostra-se como apropriada para orientar esta pesquisa, porque, ao interagir com as MGSP, focalizo um universo de representações, aspirações e atitudes reveladas discursivamente. Esse universo corresponde a um espaço mais profundo das interações sociais, dos processos e dos fenômenos observados no contexto prisional e não passíveis de uma compreensão objetiva. Além disso, a PQI possibilita considerar que variáveis sociais e suas correlacionadas variáveis linguísticas constituem aspectos integrados dos eventos sociais de usos linguísticos reais, o que pressupõe a necessidade de

(...) uma compreensão de que as propriedades do uso de linguagem podem ser determinadas em um sentido mais global pela estrutura social em um nível mais profundo – as relações sociais entre as classes e outros grupos, modos em que as instituições sociais são articuladas na formação social, e assim por diante – e podem contribuir para reproduzi-la e transformá-la (FAIRCLOUGH, 2003, p. 90).

Sendo assim, entre os tipos de pesquisa qualitativa conhecidos, para a realização desta pesquisa, conto com as contribuições da pesquisa interpretativista. Para isso, dedico-me a observar ações humanas e a procurar interpretá-las, a partir do ponto de vista das pessoas que praticam as ações. Desse modo, a geração de dados é orientada a partir do ponto de vista que as colaboradoras têm de suas experiências de vida. A propósito, nesta pesquisa, cabe mencionar que são utilizados dados quantitativos no sentido de clarificar a quantidade de inclusões e exclusões de atores sociais nos discursos analisados. No entanto, são analisados com base na abordagem de pesquisa qualitativo-interpretativista.

Pelas razões expostas, adoto a PQI como norteadora desta pesquisa que é realizada em um contexto prisional, sobre o qual tecerei algumas considerações, na **seção 2.1.3**. Passo, na **seção 2.1.2**, à descrição dos momentos teórico-metodológicos da orientação analítica da ADC.

2.1.2 Momentos teórico-metodológicos constitutivos da orientação analítica da ADC

Ao apresentarem sua visão de práticas sociais como “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos, materiais ou simbólicos, para agirem juntas no mundo”, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) demonstram especial atenção às questões decorrentes das mudanças sociais, globais e, ainda, acerca das estruturas cristalizadas na vida social. Dessa forma, sugerem uma orientação teórica, mas também, metodológica para análise de discurso crítica, em que é fortemente marcada a tessitura entre o social, o discursivo e o textual.

Nessa orientação para a análise de discurso crítica²⁰, Chouliaraki e Fairclough (1999), conforme ilustrado no **Quadro 3**, abaixo, fortalecem a análise da prática social. Conforme Resende e Ramalho (2011, p.38), “o discurso é visto como um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise.”

²⁰ As expressões orientação para a análise de discurso crítica, bem como momentos constitutivos são usadas, nesta pesquisa, em lugar das expressões enquadre e etapas, respectivamente, por se mostrarem mais alinhadas com a constituição da pesquisa em ADC, a qual vai sendo constituída ao longo dos processos de coleta e geração de dados.

Quadro 3 - Momentos constitutivos da orientação analítica da ADC

1) Definição de um problema		
2) Identificação de obstáculos para a superação do problema	(a) análise da conjuntura	
	(b) análise da prática particular	(i) práticas relevantes
		(ii) relações do discurso com outros momentos da prática
	(c) análise de discurso	(i) análise estrutural
(ii) análise interacional		
3) Verificação do problema na prática		
4) Identificação de possíveis maneiras para a superação de obstáculos		
5) Reflexão sobre a análise		

Fonte: Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 60 (com adaptações)

Conforme nos mostra o **Quadro 3**, com ideias propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999) e explicitadas por Resende e Ramalho (2011), a orientação para a análise de discurso crítica consiste em cinco momentos constitutivos. Já no **primeiro momento**, é possível perceber que a proposta analítica parte de um problema situado na realidade social, o que confirma a visão de Fairclough (2001) de que “o discurso contribui para o processo de mudança social em que as identidades sociais ou os ‘eus’ associados a domínios e instituições específicas são redefinidos e reconstruídos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 137). Em outras palavras, a tessitura entre o social e o discursivo é marcada.

O **segundo momento** envolve três estágios: a) a análise da conjuntura; b) a análise de prática particular; e c) a análise do discurso. Nessa perspectiva, a análise da conjuntura implica a caracterização da configuração das práticas nas quais o discurso está inserido. Nesse sentido, a análise de uma prática particular é relevante por envolver relações do discurso com outros momentos da prática social, ou seja, com aspectos de diferentes elementos da vida social. Posto que esses diversos elementos da vida social podem ser reunidos em uma prática particular, são chamados de momentos da prática e cada momento é visto como internalizador do outro. Exemplos de práticas particulares são os eventos envolvendo MGSP que foram amplamente noticiados e os registros de opinião dos leitores-comentadores a respeito desses eventos por meio de comentários eletrônicos. O terceiro estágio articula uma análise de discurso crítica pautada em questões ideológicas como um momento das práticas sociais e pressupõe uma visão

científica de crítica social e “disponibiliza base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 15). O **terceiro momento** orienta o analista a ir além do entendimento das questões em volta da prática examinada, e avaliá-la segundo os seus efeitos, envolvendo os atores sociais na realidade social. No **quarto momento**, o analista deve atuar como agente político, discernindo possíveis recursos que possam contribuir para transformar relações que estabelecem e mantêm o problema da (na) prática social. No **quinto momento**, a proposta é que o analista reflita criticamente acerca das suas próprias práticas de estudo, de pesquisa e de ação social. No entanto, as reflexões críticas permeiam cada momento da orientação analítica da ADC, tecendo relações entre o social, o discursivo e o textual.

Com base nos momentos constitutivos da referida orientação da ADC, acredito ser importante mencionar que a ADC é uma forma de fazer militância, por meio da tessitura de relações entre o social, o discursivo e o textual, em prol de ações que contribuam com transformações na realidade de grupos em situação de exclusão. Nesse sentido, ao trazer essa perspectiva relacional para o contexto particular de vivência das colaboradoras no Sistema Prisional Feminino do DF, ressalto a importância de essas cidadãs perceberem que sua atuação no processo de ressocialização vai muito além do cumprimento de execução da pena. Por isso, reitero que, não considero, para efeitos de análise linguístico-discursiva, apenas as suas vozes, mas, também, as vozes de outros atores (autores de notícias e leitores-comentadores) cujas representações têm implicações na constituição das identidades dessas mulheres.

Nessa orientação para a análise de discurso crítica, Chouliaraki e Fairclough (1999), conforme ilustrado no **Quadro 3**, fortalecem a análise discursiva como prática social. Conforme Resende e Ramalho (2011, p.38), “o discurso é visto como um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise.” Portanto, nessa linha, como forma de articular a ADC com outros aportes teóricos, durante as análises, baseio-me tanto na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 1993, 1999), como no Sistema de transitividade (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), na Rede de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e no sistema de

Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005; VIAN JR., 2010). Na **seção 2.1.3**, passo a apresentar algumas considerações acerca do contexto da pesquisa.

2.1.3 Algumas considerações sobre o contexto da pesquisa

Estudar representações e significados da perspectiva de atores sociais, em um contexto prisional, ecoa o que nos mostra van Leeuwen (1997), em seu artigo *A representação de atores sociais*, em conexão com suas interações não é uma tarefa simples para o pesquisador. Cabe mencionar, aqui, que, em um trabalho de campo, “as informações a que o pesquisador tem acesso e das quais permanece excluído dependem essencialmente da adoção bem-sucedida de um papel ou postura apropriada” (FLICK, 2009b, p. 110). E esse foi um ponto que eu procurava ter em mente durante todas as interações das quais precisei lançar mão para entrar na PFDF. No entanto, logo percebi que a afirmação de Flick (2009b) aplicava-se, apenas parcialmente, ao meu contexto de pesquisa, pois nem tudo dependia apenas da assunção de uma postura como pesquisadora.

Eu sabia que, a cada visita, teria um novo desafio. Isso porque a minha presença, como pessoa estranha ao contexto prisional, representava, obviamente, um risco a essa segurança. Diante de todo o esquema de segurança explicitado na **Figura 7**, o acesso à PFDF exigia do meu papel como pesquisadora uma boa dose de paciência e diplomacia.

Os profissionais responsáveis pela segurança da comunidade carcerária encaram com desconfiança qualquer pessoa que adentre a PFDF. A razão para tal desconfiança é o fato de que, ali, entre as presas, alguém que não pertença ao contexto passa a ser considerado um possível elemento fragilizador da segurança do presídio. A respeito do quesito segurança, a Subsecretaria do Sistema Penitenciário do Distrito Federal - SESIPE mantém em seu site imagens e texto relativos aos procedimentos de revista pessoal com vistas a “inibir a entrada de objetos ou substâncias entorpecentes que afrontam a segurança da PFDF.”, conforme nos mostra a **Figura 7**.

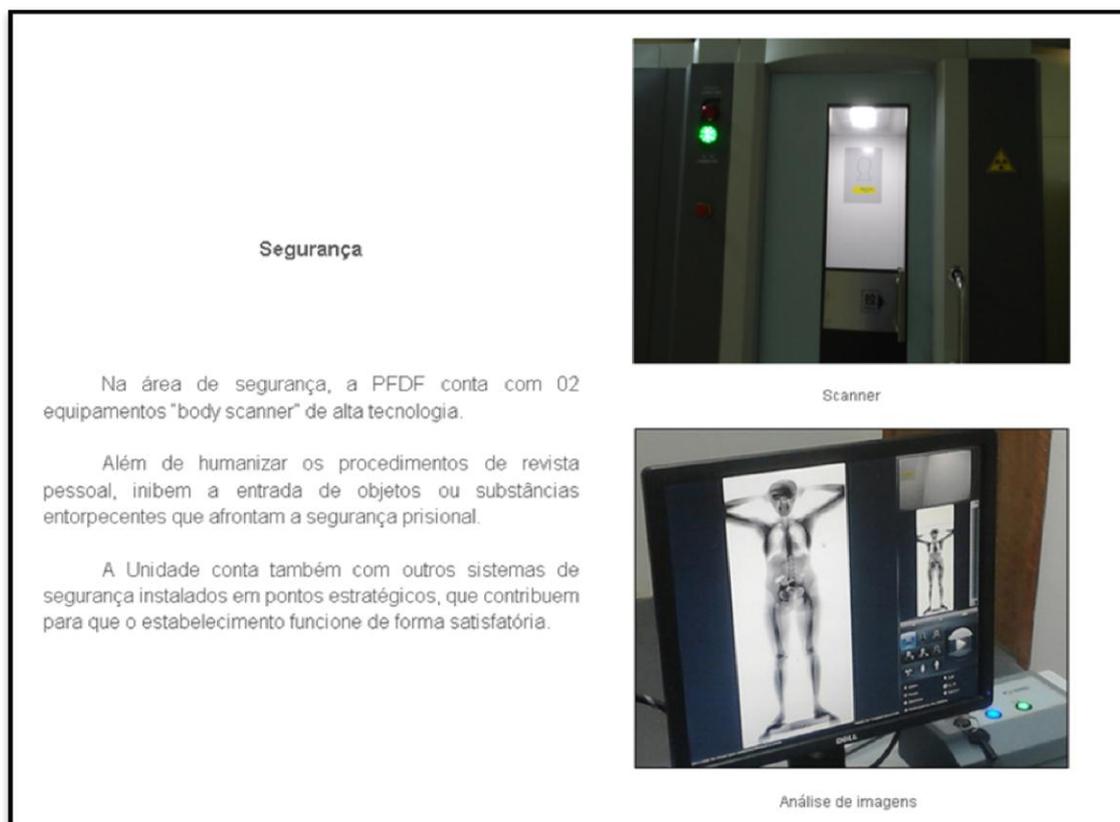


Figura 7 - Procedimentos de Segurança para entrada na PFDF
Fonte: SESIPE

Assim, vários fatores entram em questão aqui. Não se pode esquecer de que, uma vez estabelecido o contato entre o pesquisador e os atores sociais colaboradores, estabelece-se também uma relação de poder que vai influenciar os desvelamentos da subjetividade das pessoas em questão. Além disso, as possibilidades de compreensão do universo de significados que os atores pesquisados constroem na sua relação com o mundo também dependem da relação de confiança que se estabelece (ou não) entre pesquisador, colaboradores e contexto. Por isso, a assunção de uma postura êmica e holística, por parte do pesquisador, é de fundamental importância, a despeito de não ser uma garantia da completude dos dados.

Dessa forma, orientar-se pelo princípio êmico pressupõe considerar o contexto na perspectiva dos membros participantes daquele grupo. A esse respeito, Watson-Gegeo (1988, p. 580) sugere ser necessário incorporar perspectivas e interpretações quanto a condutas, eventos e situações do grupo observado, a partir do ponto de vista

dos membros desse grupo. Para isso, alerta Van Lier (1989, p. 16), é necessário que o pesquisador seja rigoroso em suas observações, inferências e interpretações.

Com relação ao princípio holístico, van Lier (1989) salienta que um evento deve ser analisado em conexão com seus arredores. Assim, esse princípio consiste em fazer dialogar os dados obtidos com o contexto, ou seja, garantir que todas as observações e interpretações sejam contextualizadas. Esse princípio pode ser traduzido como a necessidade de vincular os dados com o conhecimento já existente a respeito de outros componentes daquela cultura.

2.1.4 Coleta e geração de dados

As etapas de coleta e geração de dados consistem na aplicação de técnicas e métodos para constituição do *corpus* da pesquisa a partir da observação de um recorte da realidade, que situa a interação com as MGSP, a análise de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos envolvendo esses atores sociais. Desse modo, as três principais fontes de dados que constituem o *corpus* desta pesquisa são: seis micronarrativas de histórias de vida de MGSP (**ANEXO I**), três notícias eletrônicas relativas a eventos envolvendo MGSP (**ANEXO II**) e dezesseis comentários eletrônicos relacionados às referidas notícias eletrônicas (**ANEXO III**). Também foram utilizados dados gerados a partir das técnicas de observação e registro de notas de campo e de duas entrevistas realizadas com uma policial civil responsável pela Ala de Bebê e Gestante e com uma ex-diretora da VEP.

Desse modo, as observações, as notas de campo, as entrevistas, os áudios das interações estabelecidas (micronarrativas) e as fichas cadastrais possibilitaram a geração dos dados analisados ao longo de oito semestres de pesquisa – tendo sido três semestres dedicados à realização de visitas à PFDF. A sequência de textos do gênero notícia *Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF* e as repercussões deste fato retratadas, posteriormente, nas notícias publicadas: *Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia* e *GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina*, bem como os comentários eletrônicos (**ANEXO II**) ampliam as contribuições quanto às representações relativas à constituição das identidades das protagonistas da minha pesquisa sob a ótica do “outro”. Isto é, tais textos possibilitaram investigar as representações linguístico-discursivas

atribuídas às MGSP pela imprensa como grupo social organizado, bem como pelos leitores-comentadores como representantes do contexto social. Nesse sentido, a notícia é uma das práticas sociais da imprensa enquanto instituição, enquanto grupo social organizado e essa prática ocorre em termos de recontextualização. Em outras palavras, a notícia pode ser entendida como uma forma de recontextualizar atores e eventos sociais de forma a representá-los aos leitores quanto aos papéis sociais e constituições identitárias, inclusive.

Ademais, os dados gerados pelas entrevistas se mostraram mais como micronarrativas e não como narrativas de vida; a solicitação para retornar à PFD e realizar a última etapa da pesquisa que consistiria em entrevistar as MGSP a respeito de como elas se posicionam com relação às representações atribuídas a elas pela imprensa não foi autorizada pela VEP. Por essas razões, as questões de pesquisa que, inicialmente seriam *1. Quais representações identitárias são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas narrativas de vida; 2. Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas pela imprensa? e 3. Qual o posicionamento das mulheres gestantes diante das representações identitárias que lhes são atribuídas pela imprensa?* foram reformulados para a seguinte forma: *1. Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?; 2. Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas; 2.1 Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos? e 3. Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?* Em outras palavras, em função da realidade social, a pesquisa foi desenhada de modo que a interação entre representações contribuiu para ampliar os horizontes da pesquisa para além das representações autoatribuídas nas micronarrativas.

A respeito da importância do desenho e avaliação de métodos e técnicas, Miles e Huberman (1984, p. 235) defendem que a organização dos dados a partir de múltiplas fontes, bem como o concomitante processo de análise e interpretação de dados – geração de dados – possibilita a construção do *corpus* da pesquisa, principalmente, durante a coleta de dados. Assim, de um total de 10 horas de gravação das entrevistas

semiestruturadas, foram transcritas e analisadas as 6 horas correspondentes aos trechos mais pertinentes aos objetivos desta pesquisa. Esse recorte foi feito com a finalidade de selecionar para a análise, os excertos mais representativos das práticas sociais das colaboradoras.

As notas de campo foram utilizadas como apoio não apenas para o registro de aspectos relevantes para as análises, como também para registrar reflexões críticas, sensações, questionamentos e detalhes importantes das interações. Esse procedimento contribuiu muito para o processo de análise dos dados e para a reflexão sobre a análise dos dados.

As micronarrativas são utilizadas como meio para a compreensão e análise das experiências de vida. Como já mencionei, o pesquisador, por meio do estabelecimento de uma relação face a face com seu campo de investigação científica, ao mesmo tempo em que sistematiza dados é também, de certa forma, um instrumento de coleta de dados. Dessa forma, o acesso às histórias de vida das colaboradoras possibilitou-me participar, em certa medida, do cotidiano das MGSP. Essa participação pressupõe um envolvimento de minha parte, uma vez que, durante as interações, as colaboradoras compartilhavam comigo seus interesses, afetos, desafetos, angústias, projeções e expectativas para o futuro e receios. Os resultados da análise das micronarrativas são apresentados, em especial, nas **seções 3.2 e 3.2.2, do capítulo 3.**

A observação e a análise documental são utilizadas na construção dos perfis das colaboradoras apresentado nas **seções 3.1 e 3.1.2, do capítulo 3.** Para a descrição da PFDF, como construto físico e social, apresentado nas **seções 1.1.4 e 1.1.5, do Capítulo 1,** foram utilizadas informações da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP/DF), da Subsecretaria do Sistema Penitenciário do Distrito Federal (SESIPE), informações do site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) e dados da entrevista com uma das ex-diretoras da VEC.

Nesse sentido, foram utilizadas nos processos de coleta e geração de dados²¹ desta pesquisa, observação, notas de campo, análise documental, entrevistas

²¹ Cabe ressaltar a diferença epistemológica entre os processos de coleta e geração de dados. Coletar dados consiste em colher algo que já está disponível no contexto social pesquisado. Gerar dados, por sua vez, corresponde a “criar situações, gerar espaços de interlocução, e, muitas vezes, criar métodos para isso” (RESENDE, 2008, p. 82). Como as interações com as MGSP foram organizadas com a finalidade específica de responder às questões de pesquisa propostas neste estudo, a maior parte dos dados foi gerada e a coleta se deu na análise documental.

semiestruturadas, micronarrativas de histórias de vida e análise de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos cujos princípios são explicitados nas próximas subseções. Passo, agora, a uma breve especificação das técnicas utilizadas nos processos de coleta e geração de dados.

2.1.4.1 Observação e notas de campo

A respeito dessas técnicas, Angrosino e Flick (2009b, p. 34) destacam a importância da observação para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Para os autores, a observação não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, têm a possibilidade de usar uma variedade de técnicas de coleta e de geração de dados para compreender os perfis das pessoas, bem como os seus modos de vida no contexto em questão.

A observação implica, nesse sentido, compreender a observação como um ato para além da percepção de atividades e inter-relações das pessoas do contexto pesquisado. Essa técnica implica a ativação dos cinco sentidos do pesquisador, o que exige registro objetivo e uma busca de padrões que podem ser identificados nas vivências da cultura cotidiana dos colaboradores da pesquisa.

Desse modo, a observação pode ser entendida como um processo gradual que envolve atitudes como saber selecionar o contexto a ser pesquisado para que viabilize o acesso à comunidade; saber conduzir os trabalhos, buscando manter informados todos os colaboradores e/ou participantes locais, quando se fizer necessário; saber conduzir cada fase da pesquisa, fazendo anotações de forma estruturada ou em formato de narrativas.

Cabe destacar, ainda, que, mediante a compreensão da observação como um propósito científico, o pesquisador precisa ter clareza das intenções da pesquisa, do seu objeto e problema, das questões norteadoras e das técnicas de coleta e de geração de dados que complementarão a observação. Assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador não tem controle de tudo, pois depende, também, da colaboração da comunidade pesquisada.

A respeito da confiabilidade da observação, Angrosino (2009) afirma tratar-se de uma questão de registro sistemático, de análise de dados e de repetição regular das observações durante um determinado período de tempo. Assim, o pesquisador, pode

atestar a confiabilidade da sua observação, também, pela cristalização, usando diversas técnicas complementares como a entrevista, narrativas, história de vida, práticas interacionistas, análise de documentos, complementando, deste modo, os dados obtidos pela observação. No caso específico desta pesquisa, a observação me ajudou a optar pela cristalização tanto nos processos de coleta e de geração de dados, quanto no de análise e interpretação, posto que os pressupostos de identidade e de representações sociais mostraram-se indissociáveis na análise de discurso crítica das micronarrativas de vida das MGSP.

2.1.4.2 Análise documental

Segundo Moreira (2005), a análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, permitir a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos.

Nesse sentido, a análise documental consistiu em identificar e explicar as informações das fichas cadastrais das MGSP com a finalidade de construir um quadro com os perfis das colaboradoras e ampliar o contexto para dimensões históricas. O referido quadro encontra-se na **seção 3.1**, intitulada Perfis das colaboradoras a partir de análise das fichas cadastrais, no **capítulo 3** desta tese. Cabe mencionar que, a análise documental foi o único acesso que tive às informações sobre as colaboradoras com relação a experiências fora do contexto prisional.

No caso desta pesquisa, a análise documental consistiu em um procedimento de pesquisa e de análise utilizado durante a coleta das fichas cadastrais, com as quais só foi possível ter contato na PFDF, possibilitando apenas o registro escrito a respeito dos dados. Para realizar essa análise, precisei contar com o acompanhamento de uma policial civil, por dois motivos. O primeiro, porque eu não podia ter livre acesso às fichas cadastrais sozinha. O segundo, porque os esclarecimentos da policial serviram-me como uma fonte paralela e simultânea de informações complementares. Além disso, ajudaram-me a contextualizar as informações contidas nas fichas. Cabe ressaltar que,

além dos dados e dos esclarecimentos da policial civil, foi necessário pesquisar no Código Penal as infrações cometidas pelas colaboradoras.

2.1.4.3 Entrevistas semiestruturadas

Para realizar as entrevistas semiestruturadas com as participantes, parti do pressuposto de que para se obter uma narrativa mais fluida, muitas vezes, não é interessante fazer uma pergunta direta, que poderia induzir as respostas, mas, sim, fazer com que as colaboradoras relembressem eventos ou partes de sua vida. Para tanto, utilizei as entrevistas semiestruturadas conforme o desenrolar da pesquisa e com a finalidade de esclarecer algumas respostas contidas no roteiro (**APÊNDICE II**) previamente aplicado às participantes.²²

Como, nas entrevistas semiestruturadas, há a possibilidade de combinar perguntas abertas e fechadas, através das quais as participantes são motivadas a discorrer sobre o tema proposto, segui alguns tópicos de um roteiro com questões previamente definidas, mas conduzi as entrevistas de forma muito semelhante à de uma conversa informal. Mantive-me atenta para que as discussões fossem direcionadas às experiências de vidas das MGSP. Por isso, quando necessário, fiz algumas perguntas adicionais com a intenção de elucidar questões que não pareciam estar tão claras. Isso serviu para ajudar a recompor o contexto da entrevista, nos casos em que as interações com as participantes eram vagas com relação ao tema em discussão.

Sobre as dificuldades ao utilizar esse instrumento, Fontana e Frey (2000, p. 361) ressaltam que “fazer perguntas e obter respostas é uma tarefa muito mais complexa do que possa parecer à primeira vista”, ou seja, exige uma série de cuidados que façam com que a posição do entrevistador seja a mais neutra possível, evitando o esboço de qualquer opinião que possa sugerir a sua visão pessoal. Os autores (*ibidem*) salientam

²² A despeito de reconhecer a importância do distanciamento do pesquisador com relação às intervenções durante os processos de coleta e de geração de dados, entendo que “as convenções de controle interacional de um gênero corporificam exigências específicas sobre as relações sociais e de poder entre os participantes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 192). Em outras palavras, os modos como as interações são controladas por agentes sociais contribuem para materializar relações de poder nos discursos. Desse modo, é preciso considerar que o pesquisador, durante o controle interacional, também não está imune a expressar avaliações com relação a condutas e situações. Nesse sentido, as intervenções feitas por mim, durante as entrevistas semiestruturadas, também possibilitariam uma análise de discurso crítica no sentido de explicar “a realização e a negociação concretas das relações sociais na prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 192), em uma pesquisa posterior.

ainda que, diante de qualquer dúvida do entrevistado a respeito do conteúdo da pergunta formulada, o entrevistador deve apenas repetir o enunciado, sem oferecer explicações complementares que não tenham sido previstas pelo roteiro inicial. Tentei adotar essas orientações nos momentos das interações. No entanto, sobre alguns tópicos, havia a necessidade de interagir um pouco mais e, inevitavelmente, de fazer interferências com comentários que propiciassem respostas mais completas.

As técnicas de entrevista semiestruturada também apresentam como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre a entrevistadora e as entrevistadas pode favorecer respostas mais interativas. Essa modalidade de entrevista, também possibilita uma abertura e uma proximidade maior entre ambas as partes, permitindo tocar em assuntos mais complexos e delicados. Assim, quanto mais flexível era a entrevista, maiores e mais proveitosas eram as contribuições para a construção do *corpus*. Além disso, as respostas às seis entrevistas semiestruturadas possibilitaram o acesso a micronarrativas de vida, em que as MGSP narravam, resumidamente, experiências de vida datadas de antes, durante e com projeções para o período após a situação prisional. Apresento algumas especificidades das micronarrativas na subseção seguinte.

2.1.4.4 Micronarrativas de vida

Para Clandinin e Conelly (2000), o emprego de narrativas como método de pesquisa constitui-se numa “excelente forma de compreender a experiência humana”. Segundo Bogdan e Biklen (1998), o propósito do pesquisador, ao analisar as narrativas dos participantes da pesquisa, é perceber a interpretação que o participante faz de suas experiências e de sua própria vida. Assim, após estudar sobre essas possibilidades da pesquisa por meio de narrativas, considerei pertinente utilizar essa técnica na pesquisa. No entanto, a partir da primeira entrevista semiestruturada, foi possível perceber que as experiências de vida narradas pelas MGSP, em resposta ao Roteiro Semiestruturado da Entrevista para acesso às narrativas de vida (**APÊNDICE II**), não constituam uma única narrativa com as características de início, meio e fim, mas sim, uma série de micronarrativas.

Um exemplo disso é que foi possível organizar os dados obtidos por meio da entrevista semiestruturada em 10 eixos temáticos: a) fase mais marcante da vida: um ponto de partida; b) evento motivador da situação prisional; c) experiência com a gestação e com a maternidade; d) eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional; e) relação com os outros atores sociais na PFDF: MGSP; f) relação com os outros atores sociais na PFDF: agentes penitenciários; g) relação com a escola; h) relação com o trabalho; i) estigma em razão da situação prisional; j) projeções e expectativas para após a situação prisional. Isso pode ser visto nas **seções 3.2 e 3.2.1**, do **capítulo 3**.

As micronarrativas de vida também são utilizadas na construção do perfil das colaboradoras, como podemos ver na **seção 3.1**, do **capítulo 3**. porque complementam algumas informações que ficaram pendentes apenas com a análise documental das fichas cadastrais das MGSP.

2.1.4.5 Leitura e análise de notícias e de comentários eletrônicos

Leitura e análise de notícias e de comentários eletrônicos a respeito de eventos envolvendo as MGSP, neste estudo, são procedimentos de pesquisa utilizados na coleta e geração de dados. No entanto, não poderia deixar de fazer menção às estratégias metodológicas utilizadas nesta parte da geração de dados que, também se mostrou fundamental a esta pesquisa.

Assim, neste estudo, a análise de discurso crítica de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos focaliza as formas como as MGSP são representadas pela mídia jornalística eletrônica e por alguns de seus leitores-comentadores. Para isso, com base nos estudos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 1993, 1999), do Sistema de transitividade (HALLIDAY, 1998), da Rede de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e do sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005; VIAN JR., 2010), procuro analisar como os discursos possibilitam identificar traços linguístico-discursivos que revelam os modos como MGSP são representadas em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos.

No **Quadro 4**, sintetizo a composição do *corpus* de textos selecionados, respectivamente, a partir de notícias eletrônicas publicadas e de comentários eletrônicos²³:

Quadro 4 - Textos selecionados para análise, coletados da mídia eletrônica

Título da Notícia	Jornal	Autor(es)	Data de publicação
Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF	Portal de notícias do G1	Não especificado(s)	09/05/2015
11 comentários eletrônicos			
Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia	Portal de notícias do G1	Não especificado(s)	18/06/2015
5 comentários eletrônicos			
GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina	Portal de notícias do G1	Não especificado(s)	20/08/2015

Buscando uma cristalização dos dados, em meio ao processo de análise, assisti a uma matéria do jornal local sobre uma MGSP da PFDF que deu à luz em cima de um saco de lixo. Na matéria, foi exibido um vídeo que mostrava esta mulher (com uma tarja preta no rosto para “preservar” a identidade) gritando bastante e agentes penitenciárias improvisando o parto em um espaço no corredor da PFDF, local que logo reconheci, antes de o bebê nascer. Em seguida, foram mostradas fotos do momento do parto, com muito sangue e comoção por parte das pessoas que estavam no local. Seguidamente, a repórter mencionou que a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania (SEJUS) afirmou que, na semana anterior, uma das gestantes, já com o parto em andamento, havia pedido ajuda à equipe de plantão. Ela recebeu auxílio interno até que o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) chegasse à PFDF para conduzi-la ao hospital público mais próximo, Hospital Regional do Gama (HRG), mas a criança nasceu antes da transferência ocorrer. Naquele momento, percebi que o que foi mostrado pelo jornal local materializava trechos das micronarrativas das colaboradoras sobre a violação do

²³ Os critérios utilizados para a seleção de notícias foram a relevância dos eventos noticiados com relação à notícia 1 e o recorte temporal entre maio e dezembro do ano de 2015.

direito à dignidade delas no contexto prisional e, ainda, que havia vários traços de representações atribuídas a essas mulheres no discurso da imprensa.

Diante dessa informação, procurei na *Internet* algo a respeito e, prontamente, encontrei o texto “*Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*” no portal de notícias G1. Daí em diante, passei a acompanhar periodicamente as notícias relativas a esse evento e, dessa forma, tive acesso aos outros dois textos que também constituem o *corpus* da pesquisa e que se referem ao desfecho do fato noticiado. Essa relação imediata entre eventos sociais e seu amplo compartilhamento permitem compreender que, na contemporaneidade,

Os sistemas semióticos produzidos pela mídia oferecem modelos para a condução da vida diária. Esses sistemas são conjuntos de oposições binárias que eliminam a diferença e criam, essencialmente, um sistema único que posiciona os indivíduos numa ordem de ‘simulacro’. A experiência social só é possível na forma de ‘espetáculo’ – ela é passageira e obsoleta (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 90).

Pensamento semelhante pode ser resgatado em outra reflexão desses autores (*op cit*). Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 96), “a luta para encontrar uma identidade é um dos temas mais disseminados da modernidade tardia, e um dos principais focos da reflexividade pós-moderna”. Contudo, além dessa “luta” dos indivíduos, cabe evidenciar que a construção da identidade não prescinde das construções coletivas disseminadas na atual sociedade e, nesse sentido, a mídia exerce forte influência na representação de seus leitores.

Assim, a escolha dos gêneros textuais notícias eletrônicas e comentários eletrônicos para compor o *corpus* desta pesquisa deve-se à relevância social do tema para a construção identitária dessas mulheres e as implicações reais do discurso da imprensa na tomada de iniciativas pelo estado para assegurar condições de dignidade às MGSP da PFDF. Na próxima seção, passo aos aspectos relevantes em relação à entrada em campo.

2.2 A entrada em campo

Primeiramente, antes de ir a campo, foi necessário obter autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Brasília e, depois, autorização da justiça, conversar com a diretora da PFDF e com a seção responsável pelas MGSP, no período de julho a dezembro de 2013.



Figura 8 - Entrada única da PFDF
Fonte: SESIPE

Além disso, os preparativos para entrada em campo consistiram na elaboração de um roteiro (APÊNDICE II) para orientar a interação com as participantes, bem como a familiarização com aplicativos de gravação de áudio. A PFDF fica na cidade satélite do Gama e o acesso é pela entrada única, como nos mostra a **Figura 8**, acima.

Nesse período, dei início ao que chamarei aqui de Fase I do percurso da pesquisa. Foram vários os pedidos de autorização que tive de fazer. Para cada pedido desses (autorização junto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP); autorização junto à Vara de Execução Penal (VEP); autorização junto à Direção da PFDF e autorização junto à Gerência de Assistência à Interna – GEATI), era necessário o deslocamento até uma instituição/ setor diferente. A cada contato, havia a necessidade de tecer

explicações sobre os objetivos da pesquisa, sobre meu papel como pesquisadora e sobre como seriam os procedimentos da pesquisa. No entanto, esse processo foi importante para ir clarificando os passos da pesquisa para mim mesma. Após uma série de pedidos de autorização, consegui finalmente realizar a primeira visita à PFDF. Logo percebi que os processos de aproximação e negociação estavam apenas começando – para, em seguida – proceder à análise de documentos, entrevistas e micronarrativas obtidas durante as visitas.

A despeito de, no desenho inicial do projeto da pesquisa, ter o propósito de dar um retorno às MGSP, com relação às análises dos dados, nem que fosse a algumas delas, isso não foi possível. Após a ampla divulgação das notícias envolvendo MGSP e a PFDF, o acesso ficou bem restrito. E a solicitação de retorno à instituição foi negada pela VEP. No entanto, após a defesa, ainda pretendo dar um retorno à instituição e às participantes da pesquisa, por meio da divulgação deste estudo junto à ONU Mulher e junto a outras organizações de militância em prol de mulheres em situação de exclusão.

A sistematização para análise dos dados foi conduzida pela orientação da ADC, privilegiando os discursos dos atores sociais – MGSP. Para preservar seus dados pessoais, essas colaboradoras, bem como os outros atores sociais mencionados por elas são referenciados por nomes fictícios, por questões éticas, conforme o **Quadro 5**:

Quadro 5 - Nomes fictícios e papéis sociais dos (as) colaboradores (as)

NOME FICTÍCIO	PAPEL SOCIAL
Marília	Diretora da PFDF
Ingrid	Ex-diretora da VEC
Joana	Policial civil
Polliana	Policial civil
Abelardo	Agente Penitenciário - <i>gatekeeper</i>
Maribel	Agente Penitenciária - <i>gatekeeper</i>
Kelly	MGSP
Aline	MGSP
Cleide	MGSP
Laila	MGSP
Vanda	MGSP

Santa	MGSP
Rute, Pedro Paulo, Augusto, entre outros	Atores sociais referenciados nas micronarrativas de vida das MGSP.

O **Quadro 5** foi construído para facilitar a compreensão das interações analisadas nesta pesquisa. Os nomes fictícios foram utilizados para preservar os dados pessoais das MGSP, dos profissionais da comunidade carcerária, bem como dos atores sociais referenciados durante as micronarrativas de vida das MGSP.

Assim, em janeiro de 2014, fiz o primeiro contato do ano com o Abelardo, agente penitenciário, gerente de assistência penitenciária substituto, que viria a ser o *gatekeeper*²⁴ do contexto da pesquisa. Uma das primeiras perguntas que ele me fez foi se a pesquisa que eu realizaria seria em nível de doutorado. A partir daí, ele foi muito solícito. Informou-me que iria conversar com o setor responsável pela assistência social da penitenciária e que me daria um retorno por telefone.

A entrada em campo foi efetivamente no dia seguinte ao contato telefônico com o agente Abelardo. O *gatekeeper* foi até o portão para me recepcionar e, logo na entrada, uma surpresa: tive que deixar o meu celular, *pen drive* e computador no carro e a chave do carro em um armário trancado. O *gatekeeper* me levou até a sala em que trabalha e apresentou-me a uma outra agente penitenciária chamada, nesta pesquisa, de Maribel, a quem se referiu da seguinte maneira: *“Essa moça vai lhe dar muita riqueza nas informações que você precisa para o seu trabalho. Ela trabalha lá na assistência às internas. Mesmo que depois você conheça outras, como assistente social e tudo, você não deixe de perguntar pra ela porque ela já trabalha aqui há 14 anos.”* Mostrei o ofício expedido pela Vara de Execuções Penais. Em resposta, eu soube que era só nessa primeira visita que eu não poderia entrar com nada, nos outros dias, eu poderia. Fiquei com a impressão de que deveria ganhar a confiança deles: aproximação e negociação. Tal impressão foi confirmada, quando, ao término da manhã, consegui marcar o

²⁴O sentido do termo *gatekeeper* adotado neste estudo corresponde ao definido por Tushman e Katz (1980). Os autores definem *gatekeeper* como o sujeito que, por estar integrado na estrutura da organização e que, em função dos amplos conhecimentos adquiridos no desempenho de suas atividades, atua como um intermediador de contatos e conhecimentos.

primeiro contato com algumas das MGSP. No entanto, todas as vezes em que visitei a PFDF, o ofício de autorização foi exigido.

Em seguida, fui levada, pelo *gatekeeper* e por Maribel, até a Gerência de Assistência à Interna - GEATI. Chegando lá, fui apresentada à Joana, policial civil, que trabalha na PFDF há quinze anos. Ela foi bem receptiva comigo, perguntou-me do que se tratava a minha pesquisa e, automaticamente, começou a falar sobre a realidade não só de MGSP, mas também de como é a vida das mulheres no berçário²⁵. Com isso, tive a impressão de que ela estivesse apenas confundindo minha pesquisa, porque, de fato, a maior parte dos pesquisadores procuram estudar sobre mulheres no puerpério, com crianças na penitenciária. Mas, logo percebi que mulheres tanto em situações de gestante, como de puerpério permanecem juntas na “Ala A”. Por isso, o motivo de a policial citar, alternadamente, as duas situações durante a nossa conversa.

A policial explicou-me um pouco sobre o funcionamento do cotidiano das mulheres gestantes na penitenciária. “Ala A” é a área do berçário e das gestantes. Lá ficam mulheres gestantes e mulheres com bebês. Elas tomam banho de sol juntas, mas separadas das mulheres das outras alas. Apenas nos dias da visita (visita de familiares, às quintas-feiras), todas se encontram no mesmo espaço, o pátio. Além disso, a policial fez questão de ressaltar que esse dia não é um bom dia para eu realizar minha pesquisa, pois toda a comunidade carcerária está muito ocupada. E esse alerta foi repetido por outros agentes durante a pesquisa. Reagi com surpresa a essa informação, pois interferiria em uma das fases de geração de dados inicialmente pensada, que era entrevistar os familiares. Esse procedimento teve que ser retirado da pesquisa, pois ia de encontro aos quesitos de segurança, podendo fragilizar o sistema de segurança da penitenciária com minha presença nos dias de visita. Portanto, esse papel ficou restrito à análise documental das fichas cadastrais.

Em seguida, a policial explicou alguns fatos da rotina da “Ala A”: comentou que a mãe em situação prisional acompanha o bebê ao hospital, quando ele fica doente; que algumas crianças ficam com as mães até os seis meses de idade, outras são abandonadas

²⁵ Na PFDF, há uma ala destinada às mulheres gestantes e às mulheres no puerpério com suas crianças. No entanto, o termo berçário também é utilizado pelas agentes penitenciárias para fazer referência a esse lugar.

na penitenciária, quando não há pessoas da família dispostas a assumir essas crianças. Então, elas são encaminhadas para a Vara da Infância e Juventude – VIJ. A policial acrescentou, ainda, que: *“quando a ‘mãezinha’ cumpre a pena, ela vai buscar depois.”* Ela disse também que a PFDF conta com uma médica clínico-geral e que quando a gravidez é de alto-risco, as gestantes são acompanhadas pelo médico de um posto de saúde. Depois, relatou que 90% delas já chegam à PFDF grávidas, mas que acontece, também, de engravidarem quando, uma vez por ano, vão visitar o companheiro que está preso: *“Aí a gente leva elas lá uma vez no ano. Aí elas voltam grávidas. Às vezes, a família não quer levar, aí entra a VIJ.”*

A respeito de quantas MGSP havia na PFDF, ela informou que eram 15. Depois, perguntou o que eu iria pesquisar com elas mesmo. Expliquei que a pesquisa era sobre representações, identidades e Análise de Discurso Crítica com base nas narrativas de vida dessas mulheres. Aproveitei para perguntar se elas eram receptivas aos pesquisadores. Ela disse que algumas eram, mas outras não.

Joana: Até porque, “nem todo mundo gosta de contar a sua história”. “elas se sentem vítimas e não se acham culpadas”. A maioria tá aqui por tráfico, por causa dos maridos mesmo. Elas vão levar drogas pra eles e acabam presas. É uma situação que não muda há bastante tempo. Mas as gestantes são acompanhadas, tem umas que são soropositivo... A maioria dos pais tá presa. Grande parte delas foi presa por causa deles!

No entanto, após a análise dos dados, é possível perceber que não se aplica às experiências de algumas das MGSP do grupo pesquisado, o discurso da policial civil de que a situação prisional das MGSP é em função, preponderantemente, de seus companheiros. Algumas MGSP tentam entrar com drogas nas instituições prisionais porque veem nisso uma possibilidade de amenizar as dificuldades em razão da desigualdade social.

Por último, fui orientada pela policial a ir com roupa clara, não necessariamente branca²⁶ e a evitar o uso de bolsa, joias, ou seja, a usar o estritamente necessário à pesquisa, para a minha própria segurança. A policial me assegurou, ainda, que haveria

²⁶ No contexto prisional, a cor preta é usado apenas pelos(as) agentes penitenciários(as). O motivo é evitar que alguma das mulheres em situação prisional, ao usar preto, possa passar despercebida e conseguir fugir. Além disso, em caso de rebelião, o destaque da cor escura facilita a identificação de agentes, em meio ao uniforme branco das mulheres em situação prisional.

alguém da segurança comigo, mas que a pessoa ficaria a uma certa distância, pois quando os agentes estão perto, as “internas” ficam constrangidas. No entanto, durante algumas das interações, foi bem difícil ficar a sós com as MGSP. Em resumo, a cada visita, eu precisava lançar mão de estratégias discursivas de aproximação e negociação para ter acesso às colaboradoras da pesquisa.

2.2.1 Flexibilidade da pesquisa

Uma abordagem qualitativa pressupõe que o processo de pesquisa não seja reduzido a uma sequência de fases sustentadas por procedimentos – como fases imutáveis. Ao contrário, a construção de uma pesquisa qualitativa requer reflexões e ajustes constantes entre as diferentes fases que compõem o todo da pesquisa. Assim, ao iniciar a segunda fase da pesquisa, percebi a necessária e, mesmo, urgente flexibilidade a ser adotada na pesquisa.

Inicialmente, no projeto, eu previ trabalhar com a técnica do grupo focal, que, conforme Flick (2009a), é adotada “quando se quer estudar a interação em um grupo, em relação a um tema específico” ou “para analisar e comparar como um conjunto de pessoas discute um tema” (FLICK, 2009a, p. 114). No entanto, o uso dessa técnica foi inviabilizado pelas imposições do contexto, mais especificamente, esse ajuste foi feito quando percebi que, todas as vezes que era possível interagir com as MGSP de forma coletiva, a vigilância por parte de agentes penitenciárias era mais efetiva, o que causava um constrangimento visível das colaboradoras e elas se mantinham caladas. Interagir com mais de uma MGSP, exigiria a presença de mais de uma pessoa da segurança. E a PFDF não podia dispor de mais profissionais para me acompanhar. Além disso, nas interações com as MGSP, também fui desencorajada a acompanhar as visitas de seus familiares. Por esses motivos, não utilizei a técnica do grupo focal e nem entrevistei os familiares. Para tal flexibilização, tive o respaldo nas colocações de Mason (1997) no sentido de que, na PQL, esse tipo de remanejamento é considerado reflexivo, pois possibilita ao pesquisador relacionar a geração e/ ou a coleta de dados.

Nesse ponto, tive que adotar uma postura holística que se desenhou pela prática social do Sistema Prisional. E o propósito de construir um perfil dessas mulheres com as informações coletadas pelos familiares foi assumido pela análise documental das fichas

cadastrais. Assim, é relevante ressaltar o respeito de tal decisão ao princípio holístico no que se refere a regras, a conceitos, a crenças e a significados dos sujeitos em seu próprio grupo, como sugere van Lier (1989).

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi reformulado para: compreender que implicações, em termos de realidade social, têm as diferenças entre as representações linguístico-discursivas atribuídas pelo “outro” nas representações linguístico-discursivas autoatribuídas em discursos de MGSP. Sendo assim, durante a interação com o contexto, foi possível articular os métodos de forma flexível, de modo que atendessem às necessidades de possíveis ajustes. Por isso, ressalto a necessária flexibilidade da pesquisa.

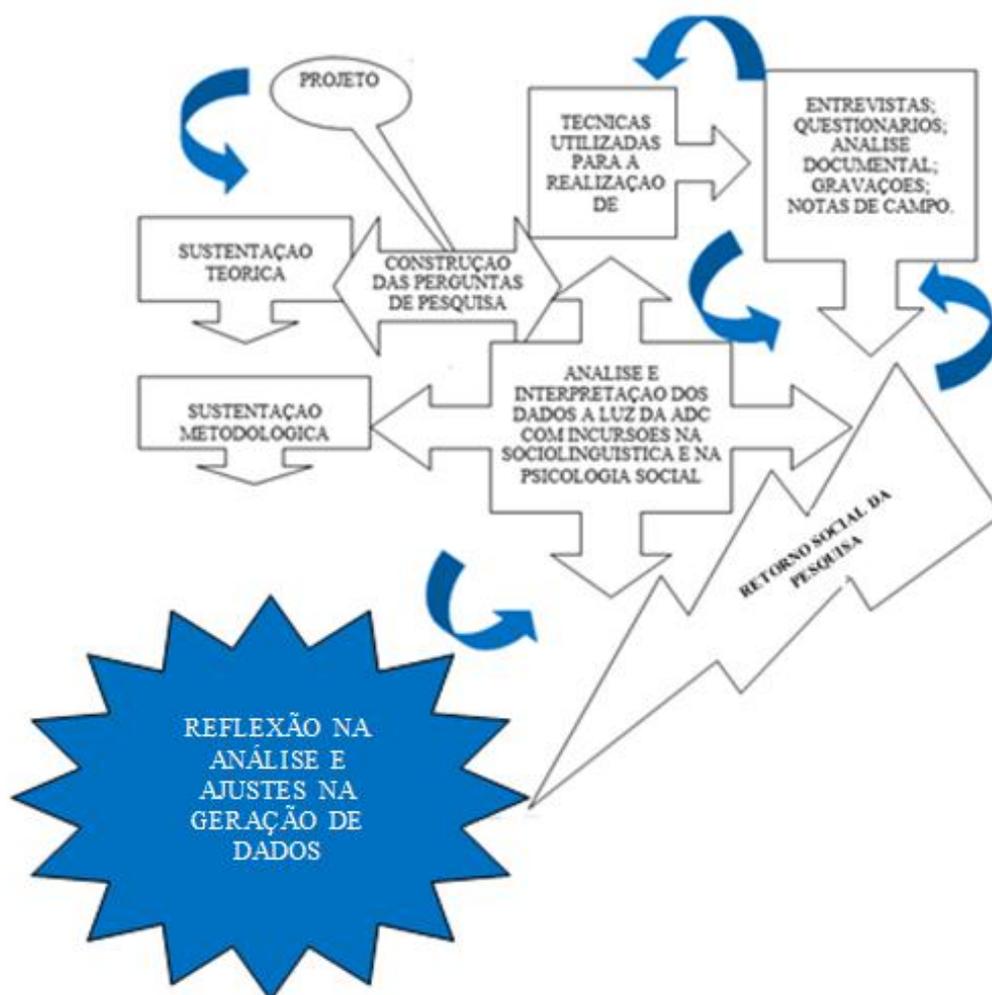


Figura 9 - Percursos da pesquisa

Por fim, as estratégias de pesquisa que acabaram sendo utilizadas no percurso da pesquisa (sobre as quais me detive na seção **2.1.4**) foram as seguintes: entrevista com uma policial civil responsável pela Ala de Bebê e Gestante, entrevista com uma ex-diretora da VEC, entrevistas semiestruturadas com MGSP, transcrição de micronarrativas orais, notas de campo, observação e leitura e análise de três notícias eletrônicas e dos respectivos comentários eletrônicos publicados pela imprensa eletrônica.

A respeito dos percursos da pesquisa, ilustrados na **Figura 9**, cabe ressaltar que as micronarrativas, as notícias e os comentários eletrônicos são considerados como parte dos eventos sociais observados. Além disso, foram analisados de acordo com os momentos constitutivos da orientação teórico-metodológica da ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

Na fase III da pesquisa, que está representada na **Figura 9**, em análise e interpretação dos dados, procedo a avaliação dos resultados das análises, as quais estão embasadas no aporte teórico apresentado no **Capítulo 1** desta tese: Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999), no Sistema de transitividade (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), nas Redes de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008) e no sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005; VIAN JR., 2010). Ademais, é previsto um retorno social à PFDF e às participantes da pesquisa que será feito por meio da divulgação deste estudo. Esse retorno social da pesquisa foi representado, na **Figura 9**, como um raio, justamente por seu potencial em contribuir com possíveis ressignificações e avaliações reveladas discursivamente em relações às formas como MGSP são representadas. Essa contribuição deverá ser feita por meio da divulgação da pesquisa junto a entidades de militância a favor da garantia dos direitos de mulheres em situação de exclusão.

2.2.2 Considerações éticas da pesquisa

A respeito dos preceitos de confiabilidade e das considerações éticas que orientam esta pesquisa, sigo Dupas (2001, p. 75) que afirma: “o saber não pode, enquanto tal, ser isolado de suas consequências.” Sendo assim, uma pesquisa

qualitativa, por naturalmente tornar-se pública e, necessariamente, confiável, pode ser percebida como uma potencial possibilidade de recurso mediador de transformações sociais, em vários âmbitos, devendo, por isso, mostrar-se socialmente relevante e inerentemente ética.

Atualmente, as pesquisas que envolvem seres humanos devem ser submetidas à análise dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP), como normatiza a Resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº 196, de 10 de outubro de 1996. Submeti o meu projeto à apreciação deste Comitê e fui orientada a atender algumas considerações. Entre as quais, a que mais me chamou a atenção foi a que questionava o motivo de eu ter escolhido como participantes da minha pesquisa o grupo das MGSP, se havia a possibilidade de realizar a pesquisa com outras pessoas.

Em relação aos apontamentos do mencionado Parecer com relação à pertinência da escolha do grupo social MGSP, aos possíveis riscos e às implicações da pesquisa, foram providenciados os seguintes atendimentos: expliquei que essas mulheres são uma minoria vulnerável em situação prisional, com seus direitos à dignidade, muitas vezes, violados; relatei ao CEP que medidas preventivas durante as entrevistas seriam tomadas para evitar qualquer risco ou incômodo. Além disso, que caso a pesquisa pudesse vir a gerar algum tipo de constrangimento, as participantes não precisariam realizá-la. Essa informação, inclusive, está clara no TCLE que foi entregue às MGSP, à diretora da PFD, à ex-diretora da VEC, à policial civil e às agentes penitenciárias. Além disso, para resguardar a mim e as participantes, em termos de segurança, os momentos das entrevistas são acompanhados por uma agente penitenciária.

A respeito da indagação sobre a pertinência da pesquisa com micronarrativas de vida e com base na afirmação de que as micronarrativas são também uma maneira de compreender as relações sociais, pois como afirma Bauman (1986), é essencial estabelecer uma relação entre práticas sociais e micronarrativas. Assim é que

os eventos são abstrações da narrativa. São as estruturas de significação na narrativa que dão coerência aos eventos no nosso entendimento, que nos possibilitam construir, no processo interdependente de narração e interpretação, um conjunto coerente de inter-relações que denominamos um evento (BAUMAN, 1986, p. 5).

Nesse sentido, compreendo que o ator social, ao falar sobre suas experiências passadas e ao contar fatos específicos, está co-construindo suas representações, suas constituições identitárias e, mesmo, suas perspectivas em relação ao contexto social no qual está inserido. Por isso, ressaltar junto ao CEP que as micronarrativas seriam tomadas como parte dos eventos sociais observados e, não, de forma descontextualizada. Como benefícios, relatei que a pesquisa apresenta análises dos modos como as representações, presentes nos discursos das MGSP e nos discursos de outros atores sociais, podem contribuir com possíveis reflexões e ressignificações a respeito de representações atribuídas e autoatribuídas às MGSP. Principalmente, no tocante às representações que acabam resultando em atribuição de estigmas às MGSP, em seus próprios discursos e nos discursos de outros atores que se referem ou que estão, de certo modo, envolvidos no processo de busca pela reintegração social. Para finalizar, os resultados da pesquisa serão compartilhados com a instituição (PFDF) de modo a relacioná-los com o fortalecimento da identidade social da MGSP, a partir da diversidade de interpretações orientada pela ADC.

Dessa forma, cuidei para que as exigências constantes no TCLE (APÊNDICE I), ou seja, as informações referentes à pesquisa, à livre participação, à garantia da privacidade e do anonimato e ainda à desistência ao longo do estudo e a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou ônus, foram transmitidos às participantes da pesquisa. Assim, entreguei a todas as participantes o Termo para que lessem e assinassem.

Por fim, durante as minhas interações com as MGSP, é importante ressaltar que há um movimento de aproximação pessoal e de distanciamento do meu papel como pesquisadora. Para alcançar um equilíbrio entre essas duas opções, é necessário fazer articulações reflexivas. Isso, no sentido de construir reflexões críticas e científicas, ou seja, para atender a preceitos de confiabilidade sobre os quais passo a discutir na **seção 2.2.3**.

2.2.3 A metáfora da cristalização

A respeito de preceitos que contribuam para conferir confiabilidade à PQI, Janesick (2000) afirma que “pesquisadores qualitativos não assumem que haja apenas

uma forma de interpretar um evento. Não há uma interpretação ‘correta’.” (JANESICK, 2000, p. 393). Desse modo, pela afinidade com o teor interpretativista da PQI, recorri ao método da cristalização, o qual surgiu como metáfora pela analogia com a forma do cristal, para proceder a análise dos dados.

A despeito de a triangulação ser o método mais popularmente utilizado, Richardson (2000), em seu capítulo de contribuição sobre a escrita como método de investigação, discorda da concepção de triangulação e defende que, segundo a visão dele, a imagem mais apropriada à investigação qualitativa não seria a do triângulo, mas sim, a do cristal, conforme asserção abaixo que confirma a metáfora do cristal.

Cristais crescem, modificam-se, alteram-se, mas não são disformes. Os cristais são prismas que refletem as externalidades e refratam dentro de si, criando diferentes padrões de cores, e de matizes, refletindo em diferentes direções. O que vemos depende do nosso ângulo de observação. E isso não é triangulação, é cristalização (RICHARDSON, 2000, p. 934. Tradução minha.)²⁷

Acrescento a essa ideia as reflexões de Denzin e Lincoln (2006, p. 21) no tocante a não ser possível captar a realidade em sua totalidade, mas apenas reproduzir alguns de seus recortes por meio das suas representações. Desse modo, o uso de diversas técnicas, durante a geração de dados, sinaliza a complexidade e a dinamicidade da questão social pesquisada. Nesse sentido, é possível justificar o motivo da diversidade das fontes de pesquisa utilizadas: observação, notas de campo, micronarrativas de vida, entrevistas com uma policial civil e com uma ex-diretora da VEC, entrevistas semiestruturadas com MGSP, e leitura e seleção de notícias eletrônicas e de comentários eletrônicos.

Com base na metáfora da cristalização proposta por Richardson (1997), durante a análise e interpretação dos dados, assim como um narrador que, ao contar uma história por diversas vezes e em cada uma delas ressaltar importantes fatos, não observados num primeiro olhar, procuro conduzir a cristalização dos dados de acordo com o roteiro ilustrado na **Figura 10**, abaixo. Cabe destacar, que a razão para a junção entre análise e interpretação no mesmo tópico é que, conforme a orientação teórico-metodológica

²⁷Traduzido do original em inglês: “*Crystals grow, change, alter, but not are amorphous. Crystals are prisms that reflect externalities and refract within themselves, creating different colors, patterns, arrays, casting off in different directions*” (RICHARDSON, 2000, p. 934).

proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), a análise descritiva dos processos discursivos com os quais nos deparamos na superfície linguística exige interpretação.

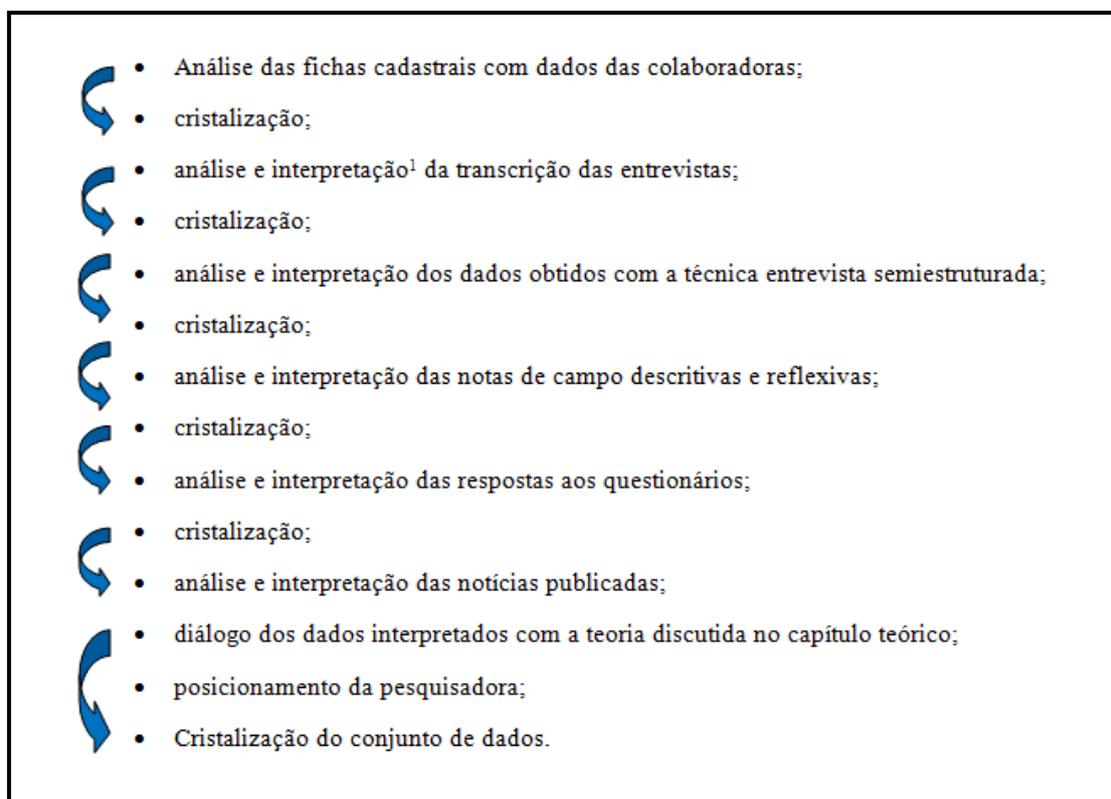


Figura10 - Roteiro para cristalização de dados

Desse modo, podemos depreender que essa interpretação se faz pela articulação concomitante dos processos discursivos (produtivos e interpretativos), com aspectos sociais e textuais. Sendo assim, procurei fazer com que os procedimentos de cristalização dos dados permeassem cada uma das fases durante a análise e interpretação dos dados.

2.2.4 Proximidade e Distanciamento do Tema

Nós sabemos o que é a “noite” porque ela não é o “dia”. Observe-se a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem “eu” sou em relação com “o outro” (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser (HALL, 2006, p. 40, 41).

Para explicar a relevância, para o percurso metodológico, de tratar sobre proximidade e distanciamento do tema, foi preciso trazer, em certa medida, uma teorização sobre identidades. Assim, a citação com que inicio esta subseção reflete o pensamento de Hall (2006), ao conceituar identidade cultural na pós-modernidade, de que ao entendimento do processo de construção identitária do indivíduo é de fundamental importância a compreensão do lugar ocupado pelo sujeito na sociedade. Isso porque é possível assumir identidades distintas de acordo com os papéis sociais exercidos nos diversos âmbitos do contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Desse modo, ao escolher representações linguístico-discursivas como foco de investigação, deparei-me com a problemática de discutir algo que, na definição de Hall ([1987] 2006, p. 13) é uma “[...] ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” Desse modo, Hall (*op cit*) afirma que o contato com o outro é o que constitui o homem. Sua identidade, como “celebração móvel”, portanto, está sujeita a contínuas (trans)formações e suscetível de construir-se na relação com “o outro”, em contextos sociais compartilhados. Por conseguinte, para o autor (*op cit*) perde o sentido pensar a identidade como única e definida.

Se percebo o caráter de mudança presente na constituição identitária como um processo que se realiza a partir das relações que o indivíduo estabelece com o outro, no contexto social no qual está inserido, preciso considerar a importância desse processo como “ponte” entre a realidade pessoal e a realidade social. Por isso, deixo aqui, um questionamento que reflete esta problemática: “Até que ponto eu não tenho nada a ver com isso?”

Para Giddens (1990), a relação entre o processo de construção identitária e o contexto social, no qual o indivíduo está inserido, é dialética e reflexiva: “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter.” (GIDDENS, 1990, p. 37, 38). Em outras palavras, a identidade não é um processo construído apenas pelo indivíduo, mas pelo que esse indivíduo percebe de si e pelo modo como é percebido pelo outro, nos contextos sociais compartilhados.

Pensamento semelhante a respeito de identidade pode ser encontrado nas reflexões do filósofo polonês, Zygmunt Bauman (2009), em sua obra intitulada “A arte

da vida”. Para Bauman (2009, p. 27), “‘o prazer da ligação’, que deve seu crescimento saudável em igual medida às qualidades do objeto de seus cuidados e à qualidade dos próprios cuidados.” Esse “prazer da ligação” está fortemente relacionado com o que, mais adiante, o autor chama de “prazer dos prazeres” que corresponde a reflexão de que a identidade não é dada ao indivíduo a priori, precisa ser construída assim como uma obra de arte (metáfora utilizada pelo autor), pois

Esse prazer esquivo, mas muito real e extremamente intenso do ‘Eu-Tu’, do ‘vivemos um para o outro’, do ‘somos um só’. O prazer de ‘fazer uma diferença’ que não interessa apenas a você. De causar impacto e deixar a sua marca. De sentir-se necessário – e insubstituível: um sentimento profundamente prazeroso, embora tão difícil de obter, e totalmente inatingível, ou melhor, inconcebível na solidão da preocupação consigo mesmo e quando a atenção se concentra estritamente na autocriação, na autoafirmação e no autofortalecimento. Esse sentimento só pode vir de um sedimento do tempo, do tempo preenchido com seus cuidados –sendo estes o fio precioso com que se tecem as telas resplandecentes da ligação e do convívio (BAUMAN, 2009, p.27, grifos do autor).

Esta citação possibilita depreender das reflexões de Bauman (2009) preocupações com as relações sociais situadas nos tempos pós-modernos ou – como prefere o autor – nos tempos líquido-modernos. Na obra em questão, Bauman (2009, p.71) compara o protagonismo da vida com a autoria de uma obra de arte. A partir dessa proposição, o autor reflete sobre as possibilidades de moldar a vida, e, por conseguinte, o mundo. Como bem afirma o autor – ao ter como parâmetro os artistas como criaturas aventureiras e dadas à experimentação – (BAUMAN, 2009, p. 71), “(...) e todos nós, homens e mulheres, velhos e jovens, tendo ouvido dizerem que a vida é um objeto de arte, dado/deixado (...) para ser modelado, somos provocados e seduzidos a assumir os riscos que essa arte inevitavelmente implica.” Nesse sentido, podemos depreender que esses “riscos” implicam escolhas que nos levam a constituir identidades que não são únicas e nem, exclusivamente, individuais. Por conseguinte, as identidades não são pré-concebidas, mas construídas, assim como seria uma obra de arte.

Trazendo essas reflexões sobre a relação entre o individual e o coletivo para a realização da pesquisa em questão, considero que há distância– da minha condição de indivíduo e de pesquisadora – do tema *Representações linguístico-discursivas de MGSP*

por se tratar de uma realidade totalmente diferente da minha e nunca vivenciada por mim. A proximidade, por sua vez, também teve sua relevância a começar pelo meu interesse em pesquisar sobre representações e identidades de MGSP. Por isso, ao realizar este estudo, procurei englobar desde a estrutura física do presídio até o funcionamento interno e as experiências mais pessoais e singulares das MGSP.

A aproximação do tema de minha pesquisa foi essencial. Com isso, percebi que, ao tentar colocar em prática a perspectiva êmica – proposta por Fetterman (1998) no sentido de levar em consideração a perspectiva de realidade das colaboradoras da pesquisa – alguns aspectos me surpreenderam. Entre os mais marcantes, a confirmação da existência de regras morais no convívio entre as MGSP, bem como de regras sociais que elas estabelecem para poder viver com suas companheiras de cela. Contudo, preocupei-me em não desconsiderar seus crimes. Além disso, o carisma de algumas internas e o efeito disso em mim também foram aspectos marcantes, pois a cada micronarrativa, eu percebia que me importava com elas e que torcia para que elas pudessem, realmente, superar seus obstáculos. Em outras palavras, eu acabava sofrendo junto com elas, tamanha a riqueza dos detalhes com que narravam suas histórias de vida.

O distanciamento do tema, por sua vez, também foi relevante. Apesar de compadecer-me com a história de vida da maioria das colaboradoras, procurei não esquecer dos motivos pelos quais estavam ali. Por isso, antes de interagir com as colaboradoras, preocupei-me em saber um pouco mais sobre suas experiências de vida e fazer um levantamento a respeito do tipo de crime cometido por meio de análise documental de suas fichas cadastrais. Tais dados não tiveram papel de destaque, mas contribuíram para traçar o perfil das colaboradoras, conforme o quadro-síntese apresentado na **seção 3.1**, do **Capítulo 3** desta tese.

O que desejo com esta breve reflexão traduzida pela pergunta “Até que ponto eu não tenho nada a ver com isso?” é provocar uma reflexão, um debate e (por que não?) uma explanação de outras maneiras de diminuir os efeitos negativos que o envolvimento dessas mulheres no mundo do crime tem não só para elas, seus bebês e suas famílias, mas para a sociedade, ou seja, para cada um de nós. Nesse sentido, é tão importante pensar em maneiras de atingir positivamente as MGSP, de modo a fazer bem

a si e aos outros. Como bem aponta Bauman (2009), “O prazer de ‘fazer uma diferença’ que não interessa apenas a você” (BAUMAN, 2009, p. 27).

2.2.5 Sistematização dos dados para análise

Conduzida pelos momentos constitutivos da orientação teórico-metodológico da ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999), após empregar a metodologia e constituir o *corpus* da pesquisa, conforme tento sintetizar no **Quadro 6**, passei a sistematizar os dados de acordo com as questões de pesquisa.

Quadro 6 - Procedimentos, perguntas norteadoras e fontes de coleta e geração de dados

Período de constituição do <i>corpus</i> / número de encontros	Procedimentos	Perguntas norteadoras	Fontes de coleta e geração de dados
Encontros semanais: 6 encontros. 2013 - 2014	Análise documental; Análise e reflexões com base em marcas linguístico-discursivas que revelassem representações autoatribuídas nos discursos das colaboradoras.	Que representações são construídas pelas MGSP em suas micronarrativas de vida?	Fichas cadastrais/ Gravações em áudio das narrativas orais/ entrevistas com os (as) agentes penitenciários (as)/ notas de campo.
Encontros semanais: 6 encontros. 2013 - 2014	Escritura de notas de campo/ Realização de entrevista com ex-diretora da VEP/ Análise das narrativas orais.		Observação / Entrevista/ Notas de campo/ Narrativas orais.
Encontros semanais: 40 - 120 minutos.	Reflexões sobre marcas identitárias no discurso dos agentes penitenciários.		Entrevistas/ Análise de três notícias publicadas na mídia eletrônica local.
Junho a agosto de 2015.	Análise discursiva crítica de representações em três notícias publicadas pela mídia eletrônica.	Como as MGSP são representadas em notícias eletrônicas?	3 notícias publicadas no Portal G1.
Agosto a dezembro de 2015	Análise discursiva crítica de representações em comentários eletrônicos pertinentes às três notícias publicadas pela mídia eletrônica.	Como as MGSP são representadas em comentários eletrônicos?	16 comentários eletrônicos postados por leitores das notícias no portal eletrônico G1.
Agosto de 2015 a agosto	Cristalização e articulação dos dados gerados e	Que diferenças entre as representações	Micronarrativas organizadas em 10

de 2016	analisados por meio da análise das micronarrativas de vida, das notícias e dos comentários eletrônicos.	atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?	eixos temáticos sobre experiências das MGSP; 3 notícias envolvendo as MGSP; 16 comentários eletrônicos;
---------	---	--	---

Assim, o primeiro passo consistiu na transcrição das entrevistas semiestruturadas com cada uma das seis colaboradoras. O segundo passo corresponde à percepção de que, por meio das entrevistas semiestruturadas, eu havia tido acesso a micronarrativas de vida e que essas micronarrativas faziam alusão a experiências. O terceiro passo consistiu, então, em organizar as micronarrativas em 10 eixos temáticos, o que resultou nas alíneas de “a” a “j”: a) Fase mais marcante da vida: um ponto de partida; b) evento motivador da situação prisional; c) experiência com a gestação e com a maternidade; d) eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional; e) relação com os outros atores sociais na PFDF: mulheres gestantes em situação prisional; f) relação com os outros atores sociais na PFDF: agentes penitenciários; g) relação com a escola; h) relação com o trabalho; i) estigma em razão da situação prisional; j) projeções e expectativas para após a situação prisional. O quarto passo foi realizar uma leitura cuidadosa dos dados e propor diálogos entre as estruturas linguístico-discursivas, a teoria e a metodologia. Assim, para chegar à opção da primeira categoria analítica (sistema de transitividade), selecionei os excertos e destaquei os processos, de acordo com a LSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Concomitantemente, como propõe a orientação teórico-metodológica da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), percebi a possibilidade de dialogar os dados com a teoria e com a metodologia a respeito da Rede de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008), uma vez que, durante as micronarrativas, as MGSP se autoatribuem representações, atribuem representações a outros atores sociais e a eventos sociais. Em seguida, o sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) também emergiu dos dados.

Quanto às notícias eletrônicas e aos comentários eletrônicos, o primeiro passo foi selecionar as notícias e os comentários. Para isso, usei como critérios a publicação de notícias em portais com ampla circulação e os desvelamentos dos textos para as MGSP. Além disso, como critério de coleta de dados, estabeleci acompanhar as publicações de notícias eletrônicas envolvendo MGSP no recorte temporal de maio a dezembro de 2015. No entanto, o evento envolvendo MGSP foi publicado em maio de 2015 e o desfecho do referido fato foi publicado em agosto de 2015. Como já mencionado, as escolhas das categorias de análise também foram pautadas nas propostas de Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 1993, 1999), do Sistema de transitividade (HALLIDAY, 1998), das Redes de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997, 2008) e do sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005; VIAN JR., 2010).

Desse modo, quanto ao referencial metodológico, a análise é sustentada pela Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 2003) para estudar as representações e as relações de ideologia e poder reveladas nas diferenças entre os discursos em que representações são atribuídas às MGSP e, também, autoatribuídas. Essa perspectiva evidencia como as relações de poder são interpretadas, legitimadas e reproduzidas. É importante, portanto, compreender o papel do discurso de MGSP e de meios de comunicação de ampla circulação, como a imprensa, como atores sociais cujos discursos têm impactos na realidade social. Nesse sentido, a ADC constitui-se num processo de investigação de um recorte da realidade social.

No presente capítulo, apresentei a metodologia que orienta esta pesquisa. Além disso, foi relatado o percurso metodológico, instrumentos de coleta e geração de dados, bem como as estratégias utilizadas para sintetizar os dados. No capítulo seguinte, apresento as análises dos dados gerados em conformidade com a sustentação teórica e metodológica discutida até este ponto.

CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE MULHERES GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL EM MICRONARRATIVAS DE VIDA, EM NOTÍCIAS E EM COMENTÁRIOS ELETRÔNICOS

Neste capítulo, busco identificar representações de MGSP, através de uma análise documental de fichas cadastrais das MGSP, de uma síntese das notas de campo registradas após cada visita à PFD, de uma análise das micronarrativas das seis colaboradoras e de uma análise das notícias eletrônicas e respectivos comentários eletrônicos a respeito de eventos envolvendo MGSP, articuladas a uma análise de trechos do Relatório de prevenção e combate à tortura, elaborado por órgãos competentes, durante visita à PFD. Essas análises são orientadas pelas questões de pesquisa: *1. Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?*; *2. Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?*; *2.1 Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?* e *3. Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?*

Para isso, na **seção 3.1**, construo uma síntese dos perfis das colaboradoras a partir de análise das fichas cadastrais e da entrevista com uma policial civil responsável pela Ala de Bebê e Gestantes. Na **seção 3.1.2**, apresento aspectos do contexto situacional das entrevistas com as colaboradoras a partir das notas de campo. Na **seção 3.2**, apresento e discuto a análise de representações de atores sociais em micronarrativas de vida de MGSP. Na **seção 3.2.2**, apresento algumas reflexões sobre como são representadas as MGSP nas micronarrativas de vida. Na **seção 3.3.1**, apresento e discuto representações discursivas atribuídas às MGSP em notícias eletrônicas e respectivos comentários eletrônicos. Na **seção 3.3.2**, apresento algumas reflexões sobre como são representadas as MGSP nas notícias e nos comentários. Na **seção 3.3.3**, articulo os resultados das análises e retomo as questões de pesquisa. Finalmente, nas **Reflexões Finais**, retomo os momentos constitutivos da orientação analítica da ADC para articular as representações nas micronarrativas de vida das MGSP com as representações nas notícias eletrônicas e nos respectivos comentários eletrônicos.

Desse modo, compartilhando com Richardson (1997) o entendimento de que, no processo de cristalização, há possibilidades de se interpretar os fenômenos a partir de diferentes perspectivas, passo à análise dos dados gerados a partir de instrumentos diversos.

3.1 Perfis das colaboradoras a partir de análise das fichas cadastrais

Como necessário subsídio à análise qualitativa, apresento dados que contribuem para a construção de uma síntese dos perfis das colaboradoras, a partir da análise de suas fichas cadastrais. Essas fichas são preenchidas por um servidor da PFDF, assim que essas mulheres iniciam o cumprimento de suas penas. Com exceção do artigo penal, os outros dados, como idade gestacional, número de filhos, cor, moradia, entre outros, são informados pelas próprias mulheres. Em seguida, essas fichas são arquivadas na PFDF.

A análise das fichas cadastrais, bem como a análise das micronarrativas de vida das colaboradoras possibilitou explicar alguns pontos semelhantes nas suas experiências anteriores à situação prisional, de modo que uma fonte complementa os dados da outra. No **Quadro 7**, apresento em síntese os dados relativos às colaboradoras da pesquisa.

O universo abrangido pelos dados quantitativos recolhidos das fichas cadastrais, dos arquivos da PFDF, entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, totalizava que, na Ala de Bebê e Gestante, havia dezessete MGSP e, em janeiro de 2014, um total de vinte e uma. Nesta última totalização, incluem-se dezoito gestantes do período anterior. Das 21 MGSP, foram entrevistadas seis, uma vez que foi este o número de participantes que se dispôs a colaborar com esta pesquisa. O **Quadro 7** identifica seus principais dados, conforme foram significados e narrados por elas e conforme análise documental de suas fichas cadastrais.

Quadro 7 - Síntese de perfis das colaboradoras da pesquisa

NOME	Kelly	Aline	Cleide	Laila	Vanda	Santa
Idade	26 anos	32 anos	25 anos	34 anos	34 anos	22 anos
Idade gestacional	7 meses	9 meses	7 meses	6 meses	7 meses	5 meses
Número de filhos	1	1	3	1	5	3
Cor	parda	parda	negra	branca	amarela	morena
Estado civil	amasiada	amasiada	amasiada	solteira	solteira	solteira
Naturalidade	Brasília	Bahia	Bahia	Brasília	Bahia	Brasília
Moradia	Santa Maria-DF	Goiânia-GO	Samambaia-DF	Taguatinga - DF	Jardim Ingá-GO/ Cerrado (invasão na Asa Norte)	FERCAL-DF
Escolaridade	Ensino Médio Incompleto	Ensino Superior Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Médio Completo./ Curso Técnico em Gestão e Marketing completo.	Analfabeta	Ensino Fundamental Incompleto
Profissão	Auxiliar de Serviços Gerais	Assistente administrativo	Babá	Gerente de Marketing	Babá na Asa Norte	Empregada doméstica
Motivo	Art. 157, 2º, Inc. I e II, com 14	Art. 155, 4º, Inc. II com Art. 71.	Art. 155, 244, 299	Art. 33	Art. 33	Art. 33, 40, 304.
Número de prisões	2	Ré primária	Ré primária	Ré primária	6	Ré primária
Período detida	4 meses	3 meses	3 meses	3 meses	3 meses	4 meses
Usuária	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO

A idade delas, conforme o **Quadro 7**, varia de 22 a 34 anos. Pode-se dizer que a população de MGSP em situação prisional é predominantemente jovem. No entanto, a maioria tem uma aparência que destoa – para mais – da idade real.

A idade gestacional das colaboradoras varia de seis a nove meses. É importante ressaltar que, no período em que realizei a pesquisa, foi possível encontrar algumas das

MGSP já com seus bebês, inclusive os bebês da Kelly e da Cleide, que nasceram prematuros. O bebê da Cleide ficou dois meses internado porque nasceu com síndrome de abstinência e sífilis, teve alta e foi levado para a Ala de Bebê e Gestantes para ficar sob os cuidados da mãe.

Pela análise das fichas cadastrais, foi possível perceber que todas as mulheres da Ala de Bebê e Gestantes já haviam sido mães. Das entrevistadas, o número de filhos varia de um a cinco. Sobre esse quesito, foi significativo, entre as mulheres que informaram ser usuárias de drogas, o relato de que embora já tenham sido mães, não cuidaram de seus filhos. Todas afirmaram contar com o apoio da família para cuidar e para educar os filhos. Sem entrar muito nesse mérito, apenas para mencionar como resultado de minhas incursões em leituras sobre a identificação como mãe, a esse respeito, Andrade (2002, p. 167) mostra que o processo da maternidade nem sempre se desenvolve com a chegada do primeiro filho e que esse processo pode se prolongar por mais de uma gestação.

Em relação à distribuição das MGSP segundo a cor, cada uma autodenominou a própria cor, conforme o **Quadro 7**. Incluem-se aí categorias híbridas, como a parda, e ainda houve a denominação de cor amarela. A subjetividade envolvida quanto a dados desse tipo demonstra que o fato de as pessoas identificarem a si mesmas de modo híbrido é um indicativo de que as representações institucionais, por mais poderosas que sejam, podem sofrer resistência. Aliás, a aplicação de rótulos identitários generalizantes, considerados “estáveis” e “puros”, parece fazer parte da política do Estado, como forma de exercício de poder, como discutido a respeito da ordem patriarcal (SAFFIOTI, 1992, 2004). No entanto, uma análise dos dados demonstra que nem sempre há assentimento a essas classificações e nem é preciso haver.

A respeito do estado civil, nas entrevistas, metade das mulheres afirmou ser amasiada e a outra metade, solteira. No entanto, durante as entrevistas, todas relataram a grande importância da existência de uma figura masculina em suas vidas; inclusive, como mostro mais adiante, na análise das micronarrativas de vida, algumas delas se encontram detidas por causas ligadas a essas relações. Ainda a respeito do estado civil das MGSP, é importante considerar que, de acordo com o estabelecido pela lei civil, apenas as denominações solteira, casada, viúva, separada judicialmente e divorciada correspondem ao que se denomina estado civil, mas tanto nas micronarrativas – em que

as mulheres não levam em conta a denominação legalmente instituída, uma vez que aparecem nos registros a categoria de amasiada – quanto no presente estudo, tendo em vista, inclusive, o conceito de família na Constituição Federal de 1988 – é irrelevante o fato de existir a formalização legal da união. As uniões, neste caso, são consensualmente instituídas e, ou são interrompidas quando do ingresso da mulher na prisão. Isso ocorre, segundo a entrevista com a policial civil responsável pela Ala de Bebê e Gestantes, com mais frequência, porque os companheiros também estão presos ou, então, porque retiraram os nomes das mulheres da lista de companheiras que podem realizar visita íntima.

Quanto à naturalidade, a maioria das MGSP é oriunda do próprio Distrito Federal. Mas também há duas mulheres que nasceram no interior da Bahia e vieram para o DF ainda crianças.

Vale ressaltar que, em relação às cidades de residência, a maioria reside em cidades satélites periféricas do DF, ou em cidades do entorno do DF, pertencentes ao estado de Goiás.

O **Quadro 7** de síntese evidencia a heterogeneidade do grau de escolaridade das MGSP, pois apresenta uma mulher como analfabeta, duas com Ensino Fundamental Incompleto, uma com Ensino Médio completo, uma com Ensino Médio completo e Curso Técnico em Gestão e Marketing e uma com Curso Superior incompleto em Administração de Empresas.

A ocupação das MGSP, no mercado de trabalho, também é heterogênea. Algumas dessas mulheres caracterizaram suas profissões como de baixa remuneração e de baixo prestígio. No entanto, de acordo com as micronarrativas, é clara a relação entre satisfação e prestígio com o trabalho e maior grau de escolaridade. As profissões relatadas foram as de babá, empregada doméstica, auxiliar de serviços gerais, gerente de *Marketing* e auxiliar de Administração. Pude perceber, já nas micronarrativas, que as mulheres com baixo grau de escolaridade não tiveram opções favoráveis quanto a uma profissão de maior prestígio social e de remuneração satisfatória, o que pode ter implicações para o ingresso delas na criminalidade.

A totalidade das mulheres com as quais interagi tem a vida marcada por relacionamentos amorosos conturbados, pela ausência de condições (materiais e/ ou emocionais) e, com exceção de duas das colaboradoras, pela dependência química.

Essas situações abriram caminho, de acordo com as micronarrativas de vida, para a procura, desde a idade precoce, de dinheiro fácil para obtenção de recursos necessários para manter o relacionamento e/ ou o vício. Todas afirmaram terem tentado, mais de uma vez, assegurar ilicitamente meios necessários à manutenção do relacionamento e/ ou do vício. E apenas uma, Santa, relacionou a ilicitude cometida por ela à necessidade de alimentar os filhos.

O **Quadro 7** também revela o tipo penal em que as colaboradoras foram enquadradas, destacando-se a prevalência do artigo 33 - tráfico de drogas, conforme Decreto-lei nº 3.689 que institui o Código de Processo Penal Brasileiro. No grupo pesquisado, há também outros tipos de crime relativos a furto, roubo, falsidade ideológica e corrupção de menores.

3.1.2 Contexto situacional das entrevistas com as colaboradoras a partir das notas de campo

Esta breve apresentação tem a intenção de mostrar um pouco do contexto situacional que conduziu cada uma das seis colaboradoras a participar desta pesquisa. Assim, esta subseção resulta de minhas notas de campo, durante as visitas à PFDF.

Kelly

Na primeira ida até a Ala da Bebê e Gestante, devidamente acompanhada por uma agente penitenciária, retornei, para uma saleta, com uma voluntária para participar da entrevista. Era Kelly, uma MGSP com aparência jovem que logo contou que já era mãe de uma outra criança e que ainda não havia concluído os seus estudos. Apesar das experiências por que Kelly já havia passado, como em função de seu comportamento, sair de casa a pedido da mãe, tornar-se mãe ainda bastante jovem, ter sido usuária de entorpecentes diversos e estar gestante em situação prisional, durante a entrevista, ela demonstrou que sua maneira de enxergar a vida assemelha-se a uma aventura. Mas, com a experiência atual, ela parecia estar começando a enxergar os fatos com mais seriedade.

Aline

Uma semana após a primeira visita, o procedimento para conseguir uma voluntária para a pesquisa foi o mesmo. Fui à Ala de Bebê e Gestante e Aline se voluntariou a colaborar com a pesquisa. Percorremos todo o complexo prisional, até chegarmos à saleta, em que se encontravam, também, agentes penitenciárias. Aline

contou já ser mãe de um menino pré-adolescente, que era universitária e que sua gravidez era de risco. Ela narrou suas experiências de vida de maneira pausada e polida. Além disso, chamou a atenção o fato de que ela se autoatribui representações de mulher apaixonada, mãe dedicada e profissional competente.

Cleide

No dia da entrevista com a Cleide, eu não fui autorizada a ir até a Ala de Bebê e Gestante. As agentes penitenciárias me pediram para aguardar em uma saleta que elas iriam “descer” uma das colaboradoras. Este termo é usado como referência à ação de uma agente penitenciária ir até a Ala de Bebê e Gestante, verificar se há voluntárias para participar da pesquisa e conduzi-la do complexo prisional até a saleta onde ficam as agentes que cuidam da parte administrativa da referida Ala. Logo chegou Cleide. Uma menina grávida que mancava em função de um ferimento na perna (resultado de uma briga na PFDF). Tinha olhar agitado e alguns cacoetes que a faziam torcer o pescoço para o lado esquerdo repetidas vezes. Sua barriga de grávida quase não aparecia. Um dos pontos que me chamaram a atenção foi Cleide se referir a mim com o uso do pronome de tratamento “senhora”. Outro detalhe, segundo ela, é que sua perna estava machucada devido a uma briga corporal entre ela e uma companheira de cela, ambas grávidas.

Vanda

Na entrevista de Vanda, eu também não fui autorizada a ir até a Ala de Bebê e Gestante. Desta vez, as agentes me explicaram que não tinham efetivo suficiente para me acompanhar até lá e, depois, não haveria um agente penitenciária disponível para voltar comigo. Então, aguardei na saleta. Após algum tempo, chegou Vanda. Ela aparentava ter mais idade que as outras MGSP entrevistadas e estava bem magrinha. Não se percebia a sua gravidez. Comecei a explicar sobre o TCLE, que precisaria que ela assinasse concordando em participar voluntariamente da pesquisa e ela me disse, com certo constrangimento, que era analfabeta. Nisso, uma agente penitenciária logo trouxe uma almofada de tinta para carimbo, umedeceu um dos dedos de Vanda e carimbou o TCLE, com muita naturalidade. Vanda não reagiu. Apenas foi conduzida a umedecer os dedos e a pressioná-los contra o documento. A entrevista foi iniciada.

Laila

No dia em que entrevistei Laila, fiquei aguardando na saleta até que uma voluntária a participar da pesquisa chegasse. Era Laila. Uma moça com um jeito amistoso que chegou enfatizando que queria participar da pesquisa. Além disso, contou que já era mãe de uma outra criança e que estava na segunda gestação. Em seu discurso, predominou um não pertencimento à situação prisional.

Santa

A entrevista com Santa foi a mais atípica. Assim que cheguei à PFDF, notei que minha presença ali, durante aqueles meses, bem como os constantes pedidos para entrevistar as MGSP, eram, de certa forma, um inconveniente à rotina de um estabelecimento de segurança. Então, aguardei um pouco e logo recebi a notícia de que naquele dia não seria possível trazer a colaboradora até a saleta, mas que, se eu quisesse, eu poderia ir até a Ala de Bebê e Gestante, mas teria de entrevistar do lado de fora. Eu concordei. Chegando à Ala, a agente penitenciária convocou todas as MGSP e perguntou quem queria participar. Santa levantou o braço. A agente determinou que todas as outras ficassem dentro dos quatinhos e enfatizou que não queria ninguém dentro do banheiro. Eu fiquei do lado de fora e Santa do lado de dentro, com o rosto e a enorme barriga de grávida entre as grades da cela. A agente ficou atrás de mim por alguns minutos, enquanto eu iniciava a entrevista. Depois, ela saiu e logo notei que Santa se apressou em conversar comigo sem a presença da agente. Enquanto isso, as demais MGSP esgueiravam-se pelas portas dos quatinhos para observar aquela interação que, certamente, causava estranhamento. Minutos depois, a agente voltou trazendo uma cadeira para que eu me sentasse. Santa, grávida, continuou em pé. Por esse contexto, a entrevista ocorreu em menos tempo que as demais.

Passo agora, à análise das representações de atores sociais em micronarrativas de vida de MGSP.

3.2 Representações linguístico-discursivas de mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida

Nesta seção, apresento as análises de representações discursivas reveladas no discurso de cada uma das seis MGSP que colaboraram com este estudo, por meio de entrevistas semiestruturadas. Esses dados são analisados com o intuito de responder à

questão de pesquisa: *1. Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?*

Para tanto, nas entrevistas semiestruturadas, analiso as representações discursivas, pelas gestantes em situação prisional, relativas a três dimensões relacionadas com suas histórias de vida. São elas: representações discursivas autoatribuídas, representações discursivas atribuídas a outros atores sociais e a temáticas que correspondem a suas experiências de vida. Ressalto que a seleção das referidas temáticas foi realizada com base no roteiro da entrevista semiestruturada para acesso às micronarrativas de vida (**APÊNDICE II**) e de acordo com as temáticas que se mostraram mais constantes com relação às experiências de vida nos discursos das MGSP. Para isso, serão analisadas representações discursivas reveladas nas micronarrativas a respeito dos seguintes temáticas: a) Fase mais marcante da vida: um ponto de partida; b) evento motivador da situação prisional; c) experiência com a gestação e com a maternidade; d) eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional; e) relação com os outros atores sociais na PFDF: mulheres gestantes em situação prisional; f) relação com os outros atores sociais na PFDF: agentes penitenciários; g) relação com a escola; h) relação com o trabalho; i) estigma em razão da situação prisional; j) projeções e expectativas para após a situação prisional. Além disso, os fragmentos podem ser considerados em sua dimensão temporal, pois correspondem a antes, durante e depois da situação prisional.

Desse modo, para discutir as representações dos referidos atores e temáticas, são elencados excertos das transcrições das entrevistas com cada uma das colaboradoras, sistematizados os dados com base no aporte teórico apresentado no Capítulo 1 desta tese: Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 1993, 1999), no Sistema de transitividade (HALLIDAY, 1998), na Rede de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e no sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005). Em seguida discuto como a análise dessas estruturas possibilita identificar os modos como essas mulheres experienciam a vida e os modos como constroem representações acerca de si próprias, do “outro” e de temáticas relacionadas às suas trajetórias.

Assim, na **seção 3.2.1**, vejamos alguns excertos, com as marcações, de micronarrativas de vida, obtidas por meio de entrevista semiestruturada, com as

colaboradoras, bem como as análises realizadas. Observemos que, nos excertos das micronarrativas, as enunciações estão associadas ao meu nome e ao nome (fictício) de cada colaboradora, o que se justifica pelo uso de perguntas orientadoras, durante a geração das micronarrativas.

3.2.1 Temáticas identificadas nas micronarrativas de vida

As temáticas que emergem das narrativas em função dos eixos temáticos organizados no Roteiro da Entrevista Semiestruturada para acesso às micronarrativas de vida constam no APÊNDICE II. Esses eixos foram organizados previamente e mantidos, após a primeira entrevista com a participante Kelly, por darem margem para que as colaboradoras narrassem momentos diversos relacionados às suas trajetórias de vida. Destaco que, em alguns momentos, o roteiro não pôde ser seguido em razão da necessidade que algumas das participantes tiveram em narrar algumas experiências em detrimento de outras.

Por isso, além de serem importantes para organizar os dados visando às análises, identificar as temáticas nas micronarrativas de vida das colaboradoras é relevante para a obtenção de versões mais ricas de eventos e experiências vivenciadas por elas no que se refere às suas trajetórias de vida até o momento em questão e, também, de análise da maneira como cada uma irá lidar com as representações discursivas ao relatarem alguns momentos de suas histórias de vida.

Após a identificação das temáticas mais relevantes e mais recorrentes nas micronarrativas, procuro analisar, por meio de marcas discursivas, que representações são construídas pelas MGSP em seus discursos a respeito de suas experiências de vida.

a) Fase mais marcante da vida: um ponto de partida

O tema “fase mais marcante da vida” costuma fazer parte de experiências anteriores à situação prisional. No caso das colaboradoras da pesquisa, fases como infância, adolescência ou o momento atual foram escolhidos como ponto de partida para compartilharem comigo suas histórias. É relevante observar que essas fases são consideradas marcantes por corresponderem, para o recorte de MGSP, a épocas em que

suas vidas foram marcadas por significativas transformações individuais e sociais. Ademais, essas fases emergem, em quase todas as micronarrativas, como momentos de transição, seja da infância para a adolescência, seja da adolescência para a fase adulta, ou de uma pessoa representada como correta para uma pessoa representada como incorreta, como no caso da colaboradora Kelly, no recorte a seguir.

O início das entrevistas foi orientado pela minha primeira questão que visava a estabelecer um primeiro contato com as MGSP, sobre haver algum ponto principal, como infância, adolescência, gravidez, a partir do qual a colaboradora gostaria de partir para me contar um pouco sobre sua história de vida. As respostas de Kelly foram as seguintes:

(1) KELLY:– Acho que a minha infância.
 KARINA:– Sua infância?
 KELLY:– Uhum.
 KARINA:– Você passou a sua infância onde?
 KELLY:– Lá com a minha mãe, com meu pai, minha família. Em Santa Maria.
 KARINA:– Você tem quantos irmãos?
 KELLY:– EU tenho 3.
 KARINA:– 3 irmãos, certo. E era uma fase legal?
 KELLY:– Era.
 KARINA:– Por que, assim... que você acha que é uma fase legal?
 KELLY:– Porque... EU não sei. Acho que EU tinha o carinho da minha mãe, do meu pai, da minha família e quando EU fui crescendo EU fiquei louca da cabeça.
 KARINA:– Ah é?! E por quê?
 KELLY:– Aí EU perdi tudo isso.
 KARINA:– Por que que você define que você ficou louca da cabeça?
 KELLY:– Não sei.
 KARINA:– Assim, foi mudando?
 KELLY:– É. Foi mudando.
 KARINA:– Mas você ainda tem os seus pais? Tem seus irmãos?
 KELLY:– Tenho.
 KARINA:– E você acha então que você que você que se afastou deles?
 KELLY:– Por que EU que me afastei. Aham.
 KARINA:– Certo. E por que você se afastou deles? O que te chamou a atenção?
 KELLY:– EU acho que EU preferi os amigos.
 KARINA:– Os amigos lá de Santa Maria mesmo?
 KELLY:– É, me arrependi depois, muito.
 KARINA:– Por quê?
 KELLY:– Porque foi aí que EU me envolvi no crime.
 KARINA:– Certo. O seu companheiro, o pai do bebezinho, também fazia parte desse grupo de amigos?
 KELLY:– Não. EU fiquei muito terrível lá em casa e aí a minha mãe pediu para MIM morar como a minha tia, lá no Lago Azul, no Goiás. Aí EU fui e conheci ele, só que antes disso, em 2008 EU vim presa e EU não conhecia ele de jeito nenhum. Aí EU vim presa, quando EU saí da cadeia em 2008, EU conheci ele. Quando EU conheci ele EU mudei a minha cabeça, EU fiquei mais tranquila e tal. A gente teve um filho...

KARINA:– Ah, você já tem um filho.

KELLY:– Com ele. O meu filho, o nome dele é Augusto, ele tem um ano e dez meses.

KARINA:– Pequeninho.

KELLY:- Aham. Aí EU descobri agora que EU estava grá... Aí EU fiquei com ele 4 anos. Aí EU descobri agora que EU estava grávida de novo.

Com base em uma análise qualitativo-interpretativista, quanto às representações reveladas no discurso de Kelly, em sua micronarrativa sobre a fase mais marcante de sua vida, ela se inclui por ativação, ou seja, como participante de processos materiais e relacionais, 25 vezes. Os atores da família são incluídos por meio de personalização por parentesco, como ocorre com “*a minha mãe , com meu pai, minha família, Irmão, a minha tia.*” Destes, apenas a mãe é incluída por duas vezes. O companheiro de Kelly e pai de seu filho é sempre incluído por personalização por meio do uso do pronome pessoal “*ele*”. Os amigos são incluídos por genericização. O filho é o único ator incluído por personalização por sua identidade única, sendo o único a ser nomeado “*Augusto*” por Kelly.

Quanto ao sistema de transitividade da micronarrativa de Kelly, no excerto (1), ao ser questionada sobre qual seria o ponto do qual ela gostaria de partir para compartilhar comigo a sua história, Kelly responde, ao recorrer ao processo mental *acho*, em tom de incerteza, que gostaria de partir de sua infância e não tece mais comentários. O tema infância só aparece no discurso de Kelly como situado no período antes da situação prisional. Para dar continuidade, pergunto onde ela passou a infância. Na resposta: “*Lá com a minha mãe, com meu pai, minha família. Em Santa Maria*”, ela faz referência aos pais e à família – por meio dos pronomes possessivos “*minha, meu, minha*” – e por gradação, de modo a dar a entender que, em termos de proximidade, ela situa, em primeiro plano, a mãe, em segundo, o pai e, depois, os outros membros da família. Além disso, por meio da circunstância de local, informa que passou sua infância na cidade de “*Santa Maria*”, uma cidade satélite do Distrito Federal, periférica e conhecida por altos índices de criminalidade. Logo em seguida, Kelly complementa sua justificativa sobre a escolha da infância como ponto de partida, autoatribuindo-se uma identificação como *louca da cabeça*. Notemos que a presença do processo mental “*acho*” e dos processos materiais “*tinha*” e “*crescendo*” denotam o potencial do atributo “*louca da cabeça*”, como causador da perda do que Kelly considera a fase mais

marcante de sua vida “*o carinho da minha mãe, do meu pai, da minha família.*” Essa interpretação pode ser confirmada no destaque a seguir, com o uso do processo material *perdi* em “*Aí EU perdi tudo isso.*” Em adição, os dados que vêm em seguida também confirmam essa representação da Kelly, pois ela informa que se envolveu no crime e que começou a “*dar trabalho*” à família, tendo, inclusive, que se mudar, a pedido da mãe, para a casa de um familiar mais distante. Nesse ínterim, Kelly se autoatribui, mais uma vez, uma representação negativa: “*EU fiquei muito terrível lá em casa e aí a minha mãe pediu para MIM morar como a minha tia, lá no Lago Azul, no Goiás. Aí EU fui e conheci ele, só que antes disso, em 2008 EU vim presa e EU não conhecia ele de jeito nenhum. Aí EU vim presa, quando EU saí da cadeia em 2008, EU conheci ele. Quando EU conheci ele EU mudei a minha cabeça, EU fiquei mais tranquila e tal. A gente teve um filho...*” Nesse trecho, ela insere um participante muito importante para ela, o seu companheiro, e faz questão de dizer que ele não foi o responsável por sua conduta avaliada negativamente por ela mesma, pois ela não o conhecia ainda. Inclusive, ao relatar que o conheceu, Kelly enfatiza sua avaliação positiva, pois, segundo ela, ocorreram dois eventos muito importantes: ela mudou a sua cabeça e ela e o companheiro tiveram um filho. Um dos pontos a ser ressaltado neste primeiro recorte é o de que Kelly, ao compartilhar sua história de vida, faz uso reiteradamente da referência “*eu*”. A esse respeito, Neves (1996) explica que “na qualificação epistêmica de uma proposição, o falante assume seu enunciado, posicionando-se com relação à avaliação do valor de verdade da proposição.” (NEVES, 1996, p. 182).

Ainda a respeito da representação sobre a temática fase da vida mais marcante, observemos que Kelly não tenta justificar sua mudança de postura apontando nenhuma relação com falta de oportunidade de trabalho ou outro motivo externo nesse sentido. Em vez disso, ela enfoca o seu comportamento, ela atribui a si mesma, por uma questão comportamental, a suscetibilidade à inserção na criminalidade que culmina com a sua prisão e o conseqüentemente afastamento do filho pequeno e do restante da família. No entanto, essa percepção pode ser superficial, uma vez que, desde a infância, Kelly estava inserida em um contexto de vulnerabilidade social. Uma hipótese explicativa seria considerar que a adolescência, fase vista por Kelly, como de transição, é realmente uma etapa de transição em que o adolescente é preparado para a fase adulta, em que o corpo passa por uma série de transformações biológicas e a mente é fortemente afetada

por uma série de discursos políticos, religiosos, sociais, enfim, de toda ordem. Esses eventos têm efeitos físicos, psíquicos, sexuais e morais, em busca de construções identitárias próprias (FOUCAULT, 1999).

A análise do excerto (1) sugere que Kelly faz uma avaliação do tipo julgamento de estima social, em que, à medida que foi se envolvendo com a criminalidade e/ ou com o uso de drogas, começou a haver um distanciamento, uma espécie de ruptura com o seio familiar. Destaque-se “*Porque foi aí que EU me envolvi no crime.*”, em que figuram o processo material “*envolvi*” e a circunstância “*no crime*” também caminham no sentido dessa avaliação de causalidade. Assim, a família aparece em sua micronarrativa, como um ponto de partida; as drogas e/ ou a criminalidade, como um marco de ruptura e a maternidade como uma razão para mudar sua postura diante da vida. Além disso, é possível percebermos que há uma ênfase com relação à importância da família na fase escolhida como a mais marcante de suas vidas. Essa importância da família também está presente no discurso de Vanda. Vejamos:

(2) KARINA: – *Uhum. Se você fosse escolher o momento da sua vida, uma fase da sua vida, infância, adolescência, né? A fase adulta. Qual seria a melhor fase e por quê?*
 VANDA: – *Ai, se EU fosse escolher, EU queria escolher quando EU era, EU tinha o meus 6 ano de idade, meu 7 ano.*
 KARINA: – *Por quê?*
 VANDA: – *Porque é criança, é muito bom a gente ser criança, porque cuida...*
 KARINA: – *Sim.*
 VANDA: – *Porque tem mãe que cuida bem carinhoso com a criança, mas tem mãe que não cuida.*
 KARINA: – *No seu caso foi assim? Seus pais eram carinhosos com você?*
 VANDA: – *Minha mãe era.*
 KARINA: – *E o seu pai?*
 VANDA: – *EU não conheci meu pai.*
 KARINA: – *Ah tá.*
 VANDA: – *Meu pai mora no Rio Grande do Norte, em Natal. EU não conheço ele não.*
 KARINA: – *Ah certo. É o seu pai, pai dos seus irmãos também ou não?*
 VANDA: – *É. Minha mãe tem 6 filhos cum meu pai.*
 KARINA: – *Sim, mas ela criou vocês sozinha?*
 VANDA: – *Criou nós tudinho, todos os 6 sozinha e Deus.*
 KARINA: – *E o que ela fazia pra sustentar vocês?*
 VANDA: – *Ela levantava cedo... umas 3 horas da manhã, ela conta pra nós, pra ir pegar carona pra ir pedir em outra cidade pra criar nós.*
 KARINA: – *Ah tá. Ela pedia dinheiro então?*
 VANDA: – *Pidia alimento...*

Quanto às representações reveladas no discurso de Vanda, para a fase mais marcante de sua vida, ela se inclui por ativação e por passivação como ator de processos relacionais por 6 vezes. Os atores da família são incluídos por meio de personalização por parentesco, como ocorre em “*minha mãe , meu pai, 6 filhos, nós tudinho, todos os 6, nós*”. Destes, a mãe é incluída como ator dos processos materiais “*levantar, pegar carona, pedir*”. Aqui, destaco o processo *pedir* como material e não como verbal por envolver toda uma situação ativa do sujeito que vai para a rua, transita entre os carros e aborda as pessoas em busca de doações, no caso da mãe de Vanda, de alimentos para realizar outro processo material “*criar*” os filhos.

Quanto ao sistema de transitividade da micronarrativa de Vanda, no excerto (2), o destaque a respeito da fase da vida mais marcante: “*EU queria escolher quando EU era, EU tinha o meus 6 ano de idade, meu 7 ano*” com a escolha de um processo desiderativo “*queria*”. É interessante observamos que “*quando EU era, EU tinha o meus 6 ano de idade, meu 7 ano*” funciona como uma representação da infância. Para compreender as razões da escolha de Vanda, pergunto o motivo, ao que ela responde que: “*Porque é criança, é muito bom a gente ser criança, porque cuida...*”. Logo em seguida, ela complementa “*Porque tem mãe que cuida bem carinhoso com a criança, mas tem mãe que não cuida.*”, ressaltando a importância do ator “*mãe*” com o processo material “*cuida*” e a circunstância “*bem carinhoso com a criança*”. Assim, Vanda registra que a fase mais marcante de sua vida é a infância, sobretudo, pela proximidade com a mãe. No entanto, para falar a respeito disso, ela usa uma voz externa a si, referindo-se a uma mãe, de forma impessoal, por meio de processo existencial “*tem mãe que cuida bem*”, “*mas tem mãe que não cuida*”. Além disso, no destaque “*Porque é criança, é muito bom a gente ser criança, porque cuida...*”, a expressão “*a gente*” é usada em contraste com o pronome explícito “*Eu*”, o que pode demonstrar, no discurso de Vanda, a internalização de um apagamento de si própria. Em seguida, Vanda declara que sua mãe era do tipo “*carinhosa*”, afirma que não conheceu o seu pai, mas sabe algumas informações sobre ele e sobre irmãos. Além disso, Vanda exalta o fato de sua mãe ter arcado com a criação dos seis filhos e relata que “*Ela levantava cedo... umas 3 horas da manhã, ela conta pra nós, pra ir pegar carona pra ir pedir em outra cidade pra criar nós.*” Observemos, aqui, o contexto de exclusão social em que Vanda foi criada. A despeito da segurança afetiva, era pedindo alimentos que sua mãe

sustentava os seis filhos. Já, em outro caso, a infância é marcada pela segurança material junto à família, como, por exemplo, na micronarrativa da Aline:

(3) ALINE: – *Sobre a infância assim, o ponto marcante, a minha infância não foi infância dura, foi infância boa. Meu pai trabalhava de olhar carro, só que ele tinha uma fila atrás do Conjunto Nacional, então assim, ele tinha clientes que confiava muito nele. Então ele trabalhou a vida todinha pra sustentar os quatro filhos que é duas mulher e dois homens né, nesse local. Então assim, não faltava nada pra gente. A gente ia um final de semana ia pra feira, a geladeira era cheia, todo final de ano viajava pra Bahia. Tinha briga entre ele e minha mãe, mas era coisa que assim, os momentos felizes sempre superava os momentos mais...*

Quanto às representações reveladas no discurso de Aline, em sua micronarrativa sobre a fase mais marcante de sua vida, ela se inclui por ativação, com o uso do pronome possessivo “*minha*” e com o uso da expressão “*a gente*”, e por exclusão, quando menciona processos dos quais ela participa, mas não encobre a sua participação, como ocorre em “*foi infância boa, os momentos felizes sempre superava os momentos mais...*”. Os atores da família são incluídos por meio de personalização por parentesco, como ocorre em “*meu pai, minha mãe, os quatro filhos*”. Destes, o pai é incluído como ator dos processos materiais “*trabalhava, tinha, trabalhou, sustentar*” e do processo mental “*confiar*”.

Quanto ao sistema de transitividade da micronarrativa de Aline, no excerto (3), os processos relacionais “*foi, era*” aparecem no tempo passado e caracterizam a infância com o atributo “*boa*” e a geladeira com o atributo “*cheia*”, o que pode remeter a um reconhecimento de que Aline concebe o ter com o que alimentar-se como sinônimo de infância considerada boa. Os processos materiais “*trabalhava, tinha, trabalhou, sustentar, faltava, ia, viajava*” aparecem no tempo passado, pois narram eventos ocorridos quando a Aline era criança e denotam uma admiração pelo pai, pelo fato de que este era o mantenedor da casa, possibilitando que a família tivesse como se alimentar, ir à feira e viajar para a Bahia. Além disso, Aline faz uma avaliação de que, apesar das brigas que existiam entre os pais, havia mais fatores positivos que negativos, no ambiente familiar. Aline também ressalta, com o uso do processo mental “*confiava*”, que o pai era uma figura respeitável, em quem “*clientes*” confiavam. As circunstâncias associadas aos processos “*Sobre a infância assim, de olhar carro, a vida todinha, nesse*

local, Então assim, todo final de ano” também expressam sua visão de que o pai era um cumpridor de suas obrigações essenciais.

Os atores que estão relacionados aos processos materiais são “*meu pai*”, “*ele*”, “*clientes*”, “*minha mãe*” e “*os quatro filhos*”, “*duas mulher e dois homens*” quando Aline se refere, respectivamente, ao pai, à mãe e aos irmãos; “*a gente*”, quando ela se refere a si própria, juntamente, com o restante da família.

Na análise do excerto (3), podemos observar que o papel de mantenedor do pai é exaltado por Aline porque garantia segurança material à família. No entanto, não há menção a fatores de segurança afetiva, os quais também são essenciais para o desenvolvimento dos filhos.

Já no discurso de Santa, não é pela falta ou não de segurança material que a infância é marcada. Para ela, esta fase é a mais marcante apenas como gancho para compartilhar os impactos negativos de uma gravidez na adolescência:

(4) Bom Santa, eu queria te perguntar, se você pudesse escolher um momento da sua vida pra começar a contar a sua história, que momento seria esse? Que fase seria essa? Infância, adolescência, a fase adulta?

SANTA: – Infância.

KARINA: – Por que infância?

SANTA: – Porque EU não tive infância.

KARINA: – Você não teve infância?

SANTA: – Não.

KARINA: - Você morava onde?

SANTA: – Moro na Fercal.

KARINA: – Fercal?

SANTA: – Uhum.

KARINA: – E por que você disse que não teve infância?

SANTA: – Porque logo EU engravidai, logo EU entrei em depressão...

KARINA: – É mesmo?

SANTA: – Aí ...

KARINA: – Você engravidou com quantos anos?

SANTA: – 13.

Quanto às representações reveladas no discurso de Santa, em sua micronarrativa sobre a fase mais marcante de sua vida, ela se inclui por ativação, com o uso explícito do pronome pessoal “*eu*”, e por exclusão, quando nominaliza infância, mas não se inclui como participante. A família é excluída por supressão.

Quanto ao sistema de transitividade da micronarrativa de Santa, em (4), o processo relacional “*tive*” e o processo material “*engravidai*” são usados para explicar

a razão de começar a contar a sua história pela infância, a qual ela declara não ter experienciado, em função de uma gravidez precoce, aos 13 anos, culminando em uma expressão de processo mental “*entrei*” de depressão. É importante observamos que Santa escolhe representar o evento da gravidez como responsável pela ruptura de sua infância e não de sua adolescência, apesar de já contar com 13 anos de idade. Com isso, podemos perceber que, aqui, a infância não corresponde somente a uma fase biológica da vida, mas também, a uma construção histórica e social, conforme Leite (1997, p. 19).

A seguir, vejamos as representações que emergem da micronarrativa de Laila a respeito da adolescência como a fase mais marcante de sua vida:

(5)[...] Onde você gostaria de começar a contar essa história de vida?

LAILA: – Onde EU gostaria?

KARINA: – Uhum, em que ponto?

LAILA: – Hum, acho que é a adolescência.

KARINA: – Na adolescência? Por que na adolescência?

LAILA: – Porque foi a fase que EU mais gostei assim, foi quando EU decidi morar fora...

KARINA: – Sua adolescência você passou onde?

LAILA: – EU passei uma parte aqui em Brasília e outra parte no Rio de Janeiro.

KARINA: – Ah, certo. Em que lugar do Rio?

LAILA: – EU morei em vários bairros do Rio. Mas EU morei na Siqueira Campos, morei na Flamengo, morei na Barra da Tijuca.

KARINA: – Certo. Mas você é daqui?

LAILA: – EU sou daqui. EU fui sozinha pra lá.

Quanto às representações reveladas no discurso de Laila, ela se inclui por ativação como ator social representado com força ativa nos processos mentais “*acho, gostei, decidi*” e dos processos materiais “*morei, fui*”. Outros atores são excluídos por supressão.

Quanto ao sistema de transitividade da micronarrativa de Laila, em (5), nos destaques: “*Hum, acho que é a adolescência.*” e “*Porque foi a fase que EU mais gostei assim, foi quando EU decidi morar fora...*”, a escolha lexical “*adolescência*” está relacionada aos processos relacionais “*é, foi*”, em que há uma relação semântica causal, marcada pelo uso de “*porque*”, para por meio dos processos mentais “*gostei, decidi*” expor que foi importante para ela a tomada de decisão “*morar fora*”. Esse entendimento pode ser confirmado em “*EU fui sozinha pra lá.*”. Neste destaque, o processo material “*fui*” está relacionado a um papel ativo do “*EU*”, o qual é

modalizado por “sozinha”. É interessante observarmos que, no discurso de Laila, há mostras de que a adolescência é um marco em sua vida por ser a fase em que ocorreram as tomadas de decisões que tiveram reflexos em sua vida adulta. No entanto, como veremos mais adiante, esses reflexos não foram positivos.

Passemos, agora, à micronarrativa de Cleide sobre a fase considerada por ela como a mais marcante de sua vida:

(6) KARINA: *Tem algum momento, assim, da sua vida que tenha sido mais marcante de todos, assim? Pode ser mais marcante pra bom, mais marcante pra ruim!*
 CLEIDE: *Tem!*
 KARINA: *Qual?*
 CLEIDE: *De EU estar aqui presa – o que EU não esperava!*
 KARINA: *Ah! Então, essa atual...*
 CLEIDE: *Aham!*
 KARINA: *E por que que você não esperava?*
 CLEIDE: *Porque EU não esperava! Mas, EU era, assim...*
 KARINA: *Aham!*
 CLEIDE: *Ah! EU fumava droga, mas EU me sentia muito esperta!*
 KARINA: *Aham!*
 CLEIDE: *EU pensava que EU jamais EU ia vim presa!*

Quanto às representações reveladas no discurso de Cleide, em sua micronarrativa sobre a fase mais marcante de sua vida, ela se inclui por ativação como ator social representado nos processos relacionais “*estar, era*”, nos processos mentais “*esperava, sentia, pensava*” e nos processos materiais “*fumava, morei, fui, ia vim*”. Essa inclusão pode nos dar uma ideia de como Cleide representa questões relacionadas ao seu comportamento no contexto social. Neste excerto (6), a família é excluída por supressão.

Quanto ao sistema de transitividade, como podemos perceber, no excerto (6), Cleide se projeta como vítima do excesso de autoconfiança, ao utilizar processos como “*era, sentia, pensava*”, os quais constroem uma representação de “*esperta*” e modalizada por “*muito*”, indicando perplexidade com o fato de ter sido presa, mesmo se sentindo tão sagaz. Notemos também que, ao usar o processo material “*prender*” modalizado no futuro condicional, por meio de “*ia vim*”, Cleide demonstra que a escolha da situação prisional como um marco para contar a sua história deve-se ao fato de estar associada ao evento de sua prisão, indicando uma ruptura com a imagem autoatribuída.

Em síntese, vemos que a família representa, nas micronarrativas de Kelly, Aline e Vanda, um ponto de partida; as drogas e/ ou a situação prisional, um marco de ruptura e o fato de se tornar mãe, no caso da micronarrativa da Kelly, uma razão para superar suas dificuldades. Na micronarrativa de Santa, a família é excluída por supressão total e o evento da gravidez é avaliado negativamente como o motivador de uma ruptura brusca em sua infância e em seus estudos. No discurso de Cleide, a família também é excluída por supressão e a fase durante a situação prisional é considerada por ela como a mais marcante de sua vida, justamente, por representar uma ruptura com a imagem sagaz autoatribuída até então.

b) evento motivador da situação prisional

Os excertos abaixo nos revelam, na perspectiva das participantes, o evento motivador da situação prisional de cada uma delas.

Começamos com a micronarrativa de Kelly a respeito da tentativa de um furto que se transformou em roubo quase seguido de assassinato e terminou resultando em sua prisão:

(7) KELLY: – *Aí quando EU fiz 18 anos, no meu aniversário, EU fui para uma festa e comecei a beber, beber, beber, beber, tomei um monte de rupinol, fiquei louca e aí o meu amigo me chamou pra gente roubar.*
 KARINA: – *Aham.*
 KELLY: – *Aí EU falei “vamo”, nunca tinha feito, né?! Achava que era experiência nova...*
 KARINA: – *Aham.*
 KELLY: – *E fui...*
 KARINA: – *Sim.*
 KELLY: – *Aí quando chegou lá, meu amigo estava com o revólver, aí a gente entrou dentro do galpão...*
 KARINA: – *Você nunca tinha pego em um revólver antes...? Gente...*
 KELLY: – *(risos)... aí a gente entrou no galpão e tinha uma moto, aí a gente ia pegar a moto do bicho e o bicho... como a gente estava muito loco...*
 AGENTE PENITENCIÁRIA – *Quando terminar aí, depois sobe pra fazer uns... (ininteligível 0:07:42).*
 KELLY: – *Aí o bicho pegou e bateu no meu amigo, bateu, bateu, bateu, espancou o meu amigo.*
 KARINA: – *O cara da moto?*
 KELLY: – *O dono da moto.*
 KARINA: – *Que ele ia roubar?*
 KELLY: – *Aham. Aí a gente se... aí EU já falei “Meu deus, o cara tá matando o menino, o cara tá matando o menino...”*
 KARINA: – *E você estava como? Escondida?*

KELLY: – EU estava lá fora... vigiando. Aí ele pegou e saiu. Na hora que ele saiu o bicho já começou, minha fia, bater nele e nós já saiu correndo e o revólver não esparrou porque ele tava muito louco...

KARINA: – O que é esparrou?

KELLY: – É... como eu posso te dizer...

KARINA: – Não funcionou?

KELLY: – Não, tipo... não deu certo.

KARINA: – Ele tentou usar e não disparou, não funcionou?

KELLY: – Aham. Aí a gente pegou e saiu correndo e aí ele dispensou na casa do amigo dele, o revólver, já deixou lá porque a gente já sabia que...já era.

KARINA: – Que a polícia poderia vir?

KELLY: – Que a polícia poderia vim.

KARINA: – Aham.

KELLY: – Aí quando a gente chegou na casa dele a polícia chegou na mesma hora.

KARINA: – Uhum.

KELLY: – Aí já levou a gente.

KARINA: – Nossa...

KELLY: – Aí me levou pra delegacia, EU tava muito loca, não tava nem conseguindo nem abrir o olho, minha mãe chegou na delegacia e falou “Meu Deus, eu não acredito que isso está acontecendo” e minha mãe ficou desesperada. Aí quando EU acordei mesmo da droga assim, aí EU tava aqui já.

Neste exemplo, podemos notar que nos processos materiais, como “*comecei, vigiado, saiu, fui roubar*”, além da estratégia discursiva em que a Kelly recorre à repetição do pronome pessoal reto de 1ª pessoa “*EU*” ou do pronome “*nós*” e da expressão “*a gente*” que são utilizados para que ela possa incluir-se como participante ativo da ação de roubo pela qual está sendo penalizada. Tal mecanismo pode demonstrar a preocupação da colaboradora em se assumir como responsável pelas ações, em fazer referência a si mesma, realizando-a pela repetição dos pronomes mais próximos de si. Destaco que Kelly assumiu um tom bastante animado durante a micronarrativa do fato, demonstrando que era um desafio para ela estar envolvida em uma situação de risco, com tentativa de roubo, com luta corporal, perseguição policial e uso de revólver. Enfim, bastante ação. Assim, com a utilização dos referidos processos materiais, podemos observar que a Kelly está incluída em todos os complexos oracionais, seja por meio dos pronomes “*eu, nós*” ou por meio da expressão “*a gente*”, o que sugere que a forma utilizada para autoatribuir-se uma representação é a ativação. Outra representação que merece destaque é a do encobrimento do ator social “*amigo*” que se dá por metonímia, em que o ator “*amigo*” é referenciado pelo uso do instrumento utilizado “*o revólver*”, como podemos observar em “*o revólver não esparrou porque ele tava muito louco...*”.

Com relação à transitividade, em (7), no destaque “*Aí quando EU fiz 18 anos, no meu aniversário, EU fui para uma festa e comecei a beber, beber, beber, beber, tomei um monte de rupinol, fiquei louca...*”, destaco os processos relacionais “*fiz, fiquei*” e os processos materiais “*fui, comecei, tomei*”. Com o uso desses processos, notemos que, novamente, assim como na análise do excerto (1), aparece no discurso da Kelly um marco de transição: da adolescência para a fase adulta. A propósito, os autores Nery Filho e Torres (2002), em estudo a respeito do alto índice de consumo de drogas ilícitas por adolescentes, sugerem que as amizades têm papel significativo no interesse ou não do adolescente pelas drogas. Nessa fase, as pessoas tendem a criar novos e rápidos laços afetivos, a estabelecer um círculo social reduzido. Em outras palavras, é um processo de interação social que possibilita ao jovem ir em busca de suas próprias construções identitárias. No entanto, Kelly não contava com a necessária assunção por seus atos, em função de acompanhar e agir no evento do roubo com o amigo referenciado por ela, de forma bem próxima, por meio de usos, como: “*o meu amigo*”, “*meu amigo*” e “*o menino*”. Isso, porque os indivíduos com dezoito anos de idade são considerados “no último estágio” da adolescência, inclusive em documentos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Contudo, a maioridade penal já passa a valer desde essa idade, ou seja, o indivíduo é penalizado por qualquer infração cometida. Com as escolhas lexicais que funcionam como características do “EU”, Kelly se autoatribui uma representação de uma pessoa com falta de controle sobre seus atos, guiada pelo ímpeto de substâncias alucinógenas.

No destaque “*e aí o meu amigo me chamou pra gente roubar.*”, chamo a atenção para o processo verbal “*chamou*” relacionado ao “*meu amigo*” e para o processo material “*roubar*” relacionado ao participante “*gente*”, indicando que o convite feito pelo amigo, soou como uma “aventura” para Kelly, uma “aventura” realizada em parceria, como demonstra a escolha lexical “*gente*”. No destaque “*Aí EU falei “vamo”, nunca tinha feito, né?! Achava que era experiência nova...*”, a respeito do evento motivador da situação prisional. Este é referenciado por Kelly, por meio de um processo mental (*achava*) como, simplesmente, “*uma experiência nova*”. Inclusive, este processo mental é modalizado, “*Eu achava*”, o que denota seu desconhecimento com relação à gravidade do fato ou, ainda, pode indicar uma dissimulação da gravidade do fato.

Outro mecanismo de referenciação do participante dos processos materiais que chama muito a atenção é quando Kelly faz remissão dentro do recorte em que relata o motivo pelo qual foi presa. Para isso, a forma referencial com lexema idêntico “*bicho*” é utilizada 3 vezes. No entanto, o referente do participante “*bicho*” só se revela no discurso, na terceira vez em que é usado, pois “*bicho*” é “*o dono da moto*” que, depois, é referenciado como “*o cara*”. Essa escolha lexical é marcante, pois funciona como uma reificação, ou seja, uma forma de reduzir o ser humano a um ser não-humano. Quando esse ser é referenciado como “*bicho*”, ou seja, com um termo que remete a instintos animais, fica evidente que essa escolha lexical é uma maneira de situar como distante o dono da moto, como uma tentativa de suavizar a tentativa de roubá-lo e, mesmo, de tentar matá-lo. Por isso, a representação dele como bicho.

No destaque “*Aí me levou pra delegacia, EU tava muito loca, não tava nem conseguindo nem abrir o olho, minha mãe chegou na delegacia e falou “Meu Deus, eu não acredito que isso está acontecendo” e “minha mãe ficou desesperada. Aí quando EU acordei mesmo da droga assim, aí EU tava aqui já.”*”, Kelly se inclui por apassivação, quando se coloca como meta do processo material “*levou*” e quando aparece como sujeitada nos processos “*tava, conseguindo*”, nos quais Kelly revela estar sob os efeitos das drogas.

No excerto (8), vejamos as representações que emergem da micronarrativa de Aline sobre a temática “evento motivador da situação prisional”:

(8) ALINE: – Não de Goiânia, EU mudei pra Goiânia quatro anos atrás. Quando aconteceu a questão da empresa onde aconteceu o que EU fiz pra mim tá presa hoje...
 KARINA: – Você falou, é motivo onze, Artigo 55, inciso IV, o que é isso?
 ALINE: – É o 55, é furto.
 KARINA: – E o 71?
 ALINE: – É furto e é assinatura de cheque.
 KARINA: – Ah tá, furto e assinatura de cheque.
 ALINE: – Isso, aí no caso estelionato né. Aí EU fiz na empresa por causa do meu marido que EU tava com ele e ele tinha pedido e tal. É uma coisa assim, que não justifica o erro, claro né, mas na época EU tava muito apaixonada. Muito apaixonada e mulher, principalmente canceriana né, quando tá apaixonada você faz a besteira e depois você vê o que vai fazer né.

No destaque “*Quando aconteceu a questão da empresa onde aconteceu o que EU fiz pra mim tá presa hoje...”*”, as duas ocorrências do processo material criativo “*aconteceu*” estão relacionadas ao evento que motivou a prisão da Aline. Em seguida,

Aline se utiliza do processo material “fiz” para justificar o processo relacional “tá” caracterizado por “presa” e circunstanciado por “hoje”, referindo-se ao período atual.

Em “É furto e é assinatura de cheque.”, temos duas orações relacionais com os atributos “furto” e “assinatura de cheque”, encobrindo o ator social Aline pela nominalização das ações realizadas: “furto” furto, “assinatura” assinar. Observemos que Aline escolhe processos relacionais que, de certa forma, suavizam os efeitos de uma outra possibilidade de dizer o mesmo no papel de agente: “Eu furtei. Eu falsifiquei a assinatura de um cheque.” Segundo van Leeuwen (1997), o encobrimento do ator social também pode se dar por nominalização das atividades que lhes são atribuídas: furto “furto” e assinar cheque “assinatura”.

No destaque “Isso, aí no caso estelionato né. Aí EU fiz na empresa por causa do meu marido que EU tava com ele e ele tinha pedido e tal.”, o “marido” é referenciado como meta do processo “fiz”, em que ele é colocado como o causador dos delitos realizados por Aline. No processo verbal “pedir”, o marido aparece referenciado por “ele” e assume o papel de dizente. O outro destaque “É uma coisa assim, que não justifica o erro, claro né, mas na época EU tava muito apaixonada. Muito apaixonada e mulher, principalmente canceriana né, quando tá apaixonada você faz a besteira e depois você vê o que vai fazer né.”, funciona como uma especificação do destaque anterior. Aqui, é interessante observarmos a supressão do ator Aline por meio do encobrimento, quando Aline escolhe o termo “mulher” para assumir o papel de ator do processo “justifica”, ela encobre quem estava apaixonada, quando se utiliza, respectivamente, da terceira pessoa “mulher” e da segunda pessoa “você” para relatar o que ocorreu com ela, o que parece uma estratégia para se distanciar da realização dos processos que, segundo ela, levaram-na a cometer as infrações.

Passemos às representações da micronarrativa de Cleide a respeito do fato motivador da situação prisional:

(9) KARINA: É... É... Como que foi essa... esse... esse fato que te trouxe pra cá? O que aconteceu, assim?

CLEIDE: Ah! EU e o pai do neném, a gente ficava... a gente roubava...

KARINA: Aham!

CLEIDE: Pra fumar.

KARINA: Pra poder fumar? Mas vocês aplicavam violência? Como é que era?

CLEIDE: Não. A gente era só no furto, só no escondidinho, assim!

KARINA: Ah! No escondido?

CLEIDE: Tentar...

KARINA: Sim.

CLEIDE: A gente nunca usou violência pra machucar ninguém!

KARINA: Aham! E... E o que que vocês ???? que pegaram vocês?

CLEIDE: Não. Aí, só que nesse furto que... que pegaram, EU já não estava!

KARINA: Só estava ele?!

CLEIDE: Só estava ele e um de menor!

KARINA: Ah! Tá!

CLEIDE: Aí quando... EU dormi e quando EU acordei, aí EU fui procurar eles...

KARINA: Aham!

CLEIDE: Aí, eles estavam detrás da... de uma feirinha lá do Núcleo Bandeirante!

KARINA: Sim.

CLEIDE: Eles estavam fumando. Aí, só foi... EU só sentei assim: “Vai presa!”

KARINA: É mesmo?

CLEIDE: Na hora que EU sentei, a polícia chegou e anunciou a prisão!

Quanto ao sistema de transitividade, os processos materiais “roubava, usou, estava” são usados por Cleide no tempo passado para narrar como se deu o evento motivador da situação prisional. As circunstâncias em que o evento ocorreu são expressas por ela “e o pai do neném, só no escondidinho, só que nesse furto, detrás da... de uma feirinha lá do Núcleo Bandeirante” de modo a evidenciar com quem, como, quando e onde o evento ocorreu. Como podemos observar, no excerto (9), os atores Cleide e o seu companheiro são incluídos. Assim, o papel ativo do ator social Cleide é realizado por meio do uso do pronome explícito “eu” e da especificação “o pai do neném” como ator do processo material “roubava, usou” e do processo relacional “era”. Aqui, podemos notar que Cleide evidencia uma espécie de parceria entre ela e o seu companheiro na realização dos processos que conduziram ambos à situação prisional. Outro participante incluído como participante do processo “roubar” é referenciado como “um de menor”. Inclusive, foi a participação deste “menor” que resultou em uma das acusações da justiça contra Cleide: corrupção de menores.

Outro fato importante nas representações do discurso de Cleide são as conotações atribuídas a alguns valores gerais da sociedade, como: não furtar e não agir com violência, o que é evidenciado também no sistema de representação de atores sociais. No destaque “Não. A gente era só no furto, só no escondidinho, assim!”, por meio do modo de operação ideológico da dissimulação, ao usar o modalizar “só” com relação ao processo “era”, Cleide expressa um julgamento acerca do ato de furtar, certamente relativizando-o ao ato de roubar, em que há o emprego de violência. Logo

em seguida, no destaque: “*A gente nunca usou violência pra machucar ninguém!*” há um julgamento de sanção social que Cleide expressa ao utilizar o modalizador “*nunca*”, o que aponta para o entendimento de que, na perspectiva de Cleide, “*machucar*” alguém seria uma infração grave, mas “*furtar*” não. As escolhas lexicais modalizadas “*só no furto e nunca usou violência pra machucar ninguém*” podem indicar o uso de estratégias que contribuem para a avaliação que conduz Cleide a suavizar a gravidade de uma infração pelo não cometimento de outra.

Agora, vejamos como Laila narra sua experiência com relação ao evento que ocasionou a situação prisional.

(10) LAILA: – *EU fiz 9 meses na... em duas clínicas EU concluí o tratamento e nas Mulheres de Deus. EU tava grávida e EU resolvi sai pra terminar a minha gravidez que foi a primeira internação. Aí nessa recaída, última recaída, foi quando EU recaí. Foi quando EU fui para esse local onde me pegaram lá, onde EU estava no meio que me trouxeram pra cá.*

KARINA: – *Uhum.*

LAILA: – *E aqui estou com um artigo que EU nunca imaginava como usuária...*

KARINA: – *O que é esse artigo 33? É o quê?*

LAILA: – *Tráfico.*

KARINA: – *Ah, tráfico. Certo. E daí no caso você está aqui provisoriamente?*

LAILA: – *Ainda sou provisória. Aí vai ter uma audiência que por isso que EU ainda perguntei lá se tinha jeito... você entendeu?*

KARINA: – *Sim.*

LAILA: – *Porque EU tenho fé que na audiência EU vou ter como provar que EU sou dependente química, que EU estava naquele local na hora errada, né?*

KARINA: – *Uhum.*

LAILA: – *Infelizmente é um risco que... tanto para quem vende, quanto para quem usa, você corre. EU não fiz nada assim, achando “Ah, EU sou uma bobona...”, não, EU estava no local onde entra e sai droga, onde tava a investigação e EU estava lá usando.*

KARINA: – *Uhum. Isso foi em Taguatinga?*

LAILA: – *Foi em Taguatinga, na Arniqueiras.*

Quanto ao sistema de transitividade, os processos materiais “*fui, vende, usa, fiz, usando*” e os processos mentais “*recaí, imaginava, achando*” são usados por Laila para narrar o evento que a conduziu à situação prisional, em que ela conta que, após uma recaída, pois ela já estava há algum tempo sem usar drogas, ela voltou a frequentar um local que estava sendo investigado pela polícia e, segundo ela, acabou sendo presa por tráfico de drogas, mas injustamente, pois estava no local apenas para comprar e consumir drogas, o que não configuraria crime. As circunstâncias em que o evento ocorreu também evidenciam como e onde Laila foi presa “*última recaída, naquele local na hora errada, Infelizmente, em Taguatinga, na Arniqueiras*”.

Os atores relacionados aos processos materiais são a própria Laila, que é incluída ativamente por meio de usos explícitos e recorrentes do pronome pessoal de 1ª pessoa “*eu*”. Outra maneira utilizada por Laila para se incluir nas ações é a genericização, como ocorre em “*quem vende, quem usa*”, pois apesar de Laila usar a estratégia discursiva de terceira pessoa para se distanciar dos grupos identificados por ela como “*quem vende, quem usa*”, ela se inclui, como podemos perceber em “*eu estava no local onde entra e sai droga, onde tava a investigação e eu estava lá usando*”. O ator “*polícia*” é suprimido por encobrimento, sendo possível identificá-lo pela desinência do processo material “*pegaram*” e, em seguida, com relação à nominalização “*investigação*”.

No excerto (10), também podemos destacar julgamentos de estima social e de sanção social. Quando Laila relata “*E aqui estou com um artigo que EU nunca imaginava como usuária...*”, ela expressa um julgamento de sanção social por propriedade, já que o artigo pelo qual está sendo julgada está relacionado ao tráfico de drogas, ou seja, à ilegalidade. Além disso, Laila também expressa, neste mesmo destaque, um julgamento de estima social por normalidade, já que, apesar de a situação “*usuária de drogas*” não ser bem vista pela sociedade, não caracteriza infração às leis.

Passemos à micronarrativa de Vanda:

(11) KARINA: – *E Vanda, por que que você disse que você já veio pra cá várias vezes, né? Você falou que essa é qual?*
 VANDA: – *6 vez.*
 KARINA: – *É a 6ª vez, né? E quais foram os motivos dessas vindas pra cá? Você me contou que o primeiro foi porque você estava com um bebezinho na rua, né?*
 VANDA: – *Foi. 55...*
 KARINA: – *O que é um 55?*
 VANDA: – *Roubá no mercado... estourá aquelas loja lá...*
 KARINA: – *Aham.*
 VANDA: – *Acompanhando os outros pra fazer o que não presta.*
 KARINA: – *Sim.*
 VANDA: – *(ininteligível 0:09:53) a pessoa nunca vai roubar. EU mesmo como EU saí agora dessa vez, EU não roubava nem uma balinha. EU andava só, ninguém botava na minha cabeça “Bora Vanda, roubá”.*
 KARINA: – *Sim, sim.*
 VANDA: – *EU não quis roubar. EU prometi pra Deus, EU não vou roubar e nem fui roubar mais, nem uma balinha. EU entrava nas padaria, nos mercados e saía sem nada. EU prometi pra Deus que EU nem ia roubar mais.*
 KARINA: – *Aham. Mas quando você ia pra essas coisas, você estava sóbria ou você estava sob o efeito de drogas?*
 VANDA: – *EU tava sempre mais alguém.*

KARINA: – Ah.

VANDA: – Botando coisa na minha cabeça “Bora ali Vanda, bora roubá aquela mulhé... bora roubá aquele mercado e tudo”.

Quanto ao sistema de transitividade, os processos materiais “*roubá (sic), estourá (sic), acompanhando, fazer*”, o processo mental “*botava*” e o processo relacional “*andava*”, são usados por Vanda para contar não apenas sobre o evento que a conduziu à situação prisional, mas para narrar as situações que fazem desta a sexta vez em que ela se encontra em situação prisional. O processo verbal “*prometi*” expressa, também, o desejo de Vanda de não roubar mais. As circunstâncias “*só, sem nada, mais alguém*” evidenciam que Vanda estava tentando não cometer mais infrações. Por isso, sempre andava “*só*”, o que pode indicar que suas companhias não representavam para ela uma boa influência. Além disso, ao entrar em estabelecimentos ela saía “*sem nada*”, o que demonstra uma mudança de postura e, por fim, ela menciona que sempre estava acompanhada e sob a influência de “*mais alguém*”, durante as infrações.

Quanto aos atores relacionados aos processos materiais, Vanda é incluída por ativação 9 vezes, por meio do pronome pessoal explícito “*eu*” e 8 vezes por desinências verbais. Essa escolha de Vanda pela marcação desinencial para identificá-la como sujeito pode apontar para uma tentativa de mitigar o *eu*, com um certo distanciamento e/ou não envolvimento com a realização dos processos “*roubá (sic), estourá (sic), acompanhando*”. Os companheiros em situação de rua são representados por genericização “*os outros*”. A participante “*Mulhé*” é referenciada como meta do processo “*roubá*” e modalizada por “*aquela*”, o que pode indicar uma representação do “*outro*”, ou seja, da mulher como pertencente a um outro grupo do qual Vanda não faz parte, assim como ocorre com “*aquele mercado, aquelas loja lá*”.

Em (11), também podemos destacar julgamentos de estima social. Por exemplo, no destaque “*EU prometi pra Deus, EU não vou roubar e nem fui roubar mais, nem uma balinha. EU entrava nas padaria, nos mercados e saía sem nada.*”, podemos perceber um julgamento de estima social em que predomina o valor negativo quanto à avaliação autoatribuída às suas ações, ao simplesmente entrar e sair de padarias e supermercados “*sem nada*”, ou seja, sem furtar nada. Desse modo, é relevante a análise de que os modos como um ator social se autoatribui representações está diretamente

relacionado às representações que lhe são atribuídas pela sociedade, visto que “A constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.93).

Vejam as representações que emergem do discurso de Santa:

(12) KARINA: – Como foi esse fato que te trouxe pra cá? Essa prisão? Onde é que você estava, o que estava acontecendo?
 SANTA: – EU tava levando droga pro presídio lá na Papuda.
 KARINA: – Aham. Pra algum namorado?
 SANTA: – Não, pro marido dessa mulher.
 KARINA: – Ah, sim.
 SANTA: – Até peguei comigo também.
 KARINA: – Sim, aham.
 SANTA: – Aí, disse que tinha denúncia. Disse que EU já tinha entrado uma vez, era a segunda vez. Aí pegaram e me prenderam.
 KARINA: – Ah sim, mas você já sabia desse risco?
 SANTA: – Já.
 KARINA: – Ah. E como você se sentia, assim, se arriscando tanto e deixando os seus filhos que poderiam ficar sem o cuidado da mãe?
 SANTA: – Tinha depressão. E EU pensei também que (emocionada) se ficasse aqui ia ser 3 mez, não pensei que ia...
 KARINA: – Entendi. E Santa, diga uma coisa. Você disse que você não é usuária e que você fazia esse serviço chamado “bonde”.
 SANTA: – Uhum.
 KARINA: – Mas, qual é a finalidade do dinheiro? Assim, o que te levou...
 SANTA: – Ah, no trabalho EU ganho pouco, aí tipo, interessei mais porque ela disse que ganha bem. Aí toda vez que ela levava, ela ganhava bem, aí EU queria.
 KARINA: – Sim.
 SANTA: – EU tipo, EU mora... assim, EU não tenho condição que os pais só de uma que paga pensão, entendeu? Aí os outros EU é que cuido só.
 KARINA: – Sim, ah tá. Entendi. Então foi pra sustentar os seus filhos?
 SANTA: – Foi.

No excerto (12), observamos a presença de processos verbais, materiais e mentais. Entre os primeiros, destaco as ocorrências do processo “disse” que são utilizadas para introduzir orações projetadas, como “Aí, disse que tinha denúncia.”; “Disse que EU já tinha entrado uma vez, era a segunda vez.” O uso do processo (disse) nas duas primeiras ocorrências destacadas, por meio de orações projetadas, pode indicar que Santa tenta atribuir uma conotação de informação não confiável, uma vez que, o participante dizente é excluído por supressão total. Desse modo, Santa expressa que as afirmativas de que houve denúncia sobre a infração cometida por ela e que, além disso,

aquela era a segunda vez que ela portava drogas ao entrar em estabelecimento prisional não são de todo confiáveis. No segundo destaque “*Ah, no trabalho EU ganho pouco, aí tipo, interessei mais porque ela disse que ganha bem. Aí toda vez que ela levava, ela ganhava bem, aí EU queria.”, o processo verbal “*disse*” também é utilizado para introduzir uma oração projetada “*que ela levava, ela ganhava bem*” realizada pelo dizente “*ela*” que se refere também ao ator do processo material “*ganha*”. Assim, podemos perceber que esta pessoa mencionada por Santa é uma mulher que representa uma referência para a participante da pesquisa, pois foi o fato de esta mulher dizer que ganha bem que convenceu Santa a fazer o mesmo. Somada a esta motivação, há, também, a necessidade de Santa, que, no papel de ator provedor, precisa conseguir recursos financeiros para sustentar os filhos, já que, segundo ela, apenas um de seus filhos recebe apoio financeiro do pai. O mesmo dizente “*ela*” consta no argumento utilizado por Santa para explicar o que a encorajou a realizar um ato criminoso, como podemos ver em “*interessei mais porque ela disse que ganha bem.*”. Quanto aos processos materiais “*tinha entrado, pegaram, prenderam, ganho, ganha, levava, ganhava*”, podemos observar que são usados para apontar para ações que, relacionadas ao evento motivador da situação prisional, levar drogas para o interior de um presídio, contribuíram para transformar a vida de Santa. Tal interpretação é confirmada pelo uso dos processos mentais desiderativos “*interessei, queria*”, os quais confirmam que, para Santa, valia a pena correr o risco de ser presa para conseguir sustentar os seus filhos, caso obtivesse êxito na infração realizada. Os processos mentais, como “*pensei*” podem apontar que a situação prisional era vista por Santa como uma possibilidade remota, a qual, mesmo ocorrendo, duraria pouco em relação ao retorno financeiro que ela iria receber, o que pode ser confirmado pelo processo modalizado “*ficasse*” e a circunstância de tempo indicando a possível curta duração da situação prisional “*três mez (sic)*”.*

A respeito dos atores relacionados aos processos do excerto (12), notemos que Santa se representa passivamente, uma vez que, ela organiza processos materiais dos quais participa como meta, como em “*Aí pegaram e me prenderam*”, em que ela atribui o evento da prisão a atores excluídos por supressão total. Além disso, ela realiza processos mentais, como o desiderativo modalizado pelo pretérito imperfeito “*queria*”, o qual evidencia o desejo de Santa de também ser bem-sucedida, assim como o ator

“*ela*” o era na realização dos processos materiais “*levava, ganhava*”, mesmo sendo a partir de uma ação que acarreta sanção social. O ator referenciado por Santa por meio do pronome “*ela*” é incluído ativamente na realização dos processos materiais “*levava, ganhava*”. Em “*Aí os outros EU é que cuida só*”, Santa inclui os filhos por meio do pronome indefinido “*outros*”, o que pode indicar um distanciamento desses participantes que dependem de Santa para serem sustentados.

Quanto ao sistema de avaliatividade, podemos perceber no destaque “*EU ganho pouco, aí tipo, interessei mais porque ela disse que ganha bem. Aí toda vez que ela levava, ela ganhava bem, aí EU queria.*”, que ocorrem julgamentos de estima social do tipo capacidade, pois as construções “*ganho pouco*” e “*ganha bem*” colocam o ator “*ela*” que, no caso, desempenha um papel de aliciadora, como mais capaz que Santa. Isso porque, segundo Santa, ela costumava realizar o processo material “*levar*” drogas para o interior do presídio e ser bem-sucedida, o que não ocorreu com Santa e acabou culminando em sanção social. Aqui, é importante destacar que esta avaliação é feita por uma pessoa em situação de vulnerabilidade social, exposta a uma realidade globalizada (GARCIA CANCLINI, 2007) em que o progresso é acompanhado, na maioria das vezes, pela televisão, mas as oportunidades de ascensão social, ao seu redor, são geralmente escassas. Para Bauman (2000), “Quanto maior a liberdade na tela e quanto mais sedutoras as tentações que emanam das vitrines, e mais profundo o sentido da realidade empobrecida, tanto mais irresistível se torna o desejo de experimentar, ainda que por um momento fugaz, o êxtase da escolha.” (BAUMAN, 2000, p. 79). Nesse sentido, a escolha de Santa pode indicar que, para ela, o risco de ser presa sobressai à possibilidade de permanecer em uma realidade empobrecida.

Em síntese, das seis MGSP com as quais interagi, apenas duas já haviam sido detidas anteriormente. Um traço comum em relação ao número de prisões é que todas consideraram a prisão uma “falta de sorte” e não uma consequência direta de suas atitudes. Essa percepção foi enfatizada, especialmente, nas narrativas de Vanda, detida pela sexta vez, de Cleide, ré primária e de Laila, ré primária.

As tentativas de explicação, dadas pelas mulheres, sobre o uso de drogas estavam bastante relacionadas aos malefícios desse uso em suas vidas. Três delas, Kelly, Cleide e Laila, relataram que a prisão foi, de um certo modo, uma forma de

controlar o vício. Afinal, na prisão, elas não poderiam ter acesso fácil às drogas. Outro ponto que chama a atenção é a influência do companheiro, tanto no uso de drogas quanto no exercício do tráfico, citada por algumas dessas mulheres. Isso me fez compreender, em princípio, que essas mulheres eram fortemente movidas por sentimentos amorosos.

c) experiência com a gestação e com a maternidade

Experiências com a gestação e com a maternidade conduzem não apenas ao nascimento de um novo ser e à convivência com este, mas conduzem, também, a um outro nascimento: o de uma mulher que se identifica como mãe. Estar gestante é parte do processo da maternidade. Não se nasce sabendo ser mãe, mas pode-se aprender e se preparar para as mudanças identitárias decorrentes da maternidade, ainda mais quando se está inserida em um contexto prisional.

Desse modo, é relevante nos atentarmos para as micronarrativas das MGSP a respeito de suas experiências com a gestação e com a maternidade e a respeito das representações que emergem em seus discursos.

Para isso, comecemos com a micronarrativa de Kelly:

(13)KELLY: – É... aí quando EU tive o meu filho, EU mudei a minha cabeça totalmente porque ele dependia de mim. Quando EU tive ele não, quando ele adoeceu que EU vi que ele precisava muito de mim e que EU já amava ele demais, era muito impressionante. Que ele era muito pequenininho e EU já amava ele demais.

KARINA:– Aham.

KELLY: – Quando ele tava na minha barriga, EU não queria ele, EU queria abortar, fazer de tudo para tirar ele. E quando ele nasceu, ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

KARINA:– Aham.

KELLY: – Aí EU mudei totalmente, minha mãe já começou ver que EU tinha mudado, EU comecei trabalhar. EU comecei trabalhar no Mac Donalds. Então EU passei 4 anos na rua.

Em (13), os processos comportamentais “*tive, dependia, adoeceu, vi, mudei, tinha mudado*”, os processos mentais “*amava, queria*”, os processos relacionais “*era, tava, foi, passei*”, os processos materiais “*tirar, comecei trabalhar*” e existenciais “*nasceu, aconteceu*” estão relacionados às representações de Kelly e de seu filho, em razão da experiência com a gestação e com a maternidade. É interessante observarmos que os processos comportamentais “*tive, dependia, adoeceu, vi, mudei, tinha mudado*”

aconteceram em decorrência da assunção do papel de mãe por Kelly, o que foi motivado nela quando percebeu que um ser humano indefeso dependia dela, o que ocasionou mudanças internas em Kelly, como, por exemplo, mudanças comportamentais, como podemos observar em “*É... aí quando EU tive o meu filho, EU mudei a minha cabeça totalmente porque ele dependia de mim.*” Além disso, as mudanças impulsionadas pela gestação e pela maternidade não foram apenas internas, como podemos perceber nos processos materiais “*tirar, comecei trabalhar*” escolhidos por Kelly para representar as ações realizadas, após o nascimento do filho. Além dos processos, destaco as circunstâncias “*4 anos na rua*”, as quais apontam que, durante a situação prisional, Kelly não se identifica como alguém pertencente à sociedade, pois esta é expressada por ela como “*a rua*”, ou seja, como uma espécie de “*terceiro lugar*” ao qual, no momento, ela não pode ter acesso.

Quanto aos atores, Kelly se inclui ativamente e se representa como alguém que “*mudou totalmente*”, em termos de comportamento. O filho é a meta ou o motivador dos processos realizados por Kelly. A mãe é representada passivamente, como uma observadora das mudanças pelas quais Kelly passou em decorrência de suas experiências com a gestação e maternidade.

De acordo com o sistema de avaliatividade, podemos identificar ocorrências de afeto pelo uso do verbo de emoção “*amava*”, também na caracterização “*impressionante*” atribuída ao processo relacional “*era*” e pelo atributo “*a melhor coisa*”, que Kelly utiliza para se referir ao significado que o filho tem em sua vida, como podemos confirmar no destaque “*E quando ele nasceu, ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.*”. Além disso, no destaque “*Aí EU mudei totalmente, minha mãe já começou ver que EU tinha mudado, EU comecei trabalhar. EU comecei trabalhar no Mac Donalds. Então EU passei 4 anos na rua.*”, podemos observar a ocorrência de julgamento de estima social, em que Kelly demonstra tanto a sua admiração por si mesma quanto a admiração da mãe pelo fato de ela ter começado a trabalhar e ter passado 4 anos em liberdade “*na rua*”.

Passemos à micronarrativa das experiências de Aline:

(14) ALINE – Não, e quando EU cuidei do Pedro Paulo, assim, EU até um mês EU não dava banho, porque minha mãe já ficava com medo de EU dar banho. Minha vó então, minha vó, mãe do meu pai, então tem minha irmã também que já tem três filhos, ela me ajudou muito. Aí naquela gravidez foi diferente dessa, porque assim, toda gravidez EU sou muito paparicada, tanto pela mãe, pelos irmãos, por todo mundo. Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim, não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez. Minha mãe ainda fala, “meu Deus, se você ganhar seu filho aqui a gente nem tá imaginando”. EU falei “é mãe pode ser até Deus permitindo né”. Pra mim amadurecer mais, e EU gosto de dar banho, de ver..., igual EU ganhei muita roupinha aqui. EU tenho meu enxoval lá fora, só que até chegar aqui, você vê, a Rute tá com treze dias o nenê dela. Até hoje não chegou nada porque tem os dias de trazer aqui, pra mãe trazer e só entra na sexta-feira. Aí vem questão natal, ano novo, não chegou nada.

Em (14), Aline e seus familiares são representados como os participantes dos processos materiais “*cuidei, dava banho, ajudou*” referindo-se à fase de puerpério. A presença de processos mentais também merece destaque “*preocupasse, preocupou, imaginando*”, pois demonstram o envolvimento dos familiares de Aline, os quais também são afetados pela situação prisional em que ela se encontra. Isso é evidenciado no destaque “*Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim, não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez.*” Os processos utilizados por Aline para relatar sua experiência com a maternidade indicam tratar-se de um momento de maior proximidade e fortalecimento familiar. Este fortalecimento familiar também é retomado ao relatar a possibilidade de dar à luz em situação prisional, como podemos observar em: “*Minha mãe ainda fala, “meu Deus, se você ganhar seu filho aqui a gente nem tá imaginando*”. No entanto, Aline demonstra, em tom de resignação, que a despeito de todas as dificuldades com as quais possa se deparar, dar à luz em situação prisional é um evento representado por ela como uma oportunidade de amadurecimento, de superação de dificuldades, como podemos observar em: “*EU falei “é mãe pode ser até Deus permitindo né”. Pra mim amadurecer mais, e EU gosto de dar banho, de ver..., igual EU ganhei muita roupinha aqui. EU tenho meu enxoval lá fora, só que até chegar aqui, você vê, a Rute²⁸ tá com treze dias o nenê dela.*” No destaque “*Pra mim amadurecer mais*”, ressalto que o processo “*amadurecer*” pode expressar uma transformação comportamental de Aline que, diante das possíveis dificuldades, demonstra que há uma determinação em realizar uma

²⁸ Conforme mencionado no **Quadro 5** - Nomes fictícios e papéis sociais dos(as) colaboradores(as), p. 117 desta tese, aos atores sociais referidos nas micronarrativas de vida das MGSP são atribuídos nomes fictícios.

circunstância que ele nunca viveu: amadurecer em função de cuidar do filho sozinha, durante a situação prisional. Outros processos materiais, como “*chegar, chegou, trazer, entra*” são utilizados para se referir às dificuldades das MGSP em ter acesso aos recursos materiais necessários ao bebê, como roupinhas e suprimentos que, em parte, são resultados de doações.

Quanto aos atores sociais, Aline é incluída por passivação e representada como alguém disposto a vivenciar as situações a que for submetida, juntamente com o seu bebê, como podemos observar em: “*EU falei “é mãe pode ser até Deus permitindo né”. Pra mim amadurecer mais, e EU gosto de dar banho, de ver...*”, em que Aline utiliza o processo verbal “*falei*” para atribuir ao participante “*Deus*” a ação de permitir que ela enfrente as dificuldades em dar à luz em situação prisional. Em relação aos demais atores da família, o filho é nominalizado “*Pedro Paulo*” e incluído como beneficiário do processo “*cuidar*”. A mãe, a irmã, a avó e os irmãos de Aline também são referidos como participantes de processos, como “*ajudou, paparicar*”. No entanto, após a situação prisional, com exceção da mãe de Aline, a qual tem voz ativa “*Minha mãe ainda fala, “meu Deus, se você ganhar seu filho aqui a gente nem tá imaginando”.*”, os demais atores são referenciados como (*todo mundo*), como podemos observar em: “*Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim, não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez.*”, o que pode demonstrar que Aline os inclui por generalização e os exclui ao se referir ao enfrentamento do evento de dar à luz em situação prisional. É interessante observarmos que os pais dos filhos de Aline, tanto o pai do filho mais velho “*Pedro Paulo*”, quanto o pai do bebê que ela está esperando, são excluídos por supressão total, tanto dos processos relacionados à experiência com a maternidade, quanto dos relacionados à gestação.

No sistema de avaliatividade, em “*EU sou muito pparicada, tanto pela mãe, pelos irmãos, por todo mundo. Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim, não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez.*”, podemos identificar ocorrências de avaliação de afeto pelo uso da nominalização do verbo “*pparicar*” relacionado à forma como Aline era tratada por seus familiares, em função do evento maternidade. Além disso, no uso dos processos mentais “*ficou, preocupasse, preocupou*”, em que Aline avalia sua importância para a

família, são evidenciados estreitos laços de relação familiar e que as experiências com a maternidade e a gestação favorecem o fortalecimento da convivência familiar. No entanto, a situação prisional parece ser avaliada como uma possível ruptura dessas relações, pois impõe o afastamento dos familiares.

Agora, vejamos as representações reveladas na micronarrativa de Cleide:

(15) KARINA: *Mas por que tão longe?*
 CLEIDE: *Pra... Pra ficar na rua! Pra não ficar perto da minha família, porque minha família...*
 KARINA: *Aham!*
 CLEIDE: *Não deixava! Ficava no meu pé atrás de mim!*
 KARINA: *Mas as crianças iam com você?*
 CLEIDE: *Não. Sempre ficavam em casa!*
 KARINA: *E quem cuidava delas?*
 CLEIDE: *A minha mãe!*
 KARINA: *Sua mãe que cuidava? Ah! Tá!*
 CLEIDE: *Aham!*
 KARINA: *Desde a pequeninha, o outro...*
 CLEIDE: *Até... É.*
 KARINA: *E esse, o quarto bebê, será menino ou menina?*
 CLEIDE: *É menino.*
 KARINA: *Menino. Ah! Ela também vai cuidar?!*
 CLEIDE: *Não. EU que vou cuidar desse!*
 KARINA: *É? Ela... Ela não aceitou cuidar?*
 CLEIDE: *Não! Porque EU vou cuidar! Porque EU decidi parar com tudo!*
 KARINA: *Aham!*
 CLEIDE: *EU não quero mais essa vida de droga.*

Em (15), Cleide utiliza o processo “ficar” para demonstrar que precisava se manter distante da família, a qual tentava impedi-la “não deixava” de usar drogas e de cometer infrações para obter dinheiro e sustentar o vício das drogas. Além disso, à mãe é atribuído o papel de cuidar dos filhos de Cleide. A respeito da atual gestação, as ocorrências do processo material “vou cuidar”, modalizado pelo verbo “ir” no presente do indicativo e pelo verbo “cuidar” no infinitivo, em uma locução verbal, evidencia o desejo de Cleide em responsabilizar-se pela criação do filho, em detrimento de continuar usando drogas. Em outras palavras, o nascimento do filho é representado por Cleide como um evento que propiciará mudanças significativas em sua vida. Isso pode ser observado pela escolha do processo mental desiderativo em “EU não quero mais essa vida de droga.” o qual aponta para uma relação entre uma escolha “cuidar do filho” e uma renúncia “uso de drogas”.

Quanto às representações dos atores sociais, a família de Cleide é incluída, mas de forma apassivada, pois, segundo ela, a família não concorda com suas ações relacionadas ao uso de drogas. No entanto, à família não são atribuídos, discursivamente, processos materiais para contribuir com que Cleide deixe de usar drogas. O pai das crianças é excluído por supressão total no discurso de Cleide a respeito de suas experiências com a maternidade e com a gestação. Os filhos são incluídos de forma apassivada no discurso de Cleide.

No sistema de avaliatividade, em “*Não! Porque EU vou cuidar! Porque EU decidi parar com tudo!*”, observamos no discurso de Cleide, avaliações positivas de julgamento quanto à capacidade de cuidar do filho que está esperando. No entanto, o discurso também evidencia que Cleide menciona o possível como real, pois cuidar do filho que está esperando é uma possibilidade condicionada a deixar de usar drogas. Essa condição também aparece no discurso de Laila, como podemos observar no excerto (16):

(16) LAILA: – *Sim, porque o meu pai quando veio me visitar a primeira vez e soube que EU estava grávida, foi aqui na porta do presídio.*

KARINA: – *Sim.*

LAILA: – *Que quando ele veio trazer as minhas coisas, ele falou assim “Ela tá aonde?”... “Tá nas celas das grávidas”. Meu pai “Grávida? Além de presa tá grávida?” (risos). Aí ele falou assim “Menina, o que aconteceu?”, aí ele foi muito claro comigo, ele falou assim “Ó, eu vou ser bem sincero com você, sua mãe não tem condições mais de cuidar porque teve esse AVC. Já tem a Luzinha que é o nosso anjo” ele fala até hoje que é uma bênção porque a gente tudo criada veio a Luzinha.*

KARINA: – *Sim.*

LAILA: – *Aí “Sua irmã tem 3”. O meu cunhado já vai assumir a Luzinha. Então “...ou você sai de vez do mundo da droga ou a gente vai ter que colocar pra adoção.”*

KARINA: – *É mesmo? E como é que você está se sentindo?*

LAILA: – *Quando ele falou isso, EU fiquei assim, EU falei “Nossa, EU jamais quero ter uma filha minha na mão de um desconhecido”, né? EU posso trabalhar de novo, EU posso criar ela, tantas mães solteiras, tantas mães que criam as suas filhas, né? Ele falou assim “Minha filha, é muito simples, até o momento em que você quiser cuidar dela..., a gente fala assim, onde come um, come dois, come três... e não vai faltar nada. Agora, no momento que você voltar a começar a usar o crack, a gente não pode.” Ele falou que é automático, vai para o conselho tutelar e me tira. Bota pra adoção pra uma família... inclusive ele citou um casal de amigos dele, o que trabalha com... ele é motorista muito tempo de um rico empresário, que tem uma condição financeira boa e ele falou assim “Olha, o Enzo e a Glória, eles não têm filhos e ele falou que se ela não quiser cuidar a gente cria”. Olhe só, para você ver como a coisa é tão séria que ele já arrumou um futuro (ininteligível 0:39:02) e EU não quero ter que carregar lá no futuro... já estou com 35, que EU dei um filho meu porque EU preferi ter a dependência. EU tenho uma criança de 3 anos que fala assim “Mamãe, quando você vai embora?”, não dá, então EU penso o que é, pra mudar mesmo.*

Em (16), os processos discursivos realizados pelo pai de Laila são representados, em sua maioria, por verbos de processos verbais “*falou, fala*”. No caso do pai de Laila como dizente, podemos observar que Laila é a receptora mais afetada, representada por escolhas lexicais, como “*presa, grávida, menina, minha filha*” em função de processos relacionais, como “*tá, é*”. Conforme Halliday e Mathiessen (2004, p. 254), os processos verbais contribuem para construir relações simbólicas edificadas na consciência e representadas na língua. E a maneira como Laila se utiliza desses processos é introduzindo o discurso do pai determinando como será a sua relação com a maternidade se, após, a situação prisional, ela não deixar de usar drogas. Este fato está condicionado à disponibilização para adoção do bebê que está em seu ventre. Em outras palavras, Laila e o bebê são o alvo dos processos verbais realizados pelo pai.

Em termos de representações de atores sociais, o pai é incluído ativamente, dada a força que tem o seu discurso. Laila e o bebê são incluídos por apassivação, apenas como alvo das decisões tomadas pelo pai, caso Laila não arque com o compromisso de deixar de usar drogas. Tanto o pai da filha de Laila, quanto o pai do bebê que ela está esperando são excluídos por supressão total no discurso de Laila, a respeito de suas experiências com a maternidade e com a gestação.

O sistema de avaliatividade do discurso de Laila pode indicar um reforço da estima social por (in)capacidade: “*Minha filha, é muito simples, até o momento em que você quiser cuidar dela..., a gente fala assim, onde come um, come dois, come três... e não vai faltar nada. Agora, no momento que você voltar a começar a usar o crack, a gente não pode.*” Ele falou que é automático, vai para o conselho tutelar e me tira. Bota pra adoção pra uma família... inclusive ele citou um casal de amigos dele, o que trabalha com... ele é motorista muito tempo de um rico empresário, que tem uma condição financeira boa e ele falou assim “*Olha, o Enzo e a Glória, eles não têm filhos e ele falou que se ela não quiser cuidar a gente cria*”. Olhe só, para você ver como a coisa é tão séria que ele já arrumou um futuro [...] EU tenho uma criança de 3 anos que fala assim “*Mamãe, quando você vai embora?*”, não dá, então EU penso o que é, pra mudar mesmo.” Nesse trecho, há evidências de que o pai de Laila já havia iniciado um processo de organização para que um casal de conhecidos cuidasse do bebê de Laila. Isso porque a suposta (in)capacidade de Laila pode ser vista pelo pai como uma escolha de não querer cuidar do bebê, como podemos observar em “*Olha, o Enzo e a*

*Glória, eles não têm filhos e ele falou que se ela não quiser cuidar a gente cria”, em que outros atores, são incluídos como um possível casal interessado em adotar o bebê de Laila, tem o discurso reproduzido. A forma como Laila organiza sua micronarrativa aponta para a perda de seus direitos como cidadã, como MGSP, já que, segundo o discurso do pai, o seu bebê pode ser colocado para adoção, mesmo sem o seu consentimento, como mãe. O discurso do pai de Laila ecoa o que, segundo Motta (2008), assombra as mães: o cortejo para que elas concretizem o ato de colocar seus filhos para adoção. Entretanto, o discurso do pai de Laila parece paradoxal, uma vez que ele, inclusive, mencionou que há interessados em adotar a criança e que será bom para a criança, mas, por outro lado, isso significaria o fracasso de Laila, que seria a culpada pela adoção do bebê. Essa interpretação também é reforçada na avaliação feita pela própria Laila, como podemos observar no destaque: “*EU não quero ter que carregar lá no futuro... já estou com 35, que EU dei um filho meu porque EU preferi ter a dependência.*”, em que Laila expressa uma espécie de valoração negativa de si própria, isto por concordar com a visão de que preferirá “*dar*” um filho a parar com o vício.*

Passemos à micronarrativa de Vanda a respeito de suas experiências com a gestação e a maternidade:

(17) KARINA: – *E você foi mãe com quantos anos?*
 VANDA: – *Com 13 ano.*
 KARINA: – *É mesmo? Nossa... mas com 13 anos você ficou grávida ou o bebezinho nasceu?*
 VANDA: – *Aí com 13 ano EU engravidei e depois que o neném nasceu, ele morreu com 9 mês de nascido.*
 KARINA: – *Ah, que triste. Mas qual foi a causa?*
 VANDA: – *Ó, na Bahia os médico nem descobriu o que foi.*
 KARINA: – *Ah tá. Ah, você foi embora pra Bahia então, pra tê-lo?*
 VANDA: – *Foi, e EU tive ele lá e eles não descobriram o que foi que o menino tava doente, aí o meu filho morreu lá e depois vim pra Brasília e fiquei já mai aqui, e mai lá.*
 KARINA: – *E depois, o segundo filho?*
 VANDA: – *O segundo filho, EU engravidei mais 3 vez e perdi mai não fui EU que tomou o remédio, susto, caí, aí EU perdi.*
 KARINA: – *Aham.*
 VANDA: – *Aí depois EU engravidei de novo, quando EU fiquei de maior ou foi de menor... EU sei que o meu filho mais velho tem 13 ano.*
 KARINA: – *Ah tá, tem 13 anos, né? E é filho de quem? Como você conheceu o pai dele?*
 VANDA: – *Aí EU já tava morando aqui, na invasão, fumando droga. Aí EU conheci o pai dele, o pai dele era zelador nesse tempo, num prédio...*
 KARINA: – *Uhum...*
 VANDA: – *Aí já mudou a minha vida. Fui morar com ele. Aí ele arrumou um emprego pra mim, EU comecei a trabalhar lá de zeladora também, aí engravidei. Como foi que EU tava grávida, EU pedi conta do emprego...*

KARINA: – *É mesmo? Sim.*

VANDA: – *Aí, tivi ele e comecei a ficar cuidando dele em casa e tudo... aí depois EU comecei a usar crack de novo, no tempo da mela, no tempo da mela... Aí o pai dele não aguentarra mais aquele... de EU larga a casa, ir pro cerrado fumar a droga e tudo. Aí mandou EU ir embora.*

KARINA: – *E o bebezinho ficou com ele?*

VANDA: – *E ficou com o menino de 2 ano.*

KARINA: – *E você não tem contato com ele, com a criança?*

VANDA: – *Tenho. Aí ele foi no Juiz, falou pro Juiz que EU era azuado de droga e o Juiz tomou a guarda minha pra ele. Aí falou “Você quer que ela paga pensão?”, “Não, ela não tem condições, não quero que ela paga pensão não que eu dou conta”. Aí ficou com o menino e EU ia lá todo dia levar o menino pra creche.*

KARINA: – *Ah tá.*

VANDA: – *EU ia levar ele e trazia pra casa pra...*

KARINA: – *Uhum, sim.*

VANDA: – *Aí agora... tá...*

KARINA: – *Tem alguém que cuida dele além do pai?*

VANDA: – *Não, ele mora com o pai dele mesmo de 2 aninho de idade. Ele tá em 13 ano agora.*

KARINA: – *Uhum, certo. E o segundo? Como foi?*

VANDA: – *Ah, o segundo EU engravidei... tá com a minha mãe, tem 7 ano ele, o Leonardo.*

KARINA: – *Sim, e a história do Leonardo?*

VANDA: – *A história do Leonardo (risos), eu... É, foi, é triste mai um pouco, mais tá bem com a minha mãe.*

KARINA: – *Por que é triste?*

VANDA: – *Porque EU ficava na rua com ele, aí o povo do SOS Criança mim trouxe pra cadeia.*

KARINA: – *Aham, foi a primeira vez que você veio?*

VANDA: – *Foi, aí me trouxe pra cadeia e aí EU fiquei 1 mês presa, que EU tarra com o menino na rua, que não podia, não pode.*

KARINA: – *Uhum.*

VANDA: – *Pedindo com a criança...*

KARINA: – *Sim.*

VANDA: – *Mai nunca fumei droga perto dele. Aí ele ficou 7 mês no juizado de menor...*

KARINA: – *Nossa...*

VANDA: – *Aí que EU saí EU fui lá na vara da infância, assinei e o Juiz deu a guarda dele pra minha mãe.*

KARINA: – *Ah tá, aí a sua mãe cuida dele?*

VANDA: – *Minha mãe cuida dele até hoje...*

KARINA: – *Aham, entendi. Vanda, outra coisa, então você só cuidou de um dos seus filhos, é isso?*

VANDA: – *Cuidei só de um. Do Leonardo... ô, do Vando e do Lucas também né? Do João Vitor só que...*

KARINA: – *Sim. Vanda o que significa maternidade pra você?*

VANDA: – *Maternidade?*

KARINA: – *Uhum.*

VANDA: – *Maternidade é de bebê, né?*

KARINA: – *Sim.*

VANDA: – *É ser mãe, ser carinhosa com os filho. Ter paciência, que eles não pede pra vir ao mundo.*

Em (17), inicialmente, chama a atenção o fato de que os filhos são referenciados por Vanda por meio de escolhas lexicais de substantivos comuns e de pronomes, como “o primeiro, o segundo, o menino, ele” e apenas uma vez, já no final de sua

micronarrativa, são nominalizados, como podemos perceber em “*Cuidei só de um. Do Leonardo... ô, do Vando e do Lucas também né? Do João Vitor só que..*”. Os processos que permeiam as experiências de Vanda com a maternidade são marcados por tristezas, perdas e prejuízos que afetam tanto Vanda como os filhos. Por exemplo, a impossibilidade de cuidar dos filhos, de participar da criação deles, a impossibilidade de conseguir manter-se em uma profissão, uma vez que o vício e a realidade de Vanda não permitem que ela tenha uma sequência de ações que possibilitem exercer o papel de mãe.

Quanto às representações dos atores sociais, Vanda é incluída por ativação, na maioria das vezes, em processos que a conduziram até a situação prisional “*ficava, terra, podia*”. No entanto, nos processos relacionados à criação dos filhos, Vanda é excluída por encobrimento, como podemos observar em, pelo menos, três destaques: “*Minha mãe cuida dele até hoje...*”, “*Aí que EU saí EU fui lá na vara da infância, assinei e o Juiz deu a guarda dele pra minha mãe.*” e “*Não, ele mora com o pai dele mesmo de 2 aninho de idade. Ele tá em 13 ano agora.*” Esses destaques apontam para a representação de outras pessoas, no caso, da mãe e do pai de um dos filhos, como responsáveis pelo papel de cuidar das crianças.

Segundo o sistema de avaliatividade, há no discurso de Vanda, julgamentos de estima social e de sanção social. Por exemplo, no destaque: “*aí depois EU comecei a usar crack de novo, no tempo da mela, no tempo da mela... Aí o pai dele não aguentarra mais aquele... de EU larga a casa, ir pro cerrado fumar a droga e tudo. Aí mandou EU ir embora.*”, ocorre julgamento de estima social do tipo capacidade, em que Vanda constrói em sua micronarrativa explicações de que, em função do vício, ela seria incapaz de cuidar de um dos filhos. Já no destaque: “*Porque EU ficava na rua com ele, aí o povo do SOS Criança mim trouxe pra cadeia.*”, ocorre julgamento de sanção social, em que Vanda relata que, após ser denunciada por levar um de seus bebês para as ruas, ela é presa.

Vejamos as representações na micronarrativa de Santa:

(18) KARINA: – Ah, sim. E o que os seus filhos... todos convivem com você?

SANTA: – Um é adotivo. EU dei pra doação.

KARINA: – Ah, você deu pra doação. Mas você sabe onde ele está? Você tem contato ou não?

SANTA: – Ah, EU tinha. Tem, faz 2 anos que EU não vejo ele.

KARINA: – Ah, tá. O mais velho está com quantos anos agora?

SANTA: – *Fazê 9 em setembro.*

KARINA: – *Ah tá. Então 9... qual a idade do outro?*

SANTA: – *7, fazê 8.*

KARINA: – *7 e...*

SANTA: – *5, fazê (ininteligível 0:01:52) de 1 ano e 4 meses.*

KARINA: – *Esse de 5 é que...Ah, de 1 ano e 4 meses também?! Qual foi para adoção?*

SANTA: – *O de 7, o segundo.*

No excerto (18), sobre suas experiências com a maternidade, Santa explica por meio de processo relacional “é” que um dos filhos é “*adotivo*”, mas logo depois esclarece que a real função da atribuição “*adotivo*” é relatar que um de seus filhos foi adotado. No destaque “*EU dei pra doação.*”, Santa se coloca como ator “*eu*” do processo material “*dei*” cuja meta é um dos filhos e o recebedor é a “*adoção*”.

Quanto aos atores sociais, Santa é incluída por ativação em dois momentos: ao relatar que deu o filho para a adoção e ao dizer que não vê o filho há dois anos. O filho é incluído por passivação, uma vez que aparece como meta do processo material “*dei*”. Os recebedores, no caso, os responsáveis pela adoção da criança, são incluídos por genericização, sendo referenciados apenas como “*doação*”. Os demais filhos são referenciados apenas pelas idades “5, 7” e pela ordem em que nasceram “*o segundo*”. Os pais das crianças de Santa são excluídos por supressão, assim como os demais familiares de Santa.

Quanto ao sistema de avaliatividade, não há julgamentos explícitos e nem construções que possibilitem julgamento no discurso de Santa a respeito de suas experiências com a maternidade. Entretanto, a maneira como outros atores sociais são representados por Santa, em sua micronarrativa sobre as experiências com a gestação e com a maternidade, podem apontar para o que Motta (2008) identifica como “*mãe abandonada*”, o que corresponde a situações em que mulheres não contam com o apoio de familiares e nem dos companheiros. No entanto, são julgadas pelo ato de colocarem seus filhos para adoção, o que é previsto legalmente, já que disponibilizar uma criança para a adoção é um direito previsto no parágrafo único do artigo 13 do Estatuto da Criança e do Adolescente, mas nem, por isso, deixa de ser um ato julgado como defeito de caráter pela sociedade.

Desse modo, de acordo com as micronarrativas sobre as experiências com a gestação e com a maternidade, as MGSP que se identificaram como usuárias de drogas contaram que o uso das drogas dá acesso a um espaço de liberdade, em que elas não são vítimas de mecanismos de exclusão. Além disso, o efeito das drogas faz com que elas esqueçam os problemas, sintam-se destemidas e felizes. No entanto, todas as usuárias concordaram que o vício lhes é prejudicial e que esses malefícios são extensivos aos familiares, aos filhos e, principalmente, ao bebê que está sendo gerado. Apesar disso, mães como Laila, Kelly, Cleide e Vanda confirmaram ter usado entorpecente durante as gestações anteriores, tendo dado à luz, inclusive, a crianças com síndrome de abstinência. Em tais micronarrativas, as possíveis consequências negativas para a saúde dos bebês parecem ser dissimuladas, ou mesmo, naturalizadas no discurso de algumas das MGSP.

d) eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional

Os excertos (19) e (20), retirados das micronarrativas de Kelly e de Santa, ilustram bem as representações dessas mulheres a respeito do tema eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional.

(19) KARINA:– Tá. E assim, você percebeu que você desenvolveu, que você mudou depois de entrar aqui, você falou.
 KELLY: – É.
 KARINA:– Assim que...
 KELLY: – Porque a cabeça da pessoa muda, a gente vê que a vida não é só brincadeira não...
 KARINA:– Você falou que da outra vez você deu graças a Deus quando veio pra cá, mas dessa vez não?
 KELLY: – Não. Que EU não queria, EU já tinha mudado a minha vida totalmente. (risos)
 KARINA:– Aham, e assim, você entende que você está respondendo por uma coisa que...
 KELLY: – Por uma coisa que EU fiz, EU entendo.
 KARINA:– Mas você acha que é realmente necessário para a sua mudança pessoal?...
 KELLY: – Não, EU não acho que é necessário...
 KARINA:- ...da sua cabeça seria necessário vir pra cá?
 KELLY: – EU não acho que não é necessário porque tem uma mulher que vem pra cá, volta é pior do que já veio.
 KARINA:– Por quê?
 KELLY: – Não sei, acho que fica revoltada. Não sei.

No excerto (19), Kelly opina, com o uso da forma verbal “*acho*”, que algumas mulheres que passam pela situação prisional saem “*piores*” do que entraram, pois ficam

revoltadas. A esse respeito, como bem observa Foucault (1987), muitas vezes, “A detenção provoca a reincidência; depois de sair da prisão, se têm mais chance que antes de voltar para ela.” (FOUCAULT, 1999, p. 293). Isso, porque, durante a situação prisional, as MGSP convivem com algumas pessoas para as quais o cometimento de crime acaba sendo a possibilidade, na perspectiva delas, mais viável de sobreviver em uma sociedade que as julga como excluídas.

Passemos ao discurso de Santa a esse respeito para percebermos as coincidências com o discurso de Kelly:

(20)KARINA: – Tá. É uma última pergunta Santa, que eu ia te fazer, né? Como você vê as dificuldades que você pode enfrentar saindo daqui? Eu vou melhorar a minha pergunta. O que é que esse tempo aqui representa pra você? Assim, em termos de mudança, como é que isso vai mudar a Santa?

SANTA: – Ah, acho que vai ser pra pior.

KARINA: – Por que vai ser pra pior?

SANTA: – Ah sei lá. Porque isso aqui... EU peço muito a Deus, tipo, acho que o que EU passei aqui acho que EU vou sair com muito ódio, entendeu?

KARINA: – Sim. Você...

SANTA: – Ainda mais com as pessoa lá fora.

KARINA: – Aham. Por que as pessoas lá fora vão te criticar? É isso?

SANTA: – É, também.

KARINA: – Ah, por exemplo quem? A sua família ou colegas?

SANTA: – É. Não, os colegas ou a madrasta do meu filho (emocionada), que EU acho que EU vou sai daqui e fazê uma besteira da minha vida.

No excerto (20), Santa, assim como Kelly, opina com o uso da forma verbal “*acho*”, que após a situação prisional, ela passará por um processo relacional transformativo em que sairá, segundo ela, “*pior*” do que quando entrou. Como razão para tal avaliação, Santa menciona a possibilidade de ser tratada com preconceito por seus colegas ou pela madrasta de seu filho. Nesse sentido, vale lembrar que, segundo Foucault (1999), “O sentimento de injustiça que um prisioneiro experimenta é uma das causas que mais podem tornar indomável seu caráter. Quando se vê assim exposto a sofrimentos que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra num estado habitual de cólera contra tudo o que o cerca.” (FOUCAULT, 1999, p. 294).

Tanto o discurso de Kelly quanto o discurso de Santa nos faz dialogar com a colocação de Foucault (1999) a respeito de falhas quanto à eficácia do papel ressocializador e reeducador da situação prisional. A esse respeito, Foucault (1999)

afirma que “Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa quando não inútil. E entretanto não ‘vemos’ o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão.” (FOUCAULT, 1999, p. 195). Entretanto, a despeito da reflexão de Foucault (*ibidem*) apontar para a situação prisional como uma espécie de “mal necessário à sociedade”, é preciso reconhecer a urgência da necessidade de uma ressignificação do sistema penitenciário em que, primeiramente, seja preservada a dignidade da pessoa em situação prisional, possibilitando que esta pessoa seja ressocializada como membro da sociedade e não às margens da sociedade. Assim, para cumprir os objetivos a que se propõe, a situação prisional precisa ser direcionada no sentido de reforçar a dignidade humana, por meio de medidas socioeducativas, não por meio da violação dos direitos das pessoas.

e) relação com os outros atores sociais na PFDF: mulheres gestantes em situação prisional

As representações sociais atribuídas às MGSP, em termos da convivência na Ala de Bebê e Gestantes, são, em sua maior parte, positivas. Para as MGSP entrevistadas, estar grávida e em situação prisional é uma prática social com momentos tranquilos e com momentos conflituosos, assim como se dá em outros contextos. No entanto, é possível perceber em seus discursos, que a situação prisional agrava alguns problemas de convivência, como podemos observar nas análises a seguir:

(21) KARINA:– *E lá dentro da cela você tem com quem conversar? Com quem se abrir, assim, porque senão a pessoa...*
 KELLY: – *EU converso com as menina tudo, EU não tenho, assim, vergonha nenhum. EU converso com elas todas, são pessoas muito tranquilas.*
 KARINA:– *Mas essa ala é mais tranquila que as outras?*
 KELLY: – *É mais tranquila.*
 KARINA:– *Ah tá. As pessoas são mais assim...*
 KELLY: – *Porque é pelos bebês, né? As mães ficam mais...*
 KELLY: – *Tranquilas, não quer muita confusão e tal e nas outras alas não, não estão nem aí.*
 KARINA:– *Uhum, sim.*
 KELLY: – *O que der pra elas, se der...demorou (risos).*

No excerto (21), os destaques “*EU converso com elas todas, são pessoas muito tranquilas.*” e “*Porque é pelos bebês, né? As mães ficam mais...*” os segmentos oracionais em que ocorrem verbos de processo relacional, como “*são, ficam*”

expressam atributos como “*mais tranquilas, muito tranquilas*” às MGSP, o que, segundo Kelly, deve-se à presença dos bebês.

A análise dos processos de transitividade, nas micronarrativas de Laila e Aline também evidenciam a predominância de processos relacionais, em que são atribuídas características de um comportamento mais tranquilo em função de algumas das mulheres, na Ala de Bebê e Gestantes, estarem grávidas ou, em fase de puerpério, com seus bebês, como podemos observar nos excertos (22) e (23) .

(22) KARINA – *Mas na mesma ala que você?*

ALINE – *Na mesma ala. 55 também, o 57 que é assalto à mão armada. Só que ali dentro, assim, é difícil a convivência porque o lugar onde tem muita mulher é muito difícil, assim, difícil qualquer lugar. É difícil a convivência, só que se você tá passando mal, aí todas se preocupa. Ali dentro eu não vou falar que é família, porque família é uma coisa muito, bem diferente do que é aqui né. Mas tem um companheirismo. Tem muito companheirismo, ninguém te aponta pelo que você fez, até porque todo mundo tá ali porque fez alguma coisa. Tem lá umas que gostam de fazer um inferno no local? Tem. Mas a maioria tá ali, sabe que tá ali, então que tá do mesmo jeito que você, não vai ficar te esnobando, não vai ficar te maltratando, te humilhando por causa disso. E o negócio também é você ficar na sua.*

KARINA – *Como é assim, ficar na sua?*

ALINE – *É não, por exemplo, tem brigas, rola briga, rola porrada de mulher ali dentro, rola. Você separa, separa.*

KARINA – *Mas entre as grávidas?*

ALINE – *Já aconteceu.*

KARINA – *É mesmo? Porque geralmente quando a gente tá grávida, a gente tem todo o cuidado.*

ALINE – *Eu falo até a questão...*

(25) KARINA – *Física, por exemplo, agressão física é um negócio muito sério.*

ALINE – *Mas eu falo até a questão assim, porque tem hora que a gente tá tão doida ali que a gente não aguenta. Se a pessoa falar alguma coisa. EU é porque EU sou muito paciente, EU sou uma pessoa, já aconteceu de pessoas pega no meu pé ali. Só que simplesmente EU vou pro meu quarto, vou orar, EU não revido. Igual EU falei pras meninas, pode vir pra cima me bater, EU não vou fazer nada, porque se você faz e a polícia pega, é ocorrência. E ocorrência é atraso na sua, você fica com atraso aqui. O nome vai pra mesa de um relatório toda semana, pra mesa do juiz. Aí por exemplo no dia da sua audiência, se tiver constando lá ocorrência porque brigou, brigou, brigou, o juiz não vai te liberar. Vai dizer, “ah, essa mulher não tá pronta pra ir pra rua”. Entendeu? Então você tem que ficar na sua. E quando você é de boa, se alguém começa a te implicar, as outras até te defendem, porque sabe que você é de boa. Então aí foi o que EU fiz. Fofoca, a menina um dia desses quase apanhou por causa de fofoca. Entra num quarto fala uma coisa, entra no outro fala outra. Aqui é um lugar onde a gente lida com pessoas amadoras igual EU, mas tem pessoas totalmente profissionais no crime.*

KARINA – *Que já estão aqui há muito tempo?*

ALINE – *É que já estão há muito tempo, que trabalha lá fora, faz as coisas. Tem pessoas malandra. E se você não souber fechar a boca, você vai acabar armando uma casinha pra você mesmo.*

Em (22), no discurso de Aline, por meio do uso de processos relacionais atributivos, como “*é, sou*”, as MGSP são descritas como portadores de qualidades, como “*paciente, essa mulher, pessoas amadoras, pessoas totalmente profissionais no crime*”. Os usos desses processos relacionais atributivos por Aline podem indicar que, assim como em outros locais, a convivência se torna mais difícil em relação a pessoas avaliadas negativamente por estima social, como fofoqueiras, briguintas, entre outras características. No entanto, Aline se identifica como pertencente ao grupo de “*pessoas amadoras*”, enquanto algumas das outras MGSP são identificadas por ela, como “*pessoas totalmente profissionais no crime*”. Além disso, Aline se autoatribui a qualidade de ser uma pessoa muito paciente e, mesmo resignada, como podemos observar no destaque: “*EU é porque EU sou muito paciente, EU sou uma pessoa, já aconteceu de pessoas pega no meu pé ali. Só que simplesmente EU vou pro meu quarto, vou orar, EU não revido. Igual EU falei pras meninas, pode vir pra cima me bater, EU não vou fazer nada, porque se você faz e a polícia pega, é ocorrência.*”. Também Laila evidencia que, em sua perspectiva, ela não deve se envolver em confusões, pois isso pode resultar em ocorrências, espécie de agravante para as MGSP.

Passemos às representações no discurso de Laila:

(23)LAILA: – *Uhum. Olha, as meninas elas ficam assim, porque EU vejo muito assim das presas, que presas estão acostumadas a ir e voltar pra cá e EU falo assim “Isso aqui pra mim foi a maior lição que EU tive.”, de qualquer clínica que EU passei, de qualquer coisa porque a dor de estar aqui dentro, de se privar, né? EU até te confesso que EU achei que era bem pior... EU não digo nem pelas partes de agentes não, EU digo pela parte de convivência dentro da cela, de você se sentir oprimida, você se sentir assim, até no modo de falar ou quando você está chegando, você é a mais... a que eles mais implicam...*

KARINA: – *Ah é?*

LAILA: – *É.*

KARINA: – *Isso que você está em um ambiente com várias mães, com mulheres grávidas...*

LAILA: – *E isso EU ainda agradeço a Deus por estar ali, porque, às vezes, você ouve muitas histórias de meninas que brigaram à toa ou que são agressivas ou que te manda fazer coisas, que te manda arrumar a cama dela, tudo você tem que fazer e ali, ainda na ala por se estar gestante, ainda não acontece...*

KARINA: – *Aham.*

Para Laila, no excerto (23), mais especificamente, as outras MGSP são referenciadas como “*presas*” e incluídas de modo a expressar uma naturalização da situação prisional, em que o fato de serem presas é recorrente, enquanto o processo relacional “*foi*” é usado para expressar que a situação prisional, no caso de Laila, é

representada por ela como “a maior lição” de sua vida, o que parece demonstrar que ela espera que não se repita.

Quanto ao julgamento por estima social, no destaque “EU até te confesso que EU achei que era bem pior... EU não digo nem pelas partes de agentes não, EU digo pela parte de convivência dentro da cela, de você se sentir oprimida, você se sentir assim, até no modo de falar ou quando você está chegando, você é a mais... a que eles mais implicam...”, Laila se coloca como experienciadora do processo mental “achei”, que é seguido de uma oração encaixada com processo relacional “era” em que o atributo “pior” modalizado pelo advérbio de intensidade “bem” é relacionado à representação que Laila tinha da convivência com outras MGSP. Neste destaque, é importante notarmos que, em função da convivências com outras na mesma situação que Laila, essas representações em torno da convivência com as MGSP foram ressignificadas. Assim, como nos excertos (21) e (22), Laila atribui a tranquilidade da convivência entre as gestantes na Ala de Bebê e Gestantes ao fato de as mulheres estarem grávidas. No entanto, ainda assim, Laila se autoatribui a representação de uma MGSP diferenciada, pois, para ela, a situação prisional não é passível de ser recorrente.

Uma outra forma de representar a convivência com outras MGSP expressa um ambiente inóspito, o que pode ser observado nos excertos (24) e (25), das micronarrativas de Santa e de Cleide:

(24) KARINA: – É isso, né? Tá. Outra pergunta, você falou também da questão do ódio né? Por que o ódio?
 SANTA: – Nossa! Isso EU não sei te explicar. Um ódio que... raiva.
 KARINA: – Uhum. Mas ódio em termos de convivência com as pessoas que estão aqui com você? Ou ódio por estar aqui?
 SANTA: – Ódio por estar aqui.
 KARINA: – Por estar aqui. Mas a convivência com as pessoas, ela é tranquila? Relativamente tranquila?
 SANTA: – Na verdade não.
 KARINA: – Não? Por exemplo?
 SANTA: – Ah, muita briga, muita desconfiança..
 KARINA: – Ah, o ambiente assim, que traz isso né? Tá certo. E como você se sente convivendo com outras pessoas que também já estão com bebezinho, cuidando do bebê? Isso não traz uma atmosfera boa?
 SANTA: – EU acho assim, em parte não. Que EU lembro os meus filho e EU não aguento.
 KARINA: – Aham, você se emociona. E a parte boa?
 SANTA: – Boa de a gente distraí um pouco.
 KARINA: – Sim. Então você ajuda a cuidar dos bebês?
 SANTA: – Ajudo.

No excerto (24), Santa representa a Ala de Bebê e Gestantes como palco de “*muita briga, muita desconfiança...*”. É interessante perceber que os processos relacionais utilizados por Santa para atribuir as características de “*briguintas e desconfiadas*” às MGSP excluem seus participantes por meio de supressão, pois em vez das mulheres, o local é quem recebe os atributos mencionados. No discurso de Santa, a situação prisional acarreta efeitos negativos sobre as MGSP, o que pode apontar para uma avaliação do tipo julgamento por estima social.

Vejamos a micronarrativa de Cleide:

(25) CLEIDE: Ah! E também não é nem tanto por isso que EU fico sem paciência!
 KARINA: Aham! Sim. E... É... A... Assim: a ala que vocês fica, que é das gestantes, é mais tranquila que as outras, ou você acha que você...?
 CLEIDE: Ah! Teve um tempo que lá estava um horror!
 KARINA: Por quê?
 CLEIDE: Briga direto.
 KARINA: Briga? Entre as gestantes?
 CLEIDE: Entre as gestantes! ???? pau, pelada lá no chão!
 KARINA: Mas uma vai machucar a outra? Por causa do bebê...
 CLEIDE: Bate na cara!

No excerto (25), o processo material por meio da nominalização “*briga*” e da forma verbal “*bate*” são utilizadas por Cleide no sentido de expressar que é violenta a convivência entre as MGSP. Inclusive, quando a entrevistei, ela tinha ferimento em uma perna, o que, segundo ela, foi resultado de uma briga com outra MGSP.

Em todos os excertos de (21) a (25), há representações discursivas da convivência entre as MGSP com momentos tranquilos e, por vezes, conflituosos. No entanto, prevalecem os processos relacionais em que são atribuídas às MGSP qualidades como “*tranquilas e preocupadas*” umas com as outras, o que pode contribuir para que essas mulheres ressignifiquem suas representações autoatribuídas, a partir de práticas sociais existente dentro da Ala de Bebê e Gestantes. Isso porque elas necessitam de apoio mútuo, confirmando a representação de maternidade e de gestação como fatores de ressocialização dessas mulheres, conforme já mencionado na **seção 1.1.5 do Capítulo 1** desta tese .

f) relação com os outros atores sociais na PFDF: agentes penitenciários

Na PFDF, as MGSP são assistidas e monitoradas por agentes penitenciários da SESIPE ou por policiais civis. Não há um profissional específicos para atendê-las, de modo que os (as) agentes que prestam assistência às MGSP e às demais mulheres em situação prisional, de todas as outras alas, são os(as) mesmos(as).

Passemos à micronarrativa de Kelly a respeito da relação com os(as) agentes penitenciários na PFDF:

(26) KARINA:– Entendi. Tá certo Kelly. E como é que você vê as pessoas que lidam com vocês aqui? As pessoas do presídio? Tipo os profissionais de segurança, como é que é? Como eles se relacionam com vocês?

KELLY: – Alguns são bons e outros são terríveis.

KARINA:– Sim.

KELLY: – Só que a gente tem que se por no lugar de interna e respeitar porque eles que estão aqui pra...

KARINA:– Tipo assim, o que faz um ser bom e outro ser terrível?

KELLY: –Assim, tratar a gente bem... tem uns que a gente nem fez nada e já trata a gente mal, grita, xinga, tem uns que até bate na cara das meninas aqui...

KARINA:– É mesmo? Mas você só ouve falar?

KELLY: – É, EU só ouvi falar. Nunca vi.

KARINA:– Tá, e esses são os terríveis?

KELLY: – É.

KARINA:– É só mulher que lida com vocês?

KELLY: – Não, homem também.

KARINA:– Ah, mas assim...

KELLY: – Mais pra fazer revista é só mulher... É tudo certinho.

Em (26), os profissionais de segurança são categorizados de forma indeterminada “alguns, uns, outros” no discurso de Kelly, o que pode indicar que, apesar de estarem fisicamente próximos, são situados por ela como distantes, podendo apontar para a relação assimétrica de poder que é estabelecida nesse meio. Assim, o destaque “Assim, tratar a gente bem... tem uns que a gente nem fez nada e já trata a gente mal, grita, xinga, tem uns que até bate na cara das meninas aqui...” ecoa o que Foucault (1999, p. 18) questiona a respeito da exasperação por parte dos profissionais responsáveis pela ordem e pela segurança das prisões “Consequências não tencionadas mas inevitáveis da própria prisão?” Em seguida, sugere resposta “Na realidade, a prisão, nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico.” (FOUCAULT, 1999, p. 18). Além disso, apesar de Kelly mencionar que alguns agentes penitenciários realizam o processo material agressivo “bate” dos quais as pessoas afetadas são “meninas aqui”, em outro momento, Kelly se coloca como participante também afetada pelos processos verbais “grita, xinga”. No entanto,

ela faz isso por meio do uso da expressão “a gente” e não do “eu” explicitamente, o que pode indicar um pertencimento por parte de Kelly ao grupo de MGSP, de modo que uma ação que viola os direitos humanos de um membro do grupo acaba afetando os demais membros.

Quanto à maneira como os(as) agentes penitenciários(as) são representados(as), estes são incluídos no discurso por genericização, expressando um outro grupo, oposto ao das MGSP. Desse modo, os agentes representam o “panóptico” de Foucault (1999), a quem são atribuídos os papéis de vigiar e punir e às MGSP são atribuídos os papéis de “vigiadas e punidas”.

Outro ponto importante a observar são os processos relacionais atributivos “são, estão” em que os agentes penitenciários são qualificados como pertencentes a dois grupos: o dos “bons” ou ao dos “terríveis”, o que, na percepção de Kelly, parece estar relacionado à maneira de tratar as MGSP. Esses processos relacionais atributivos também ocorrem no discurso de Cleide, como podemos observar no excerto (27):

(27) KARINA: Entendi. É... E o seu relacionamento com as pessoas que cuidam de você? Com a equipe, os profissionais de segurança? É tranquilo aqui?
 CLEIDE: Eles que são cabulosos!
 KARINA: O que que é cabuloso?
 CLEIDE: Chega, assim...
 KARINA: Cabuloso.
 CLEIDE: (RISOS)
 KARINA: (RISOS) O que que significa cabuloso?
 CLEIDE: Ah! Eles querem botar o terror em cima da gente!
 KARINA: Hum!
 CLEIDE: Humilha.
 KARINA: Sim.
 CLEIDE: Grita com a gente. Tem que ser do jeito que eles querem.
 KARINA: Aham!
 CLEIDE: Quando a gente está sentindo dor, eles pegam!
 KARINA: Mesmo com você grávida?!
 CLEIDE: Mesmo a gente grávida!

Em (27), Cleide utiliza o processo relacional “são” para qualificar os agentes penitenciárias de maneira generalizada como “cabulosos” o que expressa, segunda ela, por meio de processo não especificado, o processo desiderativa de “querer botar medo” nas MGSP. Isso pode apontar, novamente, para a representação de alguns dos agentes

penitenciários em função da maneira autoritária como lidam com as MGSP. Além disso, os processos “*humilha e grita*” também são mencionados por Cleide no mesmo sentido.

Assim, a respeito da relação com os atores sociais agentes penitenciários, os excertos (26) e (27) demonstram avaliações negativas quanto ao tratamento dispensado por estes às MGSP. A esse respeito, os qualificadores “*terríveis, cabulosos*” podem indicar uma apreciação negativa de indignação quanto ao tratamento dispensado pelos agentes. Tal entendimento nos faz dialogar com a colocação de Foucault (1999, p. 32) a respeito da autoridade em sistemas prisionais em que “o efeito mais importante do panóptico é induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 1999, p. 224). Entretanto, o que é mais marcante é o fato de esse tratamento ocorrer mesmo com MGSP, as quais, em função não só de seu estado, como também de seus direitos humanos, poderiam ser tratadas de forma digna, ou seja, sem gritos, sem humilhações, mas com o devido respeito que deveria ser dispensado a pessoas que passam por processos de ressocialização.

g) relação com a escola

As experiências das MGSP com relação ao tema de relação com a socialização institucionalizada “escola” são bem diversificadas. Contudo, as experiências narradas a respeito dessa temática são relevantes para a construção de representações discursivas autoatribuídas, atribuídas a outros atores e aos estudos.

Começamos pela micronarrativa de Kelly a respeito de suas experiências com a escola.

(28) KARINA:– *Como foi isso? Você nunca tinha feito?*

KELLY: – *EU nunca tinha feito. Só que quando EU era de menor EU era terrível, EU aprontava, EU ia pra escola só pra roubar as blusa das meninas, pra roubar tudo, bater nos outros...*

KARINA:– *Gente...*

KELLY: – *EU era muito terrível.*

KARINA:– *Você está com quantos anos agora?*

KELLY: – *EU to com 22.*

KARINA:– *Ah, tá certo. Kelly, e a escola? Quando você ia pra escola, você disse que tipo, você não via... você via importância de estar ali?*

KELLY: – *Não.*

KARINA:– *Conteúdo? Era um lugar que você gostava?*

KELLY: – EU me considero uma pessoa muito inteligente, quando EU pego pra estudar mesmo, EU consigo. Só que EU ia mesmo pra ficar brincando, enrolando...

KARINA:– Mais isso até o final do ensino fundamental?

KELLY: – Até o ensino fundamental.

KARINA:– Que você era assim, mais atenciosa com os estudos? Ou...

KELLY: – Não, EU ia para a escola só pra ir mesmo...

KARINA:– Mesmo criança?

KELLY: – Mesmo criança e no ensino médio é que EU vi que EU tinha que estudar e tudo, mesmo aprontando EU gostava de estudar. Mas isso no ensino médio.

KARINA:– Que você fez até o segundo, você terminou?

KELLY: – EU fiz até o segundo não, EU to no segundo.

KARINA:– Ah, então você vai ter que continuar aqui...

KELLY: – É, EU vou ter que continuar aqui.

KARINA:– E como faz pra continuar aqui?

KELLY: – Aqui tem uma escola.

KARINA:– Mas você pede...?

KELLY: – É. Aí EU peço a professora, pra eles encaixa o meu nome, aí eles faz um lista e me chama.

KARINA:– Uhum, entendi.

KELLY: – Aí como EU vou continuar aqui, EU vou poder pegar o meu histórico de quando EU comecei a estudar, porque EU vou embora em maio e EU já vou ter ganhado neném e tudo, aí EU vou, tem uma escola aqui no gama que EU vou ter que saber direito...

No excerto (28), aparecem representações atribuídas a si mesma com relação aos estudos. Nesse sentido, no destaque “*EU nunca tinha feito. Só que quando EU era de menor EU era terrível, EU aprontava, EU ia pa escola só pra roubar as blusa das meninas, pra roubar tudo, bater nos outros...*”, a primeira observação é a de que a referenciação está sendo principalmente veiculada pelo pronome explícito “*eu*”, o qual, por meio das ocorrências do processo relacional (*era*) é modificado pelos predicativos “*de menor*”, “*terrível*”, e pelas predicções explícitas que completam a representação negativa autoatribuída de ladra, como podemos perceber no destaque “*EU ia pa escola só pra roubar as blusa das meninas, pra roubar tudo, bater nos outros...*”. Em primeiro plano, aparece a assunção, por meio do sujeito explícito “*eu*”, de que, para Kelly, a única razão por que ia à escola era para roubar as blusas das outras colegas e para bater nos outros. É interessante observarmos na predicção que a volitividade pelas ações vai sendo distanciada do “*eu*”, pois nas três orações que seguem, “*pra roubar as blusa das meninas, pra roubar tudo, bater nos outros*” a referenciação ao ator que realiza as ações não aparece próxima aos processos, que são indicados apenas pelas desinências verbais na predicção e os verbos são usados no infinitivo. A esse respeito, Fairclough (2003, p. 193) postula que quando são usadas modalidades sem marcas subjetivas, estas são

declarações em terceira pessoa, as quais, por sua vez, são “uma forma de diminuir o envolvimento de uma pessoa quanto a ela” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 192). Em outras palavras, Kelly só assume a responsabilidade pela ação de ir à escola, mas se mantém distante das responsabilizações pelos processos materiais de “roubar e bater”. Outra representação autoatribuída pode ser observada quando Kelly usa o modificador do “eu” mais uma vez “*muito terrível*”. No destaque “– *EU me considero uma pessoa muito inteligente, quando EU pego pra estudar mesmo, EU consigo. Só que EU ia mesmo pra ficar brincando, enrolando..*”. Ao responder se a escola era um lugar do qual ela gostava, Kelly responde usando, umas das poucas vezes, no discurso, um modificador positivo para o referencial “eu”, como nos mostra o recorte “*uma pessoa muito inteligente*” que, quando se compromete, é capaz de alcançar seus objetivos. No entanto, ao dizer que ia para a escola só mesmo para “*ficar brincando*” e “*enrolando*”, aparece, em seu discurso, um complexo problema social: a falta de significado atribuída pelos jovens aos processos educacionais. Na visão de Bauman (2009), isso está relacionado ao fato de que na era da liquidez, “os processos educacionais são claramente separados do resto dos compromissos e relações de vida, o que faz com que ninguém esteja de fato ‘encarregado’ deles.” (BAUMAN, 2009, p. 162). No discurso de Kelly, essa falta de relação entre a escola e a vida e o enfoque da escola no conteúdo resulta justamente na resposta “*Não, EU ia para a escola só pra ir mesmo...*”. Ao responder se participa de alguma oficina na PFDF, Kelly remonta que continua sem enxergar significados em processos educacionais “*Não. Particpei já da escola ano passado, só que aí como EU vi que EU já tava no final do ano e EU não ia ganhar nada com isso EU parei. Aí agora EU quero continuar pra EU continuar na rua, quero começar agora pra mim continuar na rua.*” Os referenciais do ator social Kelly são exercidos por meio do pronome explícito “eu” e “mim”, com os quais Kelly relata que até participava das aulas oferecidas na PFDF. Mas como já estava no final do ano e, provavelmente, as aulas já estavam para terminar, ela viu que não “*ia ganhar nada com isso*”, o que nos remete à ideia de representar os estudos como uma espécie de “*credencial*”, como uma mera comprovação de que esteve em um contexto institucionalizado de educação, mas desprovido de significado. No entanto, quando diz que “*Aí agora EU quero continuar pra EU continuar na rua, quero começar agora pra mim continuar na rua.*”, Kelly demonstra que percebe a importância dessa “*credencial*” para ter mais oportunidades dali por diante. Essa interpretação pode ser confirmada no

excerto (25), “*Aí como EU vou continuar aqui, EU vou poder pegar o meu histórico de quando EU comecei a estudar, porque EU vou embora em maio e EU já vou ter ganhado neném e tudo, aí EU vou, tem uma escola aqui no Gama que EU vou ter que saber direito...*”, em que a afirmação de Kelly parece demonstrar que o seu interesse está no histórico, na comprovação de que estudou. Podemos perceber que essa falta de relação entre a escola e a vida também se revela no discurso de Vanda, como ilustrado no excerto (29):

(29) KARINA: – Certo. Vanda, e por que você... você me disse que não sabe ler, né?
 VANDA: – Sei não.
 KARINA: – Mas você chegou a ir à escola alguma época?
 VANDA: – Cheguei. Minha mãe já botou a gente em um colégio só que EU era muito danada, não ficava. Só assistia à primeira aula e pulava o muro e ia embora.
 KARINA: – Então você chegou a ir à escola aqui em Brasília? Ou lá na Bahia?
 VANDA: – Lá na Bahia.
 KARINA: – Ah tá. Mais depois de grande você nunca procurou?
 VANDA: – Daqui... aqui em Brasília também já. Já fiquei...
 KARINA: – Aham, e o que você sentia na escola?
 VANDA: – Ah, EU me sinto bem, só que...
 KARINA: – Você gostava?
 VANDA: – Gostava, mas é muito barulho, não gosto de escutar barulho.
 KARINA: – Aham, sim.
 VANDA: – (risos) EU já fiquei aqui no CRT de Taguatinga, ó, quando EU era pequena.
 KARINA: – O que é CRT?
 VANDA: – Onde fica um monte de criança.
 KARINA: – Ah tá. Mas por que que você ficou lá?
 VANDA: – Porque EU não tinha onde morar e a minha mãe morava na Bahia.
 KARINA: – Ah tá. Entendi. É uma espécie de abrigo?
 VANDA: – É.

Em (29), chamam a atenção os processos existenciais com traços circunstanciais de lugar “*ficava, fica, fiquei*” que são utilizados por Vanda para fazer referência às experiências com a escola. Notemos que as formas verbais de “*ficar*” são um tanto esvaziadas de sentido, de modo que Vanda não parece visualizar uma ação significativa para estar na escola, como “*aprender, estudar, interagir*”. Ela apenas ficava na escola. Mas isso não parece ser percebido por ela, ao passo que, por meio de um processo relacional “*era*”, Vanda se autoatribui a qualidade de “*danada*” e vincula isso à motivação para não “*ficar*” na escola. Outro detalhe importante é que a escola em que Vanda “*ficava*” era uma espécie de abrigo para crianças carentes. O destaque “*Gostava, mas é muito barulho, não gosto de escutar barulho.*”, pode indicar que o referido abrigo

não contava com atividades voltadas para o desenvolvimento das crianças, uma vez que, Vanda ressalta o barulho, mas não há, em sua micronarrativa, nenhuma menção a atividades.

Na entrevista com Aline, ela comenta, de forma positiva, suas experiências com a escola.

(30) KARINA – Com certeza. Aline, e assim, você descreveu sua família, o sentimento pra falar dessas pessoas, e a respeito da escola, como é que foi? Você fez ensino fundamental, ensino médio? Como é que você via a escola?

ALINE – Ah, EU sempre gostei de estudar, sempre amei estudar e meu pai e minha mãe, apesar de a gente não ser uma, não ter muito dinheiro, mas meu pai sempre trabalhou, igual EU te falei no início né, então não deixava faltar nada. Estudei o tempo todo em escola pública, não estudei em escola particular, sempre, da quinta à oitava série, até o segundo grau, EU era aluna destaque, porque tem isso na escola pública né, você tirar nota. EU sempre fui aluna destaque, sempre fui aquela aluna representante de turma, então assim, a escola pra mim é essencial, meus filhos vão estudar e assim, EU tive, pra mim entrar na faculdade EU tive que trabalhar, porque meu pai não tinha condições de pagar, mas quando chegar a vez dos meus filhos, EU quero assim, não que eles precisem trabalhar primeiro pra ter um dinheiro pra pagar a faculdade, mas EU quero ter condições de pagar a faculdade pra ele.

Em (30), no destaque “Ah, EU sempre gostei de estudar, sempre amei estudar e meu pai e minha mãe, apesar de a gente não ser uma, não ter muito dinheiro, mas meu pai sempre trabalhou, igual EU te falei no início né, então não deixava faltar nada. “, Aline expressa sua avaliação positiva em relação aos estudos, por meio do processo mental de afeto “gostei”. Em seguida, ela explica que a avaliação de afeto pelos estudos está relacionada a quanto ela era bem-sucedida nos estudos. Para isso, Aline se vale dos processos relacionais “era, fui” em que se autoatribui “aluna” as qualidades de “destaque, representante de turma”, o que nos leva a perceber uma representação autoatribuída positivamente de pessoa bem-sucedida quanto aos seus estudos. No destaque “[...] então assim, a escola pra mim é essencial, meus filhos vão estudar e assim, EU tive, pra mim entrar na faculdade EU tive que trabalhar, , porque meu pai não tinha condições de pagar, mas quando chegar a vez dos meus filhos, EU quero assim, não que eles precisem trabalhar primeiro pra ter um dinheiro pra pagar a faculdade, mas EU quero ter condições de pagar a faculdade pra ele.”, é interessante observarmos que os processos materiais “entrar, trabalhar” são utilizados por Aline para mencionar uma de suas dificuldades: ter de trabalhar para arcar com os custos dos estudos na faculdade. Em seguida, por meio do processo mental desiderativo “quero”,

ela expressa a sua vontade de possibilitar que seu filho não passe pelas mesmas dificuldades, o que nos remete à representação autoatribuída de provedora dos estudos do filho, assim como o pai o fora para Aline.

Passemos à micronarrativa de Santa a respeito de sua experiência com a escola:

(31) KARINA: – *Ah, sim. Me diga uma coisa Santa, você estudou?*
 SANTA: – *Até a 3^a.*
 KARINA: – *Até a 3^a série do ensino fundamental? Certo. E você estudava onde?*
 SANTA: – *Na mesma, na Fercal.*
 KARINA: – *Ah, tá. E como você se sentia na escola? Você gostava? O que representava pra você a escola?*
 SANTA: – *Ah, era tudo. Antes de engravidar.*
 KARINA: – *Aham. Por quê? Quando você engravidou não pôde mais estudar?*
 SANTA: – *Aí começaram a me xingar de bucho quebrado, essas coisa assim...*
 KARINA: – *O quê?*
 SANTA: – *Os meninos começaram a me xingar de bucho quebrado, coisa assim.*
 KARINA: – *Ah, entendi.*
 SANTA: – *EU parei de estudar.*
 KARINA: – *Você sofria uma certa agressão verbal dos colegas e você desistiu?*
 SANTA: – *Uhum.*

Na micronarrativa de Santa, em (31), o processo relacional “*era*” é usado por para explicar que a escola representava “*tudo*” para ela. Isso, antes do processo material transformativo “*engravidar*” que é representado por Santa como o evento responsável pela ruptura de seus planos, de suas expectativas em função dos estudos que, segundo ela, representavam “*tudo*” em sua vida. Essa relação é reforçada em seguida, quando no destaque “*Os meninos começaram a me xingar de bucho quebrado, coisa assim.*”, em que Santa ressalta que “*parou*” de estudar por causa do processo verbal “*xingar*” realizado por seus colegas de turma, como uma ofensa pelo fato de uma pessoa tão jovem estar grávida, ou seja, em função do processo material transformativo “*engravidar*”. Nesse sentido, Goffman (1988), afirma que ofensas verbais podem contribuir para que o ofensor, no caso “*os meninos*”, atribua estigmas sociais ao ofendido, no caso “*Santa*”. A esse respeito, o estigma de anomalia corporal “*bucho quebrado*” atribuído pelos colegas de Santa vão além da dimensão física, vão no sentido de expressar o estranhamento a respeito do que não é considerado convencional pela sociedade: uma menina de 13 anos grávida continuar estudando.

Agora, vejamos as representações que emergem das experiências de Cleide com a escola:

(32) KARINA: Tá! E... É... Assim! Como é que era na escola? Você gostava de ir?

CLEIDE: Gostava de estudar.

KARINA: Gostava? Mas você chegava lá e estudava mesmo ou você...?

CLEIDE: Chegava e estudava mesmo!

KARINA: Ah! Tá!

CLEIDE: Aí chegava no final do ano com notas boas e passava!

Em (32), em resposta ao questionamento “*Como é que era na escola? Você gostava de ir?*”, Cleide faz uma avaliação positiva de afeto por meio do processo mental “*gostava*” que modaliza o processo “*estudar*” e, em seguida, no destaque “*Chegava e estudava mesmo!*”, reforça que realmente gostava de estudar, inclusive, dedicava-se durante o ano para obter boas notas e “*passava*”. É interessante observarmos que os conhecimentos não são mencionados, mas o fato de passar de um ano a outro da escola sim, o que pode indicar que apesar de usar o processo material “*estudar*”, o significado deste é visto como vazio, o que coincide com a percepção de Vanda e de Kelly a respeito de suas experiências com a escola.

Em síntese, nos exemplos dos excertos (28) e (29), parecem ocorrer avaliações atitudinais negativas, realizadas pelas escolhas léxico-gramaticais dos epítetos depreciativos (*de menor, terrível, danada*). Os excertos (30, 31) apontam para avaliações atitudinais positivas materializadas pelas escolhas léxico-gramaticais (*aluna destaque, aluna representante de turma, tudo*). Tais avaliações parecem indicar julgamento de estima social estreitamente ligado com a relação dessas mulheres com a escola.

h) relação com o trabalho

As experiências das MGSP com relação ao trabalho também são bastante diversificadas. Para algumas, a experiência com o trabalho foi motivada pela vontade de

mudar o percurso conduzido pelo uso de drogas, para outras, a experiência foi traumática, como veremos nos excertos a seguir.

Começamos pela micronarrativa de Kelly a respeito de sua experiência com o trabalho, antes da situação prisional.

(33) KARINA:– Ah, tá certo. E Kelly, e a outra pergunta, você já trabalhou? Você falou que trabalhou uma época, de que mesmo?

KELLY: – No Mac Donalds e nunca mais na minha vida.

KARINA:– Ah tá. Mas você ficava de caixa? Você ficava na cozinha?

KELLY: – EU trabalhava de tudo, EU fazia tudo. Limpeza, caixa, estoque, tudo.

KARINA:– Aham, e era muito puxado.

KELLY: – Era muito puxado.

KARINA:– E eram quantas horas por dia?

KELLY: – EU trabalhava de 8 as 4.

KARINA:– Ah tá. Mas foi você que pediu pra sair?

KELLY: – Foi.

KELLY: – EU não aguentei, é muito pesado e cansativo.

No excerto (33), ao perguntar se ela já havia trabalhado, a resposta é direta “No Mac Donalds e nunca mais na minha vida.” A oração subentendida parece ser “Nunca mais trabalharei lá na minha vida.” Isso, porque, como relata Kelly, ela se sentia explorada: sem uma função definida, como podemos perceber em: “EU trabalhava de tudo, EU fazia tudo. Limpeza, caixa, estoque, tudo.”, além de uma jornada de trabalho extenuante, como ela parece afirmar em: “EU trabalhava de 8 as 4”, para as atribuições que tinha de executar, o que acabou culminando com a sua desistência do trabalho: “EU não aguentei, é muito pesado e cansativo”, expressada pelo uso do processo relacional “é” para qualificar o trabalho como (*pesado, cansativo*).

Em síntese, as micronarrativas parecem apontar para uma representação em que são assimétricas as condições de trabalho com o nível de escolaridade. Podemos observar a coincidência dessa assimetria no discurso de Cleide a respeito de sua experiência com o trabalho.

(34)KARINA: Entendi. E no Giraffa's? Você gostou de trabalhar?

CLEIDE: EU fiquei lá um mês! Lá é muito pesado!

KARINA: (RISOS) Aham! Muito trabalho?

CLEIDE: Muito trabalho.

KARINA: Tá!

CLEIDE: EU não aguentei!

KARINA: Aham!

CLEIDE: Por EU ser novata, eles já me davam, serviços mais esquisitos!

KARINA: *Limpar chão?! Essas coisas?!*
 CLEIDE: *É... Não! Se fosse só limpar chão, era maneiro!*
 KARINA: *Ah!*
 CLEIDE: *Desentupir esgoto...*
 KARINA: *Aham!*
 CLEIDE: *Era limpar umas chapas desse tamanho; desengordurar tudo!*

Em (34), a Cleide também relata que trabalhou em uma lanchonete e, por meio do processo relacional “é” qualifica o trabalho como muito “*pesado*”, o que acabou resultando na sua desistência, como podemos perceber em: “*EU não aguentei!*”. É intrigante percebermos as coincidências entre as micronarrativas de Kelly e Cleide a respeito de suas experiências com o trabalho. Ambas desistiram de seus trabalhos (com histórico de exploração: desde desentupir privadas a desengordurar panelas e fogões industriais) e, como atalho para uma possível mudança de percurso, encontram-se gestantes em situação prisional.

Desse modo, podemos perceber traços de um problema social confirmado nos discursos de Kelly e de Cleide sobre suas experiências com o trabalho: a transição da escola para o mundo do trabalho como algo não edificante. No entanto, é uma forma de revelar a relação entre desigualdade social e criminalidade. Sim, essa relação pode ser confirmada, uma vez que a assimetria das condições de trabalho de quem tem pouca escolaridade parece contribuir com a inclinação à criminalidade. Os estudos parecem funcionar como uma espécie de credencial para que boas oportunidades de trabalho sejam acessíveis aos jovens. No entanto, no caso de Kelly, assim como outros milhares de jovens, nem a fase da escola foi bem-sucedida e nem a inserção no mercado de trabalho.

Vejamos como essa reflexão também pode ser estendida ao discurso de Santa.

(35) KARINA: – *Sim. Santa e você já trabalhou alguma vez na sua vida?*
 SANTA: – *Já, mas nunca fichada, EU sempre trabalhei.*
 KARINA: – *Ah. O que você fazia?*
 SANTA: – *EU domesca.*
 KARINA: – *Doméstica? Certo. Outra coisa, você pretende voltar a estudar? Você disse que só estudou até o 3º ano, né?*
 SANTA: – *3º ano.*

Em (35), Santa relata por meio do processo material “*trabalhei*” modalizado pelo advérbio “*sempre*” que não tinha seus direitos trabalhistas devidamente

registrados, o que podemos notar pelo uso da nominalização “*fichada*”. Em seguida, Santa especifica que exercia a função de “*doméstica*”. Aqui, é interessante voltarmos um pouco ao excerto (12), em que Santa fala a respeito do evento motivador da situação prisional. Santa explica que ganhava pouco em seu trabalho e que resolveu arriscar ser presa em função da possibilidade de ganhar mais. A esse respeito, deixo uma reflexão: o que é mais sedutor na perspectiva de uma jovem em situação de vulnerabilidade como a de Santa: um trabalho “*pesado e cansativo*”, frequentemente muito mal recompensado, ou o retorno financeiro rápido e alto em razão de crimes ou da inserção em mercados informais. Narrativas como as de Kelly, Cleide e de Santa ecoam os reflexos da profunda instabilidade social, bem como de uma globalização apenas imaginada.

Passemos à micronarrativa de Laila a respeito de sua experiência com o trabalho:

(36) KARINA: – *Ok. E a descrição da escola? Você disse que fez o ensino médio e depois fez um curso técnico...*
 LAILA: – *É, em gestão de marketing.*
 KARINA: – *... gestão de marketing, né? E você nunca teve planos de continuar estudando? De fazer faculdade?*
 LAILA: – *Porque assim, essa empresa que EU trabalhei, ela era muito motivadora, porque é uma... o dono de lá, resumindo a história, né?*
 KARINA: – *Sim.*
 LAILA: – *Ele foi um cara que nasceu em Ipatinga, aí cresceu muito, hoje ele tem mais de 100 escolas de inglês, é reconhecido pela ABF.*
 KARINA: – *Uhum, o que é ABF?*
 LAILA: – *Associação Brasileira de Franchising, uma das escolas mais... que vende mais franquias. Aí o parceiro dele é o Bernardinho, técnico da seleção de vôlei, que era meu chefe no Rio, que era dono de uma escola de inglês. Então ele implantava muitos sonhos, ele é evangélico, cristão, ele fazia culto toda quarta-feira... Então lá...*
 KARINA: – *Ele está dentro da sua história?*
 LAILA: – *Aí é onde EU entro, o que acontece? Quando EU saí do Rio, que EU vim para Brasília porque o meu pai estava com diabetes, abriu a Up Time aqui. Aí o Carlos que era o companheiro de trabalho no Rio, casou-se aqui em Brasília e abriu essa Up Time que é em Taguatinga, Asa Sul e Asa Norte, 3 e me convidou e EU falei, olha “EU acabei de sair de uma clínica de dependência química de crack...”, contei toda a história e, mesmo assim, ele me contratou.*

Em (36), no destaque de sua fala final, Laila expressa sua admiração pelo dono da empresa em que trabalhou, pois relata detalhadamente o processo pelo qual este obteve sucesso, apesar de ter sido um usuário de drogas, ao abrir uma escola de idiomas. Além disso, essa admiração de Laila pode estar relacionada ao fato de que ela se identifica com a história do rapaz. Quando Laila encaixa o próprio discurso para

mostrar que foi sincera com o dono da empresa, ao contar que havia saído de uma clínica de reabilitação, ela enfatiza como um ato de solidariedade, por meio da modalização “*mesmo assim*”, o processo material “*contratou*”, o que a representa como beneficiária da referida “solidariedade”. É interessante observarmos que Laila expressa em seu discurso a representação de que quem foi usuário de drogas tem poucas oportunidades, em função do estigma de irrecuperável que é, geralmente, atribuído a essas pessoas pela sociedade.

Por falarmos a respeito de estigmas, a próxima temática é dedicada às representações que emergem nas micronarrativas das MGSP em relação a experiências em que se sentiram, de alguma maneira, estigmatizadas em razão da situação prisional.

i) estigma em razão da situação prisional

Dos três tipos de estigmas estudados por Goffman (1988) – anomalias corporais, defeitos de caráter individual, estigmas tribais – o que se refere a defeitos de caráter como desonestidade, insegurança, entre outros, é o estigma mais vivenciado pelas MGSP. Inclusive, a força desse estigma é tão significativa que começa a ser reproduzida até nos próprios discursos, por meio de representações autoatribuídas, como podemos perceber em alguns dos excertos analisados a seguir.

(37) KARINA:– Kelly, e assim, o olhar das pessoas? O tratamento das pessoas, como é que é isso pra você?

KELLY: – Às vezes a sociedade olha pra gente já assim com outros olhos, até pra gente ir no hospital mesmo, o povo já fica olhando assim, acha assim “Meu Deus, aquela mulher tava presa... ai não sei o quê”...

KARINA:– Por que será, né?

KELLY: – É, “por que será? O que será que essa menina fez?”. Então hoje em dia o olho deles assim, já é... (risos)

KARINA:– O olhar deles...

KELLY: – Já é diferente.

KARINA:– E isso te incomoda ou você é assim tranquila?

KELLY: – Ah, incomoda mas EU, quando EU vou assim, EU já de cabeça baixa, não quero nem olhar pra eles.

KARINA:– Pra não ver como os outros estão te olhando?

KELLY: – É, como eles estão me olhando.

No discurso da Kelly a respeito da temática “estigma em razão da situação prisional”, é interessante prestarmos atenção às expressões nominais e aos pronomes utilizados por ela para se referir ao “*outro*” e a si própria, no excerto (37),.

Ainda no excerto (37), antes de tratar sobre o discurso de Kelly ao ser questionada sobre como se posiciona diante do tratamento das pessoas, é importante voltar a nossa atenção para o fato de como ela nos conduz, discursivamente, para falar a essa respeito. Com o destaque “*até pra gente ir no hospital mesmo*”, ela nos a conduz a imaginá-la fora do presídio, em função de uma necessidade por ser uma mulher gestante que precisa de acompanhamento médico e, que, apesar de não constar no seu discurso, essa fala também nos conduz a imaginá-la com as mãos algemadas, de camiseta branca e com a escolta de um agente prisional, o que a caracteriza (materialmente) como uma mulher gestante em situação prisional. Em seguida, ela se refere ao outro a partir da expressão nominal “*a sociedade*”, esta sociedade é retomada pela forma nominal sinônima “*o povo*” e, à medida que Kelly relata o “*olhar preconceituoso*”, a sociedade e o povo vão sendo referenciados pelos pronomes “*deles*” e “*eles*”, o que pode retratar o distanciamento dela dessa sociedade. Além disso, a referência de “*sociedade*” e “*povo*” como “*deles*” e “*eles*” nos faz perceber que ela aí não se inclui. Segundo Koch (1989, p. 46), uma das formas de utilizar mecanismos coesivos é por meio de expressões nominais sinônimas ou quase sinônimas. Nesse sentido, é interessante observamos que a forma como Kelly relata que a sociedade “*olha*” não a afeta apenas individualmente, o que é reforçado pelo uso da expressão “*a gente*”, em que Kelly se inclui como parte de um grupo: o dos que não pertencem à sociedade. Outras expressões evidenciam que a Kelly está se colocando na posição da sociedade para fazer referência a si própria. Essa estratégia parece ocorrer no sentido de demonstrar, no seu entendimento sobre o discurso da referida sociedade, como o uso que alia pronome demonstrativo e substantivo de valorção: “*aquela mulher*”, “*essa menina*”, marcando o seu perceber da representação estigmatizada de diferente, de não pertencente, de terceira pessoa, que é como a sociedade olha para ela, como, na visão dela, ela é representada pela sociedade. Refletindo sobre o fato de ela se referir a ela mesma como terceira pessoa, que é a maneira como a sociedade olha para ela, como uma terceira pessoa, como alguém que não faz parte, como alguém excluído, é possível perceber que emerge, neste ponto, uma categoria de estigma: o estigma da exclusão. Em seguida,

Kelly utiliza o hipônimo “*o olho deles*” para se referir ao posicionamento preconceituoso da sociedade com relação a mulheres como ela. Aqui, cabe ressaltar que esse uso “*o olhar deles*” revela mais um momento das práticas sociais, além da prática discursiva, em que, ao mesmo tempo, ela está identificando esse olhar e sendo levada a aceitá-lo, pois representa um olhar social e não individual, ou seja, é mais forte do que ela. Ainda sobre o referido “*olhar preconceituoso*”, quanto à pergunta sobre como a própria Kelly se posiciona diante disso, ela responde que não se incomoda e faz referência explícita a si própria, por três vezes, por meio do pronome pessoal de primeira pessoa do singular “*eu*” e uma vez, por meio da elisão do pronome pessoal “*eu*”, em que explica que, apesar de se incomodar, o que gera uma expectativa de contrarreação, de resistência, ela, como consequência, abaixa a cabeça, excluindo-se, fazendo questão de não olhar, de ignorar o olhar preconceituoso da sociedade. No entanto, vejo esses hipônimos, como: “*o olho deles*” e “*de cabeça baixa*”, não com o significado de que ela não se importa, mas como o reflexo de que a representação de excluída, que não é atribuída exclusivamente por meio do discurso, mas também, por meio desse olhar preconceituoso percebido, a afeta, levando-a aceitar não ser percebida, aceitar uma certa invisibilidade, em vez da representação negativa “*essa menina*” atribuída a ela e ao grupo em que está inserida. Nesse ponto, ecoa o pensamento de Bauman (2005) a respeito das relações fluidas da sociedade líquida, para a qual as pessoas estão em um contexto social no qual podem escolher que tipo de futuro terão e que, são consideradas indolentes, ao escolherem um futuro considerado errado, tendo conseqüentemente que arcar com a escolha por um destino fracassado. Mais tarde, como afirma Bauman (2009), para essa sociedade líquida, todas essas pessoas “[...] Ficaríamos melhor e mais felizes se eles milagrosamente desaparecessem.” (BAUMAN, 2009, p. 102). Em outras palavras, o discurso de Kelly parece refletir uma tentativa de desaparecer, de ficar invisível aos olhos da sociedade.

Assim, é possível percebermos, com foco nas expressões nominais e nos pronomes utilizados por Kelly representações atribuídas a si própria e ao outro. Assim, nos três excertos, podemos perceber que as representações que Kelly se autoatribui estão distribuídas numa sequência temporal de antes, durante e depois da situação prisional, respectivamente, da seguinte maneira: antes – descontrolada; durante – estigma de um terceiro lugar, como não pertencente à sociedade; depois – estigma de

pessoa anormal. O outro é representado como “a sociedade”, como “eles”, como “o olho deles”, enfim como a realidade do “outro”, da qual ela se situa distante, não participante.

A respeito da temática “estigma em razão da situação prisional”, esta não se mostra, no discurso, apenas quando pergunto a Kelly sobre como ela percebe o tratamento das pessoas, mas aparece, também, lá no excerto (1) quando ela responde sobre a diferença notada por ela na transição da fase da adolescência para a fase adulta e, em terceiro lugar, quando ela faz uma projeção com relação a encontrar alguma dificuldade, em razão de ser egressa da situação prisional. A propósito, a referida temática é situado no discurso de Kelly nas três dimensões temporais passíveis de análise, isto é, antes, durante e após a situação prisional, o que pode nos mostrar que as representações autoatribuídas indicam um caráter negativo: “descontrolada, aquela mulher, cabeça baixa”, enfim, representação de pessoa não-normal, aquela que precisa se ajustar à sociedade. No entanto, como afirma Bauman (2005), questões globais não podem ser resolvidas em âmbito local e, muito menos, em âmbito pessoal, o que nos dá indícios de que Kelly não aceita voluntariamente o estigma de não pertencente à sociedade, de desajustada. Ela apenas é levada a aceitar.

Agora, passemos à micronarrativa de Aline.

(38) KARINA – Claro, verdade. E a outra é sobre experiências de trabalho né e você falou que trabalhou como gerente administrativa e tudo. Você pretende seguir nessa área?

ALINE – Olha, na área financeira não. Porque a gente costuma, minha vó costuma dizer, o que é mal aos olhos de Deus, mal aos olhos do homem. Aqui em Goiânia, oh, lá em Goiânia, EU trabalhei na área administrativa. Agora assim, EU não quero trabalhar com negócio ligado em dinheiro. EU não quero, porque EU fiz uma vez, não que EU vá fazer de novo, mas é bom vigiar, é assim que minha avó fala. É bom vigiar. Mas EU quero continuar trabalhando, EU trabalho na área. EU trabalho na (nome da empresa), é uma empresa lá em Goiânia que presta serviço pra prefeitura. É um teleconsulta lá em Goiânia.

KARINA – Mas você continua nessa empresa?

ALINE – Tô, eles ainda não me mandaram embora. Eles não podem mandar embora porque EU tô gestante.

Em (38), diferentemente das outras micronarrativas, as experiências de Aline com o trabalho não se restringem ao período anterior à situação prisional, Aline se refere a projeções sobre como se relacionará com o trabalho após a situação prisional.

Para isso, em “*EU não quero trabalhar com negócio ligado em dinheiro. EU não quero, porque EU fiz uma vez, não que EU vá fazer de novo, mas é bom vigiar, é assim que minha avó fala. É bom vigiar. Mas EU quero continuar trabalhando, EU trabalho na área. EU trabalho na (nome da empresa), é uma empresa lá em Goiânia que presta serviço pra prefeitura. É um teleconsulta lá em Goiânia.*”, Aline parece demonstrar que o estigma de exclusão, mais especificamente de estelionatária (GOFFMAN, 1988), está arraigado nas representações autoatribuídas, de modo que ela não deseja mais, por meio do processo mental desiderativo “*quero*” realizar o processo material “*trabalhar*” com algo relacionado a dinheiro. Isso, porque, ela mesma acredita que por ter feito uma vez, ela pode incorrer no erro novamente, se exposta a situações em que tenha esta oportunidade.

Assim, na oração material “*fiz*”, Aline se coloca como ator do fato motivador da situação prisional: o estelionato e, por isso, projeta no processo desiderativo “*quero*” o seu desejo de não trabalhar com dinheiro, pois segundo ela, numa oração relacional “*é*” bom vigiar. No caso de Aline, o ato de se vigiar parece funcionar como uma espécie de continuação do poder da instituição prisional, uma vez que o defeito de caráter individual é legitimado em seu discurso e reforçado na representação de que ela precisa ser vigiada, mesmo após a situação prisional.

j) projeções e expectativas para após a situação prisional

Podemos observar no excerto (39), que as projeções e expectativas de Kelly para depois da situação prisional são marcadas por condicionais “*se*”.

(39) KARINA:– [...] Enfim, quando você pensa em seguir a sua vida lá fora, você acha que você vai encontrar alguma dificuldade por já ter passado por aqui?
 KELLY: – Só se EU quiser.
 KARINA:– Por exemplo?
 KELLY: – Porque quando a gente sai daqui se a gente seguir tudo direitinho até acabar a nossa pena, a gente é uma pessoa normal. Só que se a gente procurar outra coisa, também se EU for lá roubar do fulano, do ciclano... EU vou voltar pra cá e vou cumprir a minha pena até 2017, fechada aqui.

No recorte (39), quando pergunto se Kelly projeta encontrar alguma dificuldade em razão de ser egressa da situação prisional, ela é bem firme em afirmar que “*Só se EU quiser.*” No entanto, ao justificar com “*Porque quando a gente sai daqui se a gente*

seguir tudo direitinho até acabar a nossa pena, a gente é uma pessoa normal.”, ela demonstra que precisa atender a uma espécie de exigência “*seguir tudo direitinho*”, o que é tido como uma condição para ser “*uma pessoa normal*”, isto é, alguém sem o estigma de delinquente. Essa representação autoatribuída ainda é reforçada quando Kelly menciona qual seria a consequência de agir diferente do estipulado como “*direitinho*”, que é “*EU vou voltar pra cá e vou cumprir a minha pena até 2017, fechada aqui.*”. Esta declaração de Kelly coincide com a afirmação de Foucault (1999), há quase cinquenta anos, já discutida no **Capítulo 1** desta tese, a respeito de que a punição de pessoas consideradas delinquentes passou a ser “um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação” (FOUCAULT, 1999, p. 12). Em outras palavras, o receio de voltar para a prisão sobressai à necessidade de não cometer novos delitos, não que isso seja necessário, mas porque pode resultar, conforme Foucault (1999, p. 18), em voltar para o interior da prisão e ficar inacessível ou pouco acessível ao público (familiares, amigos e outros atores sociais) e, conseqüentemente, para o cumprimento da pena.

Ainda sobre o excerto (39), quando pergunto a Kelly se há alguma projeção para o futuro, ela coloca que “*Quando EU sair daqui, EU quero trabalhar. EU vou arrumar um emprego pela FUNAP que é mais rápido, pra quem tá preso...*”, em que aparecem as referências a si própria por meio do pronome “*eu*”, o qual assume o papel de sujeito pelas projeções para depois da situação prisional que são, respectivamente, “*sair daqui*”, “*quero trabalhar*” e “*vou arrumar um emprego*”. Chama-nos a atenção a representação autoatribuída por Kelly. Ela diz que irá arrumar um emprego pela FUNAP que é uma instituição que oferece apoio a pessoas em situação prisional e a pessoas que já passaram pela situação prisional. No entanto, mesmo nas projeções para depois da situação prisional, Kelly se representa como “*quem tá preso...*”. No entanto, em seu discurso, ela reconhece que o trabalho é um dos meios de se ressocializar. É tanto que, mais adiante, ela reforça que “*Aí EU quero arrumar um emprego pela FUNAP que é mais rápido e quero continuar a minha vida tranquila, na paz. EU quero só paz.*” Em resumo, após a situação prisional, “*arrumar um emprego*” é para Kelly uma das chaves para retomar sua vida fora da prisão.

Vejamos a micronarrativa de Santa a respeito de suas projeções para após a situação prisional:

(40) KARINA: – *Quais são as suas expectativas para o futuro?*
 SANTA: – *Ai, EU queria estudar lá, tando aqui acho que desanimo, assim.*
 KARINA: – *Desanima?*
 SANTA: – *EU tô até estudando...*
 KARINA: – *Você pode estudar aqui, não é?*
 SANTA: – *EU tô estudando...*
 KARINA: – *Ah, e por que você desanima?*
 SANTA: – *Ah, sei lá. Acho que é meio a idade também...*
 KARINA: – *Você está com quantos anos agora?*
 SANTA: – 22.

Em (40), no destaque “*Ai, EU queria estudar lá, tando aqui acho que desanimo, assim.*”, podemos observar que Santa realiza o processo mental, como o desiderativo e modalizado pelo pretérito imperfeito “*queria*”, o qual parece evidenciar o desejo de Santa de estudar. A circunstância “*lá*” aponta não só para um local, mas para estar fora da situação prisional, estar em liberdade, estudar livremente. Esta interpretação pode ser confirmada pelo processo relacional “*tando*” e pela circunstância “*aqui*”, a qual se refere à situação prisional. Aliás, no destaque “*EU tô até estudando...*”, o modalizador “*até*” pode apontar para uma desqualificação do processo material contínuo “*tô estudando*” do qual Santa participa durante a situação prisional. Em seguida, Santa organiza por meio de um processo relacional “*é*” uma espécie de justificativa para o que lhe causa desânimo em relação aos estudos, atribuindo a razão à idade: apenas 22 anos. Na visão de Santa, ela acredita que a idade, por não coincidir com o ano escolar em que ela “deveria” estar se não tivesse tido os estudos interrompidos, é um fator determinante para que ela não almeje continuar seus estudos. Em outras palavras ela se autoatribui a representação de alguém que passou do tempo de estudar e que, mais uma vez, por questões de diferença, é excluída de processos que possam contribuir para mudanças em sua vida.

Após as análises das micronarrativas, ressalto que Fairclough (2001, p. 2) entende os discursos como um modo de representação, mas também como um modo de ação, em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre outras pessoas. Entretanto, essas ações não têm um sentido único, de modo que quem as realiza tanto afeta quanto é afetado por seus efeitos. Assim é que, com a finalidade de compreender aspectos da

relação entre a ADC, procurei realizar nestas subseções, uma incursão pelos sistemas de transitividade, sistemas de rede de representações de atores sociais e sistemas de avaliatividade revelados nos discursos das MGSP.

Desse modo, as análises dos excertos das micronarrativas de Kelly, Aline, Laila, Vanda e Santa sobre temáticas parecem nos mostrar que as experiências com a escola não foram e continuam sem ser significativas para algumas das participantes, dada a falta de reflexo da vida real nos estudos propiciados pela escola. Além disso, parecem mostrar que as experiências com trabalho, no caso de Kelly e Cleide, são uma demonstração de exploração do “menos poder” para manter o “mais poder”. No entanto, parece ser a única saída, pois aparece nas projeções para o futuro, afinal que tipo de trabalho é possibilitado às pessoas egressas do sistema prisional? Possivelmente, serão trabalhos que naturalizem o “mais poder”.

3.2.2 Algumas reflexões sobre como são representadas as mulheres gestantes em situação prisional nas micronarrativas de vida

Segundo van Leeuwen (1997), o propósito das análises linguísticas é desvelar e compreender os significados que estão presentes nos textos. Desse modo, com base na rede de representações de atores sociais, nas micronarrativas das MGSP, podemos perceber, como sintetizo na **Tabela 1**, que inclusões e exclusões podem apontar para representações dessas mulheres como atores, recorrentemente, incluídos por ativação, principalmente, nos processos relativos a eventos de antes da situação prisional, e, por vezes, incluídos por passivação. Quando passivados, os atores estavam submetidos aos processos, como metas destes. As MGSP se autoatribuem representações, em grande escala, como atores sociais passivados e beneficiados de ações dos familiares, dos companheiros e até mesmo dos agentes penitenciários(as) da PFDF, representados por elas, respectivamente, como os bons exemplos (familiares) e como os responsáveis por ressocializá-las, por manter a ordem (agentes penitenciários(as)).

Assim é que, tendo em mente que “toda análise é sempre seletiva e parcial” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 153), organizo, com base nas análises das micronarrativas que compõem as entrevistas com as MGSP, na **seção 3.2.1**, na **Tabela 1**, bem como no **Quadro 8**, uma tentativa de síntese quantitativa das representações,

“sob a forma de uma rede de sistemas” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 216), que apontam para a resposta desta pesquisa à questão 1. *Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?*

Assim, passemos à **Tabela 1**.

Tabela 1 - Inclusão e exclusão de atores sociais nas micronarrativas de MGSP

Colaboradora	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
Kelly	Eu	57	6	63
	Familiares	4	3	7
	O filho	15	1	16
	O companheiro	6	3	9
	A gente (Kelly e o companheiro)	1	2	3
	Amigos	1	2	3
	A gente (Kelly e o amigo)	8	5	13
	Meu amigo	3	2	5
	Dono da moto	7	2	9
	A polícia	2	1	3
	A mãe	4	5	9
Aline	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	Eu	19	14	33
	Familiares	17	12	29
	A gente (Aline e os irmãos)	2	2	4
	Clientes	1	1	2
	O companheiro	3	12	15
Cleide	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	Eu	29	8	37
	Família	6	8	14
	O companheiro	2	12	14
	A gente (Cleide e o pai do neném)	4	2	6
	Um de menor	2	3	5
	A polícia	2	2	4

	Os filhos	2	4	6
Laila	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	Eu	36	9	45
	Família	24	6	30
	A polícia	1	2	3
	Casal disposto a adotar o bebê	3	4	7
Vanda	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	Eu	17	2	19
	Familiares	6	1	7
	A gente (Vanda e os irmãos)	2	2	4
Santa	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	Eu	31	5	36
	Família	3	4	7
	Os outros	3	2	5
	Os filhos	1	2	3
	A polícia	2	4	6
	Aliciadora	4	1	5

Observando a **Tabela 1**, destaca-se que, dos discursos de MGSP, emergem representações autoatribuídas e atribuídas a outros atores sociais, como familiares, companheiros, filhos, enfim, atores que, de alguma maneira, participam das experiências dessas mulheres. Essa forma de atribuir representações a si próprias e ao “outro” reflete, nas palavras de Silva (2000), que “a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (SILVA, 2000, p. 76). Isto é, os indivíduos tendem a expressar as identidades de maneira afirmativa e autocentrada, tendo a si mesmos como referência. A diferença, por sua vez, costuma ser expressada com relação ao “outro” como referência.

Assim, conforme a **Tabela 1**, construída com base nas categorias de inclusão e exclusão propostas pela rede de representação de atores sociais de van Leeuwen (1997; 2008), podemos perceber que as representações que emergem das micronarrativas das MGSP são representações autoatribuídas e atribuídas a atores do círculo familiar, bem como a atores com participação significativa na situação prisional: amigos,

companheiros, pessoas envolvidas no crime, agentes penitenciários(as), entre outros. No entanto, as representações sociais mais recorrentes nos discursos dessas mulheres são autoatribuídas, como podemos observar ao comparar os dados da **Tabela 1**, por exemplo, quanto à quantidade de vezes em que Kelly é incluída em seu próprio discurso: 57 vezes; Aline: 19; Cleide: 29; Laila: 36; Vanda: 17 e Santa: 31. Em todas as micronarrativas, a recorrência de participações das MGSP nos processos supera a de todos os outros atores sociais mencionados, seja por inclusão, seja pela soma do número de participações por inclusão e por exclusão.

Assim é que, o enfoque está voltado para as representações autoatribuídas. Nesse sentido, na maior parte dos processos, as MGSP são representadas ao serem incluídas por ativação, como era de se esperar em micronarrativas de vida. Entretanto, essas representações vêm, recorrentemente, acompanhadas por valorações negativas ou por estigmas de defeito de caráter individual atribuídos pela sociedade e autoatribuídos também pelas MGSP. Para van Leeuwen (1997; 2008), investigar o discurso é analisar como os atores sociais agem no mundo e como constroem a si mesmos e a sua realidade social. Nesse sentido, representações autoatribuídas como as realizadas pelas escolhas lexicais “*terrível, louca da cabeça, apaixonada, danada*” podem contribuir para conduzir essas mulheres em suas ações diárias, em suas formas de interpretar o mundo e em um posicionamento de “menos valia”, diante dos processos de ressocialização.

A seguir, apresento, no **Quadro 8**, uma síntese dos principais resultados da análise qualitativa, com base nas categorias do sistema de transitividade, das representações de atores sociais e das categorias de avaliatividade analisadas em cada uma das micronarrativas das seis participantes da pesquisa.

Quadro 8 - Síntese de resultados das análises das micronarrativas

Kelly	
Categorias	Principais resultados analíticos
Transitividade	Kelly é incluída constantemente como participante de processos materiais. Como destaque no sistema de transitividade do discurso construído por Kelly, podemos enfatizar o uso do pronome explícito “eu” marcando bem a assunção de papéis na realização de processos tanto materiais, quanto relacionais, como podemos perceber nos exemplos: “ <i>Aí quando EU <u>fiz</u> 18 anos, no meu aniversário, EU <u>fui</u> para uma festa e <u>comecei</u> a beber, beber, beber, beber, <u>tomei</u> um monte de rupinol, <u>fiquei</u> louca e aí o meu amigo me <u>chamou</u> pra gente <u>roubar</u>.”/ “<i>Aí EU <u>falei</u> “vamo”, nunca tinha</i> </i>

	<i>feito, né?! Achava que era experiência nova...”/ “Aí EU mudei totalmente, minha mãe já começou ver que EU tinha mudado, EU comecei trabalhar. EU comecei trabalhar no Mac Donalds. Então EU passei 4 anos na rua.”</i>
Representações autoatribuídas	Apesar de Kelly se incluir por ativação por 57 vezes, como nos mostra a Tabela 1 , suas escolhas léxico-gramaticais podem apontar para representações do ator social MGSP que apesar de incluído, em alguns momentos, tem sua agência acompanhada por uma sensação de manipulação, como, por exemplo, no excerto (26) “ <i>Só que a gente tem que se por no lugar de interna e respeitar porque eles que estão aqui pra...</i> ” Além disso, destaco que Kelly é incluída ativamente e representada como alguém que “ <i>mudou totalmente</i> ”, após a situação prisional, em termos de comportamento.
Representações atribuídas a outros atores sociais	Os atores da família são incluídos por meio de personalização por parentesco, como ocorre com “ <i>a minha mãe, com meu pai, minha família, Irmão, a minha tia</i> ”. Destes, apenas a mãe é incluída por duas vezes. O companheiro de Kelly e pai de seu filho é sempre incluído por personalização por meio do uso do pronome pessoal “ <i>ele</i> ”. Os amigos são incluídos por genericização. O filho é o único ator incluído por personalização, por sua identidade única, sendo o único a ser nomeado “ <i>Augusto</i> ” por Kelly, no excerto (1), por exemplo, ao narrar a fase considerada por ela como a mais marcante de sua vida. A respeito da representação do “outro”, é importante observarmos que a inclusão desses atores ocorre no período corresponde a fases anteriores à situação prisional. Durante a situação prisional, os únicos atores incluídos por Kelly são uma das irmãs e uma amiga.
Avaliatividade	Kelly é representada negativamente por meio de julgamento de estima social, em que, à medida que ela foi se envolvendo com a criminalidade e/ou com o uso de drogas, começa a haver um distanciamento, uma espécie de ruptura com o seio familiar, como, por exemplo, no destaque “ <i>Porque foi aí que EU me envolvi no crime.</i> ” Avaliações positivas também podem ser percebidas por meio do uso do verbo de emoção “ <i>amava</i> ”, assim como na caracterização “ <i>impressionante</i> ” atribuída ao processo relacional “ <i>era</i> ” e pelo atributo “ <i>a melhor coisa</i> ” que Kelly utiliza para se referir ao significado que o filho tem em sua vida, como podemos confirmar no destaque “ <i>E quando ele nasceu, ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.</i> ”. Além disso, no destaque “ <i>Aí EU mudei totalmente, minha mãe já começou ver que EU tinha mudado, EU comecei trabalhar. EU comecei trabalhar no Mac Donalds. Então EU passei 4 anos na rua.</i> ”, podemos observar a ocorrência de julgamento de estima social, em que Kelly demonstra tanto a sua admiração quanto a admiração da mãe pelo fato de ela ter começado a trabalhar e ter passado 4 anos em liberdade “ <i>na rua</i> ”. Entretanto, essas representações podem apontar para uma dissimulação da situação preocupante de uma pessoa tão jovem, juntamente, com sua família experienciar situações de vulnerabilidade social, em que trabalhar e estudar, enfim, levar a vida com dignidade seja um diferencial e não o natural.
Aline	
Transitividade	No sistema de transitividade nas micronarrativas de Aline, o que mais chama a atenção é a escolha dela pelo discurso indireto e por nominalizações para atribuir qualidades ou processos a si própria, como

	podemos observar em: <i>“Muito apaixonada e mulher, principalmente canceriana né, quando tá apaixonada você faz a besteira e depois você vê o que vai fazer né”/ “É bom vigiar.”/ “[.] sempre fui aquela aluna representante de turma” / “É furto e é assinatura de cheque.”</i> Essas escolhas podem ter sido feitas por Aline no sentido autoatribuir-se uma representação por encobrimento em relação aos processos considerados, por ela, como comprometedores e no sentido de suavizar (dissimular) os efeitos de uma outra possibilidade de dizer o mesmo: <i>“Eu furtei. Eu falsifiquei a assinatura de um cheque.”</i>
Representações autoatribuídas	Aline é representada ao se incluir por ativação, com o uso do pronome possessivo <i>“minha”</i> e com o uso da expressão <i>“a gente”</i> e por exclusão, quando ela menciona processos dos quais ela participa, mas encobre a sua participação, como ocorre em <i>“foi infância boa, os momentos felizes sempre superava os momentos mais...”</i> . Em outros destaques, Aline também é incluída por passivação e representada como alguém disposto a vivenciar as situações a que for submetida, juntamente com o seu bebê, como podemos observar em: <i>“EU falei “é mãe pode ser até Deus permitindo né”. Pra mim amadurecer mais, e EU gosto de dar banho, de ver...”</i> , em que Aline utiliza o processo verbal <i>“falei”</i> para atribuir ao participante <i>“Deus”</i> a ação de permitir que ela enfrente as dificuldades em dar à luz em situação prisional.
Representações atribuídas a outros atores sociais	Entre os atores da família, o filho é representado ao ser incluído por nominalização <i>“Pedro Paulo”</i> e incluído como beneficiário do processo <i>“cuidar”</i> . A mãe, a irmã, a avó e os irmãos de Aline também são incluídos como participantes de processos, como <i>“ajudou, paparicar”</i> . No entanto, após a situação prisional, com exceção da mãe de Aline, a qual tem voz ativa <i>“Minha mãe ainda fala, “meu Deus, se você ganhar seu filho aqui a gente nem tá imaginando”</i> , os demais atores são referenciados como <i>(todo mundo)</i> , como podemos ver em: <i>“Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim, não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez.”</i> , o que pode demonstrar que Aline os inclui por generalização e os exclui ao se referir ao enfrentamento do evento de dar à luz em situação prisional. É interessante observarmos que os pais dos filhos de Aline, tanto o pai do filho mais velho <i>“Pedro Paulo”</i> , quanto o pai do bebê que ela está esperando são excluídos por supressão total em processos relacionados à experiência com a maternidade, com a gestação e, ainda, durante a situação prisional.
Avaliatividade	Com o uso dos processos mentais <i>“ficou, preocupasse, preocupou”</i> , em que Aline avalia sua importância para a família, são evidenciados bons níveis de relação familiar e que a maternidade e a gestação favorecem o fortalecimento da convivência familiar. No entanto, a situação prisional, é avaliada como uma possível ruptura dessas relações, pois impõe o afastamento dos familiares.
Cleide	
Transitividade	Por meio de processos relacionais, Cleide se projeta como vítima do excesso de autoconfiança, ao utilizar processos como <i>“era, sentia, pensava”</i> , os quais constroem uma representação autoatribuída como pessoa <i>“esperta”</i> e modalizada por <i>“muito”</i> , indicando perplexidade com o fato de, mesmo se sentindo tão sagaz, tenha sido presa. Notemos também que, ao usar o processo material <i>“prender”</i> modalizado no futuro

	<p>condicional, por meio de “<i>ia vim</i>”, Cleide demonstra que a escolha da situação prisional como um marco para contar a sua história deve-se ao fato de estar associada ao evento de sua prisão, indicando uma ruptura com a imagem autoatribuída. À mãe é atribuído o papel de cuidar dos filhos de Cleide. A respeito da atual gestação, as ocorrências do processo material “<i>vou cuidar</i>”, modalizado pelo verbo “<i>ir</i>” no presente do indicativo e pelo verbo “<i>cuidar</i>” no infinitivo, em uma locução verbal, pode evidenciar no discurso de Cleide o desejo de responsabilizar-se pela criação do filho, em detrimento de continuar usando drogas. Também há presença de processo desiderativo em “<i>EU não quero mais essa vida de droga.</i>”. No excerto (34), Cleide também relata que trabalhou em uma lanchonete e, por meio do processo relacional “<i>é</i>”, qualifica o trabalho como muito “<i>pesado</i>”, o que acabou resultando na sua desistência, como podemos perceber em: “<i>EU não aguentei!</i>”.</p>
<p>Representações autoatribuídas</p>	<p>Cleide se inclui por ativação como ator social representado nos processos relacionais “<i>estar, era</i>”, nos processos mentais “<i>esperava, sentia, pensava</i>” e nos processos materiais “<i>fumava, morei, fui, ia vim</i>”. Essa inclusão pode nos dar uma ideia de como Cleide representa questões relacionadas ao seu comportamento no contexto social, como no excerto (2), por exemplo, ao narrar a fase considerada por ela como a mais marcante de sua vida.</p>
<p>Representações atribuídas a outros atores sociais</p>	<p>O papel ativo do ator social Cleide é realizado por meio do pronome explícito “<i>eu</i>” e da especificação “<i>o pai do neném</i>” como ator do processo material “<i>roubava, usou</i>” e do relacional “<i>era</i>”, o que pode indicar uma espécie de parceria entre Cleide e o seu companheiro na realização dos processos que os conduziram à situação prisional. No entanto, o pai de alguns dos filhos de Cleide é excluído por supressão total no discurso de Cleide a respeito de suas experiências com a maternidade e com a gestação. Os filhos são incluídos de forma apassivada no discurso de Cleide. Outro participante incluído como participante do ato de furtar é referenciado como “<i>um de menor</i>”. Outro fato importante nas representações do discurso de Cleide são as conotações atribuídas a alguns valores gerais da sociedade, como: não furtar e não agir com violência. Quanto às representações dos atores sociais, a família de Cleide é excluída por supressão em diversos momentos de sua micronarrativa, mas também, em menos vezes, é incluída, mas de forma apassivada, pois, segundo ela, a família não concorda com suas ações relacionadas ao uso de drogas. No entanto, à família não são atribuídos processos materiais para contribuir com que Cleide deixe de usar drogas. Tanto a família quanto o companheiro de Cleide são excluídos em processos relacionados às experiências durante a situação prisional.</p>
<p>Avaliatividade</p>	<p>Cleide é representada positivamente como alguém que avalia como inofensivo praticar crimes, desde que não se use de violência, como podemos perceber no destaque “<i>Não. A gente era só no furto, só no escondidinho, assim!</i>”, por meio do modo de operação ideológico da dissimulação, ao usar o modalizar só com relação ao processo (era), Cleide expressa um julgamento acerca do ato de furtar, certamente relativizando-o ao ato de roubar, em que há o emprego de violência. Logo em seguida, no destaque: “<i>A gente nunca usou violência pra machucar ninguém!</i>” há um julgamento de sanção social que Cleide expressa ao utilizar o modalizador “<i>nunca</i>”, em que entendemos que “<i>machucar</i>” alguém seria uma infração grave, mas “<i>furtar</i>” não. As escolhas lexicais</p>

	<p>modalizadas “<i>só no furto e nunca <u>usou</u> violência pra machucar ninguém</i>” podem indicar o uso de estratégias que contribuem para a avaliação que nos conduz a suavizar a gravidade de uma infração pelo não cometimento de outra. Cleide também é representada positivamente no destaque: “<i>Não! Porque <u>EU</u> vou cuidar! Porque <u>EU</u> decidi parar com tudo!</i>”, como alguém que faz avaliações positivas de julgamento quanto à capacidade de cuidar do filho que está esperando. No entanto, o discurso também evidencia que Cleide menciona o possível em lugar do real, pois cuidar do filho que está esperando é uma possibilidade condicionada a deixar de usar drogas.</p>
Laila	
Transitividade	<p>É marcante no discurso de Laila, a estratégia de incluir o interlocutor (no caso ‘eu’) como forma de aproximar a pessoa do seu ponto de vista, como podemos perceber nos exemplos: (10) “<i>Infelizmente <u>é</u> um risco que... tanto para quem <u>vende</u>, quanto para quem <u>usa</u>, <u>você</u> corre.</i>”. Outra estratégia discursiva bastante interessante é a maneira recorrente com que Laila reproduz em seu discurso, outros discursos, como, do pai, da irmã, do ex-patrão, entre outras pessoas, como podemos ver em: “– <i>Aí “Sua irmã tem 3”. O meu cunhado já vai assumir a Luzinha. Então “...ou você <u>sai</u> de vez do mundo da droga ou a gente <u>vai ter</u> que <u>colocar</u> pra adoção.</i>”</p>
Representações autoatribuídas	<p>Em sua micronarrativa sobre a fase mais marcante de sua vida, Laila é representada ao se incluir por ativação como ator social representado com força ativa nos processos mentais “<i>acho, gostei, decidi</i>” e dos processos materiais “<i>morei, fui</i>”. Outra maneira utilizada por Laila para se incluir nas ações é a genericização, como ocorre em “<i>quem vende, quem usa</i>”, pois apesar de Laila usar a estratégia discursiva de terceira pessoa para se distanciar dos grupos identificados por ela como “<i>quem vende, quem usa</i>”, ela se inclui, como podemos perceber em: “<i>eu estava no local onde entra e sai droga, onde tava a investigação e eu estava lá usando.</i>”. Laila e o bebê são incluídos por apassivação, apenas como alvo das decisões tomadas pelo pai, caso Laila não arque com o compromisso de deixar de usar drogas.</p>
Representações atribuídas a outros atores sociais	<p>Os outros atores são excluídos por supressão, no excerto (5), por exemplo, ao narrar a fase considerada por ela como a mais marcante de sua vida. Inclusive, neste mesmo excerto, o ator “<i>polícia</i>” é suprimido por encobrimento, sendo possível identificá-lo pela desinência do processo material “<i>pegaram</i>” e, em seguida, com relação à nominalização “<i>investigação</i>”. Tanto o pai da filha de Laila, quanto o pai do bebê que ela está esperando são excluídos por supressão total no discurso de Laila a respeito de suas experiências com a maternidade e com a gestação. O pai é incluído ativamente, dada à força que tem o seu discurso. Quanto à participação de atores em processos relativos ao período durante a situação prisional, pessoas do núcleo familiar mais próximo são as únicas incluídas: pai, irmã e mãe.</p>
Avaliatividade	<p>No excerto (10), Laila se avalia negativamente como alguém que está em situação prisional por tráfico de drogas, sendo que ela se considera apenas usuária de drogas, o que é evidenciado nos julgamentos de estima social e de sanção social. Quando Laila relata “<i>E <u>aqui</u> estou com um artigo que <u>EU</u> nunca <u>imaginava</u> como usuária...</i>”, ela expressa um julgamento de sanção social por propriedade, já que o artigo pelo qual está sendo julgada está relacionado ao tráfico de drogas, ou seja, à ilegalidade. Além disso, Laila também expressa, neste mesmo destaque, um julgamento de estima</p>

	<p>social por normalidade, já que apesar de a situação “usuária de drogas” não ser bem vista pela sociedade, não caracteriza infração às leis. O sistema de avaliatividade do discurso de Laila, pode indicar um, reforço da estima social por (in)capacidade, já que em <i>“Olhe só, para você ver como a coisa é tão séria que ele já <u>arrumou um futuro</u>”</i>, há evidências de que o pai de Laila já havia iniciado um processo de organização para que um casal de conhecidos cuidasse do bebê de Laila, isso porque a (in)capacidade de Laila é vista pelo pai como uma escolha de não querer cuidar do bebê, como podemos observar em <i>“Olha, o Enzo e a Glória, eles não têm filhos e ele falou que se ela não quiser cuidar a gente cria”</i>, em que outros atores, um possível casal interessado em adotar o bebê de Laila, tem o discurso reproduzido. Inclusive, a forma como Laila organiza sua micronarrativa aponta para a perda de seu direitos como cidadã, como MGSP, já que, segundo o discurso do pai, o seu bebê pode ser colocado para adoção, mesmo sem o seu consentimento, como mãe. Essa interpretação também é reforçada na avaliação feita pela própria Laila, como podemos observar no destaque: <i>“EU não quero ter que carregar lá no futuro... já estou com 35, que EU dei um filho meu porque EU <u>preferi ter a dependência</u>.”</i>, em que Laila expressa uma espécie de valoração negativa de si própria, isto por concordar com a visão de que preferiu <i>“dar”</i> um filho a parar com o vício.</p>
Vanda	
Transitividade	<p>No sistema de transitividade do discurso de Vanda, os participantes são, recorrentemente, implícitos, inclusive, quando ela participa dos processos, como em: <i>“<u>Porque é criança, é muito bom a gente ser criança, porque cuida...</u>”/ “<u>Roubá no mercado... estourá aquelas loja lá...</u>”/ “<u>Acompanhando os outros pra fazer o que não presta.</u>”</i></p>
Representações autoatribuídas	<p>Vanda é representada ao se incluir por ativação, na maioria das vezes, em processos que a conduziram até a situação prisional <i>“ficava, tarra, podia”</i>. No entanto, nos processos relacionados à criação dos filhos, Vanda é excluída por encobrimento, como podemos observar em, pelo menos, três destaques: <i>“Minha mãe cuida dele até hoje...”</i>, <i>“Aí que EU saí EU <u>fui lá na vara da infância, assinei e o Juiz deu a guarda dele pra minha mãe.</u>”</i> e <i>“Não, ele mora com o pai dele mesmo de 2 aninho de idade. Ele tá em 13 ano agora.”</i> Nos processos materiais, Vanda é incluída por ativação, por meio do pronome pessoal explícito <i>“eu”</i> e por desinências verbais. Essa escolha de Vanda pela marcação desinencial para identificá-la como sujeito pode apontar para uma tentativa de mostrar o seu distanciamento e ou não envolvimento com a realização dos processos <i>“roubá, estourá, acompanhando”</i>.</p>
Representações atribuídas a outros atores sociais	<p>Os atores da família são incluídos por meio de personalização por parentesco, como ocorre em <i>“minha mãe, meu pai, 6 filhos, nós tudinho, todos os 6, nós”</i>. Destes, a mãe é incluída como ator dos processos materiais <i>“levantar, pegar carona, pedir”</i>. Aqui, destaco o processo pedir como material e não como verbal por envolver toda uma situação ativa do sujeito que vai para a rua, transita entre os carros e aborda as pessoas em busca de doações, no caso da mãe de Vanda, de alimentos para realizar outro processo material <i>“criar”</i> os filhos, como no excerto (2). E essa mãe é representada por Vanda como um exemplo. Os companheiros em situação de rua são representados por genericização <i>“os outros”</i>. Uma pessoa que foi roubada por Vanda <i>“Mulhé”</i> é referenciada como meta do processo <i>“roubá”</i> e modalizada por <i>“aquela”</i>, o que pode indicar uma</p>

	representação do “outro”, ou seja, da mulher como pertencente a um outro grupo do qual Vanda não faz parte, assim como ocorre com “ <i>aquele mercado, aquelas loja lá</i> ”. Também há destaques que apontam para a representação de outras pessoas, no caso, da mãe e do pai de um dos filhos, como responsáveis pelo papel de cuidar das crianças.
Avaliatividade	Nas micronarrativas de Vanda, podemos destacar julgamentos de estima social, por exemplo, no destaque: “ <i>EU prometi pra Deus, EU não vou roubar e nem fui roubar mais, nem uma balinha. EU entrava nas padaria, nos mercados e saía sem nada.</i> ”, podemos perceber um julgamento de estima social em que predomina o valor negativo quanto à avaliação autoatribuída às suas ações, ao simplesmente entrar e sair de padarias e supermercados “sem nada”, ou seja, sem furtrar nada. Desse modo, é relevante a análise de que os modos como um ator social se autoatribui representações está diretamente relacionado às representações que lhe são atribuídas pela sociedade. Outro exemplo de avaliação pode ser percebido no destaque: “ <i>áí depois EU comecei a usar crack de novo, no tempo da mela, no tempo da mela... Áí o pai dele não aguentarra mais aquele... de EU larga a casa, ir pro cerrado fumar a droga e tudo. Áí mandou EU ir embora.</i> ”, em que ocorre julgamento de estima social do tipo capacidade, em que Vanda constrói em sua micronarrativa explicações de que, em função do vício, ela era incapaz de cuidar do filho. Já no destaque: “ <i>Porque EU ficava na rua com ele, áí o povo do SOS Criança mim trouxe pra cadeia.</i> ”, ocorre julgamento de sanção social, em que Vanda relata que, após ser denunciada por levar o bebê para as ruas, ela é presa.
Santa	
Transitividade	Chama a atenção no discurso de Santa, a quantidade de processos mentais, como em: “ <i>Ah, acho que vai ser pra pior.</i> ”/ “ <i>Ah sei lá. Porque isso aqui... EU peço muito a Deus, tipo, acho que o que EU passei aqui acho que EU vou sair com muito ódio, entendeu?</i> ” e os processos relacionais estreitamente relacionados a processos verbais, como no exemplo: “ <i>Ah, era tudo. Antes de engravidar.</i> ”/ “ <i>Áí começaram a me xingar de bucho quebrado, essas coisa assim...</i> ”. Outro ponto de destaque é a escassez de circunstâncias utilizadas por Santa para complementar as descrições dos contextos em que ocorrem os processos narrados.
Representações autoatribuídas	Destaco que Santa é representada passivamente, uma vez que, ela organiza processos materiais dos quais participa como meta, como em: “ <i>Áí pegaram e me prenderam</i> ”, em que ela atribui o evento da prisão a atores excluídos por supressão total. Além disso, ela realiza processos mentais, como o desiderativo modalizado pelo pretérito imperfeito “ <i>queria</i> ”, o qual pode evidenciar o desejo de Santa de também ser bem-sucedida, assim como o ator “ <i>ela</i> ” o era na realização dos processos materiais “ <i>levava, ganhava</i> ”, mesmo sendo a partir de uma ação que acarreta sanção social.
Representações atribuídas a outros atores sociais	Chamo a atenção para o fato de a família é excluída por supressão. Além disso, destaco que nenhum ator é nominalizado no discurso de Santa, no excerto (4), por exemplo, ao narrar a fase considerada por ela como a mais marcante de sua vida. O ator referenciado por Santa por meio do pronome “ <i>ela</i> ” é incluído ativamente na realização dos processos materiais “ <i>levava, ganhava</i> ” e representada como um exemplo, como uma motivação para Santa. Em “ <i>Áí os outros EU é que cuido só</i> ”, Santa inclui os filhos por meio do pronome indefinido “ <i>outros</i> ”, o que pode indicar um distanciamento desses participantes que dependem de Santa para serem sustentados. Um dos filhos é incluído por passivação, uma vez que

	aparece como meta do processo material “ <i>dei</i> ”. Os recebedores, no caso, os responsáveis pela adoção da criança são incluídos por genericização, sendo materializados apenas como “ <i>doação</i> ”. Os demais filhos são referenciados apenas pelas idades “5, 7” e pela ordem em que nasceram “ <i>o segundo</i> ”. Os pais dos filhos de Santa não são incluídos no discurso de Santa e nem os familiares. Também destaco que, proporcionalmente, as micronarrativas de Santa são as que mais representam os atores sociais por exclusão, tanto nas experiências relacionadas aos períodos de antes quanto aos durante a situação prisional.
Avaliatividade	Santa é representada negativamente ao avaliar a si própria como alguém menos capaz de prover o sustento dos filhos, como podemos perceber no destaque “ <i>EU ganho pouco, aí tipo, interessei mais porque ela disse que ganha bem. Aí toda vez que ela levava, ela ganhava bem, aí EU queria.</i> ”, em que ocorrem julgamentos de estima social do tipo capacidade, pois as construções “ <i>ganho pouco</i> ” e “ <i>ganha bem</i> ” colocam o ator “ <i>ela</i> ” que, no caso, desempenha um papel de aliciadora, como mais capaz que Santa, já que ela costumava realizar o processo material “ <i>levar</i> ” drogas para o interior do presídio e ser bem-sucedida, o que não ocorreu com Santa e acabou culminando em sanção social. Aqui, é importante destacar que esta avaliação é feita por uma pessoa em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, a escolha de Santa representa que o risco de ser presa sobressai à possibilidade de permanecer em uma realidade empobrecida.

No **Quadro 8**, considerando a estreita relação entre momentos das práticas sociais e a função experiencial da linguagem, temos uma síntese das principais representações que emergiram das micronarrativas das MGSP. A função experiencial da linguagem, segundo Halliday (1989) e Halliday e Matthiessen (2004), refere-se ao uso do sistema linguístico com o objetivo de se falar a respeito do mundo, tanto do exterior, como eventos e acontecimentos, quanto do interior, do de nossa consciência. O sistema responsável pela realização da função experiencial, no nível léxico-gramatical, é o de transitividade, que constrói o mundo das experiências por meio de tipos de processos. Halliday e Matthiessen apontam que “cada tipo de processo apresenta seu próprio modelo ou esquema para construir um domínio particular da experiência, uma figura de um tipo particular” (2004, p. 170).

Assim é que, com base na síntese das análises dos sistemas de transitividade de cada uma das micronarrativas das seis participantes da pesquisa, podemos perceber o predomínio de processos relacionados à passividade de MGSP quanto à realização de processos materiais, mentais e verbais que as conduziram à situação prisional e quanto ao abandono durante a situação prisional e às projeções de mudança após a situação prisional. Essas mulheres são representadas naturalizadamente, como atores sociais

mais vitimizados por aspectos de vulnerabilidade social indicada por experiências escolares esvaziadas de significado, experiências de trabalho com histórico de exploração, escassez de recursos materiais para prover o sustento dos filhos. Isso pode implicar que, de um lado, as representações autoatribuídas pelas MGSP se materializaram discursivamente por uma espécie de apagamento de seus papéis ativos como atores responsáveis pelas mudanças projetadas para depois da situação prisional. Por outro lado, na realização de eventos considerados como fracassos, essas mulheres têm suas forças ativadas, principalmente, com relação a qualidades individuais e não com relação a fatores de vulnerabilidade social.

Martin e White (2005, p. 35) apontam que o “julgamento está centrado nos recursos para avaliar o comportamento de acordo com os princípios normativos variados”. Assim é que, quanto ao sistema de avaliatividade, em todas as micronarrativas, podemos perceber ocorrências de julgamento de estima social e em alguns de sanção social, como nos mostram os destaques já analisados. Quanto às ocorrências de julgamento, na maior parte dos processos, elas são incluídas por ativação. Entretanto, essas representações vêm, recorrentemente, acompanhadas por valorações negativas ou por estigmas de defeito de caráter individual atribuídos pela sociedade e autoatribuídos também pelas MGSP. Representações como as realizadas pelas escolhas lexicais “*terrível, louca da cabeça, apaixonada, danada*” podem contribuir para conduzir as avaliações dessas mulheres em suas ações diárias, em suas formas de interpretar o mundo e em um posicionamento de “menos valia”, diante dos processos de ressocialização.

Em síntese e respondendo à questão de pesquisa 1. *Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?*, as representações que emergem dos discursos das MGSP podem contribuir com a manipulação da identidade deteriorada (GOFFMAN, 1988). Em outras palavras, as representações autoatribuídas pelas MGSP apontam para o reconhecimento da exclusão em função da situação prisional, para algumas reflexões ainda tímidas acerca de como lidar com essa exclusão e com a identidade deteriorada. Entretanto, as representações que lhes são atribuídas ainda parecem ter efeitos drásticos sobre as trajetórias dessas mulheres que, em grande parte dos casos, tendem mais a se adaptar às representações de cunho negativo que repudiá-las e posicionar-se de modo crítico e digno de respeito.

Nesse sentido, vale lembrar que, segundo Foucault (1999), “Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa quando não inútil. E entretanto não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão” (FOUCAULT, 1999, p. 195). No entanto, o que agrava ainda mais a situação dessas mulheres são as representações negativas em razão da situação prisional que, em muitos casos, são atribuídas a elas ao longo de toda a vida. Essa reflexão nos faz dialogar com a colocação de Foucault (1999, p. 32) a respeito da alma conceituada não como uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas a alma de uma pessoa em situação prisional como algo que existe, “que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, na superfície e no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que exerce sobre os que são punidos, vigiados, treinados e corrigidos” (FOUCAULT, 1999, p. 32).

Assim, nesta seção, procurei analisar, numa abordagem crítico-discursiva norteada pela ADC, as representações construídas por MGSP em seus discursos, a partir de uma análise dos segmentos oracionais das micronarrativas com base em temáticas relacionadas às experiências de vida das MGSP. Para isso, utilizei as categorias do sistema de transitividade, englobando componentes das orações, como processos, participantes e circunstâncias, propostas por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), bem como as categorias das formas de representação dos atores sociais, pelas categorias de exclusão e de inclusão, propostas por van Leeuwen (1997).

Na **seção 3.3**, a seguir, passo à representação das MGSP pelo olhar do “outro”, na análise de notícias eletrônicas e nos respectivos comentários eletrônicos. Além disso, procuro responder às seguintes questões de pesquisa: 2. *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?*; 2.1 *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?* e 3. *Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?*

3.3 Representações linguístico-discursivas atribuídas às mulheres gestantes em situação prisional em notícias e em comentários eletrônicos

Nesta seção, proponho-me a investigar por meio de que traços linguístico-discursivos MGSP são representadas em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos. Os comentários também integram os dados a serem analisados por representarem reações de um recorte da sociedade: os leitores dos textos, em relação não apenas aos eventos, mas também aos atores sociais envolvidos, as MGSP.

Nesse sentido, focalizo, especialmente, o tema relativo à violação de direitos humanos dessas mulheres como problema social que envolve facetas discursivas. Isso, por considerar que os modos como se representa a mulher gestante em situação prisional, em textos do gênero notícia e do gênero comentário eletrônico, podem contribuir para influenciar os modos como a sociedade compreende os problemas que afetam essas mulheres e, também, os modos como a sociedade reage a eles. Além disso, podem contribuir, também, para compreender como mulheres gestantes que enfrentam a situação prisional se identificam e se relacionam no e com o contexto social.

3.3.1 Análises das notícias e dos respectivos comentários eletrônicos

Para responder às questões de pesquisa, apresento uma análise linguístico-discursiva de três notícias publicadas em meios de comunicação de ampla circulação, a respeito de eventos que envolvem MGSP. Nesse sentido, os dados de análise de três notícias são complementados pelos respectivos comentários eletrônicos. As notícias são intituladas “*Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*”, “*Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia*” e “*GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina*”. Os três textos foram publicados no Portal Eletrônico G1 de Notícias, no recorte temporal de junho a agosto de 2015, período seguido ao término das entrevistas com as colaboradoras. Para fins de análise, os dados foram ordenados, conforme a dimensão temporal das publicações. Nesse sentido, inicialmente volto minha atenção à notícia “*Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF.*” Em seguida, dedico-me às outras duas

notícias: “*Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia*” e “*GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina*” – que tratam dos desdobramentos do primeiro evento noticiado.

a) análise do Texto I: notícia “Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF”

Considerando a prática particular da notícia como uma expressão do “olhar do outro” (FAIRCLOUGH, 2003; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; MOTTA, 2002; 2003) e como uma prática que exerce poder cultural e simbólico (THOMPSON, 2004), inicio a análise de cada um dos textos, introduzindo o contexto situacional, imagem, título e lide. Em seguida, realizo uma análise linguístico-discursiva sustentada pela Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 1993, 1999), pelo Sistema de Transitividade (HALLIDAY, 1998), pela Rede de Representações de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e pelo Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005).

A seguir, na **Figura 11**, apresento como a notícia foi disponibilizada na página do Portal de Notícias G1:

g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/detenta-da-luz-em-cima-de-saco-plastico-em-c

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos

MENU G1

DISTRITO FEDERAL

09/05/2015 19h49 - Atualizado em 09/05/2015 20h49

Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF

Mulher e bebê passam bem; vídeo mostra momento do parto.
Associação reclama de falta de médicos e enfermeiros na penitenciária.

Do G1 DF

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Na semana do Dia das Mães, uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia, no **Distrito Federal**, deu à luz em cima de um saco de lixo. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.

saiba mais

Detenta atea fogo a colchão dentro de presídio feminino no DF

Detenta foge de presídio no DF em contêiner de lixo, diz secretaria

Em nota, a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania afirmou que, na semana passada, uma das detentas grávidas chamou a equipe de plantão já com o parto em andamento "não tendo tempo para providenciar a escolta". "Diante da emergência, a equipe de plantão auxiliou no parto até a chegada do Samu que concluiu os procedimentos e encaminhou mãe e filho ao hospital do Gama", informou.

Apesar do parto ter sido tranquilo e a mãe e a bebê estarem bem, o presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Figueiras, reclama que há outras mulheres grávidas na Colmeia e não há nenhum médico, enfermeiro e nem mesmo enfermeira.

“Como não temos técnica, não temos preparo, não é da nossa atribuição fazer esse tipo de procedimento”, disse Figueiras. “Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer.”

A pasta afirmou que possui uma equipe de saúde composta por ginecologista/obstetra que também atende como clínico, além de enfermeiros, auxiliares, psicólogo, psiquiatra e assistente social.

De acordo com a secretaria, a penitenciária feminina abriga cerca de 590 mulheres, sendo 18 grávidas, e 26 bebês. A pasta afirmou que o número de detentas grávidas vem aumentando muito "em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem com entorpecentes nos presídios".

Paulo Figueiras
presidente da Associação dos Agentes Penitenciários

Figura 11 - Contexto de situação da notícia “Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF”

O título, conforme excerto (41) “*Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*”, aparece destacado com fonte em negrito. Logo abaixo, como no excerto (42), temos o lide: “*Mulher e bebê passam bem; vídeo mostra momento do parto. Associação reclama de falta de médicos e enfermeiros na penitenciária.*”. Embora, nesta tese, eu não tenha a pretensão de empreender uma análise semiótica com base em imagens, não poderia deixar de prestar atenção ao impacto causado pela foto (recorte de vídeo), conforme **Figura 11**. Isso porque a foto tem uma dimensão muito grande na informação. Na foto, há uma mulher gestante em

situação prisional cujo rosto aparece encoberto por um borrão, o corpo encharcado de sangue sobre o qual repousa o pequeno bebê a quem acaba de dar à luz. Outro aspecto bastante chamativo é que esta mulher encontra-se deitada no chão e, ao seu redor, aparecem os pés de uma pessoa calçada em coturnos e as mãos enluvadas de uma outra pessoa. Assim, podemos notar que o título da notícia se subordina à fotografia, a qual induz o leitor a analisar, primeiro, a situação por meio da imagem e, segundo, a buscar informações sobre a identificação daquela pessoa que aparece naquele contexto. Sem sombra de dúvidas, neste caso, a fotografia enfatiza o espanto do leitor e compõe a situação de contexto a partir do qual o texto foi produzido.

Levemos, então, em consideração o texto linguístico, conforme Halliday e Matthiessen (2004), a metafunção ideacional nos possibilita ver a oração como representação. Assim, comecemos a análise linguístico-discursiva desta notícia, no intento de reconhecer as funções discursivas dos padrões léxico-gramaticais, pela análise do título e do lide.

Com foco nos significados representacional, identificacional e acional, no excerto (41) “*Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*”, temos o primeiro evento que envolve o ator MGSP, a qual, neste título, é identificada pela escolha lexical “*detenta*”, a quem é atribuído o processo material físico “*dá à luz*” em circunstâncias que afetam os direitos humanos e que são seccionadas em dois tipos: de modo “*em cima de saco de lixo*”, e de lugar “*em corredor de presídio no DF*”. Com foco no significado acional, o excerto (41) materializa que o autor não coloca em destaque as MGSP. Isso, porque, ao organizar a estrutura temática, na ordem direta, o tema ideacional “*detenta*” não tem proeminência especial, fazendo com que a atenção do leitor seja mais voltada para o restante da mensagem, o rema, “*dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*”. Todo esse aparato discursivo aponta para o significado de que, uma MGSP, ou seja, sob a custódia do Estado, deu à luz uma criança – à qual não há referência no título – possivelmente em razão da força do processo discursivo “*dá à luz*”, ou possivelmente porque o autor não tenha considerado relevante mencioná-la como participante, ou ainda, porque a foto (recorte de vídeo), conforme **Figura 11**, constitua já um momento da prática social capaz de falar por si só. Além disso, as circunstâncias apontam que o evento ocorreu em

local possivelmente lúgubre “*corredor*”, situado em uma instituição de poder do Estado: “*presídio no DF*”. Entre tantas outras, uma maneira de o autor do texto expressar o evento social ocorrido, com maior destaque para o ator social cujos direitos foram suprimidos e expressar que situações como esta não devem ser vistas de maneira naturalizada.

Quanto à representação por ativação do ator social MGSP, podemos perceber que, em (41), ocorre inclusão por um dos tipos de assimilação propostos por van Leeuwen (1997, 2008): a coletivização. Observemos que a escolha lexical “*detenta*”, sem a presença de artigo, não nomeia o ator do processo material físico “*dá à luz*”, mas apenas o identifica como um elemento do grupo ao qual pertence: “*detenta*”.

Em seguida, o outro elemento textual é o lide, como podemos ver no excerto (42) “*Mulher e bebê passam bem; vídeo mostra momento do parto Associação reclama de falta de médicos e enfermeiros na penitenciária.*”. Diferente do título, no lide, os participantes “*Mulher e bebê*” são referenciados como experienciadores do processo mental “*passam*” e a circunstância de modo mostra que eles estão “*bem*”. Se bem que, é muito relativo o bem-estar de uma mulher que acaba de passar por um parto em condições tão degradantes e que, além disso, tem todo o ocorrido publicizado em vídeo amplamente divulgado, no qual constam seus gritos de dor, seu sangue e sua nudez (que é encoberta pela mídia com a estratégia borrão, mas que, nem por isso, deixa de estar ali, subentendida por todos). Esta publicização do evento ocorrido com a MGSP pode ser confirmada pela segunda oração intransitiva do lide “*vídeo mostra momento do parto*”, em que este ator é referenciado por uma metonímia do “*vídeo*” em lugar das pessoas que auxiliaram no parto ou que, de algum modo, estavam presentes, assistindo ao desespero da mulher e filmando-a. O processo material “*mostra*” traz como meta o “*momento do parto*”. A terceira oração que compõe o lide traz à tona a voz de um outro ator, o dizente: “*Associação*” que, apesar de sabermos tratar de uma metonímia, não é especificada. A este ator está vinculado o processo verbal “*reclama*”, cujo alvo da reclamação é “*falta de médicos e enfermeiros na penitenciária.*” Apesar de, textualmente, o lide em questão cumprir as funções de antecipar como ficaram os atores sociais envolvidos no evento, de fazer menção ao vídeo que traz o registro de toda a

cena e de trazer para o texto o discurso de uma associação, não faz menção ao discurso da MGSP, ou seja, ela não tem direito a ter voz.

Ainda no excerto (42), com a ausência de qualquer artigo definido, as escolhas lexicais “*mulher e bebê*” como participantes do processo mental são representados por generalização e incluídos por meio de genericização, uma vez que a elipse de artigo definido pode indicar que se trata de uma mulher e de um bebê quaisquer nos papéis de experienciadores do processo mental “*passam*”. Outra forma importante de representação por exclusão é o encobrimento do ator social MGSP no destaque “*vídeo mostra momento do parto*”, em que há nominalização do processo material físico “*dar à luz*” (*do parto*), conforme Halliday e Matthiessen (2004).

Pistas de como MGSP são representadas nesta notícia podem ser reveladas se observarmos, no decorrer do texto em questão, componentes da oração no sistema de transitividade, com base em Halliday e Matthiessen (2004). Para isso, seleciono alguns excertos, a partir dos quais, apresento as representações encontradas, com base nas funções léxico-gramaticais predominantemente desempenhadas pelas mulheres gestantes e pelos demais atores que aparecem no discurso, bem como as formas como esses atores são representados.

Depois de apresentar a foto e de mostrar o vídeo, conforme **Figura 11**, o contexto situacional do evento é apresentado ao leitor, como vemos no excerto (43):

(43) *Na semana do Dia das Mães, uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Distrito Federal, deu à luz em cima de um saco de lixo. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.*

Em (43), com a circunstância temporal “*Na semana do Dia das Mães*”, o autor do texto modaliza o seu discurso, apesar de o evento ter ocorrido na semana anterior à “*semana do Dia das Mães*”, que, na realidade, é o Dia das Mães, um domingo (10/05/2015), ou seja, um dia depois da publicação da matéria, (09/05/2015). No entanto, as eventuais circunstâncias, principalmente, quando vêm como tema, ou seja, em primeiro plano, têm uma função de destaque dentro da oração. Em resumo, é recriado um contexto de comoção que parece ter a intenção de conduzir o leitor a situar emocionalmente o evento e, neste caso, a se comover com a ocorrência de um fato tão

degradante, justamente, tão próximo a uma data tão especial (em parte pela movimentação do comércio e, em parte, pelo tributo às mães) para grande parte das pessoas: o Dia das Mães. Além disso, a primeira oração intransitiva está organizada em um processo material através da forma verbal “*deu à luz*”, que se diferencia do título da notícia, conforme excerto (1), pela especificação do ator identificado pela escolha lexical “*uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia*”. Essa escolha lexical para representar a mulher gestante em situação prisional ecoa uma estratégia referida por Van Leeuwen (2008) como impersonalização, em que os atores não são representados na sua individualidade, mas como classes. Neste caso: pela classe de “*detenta*”, mais especificamente “*uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia*”. Essa especificação também merece nossa atenção. O nome oficial da instituição prisional é Presídio Feminino do Distrito Federal. No entanto, a instituição é amplamente referenciada por Colmeia. Como já mencionado, na **seção 1.1.4**, do **Capítulo 1**, desta tese, a referência “*Colmeia*” remete a alguma relação entre as mulheres e as abelhas. Conforme o dicionário Aurélio, colmeia significa conjunto de vários cortiços de abelhas, enxame, cortiço e, também, grande agrupamento de pessoas. Estes significados podem explicar a razão de a referência à PFDF como “*Colmeia*” ser tão popular. Afinal, de fato, há um grande agrupamento de pessoas do gênero feminino em um mesmo local.

Em seguida, vem a segunda oração transitiva do primeiro parágrafo, em que o ator “*Um vídeo obtido pela TV Globo*” realiza um processo material transformativo, sem o qual a sociedade não tomaria conhecimento do evento ocorrido dentro de uma instituição prisional caracterizado pelo processo material contínuo “*improvisando*”, ou seja, estão realizando um serviço em que a meta é “*um espaço no corredor do presídio*” e o beneficiário, cliente, ou seja, quem por meio desse processo recebe o serviço é “a criança” que precisa nascer. A relação entre os processos e as participantes pode demonstrar que tanto a MGSP quanto as agentes penitenciárias são representadas pela impersonalização, ou seja, por classes, e que a criança é representada como um ser já com seus direitos cerceados, pois para que “*pudesse nascer*”, foi preciso improvisar-lhe “*um espaço no corredor do presídio*”. Além disso, o uso do verbo “*improvisar*” caracterizado como processo contínuo (gerúndio) também pode sugerir que se trata de

uma situação que se repete, que é frequente: a do improviso para necessidades básicas das MGSP.

No excerto (43), a representação por generalização é marcada pela escolha lexical “*detenta*” que está precedida de artigo indefinido “*uma*”. Neste caso, há referência a uma classe: a das detentas e não a uma pessoa especificamente, o que representa a coletivização social. Ademais, no fragmento “*Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.*”, há total ausência de representação da MGSP, uma vez que ocorre a exclusão por supressão, já que só há referência à criança.

Tomemos o seguinte excerto,

(44) “*Em nota, a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania afirmou que, na semana passada, uma das detentas grávidas chamou a equipe de plantão já com o parto em andamento “não tendo tempo para providenciar a escolta”. “Diante da emergência, a equipe de plantão auxiliou no parto até a chegada do Samu que concluiu os procedimentos e encaminhou mãe e filho ao hospital do Gama”, informou.”.*

É interessante observarmos que o excerto (44) é iniciado com uma circunstância “em nota”, o que permite ao autor da notícia atribuir o discurso a uma fonte externa “a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania”, a qual, no papel de autoridade, realiza o processo verbal por meio de “*afirmou*”. O relato “*uma das detentas grávidas chamou a equipe de plantão já com o parto em andamento ‘não tendo tempo para providenciar a escolta’*”, introduzido pela conjunção “*que*” e circunstanciado por “*na semana passada*”. Merece, também, algumas outras reflexões: para inserir a voz da autoridade “Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania” é utilizado o discurso indireto. Dentro desse discurso indireto, é trazido um outro discurso indireto atribuído à equipe de plantão, o que demonstra certo distanciamento tanto do autor quanto da autoridade e uma certa resistência à naturalização materializada no discurso da autoridade, simbolizado pelas aspas “*não tendo tempo para providenciar a escolta*”.

Além disso, no discurso da autoridade aparece um processo verbal, “*chamou*”, cujo dizente é “*uma das detentas grávidas*” e o receptor é “*a equipe de plantão*”. As circunstâncias “*já com o parto em andamento*” vão além do modo, elas parecem funcionar como uma espécie de responsabilização, pois, justamente, em função disso, o dizente “*a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania*”, de modo a respaldar-se sem se comprometer, utiliza-se do discurso indireto da “*equipe de plantão*” para justificar então, por meio do processo contínuo que aparece em “*“não tendo tempo para providenciar a escolta*”. Aqui, cabe questionarmos: mas não se tratava de uma equipe de plantão? Uma equipe de plantão não deve estar a postos para a resolução de emergências? Sim. Mas esta emergência era médica e a equipe de plantão em questão é constituída por agentes penitenciários que são levados a improvisar continuamente, o que é demonstrado no processo “*tendo*”, ou seja, a escolha verbal mostra algo que ocorre com certa frequência.

Em (44), temos dois períodos sintáticos. O primeiro está organizado em três processos materiais: “*auxiliou*”, “*concluiu*” e “*encaminhou*” e, por fim, em um processo verbal “*informou*”. Quanto aos participantes, “*o SAMU*” é o ator que realizou os processos materiais “*concluiu*” os procedimentos e “*encaminhou*” os participantes identificados como “*mãe e filho*” ao hospital do Gama. O processo verbal “*informou*” é atribuído à autoridade. Neste destaque, a MGSP é identificada como “*mãe*” e, também, há referência para sua criança como “*filho*”, o que demonstra um pouco mais de resistência à naturalização do evento ocorrido. A autoridade tem o seu discurso reproduzido, assim como as agentes penitenciárias, mas não a MGSP, que não tem voz.

Ainda sobre o excerto (44), o uso de artigo indefinido “*uma*” parece servir para construir correspondência da MGSP com o grupo de detentas grávidas, ou seja, não há ênfase em uma pessoa, mas uma inclusão do participante em um conjunto por meio de representação especificada por assimilação, indicando que a MGSP em questão faz parte de uma coletivização: a das “*detentas grávidas*”. No destaque “*Diante da emergência*” ocorre, novamente, representação por exclusão por meio do encobrimento do ator social MGSP no destaque, em que há nominalização do processo material físico dar à luz (emergência). Outro destaque é que o ator social MGSP é representado, por inclusão, com um papel passivo na oração encaixada “[...] e *encaminhou mãe e filho* ao

hospital do Gama”, em que “*mãe e filho*” funcionam como a meta do processo material “*encaminhou*”.

Passemos, agora, ao excerto (45):

(45) Apesar do parto ter sido tranquilo e a mãe e a bebê estarem bem, o presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras, reclama que há outras mulheres grávidas na Colmeia e não há nenhum médico, enfermeiro e nem mesmo enfermeira.

O excerto (45) começa com uma oração relacional atributiva, em que é atribuída a característica “*tranquilo*” ao “*parto*”. Apesar disso, o dizente “*presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras*”, por meio do processo verbal “*reclama*”, se combina ao processo relacional “*estarem*” e às *ocorrências* do processo existencial em “*há*”, para denunciar que a situação a que os agentes penitenciários são submetidos é insustentável: como vimos na análise do excerto (44), esses profissionais são afetados por desvio de função, diga-se de passagem, um desvio bem significativo de função de agente penitenciário para a função exercida por médicos: a de realizar um parto. Além disso, os processos discursivos da notícia denunciam que não há, na PFDF, “*nenhum médico*” e “*nem mesmo enfermeira*”, o que é de extrema gravidade. Esses processos são atribuídos, respectivamente, aos participantes: “*a mãe e a bebê*”, ao “*presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras*”, às “*outras mulheres grávidas na Colmeia*” e “*nenhum médico, enfermeiro e nem mesmo enfermeira*”. Além disso, temos articulada a voz do autor em discurso direto, o que pode marcar o seu engajamento à medida que reproduz o discurso de clamor do “*presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF*”, “*Paulo Filgueiras*” que, inclusive, é o único ator a ser identificado pelo nome no texto, ou seja, o único a ser incluído por nominalização.

Em (45), no destaque “*Apesar do parto ter sido tranquilo e a mãe e a bebê estarem bem*”, tanto o ator social MGSP quanto a sua bebê são incluídas por genericização, o que é indicado pela presença do artigo definido no singular diante de termos genéricos “*a mãe*” e “*a bebê*”. No destaque “*Paulo Filgueiras, reclama que há outras mulheres grávidas na Colmeia e não há nenhum médico, enfermeiro e nem mesmo enfermeira.*”, as MGSP são incluídas por assimilação. Nesse caso, os atores

sociais são apresentados como existentes “*outras mulheres grávidas*”, em que o uso do pronome indefinido “*outras*” e dos indicativos de categoria “*mulheres grávidas*” constroem a representação de uma coletivização: a das MGSP.

Vejamos o que ocorre no excerto (46) da notícia:

(46) *"Como não temos técnica, não temos preparo, não é da nossa atribuição fazer esse tipo de procedimento", disse Filgueiras. "Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer."*

Conforme a **Figura 11**, o discurso do presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras, aparece em destaque, por meio de texto em fonte, cor e tamanho diferenciados. Nesse sentido, também, em um primeiro destaque do excerto (46), opera-se uma relação de causalidade, visto que os dois destaques do excerto estão relacionados de forma a expressar que “*Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer.*” é consequência de “[...] *não temos técnica, não temos preparo, não é da nossa atribuição fazer esse tipo de procedimento*”. Em um segundo destaque desse excerto, “*Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer.*”, com o uso do demonstrativos “*dessas*”, o distanciamento de Paulo Filgueiras também é marcado pela ausência de referência pronominal aos participantes “*nós*” dos processos “*temos*”. Essa referência aparece apenas na desinência da forma verbal “*temos*”.

A respeito de como o ator MGSP é representado no excerto (46), temos que em “*Como não temos técnica, não temos preparo, não é da nossa atribuição fazer esse tipo de procedimento*”, o processo material “*fazer*” é realizado pela nominalização “*procedimento*”, em que ocorre a exclusão do ator MGSP por encobrimento. No destaque: “*Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer.*”, é interessante considerarmos que apesar de incluir a criança por genericização, como ator do processo material “*morrer*”, modalizado por “*pode*”, o complexo oracional pode ser classificado como relacional possessivo, uma vez que “*uma criança*” é o portador, ou melhor, o possuidor e “*dessa*” é um atributo que indica uma caracterização dessa criança: a de ser filha de uma MGSP. A MGSP, “*a mãe*”, em que há termo no singular com presença de artigo definido, é incluída por genericização, representada como classe: a das mães em situação prisional, conforme van Leeuwen (1997).

Passemos ao excerto (47):

(47) A pasta afirmou que possui uma equipe de saúde composta por ginecologista/obstetra que também atende como clínico, além de enfermeiros, auxiliares, psicólogo, psiquiatra e assistente social.

No excerto (47), o uso do dizente “*A pasta*”, como sinônimo de instituição prisional como realizador do processo verbal “*afirmou*”, representa o caráter altamente justificativo. Entretanto, não é isso suficiente, pois o fato de existir uma equipe de profissionais da saúde não é garantia de que estes estejam a postos, ou seja, em um esquema de plantão, para atender possíveis emergências das MGSP.

No entanto, apesar de se referir a informações nas quais as MGSP são diretamente as maiores interessadas e envolvidas, no excerto (47), ocorre exclusão por meio da supressão total desse ator social, que não é sequer mencionado.

Vejamos o que ocorre no excerto (48):

(48) De acordo com a secretaria, a penitenciária feminina abriga cerca de 590 mulheres, sendo 18 grávidas, e 26 bebês. A pasta afirmou que o número de detentas grávidas vem aumentando muito "em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem com entorpecentes nos presídios".

No excerto (48), novamente, como no excerto (47), “*A pasta*” aparece se justificando por meio de processo verbal “*afirmou*”. Aqui, o relato “*que o número de detentas grávidas vem aumentando muito*” ganha especial relevo ao estabelecer uma relação causal com o destaque “*em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem com entorpecentes nos presídios*”. A esse respeito, como já apresentado no capítulo teórico, a população de MGSP aumenta a cada ano no Sistema Prisional Brasileiro, conforme dados estatísticos da Secretaria da Segurança Pública e da Paz Social do Distrito Federal (SESIPE-DF).

Em (48), as MGSP referenciadas apenas como meta do processo material “*abriga*” são incluídas por passivação no complexo oracional “*De acordo com a secretaria, a penitenciária feminina abriga cerca de 590 mulheres, sendo 18 grávidas, e 26 bebês*”. Além disso, observamos que ocorre a impessoalização desses atores, uma vez que as MGSP são representadas por números. Na oração encaixada ao processo verbal “*afirmou*”, “*A pasta afirmou que o número de detentas grávidas vem aumentando*

muito”, podemos observar que as MGSP são incluídas como participantes do processo material transformativo de quantidade “*umentando*”, que é modalizado pela forma verbal no gerúndio, o que indica algo contínuo, isto é, uma alteração contínua, da quantidade de mulheres gestantes nos presídios femininos. Notemos que, neste destaque, “*o número de detentas grávidas*” tem a função de ator do processo, o que imprime às MGSP, responsabilidade por esse aumento exponencial e indesejado, representando-as por meio de genericização. No complexo oracional “*em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem com entorpecentes nos presídios*”, os atores sociais “*mulheres grávidas*” são incluídas por passivação, uma vez que, em razão de estarem gestantes, tornam-se visadas por traficantes, pois se acredita que não serão submetidas a uma revista criteriosa, como a que é realizada em outras mulheres para ter acesso a uma instituição prisional. A revista inclui, por exemplo, colocar-se em posição de cócoras, inteiramente nua, com a finalidade de comprovar que não portam drogas ou objetos pontiagudos dentro do órgão genital ou, ainda, passar pelo equipamento de Raio X.

No **Quadro 9**, abaixo, organizo os tipos de processos e os participantes a que estão relacionados.

Quadro 9 - Processos distribuídos por participantes no Texto I

Processos	Participantes	Exemplos
Materiais	“Detenta” “uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia” “mãe e filho” “uma criança dessa ou a mãe” “mulheres grávidas”	dá à luz deu à luz encaminhou morrer entrarem
Verbais	“uma das detentas grávidas”	chamou
Existenciais	“A criança” “outras mulheres grávidas na Colmeia” “detentas grávidas”	nascesse há vem aumentando
Relacionais	“Mulher e bebê” “a mãe e a bebê” “590 mulheres, 18 grávidas, e 26 bebês.”	passam estarem sendo

O **Quadro 9** nos mostra que os processos materiais correspondem à maior parte dos processos: cinco processos materiais; um processo verbal; três processos

existenciais e três processos relacionais, o que indica a necessidade do texto de expressar o evento ocorrido, conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 203).



Figura 12 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na notícia I, de acordo com os tipos de processos

Na **Figura 12**, observemos que as realizações discursivas relacionadas às MGSP estão distribuídas de acordo com os tipos de processos, em que o vermelho corresponde aos processos materiais, o amarelo aos relacionais, o laranja aos existenciais e o verde aos processos verbais, conforme o sistema de cores para identificação dos tipos de processos proposto por (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 171-172). Isso contribui para que identifiquemos que a ocorrência de processos materiais marca a relevância de representações a respeito de experiências relacionadas ao mundo externo, ou seja, a ações e a eventos que são modificados, principalmente, pelos participantes MGSP e por seus bebês.

Segundo Fairclough (1997, p. 82), ao realizar um estudo crítico do discurso, é importante que o analista observe em que sentido o discurso se posiciona: ele reproduz ou questiona as ideologias? Nesse sentido, o texto I parece apontar para a reprodução da ideologia de que as MGSP são pessoas cujas violações aos Direitos Humanos são naturalizadas. Com base nos dados da **Figura 12**, acima, podemos observar que, apesar de as MGSP serem incluídas como participantes dos processos materiais, as escolhas lexicais para realizá-las como tal, na relação com outras escolhas discursivas, expressam representações com agência opaca, cujas realizações apontam para generalizações muito mais em termos dessas mulheres como um grupo, o das detentas grávidas, do que como pessoas, como indivíduos.

b) análise dos comentários de leitores-comentadores do Texto I

Começo por ressaltar o que já foi ventilado no Capítulo Teórico a respeito da seleção de comentários para compor o *corpus* desta pesquisa. Segundo Fairclough (1997, p. 78), a ADC é, também, uma maneira de perceber como a tecnologização do discurso é recebida e interiorizada por aqueles que lhe estão sujeitos. Nesse mesmo sentido, Thompson (2011) define estratégias para a construção de formas simbólicas, como “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos.” (THOMPSON, 2011, p. 79). Nesse sentido, os comentários eletrônicos postados pelos leitores-comentadores de notícias, em portais eletrônicos, são uma maneira de assegurar a eles um espaço para que registrem, discursivamente, suas representações com base na repercussão do discurso do texto lido. Desse modo, veremos na análise que se segue a ocorrência de algumas das categorias de representações de atores sociais, propostas por van Leeuwen (1997) e, ainda, como essas representações se articulam com as categorias de estigma sugeridas por Goffman (1988).

No **Quadro 10**, reproduzo os comentários dos leitores do Texto I e acrescento informações sobre o quantitativo de aprovações e desaprovações por parte de outros leitores das notícias.

Quadro 10 - Comentários de Leitores do Texto I

Comentários	Aprovações	Desaprovações
(49) “bolsa família, bolsa cadeia, bolsa <u>prostituta</u> , esqueci alguma bolsa?”	16	24
(50) “Uma pergunta: <u>Alguma dessas crianças</u> foram “concebidas” dentro da cadeia?? Caso afirmativo, acho que o Estado deverá sustentá-lo até a maioridade!!! Ou eu tô errado???”	17	26
(51) “Importante colocação, pois dentro das cadeias <u>acontece</u> de tudo.”	5	0
(52) “Se pra quem está <u>solta</u> não está fácil, imagine pra quem está <u>presa</u> .”	12	3
(53) “Colocou no mundo <u>mais um bandidinho</u> .”	11	44
(54) “ <u>A maior inocência do mundo</u> nascendo entre grades... que não siga o mesmo caminho da mãe. É lamentável o descaso do judiciário com as casas penitenciárias, por que não é só apenas pelas condições das presas, mas pelas condições de trabalho das agentes, que têm que se virar com o que têm e com o que não têm para atender a população carcerária.”	27	3
(55) “ <u>Mais uma sementinha</u> .”	10	18
(56) “Devemos celebrar o nascimento de <u>uma criança</u> , diga não ao infanticídio.”	22	7
(57) “Uma sociedade fétida não poderia propor <u>a inocência</u> maneira menos indigna de inaugurar sua existência...”	24	3
(58) “Parabéns a essas Agentes! espero ver essas mulheres na TV recebendo o reconhecimento por essa bravura.”	51	9
(59) “Aproveitem a oportunidade e providenciem uma laqueadura urgente <u>nesta infeliz</u> !!!!!”	47	67

No excerto (49) “*bolsa família, bolsa cadeia, bolsa prostituta, esqueci alguma bolsa?*”, em um primeiro momento, o comentário do leitor parece desconexo com o evento noticiado no texto I. Há, no entanto, uma relação com a MGSP que extrapola questões comparativas. Segundo Fairclough (2003), no discurso, as pessoas se comprometem com o que é significativo para elas. Neste excerto podemos perceber que a escolha por uma oração interrogativa demonstra que o leitor, autor do comentário, não focaliza o evento noticiado e nem as pessoas nele envolvidas. Em vez disso, o leitor-comentador, primeiro, enumera alguns dos programas sociais que atendem a pessoas em situação de vulnerabilidade social e, em seguida, questiona, em tom de ironia se esqueceu de algum desses programas, abrindo a possibilidade para a crítica do evento noticiado. Notemos que a relação entre as classificações “*família*” e “*cadeia*” demonstra sua indignação pela possibilidade de haver um auxílio social para a família

da mulher gestante que está em situação prisional e que, para finalizar, recebe o atributo de “*prostituta*”. Embora esse discurso tenha tido 16 aprovações, o número de desaprovações foi superior por 8 pessoas que discordam desse discurso. Assim, em (49), podemos perceber que a inclusão é utilizada pelo leitor-comentador para representar a MGSP como prostituta, para avaliar negativamente uma política de governo em que estas mulheres, assim como outras, em situação de vulnerabilidade, são beneficiárias de programas assistenciais.

Os excertos (50) “*Uma pergunta: Alguma dessas crianças foram "concebidas" dentro da cadeia?? Caso afirmativo, acho que o Estado deverá sustentá-lo até a maioria!!! Ou eu tô errado???*” e (51) “*Importante colocação, pois dentro das cadeias acontece de tudo.*” seguem um posicionamento parecido com o exposto em (49). Os comentários do excerto (50) vão no sentido de questionar como o evento em questão poderá onerar o Estado. É interessante considerarmos que crianças que nascem em meio a esse contexto são incluídas por genericização, em que “*crianças*” é o portador, ou melhor, o possuidor e “*dessas*” é um atributo que indica uma caracterização dessas crianças: as de serem filhas de uma MGSP. A MGSP, por sua vez, é excluída por meio da supressão discursiva total, já que não é mencionada com relação à forma como as crianças são “*concebidas*”. O comentário do excerto (51), por sua vez, apoia tal preocupação. Esses dois discursos contribuem para demonstrar o que representam as MGSP e seus bebês para a sociedade. Isso ecoa o pensamento de Bauman (2009) a respeito de como a sociedade líquida representa pessoas em situação de vulnerabilidade social. Essas pessoas, “[...] por alguma razão, são uma ‘carga para a sociedade’.” (BAUMAN, 2009, p. 102). A MGSP, por sua vez, é excluída por meio da supressão total, já que não é mencionada como participante do processo “*acontece*”, mas o discurso deixa implícito que o grupo das MGSP faz tudo acontecer.

Nos excertos (52) e (59), há orações relacionais identificativas. Em (52) “*Se pra quem está solta não está fácil, imagine pra quem está presa.*”, o processo relacional materializado por “*está*” nos possibilita entender que a realidade social é complexa para a mulher que está em liberdade e muito mais complexa para a mulher que é identificada como presa, como mostra a irrelevância dos direitos da mulher no evento noticiado. Assim, as MGSP são incluídas por um dos tipos de assimilação propostos por van

Leeuwen (1997): a coletivização. Observemos que a escolha lexical “*presa*” aparece em contraponto a “*solta*”, enfatizando que as dificuldades para a MGSP são maiores do que para as mulheres gestantes que se encontram em liberdade. Em (59) “*Aproveitem a oportunidade e providenciem uma laqueadura urgente nesta infeliz !!!!!*”, o modo oracional escolhido é imperativo, em que o leitor expressa a exortação para que, possivelmente, profissionais da saúde que atuam no hospital para o qual a MGSP foi levada, aproveitem o que o leitor ironicamente chama de “*oportunidade*” para operacionalizar uma laqueadura na MGSP. Esta, por sua vez, é representada por meio de inclusão, pelo adjetivo “*infeliz*”, uma característica que lhe é atribuída pelo leitor. Assim, a MGSP é incluída discursivamente para ser, em seguida, excluída, uma vez que, pelos sentidos semânticos e discursivos, laqueadura indica exclusão. Além disso, cabe ressaltar as implicações judiciais e éticas da sugestão que emerge dos discursos de alguns leitores-comentadores, que se julgam no direito de suprimir direitos do “outro”, no caso, das MGSP.

Em (53) “*Colocou no mundo mais um bandidinho.*”, apesar de “*colocou*” ser um processo existencial, está implícito que a responsável por ele é a MGSP referenciada na notícia I. Para isso, basta observarmos a desinência de “*colocou*” pela qual o processo existencial é realizado. O participante desse processo é o existente “*mais um bandidinho*”, o que demonstra o desprezo pela criança e a projeção do estigma de excluído, isto é, de bandido, simplesmente, pelo fato de sua mãe ser uma MGSP. Em (54), também há ocorrência de processo existencial, por meio da forma verbal contínua “*nascendo*”, mas o existente é identificado como “*A maior inocência do mundo*” e, aqui, as circunstâncias também merecem atenção “*entre grades*”. A seguir, ainda no excerto (54), há um processo desiderativo “*que não siga o mesmo caminho da mãe*”. Em (55), ocorre um processo relacional também modalizado como em (13), em que a criança referenciada na notícia I é identificada em processo relacional como sendo “*mais uma sementinha*”. Tal escolha lexical nos conduz a interpretar que se trata de uma referência à existência de uma pessoa com uma semente do mal, ou seja, como uma perpetuação da marginalidade.

Em (56) e (57), podemos notar que o comentário em (57) se coloca como uma reação ao que foi desenvolvido em (56). Isso porque a organização em (56), ao impor que “*Devemos celebrar*” (e, aqui, cabe a possibilidade de essa desinência se referir a

“nós” enquanto “sociedade” “o nascimento de uma criança”, ao passo que, em (57), temos a avaliação de que “uma sociedade”, identificada como “fétida”) não poderia (possibilidade) “propor” no sentido de possibilitar a “inocência”, que representa a criança da notícia I, de “maneira menos indigna de inaugurar sua existência”, ou seja, “nascendo em cima de sacos de lixo, em um corredor de presídio do DF”. A forma como a notícia e os discursos dos leitores dialogam ganha relevo na análise dos comentários.

Nos excertos (55), (56), (57) e (58), ocorre exclusão por encobrimento do ator MGSP, uma vez que ele não é mencionado com relação à realização dos processos desses excertos.

Com base na análise linguístico-discursiva dos comentários de leitores da notícia I, podemos observar que os processos existenciais e relacionais parecem ser bastante valorados por eles. Esses processos são organizados com exemplos de ocorrências, no **Quadro 11**, distribuídos por participantes.

Quadro 11 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto I

Processos	Participantes	Processos	Circunstâncias
Materiais	(Ela) Elíptico	colocou	No mundo mais um bandidinho.
Existenciais	dessas crianças mais um bandidinho A maior inocência do mundo	foram "concebidas" (foi colocado) nascendo	dentro da cadeia no mundo entre grades...
Relacionais	Prostituta Presa “Mais uma sementinha.”	Elíptico (ser) Está Siga Elíptico (ser)	Se pra quem está solta não está fácil, imagine pra [...] o mesmo caminho da mãe

O **Quadro 11** nos mostra que o processo relacional atributivo “ser” e os processos existenciais criativos “foram concebidas”, “foi colocado” e “nascendo” são os mais recorrentes nos comentários dos leitores a respeito da notícia I. O portador do processo relacional atributivo é prioritariamente a MGSP, cujos atributos são

“prostituta”, presa”. O seu bebê também recebe atributo realizado por *“mais uma sementinha”*. Nos processos existenciais, o existente, que é o bebê, é referenciado como *“mais um bandidinho e “a maior inocência do mundo”*. Nas escolhas lexicais *“bandidinho” e “sementinha”*, o sufixo diminutivo tem um valor avaliativo muito relevante, pois modifica a referenciação que é a criança com um teor pejorativo, em um tom de insulto, só por causa do resto do contexto. Outras estratégias avaliativas são os advérbios de intensidade que se unem a essas escolhas lexicais *“a maior”, “mais um”, “mais uma”*, o que nos possibilita perceber que são usados como intensificação dos modificadores *“inocência”, “bandidinho” e “sementinha”*, no sentido de reforçar a representação negativa que é atribuída à criança que acaba de nascer, em decorrência de esta ser filha de uma MGSP.

Sendo o processo relacional comumente usado para representar seres em termos de seus atributos e identidades, segundo Fuzer e Cabral (2014), observamos que a avaliação negativa é feita não apenas com base na leitura da notícia I, mas com base em modos de operação de ideologia refletida nos comentários de leitores a respeito da referida notícia. Na avaliação feita pelos leitores-comentadores, o que mais se destaca é o estigma social negativo de não confiável, de excluída, de marginal atribuído à MGSP. Podemos notar, ainda, que tal avaliação negativa do tipo julgamento por estima social é estendida, inclusive, à criança que acaba de nascer, por meio dos atributos *“mais um bandidinho”, “mais uma sementinha”*. Assim, as maneiras como a MGSP é representada na notícia I têm reflexos na avaliação negativa que a maior parte dos leitores-comentadores faz desses atores e de suas atividades.

Com relação aos modos pelos quais as MGSP são representadas por leitores nos comentários eletrônicos, dentre as categorias de estigma propostas por Goffman (1988), a do tipo estigma por defeito de caráter individual também se mostra bem produtiva para a análise de como as MGSP são representadas. Assim, na **Figura 13**, estão sistematizadas as escolhas lexicais que se materializam nas realizações de representações das MGSP identificadas a partir da análise do sistema de transitividade e de representações de atores sociais nos comentários eletrônicos relativos à notícia I.



Figura 13 - Realizações discursivas das representações das MGSP, nos comentários eletrônicos relativos à notícia I, de acordo com os tipos de processos

A **Figura 13**, além de apresentar representações atribuídas às MGSP, também apresenta representações atribuídas aos seus bebês. No entanto, estes só recebem tais atribuições, por serem filhos delas, como nos mostram a participação destes relacionadas a processos comportamentais e relacionais. Além dessas avaliações negativas, cabe evidenciar que "A sociedade estabelece os meios para caracterizar as pessoas e o complemento de atributos que se percebem como correntes e naturais aos membros de uma dessas categorias". (GOFFMAN, 1988, p. 11). É uma das formas de fazer isso é imputar características a uma pessoa com base em expectativas prévias, pelo alinhamento intragrupal, em detrimento dos atributos que o indivíduo realmente possui. É interessante percebermos as coincidências entre esse alinhamento grupal e as representações por genericização, uma vez que ambas não se preocupam em se referir às pessoas como indivíduos, mas como parte de um grupo considerado estigmatizado, ou seja, desviante do considerado "normal".

Nesse sentido, os segmentos oracionais que envolvem verbos de processo relacional estão associados ao estigma de exclusão atribuído tanto pela imprensa quanto pelos leitores que comentam a notícia publicada em relação a um evento envolvendo

uma MGSP, o que pode ser observado nas escolhas lexicais, como: “*presa, prostituta, chocadeira*”. Esses termos caracterizam avaliação negativa do tipo julgamento por estima social. Sobre essas escolhas, vale ressaltar a recorrência da referência a itens lexicais de linguagem preconceituosa utilizada nos comentários dos leitores, principalmente na forma de nominalizações, quando estes se referem às MGSP. São exemplos “*bandidas, os presos, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras*”, o que caracteriza avaliação negativa do tipo julgamento por sanção social.

Desse modo, podemos claramente perceber a expressão do estigma de exclusão e de avaliações negativas por julgamentos do tipo estima social e sanção social nas escolhas lexicais feitas para a realização de representações dos atores sociais MGSP. Além disso, o uso das escolhas lexicais “*bandidas, os presos, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras*” também aponta para um alinhamento intragrupal de MGSP sendo representadas como atores sociais estigmatizados como sujeitos ao insulto e ao descrédito. (GOFFMAN, 1988, p. 115).

c) análise do Texto II: notícia “Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia”

Na **Figura 14**, podemos identificar alguns elementos do contexto de situação a partir do qual o texto em análise foi publicado. Trata-se de uma notícia, com características estruturais bem próximas às da notícia analisada na alínea “a” da seção 3.3.1. O Texto II apresenta título e lide e a fonte de circulação é, também, o Portal Eletrônico de Notícias do G1. Conforme pode ser observado na **Figura 14**, o nome do autor do texto também não é identificado. A data da publicação é 18/06/2015, ou seja, pouco mais de um mês após o evento noticiado no Texto I. A notícia em questão recebeu 6 comentários por parte de seus leitores. Esses comentários serão analisados na alínea “b” desta seção.

A seguir, na **Figura 14**, apresento como a notícia foi disponibilizada na página, no Portal de Notícias G1.

MENU
G1
DISTRITO FEDERAL

18/06/2015 21h23 - Atualizado em 18/06/2015 21h23

Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia

Instalações devem atender mães de crianças até 7 anos e grávidas. Pedido foi feito pela OAB; GDF diz que não foi notificado; cabe recurso.

Do G1 DF

f FACEBOOK
t TWITTER
g+ G+
p PINTEREST



A Justiça mandou o Governo do **Distrito Federal** construir uma creche e um berçário dentro da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Gama. O GDF tem dez dias para modificar as instalações do presídio para detentas que acabaram de ter filhos, para grávidas e mães de crianças até 7 anos. Cabe recurso.

saiba mais

Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF

Polícia prende grávida de 8 meses e mais 12 em operação no DF

Grávida de seis meses lidera assalto com reféns em Brasília, diz PM

O GDF informou que ainda não foi notificado da decisão.

Pela determinação da Justiça, o governo deverá indicar e transferir as internas que atendam as condições previstas para locais adequados, caso não faça as adaptações necessárias. Em último caso, elas podem ir para a prisão domiciliar.

A Colmeia deverá ter plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das presas. Os médicos devem trabalhar também à noite e nos fins de semana, o que não ocorre atualmente. A decisão da Justiça veio depois de um pedido da OAB.

Em maio último, na semana do Dia das Mães, **uma detenta da deu à luz em cima de um saco de lixo**. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.

tópicos: Brasília, Ceilândia, Distrito Federal

Figura 14 - Contexto de situação da notícia “Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia”

O título (60) “*Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia*” aparece destacado com fonte em negrito. Logo abaixo, temos o lide no excerto (61) “*Instalações devem atender mães de crianças até 7 anos e grávidas. Pedido foi feito pela OAB; GDF diz que não foi notificado; cabe recurso.*” No caso desta notícia, a imagem que aparece, em primeiro plano, é uma cena congelada do vídeo que foi feito pela TV Globo, em que é mostrada uma placa na entrada da PFDF. Diferentemente do que ocorre com a composição do Texto I, título e lide ganham

relevos e não concorrem com a foto que mostra apenas uma placa de entrada da PFDF. Ainda para entendermos a força do discurso demonstrada nesta notícia, é importante explicar o contexto de situação em que este texto foi produzido. Tentarei fazê-lo pelo viés da intertextualidade que, segundo Fairclough (2001, p. 134), corresponde à presença em um texto de elementos produzidos em outros textos.

Um reflexo do poder do alcance do discurso da imprensa e de sua interferência nas práticas sociais, por meio de notícias, é que, em 10/07/2015, apenas dois meses após o evento ocorrido com uma das MGSP, a PFDF foi vistoriada por uma equipe de pareceristas do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura – MNPCT. O MNPCT é um órgão integrante da estrutura da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, responsável pela prevenção e combate à tortura e a outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes relativos a pessoas em situação prisional. Todos os anos, este órgão, com base em critérios, escolhe uma instituição prisional para realizar vistoria. A escolha da PFDF teve a seguinte motivação

Para escolha desta unidade foram utilizados os seguintes critérios: o elevado número de denúncias registradas no Disque 100 vinculado à Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República; a questão de gênero e a situação de invisibilidade que se encontram as mulheres em situação de prisão. (BRASIL. RELATÓRIO DE VISITA À PFDF, 2015, p. 4)

O trecho que explica a motivação da escolha da PFDF para vistoria consta no documento de 34 páginas, intitulado “Relatório de visita à Penitenciária Feminina do Distrito Federal – PFDF”, (ANEXO III). Trouxe trechos deste documento para a análise do Texto II, porque a divulgação e os efeitos da notícia “*Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia*” são mencionados neste documento, inclusive, como motor propulsor da vistoria. Desse modo, podemos notar que tanto o Texto I quanto o Texto II têm o seu contexto situacional fortemente ligado aos apontamentos feitos pelo MNPCT. Inclusive, o conteúdo do Texto I é mencionado no Relatório, em seção onde constam avaliações da forma degradante em que MGSP cumprem suas penas, conforme transcrevo abaixo:

Também, fomos informadas pelas mulheres que *este ano duas delas deram à luz dentro da própria unidade, uma em cima do saco de lixo*

e a outra no corredor da ala, em razão da demora da equipe de segurança em atender aos chamados das gestantes. Esta informação circulou na grande mídia, foi denunciada no Disque 100 e foi confirmada pelas(os) próprios(as) agentes de segurança. Diante disso, solicitamos maiores informações às funcionárias(os) no sentido de saber se foi instaurado procedimento administrativo para que fossem tomadas as devidas providências e elas(es) responderam que não. Houve relatos que *as mulheres encaminhadas para o hospital de referência durante o traslado, no momento que estão em trabalho de parto, assim como pós-parto, são algemadas com as mãos para trás, colocadas dentro do camburão* e que não há qualquer cuidado durante o transporte das mesmas até o hospital e do hospital para a Penitenciária, situação que confirma o completo desrespeito às Regras de Bangkok, bem como à Súmula Vinculante Nº 11 do Supremo Tribunal Federal. (BRASIL. RELATÓRIO DE VISITA À PFDF, 2015, p. 18-19)

Observemos que, na avaliação do MNPCT, temos a informação de que, apesar de apenas um evento sobre umas das MGSP ter dado à luz dentro da própria PFDF ter sido divulgado por meio de notícia, este já configura o segundo caso apenas no primeiro semestre de 2015. Conforme destaque, em itálico, no trecho do documento, há um intertexto com a notícia divulgada “Também, fomos informadas pelas mulheres que *este ano duas delas deram à luz dentro da própria unidade, uma em cima do saco de lixo e a outra no corredor da ala, em razão da demora da equipe de segurança em atender aos chamados das gestantes.*” Além disso, há menção aos efeitos da divulgação do evento pela imprensa “*Esta informação circulou na grande mídia, foi denunciada no Disque 100 e foi confirmada pelas(os) próprios(as) agentes de segurança.*”

Como Fairclough (2001) define que intertextualidade é “a propriedade que os textos têm de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser ou não delimitados explicitamente ou mesclados e que pode assimilar, contradizer e ecoar ironicamente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 29), podemos perceber vários elementos do texto que compõe o Relatório do MNPCT no texto II dialogando com a notícia analisada. Assim é que, justamente, neste ponto, é possível darmos continuidade à análise linguístico-discursiva do Texto II. Em função da situação de violação de direitos humanos, da questão de gênero e da situação de invisibilidade das MGSP, com destaque, nesta pesquisa, para as MGSP averiguadas pelo MNPCT, houve abertura de Ação Civil Pública com pedido de liminar, ajuizada pela Ordem dos Advogados do

Brasil - Seccional do Distrito Federal em face do Distrito Federal. É sobre esta Ação Civil Pública que trata a notícia II, em análise.

Em (60) “*Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia*”, temos uma oração material transitiva transformativa em que o ator “*Justiça*” realiza o processo material transformativo por meio da forma verbal de extensão e posse em que “*manda*” o outro participante “*GDF*” realizar o processo material específico de prestar um serviço “*construir*” a meta “*creche e berçário*”, na circunstância de localização “*presídio da Colmeia*”. A respeito do ator, é importante observarmos a força da escolha lexical “*justiça*” pelo autor do texto. Há o emprego do termo “*justiça*” em lugar do termo judiciário, isto é, o emprego de uma metonímia em que o autor opta por substituir a entidade “Poder Judiciário” por um de seus efeitos “*justiça*”. O outro participante do processo “*Governo do Distrito Federal*” também é uma metonímia em que se utiliza uma instância distrital, que é o “*GDF*”, em lugar de Poder Executivo, ou seja, uma parte é tomada pelo todo. Além disso, o referido governo é identificado apenas por sua sigla “*GDF*”, apesar de constar no título da notícia.

Para pensarmos a respeito das implicações dessas escolhas lexicais, em (60), precisamos considerar que, como consta na Constituição Federal de 1988, “os Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, são o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.” (CF/88, art. 2º). Isso faz com que, no exercício de sua função, servidores deste Poder Judiciário ajam de modo a aplicar a lei, tendo como alvo a justiça. Assim é que, o “*Governo do Distrito Federal*” é identificado como uma instância inferior que deve cumprir o que é determinado pela entidade “Poder Judiciário”.

Desse modo, temos, no recorte (60), a materialização de que a União está determinando que um de seus membros, em instância inferior, construa “*creche e berçário*” como forma de sanar o problema de descaso com os direitos humanos das MGSP, noticiado, como nos mostram as análises do Texto I e os trechos do Relatório MNPCT a esse respeito. A respeito da circunstância de localização “*no presídio da Colmeia*”, podemos notar que, em nenhum momento, as escolhas lexicais contemplam as MGSP como afetadas pelos processos materiais de mandar e construir, o que pode denotar uma preocupação exclusiva em mostrar que o papel da União, como Estado de Poder, está sendo cumprido. Assim, é interessante notarmos que a ausência de qualquer

referência às MGSP pode ser uma forma de normalizar a situação de invisibilidade a que são submetidas dentro e fora da instituição prisional.

No excerto (61), o destaque *“Instalações devem atender mães de crianças até 7 anos e grávidas.”* expressa uma modalização deôntica de obrigação pelo uso do verbo modal *“devem”* junto ao processo material *“atender”*, cujos beneficiários são *“mães de crianças até 7 anos e grávidas”*. Aqui, é importante notar que a voz autoral faz referências às MGSP com o uso da escolha lexical *“grávidas”*. No entanto, não há referência ao ator, especificamente, que deverá atendê-las, o que deixa dúvidas em relação a quem a responsabilidade será atribuída. No destaque *“Pedido foi feito pela OAB;”* o processo *“pedir”* é realizado de modo não típico, o que caracteriza a ocorrência do que Halliday e Matthiessen (2004) chamam de nominalização, ou seja, *“pedido”* em lugar de *“pedir”*. Em outras palavras, ao falar sobre a exigência feita pela OAB, o autor em vez de *“A OAB pediu ao GDF que construa instalações para atender mães de crianças até 7 anos e grávidas”*, escolhe *“Pedido foi feito pela OAB;”*. Essa escolha mitiga a exigência feita pelo Poder Judiciário que, no título do texto, é materializada pela forma verbal *“manda”*, mas que no lide aparece como *“pedido”*. Além disso, o dizente é uma instituição, *“Ordem dos Advogados de Brasília”*, e o fato de aparecer posposto ao processo concorre para constituir um tema e afirmar as credenciais de quem fez o pedido *“o pedido”* e, portanto, a importância que ele tem. Em *“GDF diz que não foi notificado; cabe recurso.”*, ocorre o processo verbal em que o dizente *“GDF”* *“diz”* no sentido de *“informar”* que não foi, legalmente, notificado da decisão, o que pode significar que não tomará iniciativas até que o seja.

Agora, vejamos, com base nas funções léxico-gramaticais, como são representadas as MGSP, nos recortes abaixo:

(62) *A Justiça mandou o Governo do Distrito Federal construir uma creche e um bercário dentro da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Gama. O GDF tem dez dias para modificar as instalações do presídio para detentas que acabaram de ter filhos, para grávidas e mães de crianças até 7 anos. Cabe recurso.*

Em (62), no primeiro complexo oracional, há processo verbal de comando em que o dizente é referenciado por uma de suas funções *“A justiça”*. O *“Governo do Distrito Federal”* é, por sua vez, o receptor e *“construir uma creche e um bercário dentro da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Gama”* é a verbiagem. A verbiagem,

segundo Halliday e Mathiessen (2004), corresponde ao que se refere a decisão do Poder Judiciário. No segundo complexo oracional, o grupo nominal “O GDF” é o participante do processo relacional circunstancial ativado por “tem”. Aqui, cabe observarmos que o uso de “dez dias” ativa uma relação temporal que ressalta o curto prazo em que o GDF terá de cumprir a determinação judicial. Essa percepção é confirmada no último complexo oracional, em que a voz autoral explica que “Cabe”, ou seja, ao processo material “recurso”. Esse primeiro processo está ligado ao processo material transformativo “modificar” e à meta “as instalações do presídio”, cujas clientes são as “detentas que acabaram de ter filhos” e as “grávidas e mães de crianças até 7 anos”. Outra pista de que as MGSP cumprem o papel de clientes é o uso do sintagma preposicional “para” indicando que elas receberão o serviço resultante da possível modificação do presídio. Cabe observarmos o foco intencional do autor, neste excerto (62), parece explicar em que consiste a determinação judicial, em termos materiais, em termos de infraestrutura apenas.

(63) Pela determinação da Justiça, o governo deverá indicar e transferir as internas que atendam as condições previstas para locais adequados, caso não faça as adaptações necessárias. Em último caso, elas podem ir para a prisão domiciliar.

Em (63), temos um complexo oracional iniciado pela circunstância de causa “Pela determinação da Justiça”. Em seguida, o ator, “o governo”, é o responsável pelos processos materiais de “indicar” e “transferir”. Observemos que tais processos são precedidos pelo modalizador verbal no futuro “deverá”. A meta desses processos são “as internas que atendam as condições previstas”. Além disso, o sintagma preposicional insere a circunstância de localização “para locais adequados”. É interessante observarmos como a organização desses processos e seus participantes deixam expressa a informação de forma vaga para o leitor. Isso porque não é possível identificar no texto quais são as condições previstas que devem ser atendidas pelas “internas” e nem é possível entender como seriam os referidos “locais adequados”. Para precisar essas informações, que são de suma importância, é necessário retomar o texto do Relatório do MNPCT, justamente, nos trechos que tratam das recomendações emergenciais

a) que fosse realizada a transferência imediata das duas presas que disseram estar grávidas e, conforme notado pela equipe de visita, em

estágio aparente de gravidez para a ala de gestantes, bem como fosse providenciado o exame de gravidez para uma das mulheres que afirmou estar grávida, as três estavam na ala destinada às presas provisórias; b) Que seja garantido, imediatamente, atendimento médico de rotina diário, às mulheres presas, na modalidade de clínica geral e ginecologia, com garantia da privacidade da mulher; c) Que seja garantido, imediatamente, atendimento médico emergencial, diário e em regime de plantão, às mulheres presas, na modalidade de clínica geral e ginecologia, com garantia da privacidade da mulher; e) Que seja mantido nos quadros na Penitenciária Feminina do Distrito Federal médicos ginecologistas, obstetras e pediatras, em número suficiente para atendimento das internas e de seus filhos, assegurando o atendimento noturno e nos finais de semana, conforme assegurado no art. 14, § 3da LEP, com as alterações da Lei N° 11.942/2009; (BRASIL. RELATÓRIO DE VISITA À PPDF, 2015, p. 23-31)

Podemos perceber a intertextualidade, pois as informações, ainda que vagas, ecoam as recomendações emergenciais feitas ao Governo do Distrito Federal. Assim, com os trechos do Relatório acima, é possível depreendermos que as condições que devem ser atendidas pelas mulheres em questão são: estar grávida, estar amamentando, estar com seus filhos. Esses atributos são o suficiente para identificá-las como pessoas que necessitam de condições básicas para que possam cumprir suas penas sem perder a dignidade. Quanto aos “*locais adequados*”, estes devem possibilitar que as mulheres tenham acesso à água potável, a locais de higienização com privacidade, enfim, a locais que não ofereçam riscos à integridade delas e de seus bebês. Ainda sobre o excerto (63), no destaque “*caso não faça as adaptações necessárias. Em último caso, elas podem ir para a prisão domiciliar.*”, temos mais um reflexo do Relatório do MNPCT, no trecho em que faz recomendações ao Conselho Nacional do Ministério Público, considerando o exposto no item 4, subitens "a" e "h", referentes à superlotação e as mulheres grávidas, lactantes e com filhos:

a) Na impossibilidade de cumprimento por parte da Secretaria da Segurança Pública e da Paz Social da recomendação "a", subitem 6 do item 2.2 deste Relatório, que seja realizado mutirão carcerário para adoção de prisão domiciliar humanitária para as mulheres com filhos e filhas até 7 anos., com fundamento no art. 117 da LEP, que admite a concessão da medida por razões humanitárias, ainda que a condenada cumpra pena em regime mais gravoso. (BRASIL. RELATÓRIO DE VISITA À PPDF, 2015, p. 32)

No texto II, a declaração “*Em último caso, elas podem ir para a prisão domiciliar*” parece uma forma de afirmar que elas serão agraciadas, favorecidas, mas, o cumprimento da

prisão domiciliar é uma das formas de fazer cumprir a penalização; e dentre os critérios para isso, estão os de superlotação e de falta de condições para atender às necessidades das MGSP. De acordo com a Lei de Execuções Penais, Nº. 11.942/2009, a mulher gestante ou lactante em situação prisional tem direito à prisão domiciliar quando não houver vaga em estabelecimento penal adequado ou quando este não apresentar condições mínimas para abrigá-las. No entanto, este dispositivo é um remédio constitucional para compensar a falha do Estado no sentido de garantir os direitos dessas mulheres.

(64) A Colmeia deverá ter plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das presas. Os médicos devem trabalhar também à noite e nos fins de semana, o que não ocorre atualmente. A decisão da Justiça veio depois de um pedido da OAB.

No excerto (64), há mostras de uma outra recomendação do Relatório do MNPCT de que a PFDF garanta, imediatamente, atendimento médico emergencial, diário e em regime de plantão, às mulheres em situação prisional. Inclusive, a voz autoral utiliza-se das mesmas escolhas lexicais que o Relatório para identificar essas mulheres como “*presas*”. No segundo complexo oracional, os participantes “*médicos*” realizam o processo material de “*trabalhar*”, o qual é modalizado pelo verbo modal “*deverá*” e pelas circunstâncias “*à noite e nos fins de semana*”. Podemos observar que, neste excerto, a preocupação é com as condições de trabalho dos médicos que terão de trabalhar “*também*” nos horários indicados nas circunstâncias. No entanto, as MGSP sequer são mencionadas.

Passemos à análise do excerto (65):

(65) Em maio último, na semana do Dia das Mães, uma detenta da deu à luz em cima de um saco de lixo. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.

O excerto (65) corresponde ao último parágrafo da notícia. Nele, a escolha lexical para referenciar as MGSP por meio de “*uma detenta*” parece ter sido apropriada do texto I que é analisado na alínea “a” da **seção 3.3.1**.

Assim, é possível chegar aos dados organizados no **Quadro 12** para sistematizarmos os processos realizados no texto II.

Quadro 12 - Processos distribuídos por participantes no Texto II

Processos	Participantes	Exemplos
Materiais	<i>“o Governo do Distrito Federal”</i> <i>“O GDF”</i> <i>“detentas”</i> <i>“o governo”</i> <i>“elas”</i> <i>“ginecologistas, obstetras e pediatras”</i> <i>“Os médicos”</i> <i>“uma detenta”</i>	<i>“construir”</i> <i>“modificar”</i> <i>“acabaram”</i> <i>“deverá indicar e transferir”</i> <i>“podem ir”</i> <i>“atendimento”</i> <i>“devem trabalhar”</i> <i>“deu à luz”</i>
Verbais	<i>“A Justiça”</i>	<i>“mandou”</i>
Existenciais	<i>“A Colmeia”</i>	<i>“deverá ter”</i>
Relacionais	<i>“as internas”</i>	<i>“atendam”</i>

Com a organização dos processos no **Quadro 12**, podemos observar que os processos materiais são mais recorrentes. Temos apenas um processo relacional e este é dirigido às MGSP, as quais são também referenciadas pelas escolhas lexicais “elas” e por “uma detenta”. Como vemos, dos 9 processos materiais, apenas um, “deu à luz”, é realizado por uma MGSP referenciada por “uma detenta”. Todos os demais processos são realizados por referências como “o Governo do Distrito Federal”, “O GDF”, “o governo”, “elas”, “ginecologistas, obstetras e pediatras” e “Os médicos”.



Figura 15 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na notícia II, de acordo com os tipos de processos

Sobre as realizações discursivas utilizadas para representar as MGSP, na notícia II, de acordo com os tipos de processos, conforme sintetizado na **Figura 15**, acima, podemos notar que as MGSP aparecem numa intensidade extremamente menor que os demais atores e que, quando elas aparecem, cumprem um papel de participantes não envolvidos diretamente nos processos, apesar de fortemente afetadas pelos processos materiais apresentados. Além disso, realizações por meio de substantivos no plural indicando um grupo único, como “*detentas que acabaram de ter filhos, presas, as internas que atendam as condições previstas e grávidas*”, podem contribuir para construir a representação desses atores sociais por genericização.

d) análise dos comentários dos leitores-comentadores do Texto II

No **Quadro 13**, reproduzo os comentários dos leitores do Texto II e indico o quantitativo de aprovações e desaprovações por parte de outros leitores.

Quadro 13 - Comentários de Leitores do Texto II

Comentários	Nº Aprovações	Nº Desaprovações
(66) <i>"Plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das <u>presas</u>" é sacanagem demais!!! Tem mãe que vê seus filhos morrerem por falta de atendimento médico..."</i>	5	2
(67) <i>"Além de sustentar <u>BANDIDAS</u> temos que sustentar <u>os filhos delas</u> ??? Tá de brincadeira."</i>	11	5
(68) <i>"Só no Brasil <u>os presos</u> tem mais regalias que a população honesta e trabalhadora."</i>	15	3
(69) <i>"Enquanto isso as mães de bem estão sem vagas nas creches do GDF, <u>quem rouba, mata, furta e trafica</u> tem direito a uma creche nova e exclusiva. A justiça é cega mesmo. Que desgosto de ter nascido no Brasil..."</i>	10	1
(70) <i>"Antes, só a palavra 'política' tinha ganhado sentido antagônico, sujo, imoral... a gora é a vez da palavra 'justiça'... O cidadão de bem ainda vai ter que pagar mais essa <u>dessas chocadeiras</u>..."</i>	6	0

Começamos por observar, conforme o **Quadro 13**, o número de aprovações e desaprovações dos comentários por parte dos leitores em geral. Em todos os comentários o quantitativo de aprovações é maior que o de desaprovação. Isso sugere

que os comentários que atribuem representações negativas às MGSP são representativos da opinião de parte significativa dos leitores. Outro ponto que merece reflexões, conforme o **Quadro 13**, são as escolhas lexicais feitas para representar as MGSP estão fortemente associadas às representações atribuídas aos seus filhos também. Em relação a isso, sobressai a utilização da categoria de avaliação negativa do tipo julgamento por estima social: mulher presidiária, criança filha de presidiária. De acordo com Martin e White (2005, p. 52), a categoria de julgamento dá conta dos significados cujos alvos são participantes conscientes, tanto individuais, neste caso, as MGSP e as suas crianças, com o uso dos termos como “*ela, mais uma sementinha, mais um bandidinho, dessas crianças, a maior inocência do mundo*”, quanto coletivos, como “*presa, prostituta*”, como podemos confirmar na **Figura 16**.

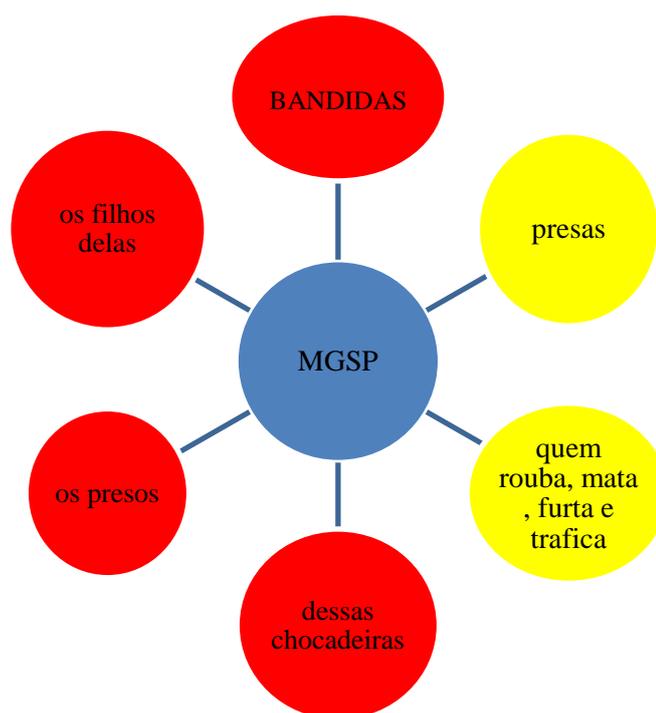


Figura 16 - Realizações discursivas das representações das MGSP, nos comentários eletrônicos relativos à notícia II, de acordo com os tipos de processos

Em (66), primeiro o leitor estabelece um processo relacional em que um trecho apropriado do Texto II é utilizado na íntegra “*Plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das presas*” para, depois, relacioná-lo ao atributo

“sacanagem” que ainda é intensificado pela presença do modalizador “demais”. Em seguida, como que para justificar o processo relacional que acaba de estabelecer, o leitor utiliza um processo existencial “*Tem mãe que vê seus filhos morrerem por falta de atendimento médico...*”, de modo a afirmar seu posicionamento pressuposto: MGSP têm menos direito a não verem seus filhos morrerem por falta de atendimento médico. Este comentário recebeu aprovação de outros 5 leitores e reprovação de apenas 2, o que demonstra que mais pessoas concordam do posicionamento expressado em (66), como podemos confirmar no **Quadro 13**.

No excerto (67) “*Além de sustentar BANDIDAS temos que sustentar os filhos delas? ? ? Tá de brincadeira.*”, temos o modalizador discursivo “*além de*”, os processos materiais que aparecem duas vezes, como “*sustentar*”, e o modalizador “*temos*”. Quanto aos participantes, a voz do ator realizador do processo não aparece explicitamente, mas apenas na desinência indicada no verbo modal “*temos*”, o que nos leva a depreender que se trata de “*nós*” equivalendo à sociedade. Em as “*BANDIDAS*”, o leitor-comentador faz questão de destacar em caixa alta as receptoras do sustento, conforme intertexto com a notícia II. Outros participantes envolvidos são “*os filhos dela*” que, também, são referenciados negativamente por serem filhos das “*BANDIDAS*”. A polarização escolhida pelo leitor foi a interrogativa. Para essa interrogação retórica, ele mesmo tece um comentário irônico em “*Tá de brincadeira.*” Quanto à reação de outros leitores a este comentário, 11 pessoas demonstraram aprovar e apenas 5 desaprovaram.

Em (68) “*Só no Brasil os presos tem mais regalias que a população honesta e trabalhadora.*”, ao iniciar o complexo oracional com a circunstância de lugar “*no Brasil*” modalizada por “*só*”, o leitor parecer fazer uma crítica ao fato de, no Brasil, a justiça determinar que sejam tomadas iniciativas, por parte do Estado, para garantir os direitos humanos das pessoas que estão sob sua tutela. O uso do processo material “*tem*” faz com que o autor do comentário trace uma relação comparativa em que “*os presos*” são beneficiados com mais regalias que o outro participante “*a população honesta e trabalhadora.*”. Com isso, o leitor mostra que, na sua visão, “*os presos*” são desonestos e desocupados e que, por isso, não merecem o que ele chama de “*regalias*”. 15 pessoas demonstraram aprovar e apenas 5 desaprovaram. Notemos que o

posicionamento de que só no Brasil os demais membros da sociedade arcam com os custos das pessoas em situação prisional tem três vezes mais aprovações que desaprovações por parte de outros leitores.

No excerto (69) *“Enquanto isso as mães de bem estão sem vagas nas creches do GDF, quem rouba, mata , furta e trafica tem direito a uma creche nova e exclusiva. A justiça é cega mesmo. Que desgosto de ter nascido no Brasil..”*, a escolha pelo o sintagma adverbial *“Enquanto isso”* para ocupar uma posição temática é utilizada com o propósito de inserir uma comparação por meio de três processos relacionais *“estão”*, *“tem”* e *“é”*, em que *“as mães de bem”* são representadas em grande desvantagem com relação a *“quem rouba, mata , furta e trafica”*. Estas são representadas como alguém que tira vantagens da situação prisional. O processo relacional *“é”* identifica *“a justiça”* como *“cega”* e ainda modaliza tal avaliação com o uso de *“mesmo”*. Por fim, o autor do comentário declara: *“Que desgosto de ter nascido no Brasil.”* Isso se dá em razão da assimetria que, segundo ele, é causada pela tentativa do Poder Judiciário em fazer com que uma instituição prisional cumpra uma determinação visando ao bem-estar das MGSP, conforme intertexto com a notícia II. Nesse destaque, o leitor-comentador projeta que enquanto *“as mães de bem”* não conseguem vagas em creches públicas para seus filhos, as MGSP são representadas como quem *“rouba, mata , furta e trafica”* *“tem direito a uma creche nova e exclusiva”*. Podemos perceber, neste excerto, também duas avaliações acerca da situação dessas mulheres na PFDF: a de que a instituição prisional as trata muito bem e, assim, as creches novas e exclusivas, dentro do presídio, serão melhores que as creches ofertadas ao restante da sociedade; e que *“quem rouba, mata , furta e trafica”* é irrecuperável. Uma confirmação dessa avaliação é o uso dessas formas verbais no presente. Dez pessoas demonstraram aprovar e apenas 1 desaprova. Isso, assim, como ocorreu com o excerto (68) parece demonstrar que causa indignação à sociedade arcar com os custos das despesas com MGSP.

Passemos ao excerto (70):

(70) *“Antes, só a palavra 'política' tinha ganhado sentido antagônico, sujo, imoral... a gora é a vez da palavra 'justiça'... O cidadão de bem ainda vai ter que pagar mais essa dessas chocadeiras...”*

Em (70), o processo material “*pagar*” estabelece uma relação entre dois participantes “*o cidadão de bem*” e “*dessas chocadeiras*”, em que este último atributo é uma referência às MGSP e aquele, aos outros membros da sociedade. Quinze pessoas demonstraram aprovar e apenas 5 desaprovaram. Apesar do teor extremamente pejorativo e desrespeitoso da referenciação “*chocadeiras*”, observemos que este comentário foi aprovado por 6 leitores e não foi desaprovado por nenhum leitor.

Assim, a análise nos mostra que, em todos os excertos, consta uma reação de indignação. Em (27) e em (30), prevalece o tom de indignação pelo fato de a sociedade brasileira arcar com os custos de uma determinação judicial que indica que MGSP, sob a tutela do Estado, estão vivendo em condições que afetam seus direitos humanos. Nos demais excertos, há uma tentativa de os leitores-comentadores estabelecerem uma espécie de paralelo imaginário do merecimento, em que mães em situação prisional são menos merecedoras de terem os seus direitos e dignidade respeitados que mães em situação de vulnerabilidade que não têm o estigma de presas.

Com base na análise linguístico-discursiva dos comentários de leitores da notícia II, podemos observar que os processos existenciais e relacionais parecem ser bastante valorados por eles. Esses processos apresentam exemplos de ocorrências, no **Quadro 14**, distribuídos por participantes.

Quadro 14 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto II

Processos	Participantes	Processos	Circunstâncias
Materiais	BANDIDAS Presas Os filhos delas Os presos Dessas chocadeiras	sustentar atendimento (nom.) sustentar tem pagar	Além de é sacanagem demais!!! Além de Só no Brasil mais essa
Relacionais	Presas Quem rouba, mata, furta e trafica	elipse	Enquanto isso

O **Quadro 14** mostra que os processos materiais “*sustentar, atendimento (nominalizado), tem, pagar*” têm as MGSP como participantes, desempenhando uma

função de beneficiárias dos processos realizados por atores, como “*Nós, Plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras, as mães de bem e o cidadão de bem*”. Em outras palavras, nos comentários, as MGSP são representadas como beneficiadas enquanto os participantes, representados como “*cidadãos de bem*”, arcam com seus custos.

e) análise do Texto III: notícia “GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina”

Com a observação da **Figura 17**, abaixo, é possível notar que a foto que o G1 publica para compor o texto III mostra apenas a entrada da PFDF, de onde está saindo o que parece ser uma viatura policial. A legenda da foto descreve apenas tratar-se da entrada da Penitenciária Feminina. O conteúdo da foto é incongruente com o enfoque da notícia “*GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina.*”. Ao ver a foto, o leitor pode se perguntar: onde está o berçário com mais 22 leitos? Não há, na foto, indício do que é mencionado no título do texto, apenas a remota referência à entrada da PFDF.

No título, conforme excerto (71) “*GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina.*”, o ator “GDF” é responsável pelo processo material “*inaugura*” cuja meta é “*berçário com mais 22 leitos*”, e a circunstância de local é “*na Penitenciária Feminina*”. Retomando o contexto de situação, neste título, é interessante percebermos que a notícia é divulgada como que para comprovar uma prestação de contas do Governo do Distrito Federal diante das notícias I e II analisadas anteriormente, nas alíneas “a” e “b” da **seção 3.3.1**. Em outras palavras, a notícia de que o GDF inaugura berçário com a especificação de 22 leitos parece coroar o cumprimento do dever do Estado, do Poder Público e demonstra o quão cumpridora de seus deveres é a instância de governo distrital, representada pelo GDF.

Começamos pelo excerto (72):

(72) *São 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês na Colmeia. Espaço antigo será exclusivo para gestantes; obra não teve custos.*

MENU
G1
DISTRITO FEDERAL

20/08/2015 08h15 - Atualizado em 20/08/2015 08h15

GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina

São 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês na Colmeia. Espaço antigo será exclusivo para gestantes; obra não teve custos.

Do G1 DF

f FACEBOOK
t
g+
p



Entrada da Penitenciária Feminina do Distrito Federal (Foto: TV Globo/Reprodução)

A Penitenciária Feminina do **Distrito Federal** recebeu nesta quarta-feira (19) uma nova ala de berçário, com 22 leitos a serem usados por mulheres com recém-nascidos. Atualmente, o presídio tem 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês.

Conhecida como Colmeia, a unidade contava com uma ala única com 24 vagas para gestantes e mulheres com crianças. Agora, o espaço antigo passa a ser exclusivo para as grávidas.

saiba mais

Penitenciária Feminina recebe ação de arte e inclusão cultural no DF

Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia

Segundo o GDF, a obra não teve custos para os cofres do Executivo. A mão de obra foi da Secretaria de Justiça e Cidadania, e o materiais utilizados foram obtidos por doações de órgãos públicos e um centro universitário, informou.

A pasta afirmou que a maior parte das detentas grávidas chegam ao presídio sem pré-natal. Ao dar à luz e retornar à prisão, a interna passa por uma triagem do núcleo de saúde e é encaminhada para atendimento com ginecologista e equipe multiprofissional.

O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina faz a doação de roupas conforme o tamanho da criança, além de cueiro, toalha, meias, luvas, cobertos, fraldas e sabonetes, informou.

Figura 17 - Contexto de situação da notícia “GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina”

O lide, conforme o excerto (72), apresenta sucintamente informação sobre a quantidade de MGSP e de mulheres com seus filhos. Para isso, o autor utiliza-se de um complexo oracional com processo existencial “*são*” e a quantidade expressa por “*692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês na Colmeia.*” O segundo complexo oracional traz processo relacional atributivo “*será*”, cujo portador é o “*espaço antigo*” e a circunstância de causa por finalidade “*para gestantes*”. No terceiro complexo oracional, o ator é “*obra*”, há modalizador de polaridade negativo sobre o processo é material “*teve*” e a circunstância “*custos*”. O lide, assim, como o título, excerto (71), possibilita perceber que há uma intertextualidade com os comentários dos leitores, analisados nas alíneas “b” e “d”. Há uma clara preocupação em informar que a obra realizada na PFDF, para as MGSP não custou “*nada*” a alguém que não existe no texto, mas que fica subentendido tratar-se dos cofres públicos.

(73) *A Penitenciária Feminina do Distrito Federal recebeu nesta quarta-feira uma nova ala de berçário, com 22 leitos a serem usados por mulheres com recém-nascidos. Atualmente, o presídio tem 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês.*

No excerto (73), a voz autoral destaca a relação de cliente entre as MGSP e o Governo do Distrito Federal. Em função do processo material “*receber*”, “*A Penitenciária Feminina do Distrito Federal*” é tematizada como “*cliente*” da meta “*uma nova ala de berçário, com 22 leitos*”. A referida “*ala*” será usada por mulheres com recém-nascidos, ou seja, será exclusiva para as mulheres em puerpério, que ficarão em ala separada das gestantes. Em seguida, há a mesma informação apresentada no lide (72), só que posicionada temporalmente com o uso do advérbio “*Atualmente*”. A respeito do processo existencial, em que são informadas as referências às mulheres em situação prisional por meio de números, pensemos em algumas perguntas: por que mencionar as 692 mulheres se a notícia é a respeito da inauguração resultado de uma determinação judicial para que o GDF modificasse a estrutura física de acordo com as necessidades de mulheres gestantes ou em puerpério, em situação prisional? Por que esse número tão maior que as focalizadas aparece em primeiro plano? Por que a referida totalidade se “*uma nova ala de berçário, com 22 leitos*” afetará, especificamente, somente as 37 mulheres? Esses números dentro do contexto desta notícia parecem tentar mostrar o alcance do que foi inaugurado pelo GDF. No entanto, as 692 mulheres aparecem apenas

como participantes secundários, mas nos dão a impressão de terem sido beneficiadas, também, com a inauguração feita pelo governo.

(74) Conhecida como Colmeia, a unidade contava com uma ala única com 24 vagas para gestantes e mulheres com crianças. Agora, o espaço antigo passa a ser exclusivo para as grávidas.

Em (74), o primeiro complexo oracional nos mostra, por meio de processo relacional possessivo “*contava*”, que a Ala para Bebê e Gestante contava com 24 vagas. No entanto, esta ala abrigava, até o momento da inauguração do berçário, 22 leitos para 37 mulheres, isto é, uma superlotação com excedente de 13 mulheres, sem contar com seus filhos, o que aumentaria esse quantitativo de excedentes de 13 para 30, entre mulheres e bebês. Para entendermos um pouco melhor como esses números refletem uma situação mais complexa do que pode parecer, em um primeiro momento, vejamos como o Relatório do MNPCT descreve a referida ala, bem como as suas lacunas como um lugar digno para servir de abrigo às MGSP:

No que tange às instalações físicas destinadas às mulheres grávidas, com filhos e lactantes na PFDF, estas ficam em ala separada, em alojamentos *com beliches que abrigam em média 4 mulheres e um berço*, que na maioria das vezes é utilizado como local para guardar as coisas dos bebês. Assim, as crianças dormem nas mesmas camas que suas mães, sendo que em alguns casos, *a mãe pode estar alojada no segundo andar do beliche, havendo risco de queda para o bebê*. É importante dizer que as crianças *não contam com nenhum tipo de estímulo, como móveis ou brinquedos, o espaço claramente não está adaptado para receber crianças*. Ademais, ficou evidente que a penitenciária não conta com *berçário e tampouco creche* para abrigar os bebês e crianças, conforme exposto nos arts. 83 e 89 da LEP, art. 10 da Resolução nº 4/2009, no Estatuto da Criança e do Adolescente e nas regras 50 e 51 das Regras de Bangkok. Existe *um único banheiro* que não está em boas condições e os chuveiros disponíveis ora têm água muito quente, ora apenas água fria. Ressalte-se que a higiene dos bebês e das mulheres é realizada neste mesmo banheiro. Uma questão essencial que chamou a atenção de toda a equipe de visita foi *o fato desta Ala não ter água potável, ou seja, para conseguir água adequada para o consumo, as gestantes, lactantes e com filhos precisam solicitar às (aos) agentes para que elas tragam garrafas de água e, como relatado por diversas mulheres, nem sempre as(os) funcionárias(os) da unidade executam esta ação*. Portanto, muitas vezes *as mães são obrigadas a dar água do chuveiro para seus bebês*. Ouvimos reclamação de todas as mulheres, no que se refere à alimentação, que esta é de péssima qualidade e muitas vezes insuficiente, principalmente se levarmos em conta que gestantes e lactantes necessitam de uma alimentação mais saudável e balanceada.

A refeição muitas vezes está azeda ou com insetos e também é servida para os bebês que começam a se alimentar. As gestantes relatam que é bastante comum elas se sentirem mal, inclusive vomitarem, depois de se alimentar. As gestantes e lactantes nos informaram que algumas vezes é servido apenas sopa e, que apesar de manifestarem sua necessidade a outros tipos de alimentos, a elas foi informada pela equipe de segurança que a dieta foi baseada em prescrição médica. Neste sentido, solicitamos que nos fosse apresentada tal prescrição, mas este documento não se encontrava no setor. Questionamos, ainda, se as presas tinham sido informadas sobre a orientação médica que alterou substancialmente seu cardápio e elas não tinham conhecimento do fato. Esta rotina alimentar das mulheres grávidas, com filhos e lactantes da PFDF está claramente desrespeitando a regra 48 das Regras de Bangkok. (BRASIL. RELATÓRIO DE VISITA À PFDF, 2015, p. 17-18)

Destaquei, em itálico, alguns dos trechos do Relatório a respeito das instalações físicas destinadas às MGSP. Dentre esses, destaco o fato de mulheres gestantes ou com seus bebês dormirem em beliches e, havendo, com isso, não só risco de queda para o bebê, mas uma situação pouco digna para qualquer mulher após o quinto mês de gestação, ter que pular para dormir no segundo andar de um beliche; a inexistência de qualquer estímulo destinado às crianças, uma vez, que é um direito da mãe e da criança manter o seu bebê junto a si até 6 meses de idade, a não ser que o presídio não ofereça condições. E, segundo os pareceristas, *“o espaço claramente não está adaptado para receber crianças”*; *o fato de a ala não o fato desta Ala não ter água potável*, fazendo com que as mulheres, em razão do não atendimento à solicitação de água, precisem dar água do chuveiro para seus bebês. Ademais, há comida, ocasionalmente, estragada e com insetos, e em desacordo com necessidades nutricionais dessas mulheres. De acordo com Art. 89 da Lei de Execuções Penais, Nº. 11.942/2009:

Art. 89. Além dos requisitos referidos no art. 88, a penitenciária de mulheres será dotada de seção para gestante e parturiente e de creche para abrigar crianças maiores de 6 (seis) meses e menores de 7 (sete) anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável estiver presa”.

Para tal, conforme o Art. 83 da mesma Lei:

§2º. Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade”.

Apesar de estes serem direitos humanos assegurados às MGSP expressamente pela Constituição Federal, na prática, como podemos confirmar no Mecanismo Nacional

de Prevenção e Combate à Tortura, o que ocorre é bem diferente. São notórias as lacunas do Poder Público, do Estado Brasileiro no manejo da PFDF, especialmente, no tocante às MGSP e às mulheres que tenham dado à luz e estejam amamentando os seus bebês.

(75) Segundo o GDF, a obra não teve custos para os cofres do Executivo. A mão de obra foi da Secretaria de Justiça e Cidadania, e os materiais utilizados foram obtidos por doações de órgãos públicos e um centro universitário, informou.

Em (75) os dois complexos oracionais estão organizados em processos verbais seguidos por oração encaixada. No primeiro destaque, apesar de a forma verbal não aparecer, ela está implícita e pode ser reconhecida no modificador “segundo” que acompanha o dizente “o GDF”. Ainda sobre este destaque, no recorte “a obra não teve custos para os cofres do Executivo.”, o processo material é apresentado, em uma perspectiva ergativa, ou seja, como se acontecesse por si mesmo. No segundo destaque, o processo verbal “informou” está associado à verbiagem, em uma oração encaixada, “A mão de obra foi da Secretaria de Justiça e Cidadania, e os materiais utilizados foram obtidos por doações de órgãos públicos e um centro universitário”, cujo dizente “o GDF” está sendo retomado por processo de elipse. Ademais, a escolha verbal desse processo “informou” em lugar de outros, como “disse”, “falou”, entre outros, confere uma maior credibilidade ao que está sendo dito. Assim, nesses dois destaques do excerto em questão, podemos notar que o discurso da voz autoral constrói-se para justificar que, apesar de a obra ter sido realizada na PFDF, os recursos para arcar com ela não são provenientes dos cofres do Executivo. Em vez disso, a mão de obra para realização da referida obra ficou a cargo da “Secretaria de Justiça e Cidadania” e o material foi doado por órgãos públicos e por um centro universitário sobre o qual não consta especificação se é público ou privado. Neste ponto, cabe refletirmos sobre três escolhas lexicais: “Executivo”, “Secretaria de Justiça e Cidadania” e “órgãos públicos”. O termo Executivo é uma forma abreviada de referir-se ao Poder Executivo, o qual, de acordo com a constituição de nosso país, tem a atribuição de governar e administrar os interesses públicos. No Distrito Federal, este Poder Executivo é representado pelo GDF. A Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania do Distrito Federal (Sejus) é um órgão subordinado ao Poder Executivo, no caso, ao GDF, e que tem suas ações reguladas por atos deste Poder Executivo. Os órgãos públicos são unidades com atribuições específicas dentro da organização

do Estado. Nesse caso, podemos observar que as escolhas lexicais trazem um entendimento divergente do que a voz autoral, chancelada pelo dizente “o GDF” tenta construir, pois os custos para realizar as obras são provenientes, sim, dos cofres públicos. Por que tentar mascarar tal informação? Nesse sentido, as escolhas lexicais do autor podem ter explicação na tentativa de não causar ainda mais indignação na sociedade que não reconhece nessas MGSP um dos seus.

(76) A pasta afirmou que a maior parte das detentas grávidas chegam ao presídio sem pré-natal. Ao dar à luz e retornar à prisão, a interna passa por uma triagem do núcleo de saúde e é encaminhada para atendimento com ginecologista e equipe multiprofissional.

No excerto (76), a escolha verbal do processo “*afirmou*” em lugar de outros verbos discendi, juntamente com o dizente “*A pasta*”, parece apontar para uma representação de credibilidade do Estado, pois “*afirmou*”, em vez de “*disse*”, confere uma maior credibilidade ao que está sendo dito. A oração projetada “*a maior parte das detentas grávidas chegam ao presídio sem pré-natal.*” tem a explicação para o seu uso no segundo complexo oracional que visa a enumerar que, na PFDF, a maioria das MGSP têm mais acesso a um acompanhamento médico da gestação e do puerpério que teriam antes de serem presas.

(77) O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina faz a doação de roupas conforme o tamanho da criança, além de cueiro, toalha, meias, luvas, cobertos, fraldas e sabonetes, informou.

Este excerto (77), em uma oração material projetada pelo processo verbal “*informou*”, nos mostra que “*O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina*” é o ator responsável pelo processo material “*faz*” que acompanha modalização pela nominalização de doar “*doação*” de “*roupas*”. No entanto, quem faz as doações não é o “*O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina*”, mas são os próprios parentes das MGSP, grupos de caridade, entre outros. Aqui, o processo material “*faz a doação*” está sendo utilizado em lugar de “*seleciona e distribui*” o que foi doado. Em (77), a organização do discurso evidencia a importância de representar positivamente o GDF e de mostrar que este cumpriu a determinação judicial relativa às MGSP.

Assim, em síntese, foram encontrados os seguintes processos discursivos, como mostra o **Quadro 15**, abaixo:

Quadro 15 - Processos distribuídos por participantes nos Comentários de Leitores do Texto III

Processos	Participantes	Exemplos
Materiais	<i>A Penitenciária Feminina do Distrito Federal a maior parte das detentas grávidas a interna O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina</i>	<i>recebeu chegam passa, encaminhada faz</i>
Verbais	<i>o GDF A pasta O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina</i>	<i>informou afirmou informou.</i>
Relacionais	<i>o presídio Colmeia a unidade o espaço antigo a obra A mão de obra</i>	<i>tem conhecida contava passa a ser teve foi</i>

O **Quadro 15** mostra a relevância da recorrência de processos materiais, mas também, de processos relacionais, o que pode apontar para a necessidade do texto de expressar o evento ocorrido, bem como atribuir qualidades que demonstrem os papéis realizados pelos atores. Assim, os processos materiais correspondem à maior parte dos processos. Como participantes desses processos, destaco as MGSP sendo representadas como uma classe, como um grupo, como em: “20 gestantes, detentas grávidas”, o que contribui para construir representações desses atores sociais por genericização.

A respeito das realizações lexicais escolhidas para representar as MGSP, temos a **Figura 18**:

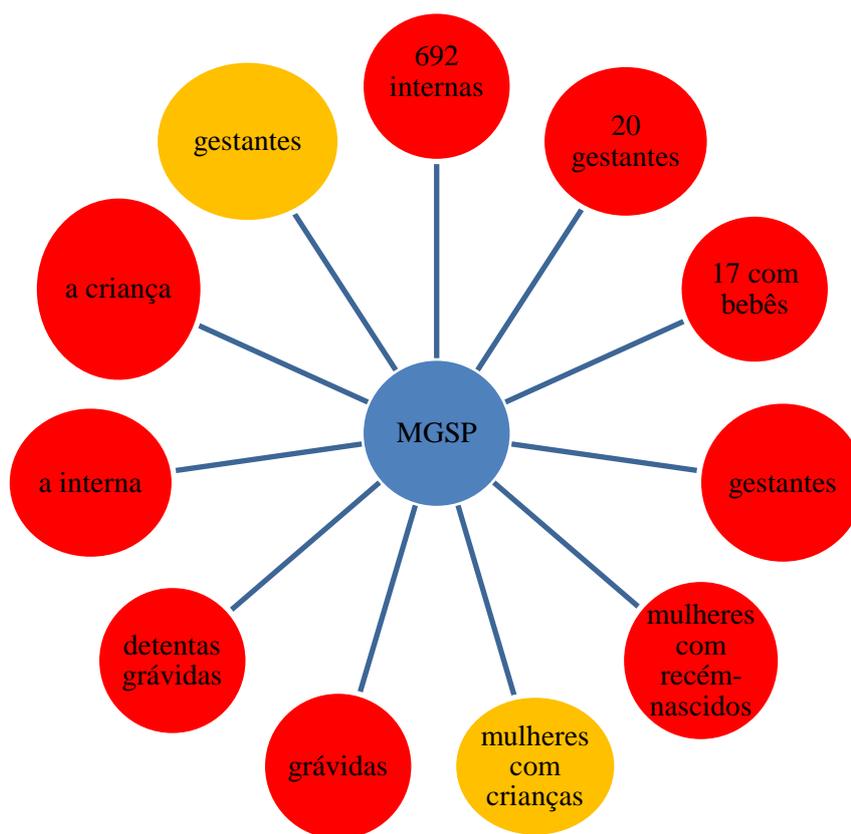


Figura 18 - Realizações discursivas das representações das MGSP, na Notícia III, de acordo com os tipos de processos

Conforme análise do sistema de transitividade e síntese de realizações discursivas, organizada na **Figura 18**, podemos observar que a escolha por representar ações e eventos por meio de processos materiais, como em: “[...] *por meio de doações*” e “[...] *faz a doação*”, pode contribuir para representar as MGSP, na maioria das vezes, como meta ou como beneficiárias desses processos e enfatizar a existência de benfeitores que, neste caso, são materializados como “GDF”, “Secretaria de Justiça e Cidadania”, “órgãos públicos e um centro universitário” e “O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina”.

f) análise do contexto situacional das reações ao Texto III

As duas notícias intituladas “Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF” e “Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia”, aqui analisadas, tiveram muito mais repercussão entre os leitores

que a notícia “*GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina*”, a qual não recebeu um comentário sequer.

O fato de a terceira notícia não despertar nenhum comentário é significativo. O discurso de reação dos leitores aos Textos I e II, analisadas nas alíneas “b”, e “d” da **seção 3.3.1**, mostra uma efetiva indignação dos internautas não pelo evento ocorrido com uma mulher, mas pelos custos que mulheres como elas acarretam ao Estado. E, na terceira notícia, em que a voz autoral tenta mostrar que para inaugurar berçário com mais 22 leitos na PFDF, não foi necessário gastar o dinheiro da sociedade, os leitores simplesmente não se manifestam, o que pode apontar para uma reação de concordância. Ou seja, já que, supostamente, não foi gasto dinheiro público, a que se pode reagir? A esse respeito, em uma análise mais crítica, podemos pensar em uma indignação seletiva, em que a própria ausência de comentários chancela que a sociedade ignora quem, de fato, ela estigmatiza como excluído, como marginal.

Assim, nesta seção, procurei analisar, numa abordagem crítico-discursiva, as formas de representação dos atores sociais MGSP, a partir da descrição do sistema de transitividade, nos segmentos oracionais das notícias e dos respectivos comentários eletrônicos, produzidos por jornalistas e por leitores. Para isso, utilizei as categorias sistema de transitividade, englobando componentes das orações, como: processos, participantes e circunstâncias, propostas por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), bem como as categorias das redes de representação dos atores sociais, pelas categorias de exclusão e de inclusão, propostas por van Leeuwen (1997).

Na **seção 3.3.2**, a seguir, procuro responder às seguintes questões de pesquisa: 2. *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?*; 2.1 *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?* e 3. *Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?*

3.3.2 Algumas reflexões sobre como são representadas as mulheres gestantes em situação prisional nas notícias eletrônicas e nos comentários eletrônicos

Para a ADC, o discurso é constitutivo da vida social e é constituído por ela, o que coincide com a perspectiva da LSF, para a qual analisar um segmento oracional, a partir de seu sistema de transitividade, possibilita uma compreensão das relações estabelecidas entre os elementos linguísticos escolhidos pelo autor para representar atores e eventos sociais. Desse modo, podemos depreender a oração como uma dimensão de representação do mundo. É com essa perspectiva em mente que procuro analisar como as orações que compõem tanto as notícias, como os comentários de leitores, revelam marcas discursivas de como são representadas as MGSP em discursos sobre eventos relativos a elas.

Assim é que, com base na análise do sistema de transitividade dos textos que compõem as notícias analisadas **na seção 3.3.1**, a **Tabela 2** resume, “sob a forma de uma rede de sistemas” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 216), a resposta desta pesquisa à questão: 2. *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?*

Tabela 2 - Inclusão e exclusão de atores sociais nas notícias eletrônicas

Texto	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
Notícia I	MGSP	12	5	17
	A criança	6	4	10
	Associação	1	2	3
	Médicos e enfermeiros	2	2	4
	Agentes Penitenciárias	4	2	6
	Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania	5	2	5
	Equipe de plantão	2	1	3
	SAMU	2		2
	O presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras	2	1	2
	Equipe de saúde	1	3	6
	Penitenciária Feminina	1		1
Notícia II	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de

				Participações
	Justiça	4	2	6
	mães de crianças até 7 anos	2	2	4
	grávidas	4	1	5
	OAB	2	2	4
	GDF	5	3	8
	detentas que acabaram de ter filhos,	1	3	4
	as internas que atendam as condições previstas	1	-----	1
	Elas	1	-----	1
	Ginecologistas	1	-----	1
	Médicos	2	-----	2
	Presas	1	-----	1
	Uma detenta	1	6	7
	A criança	1	6	7
Notícia III	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	A PFDF	1	1	2
	GDF	2	2	4
	692 internas	2	-----	2
	20 gestantes	2	-----	2
	17 com bebês	2	-----	2
	gestantes	2	2	4
	Mulheres com recém-nascidos	1	2	3
	Mulheres com crianças	1	2	3
	Grávidas	1	2	3
	Detentas grávidas	2	-----	2
	A interna	2	-----	2
	A criança	1	6	7
	Secretaria de Justiça e Cidadania	1	1	2
	Órgãos públicos	1	1	2
	Um centro universitário	1	-----	1
	A pasta	2	1	3
	Ginecologistas e equipe multiprofissional	1	1	2
O Núcleo Materno Infantil da PF	1	-----	1	

De acordo com os dados da **Tabela 2**, apesar de as diferenças não serem tão discrepantes, podemos observar que os atores sociais mais excluídos são as MGSP.

Os demais atores sociais estão representados de modo a destacar suas iniciativas, suas reivindicações, em contraste com as MGSP que são incluídas no discurso para, em seguida, serem excluídas, uma vez que são representadas generalizadas como uma classe e distante dos autores das notícias e dos demais atores representados.

Nas três notícias analisadas, a ausência de marcas que possibilitem a identificação de um autor sugere um encobrimento da voz autoral, o que ecoa a afirmação de que “o modo como a maior parte da representação é atribuída a fontes que não a pessoa do escritor propriamente dito.” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 220). Isso que pode apontar para uma supressão por encobrimento do próprio autor.

Assim, os resultados, conforme análise do sistema de transitividade e síntese de realizações discursivas, organizada nas **Figuras 15, 16 e 18**, mostram que os usos dos processos materiais, nas notícias I, II e III, ao apresentarem ações e eventos, representam o ator social MGSP, na maioria das vezes, como meta ou como beneficiárias desses processos, por meio de genericização.

Conforme análise do sistema de transitividade dos textos que compõem os comentários eletrônicos analisados na **seção 3.3.1**, a **Tabela 3** resume, “sob a forma de uma rede de sistemas” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 216), a resposta desta pesquisa à questão 2.1 *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?*

Tabela 3 - Inclusão e exclusão de atores sociais nos comentários eletrônicos

Texto	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
Comentários sobre a Notícia I	Prostituta	1	-----	1
	Eu (desinencial) 2	1	2	3
	dessas crianças	1	2	3
	MGSP	-----	5	6
	o Estado	1	-----	1
	mais um bandidinho	1	-----	1
	A maior inocência do mundo	1	-----	1

	Mãe	1	-----	1
	Judiciário	1	-----	1
	Presas	1	-----	1
	Agentes	1	-----	1
	população carcerária	1	-----	1
	Mais uma sementinha	1	-----	1
	Nós (desinencial)	1	-----	1
	uma criança	1	-----	1
	Uma sociedade fétida	1	-----	1
	essas Agentes	1	-----	1
	essas mulheres	1	-----	1
	nesta infeliz	1	-----	1
Comentários sobre a Notícia II	Atores sociais	Inclusão	Exclusão	Total de Participações
	ginecologistas, obstetras e pediatras	1	1	2
	presas	1	1	2
	mãe	1	-----	1
	seus filhos	1	1	2
	BANDIDAS	1	-----	1
	Nós (Desinencial)	1	2	3
	filhos delas	1	-----	1
	os presos	1	-----	1
	a população honesta e trabalhadora	1	-----	1
	MGSP	1	4	5
	as mães de bem	1	-----	1
	quem rouba, mata , furta e trafica	1	-----	1
	O cidadão de bem	1	-----	1
	dessas chocadeiras	1	-----	1

Conforme nos mostra a **Tabela 3**, nos comentários eletrônicos, as MGSP são representadas por meio de genericização e de julgamentos negativos expressos pelas escolhas lexicais “*prostituta*”, “*presa*”, “*mais um bandidinho*”, “*mais uma sementinha*”, “*nesta infeliz*”, “*presas*”, “*BANDIDAS*”, “*os presos*”, “*quem rouba,*

mata , furta e trafica”, “*dessas chocadeiras*”. Assim, as representações têm como ponto de identificação as concepções dos leitores a respeito do que pressupõem caracterizar as identidades coletivas relativas às MGSP.

Os textos analisados podem ser vistos como discursos de poder que concorrem entre si não apenas para informar a sociedade sobre um evento social envolvendo uma parcela da sociedade, histórico e socialmente, estigmatizada como excluída: MGSP, como também, a manutenção do discurso ideológico de que o Estado cumpre a sua parte no papel de responsável por possibilitar processos de ressocialização durante a permanência dessas mulheres em uma instituição prisional. Nesse sentido, a relação entre os eventos pode ser mostrada pelos excertos (41), (60) e (71). Em (41), temos o título, “*dá à luz*”, “*manda... construir*” e “*inaugura*” na seguinte ordem: primeiro o evento que envolve a participante “*detenta*” por meio do processo material “*dá à luz*” em circunstâncias que afetam os direitos humanos “*em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF*” em circunstâncias que indicam local lúgubre, situado em uma instituição de poder do Estado, ocorre e causa uma comoção social ao ser publicizado pela mídia. Em seguida, em (60), vemos que o judiciário se manifesta e, por fim, em (71), observamos que a instituição prisional noticia que resolveu o problema. Em outras palavras, essa progressão materializada nos títulos endossa a ideia de que o Estado já resolveu a situação. É relevante informar que o referido fato, à época, maio de 2015, teve destaque na mídia nacional.

A seguir, apresento um quadro-síntese dos principais resultados da análise, com base nas categorias do sistema de transitividade, das representações de atores sociais e das categorias de avaliatividade analisado em cada uma das notícias, bem como em cada um dos comentários.

Quadro 16 - Síntese de resultados da análise das notícias e comentários

Notícia I	
Categorias	Principais resultados analíticos
Transitividade	Apesar de as MGSP serem incluídas como participantes dos processos materiais, as escolhas lexicais para realizá-las como tal, na relação com outras escolhas discursivas, expressam representações de MGSP com agência opaca, cujas realizações apontam para generalizações muito mais em termos dessas mulheres como um grupo: o das “ <i>detentas</i> ”

	<i>grávidas</i> ” do que como pessoas, como indivíduos.
Representação de atores sociais	As escolhas léxico-gramaticais apontam para representações do ator social MGSP que apesar de incluído, em alguns momentos, tem sua agência ofuscada em relação às práticas sociais e, em outros momentos, tem sua agência enfatizada, quando, por exemplo, no excerto (4), é mencionado que “ <i>uma das detentas grávidas chamou a equipe de plantão já com o parto em andamento</i> ”, mas não é mencionado que não havia uma equipe médica de plantão para atendê-la, o que demonstra que violações aos Direitos Humanos não são pontuais, mas sim, frequentes. Outro fator importante é que autoridades, como: o presidente da Associação de Agentes Penitenciários e a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania são incluídas por nomeação e as MGSP são incluídas, normalmente, por genericização. Genericização esta que é estendida aos seus filhos.
Avaliatividade	Na notícia, o recurso semântico afeto é manifestado pelo uso da circunstância temporal, no excerto (3) “ <i>Na semana do Dia das Mães</i> ” seguida do relato sobre o evento ocorrido com uma MGSP. Essa circunstância expressa comoção e, de certa forma, solidariedade diante de situação tão degradante a que foi submetida outra pessoa. Os usos de termos, como: detenta, uma das detentas grávidas, também caracterizam a subcategoria julgamento, do subsistema de atitude do sistema de avaliatividade.
Comentários eletrônicos sobre o texto I	
Transitividade	A análise do sistema de transitividade aponta para representações do ator social MGSP que apesar de incluído, tem sua agência e são referenciadas com base em julgamentos relativos à situação prisional, como podemos observar nos exemplos “ <i>prostitutas, presas, mais uma sementinha</i> ”.
Estigma	As escolhas lexicais “ <i>bandidas, os presos, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras</i> ” são maneiras de representar as MGSP por meio de genericização, o que denuncia uma concepção genérica de que todas as MGSP são pessoas com descrédito social.
Avaliatividade	A análise do sistema de avaliatividade mostra o julgamento negativo que os leitores fazem das MGSP em razão do estigma de marginalizadas, enfatizando que o fato de considerarem-nas como “diferentes” está fortemente relacionado ao fato de considerarem-nas “nocivas” para a sociedade e como “desvios” dos padrões desejáveis pela sociedade.
Notícia II	
Transitividade	
Representação de atores sociais	Nessa distribuição de processos, podemos notar que as MGSP aparecem numa intensidade extremamente menor que os demais atores e que, quando elas aparecem, cumprem um papel de participantes não envolvidos diretamente nos processos, apesar de fortemente afetadas pelos processos materiais apresentados. Além disso, realizações por meio de substantivos no plural indicando

	um grupo único, como “ <i>detentas que acabaram de ter filhos, presas, as internas que atendam as condições previstas e grávidas</i> ” constroem a representação de atores sociais por genericização.
Comentários eletrônicos sobre o texto II	
Transitividade	Processos materiais, como “ <i>sustentar, atendimento (nom.), tem, pagar</i> ” tem as MGSP como participantes, desempenhando uma função de beneficiárias dos processos realizados por atores, como “ <i>Nós, Plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras, as mães de bem e o cidadão de bem.</i> ” Em outras palavras, as MGSP são beneficiadas enquanto os ditos cidadãos de bem arcam com seus custos.
Avaliatividade	Em relação às escolhas lexicais feitas para representar as MGSP estão fortemente associadas às representações atribuídas aos seus filhos também, em que sobressai a utilização de avaliação negativa do tipo julgamento por estima social: mulher presidiária, criança filha de presidiária. De acordo com Martin e White (2005, p. 52), a categoria de julgamento dá conta dos significados cujos alvos são participantes conscientes, tanto individuais, neste caso, as MGSP e as suas crianças, com o uso das escolhas lexicais “ <i>ela, mais uma sementinha, mais um bandidinho, dessas crianças, a maior inocência do mundo</i> ” quanto coletivos “ <i>presa, prostituta</i> ”.
Notícia III	
Transitividade	Conforme análise do sistema de transitividade e síntese de realizações discursivas, podemos observar que a escolha por representar ações e eventos por meio de processos materiais, como em: “[...] <i>por meio de doações</i> ” e “[...] <i>faz a doação</i> ”, colocam o ator social MGSP, na maioria das vezes, como meta ou como beneficiária desses processos e enfatiza a existência de benfeitores que, neste caso, são materializados como “ <i>GDF</i> ”, “ <i>Secretaria de Justiça e Cidadania</i> ”, “ <i>órgãos públicos e um centro universitário</i> ” e “ <i>O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina</i> ”.
Representação de atores sociais	É relevância a incidência dada à necessidade do texto de expressar o evento ocorrido e de identificar os atores sociais. Assim, os processos materiais correspondem à maior parte dos processos: 5; os processos verbais: 3; os processos relacionais: 5. Como participantes desses processos estão as MGSP sendo representadas como uma classe, como um grupo, como em: “ <i>20 gestantes, detentas grávidas</i> ”, o que contribui para construir representações desses atores sociais por genericização.

Observando o **Quadro 16**, destaque, primeiramente, que as representações discursivas a respeito de MGSP, nas notícias e nos comentários eletrônicos, instanciam

maneiras de “produção social de identidade e de diferença” (SILVA, 2000, p. 73), já que, como discutido no Capítulo 1, identidade e diferença podem ser vistos como fatores socialmente construídos e atribuídos à linguagem. Nas palavras de Silva (2000), identidade e diferença “não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.” (SILVA, 2000, p. 81). Assim, tal entendimento implica reconhecer que a definição discursiva e linguística de identidade e diferença está sujeita a vetores de força e a relações de poder. Essa disputa pela identidade, por sua vez, envolve a necessidade de afirmação da identidade e a enunciação da diferença como reflexo do desejo de grupos sociais assimetricamente situados em “garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. No caso dos discursos analisados, o grupo social de MGSP é representado como “menos privilegiado” e, por conseguinte, com menos possibilidade de acesso aos bens sociais.

Nesse sentido, a síntese dos resultados analíticos, no **Quadro 16**, possibilita observar a recorrência das representações das MGSP por genericização e por avaliações negativas, tanto nas notícias quanto nos comentários eletrônicos. Segundo van Leeuwen (1997, p. 191), a genericização está fortemente relacionada a uma visão da realidade em que as entidades são generalizadas em classes e os participantes específicos são referenciados como espécimes de determinadas classes. No caso das notícias analisadas, a realidade é constituída por processos materiais e verbais em que os atores ativos são autoridades, como: agentes prisionais, a justiça, o Governo do Distrito Federal, entre outros e as MGSP são participantes de processos que as colocam como beneficiadas, clientes ou mesmo meta dos processos realizados por outros atores. Segundo van Leeuwen (1997), isso contribui para criar “uma espécie de realidade de segunda ordem.” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 191).

Em resposta à questão de pesquisa 2. *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em notícias eletrônicas?*, temos nas três notícias indicações de uma concepção limitada e parcial da realidade, em que só a uma classe dos participantes é dado o direito de expor sua versão: atores com autoridade e às MGSP é dado um papel de segunda ordem, para as quais não é concedido espaço, nas práticas discursivas, destinados a ouvir, de alguma forma, as vozes dessas mulheres.

Ainda a respeito de como os atores sociais são representados nas notícias, há uma colocação de van Leeuwen (1997) que se alinha às representações atribuídas às

MGSP nas notícias em questão. Para este autor, “nos jornais dirigidos à classe média, os agentes e especialistas governamentais tendem a ser referidos especificamente e as pessoas comuns, genericamente.” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 191). Por conseguinte, essa discrepância nas formas de referência aos atores sociais corresponde ao que o autor chama de “ponto de identificação”, o que, no caso nas três notícias, mostra que “o mundo em que existem as especificidades de cada um” (*ibidem*) não seja o mundo das mulheres gestantes em situação prisional, mas o mundo das autoridades.

Em resposta à questão de pesquisa *2.1 Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?* e concernente às representações das MGSP, ainda é possível destacar que o que se percebe claramente é que, nos comentários, nas escolhas lexicais: bandidas, os presos, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras, há a presença do alinhamento intragrupal de MGSP na representação delas como atores sociais estigmatizados como sujeitos ao insulto e ao descrédito. (GOFFMAN, 1988, p. 115).

Nesse sentido, a partir da análise do sistema de transitividade, da rede de representação de atores sociais e do sistema de avaliatividade dos excertos de (41) a (71), é possível discutir a maneira como tanto os autores das notícias como os leitores responsáveis pelos comentários postados selecionam recursos semânticos e léxico-gramaticais em seus textos, acentuando a avaliação negativa, principalmente, por julgamento de estima social de MGSP e, por conseguinte, contribuindo para a manutenção de discursos que sustentam socialmente a exclusão desses atores sociais.

3.3.3 Articulações entre discurso e realidade social

Para articular, então, as representações nas micronarrativas de vida das MGSP e as representações nas notícias e nos respectivos comentários eletrônicos, visando às implicações disso na realidade social, importa ressaltar os sentidos da relevância cultural e da espessura social (SÁ, 1994 *apud* SÁ, 1998, p. 50) das maneiras como MGSP são representadas em discursos próprios e em discursos do “outro”.

Nesse sentido e respondendo à questão de pesquisa 3. *Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a*

constituição de suas identidades?, a partir da análise do sistema de transitividade, da rede de representação de atores sociais e do sistema de avaliatividade dos excertos de (1) a (40), bem como dos excertos de (41) a (71), é possível depreender que as representações de ressocialização autoatribuídas em discursos de MGSP diferem das representações de beneficiadas que são recorrentemente atribuídas às MGSP e, amplamente, divulgadas e reproduzidas em notícias e em comentários eletrônicos. Em suas micronarrativas, as MGSP autoatribuem representações negativas, mas não como beneficiadas, mas sim, como pessoas em processo de ressocialização. Contudo, é possível perceber que as representações que lhes são atribuídas contribuem para a constituição de identidades desejadas, conflituosas e marcadas pela pobreza, pela situação de rua, pela gravidez na adolescência, pela maternidade na adolescência, pelo desemprego ou pelo histórico de exploração no trabalho, pela pouca ou nenhuma escolaridade, pelas famílias desestruturadas, pelo uso de drogas e marcadas por estigmas de estigma social.

Assim, na articulação desses dados, podemos considerar que “O fato de dizer o que somos é dizer o que não somos. E a identidade e a diferença trazem a ideia de quem pertence e de quem não pertence, ou seja, de quem está incluído ou excluído.” (SILVA, 2000, p. 83). E, transpondo essas considerações para os resultados que mostram como são representadas as MGSP em micronarrativas de vida, em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos, há indicativos de um não pertencimento dessas mulheres à parcela da sociedade que pode superar suas dificuldades e ressignificar suas representações. Nesse sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999), ao apresentarem sua visão de práticas sociais como “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos, materiais ou simbólicos, para agirem juntas no mundo”, (*ibidem*, 1999, p. 21) demonstram especial atenção às questões decorrentes das mudanças sociais, globais e, ainda, acerca das estruturas cristalizadas na realidade social. E, como nos mostram as análises dos dados, atribuir representações negativas MGSP é uma prática social cristalizada em nosso país, mas passível de ressignificações.

Finalizadas as análises, nas **Reflexões Finais**, retomo as etapas da orientação teórico-metodológica da ADC realizadas neste estudo, sintetizo os principais resultados da pesquisa e teço algumas reflexões sobre suas limitações e contribuições com relação

a futuras ações de atenção básica às MGSP no que concerne à garantia e à proteção da dignidade da pessoa humana.

REFLEXÕES FINAIS

*Mulheres encarceradas, quantas prisões
estão sendo forjadas?*

*Mulheres encarceradas, para o Estado é só
um número e mais nada.*

[...]

*O portão bate, ouço as trancas, “se
levanta!”, “tire a roupa!”, “abre as
pernas”, “vê se não me engana!”*

*Sinto tapa na cara, banho gelado, peito
fechado. O couro come, mas às feridas da
alma nada é comparado.*

[...]

O martelo bateu, meu mundo se partiu.

O olhar de outra classe me atingiu.

[...]

*Mulheres encarceradas, quantas prisões
estão sendo forjadas?*

*Mulheres encarceradas, para o Estado é só
um número e mais nada.*

Rap “Mulheres Encarceradas”, Sankofa – Movimento Mulheres no Hip Hop de São Paulo.

Vivemos em tempos interessantes, em que aspectos negativos da globalização imaginada (GARCIA CANCLINI, 2007) afetam progressivamente as realidades locais. Além disso, essas realidades locais são marcadas por profunda instabilidade social, em que progressivamente o “eu” é afetado pelo discurso do “outro”. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi compreender que implicações, em termos de realidade social, têm as representações linguístico-discursivas atribuídas pelo “outro” nas representações linguístico-discursivas autoatribuídas em discursos de MGSP.

Magalhães (2000, p. 149) endossa Berman (2000) com relação a algumas representações de grupos em situação de vulnerabilidade social que se assemelham muito ao problema de pesquisa que é foco deste estudo. Para essa autora, um aspecto que passa despercebido por estudiosos que se propõem a investigar representações discursivas é justamente que a noção da diferença inclui apenas os grupos sociais organizados, deixando “a mercê de sua própria marginalização os segmentos sociais totalmente enfraquecidos, que não têm a liberdade para ‘criar’ sentidos em suas experiências, mas frequentemente têm sentidos impostos sobre eles por atores mais poderosos” (L. BERMAN, 2000, p. 160 *apud* MAGALHÃES, 2000, p. 149). Nesse sentido, o que me propus a discutir, neste estudo são as articulações entre as

representações autoatribuídas em discursos de MGSP e representações atribuídas a elas em notícias eletrônicas e em comentários eletrônicos.

Nesse sentido, ao retomar os momentos constitutivos da orientação analítica da ADC, podemos sintetizar as reflexões, de modo a perceber como, no *corpus* analisado, as representações são manifestadas e quais as relações sociais disso, conforme expresso no **Quadro 17**.

Quadro 17 - Visualização da pesquisa de acordo com os momentos constitutivos da orientação teórico-metodológica da ADC

1) Definição de um problema: diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em discursos de MGSP.	
2) Identificação de obstáculos para a superação do problema	(a) análise da conjuntura: levantamento histórico-social da instalação de um presídio feminino na cidade do Gama, da crescente inserção da mulher gestante no mundo do crime, bem como das políticas públicas que garantem (ou que deveriam garantir) condições básicas de dignidade para as MGSP na Ala de Bebê e Gestante da PFDF.
	(b) análise da prática particular
	(i) práticas relevantes: experiências com a escola, o trabalho, a maternidade e a gestação, entre outros; notícias e comentários eletrônicos a respeito de eventos envolvendo MGSP. (ii) relações do discurso com outros momentos da prática: análise de reflexos da globalização da sociedade pós-moderna, como, por exemplo: a reflexão a respeito da profunda instabilidade social e as relações disso com sistemas de representação que contribuem para legitimar identidade e diferença, de acordo com relações de poder.
(c) análise de discurso	(i) análise estrutural: sistemas de transitividade, redes de representações de atores sociais, sistemas de avaliatividade. (ii) análise interacional: articulações entre os resultados das análises.
3) Verificação do problema na prática: “representações atribuídas” em detrimento das “representações autoatribuídas” como uma forma de afirmação e reafirmação de relações de poder.	
4) Identificação de possíveis maneiras para a superação de obstáculos: esforços no sentido de tornar audíveis as representações de pessoas em processo de ressocialização autoatribuídas nos discursos das MGSP.	
5) Reflexão sobre a análise: as reflexões sobre a análise permearam todos os momentos constitutivos da pesquisa e indicam que há efeitos drásticos sobre as trajetórias dessas mulheres que, em grande parte, tendem mais a se adaptar às representações de cunho negativo que repudiá-las e posicionar-se de modo crítico e digno de respeito.	

Fonte: Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 60 (com adaptações)

Dessa forma, o **primeiro momento constitutivo** consistiu na definição de um problema de pesquisa, que são as diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em discursos de MGSP. Aqui, cabe ressaltar que representações são recorrentemente atribuídas às MGSP e, amplamente, divulgadas e reproduzidas em notícias e em comentários eletrônicos, em detrimento das representações autoatribuídas que emergem dos discursos dessas mulheres.

Para Chouliaraki e Fairclough, práticas sociais são “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agirem juntas no mundo” (*ibidem*, 1999, p. 21). Nessa perspectiva, **segundo momento constitutivo** consistiu na análise da conjuntura e na identificação de obstáculos para a superação do problema, o que implica em três outros estágios. No primeiro, **a)**, a análise da conjuntura, em que foi preciso fazer um levantamento histórico-social da instalação de um presídio feminino na cidade do Gama, da crescente inserção da mulher gestante no mundo do crime, de políticas públicas que garantem (ou que deveriam garantir) condições básicas de dignidade para as MGSP na Ala de Bebê e Gestante da PFDF. Além disso, no **Capítulo 1**, procurei construir um entendimento sobre como pensar quem são e como vivem as MGSP, sobre a relevância do problema de pesquisa que me proponho a investigar e a possibilidade de fazê-lo em termos de representações linguístico-discursivas, por meio da ADC como abordagem teórica e metodológica e tecer discussões, teoricamente fundamentadas, a respeito das relações entre a atual instabilidade social e as perspectivas conceituais de gêneros sociais, de identidades e de representações linguístico-discursivas. Para alcançar o segundo estágio, **b)**, análise da prática particular, foi necessário realizar seleções temáticas a respeito de práticas sociais relevantes nas experiências de vida das MGSP, por meio das micronarrativas sobre experiências com a escola, com o trabalho, com a maternidade e a gestação, entre outras. Ainda nesse estágio, com o objetivo de identificar as relações do discurso com outros momentos das práticas sociais, foi necessário analisar como as MGSP são representadas em notícias e em comentários eletrônicos a respeito de eventos envolvendo o fato de uma MGSP dar à luz em condições que afetam os direitos humanos e outros eventos em decorrência disso. Antes disso, porém, no **Capítulo 2**, apresentei o percurso metodológico que possibilitou constituir o *corpus* desta pesquisa,

a partir de dados gerados por meio de fichas cadastrais, entrevistas semiestruturadas, leitura e seleção de notícias e comentários eletrônicos que foram escolhidas segundo critério de relevância a respeito de práticas sociais envolvendo MGSP na PFDF. No terceiro estágio, **c)**, a análise de discurso demandou uma análise das representações autoatribuídas com base na análise estrutural e interacional a partir de três grandes sistemas: o de transitividade, o de representações de atores sociais e o de avaliatividade. Além disso, foram realizadas análises das representações atribuídas às MGSP em notícias e em comentários eletrônicos, também com base nas categorias acima mencionadas. Assim, no **Capítulo 3**, busquei identificar representações de MGSP, a partir de uma análise documental das fichas cadastrais das MGSP, de uma síntese das notas de campo registradas após cada visita à PFDF, de uma análise das micronarrativas das seis colaboradoras e de uma análise das notícias e respectivos comentários eletrônicos a respeito de eventos envolvendo MGSP, articuladas a uma análise de trechos do Relatório de visita à Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Essas análises foram orientadas pelas questões de pesquisa. Por isso, passo a relacionar o alcance dos objetivos específicos deste estudo aos resultados da análise dos dados a partir das questões propostas .

No **terceiro momento constitutivo**, dediquei-me a mostrar o problema na prática, em que a partir da cristalização dos dados analisados podemos concluir que há diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em discursos de MGSP. E a diferença mais marcante é com relação às maneiras como tanto os autores das notícias como os leitores responsáveis pelos comentários postados selecionam recursos semânticos e léxico-gramaticais em seus textos, acentuando a avaliação negativa de MGSP, como beneficiárias indevidas do erário público, taxadas de bandidas, presas, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras, isto é, nos sistemas de transitividade, de representações de atores sociais e de avaliatividade, ocorre um alinhamento intragrupal MGSP na representação delas como atores sociais estigmatizados como sujeitos ao insulto e ao descrédito (GOFFMAN, 1988, p. 115). Nas micronarrativas das MGSP, por sua vez, na maior parte dos processos, elas são incluídas por ativação, as quais vêm, recorrentemente, acompanhadas por valorações negativas ou por estigmas de defeito de caráter individual atribuídos pela sociedade e autoatribuídos também pelas MGSP.

Assim, as representações são atribuídas pelo “outro” em detrimento das representações autoatribuídas pelas MGSP. Isso indica uma forma de afirmação e reafirmação de relações de poder.

O **quarto momento constitutivo** foi relativo à identificação de possíveis maneiras para a superação de obstáculos e diz respeito às MGSP, aos autores e leitores das notícias e a todos os membros da sociedade. Isso porque, refletindo criticamente acerca de minhas próprias práticas de estudo, de pesquisa e de ação social, percebo que o uso de termos como presa, detenta, interna e o posicionamento de que as pessoas em cumprimento de pena são beneficiárias da sociedade ou um incômodo para sociedade tem efeitos negativos na sociedade. Afinal, até que ponto eu não tenho nada a ver com isso? Na realidade, a profunda instabilidade social tende a nos afetar fortemente a cada ano. E enquanto preferirmos estigmatizar, em vez de dar ouvidos e compartilhar as vozes de pessoas em situações marginalizadas, continuaremos a reforçar discursos de poder que concorrem entre si não apenas para informar a sociedade sobre um evento social envolvendo MGSP. Além disso, contribuiremos para a manutenção do discurso ideológico de que o Estado cumpre a sua parte e que é natural representar MGSP como uma parcela da sociedade, histórico e socialmente, estigmatizada como excluída. Isso implica a abstenção de participação na crescente inserção dessas mulheres no mundo do crime e, de certa forma, numa sociedade organizada, não basta ter consciência da exclusão social dessas mulheres, é preciso agir com criticidade diante de discursos voltados à manutenção de práticas sociais que determinam e perpetuam a exclusão. Em outras palavras, essas cidadãs precisam ter, também, o comprometimento com outras questões sociais, dentro de uma visão política e social para o pleno exercício da cidadania, construção e (re)conhecimento de suas identidades no processo de reintegração à sociedade. Apesar de os discursos das MGSP demonstrarem resignação com relação aos discursos hegemônicos que contribuem com a manutenção de sua situação de exclusão, possíveis discursos de resistência das MGSP podem significar possibilidades para a superação de obstáculos, como a exclusão em razão da situação prisional.

O **quinto momento constitutivo** relativo à reflexão sobre a análise, a qual na realidade, não se restringe apenas o quinta e último momento da orientação teórico-metodológica da ADC, mas configura-se como um pressuposto que permeia todas as

etapas, possibilita concluir que representações como as realizadas pelas escolhas lexicais (terrível, louca da cabeça, apaixonada, danada) podem contribuir para conduzir essas mulheres em suas ações diárias, em suas formas de interpretar o mundo e em um posicionamento de “menos valia”, diante dos processos de ressocialização. No entanto, nas representações autoatribuídas, diferentemente do que ocorre com as representações atribuídas em notícias e em comentários eletrônicos, as MGSP são representadas, em suas projeções para depois da situação prisional, como atores capazes de agir para mudar substancialmente as atitudes que as conduziram até a situação prisional. Entretanto, as representações que lhes são atribuídas por jornalistas e por leitores-comentadores ainda parecem ter efeitos drásticos sobre as trajetórias dessas mulheres que, grande parte dos casos, tendem mais a se adaptar às representações de cunho negativo que repudiá-las e posicionar-se de modo crítico e digno de respeito.

Com relação ao objetivo específico de interpretar criticamente, por meio de análise de micronarrativas de vida, as representações linguístico-discursivas que emergem de discursos de MGSP, como resposta à questão de pesquisa 1: *Que representações são construídas pelas mulheres gestantes em situação prisional em suas micronarrativas de vida?*, as análises indicam que essas representações vêm, recorrentemente, acompanhadas por valorações negativas ou por estigmas de defeito de caráter individual. Estes estigmas são tanto atribuídos pela sociedade como são autoatribuídos também pelas MGSP. Representações como as realizadas pelas escolhas lexicais “*terrível, louca da cabeça, apaixonada, danada*” podem contribuir para conduzir as avaliações dessas mulheres em suas ações diárias, em suas formas de interpretar o mundo e em um posicionamento de “menos valia”, diante dos processos de ressocialização. Em outras palavras, as representações autoatribuídas pelas MGSP apontam para o reconhecimento da exclusão em função da situação prisional, para algumas reflexões ainda tímidas acerca de como lidar com essa exclusão e com a identidade deteriorada. No entanto, com exceção de uma das MGSP entrevistadas, a Santa, todas as outras se autoatribuem representações como pessoas em processo de ressocialização.

Quanto ao objetivo de analisar como as MGSP são representadas pela imprensa em notícias eletrônicas e por leitores-comentadores em comentários eletrônicos, na busca por respostas à questão de pesquisa 2: *Como as mulheres gestantes em situação*

prisonal são representadas em notícias eletrônicas?, as análises apontam que, nas três notícias, há indicações de uma concepção limitada e parcial da realidade, em que só a uma classe dos participantes é dado o direito de expor sua versão: atores com autoridade e às MGSP é dado um papel de segunda ordem, para as quais não é concedido espaço, nas práticas discursivas, destinadas a ouvir, de alguma forma, as vozes dessas mulheres. À questão de pesquisa 2.1: *Como as mulheres gestantes em situação prisional são representadas em comentários eletrônicos?*, as respostas dadas, pelas análises, indicam que, nos comentários, nas escolhas lexicais “*bandidas, os presos, quem rouba, mata, furta e trafica, chocadeiras*”, há a presença do alinhamento intragrupal de MGSP na representação delas como atores sociais estigmatizados como sujeitos ao insulto e ao descrédito (GOFFMAN, 1988, p. 115).

A respeito do objetivo de compreender as diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em discursos de MGSP, na questão de pesquisa 3: *Que diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais e as representações autoatribuídas em micronarrativas de MGSP contribuem para a constituição de suas identidades?*, as análises possibilitam compreender que as diferenças entre as representações atribuídas às MGSP em discursos de outros atores sociais, bem como as representações autoatribuídas em discursos de MGSP apontam que as representações de beneficiadas, que são recorrentemente atribuídas às MGSP, e, amplamente, divulgadas e reproduzidas em notícias e em comentários eletrônicos, são realizadas em detrimento das representações autoatribuídas, como pessoas em processo de ressocialização. Entretanto, as representações que lhes são atribuídas parecem ter efeitos drásticos sobre as trajetórias dessas mulheres que, em grande parte dos casos, tendem mais a se adaptar às representações de cunho negativo que repudiá-las e posicionar-se de modo crítico e digno de respeito. A esse respeito, conforme afirma Sá (1994), representações são “alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura que os alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação.” (SÁ, 1994, p. 40). Nesse sentido, as maneiras como as MGSP são representadas em notícias e em comentários eletrônicos, os discursos dos autores das notícias e dos leitores-comentadores desses textos assumem grande relevância na perpetuação de representações negativas a respeito das MGSP, refletindo, inclusive nas

representações autoatribuídas nos discursos destas. Em outras palavras, os discursos hegemônicos da mídia e dos comentários eletrônicos parecem atuar com a função de suprimir as representações das MGSP como pessoas em processo de ressocialização.

Com relação às limitações desta pesquisa está a tentativa frustrada de dar um retorno às MGSP e às agentes penitenciárias que contribuíram com este estudo. Essa etapa da pesquisa não foi possível devido à negativa da Vara de Execuções Penais ao meu pedido de visita à PFDF após a análise dos dados, sob a alegação de superlotação de mulheres em situação prisional e de escassez de agentes penitenciários para acompanhar a visita. Contudo, apesar dessas limitações, os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que como mostram os resultados das análises dos dados, as representações recorrentemente atribuídas às MGSP e amplamente divulgadas e reproduzidas em notícias e em comentários eletrônicos são realizadas em detrimento das representações autoatribuídas, como pessoas em processo de ressocialização. Assim, a partir das análises, é possível perceber que, para atores sociais, como as MGSP, a pós-modernidade adquire contornos diferentes, uma vez que as representações de natureza negativa que lhes são atribuídas exercem forte influência na forma como suas identidades são ativamente constituídas. Por conseguinte, em geral, as MGSP tendem a resignar-se às representações de cunho negativo ao contrário de repudiá-las e de posicionar-se de modo crítico a resisti-las.

Ao pensar nas contribuições desta pesquisa, ressalto dois tipos: a linguística e a social. Quanto à contribuição linguística, considero que esta pesquisa trilhou o percurso da orientação teórico-metodológica proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999). Por conseguinte, foi orientada pelo entendimento de que as práticas discursivas são materializadas pelas relações entre discurso e diversas outras questões sociais envolvendo a linguagem, como questões de ideologia, de identidades, de representações de atores sociais, de estigma, de gênero, entre outras. Por isso, as análises foram voltadas para os aspectos linguístico-discursivos e articuladas com o sistema de transitividade, com as redes de representações de atores sociais e sistemas de avaliatividade no sentido de construir uma compreensão dos sentidos veiculados pelas estruturas linguísticas. Para tanto, a concepção de discurso como uma prática social constitutiva da realidade e constituída por ela foi fundamental. Reconheço que algumas questões sociais, por exemplo, o modo como escola e educação são representadas nos

discursos de MGSP, entre outras, merecem uma exploração mais ampla e carecem de novas pesquisas.

Quanto à contribuição social desta pesquisa, considero que a construção de conhecimentos científicos à luz da ADC é um modo de contribuir com a militância contra a violação dos direitos das MGSP e com futuras ações de atenção básica às MGSP no que concerne à garantia e à proteção da dignidade da pessoa humana. Além disso, a primeira reflexão que vem à mente é o questionamento “Quem tem o poder de tirar a voz do outro? Quem tem o poder de dar voz ao outro? Como ouvir sujeitos da/ na linguagem?” (TOMÉ, 2010, p. 72). A esse respeito, acredito que esta pesquisa pode contribuir para repensar a necessidade de dar ouvidos às representações das MGSP que não são destituídas de possibilidades de mudanças e nem fadadas à situação prisional pelo resto de suas vidas. Além disso, essa necessidade inclui ainda o reconhecimento da urgência de cada um de nós repensar sobre as representações que a sociedade atribui às MGSP e sobre o potencial dessas representações para a naturalização (VAN LEEUWEN, 1998) e legitimação (THOMPSON, 2011) de discursos hegemônicos que tendem a perpetuar práticas sociais excludentes com relação a determinados grupos sociais. Entre outras estratégias discursivas, é nas escolhas léxico-gramaticais que os discursos imprimem suas representações de atores e de eventos sociais.

Assim, analisar as práticas discursivas de MGSP e de autores de notícias e de comentários eletrônicos, por meio da ADC e à luz das categorias de análise sistema gramatical de transitividade, rede de representações de atores sociais e sistema de avaliatividade, neste estudo, parece ter logrado êxito quanto ao objetivo de compreender que implicações têm as representações atribuídas no discurso do “outro” nas representações autoatribuídas nos discursos das MGSP. Assim, por meio da tessitura de relações entre discursos, identidades, representações e realidade social, pude compreender que a realidade mostra que essas implicações são as piores possíveis, pois contribuem para a exclusão das MGSP. Além disso, ecoam que as representações atribuídas às MGSP proporcionam a elas o entendimento de que a situação prisional será sempre “um sinal de aflição ou um motivo de vergonha” (GOFFMAN, 1988, p. 12-13) implicando em representações autoatribuídas não como pessoas em processo de ressocialização, mas como pessoas estigmatizadas por estigma e por sanção social. No

entanto, para grupos que militam a favor da garantia e da proteção da dignidade das MGSP, a luta deve continuar no sentido de contribuir para que essas mulheres resistam e transformem essa realidade.

Por fim, após a defesa desta tese, atendendo ao protocolo de retorno social de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme Resolução Nº 196, de 10/10/1996, o próximo passo será dar conhecimento dos resultados deste estudo a movimentos de militância contra a violação de direitos das mulheres. E, caso isso não seja possível, no âmbito da PFDF, a intenção é estabelecer contato com Organizações que trabalhem com a premissa de que a garantia e a proteção da dignidade da pessoa humana devem ser objeto de reflexão e de acompanhamento por parte da sociedade. Entre essas organizações, é possível mencionar a ONU Mulheres, com sede em Brasília, que se constitui como uma Entidade das Nações Unidas por meio de ações voltadas para a igualdade de gênero e para o empoderamento de mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. S. D. P. *A avaliação e a linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor – um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional*. São Carlos: Pedro e Paulo Editores, 2010.

BACELAR, R. B. *O gênero textual notícia: do jornal impresso ao on-line*. Disponível in: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/o-genero-textual-noticia-do-jornal-impresso-ao-on-line>> Acesso em 22/07/2016.

BALOCCO, A. E. *A representação de atores sociais em comentários eletrônicos: que figuras habitam o imaginário político dos brasileiros na atualidade?* In: Revista Gragoatá, Niterói, n. 40, p. 423-444, 1. sem. 2016, pp. 423-444. Disponível in: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/652/553>> Acesso em 12/06/2016.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P.M. (orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

BAUMAN, R. Story, performance and event. In: BAUMAN, R. *Contextual studies of oral narratives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. pp. 1-10.

BAUMAN, Z. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2009.

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo*. vol. 1 e 2. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Relatório de visita à Penitenciária Feminina do Distrito Federal – Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura*. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Diagnóstico Nacional de Mulheres Encarceradas: consolidação dos dados fornecidos pelas Unidades da Federação*. Departamento Penitenciário Nacional. Brasília, 2014.

BRASIL. *Lei nº 7.210*, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. V. Art.89, Lei 7.210/84). Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, DF, Seção V. , 13 jul. 1984.

BRASIL. *Lei nº 11.942*, de 28 de maio de 2009. Dá nova redação aos Arts. 14, 83 e 89 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para assegurar às mães presas e aos recém-nascidos condições mínimas de assistência. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, DF, Seção V, 25 nov. 2009.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941. Institui o Código de Processo Penal Brasileiro.

BRASIL. Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde. Brasília, 1996.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

CRESWELL, J. *Research design: qualitative and quantitative approaches*. London: Sage, 1994, pp. 180-197.

CASTILHO, A. de. Entrevista com o linguista Ataliba de Castilho. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. pp. 37-50.

CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: _____. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUPAS, G. *Ética e poder na sociedade da informação*. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Coordenação da tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Media Discourse*. Great Britain: British Library Cataloguing in Publication Data, 1995.

_____. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FETTERMAN, D. M. *Ethnography: step by step*. London: Sage Publications, 1998.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

_____. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FONTANA, A. e FREY, J. H. Interviewing. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000. pp. 361-376.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FOWLER, R. Critical linguistics. In: HALMKJAER, K. (ed.). *The Linguistic encyclopedia*. London; New York: Routledge, 1991. p. 89-94.

FUZER, C. e CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

FUZER, C. *Formas de Representação de Atores Sociais no Contexto Jurídico Penal*. In: The ESPecialist. Pesquisa em Línguas para Fins Específicos. Descrição, Ensino e Aprendizagem, vol. 31, n. 1, 2010. Disponível in: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6238>> Acesso em 12/04/2016.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *A Globalização Imaginada*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1988.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. p. 103-133.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. Systemic grammar and the concept of a science of language. In: WEBSTER, J. J. (Ed.). *On Language and Linguistics*. Volume 3 in Collected Works of M. A. K. Halliday. London and New York: Continuum, 2003. pp. 192-212.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

HERCULANO, I. S. *Formulário de comentários: o fim do leitor passivo na Internet*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 13. 2011. Maceió (AL): Anais Intercom Nordeste 2011, pp. 01-08. Disponível in: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-1120-1.pdf>> Acesso em 02/06/2016.

ILARI, R. Entrevista com Rodolfo Ilari. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. pp. 97-112.

JANESICK, V. J. The choreography of qualitative research design. In: DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Y. S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000. pp. 379-399.

KOCH, I. G. e ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. G. V. Entrevista com Ingedore Grunfeld Villaça Koch. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. pp. 123-130.

LEITE, M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, M. C.r de. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 19-32.

LEMINSKI, P. *Catatau*. 3 edição, crítica e anotada. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

LINCOLN, Y. S. e DENZIN, N. K. The fifth moment. In: _____. (eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. pp. 575-585.

MAGALHÃES, M. I. S. e LEAL, M. C. D. (orgs.). *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora e Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

MAGALHÃES, M. I. A produção do sujeito na interação. In: _____. (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1996. pp. 17-36.

_____. *Introdução: a Análise de Discurso Crítica*. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 21, 2005, pp. 1-11. Disponível in: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300002> Acesso em 20/04/2014.

_____. *Eu e Tu: a constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília: Editora Thesaurus, 2000.

_____. O discurso do outro e a identidade da mulher. Da colonização à década de 1990. In: BARROS, D.L. (org.). *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Editora da USP, 2000b, pp. 207-222.

- MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J. F.; GRIGOLETTO, M. (orgs.). *Práticas Identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Clara Luz, 2006.
- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARTIN, J. R. and WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.
- MARTIN, J. R. and MATTHIESSEN, C. M.; PAINTER, C. *Deploying Functional Grammar*. Shanghai: Commercial Press, 2010.
- MASON, J. Introduction: asking difficult questions about qualitative research. In: _____. *Qualitative researching*. London: Sage Publications, 1997, pp. 1-17.
- MENEZES, K. F. F. L. Discurso de mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2007.
- MILES, M. and HUBERMAN, M. *Qualitative data analysis: a sourcebook of new methods*. Beverly Hills, CA: Sage, 1984.
- MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.
- MOTTA, M. A. *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigações em Psicologia Social. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. The phenomenon of social representation. In: FARR, R. and MOSCOVICI, S. (eds.). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. pp. 3-70.
- NERY FILHO, A. e TORRES, I. M. A. P. *Drogas. Isso lhe interessa?* Salvador: Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas, 2002.
- NEVES, M. H.M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. São Paulo: Unicamp, 1996, pp. 163-199.
- PASSEGGI, M. da C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino. *Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma Linguística Crítica*. Línguas e Letras. Cascavel, vol 8, n. 14, 1º Sem, pp. 13-20, 2007. Disponível in: <<file:///C:/Users/Compaq/Downloads/900-3198-1-PB.pdf>> Acesso em 12/01/2014.

_____. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMALHO, V. e RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília, 2008.

RIBEIRO, H. J. C. *Totalitarismo e cosmovisão: fechamentos da bíos*. In: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 22. Cascável, 2013. pp. 19-27. Disponível in: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index> Acesso em 12/06/2014.

RICHARDSON, L. Writing: a method of inquiry. In: DENZIN, N. K. and LINCOLN, Y. S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000, pp. 923-948.

_____. *Fields of play: constructing an academic life*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1997.

SÁ, C. P. de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Reabilitando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, pp. 183-215.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006, pp. 79-84.

SENNÁ, S. R. C. e DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Mar 2012, Vol. 28 n. 1. Universidade de Brasília, 2008, pp. 101- 108. Disponível in: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf> .> Acesso em 22/06/2016.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. p. 73-102.

SPRADLEY, J. *Participant observation*. 4 ed. Harcourt Brace College Publishers, 1980, pp. 31-32.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão, Revisão de Tradução Leonardo Avritzer. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOMÉ, C. L. Vamos dar voz aos... O pesquisador e os sujeitos de sua pesquisa. In: Renzo, A., Motta, A. L., OLIVEIRA, T. P. *Linguagem, história e memória*. (orgs.). São Paulo: Pontes Editores, 2010, pp. 71-82.

TUSHMAN, M. e KATZ, R. *External Communication and Project Performance: an Investigation into the role of gatekeepers*. Management Science, 1980.

van DIJK, T. A.; HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (orgs.). *Discurso e poder*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

van DIJK, T. A. *Discurso e contexto*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto. 2012.

_____. *Racismo y analisis critico de los medios*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.

_____. Discourse as Social Interaction. In: *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction*. Vol. 2. London: Sage Publications, 1997. pp. 1-37.

_____. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.

van LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

_____. *Discourse and practice. New tools for Critical Discourse Analysis*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

van LIER, L. Ethnography: bandaid, bandwagon, or contraband? In: BRUMFIT, C.; MITCHEL, R. (eds.). *Research in the language classroom*. Exmouth: Modern English, The British Council, 1989, pp. 14-53.

VIAN JR. O. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. *A linguagem de avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico--funcionais com base no Sistema de Avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIEIRA ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F. e VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (orgs.). *Crenças e Ensino de*

Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores. São José do Rio Preto/SP: Pontes, 2006.

VIEIRA, J. A.; BENTO, A. L.; ORMUNDO, J. da S. (orgs.). *Discursos nas Práticas Sociais.* Perspectivas em multimodalidade e em gramática sistêmico-funcional. São Paulo: Annablume, 2010.

WATSON-GECEO, K. A. *Ethnography in ESL: defining the essentials.* *Tesol Quarterly*, Alexandria, v. 22, no 4, p.575-592, 1988.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 7-72.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTAS NARRATIVAS NA ÍNTEGRA E COM MARCAÇÕES

ENTREVISTA COM A COLABORADORA KELLY.

Tempo do áudio: 00h 41m 59s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1 KARINA: – Kelly né?
 2 KELLY: – É.
 3 KARINA: – Kelly, a primeira pergunta que eu tenho para te fazer... eu já expliquei pra você né,
 4 o que é o termo de consentimento da pesquisa e o meu instrumento de trabalho é a narrativa de
 5 história de vida de vocês, então eu queria saber se tem algum ponto principal do qual você
 6 gostaria de partir para me contar um pouquinho sobre você. Algum ponto, tipo, sei lá, da
 7 infância, da adolescência, de agora que você tá grávida, sabe? Alguma parte principal, sabe,
 8 como se fosse uma história né. Dessa história tem alguma parte que mais você, que você
 9 gostaria de partir dela? Assim, mais importante da sua vida?
 10 KELLY: – Acho que a minha infância.
 11 KARINA: – Sua infância?
 12 KELLY: – Uhum.
 13 KARINA: – Você passou a sua infância onde?
 14 KELLY: – Lá com a minha mãe, com meu pai, minha família. Em Santa Maria.
 15 KARINA: – Você tem quantos irmãos?
 16 KELLY: – EU tenho 3.
 17 KARINA: – 3 irmãos, certo. E era uma fase legal?
 18 KELLY: – Era.
 19 KARINA: – Por que, assim... que você acha que é uma fase legal?
 20 KELLY: – Porque... EU não sei. Acho que EU tinha o carinho da minha mãe, do meu pai, da
 21 minha família e quando EU fui crescendo EU fiquei louca da cabeça.
 22 KARINA: – Ah é?! E por quê?
 23 KELLY: – Aí EU perdi tudo isso.
 24 KARINA: – Porque que você define que você ficou louca da cabeça?
 25 KELLY: – Não sei.
 26 KARINA: – Assim, foi mudando?
 27 KELLY: – É. Foi mudando.
 28 KARINA: – Mas você ainda tem os seus pais? Tem seus irmãos?
 29 KELLY: – Tenho.
 30 KARINA: – E você acha então que você que você que se afastou deles?
 31 KELLY: – Porque EU que me afastei. Aham.
 32 KARINA: – Certo. E por que você se afastou deles? O que te chamou a atenção?
 33 KELLY: – EU acho que EU preferi os amigos.
 34 KARINA: – Os amigos lá de Santa Maria mesmo?
 35 KELLY: – É, me arrependi depois, muito.
 36 KARINA: – Por quê?
 37 KELLY: – Porque foi aí que EU me envolvi no crime.
 38 KARINA: – Certo. O seu companheiro, o pai do bebezinho, também fazia parte desse grupo de
 39 amigos?

- 40 KELLY:– Não. **EU** fiquei muito terrível lá em casa e aí a **minha mãe** pediu para **MIM** morar
 41 como a minha tia, lá no Lago Azul, no Goiás. **Aí EU** fui e **conheci** ele, só que antes disso, em
 42 2008 **EU** vim presa e **EU** não conhecia ele de jeito nenhum. **Aí EU** vim presa, quando **EU** saí da
 43 cadeia em 2008, **EU** conheci ele. Quando **EU** conheci ele **EU** mudei a minha cabeça, **EU** fiquei
 44 mais tranquila e tal. **A gente** teve um filho...
- 45 KARINA:– Ah, você já tem um filho.
- 46 KELLY:– Com ele. O **meu filho**, o nome **dele** é **Augusto**, **ele** tem um ano e dez meses.
- 47 KARINA:– Pequeninho.
- 48 KELLY:– Aham. **Aí EU** descobri agora que **EU** estava grá... **Aí EU** fiquei com ele 4 anos. **Aí**
 49 **EU** descobri agora que **EU** estava grávida de novo.
- 50 KARINA:– Aham. Dele, do mesmo pai?
- 51 KELLY:– Uhum. **Aí saiu um mandado** para mim, que aí agora é por isso que **EU** to aqui.
- 52 KARINA:– Pela mesma coisa que você fez em 2008?
- 53 KELLY:– Pela mesma coisa **EU** fiz em 2008.
- 54 KARINA:– Ah tá. Entendi.
- 55 KELLY:– **EU** fiquei aqui só 17 dias da primeira vez que **EU** vim presa. E agora **EU** to
 56 pagando...
- 57 KARINA:– E o seu bebezinho estava pequenininho...Não, você não tinha ainda.
- 58 KELLY:– Não, **EU** não tinha bebê.
- 59 KARINA:– Ah tá.
- 60 KELLY:– Aham.
- 61 KARINA:– Nossa...
- 62 KELLY:– **E grávida. Meu Deus...**
- 63 KARINA:– Aham. E como foi para você deixar o...
- 64 KELLY:– Muito triste. **EU** **sofri**.
- 65 KARINA:– Você que cuidava dele?
- 66 KELLY:– Era. **EU** e o pai dele.
- 67 KARINA:– Aham.
- 68 KELLY:– **A gente** morava junto.
- 69 KARINA:– Sim.
- 70 KELLY:– E para mim **foi muito difícil deixar ele**. Porque **ele** era acostumado só comigo, **ele**
 71 teve um problema de pneumonia no comecinho... quando **ele** nasceu com 15 dias, **ele** quase
 72 morreu, teve duas paradas respiratórias e **EU** que cuidei dele. Sempre, sempre, **EU** que cuidei
 73 dele. E **ele** era muito acostumado comigo, **ele** não gostava de ficar com ninguém. **Aí quando EU**
 74 **vim pra cá foi um baque. Aí EU** tive que deixar **ele** com a minha mãe, porque **ele** sozinho não ia
 75 dar conta de cuidar, né? De uma **criança**.
- 76 KARINA:– Verdade.
- 77 KELLY:– **Aí EU** tive que deixar **ele** ca minha mãe e...
- 78 KARINA:– Mas o pai está acompanhando? O pai vai lá vê-lo?
- 79 KELLY:– Vai, só que a minha mãe não gosta **dele**, minha mãe odeia **ele**. (risos)
- 80 KARINA:– Ah tá. E ele não é assim? Ele faz parte do seu grupo de amigos mas ele não era
 81 envolvido com coisas assim...
- 82 KELLY:– **Não... é, é...** por isso que **minha mãe** não gosta **dele**, porque **ele** é envolvido com isso
 83 e também porque **nós dois** só vivia brigando, **ele** me batia e **minha mãe** não gostava. **Minha mãe**
 84 **falava que eu troquei minha família** toda para ficar com **um marginal** e que **EU** nunca ia dar
 85 valor na **minha família**...
- 86 KARINA:– Mas com você e com as crianças ele era bom?
- 87 KELLY:– **É, é...** de vez em quando. (risos)
- 88 KARINA:– Quando ele... mas ele usa alguma coisa?
- 89 KELLY:– **Usa drogas**.
- 90 KARINA:– E aí quando ele usava que ele ficava alterado?
- 91 KELLY:– **Não, quando ele** usava droga **ele** ficava mais tranquilo.
- 92 KARINA:– **É mesmo?**

- 93 KELLY:– É impressionante!
- 94 KARINA:– Ou seja, a personalidade dele que...
- 95 KELLY:– É, muda.
- 96 KARINA:– Ah tá.
- 97 KELLY:– Muda totalmente.
- 98 KARINA:– Aham, entendi. E agora você está esperando outro bebezinho dele. Mas você já
99 sabia quando veio pra cá?
- 100 KELLY:– Tô. Sabia.
- 101 KARINA:– Ah tá. Então está certo Kelly. Então na descrição da sua infância que era uma parte
102 que você gostava. E agora a maternidade, o que mudou na sua vida? Com a primeira gravidez e
103 agora...
- 104 KELLY:– Mudou totalmente, porque antes EU só queria... era festa de segunda à segunda, EU
105 não tinha juízo nenhum na minha cabeça.
- 106 KARINA:– Aham. Festa lá em Santa Maria mesmo?
- 107 KELLY:– Santa Maria, Lago Azul, Ceilândia...todos os lugares. (risos)
- 108 KARINA:– E você gosta de dançar?
- 109 KELLY:– Gostó.
- 110 KARINA:– Ah tá. E você saía para dançar?
- 111 KELLY:– É, beber e usar drogas.
- 112 KARINA:– É mesmo? Ah tá. E assim, você usava que tipo de drogas?
- 113 KELLY:– Cocaína.
- 114 KARINA:– É mesmo? Que é aquela de...
- 115 KELLY:– Cheirar.
- 116 KARINA:– Cheirar. E aí a mente...
- 117 KELLY:– É... aí quando EU tive o meu filho, EU mudei a minha cabeça totalmente porque ele
118 dependia de mim. Quando EU tive ele não, quando ele adoeceu que EU vi que ele precisava
119 muito de mim e que EU já amava ele demais, era muito impressionante. Que ele era muito
120 pequenininho e EU já amava ele demais.
- 121 KARINA:– Aham.
- 122 KELLY:– Quando ele tava na minha barriga, EU não queria ele, EU queria abortar, fazer de
123 tudo para tirar ele. E quando ele nasceu, ele foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.
- 124 KARINA:– Aham.
- 125 KELLY:– Aí EU mudei totalmente, minha mãe já começou ver que EU tinha mudado, EU
126 comecei trabalhar. EU comecei trabalhar no Mac Donalds. Então EU passei 4 anos na rua.
- 127 KARINA:– Uhum.
- 128 KELLY:– Pra mim ter que voltar pra cá de novo.
- 129 KARINA:– Sim. E o que foi que te fez, em 2008, fazer isso?
- 130 KELLY:– Não sei. Foi uma influen...
- 131 KARINA:– Você falou que esse artigo aqui...
- 132 KELLY:– 157.
- 133 KARINA:– 157 é roubo à mão armada, né?
- 134 KELLY:– É. Uhum.
- 135 KARINA:– Como foi isso? Você nunca tinha feito?
- 136 KELLY:– EU nunca tinha feito. Só que quando EU era de menor EU era terrível, EU
137 aprontava, EU ia pra escola só pra roubar as blusa das meninas, pra roubar tudo, bater nos
138 outros...
- 139 KARINA:– Gente...
- 140 KELLY:– EU era muito terrível.
- 141 KARINA:– Você está com quantos anos agora?
- 142 KELLY:– EU to com 22.
- 143 KARINA:– Certo.

144 KELLY: – Aí quando **EU** fiz 18 anos, no **meu aniversário**, **EU** fui para uma festa e **comecei** a
145 beber, beber, beber, beber, **tomei** um monte de rupinol, **fiquei** louca e aí o **meu amigo** me
146 chamou pra **gente** roubar.

147 KARINA:– Aham.

148 KELLY: – Aí **EU** falei “vamo”, nunca **tinha feito**, né?! **Achava** que era experiência nova...

149 KARINA:– Aham.

150 KELLY: – E fui...

151 KARINA:– Sim.

152 KELLY: – Aí quando chegou lá, **meu amigo** estava com o revólver, aí **a gente** entrou dentro do
153 galpão...

154 KARINA:– Você nunca tinha pego em um revólver antes...? Gente...

155 KELLY: – (risos)... aí **a gente** entrou no galpão e tinha uma moto, aí **a gente** ia pegar a moto **do**
156 **bicho** e **o bicho**... como **a gente** estava muito loco...

157 AGENTE PENITENCIÁRIA – Quando terminar aí, depois sobe pra fazer uns... (initeligível
158 0:07:42).

159 KELLY: – Aí **o bicho** pegou e bateu no meu amigo, bateu, bateu, bateu, espancou **o meu amigo**.

160 KARINA:– O cara da moto?

161 KELLY: – **O dono da moto**.

162 KARINA:– Que ele ia roubar?

163 KELLY: – Aham. Aí **a gente** se... aí **EU** já falei “Meu deus, **o cara** tá matando **o menino**, **o cara**
164 tá matando **o menino**...”

165 KARINA:– E você estava como? Escondida?

166 KELLY: – **EU** estava lá fora... vigiando. Aí **ele** pegou e saiu. Na hora que **ele saiu o bicho** já
167 começou, minha fia, bater **nele** e **nós** já saiu correndo e o revólver não esparrou porque **ele** tava
168 muito louco...

169 KARINA:– O que é esparrou?

170 KELLY: – É... como eu posso te dizer...

171 KARINA:– Não funcionou?

172 KELLY: – Não, tipo... não deu certo.

173 KARINA:– Ele tentou usar e não disparou, não funcionou?

174 KELLY: – Aham. Aí **a gente** pegou e saiu correndo e aí **ele** dispensou na casa **do amigo dele**, o
175 revólver, já deixou lá porque **a gente** já sabia que...já era.

176 KARINA:– Que a polícia poderia vir?

177 KELLY: – Que a polícia poderia vim.

178 KARINA:– Aham.

179 KELLY: – Aí quando **a gente** chegou na casa **dele a polícia** chegou na mesma hora.

180 KARINA:– Uhum.

181 KELLY: – Aí já levou **a gente**.

182 KARINA:– Nossa...

183 KELLY: – Aí **me** levou pra delegacia, **EU** tava muito loca, não **tava** nem conseguindo nem abrir
184 o olho, **minha mãe** chegou na delegacia e falou “Meu Deus, eu não acredito que isso está
185 acontecendo” e **minha mãe** ficou desesperada. Aí quando **EU** acordei mesmo da droga assim, aí
186 **EU** tava aqui já.

187 KARINA:– Meu Deus.

188 KELLY: – Porque tipo assim, não era uma coisa que **EU** fazia mas eu sempre **falo**, **EU** tenho
189 uma irmã de 15 anos e **EU** sempre falo pra **ela** que não vale a pena...

190 KARINA:– Sim.

191 KELLY: – Não vale a pena, **a pessoa** tem que ter consciência porque **essa vida** aqui não é... é
192 horrível. Quando **EU** passei 17 dias...

193 KARINA:– Sim.

194 KELLY: – Pra **mim** ainda não tinha feito nenhuma diferença na **minha cabeça**. 17 dias **pra**
195 **mim**... **EU** saí e **continuei** a mesma coisa, não **queria** saber de nada, não **queria**... aí **EU** queria
196 ficar pior ainda do que **EU** tava.

- 197 KARINA:– Aham.
- 198 KELLY: – Agora não, dessa vez quando EU tive meu filho já entrei aqui com a cabeça mudada
 199 e quando EU me juntei com esse meu marido, eu pra mim na minha cabeça EU penso né? Que
 200 depois que EU me juntei com ele, independente das brigas e tudo, ele pra mim ele me mudou...
 201 pode-se dizer que ele me mudou, que ele me deu um filho, o meu filho mudou totalmente a
 202 minha cabeça e agora esse outro, no começo EU fiquei desesperada porque o meu filho era
 203 muito novinho, EU fiquei desesperada.
- 204 KARINA:– Sim.
- 205 KELLY: – Então... aí EU peguei mais aí agora EU to mais tranquila, no começo EU cheguei...
 206 quando EU cheguei aqui EU só chorava, chorava e essa cadeia ela fez EU aprender mais ainda
 207 que EU já to presa faz 4 meses hoje.
- 208 KARINA:– Sim.
- 209 KELLY: – Então 4 meses a pessoa a gente fala 4 meses e a pessoa fala “Ah, 4 meses...”, mas
 210 pra quem vive aqui dentro é muito tempo...
- 211 KARINA:– É verdade.
- 212 KELLY: – É muito tempo.
- 213 KARINA:– E lá dentro da cela você tem com quem conversar? Com quem se abrir, assim,
 214 porque senão a pessoa...
- 215 KELLY: – EU converso com as menina tudo, EU não tenho, assim, vergonha nenhum. EU
 216 converso com elas todas, são pessoas muito tranquilas.
- 217 KARINA:– Mas essa ala é mais tranquila que as outras?
- 218 KELLY: – É mais tranquila.
- 219 KARINA:– Ah tá. As pessoas são mais assim...
- 220 KELLY: – Porque é pelos bebês, né? As mães ficam mais...
- 221 KELLY: – Tranquilas, não quer muita confusão e tal e nas outras alas não, não estão nem aí.
- 222 KARINA:– Uhum, sim.
- 223 KELLY: – O que der pra elas, se der...demorou (risos).
- 224 KARINA:– Entendi. Tá Kelly, eu vou fazer outras perguntas aqui pra você. Descrição da
 225 família, né? Eu vou pedir para você descrever a sua família, sua mãe, seu pai, a sua irmã e o que
 226 você sente ao falar delas. Sua mãe? O que a sua mãe faz?
- 227 KELLY: – Minha mãe ela é empregada doméstica, só que agora ela saiu do emprego pra cuidar
 228 do meu filho e meu pai ele é bombeiro hidráulico...
- 229 KARINA:– Sim.
- 230 KELLY: – Aí ele trabalha, agora...EU tenho um irmão que ele é casado e a minha outra irmã ela
 231 é casada, faz faculdade na UnB, entendeu?!
- 232 KARINA:– Que legal!
- 233 KELLY: – Ela faz pedagogia...
- 234 KARINA:– Que legal!
- 235 KELLY: – E EU tenho uma irmã de 15 anos também, que estuda, é de casa e pá... é tipo uma
 236 família normal, só EU que sou a ovelha negra. (risos)
- 237 KARINA:– Certo. Mas você sempre se sentiu bem com eles, assim...?
- 238 KELLY: – Sempre me senti bem. EU não posso abrir a minha boca e falar que é culpa da minha
 239 mãe, culpa do meu pai, porque eles sempre me ensinaram o que era certo e o que era errado.
- 240 KELLY: – EU que me deixei influenciar.
- 241 KARINA:– E você se sente bem quando está com eles, assim, agora quando você volta...?
- 242 KELLY: – EU me sinto maravilhosamente bem...
- 243 KARINA:– Aham, eles te tratam bem...
- 244 KELLY: – Porque eles me tratam bem, minha família conversa comigo, eles só não gostam
 245 assim... por causa que EU casei com ele, então depois que acontece EU separo da minha família
 246 na hora pra ficar com ele porque EU gosto muito dele, entendeu? E minha mãe fica chateada...
- 247 KARINA:– Como ele é Kelly?
- 248 KELLY: – Ele pra mim é um cara muito... ele é um cara de boa.
- 249 KARINA:– Assim, como ele é fisicamente?

- 250 KELLY: – Ele é moreno, cabelo cortadinho assim, aí ele pentia de lado...
- 251 KARINA:– Aham... ele tem a mesma idade que você?
- 252 KELLY: – Ele tem 26 anos.
- 253 KARINA:– Ah, certo.
- 254 KELLY:– E ele é alto... não é bonito não mas... (risos)
- 255 KARINA:– Você o acha.
- 256 KELLY: – Eu acho bonito.
- 257 KARINA:– E vocês conversam?
- 258 KELLY: – A gente conversa, a gente é amigo. Só que assim, quando é pra mim falar alguma
- 259 coisa pra ele que EU falo. A mãe dele morreu, as irmã dele moram tudo longe, então... EU sinto
- 260 que EU tenho um dever de cuidar dele... ele é muito estranho...*
- 261 KARINA:– Ele é sozinho, né?
- 262 KELLY: – É estranho e EU sinto que EU tenho que cuidar dele de todo jeito senão ele vai
- 263 surtar, vai enlouquecer.
- 264 KARINA:– E ele nunca foi preso?
- 265 KELLY: – Já.
- 266 KARINA:– Ah tá, mas agora ele não corre risco de ser preso não, né?
- 267 KELLY: – Não, ele está assinando direitinho na VEP...
- 268 KARINA:– O que é a VEP?
- 269 KELLY: – É onde que a gente vai conversar com o Juiz pro Juiz determinar quando a gente sai
- 270 da cadeia o que a gente vai fazer, se vai pagar com serviço comunitário, se vai ficar assinando
- 271 de 2 meses em 2 meses para não vir mais pra cá, até cumprir a pena. A minha pena mesmo é até
- 272 2017.
- 273 KARINA:– Mas presa não né? Você pode cumprir de outro jeito?
- 274 KELLY: – Não, presa não. EU vou... a minha progressão de regime está para o dia 10 de maio.
- 275 KARINA:– Mas só você que está presa? O rapaz que estava junto com você não está?
- 276 KELLY: – Ele está preso por isso, homicídio e um monte de coisa.
- 277 KARINA:– Ah tá, mais coisa.
- 278 KELLY: – Mais coisas.
- 279 KARINA:– Ah, tá certo. Kelly, e a escola? Quando você ia pra escola, você disse que tipo, você
- 280 não via... você via importância de estar ali?
- 281 KELLY: – Não.
- 282 KARINA:– Conteúdo? Era um lugar que você gostava?
- 283 KELLY: – EU me considero uma pessoa muito inteligente, quando EU pego pra estudar
- 284 mesmo, EU consigo. Só que EU ia mesmo pra ficar brincando, enrolando...
- 285 KARINA:– Mais isso até o final do ensino fundamental?
- 286 KELLY: – Até o ensino fundamental.
- 287 KARINA:– Que você era assim, mais atenciosa com os estudos? Ou...
- 288 KELLY: – Não, EU ia para a escola só pra ir mesmo...
- 289 KARINA:– Mesmo criança?
- 290 KELLY: – Mesmo criança e no ensino médio é que EU vi que EU tinha que estudar e tudo,
- 291 mesmo aprontando EU gostava de estudar. Mas isso no ensino médio.
- 292 KARINA:– Que você fez até o segundo, você terminou?
- 293 KELLY: – EU fiz até o segundo não, EU to no segundo.
- 294 KARINA:– Ah, então você vai ter que continuar aqui...
- 295 KELLY: – É, EU vou ter que continuar aqui.
- 296 KARINA:– E como faz pra continuar aqui?
- 297 KELLY: – Aqui tem uma escola.
- 298 KARINA:– Mas você pede...?
- 299 KELLY: – É. Aí EU peço a professora, pra eles encaixa o meu nome, aí eles faz um lista e me
- 300 chama.
- 301 KARINA:– Uhum, entendi.

- 302 KELLY: – Aí como **EU** vou continuar aqui. **EU** vou poder pegar o meu histórico de quando **EU**
 303 comecei a estudar, porque **EU** vou embora em maio e **EU** já vou ter ganhado **neném** e tudo. aí
 304 **EU** vou, tem uma escola aqui no gama que **EU** vou ter que saber direito...
- 305 KARINA:– Seu bebezinho vai chegar a ficar aqui?
- 306 KELLY: – Vai, 1 mês, porque está previsto para o dia primeiro de abril, né? Aí pode nascer...
 307 **EU** vou embora só em maio.
- 308 KARINA:– Mais todas essas gravidezes você fez essa barriga pequenininha assim?
- 309 KELLY: – Pequenininha. **Meu filho** de 9 meses era esse tamanho.
- 310 KARINA:– É mesmo? Não, porque eu na minha primeira gravidez, porque eu fui mãe há 12
 311 anos, né? Aí a barriga era bem pequenininha que nem você. Aí a segunda agora, nossa fez um
 312 barrigão enorme, sabe? Assim, foi completamente diferente, aí eu achava que todo mundo fosse
 313 assim, que na segunda fizesse barrigão.
- 314 KELLY: – Aham. **Minha gravidez** na primeira foi pequeniníssima, **meu filho** nasceu bem
 315 pequenininho.
- 316 KARINA:– Mas você procura se cuidar, se alimentar bem?
- 317 KELLY: – Aqui dentro tem hora que **EU** fico triste, tem hora que **EU** não como. Comida é
 318 muito difícil porque é muito ruim a comida e **você** é uma pessoa grávida, aí **você** já imagina, né?
 319 KARINA:– Saber que...
- 320 KELLY: – Ah, é horrível. Mas **EU** tento colocar umas coisinhas pra melhorar, pra **me** alimentar.
- 321 KARINA:– E Kelly, a Cocaína vicia, né? A pessoa não sente falta disso?
- 322 KELLY: – Quando **EU** cheguei aqui **EU** dei graças a Deus, porque **EU** cheguei.
- 323 KARINA:– Por que você não tinha como pegar?
- 324 KELLY: – Porque **EU** tava louca na rua. **Meu marido** cheirava, **EU** cheirava e tipo, **tava**
 325 descontrolada.
- 326 KARINA:– Sim.
- 327 KELLY: – Aí quando **EU** cheguei **EU** tava mais magra do que isso aqui que **EU** to, de tanto pó,
 328 que **EU** cheirava mas aí depois **EU** fui passando o tempo, pode-se dizer que **EU** to é gorda, de
 329 quando **EU** cheguei aqui.
- 330 KARINA:– A pessoa usa e não sente fome?
- 331 KELLY: – Não sente fome, não sente vontade de dormir e era isso. E quando era sexta, **EU**
 332 cheirava sexta, sábado, domingo, até segunda.
- 333 KARINA:– Nossa...
- 334 KELLY: – Mas era daqueles jeito. 24 horas com **meu filho**, quando **ele** não tava comigo, aí
 335 quando **EU** começava desse jeito assim, 4 dias sem parar, **EU** já deixava **ele** com a **minha mãe**
 336 ou deixava com **alguma amiga minha** porque **EU** morria de medo de acontecer alguma coisa
 337 com **ele** né?
- 338 KARINA:– É porque fica meio sem noção...
- 339 KELLY: – Sei lá, fica **todo mundo** louco...
- 340 KELLY: – É, fica sem noção, **todo mundo** louco.
- 341 KARINA:– Ah tá, pra cuidar dele. Ah tá, certo Kelly. E assim, amigos. Você tem amigos? Uma
 342 melhor amiga? Alguém lá fora e tudo?
- 343 KELLY: – Tenho.
- 344 KARINA:– E quem é?
- 345 KELLY: – A **Cássia**. O nome dela é **Cássia**. **Ela** já ficou presa aqui, só que antes **dela** ser presa,
 346 **EU** já morei com **ela**, a **mãe dela** vem me visitar e...
- 347 KARINA:– Vocês se conheceram onde? Lá mesmo?
- 348 KELLY: – Lá no Lago Azul, **ela** mora lá. E **EU** conheci **ela** e foi **uma pessoa** assim que **EU**
 349 gostei muito, **uma pessoa** que me deu um monte de conselhos, **uma menina** muito assim,
 350 tranquila. Não daquelas **assim** “Ah, eu uso drogas”, ah **ela** trabalha, **ela** trabalha no Hospital de
 351 Base, **ela** é funcionária, que **ela** também já foi presa aqui e **ela** é uma pessoa tranquila, então **ela**
 352 não quer o meu mal...
- 353 KARINA:– Ela também usa?
- 354 KELLY: – Não, só fuma cigarro e maconha.

355 KARINA:– Mas ela foi presa por...

356 KELLY: – Ela foi presa levando droga pra cadeia.

357 KARINA:– Ah tá, porque tem muita gente também que faz isso.

358 KELLY: – Aham.

359 KARINA:– Ah, tá certo. E Kelly, e a outra pergunta, você já trabalhou? Você falou que trabalhou uma época, de que mesmo?

360

361 KELLY: – No Mac Donalds e nunca mais na **minha vida**.

362 KARINA:– Ah tá. Mas você ficava de caixa? Você ficava na cozinha?

363 KELLY: – **EU** trabalhava de tudo, **EU** fazia tudo. Limpeza, caixa, estoque, tudo.

364 KARINA:– Aham, e era muito puxado.

365 KELLY: – Era muito puxado.

366 KARINA:– E eram quantas horas por dia?

367 KELLY: – **EU** trabalhava de 8 as 4.

368 KARINA:– Ah tá. Mas foi você que pediu pra sair?

369 KELLY: – Foi.

370 KELLY: – **EU** não aguentei, é muito pesado e cansativo.

371 KARINA:– E descrição de namoro... você só namorou esse rapaz na sua vida?

372 KELLY: – Não.

373 KARINA:– Ah tá.

374 KELLY: – **EU** já tive caso com outros meninos assim, já **namorei** com um monte de **meninos** que o **meu pai** gost... mais nada sério.

375

376 KARINA:– Nada sério.

377 KELLY: – Pra **mim** não era sério, porque sério mesmo foi só com **ele** porque **EU** nunca mais separei, **fiquei** com **ele** e nunca mais **separei** e **os outros** era um mês dois meses e já separava. E **ele** não, 4 anos e vai fazer já 5.

378

379

380 KARINA:– Nossa... e quando ele soube que você estava grávida pela primeira vez? Qual foi a reação dele?

381

382 KELLY: – Ele ficou doido. Ele tem **uma filha** já de 5 anos e aí quando **a gente** descobriu que era homem, aí **ele** ficou mais doido ainda. Porque **ele** ia ter um casal né?

383

384 KARINA:– Sim.

385 KELLY: – Ai **ele** ficou feliz e tudo... E **EU** falava que ia tirar...

386

387 KARINA:– E você se sentiu bem...

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

KELLY: – Quando **EU** falei que ia tirar, **ele** então falou “Se tirar, você tá ficando doida... **eu** sou o primeiro a te denunciar, porque é a mesma coisa de estar matando **a minha filha**” que já está viva né? Aí **EU** falava pra **ele** que não, que não tinha nada a ver, que **EU** ia tirar porque **EU** estava desesperada porque **EU** não queria **filho**, aí **ele** falou que **EU** não ia tirar, aí foi a hora que **EU** me senti mais aliviada, que eu ia ter **o pai** por perto.

KARINA:– Aham, você se sentiu segura que ele ia ficar com você.

KELLY: – É, **EU** me senti segura.

KARINA:– Ah, tá. E agora, do segundo?

KELLY: – Aí agora **do segundo**, no começo **ele** não acreditou muito, **ele** queria fazer 5 teste. **A gente** já tinha feito um e **ele** não estava acreditando. (risos)

KARINA:– Sim.

KELLY: – Aí **EU** fiz o... a ecografia lá na rua e **a gente** viu que **EU** tava grávida mesmo, de verdade aí **ele**... aí **a gente** começou a ficar mais tranquilo. Depois **desse outro neném** **a gente** não estava nem brigando nem nada.

KARINA:– Aham, mas quando você descobriu esse segundo você parou de usar drogas, assim, você consegue parar?

KELLY: – **EU** par... **EU** vou te falar a verdade. Parar, parar **EU** não parei...

KARINA:– Aham.

KELLY: – **EU** ainda cheirava mais não era tanto igual antes de **EU** não está grávida mais.

KARINA:– Será que faz mal pro bebê?

KELLY: – **Acho** que faz.

408 KARINA:– Assim, porque...

409 KELLY: – **EU** cheirava mais ou menos porque **ele** não deixava, **EU** cheirava escondido.

410 KARINA:– Mas o bebezinho não nasceu com nada né? Assim, o outro, com nenhuma sequela,

411 nada?

412 KELLY: – Não. Quando **EU** tava grávida **do outro**, **EU** cheirava menos ainda, porque **ele** era

413 louco.

414 KARINA:– Sim. E Kelly, a outra pergunta é a descrição do seu filhinho, seu bebezinho. Como é

415 que ele é?

416 KELLY: – Ai meu Deus... **EU** vou chorar (risos). Nossa! **Ele** é lindo demais, sabe? **Ele** é muito

417 lindo, **ele** é pequenininho, **ele** tem 1 ano e 10 meses mas **ele** começou a andar com 1 ano.

418 KARINA:– Nossa, rápido.

419 KELLY: – E **ele** é muito inteligente, **ele** é muito inteligente.

420 KARINA:– Sim.

421 KELLY: – E **ele** é muito...Ah sei lá, **ele** é muito fofinho assim, pequenininho...

422 KARINA:– Ele já fala mamãe?

423 KELLY: – Fala.

424 KARINA:– Já fala tudo?

425 KELLY: – Aham. Agora **ele** já deve estar falando mais coisa ainda.

426 KARINA:– E ele vem aqui te ver?

427 KELLY: – Não.

428 KARINA:– Sua mãe não traz?

429 KELLY: – Não.

430 KELLY: – **EU** prefiro.

431 KARINA:– Aham. Mesmo que venha como visita ele fica aqui né? Nesse espaço?

432 KELLY: – É. Não! Quando **a gente**... como que você fala? Quando **a gente** tem visita?

433 KARINA:– Por exemplo, se a sua mãe quiser trazer o bebezinho, ele não vai visitar você...

434 KELLY: – Não, **ele** entra lá pro pátio também.

435 KARINA:– Aham. Ah, eu achei que fosse separado.

436 KELLY: – Entra lá pro pátio.

437 KARINA:– Aham. E é por isso que você não gosta que ele venha aqui?

438 KELLY: – É, é muito agitado, é muita bagunça, muito barulho, é horrível...

439 KARINA:– Alguém vem te ver, assim?

440 KELLY: – Vem.

441 KARINA:– Quem vem te ver?

442 KELLY: – Minha prima e uma amiga minha. E o cadastro do meu marido também sumiu, só

443 que **ele** não pode vim porque **ele** tá assinando e **tamo esperando** a autorização **do Juiz**. Se **o Juiz**

444 autorizar **ele** pode entrar.

445 KARINA:– Então o pai do seu neném não pode vir? Te ver?

446 KELLY: – Não.

447 KARINA:– Nossa, esse é mais assim, complicado né?

448 KELLY: – É.

449 KARINA:– Assim, e de quem você tem mais saudade?

450 KELLY: – Do meu filho.

451 KELLY: – É, como **ele** está...

452 KARINA:– E a sua mãe Kelly, ela não vem?

453 KELLY: – Minha mãe não vem por causa que **ela** trabalha, assim, agora **ela** está trabalhando de

454 diarista. Então quando aparece **ela** já tem que ir.

455 KARINA:– Eu sei...

456 KELLY: – E é difícil por causa de que **ela** tem que cuidar **do meu filho**, **ela** não tem ninguém

457 pra deixar **ele**, aí tem **o meu sobrinho** também que **ela** cuida...

458 KARINA:– E como você se aqui?

459 KELLY: – Aí fica difícil, **EU** me sinto muito só. É horrível.

- 460 KARINA:– Sentindo falta deles. Eu imagino. E pra você, qual a diferença? O que é a vida de
461 adolescente e agora você vida de adulta? Agora você já é adulta. O que mudou pra você?
462 KELLY: – Tudo.
463 KARINA:– Tudo assim...
464 KELLY: – **EU** posso dizer que tudo.
465 KARINA:– Na sua cabeça, você...
466 KELLY: – Porque na **minha cabeça** antes **EU** era **uma pessoa** descontrolada, **pra mim** o que
467 tocasse demorou...
468 KARINA:– Sim.
469 KELLY: – E agora não. Agora **EU** penso antes de fazer as coisas, **EU** penso antes de falar.
470 Então **EU** acredito que **EU** amadureci um pouco.
471 KARINA:– Certo, ok. E assim, a descrição então do início da trajetória criminal. Você já me
472 contou como foi, que foi o roubo e tal mas você quis fazer aquilo por diversão ou era pra
473 comprar droga?
474 KELLY: – É, por diversão... Não, por diversão.
475 KARINA:– E você nunca tinha pego em uma arma antes?
476 KELLY: – Não.
477 KELLY: – E **esse menino** que **me** ensinou... Não, mais **ele me** ensinou a atirar, um monte de
478 coisa. Nesse mesmo dia.
479 KARINA:– Ah tá, certo. E o arrependimento disso? Que você falou que você tipo que foi uma
480 coisa que você fez que nem imaginava...
481 KELLY: – Demais. Que **EU** fiz achando que não ia dar nada.
482 KARINA:– Aham.
483 KELLY: – Achando que a vida era uma brincadeira e tal, que se **EU** fosse presa **EU** ia sair logo.
484 KARINA:– Aham.
485 KELLY: – Só que não valeu a pena, entendeu?
486 KARINA:– E quando você sair daqui Kelly? Que que você pensa assim? Você acha que ainda
487 pode rolar uma coisa tipo essa ou você...
488 KELLY: – Quando **EU** sair eu quero..... Não, porque 4 anos né? Que **EU** fiquei na rua, não **me**
489 envolveram nem uma vez mais com o crime.
490 KARINA:– Ah tá. Entendi.
491 KELLY: – Então **EU** acho que quando **EU** sair vai ser a mesmo coisa e pior ainda que **EU** não
492 vou querer chegar nem perto desse presídio.
493 KARINA:– Aham, é verdade. Mas o pai do seu filho você quer continuar com ele?
494 KELLY: – Quero, mais ou menos.
495 KARINA:– Não sabe ainda...
496 KELLY: – É, **EU** não sei, por causa que **EU** não sei o que está acontecendo lá fora, né? **Minha**
497 **amiga** e **minha prima** falam coisa. E aí **outras pessoas** já fala outra.
498 KARINA:– Elas te contam o que tipo, ele está fazendo...
499 KELLY: – Contam.
500 KARINA:– Dão notícias do que ele está fazendo?
501 KELLY: – É.
502 KARINA:– Mais ele não está com ninguém?
503 KELLY: – Não.
504 KARINA:– E o uso de drogas você falou que era cocaína... e assim, como é que foi a primeira
505 vez nisso? Como é que você descobriu isso?
506 KELLY: – A primeira vez **EU** tinha 13 anos.
507 KARINA:– Nossa...
508 KELLY: – Eu morava lá na Santa Maria ca **minha mãe**. Eu ia para a escola e **os meninos me**
509 chamava pra ir pra casa **deles** e aí **a gente** ia. Aí uma vez **ele** perguntou se **EU** queria dá um teco.
510 KARINA:– Dá um teco que é...
511 KELLY: – Que é cheirar. Aí **EU** falei que queria. Aí **EU** experimentei e gostei.
512 KARINA:– O que a pessoa sente assim?

513 KELLY: – Não sei...

514 KARINA:– Não tem gosto?

515 KELLY: – Não tem gosto.

516 KARINA:– Você cheira aquele negócio e...

517 KELLY: – E pronto. Você fica elétrica, você fica mais animada parece... só que é passageiro,
518 entendeu?

519 KARINA:– Mas não vicia, não? Assim, tipo uma coisa de você querer toda hora, toda hora...

520 KELLY: – Vicia...

521 KARINA:– Vicia também?

522 KELLY: – Vicia. EU acho que vicia. Tem gente que fala que não mas EU acho que vicia porque
523 quando a gente está em uma festa e não tiver, a festa é sem graça, tem que ter.

524 KARINA:– Ah tá, entendi.

525 KELLY: – Quando EU tô bebendo tem que ter. Então EU acho que vicia, porque senão...

526 KARINA:– E você só usou essa?

527 KELLY: – Só.

528 KARINA:– Não conhece outras?

529 KELLY: – EU experimentei uma vez maconha só que EU odiei, porque EU vomitei, passei mal,
530 quase EU pensei que ia morrer.

531 KARINA:– Fede né?

532 KELLY: – Fede. Mas meu marido ama.

533 KARINA:– É mesmo?

534 KELLY: – A vida dele é a maconha.

535 KARINA:– Que é tipo um cigarro?

536 KELLY: – É tipo um cigarro.

537 KARINA:– Assim, o teu sentimento sobre esse lugar, sobre o presídio, como é que você chama
538 aqui? Você chama presídio mesmo?

539 KELLY: – Normal.

540 KARINA:– Você não fala cadeia?

541 KELLY: – É, cadeia, presídio, depende da ocasião. (risos)

542 KARINA:– Sim. Quais os teus sentimentos sobre esse lugar?

543 KELLY: – Ah, esse lugar aqui pra mim é o pior de todos. EU não desejo pra ninguém, nem pro
544 meu inimigo EU não desejo porque é horrível.

545 KARINA:– Aham.

546 KELLY: – Às vezes a gente passa, olha assim, acha que é tudo a mil maravilhas mas é horrível.
547 Tem muita pessoa tranquila que você vê que não é falsa mas tem muita gente que quer atrasar o
548 seu lado, que quer ter prejudicar, entendeu?

549 KARINA:– Sim.

550 KELLY: – E você tem que ficar naquela, você tem que ficar esperta aqui dentro que senão...

551 KARINA:– Mas o que pode acontecer? Assim, com fofoca essas coisas?

552 KELLY: – Fofoca, manda requerimento...

553 KARINA:– O que é isso?

554 KELLY: – Requerimento é tipo um papel que você pode mandar para a polícia te ouvir.

555 KARINA:– Ah tá, entendi.

556 KELLY: – É tipo um...

557 KELLY: – É tipo um contato com a polícia. Quando está acontecendo alguma coisa e é muito...
558 é horrível. Tem umas mulher que Deus me livre...

559 KARINA:– É tenso?

560 KELLY: – É.

561 KARINA:– Tá. E assim, o seu relacionamento com as outras gestantes, agora, com as outras
562 internas que estão gestantes, como é que é?

563 KELLY: – Não, é tranquilo.

564 KARINA:– É bom, é Tranquilo?

565 KELLY: – É tranquilo.

- 566 KARINA:– Tem alguma pessoa que você gosta mais assim...
- 567 KELLY: – Tinha.
- 568 KARINA:– Que confia mais?
- 569 KELLY: – Tinha. Só que aí **teve** um desastre aí com uma fofoca e aí **a gente** parou de se falar.
- 570 KARINA:– Mas vocês ainda convivem?
- 571 KELLY: – **Convivo**. **A gente** parou de se falar **acho** que uns 4 dias depois **a gente** voltou a se falar de novo. Só que agora não é mais aquela coisa de antes...
- 572 KARINA:– Amizade?
- 573 KARINA:– Amizade?
- 574 KELLY: – Aham, que antes **EU** conversava com **ela** demais. Pra **mim** **ela** era **minha irmã** aqui na cadeia.
- 575 KARINA:– E tem outra aqui também?
- 576 KELLY: – Tem, **EU** não aguento.
- 577 KARINA:– Tá certo. E o relacionamento com as demais internas, vocês não têm?
- 578 KELLY: - Tem, na descida de pátio.
- 579 KARINA:– Na descida de pátio.
- 580 KELLY: – Que é o banho de sol.
- 581 KARINA:– Por que aquela moça tava dizendo que o bebezinho dela não pegava sol? Vocês descem pra tomar sol?
- 582 KELLY: – Qual?
- 583 KARINA:– Aqui, na hora que eu tava lá na cela...
- 584 KELLY: – Ah não, por causa que **ele** tem 8 dias de vida...
- 585 KARINA:– Ah tá, aí ele tem que pegar sol separado?
- 586 KELLY: – Não. **Ela** tem que ficar de repouso 30 dias. Aí **ela** desce pro banho de sol só se **ela** quiser mas pra não prejudicar os pontos e ficar mais de boa aí **ela** fica lá em cima, mas **ela** pode descer.
- 587 KARINA:– Ah tá certo, pra tomar sol com o bebezinho?
- 588 KELLY: – Aham.
- 589 KARINA:– Tá. E assim, você percebeu que você desenvolveu, que você mudou depois de entrar aqui, você falou.
- 590 KELLY: – É.
- 591 KARINA:– Assim que...
- 592 KELLY: – Porque a cabeça **da pessoa** muda, **a gente** vê que a vida não é só brincadeira não...
- 593 KARINA:– Você falou que da outra vez você deu graças a Deus quando veio pra cá, mas dessa vez não?
- 594 KELLY: – Não. Que **EU** não queria, **EU** já tinha mudado a **minha vida** totalmente. (risos)
- 595 KARINA:– Aham, e assim, você entende que você está respondendo por uma coisa que...
- 596 KELLY: – Por uma coisa que **EU** fiz, **EU** entendo.
- 597 KARINA:– Mas você acha que é realmente necessário para a sua mudança pessoal?...
- 598 KELLY: – Não, **EU** não acho que é necessário...
- 599 KARINA:– ...da sua cabeça seria necessário vir pra cá?
- 600 KELLY: – **EU** não acho que não é necessário porque tem **uma mulher** que vem pra cá, volta é pior do que já veio.
- 601 KARINA:– Por quê?
- 602 KELLY: – Não **sei**, **acho** que fica revoltada. Não **sei**.
- 603 KARINA:– Entendi. Tá certo Kelly. E como é que você vê as pessoas que lidam com vocês aqui? As pessoas do presídio? Tipo os profissionais de segurança, como é que é? Como eles se relacionam com vocês?
- 604 KELLY: – **Alguns** são bons e **outros** são terríveis.
- 605 KARINA:– Sim.
- 606 KELLY: – Só que **a gente** tem que se por no lugar **de interna** e respeitar porque **eles** que estão aqui pra...
- 607 KARINA:– Tipo assim, o que faz um ser bom e outro ser terrível?

618 KELLY: – Assim, tratar a gente bem... tem uns que a gente nem fez nada e já trata a gente mal,
619 grita, xinga, tem uns que até bate na cara das meninas aqui...

620 KARINA:– É mesmo? Mas você só ouve falar?

621 KELLY: – É, **EU** só ouvi falar. Nunca **vi**.

622 KARINA:– Tá, e esses são os terríveis?

623 KELLY: – É.

624 KARINA:– É só mulher que lida com vocês?

625 KELLY: – Não, **homem** também.

626 KARINA:– Ah, mas assim...

627 KELLY: – Mais pra fazer revista é só **mulher**... É tudo certinho.

628 KARINA:– Aham. E quando eles fazem revista, é toda hora que entrar e sair da cela?

629 KELLY: – Não. Só se for sol, por exemplo, **a gente** sair do presídio, se **a gente** for nas oficinas,
630 no salão de beleza, esses negócios aí tem que ser **revistado** pra ver se não **está pegando** nada,
631 alicate, esses negócios... Aí só nessas horas.

632 KARINA:– Ah tá, beleza. E assim, você participa de alguma oficina aqui? De alguma coisa
633 assim, que tem muita oficina...

634 KELLY: – Não. **Participei** já da escola ano passado, só que aí como **EU** vi que **EU** já tava no
635 final do ano e **EU** não ia ganhar nada com isso **EU** parei. Aí agora **EU** quero continuar pra **EU**
636 continuar na rua, **quero** começar agora pra **min** continuar na rua.

637 KARINA:– Mas então você não via algo de legal?

638 KELLY: – Não, tem... Tem **as...** é... tem **as meninas** que fazem os lacinhos de cachorro, de
639 adulto, aqueles forro de cama e **elas** ganham remissão.

640 KARINA:– Ah, vai diminuindo a pena...

641 KELLY: – Aí vai diminuindo a pena.

642 KARINA:– E você não gosta de participar disso pra passar o tempo?

643 KELLY: – **Gosto**, só que você tem que ser classificada.

644 KARINA:– Ah tá.

645 KELLY: – **Você** tem que conversar com **a chefia de pátio** e se tiver uma vaga pra **você**, **você**
646 entra.

647 KARINA:– Certo. E quem não participa dessas coisas fica o dia todinho aqui?

648 KELLY: – Fica o dia todinho na cela.

649 KARINA:– E vocês tem televisão?

650 KELLY: – Aham.

651 KARINA:– Dentro da cela tem TV?

652 KELLY: – Tem.

653 KARINA:– Ah tá. Pelo menos passa o tempo né?

654 KELLY: – É.

655 KARINA:– Mais só TV?

656 KELLY: – Só.

657 KARINA:– Assim então, você acha mais tranquilo ficar na ala das gestantes? E o fim de
658 semana? Assim, é igual?

659 KELLY: – Não, demora a passar. Domingo é o pior, domingo é o que não passa mesmo.

660 KARINA:– Por quê?

661 KELLY: – Porque durante a semana passa mais rápido.

662 KARINA:– Aham. Tem atividade?

663 KELLY: – Não, passa mais rápido. Normal. Só que quando é domingo, parece que é uma
664 eternidade, não passa.

665 KARINA:– Sim, mas vocês descem pra tomar banho de sol no domingo? Normal?

666 KELLY: – **Desce**.

667 KARINA:– E há alguma atividade? Vocês jogam alguma coisa?

668 KELLY: – Não.

669 KARINA:– Pra passar o tempo?

670 KELLY: – Não.

671 KARINA:– Não?

672 KELLY: – De vez em quando **as menina** joga bola mais é **EU** que não gosto.

673 KARINA:– Você gosta de ler?

674 KELLY: – **Leio**, **EU** tenho um monte de livros.

675 KARINA:– Você está lendo algum livro agora?

676 KELLY: – Não, **EU** tava lendo um, “A noiva do príncipe” só que aí hoje **EU** terminei.

677 KARINA:– Ah. E de quem é “A noiva do príncipe”?

678 KELLY: – É tipo aqueles livros de romance das antigas.

679 KELLY: – É, **EU** gostei por causa que parece um filme.

680 KARINA:– Olha, bacana.

681 KELLY: – **EU** não gostava de ler mas quando **EU** entrei **EU** comecei a gostar. Pra passar o

682 tempo mais rápido.

683 KARINA:– A sim. E você escreve bem? Eu vi que a sua letra é linda.

684 KELLY: – Ah, **EU** gosto de escrever.

685 KARINA:– Ah tá. E assim, um planejamento para o futuro, Kelly?

686 KELLY: – Quando **EU** sair daqui, **EU** quero trabalhar. **EU** vou arrumar um emprego pela

687 FUNAP que é mais rápido, pra **quem tá preso**...

688 KARINA:– O que é FUNAP?

689 KELLY:– FUNAP é tipo uma fundação pra preso e não sei o quê.

690 KARINA:– Ah, entendi.

691 KELLY: – Aí **EU** quero arrumar um emprego pela FUNAP que é mais rápido e **quero** continuar

692 a **minha vida** tranquila, na paz. **EU** quero só paz.

693 KARINA:– Cuidando do filho e do bebê...

694 KELLY: – Cuidando do **Augusto** e o nome **desse** é **Paulo**.

695 KARINA:– Dois meninos? Gente! Eu queria tanto um menino e ele não veio...

696 KELLY: – Ah, e **EU** queria tanto uma menina...

697 KARINA:– Ah é mesmo?

698 KELLY: – **Meu sonho** é ter uma menina.

699 KARINA:– Olha só, pois é. E eu queria ter um menininho. Enfim, quando você pensa em seguir

700 a sua vida lá fora, você acha que você vai encontrar alguma dificuldade por já ter passado por

701 aqui?

702 KELLY: – Só se **EU** quiser.

703 KARINA:– Por exemplo?

704 KELLY: – Por que quando **a gente** sai daqui se **a gente** seguir tudo direitinho até acabar a **nossa**

705 pena, **a gente** é uma pessoa normal. Só que se **a gente** procurar outra coisa, também se **EU** for lá

706 roubar do **fulano**, do **ciclano**... **EU** vou voltar pra cá e **vou** cumprir a **minha** pena até 2017,

707 fechada aqui.

708 KARINA:– Kelly, e assim, o olhar das pessoas? O tratamento das pessoas, como é que é isso

709 pra você?

710 KELLY: – Às vezes **a sociedade** olha pra gente já assim com outros olhos, até pra **gente** ir no

711 hospital mesmo, **o povo** já fica olhando assim, acha assim “Meu Deus, **aquela mulher** tava

712 presa... ai não **sei** o quê?”...

713 KARINA:– Por que será, né?

714 KELLY: – É, “por que será? O que será que **essa menina** fez?”. Então hoje em dia **o olho deles**

715 assim, já é... (risos)

716 KARINA:– O olhar deles...

717 KELLY: – Já é diferente.

718 KARINA:– E isso te incomoda ou você é assim tranquila?

719 KELLY: – Ah, **incomoda** mas **EU**, quando **EU** vou assim, **EU** já de cabeça baixa, não **quero**

720 nem olhar pra **eles**.

721 KARINA:– Pra não ver como os outros estão te olhando?

722 KELLY: – É, como **eles** estão me olhando.

723 KARINA:– O outro bebezinho foi parto normal?

724 KELLY: – Foi.

725 KARINA:– E como é que foi pra você? O que foi que aconteceu?

726 KELLY: – Ai meu Deus, nossa... **EU** nem queria minha fia, porque dói demais.

727 KARINA:– Quantas horas de parto foram?

728 KELLY: – Não, foi rapidinho. **EU** cheguei no hospital era meio dia e **ganhei** ele meio dia e

729 cinquenta, por aí... **EU** já estava com 5 centímetros de dilatado, sem sentir dor.

730 KARINA:– Sério? Eu passei 15 horas em trabalho de parto e eu achei que ia morrer.

731 KELLY: – **EU** quando **EU** cheguei **EU** já estava com 5 centímetros dilatado e sem sentir

732 nenhum tipo de dor. Aí **EU** comecei a sentir dor por causa do soro que **eles** colocou.

733 KARINA:– Nossa, mas você é magrinha. Normalmente quem é magrinha tem mais

734 dificuldade...

735 KELLY: – E foi muito rápido.

736 KARINA:– Graças a Deus.

737 KELLY: – Foi rápido, Graças a Deus porque **EU** sofri, meu Deus, era dor demais. Aí quando

738 **EU** descobri que **EU** tava grávida desse **EU** já pensei na dor de 9 meses depois. (risos)

739 KARINA:– E alguém te acompanhou no parto?

740 KELLY: – Não.

741 KARINA:– Você entrou sozinha...

742 KELLY: – **EU** entrei sozinha.

743 KARINA:– Em qual hospital?

744 KELLY: – Na Ceilândia.

745 KARINA:– E você achou bom o atendimento lá?

746 KELLY: – **Achei**, **EU** gostei.

747 KARINA:– E aí veio o bebezinho pra você...

748 KELLY: – Aí **EU** já fiquei mais tranquila, porque depois é só aquela dor...e depois é só...

749 KARINA:– E você amamentou?

750 KELLY: – **Amamentei**. **Meu filho** mamou até um ano e quatro meses.

751 KARINA:– É mesmo?

752 KELLY: – Mamou demais. Meu Deus, **EU** não tava mais aguentando. **Minhas amigas** falaram

753 “**Kelly**, tira o **Augusto** do peito”.

754 KARINA:– E você não machucou o peito?

755 KELLY: – Não, **EU** gostava de dar peito pra **ele**. Não **sei** por quê?!

756 KELLY: – Nossa, mais no começo assim feriu o **meu** peito. **EU** não tava aguentando, **EU** queria

757 tirar de todo o jeito, só que depois **EU** falei “Ah não, **vou** tirar não”...

758 KARINA:– Você é forte, porque você não desistiu

759 KELLY: – Porque quando **a gente** dá o peito assim, é tão bom, né? Parece que **a gente**...

760 KELLY: – ... **aproxima**.

761 KARINA:– Aproxima mais. E o Augusto chorava muito à noite?

762 KELLY: – Demais. **Ele** só vivia no peito.

763 KELLY: – Quando **ele** começava a chorar **EU** já colocava **ele** no peito.

764 KARINA:– Ah tá.

765 KELLY: – Já colocava **ele** no peito direto.

766 KARINA:– De madrugada ele acordava?

767 KELLY: – Acordava e **EU** já tirava o peito e já colocava na boca **dele**! (risos)

768 KARINA:– Dormindo mesmo?

769 KELLY: – Dormindo...

770 KARINA:– Ah tá.

771 KELLY: – Aí, quando **EU** comecei a tentar tirar o peito **dele**, **EU** sofri. **EU** fiquei uns 3 dias

772 sem dormir.

773 KARINA:– É mesmo? Por que ele chorava?

774 KELLY:– **Ele** chorava e chorava e chorava querendo **esse peito** e não queria comer mais nada e

775 chorava e chorava e chorava e **meu peito** doendo e **EU** meu Deus, **vou ficar** louca!

776 KARINA:– Isso já com um aninho e pouco?

- 777 KELLY: – Já com um ano e quatro meses. **EU** falei “Não...” menina, mamou até... meu Deus...
- 778 KARINA:– E Kelly, então você acha que assim, você foi uma boa mãe nesse período que você
779 ficou com ele?
- 780 KELLY: – **Fui**.
- 781 KARINA:– Você fez o que?
- 782 KELLY: – O que **EU** tinha que fazer.
- 783 KARINA:– Você não perdia a paciência com ele, porque criança...
- 784 KELLY: – De vez em quando **EU** perdia. Porque **EU** não aguentava. Teve uma vez que **ele**,
785 tinha uma lata de óleo, tinta a óleo no chão. Quando **EU** fui olhar, só tinha um monte de
786 pegadinha **do menino**. Quando **EU** procurei meu Deus, que **EU** vi, **o menino** todo branco de
787 tinto óleo. Da cabeça aos pés, só o olhinho assim, piscando pra mim. **EU** falei, meu deus, como
788 é que **EU** vou tirar essa tinta desse menino?
- 789 KARINA:– E aí?
- 790 KELLY: – Gente, **EU** tive que passar, como que é?... Tiver **no menino**.
- 791 KARINA:– Kelly, você perguntou pra alguém pra saber se podia passar Tiver no menino?
- 792 KELLY: – Não, **EU** passei primeiro em **mim**, não **ardeu** aí **EU** passei **nele**.
- 793 KARINA:– Ah tá.
- 794 KELLY: – Meu deus, **EU** fiquei foi umas 5 horas pra tirar essa tinta **desse menino**. O cabelo
795 **dele** ficou branco, teve que cortar o cabelo **do menino**.
- 796 KARINA:– Gente do céu... mais faz danura demais...
- 797 KELLY: – Ah, **EU** tive que respirar, contar até 50.
- 798 KARINA:– E as tomadas e tal? Assim...
- 799 KELLY: – Não, é tudo tampada com...
- 800 KARINA:– Tudo tampada...
- 801 KELLY: – Porque nossa, **ele** é muito terrível.
- 802 KARINA:– Daqui a pouquinho é a minha que vai estar assim.
- 803 KELLY: – Dá trabalho.
- 804 KARINA:– Tá, já está terminando. E depois do parto, foi tranquilo? Você sarou rápido?
- 805 KELLY: – Foi, **EU** sarei rápido. Que foi normal né? **EU** acho que **EU** acho que eu levei uns 4
806 pontos só.
- 807 KARINA:– E como ficou a sua cabeça, assim, depois?
- 808 KELLY: – Ai, quando **EU** vi o meu filho pra **mim** foi tudo.
- 809 KARINA:– Pra você assim, como fica o corpo, a barriga?
- 810 KELLY: – **EU** fui rapidinho.
- 811 KARINA:– Você não ficou deprimida com isso?
- 812 KELLY: – Não, na hora que **meu filho** nasceu, tirou a barriga toda, tava normal.
- 813 KARINA:– Nossa gente.
- 814 KELLY: – **EU** fiquei normal, normal, na hora que **ele** saiu **EU** já fiquei normal. Até **EU** achei
815 estranho. **EU** falei “Meu deus, **achei** que ia ficar pelo menos um buxinho”...
- 816 KARINA:– Aquela barriga de ganhar neném....Ah tá. Então você agora está preparada pra isso
817 agora...
- 818 KELLY: – **Tô, tô** preparada. Ai que **me** dói... dói até a **minha cabeça** de pensar é a hora da dor
819 do parto.
- 820 KARINA:– Sim, mas se foi tranquilo o primeiro, né?
- 821 KELLY: – É, todo dia **oro** a Deus pedindo pra **ele** amenizar um pouco a dor do **meu parto**.
822 Porque dói demais.
- 823 KARINA:– Mas vai amenizar sim, se Deus quiser. Kelly, e uma última coisa que eu vou te
824 pedir, pra você descrever pra mim...
- 825 KARINA:– Em uma palavra, uma frase, tipo alguma coisa que você quiser descrever que defina
826 você, a Kelly hoje, alguma coisa assim, à vontade, o que você queira dizer.
- 827 KELLY: – Assim, pode colocar “Hoje **EU** me sinto...”?
- 828 KARINA:– Pode, fica à vontade. Uma frase, uma palavra, um desenho.
- 829 KELLY: – Pronto.

830 KARINA:– Ok, beleza. E Kelly, você disse que se sente feliz e a outra palavra que você
831 escreveu sobre maternidade foi alegria, né? Está certo, eu vou parar de gravar agora... Ok,
832 concluído.
833

ENTREVISTA COM A COLABORADORA ALINE.

Tempo do áudio: 01h 13m 11s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1 KARINA: – OK. ALINE, deixa eu ver se está funcionando direitinho. Tá. Eu expliquei naquele
2 dia para vocês, aquele termo de consentimento para vocês participarem da pesquisa e eu
3 relembro que a minha pesquisa é sobre representações identitárias de mulheres gestantes em
4 situação prisional. É um estudo que eu estou fazendo para estudar sobre a identidade dessas
5 mulheres no Brasil. Para isso eu estou fazendo um recorte aqui na penitenciária de Brasília né,
6 porque não é possível pesquisar o Brasil inteiro. Então é dessa pesquisa que vocês estão
7 participando. E aí eu vou ter um roteirinho para a gente ir conversando, só que assim, o roteiro
8 não precisa ser seguido fielmente. A gente vai conversando tá e o que for surgindo, a gente vai
9 esclarecendo.
- 10 Bom, eu trabalho com um instrumento de pesquisa que é o que eu vou analisar depois. Esse
11 instrumento é a história de vida das pessoas e aí eu queria perguntar para você – Se tem algum
12 ponto de partida, alguma parte marcante da qual você gostaria de começar a contar a sua história
13 de vida. Não sei, de repente a infância, a adolescência, agora esse momento da maternidade ou
14 outro momento que você já teve, sabe?
- 15 ALINE: – Sobre a infância assim, o ponto marcante, a **minha** infância não foi infância dura, foi
16 infância boa. **Meu pai** trabalhava de olhar carro, só que **ele** tinha uma fila atrás do Conjunto
17 Nacional, então assim, **ele** tinha clientes que confiava muito **nele**. Então **ele** trabalhou a vida
18 todinha pra sustentar **os quatro filhos** que é **duas mulher** e **dois homens** né, nesse local. Então
19 assim, não faltava nada pra gente. **A gente** ia um final de semana ia pra feira, a geladeira era
20 cheia, todo final de ano **viajava** pra Bahia. Tinha briga entre **ele** e **minha mãe**, mas era coisa que
21 assim, os momentos felizes sempre superava os momentos mais...
- 22 KARINA: – Aline, mas eu tinha a impressão que você fosse de Goiânia, não daqui de Brasília.
- 23 ALINE: – Não de Goiânia, **EU** mudei pra Goiânia quatro anos atrás. Quando aconteceu a
24 questão da empresa onde aconteceu o que **EU** fiz pra **mim** tá presa hoje...
- 25 KARINA: – Você falou, é motivo onze, Artigo 55, inciso IV, o que é isso?
- 26 ALINE: – É o 55, é furto.
- 27 KARINA: – E o 71?
- 28 ALINE: – É furto e é assinatura de cheque.
- 29 KARINA: – Ah tá, furto e assinatura de cheque.
- 30 ALINE: – Isso, aí no caso estelionato né. Aí **EU** fiz na empresa por causa do **meu marido** que
31 **EU** tava com **ele** e **ele** tinha pedido e tal. É uma coisa assim, que não justifica o erro, claro né,
32 mas na época **EU** tava muito apaixonada. Muito **apaixonada** e **mulher**, principalmente
33 canceriana né, quando tá apaixonada **você** faz a besteira e depois **você** vê o que vai fazer né.
- 34 KARINA: – Verdade.
- 35 ALINE: – Então, quatro anos atrás, quase cinco, **EU** vivia bem com **ele** né, com **meu marido**, **ele**
36 não é pai do **meu filho**. **O Pedro Paulo** foi um caso que **EU** tive na Bahia, foi um caso que foi
37 traumático naquela época. **Meu pai** traiu **minha mãe** com **uma menina** de dezessete anos e
38 **engravidou ela**, **nós** morávamos aqui em Brasília. **Nasci** em Brasília, tinha um caso...
- 39 KARINA: – E a menina era de onde?
- 40 ALINE: – **A menina** era da **minha** rua.
- 41 KARINA: – Ah tá.
- 42 ALINE: – Aí **ele** engravidou **ela** e **minha mãe** entrou em depressão e só aqui em Brasília **ela**
43 tentou suicídio quatro vezes. Isso **EU** já tava com vinte anos, aí o que **a gente** fez? **A gente** levou
44 lá na Bahia, Formosa do Rio Preto é onde mora **familiar da minha mãe**, **pai**, **irmãos**. **Nós**
45 levamos **ela** pra lá. Lá **EU** conheci **o pai** do **Pedro Paulo**, **EU** tive um relacionamento com **ele**,
46 **comecei** a morar junto com **ele**. Só que **ele** falava que trabalhava muito fora e **minha mãe**
47 também ficou lá, só que **meu pai**, **minha mãe** também era **uma mulher** muito apaixonada, levou

- 48 a menina pra lá dizendo que não tinha condição de cuidar, com uma filhinha de quatro anos,
 49 morou dentro da casa da minha mãe.
- 50 KARINA – É mesmo?
- 51 ALINE – É. Aí minha mãe começou de novo, voltou a depressão, calor assim de setembro,
 52 quarenta graus, minha mãe embrulhada de coberta dentro do quarto, aí meu pai voltou pra
 53 Brasília, e nisso só ficou..., meu pai voltou dizendo que ia levar a menina, que ia voltar. Aí
 54 passou um mês, dois meses e ele não voltou e ele já tinha vendido a casa nossa aqui em Brasília
 55 né e pego o dinheiro.
- 56 KARINA – Vocês moravam onde aqui em Brasília?
- 57 ALINE – Planaltina.
- 58 KARINA – Planaltina de Goiás ou Planaltina DF?
- 59 ALINE – DF. Aí depois disso minha mãe falou assim, “não, eu vou voltar pra Brasília”, porque
 60 eu acho que ela tinha assim, ela tinha pensação que ia voltar com meu pai naquela época,
 61 porque toda mulher espera né. E EU grávida de seis meses descobri que veio uma prima do meu
 62 marido, ele não tinha família lá em Formosa do Rio Preto, ele tinha em Salvador, descobri que
 63 ele era casado e tinha dois filhos. Aí o que EU fiz? EU vim pra Brasília sem deixar nada, só
 64 vendi as coisas...
- 65 KARINA – O bebezinho...
- 66 ALINE – Na barriga, não deixei nem telefone, nem nada porque aqui a gente ia começar tudo de
 67 novo. EU, a minha mãe e o meu irmão que morava com a gente. Meu pai tinha vendido a casa, a
 68 gente ia ter que morar de aluguel e tudo, EU grávida, EU vim. Depois disso EU registrei meu
 69 filho, ele não tem nome do pai, me arrependo hoje pela questão do Pedro Paulo, não que ele
 70 cobre, porque EU fui uma mãe muito boa, assim, EU sempre, desde que ele entende, ele sabe o
 71 que aconteceu. Só que ele tem vontade de conhecer o pai. Ele tem por pai o meu irmão, esse que
 72 veio com a gente o Jules. Ele chama de pai desde pequeno e o Jules também tem como filho.
 73 Tanto ele tem dois filho. Se perguntar pra ele quantos filho ele tem, ele fala três. Então questão
 74 de amor, questão assim, até financeiramente, ele que foi o pai do meu filho.
- 75 KARINA – Ele ajuda.
- 76 ALINE – Meu irmão. Isso. Hoje é casado e naquela época, assim, por mais que EU tava grávida
 77 e meu irmão chegou, a gente foi procura, ele foi procurar emprego, EU não podia porque EU
 78 estava grávida. EU fui vender x-salada com minha mãe e ele foi trabalhar e não faltou nada pra
 79 gente. Graças a Deus.
- 80 KARINA – Vocês ficaram morando lá em Planaltina?
- 81 ALINE – Lá em Planaltina. A família do meu pai gosta muito da minha mãe. Tem ela hoje
 82 ainda como da família. Eles ajudaram muito e meu pai passou de uma situação assim, uma
 83 pessoa que tinha dois carros, casa, ele acabou com tudo. Ele começou a catar papelão na rua pra
 84 comer e a menininha dele de seis anos, (estralo com a língua) de seis meses, a mãe foi trabalhar
 85 num lugar e deixou e quem cuidou foi minha mãe, depois que a mulher ficou com ciúmes e
 86 pegou. Então assim, EU acho que foi a partir daí que começou mais assim, o trauma de família
 87 né. Porque era uma família que vivia totalmente bem, totalmente estruturada e depois acabou
 88 exatamente por essa questão aí dessa traição do meu pai.
- 89 KARINA – E o seu pai não ficou nem com a moça de dezessete anos e nem com a sua mãe.
- 90 ALINE – Não. Tem uma história muito..., depois ela falou que o meu pai tava abusando
 91 sexualmente da menina, só que foi comprovado que não né, que meu pai pode ser o que for, isso
 92 aí ele nunca faz. O meu pai tem um respeito pelas filhas que EU e minha irmã, que são duas
 93 meninas, amam tremendamente, só que correu o processo e não deu nada. Hoje ele já pode até
 94 ver, hoje a menina tá com, é mais velha que meu filho, meu filho vai fazer nove, eu acho que ela
 95 vai fazer dez. Aí ele vê ela, não pega ela ainda porque a justiça não liberou.
- 96 KARINA – Mas ela tá com a mãe?
- 97 ALINE – Tá com a mãe.
- 98 KARINA – E a sua mãe?
- 99 ALINE – A minha mãe, então, aí, quando quatro anos, cinco anos atrás, que EU sei que a minha
 100 mãe sempre morou comigo, sempre. Casada com o Renato, ela morava comigo, EU sempre

- 101 trabalhei, **ela** que olhou **o Pedro Paulo**. Aí o que aconteceu? Quando **EU** separei, que aconteceu
 102 que **EU** fiz isso, **EU** prestei depoimento na delegacia né...
- 103 KARINA – Isso foi quando, Aline?
- 104 ALINE – Foi há quatro anos, quase cinco anos atrás.
- 105 KARINA – Ah, então hoje você tá respondendo por uma coisa que aconteceu há quatro anos?
- 106 ALINE – Isso. Quatro anos atrás.
- 107 KARINA – Você tá há quanto tempo aqui?
- 108 ALINE – Quarenta e oito dias que **EU** estou aqui.
- 109 KARINA – Porque aí saiu uma determinação **da justiça** e ...
- 110 ALINE – Não, aí o que aconteceu. **EU** vim, quando aconteceu, **a dona da empresa** descobriu né,
 111 aí **EU** fui à delegacia, **assumi**, não **coloquei** o nome do **meu ex-marido**, porque assim, não
 112 justifica. **EU** fiz porque **ele** me mandou, mas **cada um** sabe dos seus atos né. Aí **EU** falei que
 113 realmente **EU** tinha feito, que **EU** tava precisando do dinheiro, só que **a mulher** no processo
 114 colocou, **ela** agiu muito de má fé. **Ela** colocou, **EU** peguei um valor, **ela** colocou um valor
 115 exorbitante, tanto que na época **EU** ainda falei pro **delegado** onde **EU** prestei depoimento. **EU**
 116 falei pro delegado, **EU** falei, “não é esse valor aí”. **O delegado** falou assim, “oh, **dona Maura**,
 117 você tem que trazer as provas”. **Ela**, “é, **eu** tô levantando as provas”. **EU** não sei, a **minha**
 118 audiência vai ser amanhã. **EU** não sei se **ela** vai comparecer com essas provas. Então assim, essa
 119 questão **EU** tô esperando.
- 120 KARINA – Mas tem o cheque assinado, pra você provar?
- 121 ALINE – Do valor sim, que **EU** falei que peguei sim. Mas **ela** colocou outros valores que não
 122 existia.
- 123 KARINA – Ah tá, entendi.
- 124 ALINE – Entendeu? Aí **ela** disse que tava fazendo esse levantamento, mas nessa questão **EU** tô
 125 de cabeça tranquila né. Porque **EU** assumi o que **EU** fiz e também não **vou**, e também não **vou**,
 126 igual **meu advogado** falou, “você não vai pagar por uma coisa que você não fez, até porque não
 127 tem prova”.
- 128 KARINA – Sim. Aline, e o Renato? Não é o nome dele?
- 129 ALINE – Isso.
- 130 KARINA – Tinha algum motivo pra ele te pedir pra fazer isso?
- 131 ALINE – O negócio **do Renato** era o seguinte, o negócio **do Renato** era o seguinte, **ele**, pra **ele** o
 132 dinheiro era a volta **dele**. **Ele** gostava de mostrar muito pra **família dele** que podia e que não tava
 133 passando por problema. **Todo casal** passa por problema financeiro, **nós** vivíamos super bem,
 134 **gostávamos** de sair...
- 135 KARINA – Lá em Goiânia?
- 136 ALINE – Não, aqui em Brasília. **EU** só mudei pra Goiânia depois que **EU** separei **dele**. Isso aqui
 137 ainda é Brasília. Aí **a gente** saía, **a gente** tava arrumando a casa, um pouco desse dinheiro que
 138 **EU** peguei também foi algumas coisas da casa, não foi tudo porque **a gente** já tinha dinheiro.
 139 Quando **a gente** começou a dar assim, aquele problema financeiro, **ele** não aceitou. **Ele** queria
 140 fazer churrasco todo final de semana, aí foi onde começou a briga entre **EU** e **ele**. Um dos
 141 motivo que levou **EU** pegar, foi pra ficar bem com **ele**. Outras vezes foi por que, por exemplo, ia
 142 entrar cheque, “ai meu Deus, o que **a gente** faz? Vai entrar cheque.”, aí **EU** ia lá e pegava.
- 143 KARINA – Ah, então foram várias vezes que você pegou.
- 144 ALINE – É, não só que o cheque só foi um que **EU** assinei, porque o cheque, como tinha esse
 145 cheque, aí tinha que colocar o 71, que foi um. Porque não tinha dinheiro lá né, aí **EU** fui, **peguei**
 146 o cheque, **assinei** e **descontei** na boca do caixa. Os outros, eu por exemplo, **EU** trabalhava na
 147 área financeira, aí **EU** ia por exemplo pagar um boleto, não **pagava**, **colocava** pra frente e **ficava**
 148 com o dinheiro. E aí foi quando começou a entrar o cheque e o cheque era no nome **dele**, **ele**
 149 ficou doido, doido, aí **EU** fui e **continuei fazendo**.
- 150 KARINA – E ele não trabalhava?
- 151 ALINE – Trabalhava. Só que o dinheiro **dele**, **EU** não sei nem o que **ele** fazia com o dinheiro
 152 **dele**, porque dentro de casa mesmo assim, quem ..., **EU** ganhava, não **ganhava** mal, **EU** ganhava
 153 na época R\$ 2.000,00 com a dona Maura, **EU** era **a gerente administrativa** da Mini Construtora

154 que **ela** tinha, você deve até conhecer, **ela** tem uma joalheria lá no Gilberto Salomão. Maura.
 155 Então, aí depois disso **o nosso** relacionamento..., **a gente** era muito apaixonado um pelo outro e
 156 depois disso **nosso** relacionamento começou..., **prestei** depoimento e **fiquei** esperando. O
 157 processo vai rolar e então vai ter audiência...

158 KARINA – Mas ele te apoiou assim, ele ficou do seu lado, ou você notou que ele meio, tipo se
 159 afastou quando ele viu que ia dar problema?

160 ALINE – Quando **ele** viu que ia dar problema **ele** se afastou. Aí o que aconteceu? **Ele** tá até...

161 KARINA – E ele sabia que você tava esperando o bebezinho?

162 ALINE – Não, **EU** não tava grávida na época, **o Pedro Paulo** já tinha quatro anos.

163 KARINA – E ele tratava bem o Pedro Paulo?

164 ALINE – **Ele** tinha **um filho de doze anos** e tinha **um outro mais novo** também só que morava
 165 com **a mulher**. **Esse filho de doze anos** até me chamava **de mãe**, só que **o menino** era muito
 166 interessado. Quando tinha dinheiro e **ele** implicava com **o Pedro Paulo**. Aí assim, um dos
 167 motivos também que fez **EU** separar foi isso. Porque apesar de **EU** ser **uma mulher** muito
 168 descontrolada quando **EU** tô num relacionamento, **EU** não troco **meu filho** por nada. Por nada
 169 nesse mundo. Aí aconteceu, **ele** começou a ficar estranho, aí **EU** fiquei sabendo de uma
 170 traição...

171 KARINA – Ele era usuário, de...

172 ALINE – Não. Só bebia cerveja, mesmo assim como **EU** bebia também. Nunca **usou** droga,
 173 nunca **fumou**, igual **EU**. **EU** nunca usei droga, nunca **fumei** nada. Só **bebia** cerveja. Então assim,
 174 **a gente** gostava de sair, curtir a noite e aí pra isso tinha que ter dinheiro né.

175 KARINA – Sim, uma vida social normal.

176 ALINE – Isso. Aí quando estourou essa bomba, aí **EU** fui na delegacia e **ele** ficou sabendo, “ah,
 177 **você** não devia...”, **ele** deu como se **ele** não soubesse o que **EU** tinha feito, aí **EU** já comecei,
 178 começou a esfriar e **a gente** era muito apaixonado. **A gente** era amigos, **era** bom amantes, **ele** era
 179 tudo. Aí foi quando começou, aí **EU** fiquei sabendo que **ele** me traiu, aí **EU** não suportei. Aí o
 180 que **EU** fiz? Aí **EU** e **minha mãe** saiu da casa, **a gente** tava numa casa que era **dele**, aí **EU** vim
 181 pra Goiânia, **fui** pra Goiânia procurar emprego, **minha mãe** ficou com o **Pedro Paulo**. **O Pedro**
 182 **Paulo** tinha que terminar as aulas. Depois **minha mãe** foi pra Goiânia com o **Pedro Paulo**, aí **a**
 183 **gente** alugou uma casa e morou **EU**, **minha mãe** e **o Pedro Paulo** lá em Goiânia. Aí **EU** continuei
 184 trabalhando e o **meu** erro foi esse, de não ter ido na delegacia pra ver como é que tava o
 185 processo. **EU** simplesmente achei que não ia dar nada. **EU** não fugi, porque lá **EU** trabalhei
 186 fichada o tempo todinho. Sempre **trabalhei** fichada e sempre lá em Goiânia em dois empregos,
 187 porque lá em Goiânia é muito bom de emprego, só que a faixa salarial é muito mais baixa, então
 188 **EU** tinha que trabalhar e as vezes **EU**...

189 KARINA – E lá você ficou sozinha Aline? Você não conheceu mais ninguém?

190 ALINE – Não, aí depois de um ano, aí **EU** tive meus casinhos né, saía, **minha mãe** sempre ficou
 191 com **o Pedro Paulo** pra **mim** sair, só que **EU** fui conseguir sair depois de cinco meses que **EU**
 192 tava lá, porque **EU** até entrei em depressão porque **EU** separei **dele**, porque **EU** gostava muito.
 193 Aí depois de um ano que **EU** tava lá, **EU** conheci o João, morava perto da **minha**..., que é **o pai**
 194 **desse atual filho meu**. Só que **o João** é bem mais novo que **EU**, **o João** tem dezenove anos.

195 KARINA – E o Renato tinha?

196 ALINE – **O Renato** tinha trinta e cinco na época. Aí **o João** tem dezenove anos. Aí **a gente** ficou
 197 naquele, no início não **começamos** a namorar né, mas **ficamos** assim, ficando como diz. Aí
 198 ficando, depois **a gente**, esse ficar passou a ser uma coisa mais séria né, aí **terminamos** como
 199 todo casal termina, aí na recaída **EU** engravidei, foi o que aconteceu. Aí quando **EU** engravidei
 200 **EU** fui e falei pra **ele** que **EU** tinha engravidado e o sonho **dele** era ter **um filho**.

201 KARINA – Dezenove anos. E a família dele soube?

202 ALINE – O quê?

203 KARINA – Do bebe?

204 ALINE – Sabe, **as irmãs dele** é doida, doida. **A mãe dele**.

205 KARINA – São pessoas que te deram apoio?

206 ALINE – Isso, sempre quis que **ele** tivesse um relacionamento **comigo** né. Só que assim, **ele** tem
 207 **muito amigo da idade** e assim, não que, não que **EU** impedia **ele** de fazer as coisa **dele** né, só
 208 que **EU** acho o seguinte, se **você** quer viver a vida como solteiro, fique solteiro, agora se **você**
 209 quer viver a vida como casado, então **você** tem que

210 KARINA – Mas vocês chegaram a morar juntos?

211 ALINE – Então, assim que **EU** engravidei, que **ele** soube da gravidez, **ele** passou a ir morar com
 212 **a gente**, aí não foi nem **EU** que pedi. Porque na **minha gravidez**, **minha gravidez** é de alto risco
 213 né, pressão alta, infecção de urina, **fiquei** internada, então **ele** ficou muito do meu lado. Então
 214 **ele** parou de sair, parou de beber, porque quando **a gente** tava junto, **EU** não tava grávida, **EU** ia
 215 com **ele**, **a gente** ia, era **casais** né. Tinha **gente solteira**, aí **ele** parou, porque **EU** não podia ir, **EU**
 216 tinha que ficar de repouso e **ele** não gostava de **me** deixar sozinha. Igual **ele** falou, “Oh **Aline**,
 217 decidi ficar com **você**, então assim, **a gente** vai ficar junto e o dia que der pra **mim** sair, se **você**
 218 permitir **eu** saio”.

219 KARINA – Ele é o quê? Ele é estudante?

220 ALINE – Não, **ele** é serralheiro. **Ele** tem uma profissão, trabalha, é trabalhador. **Ele** tem
 221 dezenove anos, tem uma moto, tem um carro, então assim, é muito responsável.

222 KARINA – E quando chegou a determinação que você ia ter que vir pra cá? Vocês estavam
 223 numa boa...

224 ALINE – Então tava numa boa e **EU** não sei nem como é que **ele** tá agora né. Porque **ele** é
 225 serralheiro e **ele** trabalha numa empresa que **ele** viaja muito, **ele** tava em São Paulo, já tinha um
 226 mês e pouco que **ele** tava em São Paulo fazendo a estrutura metálica de um shopping lá em São
 227 Paulo. Então assim, era bem difícil **a gente** falar com **ele**, porque como **nosso** celular é pré-pago,
 228 **EU** tinha que ter crédito, **ele** tinha que ter crédito e aí quando **a gente** tinha, **a gente** acabava
 229 rapidinho e depois **a gente** ficava falando por mensagem. Na quarta-feira, no dia 27 que **eles**
 230 foram **me** buscar lá em Goiânia, aí nesse dia **EU** não fui trabalhar, assim, nesse dia parece até
 231 que **EU** tava adivinhando, **EU** tinha brigado com **o Pedro Paulo** de manhã, aí **ele** tava muito
 232 triste, aí **EU** tinha **me** arrumado pra **EU** ir pro trabalho, que **EU** entrava uma hora. **EU** ia deixar
 233 **ele**, **minha mãe** tava na Bahia, pra você ver, na sexta-feira **meu avô** tinha falecido, aí **minha mãe**
 234 foi pra Bahia, **o pai da minha mãe** faleceu e **EU** fiquei lá com **o Pedro Paulo** em casa. Aí na
 235 quarta-feira era reunião dos pais e **EU** falei assim, “ah **EU** não vou trabalhar, **vou** na reunião”,
 236 porque **EU** queria saber como é que **ele** tava, porque no semestre anterior **ele** tinha tirado umas
 237 nota baixa. **Fui**, aí tá, **EU** briguei com **ele** antes de ir pra escola, aí **EU** abracei **ele** e falei que **EU**
 238 amava **ele**, e **a gente** ficou abraçado e beijando. Aí **EU** fui pra escola, parei na sorveteria,
 239 **comprei** sorvete pra **ele**, coisa que **EU** não faço, tem que ter hora né. Aí **cheguei** na escola, foi
 240 na reunião **dele** e na hora de **EU** sair, **EU** passei na sala **dele** e **ele** tinha melhorado, matemática
 241 **ele** tinha ficado com cinco, no semestre passado, **ele** ficou com oito esse semestre e em
 242 português também **ele** tinha melhorado. Só que **a gente** tava fazendo todo dia à noite, quando
 243 chegava de manhã, **a gente** tirava uma hora e meia pra estudar. Aí eu fui lá, “meu filho, a
 244 mamãe tá com muito orgulho de você, suas nota melhorou”. **Abracei** e **beijei**, **fui** pra casa, **tirei** a
 245 roupa, **deitei** no sofá, quando **pensa** que não, **eles** bateram lá na porta. **Foram** super educados
 246 **comigo**. Porque **EU** imaginava que, se um dia acontecesse, **eles** ia chegar batendo porque é isso
 247 que **a gente** vê **da polícia** né. **Ele** entrou, foram **três civis**. Tinha **um de Goiânia** que **vieram** só
 248 acompanhar, mostrar e **dois de Brasília**. Aí **ele** entrou e falou assim, “você que é Aline?”, **EU**
 249 falei: **sou**, “então arruma **suas** coisa que **você** tá presa”. Então assim, **meu mundo** caiu.

250 KARINA – Mas e aí Aline? Criança na escola?

251 ALINE – E **minha mãe**..., só que **EU** tenho **uma irmã** que mora lá em Goiânia né, aí o que
 252 aconteceu, aí na mesma hora **EU** só pensei **nele**. **Fui arrumando** as coisas tremendo e tal. **EU**
 253 falei pra **ele**, “olha, **EU** tô gestante”. Aí **ele**, “Aline, **você** sabe do que se trata?”, **EU** falei, “**acho**
 254 que sim, acho que **EU** sei do que se trata”, **ele** falou assim oh, “**você** só vai... **você** tá sendo na
 255 prisão temporária porque teve as audiências e **você** não compareceu”. Então teve as audiências,
 256 **EU** não fiquei sabendo, **eles** mandaram pra cinco endereços que tinha lá que tinha até três, que
 257 um era da **minha infância**, que era a casa que **meu pai** vendeu e a outra a casa que **EU** morava
 258 atualmente, os outros três eu nem sei da onde. E **EU** não recebi essas intimações, aí passou o

259 processo aqui. O que **o juiz** fez? Não cancelou o processo, **ele** suspendeu o processo e pediu um
 260 mandado de prisão temporária. Aí **EU** arrumei minhas coisas e **minha irmã**, **liguei** pro **meu pai**
 261 né, aí **minha irmã** já veio. Aí **EU** pedi pra **ela** cuidar do **Pedro Paulo**. Aí **EU** fui, **EU** vim pra
 262 Brasília. No meio da estrada **eles** até pararam, compraram lanche pra **mim**. Aí **EU** fui pra
 263 DEAM primeiro, lá na DEAM...

264 KARINA – O que é DEAM?

265 ALINE – DEAM é a Delegacia de Proteção à Mulher lá na Asa Sul, porque como tava muito
 266 tarde não tinha como **EU** vim direto aqui pra Colmeia, **EU** fui pra lá primeiro. Aí em todo
 267 tempo da viagem **eles** deixaram **EU** ficar com o celular. **EU** tentei ligar pro **João** e não **consegui**.
 268 Também não **liguei** pra **mãe dele**, achei assim, **EU** falei “não, **a minha mãe** depois resolve isso aí
 269 e conversa.”

270 KARINA – E pra sua mãe você ligou?

271 ALINE – Não, **minha mãe** tava na Bahia e não tinha como **EU** falar com **ela**. Aí **EU** falei com **o**
 272 **meu pai**, **liguei** pra **minha vó** e pros **meus irmãos** né. Aí quando **EU** cheguei, aí passei no IML,
 273 que tem que passar no IML. Aí quando **EU** cheguei na DEAM, **meu pai** e **meu irmão** já tava me
 274 esperando lá. Aí **meu irmão** falou assim, que ia em Goiânia hoje buscar **meu filho** e foi no
 275 mesmo dia buscar o **Pedro Paulo**, buscar os laudos constando que **a minha gravidez** é de alto
 276 risco pra ver se tinha como **me** tirar em liberdade provisória até o dia da audiência né. Aí assim,
 277 lá na DEAM também **a agente** que **me** recebeu super gente boa, **me** deixou levar colchão porque
 278 lá é só uma cama de ferro e é aberta assim, e muito frio e **EU** não ia conseguir passar. Aí **eles**
 279 levaram o colchão, **levaram** coberta, **deixaram** até levar lanche do Mc Donalds pra **mim**, sorvete.
 280 **Minha cunhada** que levou lá, arrumou **um advogado** né e aí levou. No outro dia **EU** vim pra cá.
 281 Aí desde então **EU** tô aqui né.

282 KARINA – Trinta dias?

283 ALINE – Quarenta e sete dias.

284 KARINA – Quarenta e sete dias.

285 ALINE – Quarenta e sete ou foi cinquenta e sete que **EU** contei ontem? **EU** acho que foi
 286 quarenta e sete dias.

287 KARINA – Perde a noção do tempo, assim...?

288 ALINE – Perde, mas assim, **perde** a noção, mas **acaba** não perdendo. **Você** tenta, aqui na cadeia
 289 é o seguinte, se **você** ficar pensando demais, **a cadeia** pesa. Aí se **a cadeia** pesa **você** vai entrar
 290 em depressão. Então **você** sabe que passar o dia todinho, **você** não tem o que fazer,
 291 principalmente **quem** já é acostumado, porque **EU** era acostumada a trabalhar, fazer tudo,
 292 mesmo grávida. **Você** não tem o que fazer. **Você** levanta vai para o confere que é uma coisa que
 293 **eles** fazem todo dia de manhã, **toma** café, aí **deita** de novo, aí esses últimos dias **EU** ainda tô
 294 pegando, teve **uma colega minha de quarto** que teve bebe né, aí **EU** tô lavando as roupinhas **dele**
 295 direto, **dela**, que **ela** tá de resguardo e isso passa o tempo. Mas assim, pesa muito. Muito, muito,
 296 muito mesmo. Aí quando **você** vai parar, **você** para pra pensar o que **você** fez. Mas assim, uma
 297 das melhores coisas, apesar que ser preso..., é porque, quando **EU** sair daqui **EU** vou valorizar
 298 mais **minha família**, é que nenhum tempo, **ninguém**... Desde **as minhas cunhadas**, **pai** e **mãe**, **vó**,
 299 **filho**, **irmãos** têm me dado apoio. Muito apoio.

300 KARINA – Graças a Deus.

301 ALINE – **Minha mãe** vem. Aí **eles** fizeram uma...

302 KARINA – E o João?

303 ALINE – Pois é, **o João**, **minha mãe** disse na última visita que **minha mãe** veio, **minha mãe** disse
 304 que conversou com **ele** e não falou o motivo. O problema é que **EU** não tinha comentado com
 305 **ele** nada sobre isso. **EU** nunca tinha falado que aconteceu isso pra **ele**.

306 KARINA – Você se sentiu insegura de contar isso pra ele?

307 ALINE – **Vergonha**. **Vergonha**, porque assim, **ele** **me** tinha como **mulher trabalhadora**, que **EU**
 308 sou realmente. **Ele** me tinha como **mulher inteligente**, **EU** acho que **ele** nunca imaginava que **EU**
 309 faria uma coisa dessa. Só que **minha mãe** também não contou o que foi. **Minha mãe** disse que
 310 foi um problema com **meu ex-marido**. Aí **ele**, **minha mãe** disse que **ele** ficou com muita raiva
 311 porque **o Renato** nesse meio tempo que **a gente** tava junto, principalmente quando **EU**

312 engravidei, porque **EU** já tinha engravidado uma vez do **João**, só que **EU** perdi. **Ele** ligava pra
 313 **mim** e ficava querendo voltar. E quando **ele** ficava, sabia que **EU** tava grávida, ficava lançando
 314 maldição no **meu filho**. **Ele** dizia, “ah, **você** não vai ter **esse**, porque **você** ficou cinco anos
 315 **comigo** e não **me deu um filho**”. Aí **o João** ficou com muita raiva **dele**.

316 KARINA – E você contou isso pro João.

317 ALINE – Não **contei**. **EU** não contei. É por isso que **EU** tô falando, **ele** ficou com raiva porque
 318 **ele** ligava muito forçando barra, querendo voltar, querendo que **EU** fosse pra Brasília passar
 319 final de semana com **ele**. E **EU** fui até uma vez antes de **EU** conhecer **o Renat...**, **o João**, só que
 320 **quem** tinha que bancar era **EU**, então...

321 KARINA – Aí não tem quem agunte.

322 ALINE – A outra vez que **EU** fui **EU** banquei tudo, e aí mesmo qualquer paixão acaba né,
 323 graças a Deus **a minha** que **EU** sentia por **ele** acabou. **EU** não sofro mais, e não sinto raiva
 324 também porque **EU** não consigo sentir raiva de **ninguém**.

325 KARINA – Ou será que não é por que o João agora preencheu o espaço né, que tinha?

326 ALINE – Isso, **o João** preencheu, mas assim. **EU** não sinto raiva nem nada **dele**. Hoje **EU** paro
 327 pra pensar, que **EU** tô aqui também, muito por cau..., **ele** ajudou muito de **EU** estar aqui,
 328 entendeu (voz embargada). Aí **EU** paro e penso, meu Deus, **uma pessoa** que era pra **me** fazer
 329 feliz, porque **a gente** foi muito feliz, não **you** dizer que **a gente** não foi, mas essa felicidade
 330 todinha que **nós** vivemos é o que **EU** tô passando hoje. **Grávida na cadeia**, porque quer queira,
 331 quer não, ali é tudo organizadinho, é tudo bonitinho, só que deixa a desejar muita coisa, a
 332 comida mesmo, muitas vezes **a gente** já comeu comida, **comeu** não, porque **EU** não como, a
 333 comida vem azeda. A linguça de porco crua e **a gente que tá grávida**, pra você ver, depois que
 334 **EU** cheguei aqui **EU** emagreci seis quilos. É bom porque **EU** engordei muito na gravidez, **EU**
 335 engordei trinta e cinco quilos na gravidez.

336 KARINA – É mesmo? Nossa.

337 ALINE – Trinta e cinco quilos.

338 KARINA – É que você é alta, né?

339 ALINE – Han, han. Quando **EU** engravidei **EU** tava muito magrinha e assim, **EU** sempre fui
 340 gordinha mas **EU** sempre fazia **minhas dieta**, **tinha** nutricionista, **fazia** academia, **EU** sempre
 341 conseguia manter. Então aí só nos dois primeiro mês da gravidez **EU** engordei dez quilos. Então
 342 assim, ao todo, trinta e cinco quilos. Mas quando **EU** cheguei aqui, **fui** fazer o pré-natal, já **tinha**
 343 **emagrecido** em vinte dias que **EU** tava aqui, já **tinha emagrecido** quase seis quilos. Porque tem
 344 essa questão da comida. **A gente grávida** é enjoada, porque não é qualquer coisa que desce.

345 KARINA – E a sua família vem te visitar aqui?

346 ALINE – Vem. Só que como **EU** sou provisória, é de quinze, é toda quinta a visita né, então é
 347 de quinze em quinze. Desde que **EU** entrei, não teve uma, o que era o dia da **minha visita**, **deles**
 348 não vim. **Eles** vêm, só que é assim, **EU** não posso cobrar nada **deles**, porque **eles** tão pagando
 349 advogado, tão vendo, aí **meu pai** vem, traz um dinheiro, porque aqui em baixo tem cantina né, lá
 350 na (ininteligível 00:26:42). E aí traz um dinheiro, aí **EU** compro um biscoito. Aí traz um
 351 biscoito, traz fruta.

352 KARINA – Aí já ajuda um pouco.

353 ALINE – Ajuda. Aí tem **a Rute** também, **o pai dela** tem uma condição melhor, então **a gente** se
 354 tornou muito amigas aqui né.

355 KARINA – E ela convive com você?

356 ALINE – Isso, é **essa** que eu te falei que **EU** lavo a roupa **dela**. Que aí tudo que **ela** compra, **ela**
 357 compra sempre a mais e **a gente** come juntas. Então é mais por **ela** também que...

358 KARINA – E essa convivência? Aproveitando que a gente tá falando sobre a convivência, você
 359 cometeu uma coisa que você falou que é estelionato, né, de assinar cheque e tudo, mas você
 360 convive com pessoas que cometeram de repente, eu não sei, mas homicídio...

361 ALINE – Tráfico de área, tráfico de rua...

362 KARINA – Tráfico de área é o quê?

363 ALINE – É **a pessoa** entrar com droga, tipo no presídio, ou na escola.

- 364 KARINA – Coisas assim bem né..., como é que é isso? Como é que você se sentiu quando você
365 se deu conta?
- 366 ALINE – A primeira coisa quando a gente chega, elas perguntam, “em que você entrou?”,
367 porque a gente não sabe. A gente vai aprendendo os artigos depois quando tá aqui dentro. Aí
368 “não eu fiz isso”, “ah, então você tá no 55 que é mais fácil do que o tráfico, é bem mais fácil de
369 você sair”. Tem pessoas na ala, já teve pessoas que fez tentativa de homicídio, que fez
370 homicídio, tráfico.
- 371 KARINA – Mas na mesma ala que você?
- 372 ALINE – Na mesma ala. 55 também, o 57 que é assalto à mão armada. Só que ali dentro, assim,
373 é difícil a convivência porque o lugar onde tem muita mulher é muito difícil, assim, difícil
374 qualquer lugar. É difícil a convivência, só que se você tá passando mal, aí todas se preocupa. Ali
375 dentro eu não vou falar que é família, porque família é uma coisa muito, bem diferente do que é
376 aqui né. Mas tem um companheirismo. Tem muito companheirismo, ninguém te aponta pelo
377 que você fez, até porque todo mundo tá ali porque fez alguma coisa. Tem lá umas que gostam
378 de fazer um inferno no local? Tem. Mas a maioria tá ali, sabe que tá ali, então que tá do mesmo
379 jeito que você, não vai ficar te esnobando, não vai ficar te maltratando, te humilhando por causa
380 disso. E o negócio também é você ficar na sua.
- 381 KARINA – Como é assim, ficar na sua?
- 382 ALINE – É não, por exemplo, tem brigas, rola briga, rola porrada de mulher ali dentro, rola.
383 Você separa, separa.
- 384 KARINA – Mas entre as grávidas?
- 385 ALINE – Já aconteceu.
- 386 KARINA – É mesmo? Porque geralmente quando a gente tá grávida, a gente tem todo o
387 cuidado.
- 388 ALINE – Eu falo até a questão...
- 389 KARINA – Física, por exemplo, agressão física é um negócio muito sério.
- 390 ALINE – Mas eu falo até a questão assim, porque tem hora que a gente tá tão doida ali que a
391 gente não aguenta. Se a pessoa falar alguma coisa. EU é porque EU sou muito paciente, EU sou
392 uma pessoa, já aconteceu de pessoas pega no meu pé ali. Só que simplesmente EU vou pro meu
393 quarto, vou orar, EU não revido. Igual EU falei pras meninas, pode vir pra cima me bater, EU
394 não vou fazer nada, porque se você faz e a polícia pega, é ocorrência. E ocorrência é atraso na
395 sua, você fica com atraso aqui. O nome vai pra mesa de um relatório toda semana, pra mesa do
396 juiz. Aí por exemplo no dia da sua audiência, se tiver constando lá ocorrência porque brigou,
397 brigou, brigou, o juiz não vai te liberar. Vai dizer, “ah, essa mulher não tá pronta pra ir pra rua?”.
398 Entendeu? Então você tem que ficar na sua. E quando você é de boa, se alguém começa a te
399 implicar, as outras até te defendem, porque sabe que você é de boa. Então aí foi o que EU fiz.
400 Fofoca, a menina um dia desses quase apanhou por causa de fofoca. Entra num quarto fala uma
401 coisa, entra no outro fala outra. Aqui é um lugar onde a gente lida com pessoas amadoras igual
402 EU, mas tem pessoas totalmente profissionais no crime.
- 403 KARINA – Que já estão aqui há muito tempo?
- 404 ALINE – É que já estão há muito tempo, que trabalha lá fora, faz as coisas. Tem pessoas
405 malandra. E se você não souber fechar a boca, você vai acabar armando uma casinha pra você
406 mesmo.
- 407 KARINA – Armar uma casinha é?
- 408 ALINE – É você se dar mal por causa da sua língua. Você chegar falar de uma pra uma, aí
409 chega no quarto, fala de outra pra outra. Você só tá caçando que vai apanhar, porque vai as duas
410 pra cima de você e você vai ter que provar o que você falou né. Então é isso. Se você não tiver
411 cuidado, não tiver a cabeça no lugar, acaba tendo problemas.
- 412 KARINA – Aline, e a outra pergunta. Você já me descreveu a sua infância e assim, da última
413 vez, eu até pedi pra você escrever uma palavra que assim, descrevesse o momento da
414 maternidade. Aí você colocou amor, se não me engano. Você colocou amor né. E assim, você
415 poderia descrever pra mim o que significa maternidade na sua vida?
- 416 ALINE – Ah, EU tive duas, EU tive cinco gravidez. Três foi aborto, três abortou espontâneo.

- 417 KARINA – Mas três, foi uma do Renato...
- 418 ALINE – Foi Pedro Paulo.
- 419 KARINA – Sim, teve o bebezinho.
- 420 ALINE – O Pedro Paulo que hoje tá com oito anos. Engravidei duas vezes do Renato, perdi e
- 421 uma do João e perdi. E agora é o Bruno.
- 422 KARINA – Todos os dois meninos.
- 423 ALINE – Todos os dois meninos. Mas ele ficou muito feliz que era homem, meu marido. Aí tá,
- 424 tudo bem. Pra mim, o Pedro Paulo pra mim, além de um filho ele é um amigo. A gente acordava
- 425 junto, tomava café junto, fazia o dever de casa dele, que EU trabalhava só a tarde e ele estudava
- 426 à tarde, EU deixava ele com a minha mãe e ia pro trabalho quase na hora dele ir pra escola.
- 427 Arrumava a casa junto, ele tinha os afazeres. Quando EU engravidava que EU perdia, para mim
- 428 era horrível, porque é de família. Minha mãe ama os filhos dela, tem tudo na vida dela, minha
- 429 vó ama os filhos dela e nós, EU também amo meu filho. Quando EU descobria que EU tava
- 430 grávida, era a melhor coisa. A maternidade pra mim é a mudança de vida. EU não sei nem
- 431 explicar como palavras. É você carregar, como você já teve grávida você sabe, às vezes rola isso
- 432 lá, a gente conversando sobre isso na ala, tem muitas mães, a maioria delas, tem mulher que tem
- 433 nove filhos, só que não criou nenhum. Tem mulher que tem cinco filhos, só que não criou
- 434 nenhum. EU acho que a maternidade pra mim não é uma brincadeira, não é só porque você
- 435 transou e engravidou.
- 436 KARINA – Não é só ter o bebê.
- 437 ALINE – Não é só ter o bebê. A maternidade é você sentir a criança desde o primeiro momento
- 438 que você sabe que tá grávida. EU sou daquele tipo que EU já amo, porque EU sempre perdia o
- 439 neném, um mês e meio, dois meses. EU ficava muito mal, EU chorava, porque era uma vida,
- 440 EU queria ver como é que era. Igual o Bruno, EU converso com ele, converso demais com ele.
- 441 Aí EU converso, ele mexe, EU vejo que ele sente. Sabe? Tá ali dentro. A gente fica imaginando,
- 442 meu Deus, como que vai sair, como que vai ser? A gente é paparicada.
- 443 KARINA – E você tinha paciência assim, quando o Pedro Paulo era pequenininho e tal, de
- 444 cuidar, essa coisa de amamentar, de tudo?
- 445 ALINE – Tinha. Só que lá em casa tem uma coisa, quando uma ganha neném, aí vai todo
- 446 mundo pra casa. Lá em casa quando EU ganhei o Pedro Paulo, aí era a minha mãe, minha vó
- 447 Alice. EU já tava até falando assim, eu pedi a Deus, “Deus, me liberta amanhã na minha
- 448 audiência porque os meu caso é cesárea né, porque EU não tenho passagem, pela questão do
- 449 sobrepeso e pela questão da pressão. E você já pensou você ter cesárea na cadeia onde você não
- 450 tem ajuda de ninguém. Porque assim, todas as mães têm o seu filho ali, as grávidas tá naquele
- 451 jeito, tá mais caindo do que andando, porque quando você tá grávida você fica indisposta.
- 452 KARINA – Nossa, o primeiro foi parto normal né, eu também achei horrível. Mas o segundo
- 453 meu foi cesárea, meu Deus do céu, eu doida pra sair da cama, pra colocar o pé no chão Aline,
- 454 doía demais, sabe aqueles pontos que pareciam que iam abrir. Nossa e eu tenho amigas que
- 455 dizem, “ah, não, não é nada, eu não sinto nada”, mas eu senti tanto, tanto, tanto, sabe, pra tomar
- 456 banho e tudo.
- 457 ALINE – Não, e quando EU cuidei do Pedro Paulo, assim, EU até um mês EU não dava banho,
- 458 porque minha mãe já ficava com medo de EU dar banho. Minha vó então, minha vó, mãe do
- 459 meu pai, então tem minha irmã também que já tem três filhos, ela me ajudou muito. Aí naquela
- 460 gravidez foi diferente dessa, porque assim, toda gravidez EU sou muito paparicada, tanto pela
- 461 mãe, pelos irmãos, por todo mundo. Tanto que quando EU fui presa, todo mundo ficou assim,
- 462 não que não se preocupasse comigo, mas se preocupou muito com o meu estado de gravidez.
- 463 Minha mãe ainda fala, “meu Deus, se você ganhar seu filho aqui a gente nem tá imaginando”.
- 464 EU falei “é mãe pode ser até Deus permitindo né”. Pra mim amadurecer mais, e EU gosto de dar
- 465 banho, de ver..., igual EU ganhei muita roupinha aqui. EU tenho meu enxoval lá fora, só que até
- 466 chegar aqui, você vê, a Rute tá com treze dias o nenê dela. Até hoje não chegou nada porque
- 467 tem os dias de trazer aqui, pra mãe trazer e só entra na sexta-feira. Aí vem questão natal, ano
- 468 novo, não chegou nada.
- 469 KARINA – Mas e o bebezinho tá usando o que?

470 ALINE – Não. A gente ganha. Essas coisa são tudo doação, oh, que aí vai sexta-feira pra gente.
 471 Hoje mesmo EU enxaguei umas roupinhas que EU tinha ganhado ontem, já tô com um..., dá
 472 pra mim ficar até se EU for sentenciada, dá pra mim ficar até minha mãe mandar as roupinha.
 473 Então assim, aquela questão de lavar, limpar, de cuidar, essa vez, essa gravidez, se EU tiver aqui
 474 dentro vai ser diferente. Que EU vou tá ali sozinha, vai ser EU e ele.

475 KARINA – Mas a gente consegue Aline. Eu tô dizendo assim que eu acho que a gente
 476 consegue. Porque a gente consegue uma força inexplicável.

477 ALINE – É. É igual na hora do parto mesmo né. Na hora do parto você tá ali sozinha e você
 478 consegue, a gente consegue. E acho que a gente vendo o nenzinho assim, nosso, o bebê, num
 479 vai ter, a gente vai tirar força de onde precisa pra cuidar.

480 KARINA – Com certeza. Aline, e assim, você descreveu sua família, o sentimento pra falar
 481 dessas pessoas, e a respeito da escola, como é que foi? Você fez ensino fundamental, ensino
 482 médio? Como é que você via a escola?

483 ALINE – Ah, EU sempre gostei de estudar, sempre amei estudar e meu pai e minha mãe, apesar
 484 de a gente não ser uma, não ter muito dinheiro, mas meu pai sempre trabalhou, igual EU te falei
 485 no início né, então não deixava faltar nada. Estudei o tempo todo em escola pública, não estudei
 486 em escola particular, sempre, da quinta à oitava série, até o segundo grau, EU era aluna
 487 destaque, porque tem isso na escola pública né, você tirar nota. EU sempre fui aluna destaque,
 488 sempre fui aquela aluna representante de turma, então assim, a escola pra mim é essencial, meus
 489 filhos vão estudar e assim, EU tive, pra mim entrar na faculdade EU tive que trabalhar, porque
 490 meu pai não tinha condições de pagar, mas quando chegar a vez dos meus filhos, EU quero
 491 assim, não que eles precisem trabalhar primeiro pra ter um dinheiro pra pagar a faculdade, mas
 492 EU quero ter condições de pagar a faculdade pra ele.

493 KARINA – Onde você cursava administração?

494 ALINE – Eu cursava lá naquela Alvorada.

495 KARINA – Na Alvorada. Ah tá.

496 ALINE – É na Faculdade Alvorada, no final ali da norte, no final da W3 norte? Na época era lá.

497 KARINA – Fechou.

498 ALINE – Fechou? Não foi pra outro lugar?

499 KARINA – Não, ela faliu.

500 ALINE – Nossa era uma faculdade muito boa.

501 KARINA – Grande né. É mas parece que eles não pagaram o aluguel do prédio e aí foram
 502 despejados.

503 ALINE – EU fiz lá e os professores eram muito bons.

504 KARINA – Mas você pegou o seu histórico?

505 ALINE – Peguei. O histórico das notas EU peguei. Antes de EU ir pra Goiânia, de EU ir morar
 506 em Goiânia EU peguei.

507 KARINA – Ah que bom. Bom, Aline, e amigos? Você falou né que quando você tá num
 508 relacionamento você é muito apaixonada. Você faz o que tiver que fazer. E em relação a
 509 amigos? Você tinha amigos, você tem amigos?

510 ALINE – Tenho. EU tenho amigos de muito, de infância. Tenho amigos de infância. Assim, EU
 511 sou uma pessoa muito fácil de fazer amizade. Só que há amigos e amigos né. Amigos, aqueles
 512 amigos que a gente tem pra na hora que você precisar tá ali. Tem muita gente que fala que não
 513 tem, mas EU tenho. É outra coisa que a gente conversou muito ali dentro da cela, que o povo
 514 falava, amigo seu é só seu pai e sua mãe. Mas EU acho que tem amizades verdadeiras. Porque
 515 EU tenho amizades verdadeiras, não são muitas amizades assim.

516 KARINA – Mas você tá contando com essas pessoas agora? Pelo menos com algumas delas?

517 ALINE – Sim, questão de, olha, EU tenho umas meninas que moram em Planaltina, mesmo
 518 mudando pra Goiânia EU não perdi contato, elas são evangélicas, uma é professora, já
 519 mandaram carta pra mim. Aqui não pode entrar carta pela visita, então tem que vir postal. Mas
 520 minha mãe manda recado que elas falam, “olha, eu tô orando por ela. Fala que EU tô contando.”
 521 Então tudo isso pra gente é que faz a diferença. E tem aquelas pessoas também que é os colegas,
 522 amigos, aí todo mundo, igual minha mãe falou na última vez, que “todo mundo em Goiânia tá

523 torcendo por você” (voz embargada), “se preocupa com você”. **Fizeram** um chá de berço mesmo
 524 **EU** não tando, entendeu? Foram **nossos amigos**, assim **conhecidos**, **com família** que fez. Então
 525 isso **a gente** vê que as pessoas realmente gosta de você.

526 KARINA – Claro, verdade. E a outra é sobre experiências de trabalho né e você falou que
 527 trabalhou como gerente administrativa e tudo. Você pretende seguir nessa área?

528 ALINE – Olha, na área financeira não. Porque **a gente** costuma, **minha vó** costuma dizer, o que
 529 é mal aos olhos de Deus, mal aos olhos do homem. Aqui em Goiânia, oh, lá em Goiânia, **EU**
 530 trabalhei na área administrativa. Agora assim, **EU** não quero trabalhar com negócio ligado em
 531 dinheiro. **EU** não quero, porque **EU** fiz uma vez, não que **EU** vá fazer de novo, mas é bom
 532 vigiar, é assim que **minha avó** fala. É bom vigiar. Mas **EU** quero continuar trabalhando, **EU**
 533 trabalho na área. **EU** trabalho na (nome da empresa), é uma empresa lá em Goiânia que presta
 534 serviço pra prefeitura. É um teleconsulta lá em Goiânia.

535 KARINA – Mas você continua nessa empresa?

536 ALINE – **Tô**, **eles** ainda não **me** mandaram embora. **Eles** não podem mandar embora porque **EU**
 537 tô gestante.

538 KARINA – Mas eles pagam o salário normal?

539 ALINE – **EU** assinei uma procuração e **passei** pra **minha mãe**. Agora que **EU** vou saber da
 540 **minha mãe** se **ela** conseguiu, até a última visita que foi quinta-feira retrasada, **ela** não tinha
 541 conseguido ainda nem pegar meu pagamento do mês, nem o décimo terceiro. Aí **EU** acho que
 542 **ela** já deve ter conseguido. Aí de agora em diante **EU** não sei como vai ser.

543 KARINA – Licença né.

544 ALINE – Não, licença maternidade **EU** não vou poder, só se **EU** sair daqui, aí **EU** dou entrada.
 545 Mas se **EU** não sair, **EU** não sei, **EU** acho que não sei se **eles** suspende o contrato, **EU** não sei,
 546 **tenho** até que conversar com a **minha advogada** como é que vai ser essa questão. Agora mandar
 547 embora **eles** não podem pela questão de **EU** tá presa, que tem uma lei na CLT que **me** resguarda
 548 por isso e por **EU** tá gestante também. Agora mas também receber **EU** não vou porque **EU** não
 549 tô trabalhando, não **tô** prestando meu serviço, **EU** tô impossibilitada.

550 KARINA – E Aline, quais são seus planos pro futuro?

551 ALINE – **Terminar a minha faculdade**, **meu sonho**.

552 KARINA – E a parte profissional?

553 ALINE – Na parte profissional **EU** quero terminar a faculdade né e **quero** entrar numa empresa
 554 onde **me** dá oportunidade de crescimento. A (nome da empresa) dá oportunidade pra
 555 crescimento? Dá, mas assim, é muito difícil, aí **EU** quero entrar numa empresa onde **me** dê
 556 oportunidade de crescimento e quando **EU** voltar a fazer faculdade, **EU** não quero voltar na
 557 administração, **EU** quero voltar em ciências contábeis e **quero** fazer uma especialização em
 558 recursos humanos.

559 KARINA – Ah que bacana. Ciências contábeis é um curso muito bom né.

560 ALINE – Muito bom. O mercado é muito grande né, aí **EU** quero...

561 KARINA – Eu não tenho talento pra parte financeira, pra parte matemática.

562 ALINE – **EU** gosto, nossa **sou** apaixonada em matemática.

563 KARINA – ALINE, e você descreveu os seus namoros e qual é a sua visão sobre casamentos?
 564 Sobre relacionamento?

565 ALINE – Ah, **EU** sou daquele tipo que casamento é prioridade. **EU** adoro tá casada, assim, até
 566 **vivendo** junto. Juntado com fé casado é. É acordar de manhã, tá com **a pessoa** do lado e **EU** sou
 567 daquele tipo de mulher que **EU** faço de um tudo. É lavar roupa **pro homem**, deixar as roupas
 568 arrumadinhas, é por comida no prato. **O João** é que não gosta, mas o **do Renato** eu fazia assim, a
 569 questão de comida no prato, mas do **Renato** **EU** fazia isso. É mimar. Então casamento pra **mim**,
 570 é muito, **EU** acho uma coisa, **EU** não tive sorte até hoje, **minha irmã** é casada há treze anos.
 571 Casou com dezesseis anos e até hoje tá com **o marido dela**. Tem **a família dela**. **Minha prima**
 572 também que é como irmã é a mesma coisa. **EU** não sei se é porque tanta sede, tanta vontade de
 573 ser feliz no casamento e aí **você** acaba fazendo coisas que **você** mesmo acostuma **o homem**, que
 574 **homem acostumado mal** é a pior coisa que tem né. Mas assim, **EU** ainda penso, que não seja
 575 com **o João**, não sei, porque **a gente** tem uma diferença de idade muito grande, mas **EU** acho que

576 quando se gosta isso não tem nada a ver. Só que **EU** tenho que pensar daqui dez anos né, **ele** tá
 577 com trinta e **EU** com quarenta, se não for com **ele** vai ser com **alguém**. Aí **EU** quero construir
 578 **uma família**.

579 KARINA – E essa pessoa precisa ter o que pra você? Esse companheiro?

580 ALINE – Tem que ser **uma pessoa que tenha um trabalho**, claro, que não seja tão ambicioso
 581 porque **EU** não sou uma pessoa ambiciosa. **EU** sou aquele tipo de pessoa, **quero** trabalhar pra
 582 viver bem e **dar** uma vida boa pro **meu filho**. Igual **o Renato** era ambicioso. Tanto que **EU** fiz
 583 coisas que não devia pra tipo, manter a vida que **ele** queria, entendeu? Mas **a pessoa** tem que ser
 584 carinhosa, tem que ser fiel, porque **EU** sou totalmente contra traição. **EU** nunca trai na minha
 585 vida. Tem que ser carinhoso porque **nós mulheres** precisamos sim de **um homem carinhoso,**
 586 **trabalhador** e pensar no futuro. **O João** estudou até a quinta série. **EU** já falei pra **ele**, **vamos**
 587 voltar, **ele** virou pra mim com todo, **ele** tem a profissão **dele**, porque serralheiro é uma profissão
 588 boa, você..., **ele** falou pra **mim**, “Aline, **eu** não vou falar pra **você** que **eu** vou estudar porque **eu**
 589 não tenho mais paciência de estudar, mas **eu** quero que **você** estuda, **eu** não quero que **você** para
 590 seus estudos, pra **você** continuar sua faculdade, quando **o neném** nascer”. **EU** quero **aquela**
 591 **pessoa** que acima de tudo **me** ame, **me** respeite. Porque **EU** acho que o amor também fica lá no
 592 terceiro lugar. Na confiança, **EU** acho. A confiança, o respeito, que a partir do momento que
 593 **você** acaba o respeito, pra **mim** o relacionamento acabou mesmo **você** tentando segurar, o
 594 relacionamento acabou, igual **muitas meninas lá da ala** fala, “ah, **meu marido** me espanca e **eu**
 595 volto pra **ele**”. Nunca. O dia que **um homem** levantar a mão pra bater na **minha cara** é porque **ele**
 596 não é digno do meu amor. Então...

597 KARINA – Isso tá certo Aline. E Aline, a outra pergunta, a descrição dos filhos, você poderia
 598 descrever pra mim o Pedro Paulo, na sua visão?

599 ALINE – **O Pedro Paulo** é **uma criança** muito meiga, muito inteligente, **ele** é **daquele tipo de**
 600 **pessoa** que cativa todo mundo. Se você conhecesse **ele** hoje, muito educado. **Todo mundo** fala,
 601 **Aline**, **você** criou **seu filho**, porque **filho criado com vó** é difícil e **sem pai**. Aí assim, **EU** criei
 602 **ele** de um jeito, **ele** é muito educado. O dia que **ele** veio na visita, **ele** veio uma vez na visita, **as**
 603 **menina** se apaixonaram por **ele**. **Ele** é comunicativo, **ele** gosta muito de ler. Então assim, **ele** tem
 604 uma mentalidade acima da idade **dele**. **Ele** é grandão, porque **EU** sou grande, **o pai** também é
 605 grande. Então assim, **ele** vem e conversa com você e se **ele** conversou com você aqui agora, toda
 606 vez que **ele** te ver **ele** vai te chamar de tia e te dá a benção. Então assim, **ele** nunca viu...

607 KARINA – Ele tá vivendo aqui em Brasília?

608 ALINE – Não. **Ele** tá lá em Goiânia com **a minha mãe**. **Ele** fica lá e aqui, porque tá ne férias né.
 609 Até **a minha mãe** vem **me** visitar. Eu nunca vi **o Pedro Paulo** xingar. Nunca vi **ele** com nome
 610 nenhum e se **ele**, **alguém** xinga perto **dele**, **ele** repreende, **ele** fala, “é muito feio isso”.

611 KARINA – E na escola o comportamento dele?

612 ALINE – Muito bom. **EU** nunca tive reclamação.

613 KARINA – A dificuldade era só em relação a conteúdo?

614 ALINE – É, conteúdo. **Ele** tava muito devagar, só que o que **EU** percebi? Quando **EU**
 615 trabalhava em dois empregos, **minha mãe** é analfabeta, **ela** não dá conta, **ela** mal dá conta de
 616 assinar o nome. Quando **EU** trabalhava em dois empregos, **ele** tava ruim demais. Aí quando **EU**
 617 engravidei, **EU** tive que sair de um porque **EU** não dava conta. Aí **EU** passei a ensinar os dever,
 618 **passei** tarefa em casa. **Ele** melhorou de um jeito, a letra **dele** antigamente era uns garranchão, a
 619 letra **dele** tá linda, linda, linda. **Ele** melhorou de um jeito e agora **ele** tá bem. Não é **criança** de
 620 dar trabalho, **a professora** diz que **ele** é uma gracinha na escola.

621 KARINA – ALINE, como foi contar pra ele que você veio para cá? O porquê de você ter vindo
 622 pra cá?

623 ALINE – **EU** não tive problema porque assim, eu e **o Pedro Paulo**, **a gente** é muito aberto **um**
 624 com **o outro**.

625 KARINA – O que você falou pra ele?

626 ALINE – Antes de **EU** ser presa, **ele** já sabia que tinha acontecido isso.

627 KARINA – Ou seja, a abertura que você não tinha com o João, você tinha com ele de contar?

628 ALINE – Justamente. **EU** não tenho, pra **ele** **EU** não tenho..., e a **gente** conversa assim e **o Pedro**
 629 **Paulo** tem uma cabeça tão..., porque quando era **o Renato** mesmo, que **EU** e **o Renato** brigava,
 630 **ele** virava assim, “**mãe** **eu** não gosto de ver **você** brigando”, **ele** conversava **comigo** como se
 631 tivesse **me** dando uma lição de moral. Na época com cinco anos, quatro, cinco anos. E hoje, aí
 632 **EU** liguei quando **EU** tava indo pra delegacia, **EU** liguei pra **ele** e não **falei**, pedi pra **minha irmã**
 633 falar né. **A Ada** explicou pra **ele**, aí **a minha mãe**, quando **ele** veio pra **mim**, o dia da visita que
 634 **ele** veio né, aí **EU** fui e **falei**, “oh, **meu filho**, **mamãe** tá presa por isso, isso e isso.” Aí não tem
 635 que vê aquela situação ali de visita, que num dia de visita aquilo ali é uma situação que **quem**
 636 vê, fala “meu Deus, isso aqui não é lugar de gente não”.

637 KARINA – Por quê?

638 ALINE – **Você** fica sentado no chão. Os lugares lá são alugados no chão (pronunciando em
 639 baixa voz), **você** tá lá sentado com **sua família**, **você** tem que pagar **as presas**.

640 KARINA – É mesmo?

641 ALINE – É, só que **EU** acho que **eles** não sabem não. Mas é, **você** tem que pagar **as presas**,
 642 então **EU** paguei R\$ 5,00 num lugar pra sentar no chão, aí vem **aquele povo**, come aquela
 643 comida e joga no chão ali, é muito triste. Tem **gente de todo jeito**. Tem **mulheres**, aí você vê
 644 **mulher com mulher** beijando na boca. Entendeu, com **uma criança**.

645 KARINA – Na frente da criança?

646 ALINE – É muito, muito triste.

647 KARINA – Todo mundo junto?

648 ALINE – É. Quanto mais dói, na hora que chega é uma beleza. **Eles** chegaram nove horas e
 649 ficaram até três. Na hora que **ele** foi embora, foi uma dor insuportável. **Ele** começou a chorar
 650 como se tivesse levando uma surra. “**Mamãe** **eu** te amo e não sei o que (voz embargada), e
 651 chorava e **me** abraçava” e aí entra na grade né e fica esperando na fila. Aí **ele** veio da coisa e
 652 pegou assim, “**mãe** **eu** te amo demais **mãe**, **a senhora** tem que sair daqui que **eu** não tô
 653 aguentando mais ficar longe **da senhora**” (voz muito triste) E aquelas lágrimas descendo e **ele**
 654 chorando igual parecendo que **ele** tava apanhando e coisa e aquela dor no **meu coração** e **EU**
 655 chorando também e **ele** lá no lado de lá da grade e **me** abraçando e **EU** beijando **ele**. Mas é uma
 656 coisa muito horrível, porque assim, o que mais **me** dói de tá aqui dentro, não é talvez nem **EU**,
 657 porque **EU** tô tentando levar **minha vida**, mas é ver **minha mãe**, **meu filho** vindo aqui, passando
 658 por essa situação (chorando).

659 KARINA – Aline, outro ponto. A adolescência você me contou como foi que você foi apanhar a
 660 sua mãe lá na Bahia e acabou se apaixonando né e aí teve esse presente, esse rapazinho que
 661 mudou da adolescência pra vida adulta em você?

662 ALINE – Ai mudou muita, **EU** falo que mudou, muita coisa não mudou. **A minha mãe** fala
 663 assim, “**Aline**, você é muito descabeçada, principalmente quando **você** arruma **uma pessoa**”. Só
 664 que é vivendo e aprendendo né. Depois dessa experiência que **EU** tive com **o Renato**, **EU** num,
 665 já **o João** mesmo **EU** não **me** entrego totalmente **pro João**. **Minha vó** chegou pra **mim**, **minha vó**
 666 é **aquela pessoa** que **ela** teve **dois homens** na vida dela. **O pai do meu pai** e **o pai do meu tio**. **O**
 667 **pai do meu tio**, **eles** separaram há mais de quarenta anos, não, há mais de trinta anos. **Ela** não
 668 arrumou ninguém. Se não é **uma pessoa** que não tem experiência com **homens** muito grande né.
 669 Então é **uma pessoa** que foi infeliz e decidiu não ter mais **ninguém**. E **ela** mesma falou, “**você** se
 670 entrega demais num relacionamento.” **EU** acho que o **meu único problema** é essa questão do
 671 relacionamento mesmo. **EU** fiz uma besteira, a pior época **da minha vida** que é agora, essa que
 672 **EU** tô passando. Tem a ver com relacionamento. Mas em outras questões, em questões de
 673 amizade, questões de família, **EU** sempre fui **daquela pessoa** muito meiga, que **tava** ali pra
 674 ajudar **todo mundo** e isso não mudou ainda. **Todo mundo**, **a minha família**.

675 KARINA – Mas quando você tá com alguém você acha que você fica melhor, mais controlada?

676 ALINE – **EU** acho que eu fico bem, mas acaba não ficando bem, porque assim, nessa situação
 677 **do Renato** mesmo, **EU** deixava muito **minha família** de lado por causa dele. Deixava tudo pra
 678 estar com **ele**. E adiantou alguma coisa? Hoje no dia que **EU** tô precisando, quem tá aqui do
 679 **meu lado**? É por isso que assim, **EU** não falo nem da mudança da adolescência pra agora, mas
 680 **EU** falo, **EU** costume escrever, lá em cima **EU** escrevo muito, a mudança **da Aline** antes da

681 cadeia e depois da cadeia. Porque aqui tem, aqui serve pra **você** pensar na sua vida. Aqui tem
 682 **mulheres** que fica aqui e sai e vai fazer a mesma coisa. Já tem **mulher** que já veio aqui duas, três
 683 vezes. E tem **outras** , geralmente são as que é a primeira vez, **EU** e **muitas outras** lá, que tem isso
 684 aqui, “meu Deus, **eu** tô aqui e **as minhas filhas** tá na rua. **A Rosa** mesmo, **a Rosa** já tem **uma**
 685 **filha que é paraplégica** e **ela** que cuida **da menina** de tudo e tá lá, na mão **da mãe** , mas **a mãe**
 686 cuida, só que **ela** tem as consulta na Susan e o que **a Rosa** fala? **EU** vou sair daqui e **vou** mudar **a**
 687 **minha vida** .

688 KARINA – E a Rosa tá com um bebezinho também?

689 ALINE – **A Rosa** tá com o **Marcos** , **o bebezinho** .

690 KARINA – E por que ela tá aqui?

691 ALINE – **Ela** foi tráfico de área, levando droga **pro irmão** na cadeia. Pelo menos **ela** foi **pro**
 692 **irmão** né. **Ela** vira pra mim e **EU** falo, “ **você** é muito é tiona levando droga” e **ela** fala, “e **você**
 693 que assinou cheque pra **marido** ?”

694 KARINA – Tionga é....

695 ALINE – Tionga é lerdá.

696 KARINA – Tá certo. E você falou né, a descrição no início da trajetória criminal você nunca
 697 pegou em arma de fogo, assim de ...

698 ALINE – Não. Nunca **peguei** em arma de fogo, não **sei** nem como é que funciona. **Nunca** usei
 699 maconha, nunca **usei** pedra, nunca **usei** droga, não **usei** nada. Nunca **fumei** na **minha vida** , **meu**
 700 **pai** é fumante, mas **EU** nunca fumei, nunca **coloquei** cigarro. A única coisa assim que **EU** fazia
 701 também era de vez em quando, era a cerveja. **Bebia** cerveja, mas assim, sempre quando **EU** saia
 702 **EU** levava **meu filho** , aí as vezes era na casa da **minha tia** , na casa da **minha sogra** . Então assim,
 703 aquela questão de cerveja mesmo.

704 KARINA – Então uso de drogas você nunca fez?

705 ALINE – Não.

706 KARINA – Você dirigia?

707 ALINE – Não.

708 KARINA – Ah, tá. Eu queria que você descrevesse seus sentimentos em relação a esse lugar, o
 709 Presídio Feminino, PPDF.

710 ALINE – Ah, isso **aqui pra mim** é uma tristeza.

711 KARINA – Uma tristeza?

712 ALINE – Uma tristeza, porque **a gente** , **EU** não sei se **ela** generaliza, que uma hora que tá
 713 falando, porque esses dias aconteceu um problema lá na ala né, **duas** da ala foi fazer uma lista
 714 com o nome **das traficantes** ...

715 KARINA – Foi fazer o quê?

716 ALINE – Fizeram uma lista com o nome **das traficantes** , então o presídio dedando, então isso
 717 percorreu o presídio. **Elas** teve que pedir seguro, você sabe o que é pedir seguro né?

718 KARINA – É o que?

719 ALINE – É um local que **elas** vão ficar afastada de todo pátio, porque se **elas** for pra **massa** , **elas**
 720 vão morrer, vão apanhar né, porque você acabou de dedar uma coisa...

721 KARINA – Aqui dentro mesmo?

722 ALINE – É.

723 KARINA – E podem fazer isso com uma pessoa? Eles não entram no meio, tipo com armas pra
 724 defender?

725 ALINE – Mas até chegar, por que é assim, **os agente** não entra. **Os agente** não entra porque **eles**
 726 não têm preparação pra isso. Isso só seria **a Bope** . E aí até **a Bope** chegar, igual um dia de visita,
 727 isso estourou num dia de visita. Você já pensou no meio do presídio você tá lidando com
 728 **pessoas profissionais** , **pessoas que matam** , aqui tem no presídio **mulher** que matou **o amante** ,
 729 esquartejou e pôs fogo. Imagina o coração. Aí **a mulher** vai lá e faz uma lista com o nome,
 730 talvez foi verdade, talvez não é, com o nome **de mulheres** , **de sentenciada** , porque **sentenciada**
 731 são as **mais perigosas** que tem.

732 KARINA – Sentenciada é que ...

733 ALINE – É **essas** que fica na cela lá em cima, é porque já foi sentenciada e vai passar vinte anos
 734 aqui dentro do presídio, quinze anos. São **pessoas** assim, que convive **com a gente**, trata você
 735 bem, mas pisou no calo **dela**, contando pra **polícia** que tá traficando aqui, que tá vendendo
 736 droga. Aí **elas** tiveram que pedir esse seguro, que é um lugar lá muito feio e **elas** tem **filho**, a
 737 **Ana Lena** tá com **uma menininha de um mês** e o **Diego** tá com quatro meses.

738 KARINA – Eles estão aqui com elas?

739 ALINE – Tão nesse lugar que não tem como viver. Como seguro. Não tem como ter **criança** lá.
 740 Beleza. Aí **elas** fizeram isso e tem **umas menina** nas alas que fazem, que brigam com elas. Aí a
 741 **polícia** chega lá, fica humilhando **você**, humilhando **a ala**. “**Vocês** não valem nada!”, pra **mim**
 742 aquilo ali é generalizado. Na hora que **elas** vão lá e fala essas coisa **EU** vou pro quarto chorar,
 743 depois. Isso porque **você** não é acostumado a ouvir uma coisa dessa. **EU** não sou criminosa, **EU**
 744 fiz, **EU** errei, mas **EU** tô pagando pelo **meu erro**. Claro **EU** não sou criminosa pra ser tratada
 745 como **um animal**. **A pessoa** chegar, gritar com **você**, mandar **você** sentar no chão e ficar ali o
 746 tempo todo. Quando entrega a comida é, hoje mesmo pra **você** ver, hoje era quinze pras sete,
 747 quinze pras sete da manhã, tem um confere de manhã com o café, **elas** chegam na cela gritando.
 748 Tem **criança**, **gente** que assusta. Aqui **a gente** é tratada, lógico que tem lugar que é tratado pior,
 749 que tem **umas** que não trata **a gente** assim. **EU** nunca tive problema com **agente** aqui. Mas como
 750 **elas** fala generalizando, **você** acaba se doendo também, porque você tá ali sendo, num tá no
 751 meio da **muvuca** que tá acontecendo, mas **você** tá ouvindo, **você** tá tendo que fazer o que **as**
 752 **outras** fazem. Agora viver aqui é, **EU** vejo o presídio, aí, pra **mim**, **EU** não vou falar lixo,
 753 porque **EU** tenho uma cama pra dormir, entendeu. A comida não é uma comida que se dá **pra**
 754 **gente**. Se **você** ver uma marmitta que é dada aqui.

755 KARINA – É o quê?

756 ALINE – Aqui só tem um cardápio: arroz, feijão, macarrão. Aí **eles** fazem, tem dia que é
 757 linguíça, uma linguíça de porco que não é frita, **ela** vem branca, crua. Aí tem um dia, o
 758 melhorzinho é o dia que é o frango, mas muitas vezes **ele** vem cru também. Aí tem a costela que
 759 é uma carne que não tem sal, não tem nada. Fora que tem a questão de quando **elas** vêm azeda.

760 KARINA – Por que passa muito tempo pra servir? Será?

761 ALINE – **EU** acho que é, mas é assim, é uma coisa que é..., aí **nós grávida**, **a gente** ainda ganha
 762 um mingau né, o mingau é que sustenta muita **mulher grávida**, porque tem **mulher** que olha pra
 763 comida e num guenta comer. E tem o pão à noite. Tem o pão de manhã com leite e à noite **eles**
 764 mandam garrafa de leite **pra gente** e dão um pão também junto com a janta que aí dá **pra gente**
 765 comer mais tarde. Mas a comida, o dia que **a minha mãe** veio, a primeira visita, era arroz, feijão,
 766 sabe aquelas linguíça calabresa, **eles** conzinha aquela linguíça, ela fica roxa, aí aquilo pra **você**
 767 comer é uma comida que **você** vê que não tem como **você**..., **EU** comi, quando **EU** cheguei aqui
 768 **EU** comecei a comer, **EU** fazia assim, **EU** tirava o arroz, quando a carne dava pra comer **EU**
 769 comia, mas **EU** comia querendo vomitar, mas **EU** comia só por causa do **Bruno**, porque **EU**
 770 tenho que **me** alimentar e **minha mãe** não tinha chegado ainda **EU** não tinha nada. Era só a
 771 comida ali, aquela comida. Então a xepa vem grande assim, **EU** só tiro o arroz, às vezes, **a gente**
 772 faz um melhorado.

773 KARINA – Xepa é a marmitta.

774 ALINE – É a marmitta. **EU** chamo **ela** xepa. Às vezes **a gente** faz um melhorado, por exemplo,
 775 compra um molho de tomate, milho e creme de leite. Aí **a gente** mistura o molho de tomate com
 776 o creme de leite e milho e azeitona e aí **come** junto com a comida. Aí geralmente quando vem
 777 **visita**, **a gente** compra e faz né, mas não dá pra comer todo dia porque tem que ter dinheiro né. É
 778 o melhorado. Às vezes, **a gente** faz **ele** com que **a gente** faz um fogueinho no banheiro e
 779 esquento, aí dá pra comer. Mas se não for isso.

780 KARINA – A outra coisa você já falou do relacionamento com as outras gestantes. Vocês se
 781 encontram com as demais internas do presídio né?

782 ALINE – É, são divididos por alas. **Nosso** banho de sol é todo dia, duas horas por dia. **Todo**
 783 **mundo do presídio** junto. Não, aí por exemplo, **todo mundo** do presídio é só na quinta-feira, que
 784 mesmo assim, porque aqui são dividido por ala. Tem a ala A que é a **da gestante**, tem a ala B,
 785 ala C que são **as sentenciadas**, aquelas celinhas que você viu lá e a ala D e a ala E. Ala E

786 geralmente são **peessoas** que já foi pro semiaberto que trabalha de dia e só vem dormir à noite. Aí
 787 no meu banho de sol, vai a ala A, ala B e ala D. Essas três alas. Aí são três etapas de banho de
 788 sol. Aí tem as outras que vai só **as sentenciadas** que são **aquelas mulher** daquelas celinhas lá,
 789 onde fica **todas...**, **elas** vão separadas. E no dia da visita, quem é **provisório** aqui, é de quinze em
 790 quinze a visita. **Nós** que ficamos na ala, mesmo não sendo dia da **nossa** visita, **a gente** tem que
 791 descer. Agora **essa sentenciada** que fica nessas coisinha, aí quem é **provisória** só desce de quinze
 792 em quinze. Então na quinta-feira tem a metade **das provisórias**, tem todas **as sentenciadas** e tem
 793 **todas** das alas.

794 KARINA – Tá, mas o seu relacionamento com elas é tranquilo? É. As menina conversa de boa.

795 KARINA – Sim. E, deixa eu ver aqui. Percepção do seu desenvolvimento? Houve alguma
 796 mudança em você depois que você entrou aqui?

797 ALINE – Houve. Mas assim, do meu desenvolvimento pessoal?

798 KARINA – Como pessoa, Aline.

799 ALINE – Teve. Igual **EU** tô te falando. Aqui, isso aqui **pra gente** é uma clínica, **EU** falo como
 800 uma clínica. O conhecimento mais da **minha valorização** mais da **minha família** e esses dois dias
 801 mesmo **EU** tava muito nervosa, depois **EU** parei, porque **EU** sou uma pessoa que **você** acaba, a
 802 cadeia acaba pesando, então assim, **EU** tava, **as menina** falava, **a Rosa** vinha falar comigo e **EU**
 803 já pagava um sapo.

804 KARINA – Sim, estressada?

805 ALINE – Estressada. Aí **a Rosa** chegou pra mim, nossa...

806 KARINA – Tem seu estado também né, quando a gente tá grávida, fica meio que com nervos...

807 ALINE – Aí **ela** me falou, nossa, tá mudando hein. Gíria, **EU** odeio gíria, aí **ela**, **as menina**
 808 ontem, **Aline**, você tá falando gíria, “véio”, não sei o quê. E **EU**, meu Deus, quando **meu pai**
 809 chegar aqui **EU** não posso falar, porque **o meu pai** não gosta também, **o meu pai** odeia gíria.

810 KARINA – Mas você vai convivendo né?

811 ALINE – Já vai pegando o jeito.

812 KARINA – E você falou como é a relação dos profissionais de segurança né, alguns tratam bem
 813 e outros não. Descrição, ah, tá. Tem oficinas aqui né, você participa de alguma?

814 ALINE – Não, porque **EU** ainda nem procurei pra participar porque **EU** tô esperando a questão
 815 da **minha audiência**. Se **EU** for sentenciada, se **EU** tiver que ficar aqui, **EU** quero participar.

816 KARINA – Se você for sentenciada, quanto tempo você pode pegar?

817 ALINE – Segundo **as menina** falou que até quatro anos. Mas quatro anos na lei de 1/6. Lei de
 818 1/6 é por exemplo, cada ano **você** tem que cumprir dois meses e pouco, então **EU** tenho que
 819 ficar aqui uns oito meses, nove meses. E tem essa questão também, e vai depender muito **do**
 820 **juiz**.

821 KARINA – Aí amanhã a audiência?

822 ALINE – É amanhã.

823 KARINA – Nossa. E assim, o acompanhamento do pré-natal? Você teve como fazer? Você já
 824 chegou aqui com quantos meses?

825 ALINE – **EU** cheguei aqui de sete pra oito meses. Aí assim, no dia que **EU** cheguei, **EU** fiquei
 826 meio com nojo de beber água, então **EU** parei de beber e **EU** já tenho infecção de urina crônica,
 827 **EU** tava urinando sangue, aí **eles** me levaram pro NuS, **EU** falei. **Eles** fizeram, aí **eles** me
 828 levaram pro Hospital do Gama.

829 KARINA – NuS é?

830 ALINE – NuS é o Núcleo de Saúde.

831 KARINA – Núcleo de saúde. Fica aqui dentro?

832 ALINE – É fica aqui dentro, bem pertinho aqui.

833 KARINA – Mas tem um médico que fica acompanhando?

834 ALINE – **Enfermeiro**. **EU** fiz uma consulta de pré-natal, depois que **EU** cheguei aqui, fora essa
 835 que **EU** fui porque **EU** tava passando mal.

836 KARINA – Mas ecografia?

837 ALINE – Então, teve **a carreta da mamãe**, **aquela carreta** que **eles**, então **EU** fiz ecografia lá. Só
 838 que **EU** já...

839 KARINA – E tá tudo bem? Ouviu o coraçãozinho do Bruno?

840 ALINE – Ouvi. EU já tinha feito já. Já tinha feito cinco ecografia na rua. Então assim, lá na rua

841 desde um mês e meio EU faço pré-natal.

842 KARINA – Na rua?

843 ALINE – É que eu falo lá fora.

844 KARINA – E como é a rotina aqui? Você falou que de manhã tem o confere. O que é o confere?

845 ALINE – Confere a gente fica, você viu lá na reportagem os quartos?

846 KARINA – Vi.

847 ALINE – Chamado de percúrio, aí cada, EU durmo sozinha ni um. Aí a gente fica por ordem de

848 quarto, por ordem de percúrio, elas vão chamando o primeiro nome e a gente fala o sobrenome.

849 Aí geralmente esse confere tem três vezes ao dia. De manhã no café da manhã aí você faz o

850 confere, pega o seu leite e o seu pão e volta pro seu quarto né. Aí tá, eles fecham, a gente fica à

851 vontade, na ala, tem televisão, você viu lá né, aí tem a questão do banho de sol. Hoje mesmo

852 nós tamos no terceiro horário, nós só vamos pro banho de sol duas horas da tarde. Então quando

853 é dia que o banho de sol é a tarde, a gente dorme a manhã todinha. Você vai lá na ala, tá todo

854 mundo em silêncio.

855 KARINA – Mas com bebezinho dá pra dormir? Eles não começa a chorar?

856 ALINE – É tranquilo. Nossa, muito tranquilo os meninos. Mesmo se chora, chora um

857 pouquinho e dorme de novo. Aí o dia que é quarta e domingo, é no primeiro horário, então oito

858 horas a gente tem que descer lá pra baixo. Então assim, tem os dias que o banho de sol vai

859 passando o horário. Mas a rotina é essa. De manhã café, café da manhã, confere, aí vem

860 televisão, aí você vai pro banho de sol se tiver. Aí uma hora vem o almoço, almoça, a tarde

861 televisão porque não tem nada pra fazer.

862 KARINA – Tem lanche da tarde?

863 ALINE – Não, aí só tem janta que geralmente chega cinco e meia, seis horas. Aí tem os lanches

864 que a gente compra. Que a gente mesma faz. E quando é a noite, cinco e meia, seis horas vem a

865 janta. Aí vem com pão, eles trazem uma garrafa de leite, aí a gente assiste televisão e mais tarde

866 a gente lancha. Essa é a rotina. Ler EU já li aqui acho que uns nove livros.

867 KARINA – É mesmo Aline? Você gosta de ler? Que bom.

868 ALINE – E os livros daqui não são os livros que EU realmente gosto. A dona Lena que é a que

869 cuida das grávidas, ela traz os melhores do Augusto Cury que EU gosto do Augusto Cury, aí EU

870 já li um que EU já tinha lido, já li só dele aqui, EU acho que EU li quatro.

871 KARINA – Nossa que bacana. É bom que passa o tempo né. E o final de semana então é

872 diferente?

873 ALINE – é o pior.

874 KARINA – Por que é o pior?

875 ALINE – Porque final de semana é a mesma rotina, só que no domingo nosso horário é o

876 primeiro.

877 KARINA – Primeiro de quê?

878 ALINE – No banho de sol. Então domingo você quer dormir até mais tarde e você não pode.

879 Você tem que estar oito horas da manhã de pé, depois do confere já arrumar cabelo.

880 KARINA – E no banho de sol vocês fazem o quê?

881 ALINE – Nada. A gente fica sentada e conversando.

882 KARINA – Ao ar livre.

883 ALINE – É. E quando é terça...

884 KARINA – Que eu vi as meninas cantando.

885 ALINE – É, não, tem culto lá. As menina faz um culto lá. Aí fica sentada, canta, conversa com

886 as outras pessoas das outras alas. Então assim, o bom é que você tá ali, num fala que é banho de

887 sol porque você só vê um pedaço do céu. A melhor coisa é quando eles chamam pra vim pra

888 esse lado aqui. Aí a gente vê o dia de verdade, tá lindo.

889 KARINA – Ah, porque lá não dá pra ver não?

890 ALINE – As janelas além de ter aquelas grades lá em cima, tem as grades que vem toda

891 redondinha, não tem como você ver o dial.

892 KARINA – Entendi. E planejamento de futuro você já falou. E você imagina que você vai
893 encontrar algumas dificuldades depois de sair daqui, assim, na sua vida?

894 ALINE – Ah, um pouco.

895 KARINA – Por quê?

896 ALINE – Primeiramente porque **EU** já tô até imaginando. **EU** não sei como **EU** vou chegar na
897 minha, porque lá no bairro onde **EU** moro em Goiânia, praticamente **EU** conheço todo mundo.
898 E **todo mundo** **me** conhece e **todo mundo** tá sabendo. **EU** não sei como que **EU**, **não** sei, **eles**
899 vão **me** perguntar...

900 KARINA – Você pensa em continuar lá, ou de repente, mudar pra um novo lugar?

901 ALINE – Não, porque não adianta **EU** fugir né. **Ele**, **minha tia** mora ali perto, **minha irmã** mora
902 ali perto. Não adianta fugir, aí assim, **EU** já tô até imaginando que **todo mundo** vai perguntar.
903 **EU** não vou falar que é roubo, porque **EU** tenho vergonha de falar que é isso. **EU** não sei o que
904 **EU** vou falar ainda. Porque **todo mundo** vai perguntar, sabe que **todo mundo** pergunta né. Aí...

905 KARINA – Mas aqui é configurado como roubo? Estelionato e roubo são a mesma coisa?

906 ALINE – Não, é furto né. Não é, roubo é...

907 KARINA – Roubo é entregue à força né, eu acho.

908 ALINE – Isso.

909 KARINA – E como mãe, quais as dificuldades que você enxerga? Ter o seu bebe aqui dentro?

910 ALINE – Nossa, a questão, aquela questão que **a gente** tava falando...

911 KARINA – Porque você já observa outras que tiveram bebezinho aqui né?

912 ALINE – E aqui, a questão é assim, de **você** ter **uma pessoa** pra ajudar. Só que a ala tá vazia,
913 graças a Deus saiu muita **gente** né. Então **você** não tem muito com quem contar. Aí **EU** fico
914 imaginando, **você** já imaginou se **EU** tiver um cesáreo, **EU** não vou poder pegar uma água pra
915 banhar **meu filho**, **vou** ter que ficar esperando pelos **outros**.

916 KARINA – Lá tem banheirinha, tem tudo?

917 ALINE – **EU** ganhei a banheira já.

918 KARINA – São individuais as banheiras?

919 ALINE – É individual. O chuveiro é quente. Só que tem que ir lá no chuveiro, aí tem que tá no
920 chuveiro e às vezes esfria, **EU** fico imaginando, meu Deus...

921 KARINA – Lá é limpo, as meninas mantem o banheiro limpinho e tal?

922 ALINE – **Mantemos**, porque tem **uma pessoa** que lava o quarto, só que aquele banheiro em si,
923 **ele** já fede em si. Então assim, é aquela situação que banheiro pra mim é igual da **minha casa**
924 que se **EU** quiser dormir no chão **EU** durmo. A cerâmica tá branca, não tem uma coisa de lodo,
925 banheiro pra **mim** tem que ser assim. Mas ali é um banheiro que muita **gente** usa, tem **presa** que
926 é **asseada**, tem **presa** que não é, que faz xixi e não tem coragem de dar uma descarga. Que usa o
927 absorvente e deixa...

928 KARINA – De qualquer jeito né, é complicado. E pra dar a luz você falou que tem algumas
929 dificuldades né, por causa da pressão alta e tudo né.

930 ALINE – Tem essa questão e **EU** tô com medo muito por causa disso. Entendeu?

931 KARINA – A que hospital será que eles levam?

932 ALINE – O do Gama. Eu soube **a Luzinete**, ela tá já com quarenta e uma semana, **você** pode
933 ficar até quarenta e duas, ou **o neném dela** era pra nascer dia quatro de janeiro, o **da Rosa** que
934 era dia quinze igual **o meu**, que **o meu** tá previsto pra nascer amanhã, **EU** não sei se **o Bruno** vai
935 esperar a audiência. Aí **ela** tem que falar todo dia, aí **ela** foi a semana passada e falou “oh, até
936 segunda-feira se **você** não sentir a dor **você** vem pra **gente** marcar a cesariana”. E **ela** já teve
937 nove **filhos**.

938 KARINA – Nossa, é nova ela?

939 ALINE – Trinta e um, a minha idade.

940 KARINA – Nossa é mesmo, já tem nove filhos?

941 ALINE – Nove filhos, aí **ela** pra você ver, **a gente** ficou várias vezes de plantão pra levar **ela**, aí
942 **EU** fico com medo, meu Deus, porque **EU** não costumo, na **minha primeira gravidez** **EU** não
943 tive contração, a **minha bolsa** estourou, aí **EU** fico com medo de chegar a hora e **eles** ficar
944 enrolando pra levar e acontecer alguma coisa com **o neném**.

- 945 KARINA – Mas você vai esperar sentir as dores?
946 ALINE – Não, mas assim, a primeira coisa que eles perguntam é se está sentindo dor.
947 KARINA – Certo. Deixa só eu desligar aqui.

ENTREVISTA COM A COLABORADORA CLEIDE.

Tempo do áudio: 00h 34m 40s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1
2 KARINA: Agora, sim! Então... é... gravação com a Cleide em 21 do 01 de 2014. Bom, Cleide!
3 É... Como eu te falei! O trabalho é um estudo sobre discurso e identidades de mulheres
4 gestantes em situação prisional.
5 CLEIDE: Aham!
6 KARINA: Tem algum momento, assim, da sua vida que tenha sido mais marcante de todos,
7 assim? Pode ser mais marcante pra bom, mais marcante pra ruim!
8 CLEIDE: Tem!
9 KARINA: Qual?
10 CLEIDE: De **EU** estar aqui presa – o que **EU** não esperava!
11 KARINA: Ah! Então, essa atual...
12 CLEIDE: Aham!
13 KARINA: E por que que você não esperava?
14 CLEIDE: Porque **EU** não esperava! Mas, **EU** era, assim...
15 KARINA: Aham!
16 CLEIDE: Ah! **EU** fumava droga, mas **EU me** sentia muito esperta!
17 KARINA: Aham!
18 CLEIDE: **EU** pensava que **EU** jamais **EU** ia vim presa!
19 KARINA: É mesmo depois que você teve as crianças, assim, continuava achando isso?
20 CLEIDE: **Continuava!**
21 KARINA: Ah! E que tipo de drogas que você usava?
22 CLEIDE: **Usava** todo tipo de droga.
23 KARINA: É mesmo? Tipo...? Por exemplo?
24 CLEIDE: Crack. Maconha. Cachaça.
25 KARINA: Aham! Crack é de... de cheirar ou de...?
26 CLEIDE: De fumar.
27 KARINA: De fumar. Ah! Tá! E isso tudo lá em Samambaia?
28 CLEIDE: Não. No Bandeirante.
29 KARINA: Ah! Você saía de Samambaia e ia pro Núcleo Bandeirante?
30 CLEIDE: Aham! Era.
31 KARINA: Mas por que tão longe?
32 CLEIDE: Pra... Pra **ficar** na rua! Pra não **ficar** perto da **minha família**, porque **minha família**...
33 KARINA: Aham!
34 CLEIDE: Não deixava! **Ficava** no meu pé atrás de **mim!**
35 KARINA: Mas as crianças iam com você?
36 CLEIDE: Não. Sempre **ficavam** em casa!
37 KARINA: E quem cuidava delas?
38 CLEIDE: **A minha mãe!**
39 KARINA: Sua mãe que cuidava? Ah! Tá!
40 CLEIDE: Aham!
41 KARINA: Desde a pequeninha, o outro...
42 CLEIDE: Até... É.
43 KARINA: E esse, o quarto bebê, será menino ou menina?
44 CLEIDE: É menino.
45 KARINA: Menino. Ah! Ela também vai cuidar?!
46 CLEIDE: Não. **EU** que vou cuidar **desse!**
47 KARINA: É? Ela... Ela não aceitou cuidar?
48 CLEIDE: Não! Porque **EU** vou cuidar! Porque **EU** decidi parar com tudo!
49 KARINA: Aham!

50 CLEIDE: **EU** não quero mais **essa vida de droga**.

51 KARINA: Bom! Cleide, e... é... como é que foi a sua infância? Você disse que usava drogas,

52 né?! E... E isso é desde criança?

53 CLEIDE: Não. **Minha infância** foi, assim... foi de boa!

54 KARINA: Lá em Samambaia mesmo?!

55 CLEIDE: Em Samambaia.

56 KARINA: Aham!

57 CLEIDE: **EU** brincava normal. **EU** estudei!

58 KARINA: Sim.

59 CLEIDE: Sempre **minha mãe**... é... assim, fez o possível pra...

60 KARINA: Aham!

61 CLEIDE: **Dá** uma vida, assim...

62 KARINA: Te dar uma vida boa?

63 CLEIDE: É. Então, **EU** gostei da **minha infância**!

64 KARINA: Sim. E você começou a usar drogas, assim, por quê?

65 CLEIDE: Foi.

66 KARINA: Te ofereceram?

67 CLEIDE: Não. Foi **alguém** que **me** influenciou.

68 KARINA: Namorado?

69 CLEIDE: Não.

70 KARINA: **Uma colega**.

71 CLEIDE: Uma colega. Uma irmã de **um namorado meu**.

72 KARINA: Ah! Certo. E aí...?

73 CLEIDE: Que **ele** vendia...

74 KARINA: Sim.

75 CLEIDE: E **ela** ficava atrás de **mim** querendo, e **ela** falou: “Bora experimentar pra **tu** ver como é que é bom!”

76

77 KARINA: Aham!

78 CLEIDE: E aí, **EU** peguei e **fui**!

79 KARINA: E qual foi a primeira que você experimentou?

80 CLEIDE: Merla. Merla.

81 KARINA: Que é de...?

82 CLEIDE: Fumar.

83 KARINA: Fumar. Ah! Tá! E daí, não parou mais?

84 CLEIDE: Não **parei** mais! Desde os 15... os 14 anos.

85 KARINA: Você está com quantos anos agora?

86 CLEIDE: 25.

87 KARINA: 25. E você teve a primeira gravidez com quantos anos?

88 CLEIDE: Com 17 pra 18.

89 KARINA: Nossa! Bem nova! Né?! E... E é o mesmo pai dos... dos quatro?

90 CLEIDE: Só 1 – o primeiro – que é só **o pai de um**! Agora, **os outros três** é **um pai** só!

91 KARINA: Ah! Tá! Então, primeiro você teve um namorado...

92 CLEIDE: Aham!

93 KARINA: E depois...?

94 CLEIDE: **EU** separei **dele**...

95 KARINA: Foi começando... Sim.

96 CLEIDE: E aí, **EU** conheci **o Marcos** e ficamos!

97 KARINA: Aham!

98 CLEIDE: Sete anos.

99 KARINA: E o Marcos?

100 CLEIDE: **Está** preso.

101 KARINA: E o pai da primei.. da primeira?

102 CLEIDE: Não. Está... Ah! Está de boa!

103 KARINA: Ah! Mas ele convive com ela?
104 CLEIDE: **Convive!**
105 KARINA: Dá atenção?
106 CLEIDE: **Dá!** Dá atenção! **Dá** pensão pra ela!
107 KARINA: Ah! Que bom!
108 CLEIDE: **Ele** ajuda!
109 KARINA: E o pai dos outros três?
110 CLEIDE: **Está** preso?
111 KARINA: Aí, quem sustenta é a sua mãe?!
112 CLEIDE: **É! A minha mãe. Meus irmãos** ajudam, mas...
113 KARINA: Aham! Você tem quantos irmãos?
114 CLEIDE: Sete.
115 KARINA: Nossa! Muita gente, né?! Bastante gente! E, assim, descrição da maternidade, né?!
116 Você falou que desse bebê você vai cuidar. Mas, assim, como foi a sua... como é que você se
117 sentiu quando você teve os outros... os outros três? Assim: mudou alguma coisa? Depois, não
118 mudou?
119 CLEIDE: Ah! Assim: **na primeira, EU** fiquei...
120 KARINA: Aham!
121 CLEIDE: Assim, feliz, né?!
122 KARINA: Sim.
123 CLEIDE: Aí, **EU** peguei e **fui**, e **fui** desbandeando, desbandeando...
124 KARINA: Aham!
125 CLEIDE: Aí **deixei** em casa com **minha mãe!**
126 KARINA: Sim.
127 CLEIDE: Aí, já **do segundo, EU** não criei!
128 KARINA: Aham!
129 CLEIDE: Com quinze dias, **minha irmã** pegou!
130 KARINA: Ah! Tá!
131 CLEIDE: **Tive** depressão pós-parto.
132 KARINA: Aham! Como é que é depressão pós-parto?
133 CLEIDE: Ah! **EU** não conseguia! **EU** não tinha paciência...
134 KARINA: O que a pessoa sente?
135 CLEIDE: Ah! **EU** não tinha paciência com **a neném.**
136 KARINA: Aham!
137 CLEIDE: Dá vontade de... Não **sei!** Não **sei** explicar! Não **gostava dela!**
138 KARINA: É mesmo?
139 CLEIDE: **É. Gostava...** Não **gostava** de segurar **ela.** Não **gostava** de amamentar **ela.**
140 KARINA: Aham!
141 CLEIDE: **Me** dava falta de paciência, mas não era, assim, por **EU** não querer, por **safadeza**
142 **minha!**
143 KARINA: Aham!
144 CLEIDE: É uma coisa que vem de dentro de **mim!** **EU** gostava **dela,** mas longe de **mim!**
145 KARINA: Entendo. Certo.
146 CLEIDE: **A minha irmã** foi e pegou! Aí eu tive **o Matias!**
147 KARINA: Aham!
148 CLEIDE: Aí, **o Matias,** eu já **me** apeguei demais com **ele!**
149 KARINA: Sim.
150 CLEIDE: Aí, pra onde **EU** ia, **levava ele!**
151 KARINA: Aham!
152 CLEIDE: Pra rua... Pra onde **EU** ia, **EU** levava **o meu filho!**
153 KARINA: Sim.
154 CLEIDE: Aí, **EU** fui pra uma clínica – uma casa de recuperação...
155 KARINA: Aham!

156 CLEIDE: Aí, **EU** assinei um termo lá, porque **EU** estava quase perdendo **ele** pra Justiça...

157 KARINA: Hum! Aham!

158 CLEIDE: Aí, **EU** não queria! Aí, **EU**...

159 KARINA: Hum!

160 CLEIDE: É... **Me**... **Me** pus a ir para uma casa de recuperação; **me** recuperar pra **ficar** com **meu**

161 **filho** de novo!

162 KARINA: Aham!

163 CLEIDE: Aí, **ele** ficou com **meu irmão**! Aí foi nesse período, que **EU** saí da casa de

164 recuperação, que **EU**... que **EU** tive um desentendimento lá dentro...

165 KARINA: Aham!

166 CLEIDE: Aí **saí**! Aí, **EU** fui pegar **meu filho** e **ele** não deixou mais!

167 KARINA: Hum! Tá!

168 CLEIDE: Foi só depois que **EU** tivesse Susando, **curado** das drogas.

169 KARINA: Aham!

170 CLEIDE: Aí, **EU** comecei a aprontar de novo e **fui** presa!

171 KARINA: Ah! Tá!

172 CLEIDE: E aí, **EU** engravidei!

173 KARINA: É... É... Como que foi essa... esse... esse fato que te trouxe pra cá? O que aconteceu,

174 assim?

175 CLEIDE: Ah! **EU** e **o pai do neném**, **a gente** ficava... **a gente** roubava...

176 KARINA: Aham!

177 CLEIDE: Pra fumar.

178 KARINA: Pra poder fumar? Mas vocês aplicavam violência? Como é que era?

179 CLEIDE: Não. **A gente** era só no furto, só no escondidinho, assim!

180 KARINA: Ah! No escondido?

181 CLEIDE: Tentar...

182 KARINA: Sim.

183 CLEIDE: **A gente** nunca usou violência pra machucar **ninguém**!

184 KARINA: Aham! E... E o que que vocês ??? que pegaram vocês?

185 CLEIDE: Não. Aí, só que nesse furto que... que **pegaram**, **EU** já não estava!

186 KARINA: Só estava ele?!

187 CLEIDE: Só estava **ele** e **um de menor**!

188 KARINA: Ah! Tá!

189 CLEIDE: Aí quando... **EU** dormi e quando **EU** acordei, aí **EU** fui procurar **eles**...

190 KARINA: Aham!

191 CLEIDE: Aí, **eles** estavam detrás da... de uma feirinha lá do Núcleo Bandeirante!

192 KARINA: Sim.

193 CLEIDE: **Eles** estavam fumando. Aí, só foi... **EU** só sentei assim: “Vai presa!”

194 KARINA: É mesmo?

195 CLEIDE: Na hora que **EU** sentei, **a polícia** chegou e anunciou a prisão!

196 KARINA: E você já estava grávida?!

197 CLEIDE: **EU** já estava grávida de três meses.

198 KARINA: Só que agora você está com...?

199 CLEIDE: Sete.

200 KARINA: Sete meses. Ah! Tá! Porque aqui tem a informação de que você está de quatro meses.

201 Você está, então, de sete meses! Tá! E aí, você não saiu mais daqui?!

202 CLEIDE: Não!

203 KARINA: Nossa! E o que que eles tinham furtado? Eles descobriram?

204 CLEIDE: **Eles** tinham furtado dois... dois notebooks...

205 KARINA: Aham!

206 CLEIDE: E duas televisões LED, daquelas grandona...

207 KARINA: De loja de...?

208 CLEIDE: Não! No restaurante!

209 KARINA: Ah! Tá!

210 CLEIDE: De noite! De madrugada! **Ele** estourou a porta e entrou e pegou!

211 KARINA: Aham! Certo. E aí, ficaram sabendo?!

212 CLEIDE: Tinha a filmagem **deles**.

213 KARINA: Cleide, e quando você participava? Tipo: o que você fazia? Qual era a sua função, assim?

214

215 CLEIDE: **EU** ajudava **ele** a entrar e **ajudava** a sair!

216 KARINA: Ah! Tá! Mas, e... e... assim, foi fácil pra você fazer isso desde a primeira vez? Como é que foi, assim?

217

218 CLEIDE: Não... É... Fácil!

219 KARINA: Hum! Não teve problema nenhum, assim? Você não...?

220 CLEIDE: Não! Um dia **EU** ficava... Às vezes, assim, **EU** ficava, assim, com o coração, assim...

221 KARINA: Hum?!?

222 CLEIDE: E **EU**: “Ai meu Deus do céu! Se **EU** não parar com isso...”

223 KARINA: Aham!

224 CLEIDE: “Qualquer dia **a gente** vai preso, vai...”

225 KARINA: Sim.

226 CLEIDE: Vamos supor: às vezes, **EU** tinha dó **dos povos** que ????

227 KARINA: Aham!

228 CLEIDE: “Ah! Não. **Véi**! Não **vamos** fazer mais isso não!”

229 KARINA: Sim.

230 CLEIDE: **Vamos** vigiar carro! **Vamos** fazer outra coisa!

231 KARINA: Sim.

232 CLEIDE: Aí: “Não! Bora! Bora! Isso aqui a... é de boa!”

233 KARINA: Aham! Quantos anos que ele tem?

234 CLEIDE: **Ele** fez 22.

235 KARINA: Ah! Tem uma idade próxima da sua. Ah! Tá! E você gosta muito dele?

236 CLEIDE: Ah! **EU** já cheguei a gostar, assim, mesmo, assim, de **EU** fazer horrores! Mas, hoje em dia..

237

238 KARINA: Aham!

239 CLEIDE: Dos anos, assim... **a gente** ??? 7 anos, **a gente**... que mais ???, assim... aconteceu, assim, tanta coisa...

240

241 KARINA: Aham!

242 CLEIDE: De **ele** me bater, de **EU** já...

243 KARINA: É mesmo?!?

244 CLEIDE: **Dei** facada **nele**!

245 KARINA: Você deu facada nele?!?

246 CLEIDE: É! Pra **ele** parar de **me** bater?

247 KARINA: Aham! E por que ele te batia?

248 CLEIDE: Porque **ele** ficava, assim, na loucura da droga!

249 KARINA: Ah! Tá!

250 CLEIDE: Aí, **EU** já denunciei **ele** na **Maria da Penha**...

251 KARINA: Aham!

252 CLEIDE: Já **fui** pra uma casa abrigo...

253 KARINA: Sim. E com as crianças? Como é que ele é?

254 CLEIDE: Não. Nunca... Não. **Ele** sempre foi muito amoroso, atencioso com **as crianças**.

255 KARINA: Aham! Mas **ele** nunca conviveu, assim...

256 CLEIDE: Não.

257 KARINA: De criar?!?

258 CLEIDE: Não. Nem **EU** e nem **ele**...

259 KARINA: Aham!

260 CLEIDE: Pra falar a verdade!

261 KARINA: Nenhum dos dois, né?! Ah! Tá!

262 CLEIDE: Mas também, assim, **EU** arrumava as coisas, **levava** pra casa...

263 KARINA: Aham!

264 CLEIDE: ????...

265 KARINA: Sim.

266 CLEIDE: **Levava** dinheiro.

267 KARINA: Você ajudava seus filhos?!

268 CLEIDE: É. Como...

269 KARINA: Ah! Tá! É. E agora? Ele... Ele sabe que você está grávida...

270 CLEIDE: Sabe.

271 KARINA: Do quarto bebezinho? O que ele falava, assim, quando você engravidava? O que ele dizia?

272

273 CLEIDE: “Valei! De novo? E agora?”

274 KARINA: Aham!

275 CLEIDE: “O que que **a gente** vai fazer?” Aí, **EU** já falava: “**Vou tirar!**”

276 KARINA: Sim.

277 CLEIDE: Pra **ver** o que **ele** ia falar, só que **EU** nunca tive coragem!

278 KARINA: Aham!

279 CLEIDE: E **ele**: “Não! Tá doida! Já veio, agora deixa!”

280 KARINA: Aham! E ele... ele sabe, assim, que você tinha esse sentimento de não gostar muito da primeira menininha dele?

281

282 CLEIDE: Sabe! Ele veio... Não concordava, não!

283 KARINA: Aham!

284 CLEIDE: **Ele** falava que era safadeza **minha**! Que **fiz** isso pra ficar na rua atrás de droga! (RISO

285 ALTO)

286 KARINA: Aham... Por que deixou a menininha lá?!

287 CLEIDE: É! Mas, hoje em dia, **mudou**!

288 KARINA: Aham! Você olha pra ela como?

289 CLEIDE: Normal!

290 KARINA: Foi só...

291 CLEIDE: Foi só...

292 KARINA: Uma depressão pós-parto mesmo?!

293 CLEIDE: Foi só um período, assim, de um mês!

294 KARINA: Aham... Cleide, você usava drogas durante toda a gravidez?

295 CLEIDE: Toda a gravidez! Só **desse neném**, por... portanto... Porque, assim... assim, **EU** fiquei tru... **EU** fiquei mais depressiva, assim, véi, porque **EU** pensei que **ela** ia morrer!

296

297 KARINA: Aham!

298 CLEIDE: **Ela** nasceu em casa.

299 KARINA: Sério?

300 CLEIDE: **Ela** nasceu com 900 gramas.

301 KARINA: Meu Deus! Bem pequenininha!

302 CLEIDE: 39 centímetros.

303 KARINA: Nossa! Por que ela nasceu em casa?

304 CLEIDE: Porque não deu tempo! **EU** não falei pra **ninguém** o que eu estava sentindo.

305 KARINA: Nossa!

306 CLEIDE: **Fiquei** calada.

307 KARINA: Aham!

308 CLEIDE: **Aguentando** **ele** calada, porque **EU** estava fumando, **estava** em uma aflição!

309 KARINA: Sim.

310 CLEIDE: Quanto mais **EU** fumava, mais **EU** queria!

311 KARINA: Aham! E ela nasceu perfeitinha, assim?!

312 CLEIDE: **Nasceu** perfeita!

313 KARINA: E que, embora pequenininha, mas perfeita?

314 CLEIDE: Só que **ela** nasceu muito pequenininha! **Ela** nasceu assim, olha!

315 KARINA: Nossa!

316 CLEIDE: Aí, **EU** não go... Aí, tipo... (INTERRUPÇÃO)

317 KARINA: Sim.

318 CLEIDE: Aí, **EU** fiquei, tipo... **EU** olhava, assim, e **EU** falava: “Ah! **EU** não quero **ela** não!”

319 KARINA: Aham!

320 CLEIDE: “Não **vou** dar conta de pegar!” E **EU** não pegava...

321 KARINA: Sim.

322 CLEIDE: **Tinha** medo.

323 KARINA: Aham!

324 CLEIDE: **Era** muito, muito, muito pequenininha!

325 KARINA: Pequena. Muito indefesa! E os outros? Como nasceram?

326 CLEIDE: Aí, **o Matias** já nasceu grandão!

327 KARINA: Aham!

328 CLEIDE: Assim, **EU**...: “Ah! **Esse menino** nasceu...”

329 KARINA: Mesmo você usando droga?!

330 CLEIDE: Mesmo usando...

331 KARINA: Assim...

332 CLEIDE: **Ele** nasceu com 3...

333 KARINA: E... E ele nasceu com nada, nada, nada?!

334 CLEIDE: Nada! Com nada!

335 KARINA: Porque dizem que, às vezes, a criança...

336 CLEIDE: Não. **Ela**...

337 KARINA: Pode nascer com...

338 CLEIDE: **Ela** nasceu com começo de abstinência.

339 KARINA: Ah! Tá!

340 CLEIDE: Porque **ela** foi a gravidez que **EU**...

341 KARINA: Como é que é esse abstinência?

342 CLEIDE: **Ela** era nervosa...

343 KARINA: Esse começo de abstinência?

344 CLEIDE: Tudo que **ela** chorava, **ela** se tremia...

345 KARINA: Ah! Tá!

346 CLEIDE: Desde pequenininha!

347 KARINA: Aham!

348 CLEIDE: E até hoje, **ela** é ansiosa!

349 KARINA: Sim.

350 CLEIDE: Se falar não, **ela** quer e...

351 KARINA: É brava?

352 CLEIDE: E **ela** vai em cima! **Ela** é brava.

353 KARINA: Ah! Tá!

354 CLEIDE: Mas, assim, **minha irmã** trata.

355 KARINA: Aham!

356 CLEIDE: Não **trata** **ela** com indiferença por causa daquilo.

357 KARINA: Sim.

358 CLEIDE: E, assim... é... **ela** é menor do que **o meu filho**, mas **ela** é terrível!

359 KARINA: hum...

360 CLEIDE: **Ela** é terrorista!

361 KARINA: **É** agitada.

362 CLEIDE: **Ela**... Nossa Senhora!

363 KARINA: Aham!

364 CLEIDE: Não tem gente...

365 KARINA: Sim.

366 CLEIDE: E **fala** e **conversa** com você...

367 KARINA: Estuda?

368 CLEIDE: Estuda.
369 KARINA: Ah! Que bom!
370 CLEIDE: Está na creche! E conversa que nem gente grande!
371 KARINA: Aham!
372 CLEIDE: Aí, você fala: “????, vai pegar o Matias pra mim! Vai!”
373 KARINA: Sim.
374 CLEIDE: Ela gruda no Matias, e sai arrastando, e o Matias, que é maior que ela!
375 KARINA: Aham!
376 CLEIDE: E gruda no Matias: “Vem, Matias! A Cleide está chamando!”
377 KARINA: Cheia de personalidade! (RISOS)
378 CLEIDE: Só dá ????, né?!
379 KARINA: ??? te chama de mãe?
380 CLEIDE: Só... Ela, não!
381 KARINA: Ah!
382 CLEIDE: Aí só me chama de mãe a minha... a Lola e o Matias!
383 KARINA: Aham! Certo. E... É...
384 CLEIDE: Mas ela sabe que sou mãe dela!
385 KARINA: Ela só não chama, né?!
386 CLEIDE: É.
387 KARINA: E, Cleide... é... assim... E você falou que teve uma corrupção de menores. Foi
388 algum... Foi alguma das crianças? Das suas crianças?
389 CLEIDE: Não. Foi na rua mesmo! ????. ????.
390 KARINA: Ah! Tá!
391 CLEIDE: Ele vivia andando com a gente! E EU vivia falando: “Véi! Não anda com a gente,
392 não!”
393 KARINA: Aham!
394 CLEIDE: “A gente já faz isso, isso... E pra gente pegar uma corrupção de menor, é daqui pra
395 ali!”
396 KARINA: Ah! Tá!
397 CLEIDE: “Sai de perto da gente!”
398 KARINA: Aham!
399 CLEIDE: A gente, às vezes... Às vezes, a gente brigava!
400 KARINA: Sim.
401 CLEIDE: E ele: “Oxi! EU ando com o que EU quiser!” E EU falava: “Marcos, uma hora a gente
402 vai se lascar por causa desse pivete!” E foi dito e certo!
403 KARINA: E foi ??? Corrupção de menores! Cleide, e você falou que... é... você fazia essas
404 coisas todas pra fumar, né?! E agora que você está aqui? Assim, que não dá pra fumar...
405 CLEIDE: Ah! EU... EU...
406 KARINA: Como é que você... Como é que sente?
407 CLEIDE: Ah! EU estou, assim, aliviada!
408 KARINA: Você está aliviada?
409 CLEIDE: Porque era tão ruim, véi! Era um vício que não dava conta de controlar.
410 KARINA: Aham!
411 CLEIDE: Mas aqui dentro, sim ou não, você tem que aprender a lidar sem droga!
412 KARINA: Aham! Sim.
413 CLEIDE: E é meu caso! EU ajoelho... ajoelho no chão, no Senhor...
414 KARINA: Aham!
415 CLEIDE: E cada dia mais que passa, mais EU peço: “Senhor! Tira isso de mim e do meu
416 sangue!” Porque isso é uma doença, cara!
417 KARINA: Sim. Aham!
418 CLEIDE: É triste! EU estava levando uma vida horrível!
419 KARINA: Mais forte que você! Sim.
420 CLEIDE: Senhora, EU estou me sentido outra!

421 KARINA: É mesmo? E o bebezinho também, né?!

422 CLEIDE: **Esse daqui** não usa droga comigo! (RISOS)

423 KARINA: É. Vai ser saudável!

424 CLEIDE: É!

425 KARINA: Já tem nome?

426 CLEIDE: Já! **Vando**.

427 KARINA: Vando. Bom! Tá! Cleide, e como é que é sua família, assim? É... Sua mãe? Seu pai?

428 CLEIDE: Ah! **Minha família** fez o que pôde...

429 KARINA: Aham!

430 CLEIDE: Por **mim**!

431 KARINA: Sua mãe, assim...?!

432 CLEIDE: Nossa! **Minha mãe, ela** é...

433 KARINA: Descreva sua mãe.

434 CLEIDE: **Ela** é morena...

435 KARINA: Aham!

436 CLEIDE: Baixinha.

437 KARINA: Sim.

438 CLEIDE: Da bundona!

439 KARINA: Aham!

440 CLEIDE: E é gordinha e usa óculos.

441 KARINA: Sim.

442 CLEIDE: Cabelo curtinho.

443 KARINA: Aham! E ela trabalha?

444 CLEIDE: Trabalha. É passadeira.

445 KARINA: Aham! E seu pai?

446 CLEIDE: Não. **A gente** não conviveu com **meu pai**.

447 KARINA: Você não o conheceu?!

448 CLEIDE: Não.

449 KARINA: É o mesmo pai do ????

450 CLEIDE: Não. **Ele** é pai só de... **meu** e de **uma irmã**... **irmão minha** que faleceu!

451 KARINA: Ah! Tá! Então, não chegou a conhecer?!

452 CLEIDE: Conheci! **A gente** viveu... **Convivi** com **ele** até uns 7 anos!

453 KARINA: Mas ele não ajudou a criar você?!

454 CLEIDE: Não.

455 KARINA: Por quê?

456 CLEIDE: Porque **a minha mãe** não quis mais! **Ele** bebia muito! **Ele** ia agredir **minha mãe**!

457 KARINA: Aham! E... E você falou que sua irmã morreu?

458 CLEIDE: Foi.

459 KARINA: De quê?

460 CLEIDE: Aneurisma. Uma dor de cabeça.

461 KARINA: É mesmo?! Nossa! E o seu relacionamento com os seus irmãos é bom?!

462 CLEIDE: São todos... Só com... Justo com **essa irmã minha**, que cria **a minha filha**...

463 KARINA: Aham!

464 CLEIDE: **A gente** nunca teve um relacionamento bom!

465 KARINA: Sim.

466 CLEIDE: De desde criança, assim!

467 KARINA: Aham!

468 CLEIDE: **Ela me** batia muito; **EU** não gostava **dela**!

469 KARINA: Ah! Tá!

470 CLEIDE: Pra **mim**, **ela** era um... **uma bruxa na minha vida**! (RISOS)

471 KARINA: Eu sei como é! E... Mas quando você está com eles, você se sente bem?

472 CLEIDE: Sim. Ah! **EU** gosto dos **meus filhos** demais!

473 KARINA: Não. Mas, veja! Não só dos seus filhos! Assim, tipo, em casa?!

474 CLEIDE: Ah! Da família?
475 KARINA: Com a família.
476 CLEIDE: **Me** sinto bem!
477 KARINA: Assim...
478 CLEIDE: Se **EU** tivesse sem...
479 KARINA: Se você não se sente discriminada.
480 CLEIDE: Não. Se **EU** tiver sem a droga, **me** sinto **outra pessoa**. Agora, se **EU** tiver, assim... Se
481 **EU** tiver usado um pouquinho...
482 KARINA: Sim.
483 CLEIDE: E **ter ido** pra casa, **EU** já não gosto...
484 KARINA: Aham!
485 CLEIDE: Porque, pra **mim**, **eles** estão me tratando com indiferença; **eles** sabem; **eles** estão **me**
486 olhando...
487 KARINA: Aham! Entendi.
488 CLEIDE: **Eles** estão querendo tirar **os meus filhos de mim**, e aí, **EU** já nem...
489 KARINA: Aham!
490 CLEIDE: **Fico** em casa.
491 KARINA: Tá! E... É... Assim! Como é que era na escola? Você gostava de ir?
492 CLEIDE: **Gostava** de estudar.
493 KARINA: Gostava? Mas você chegava lá e estudava mesmo ou você...?
494 CLEIDE: **Chegava** e **estudava** mesmo!
495 KARINA: Ah! Tá!
496 CLEIDE: Aí **chegava** no final do ano com notas boas e **passava**!
497 KARINA: É mesmo? E você pretende continuar estudando? Assim...
498 CLEIDE: **Pretendo**. Quando **EU** terminar, quando **EU** sair daqui...
499 KARINA: Aham! Sim.
500 CLEIDE: **EU** vou... **vou**... **vou** dar um jeito de ir pro colégio!
501 KARINA: Você pode estudar aqui também?
502 CLEIDE: É. **EU** fiz o ????... **EU** fiz aqui! Já
503 KARINA: Você estudou aqui?
504 CLEIDE: Não! **Botei meu** nome!
505 KARINA: Colocou o nome.
506 CLEIDE: **Estou esperando** ser chamada!
507 KARINA: Ah! Tá certo! E, assim, você tem amigos?
508 CLEIDE: Não **gosto**.
509 KARINA: Você não gosta?
510 CLEIDE: **EU** sou uma pessoa desconfiada.
511 KARINA: Aham!
512 CLEIDE: Amizade, pra mim, é **tudo** traíra!
513 KARINA: É mesmo?
514 CLEIDE: **Você** pode estar ali esperando???? pra **você**...
515 KARINA: Aham.
516 CLEIDE: E ali atrás já **está planejando** mal.
517 KARINA: Sim.
518 CLEIDE: Porque **EU** já passei muito por isso!
519 KARINA: Sim. Aham!
520 CLEIDE: Aí, hoje em dia, **EU** não gosto de confiar em **ninguém**!
521 KARINA: Mas, assim, esses que você... só esses amigos, tipo, desse ambiente que você vivia
522 ou...
523 CLEIDE: **EU** só... Praticamente **EU** vivi muitos anos só nesse ambiente!
524 KARINA: Nesse ambiente, assim, tipo, de droga, de ????...
525 CLEIDE: De droga, de correria, de bandidagem.
526 KARINA: Aham!

527 CLEIDE: Então, aí, **EU** não confio em **ninguém**!

528 KARINA: Entendi.

529 CLEIDE: Não **tenho** amigos.

530 KARINA: Então, as atividades que vocês compartilhavam eram essas: o furto e tal?!

531 CLEIDE: Não. E nem assim! Era só **EU** e **o meu marido**.

532 KARINA: Ah! Tá!

533 CLEIDE: Quando **ele** estava com raiva, tinha uma ????: “E aí? Então, chama e vai com **ele**!”

534 KARINA: Então, a gente pode dizer que ele é seu amigo?

535 CLEIDE: Era. Só **ele** que era **meu amigo**! E mesmo assim...

536 KARINA: Aham!

537 CLEIDE: Ao mesmo tempo era e já não era, que **EU** já queria matar!

538 KARINA: Aham!

539 CLEIDE: “**Você** tá me traindo!”

540 KARINA: Sim. E vocês viviam na rua...?

541 CLEIDE: Na rua.

542 KARINA: Ou ???? lugar?

543 CLEIDE: Não. Na rua.

544 KARINA: Assim, tinham uma casa?!

545 CLEIDE: **A gente** tinha casa!

546 KARINA: Aham!

547 CLEIDE: No começo, era assim: antes da.. nascer...

548 KARINA: Aham!

549 CLEIDE: Aí, **a mãe dele** foi e **deu** um barraquinho pra **gente** morar!

550 KARINA: Sim.

551 CLEIDE: Na... Na... No lote da **mãe dele**.

552 KARINA: Em Samambaia?!

553 CLEIDE: Isso! Aí, **a gente** arrumou **a nossa** casinha bonitinha!

554 KARINA: Aham! Sim.

555 CLEIDE: Quando a ... nasceu, **EU** fiquei doida! **EU** fiquei... **EU** não queria mais... que era

556 aquilo!

557 KARINA: Aham! Não queria mais morar lá!

558 CLEIDE: Não **queria**! Não **queria** **a menina**...

559 KARINA: Aham!

560 CLEIDE: **Dei** pra **minha irmã**!

561 KARINA: Ah! Tá!

562 CLEIDE: **Minha irmã** que chegou: “Não! Vou pegar um pouquinho!” E **ela**... Mas **EU** não

563 judiava **dela**!

564 KARINA: Aham!

565 CLEIDE: Não **deixava** **ela** mijada.

566 KARINA: Sim.

567 CLEIDE: Não **deixava** **ela** fedendo.

568 KARINA: Aham!

569 CLEIDE: **EU** não deixava **ela** com fome.

570 KARINA: Sim.

571 CLEIDE: Porque **EU** tratava dela... **EU** queria uma bonequinha!

572 KARINA: Aham!

573 CLEIDE: Mas **EU** não gostava!!! De ficar pegando **ela** toda hora!

574 KARINA: Não tinha aquele amor, assim?

575 CLEIDE: É! **EU** também não gostava que **ninguém** fosse pegar **ela**.

576 KARINA: Aham!

577 CLEIDE: No caso, ali... Mas... Nem **EU** e nem **ninguém**!

578 KARINA: Aham! Ela não ficou na incubadora, não?

579 CLEIDE: Não!

580 KARINA: Nossa! Que forte, né?!

581 CLEIDE: Porque **ela** mamou, assim... **Pegou** o peito rapidão! **EU** fui pegando o peito, o ???? !

582 **Fiquei** dez dias...

583 KARINA: Você conseguiu amamentar?

584 CLEIDE: **Conseguiu**. **EU** fiquei dez dias no hospital.

585 KARINA: Aham!

586 CLEIDE: Mas **EU** só amamentei quinze dias.

587 KARINA: Ela?!

588 CLEIDE: Aham! Mas...

589 KARINA: O resto, ela tomava leite...

590 CLEIDE: as mamadeiras, né?!

591 KARINA: Nas mamadeiras?

592 CLEIDE: **Ela** já foi.

593 KARINA: Aham!

594 CLEIDE: Mas **ela** pegou peso... **EU** fiquei dez dias no hospital e **ela** pegou peso muito rápido!

595 KARINA: Aham! Que bom! Que bom!

596 CLEIDE: A cada dois dias, **ela** engordava 1 quilo! Muito rápido!

597 KARINA: Hummm.

598 CLEIDE: E **ela** era muito espertinha!

599 KARINA: Nossa! Que legal! E, assim, você gostava de trabalhar? Você falou que foi balconista no Giraffa's, né?! Que...

600 CLEIDE: Ah! Assim...

601 KARINA: Foi babá...

602 CLEIDE: **EU** gostava de trabalhar. **EU** sempre pensava assim: **EU** queria ter **as minhas coisas**.

603 KARINA: Aham!

604 CLEIDE: **EU** não pedia pra **gente**... **EU** via a situação da **minha mãe**...

605 KARINA: Sim.

606 CLEIDE: Que **ela** passava...

607 KARINA: Aham!

608 CLEIDE: Às vezes, assim, **ela** chegava, assim, e **a gente** já chegou a pedir no Lago Sul...

609 KARINA: Aham!

610 CLEIDE: Por não ter nada em casa pra comer!

611 KARINA: É mesmo?

612 CLEIDE: Aí, **EU** ficava, assim, com aquilo na cabeça: **minha mãe** não vai ter pra **me** dar!

613 KARINA: Aham!

614 CLEIDE: Aí, **EU** comecei a trabalhar com 12 anos!

615 KARINA: Mas isso antes da droga?! Tipo...

616 CLEIDE: **EU**... **EU** já... **EU** já conhecia...

617 KARINA: Aham!

618 CLEIDE: As drogas, mas **ninguém**...

619 KARINA: Não estava, assim....

620 CLEIDE: Sabia! Não estava assim!

621 KARINA: ????

622 CLEIDE: **Ninguém** sabia que **EU** usava.

623 KARINA: Ah! Tá! Entendi.

624 CLEIDE: Aí, **EU** trabalhava!

625 KARINA: E você tinha paciência com os filhos dos outros?

626 CLEIDE: **Tinha!**

627 KARINA: Aham!

628 CLEIDE: Não. Ao... Nessa época, **EU**... **EU** parava e voltava...

629 KARINA: Sim.

630 CLEIDE: Era mais fuleragem.

631 KARINA: Aham!

633 CLEIDE: Entendeu?
634 KARINA: Certo.
635 CLEIDE: **EU** não estava viciada.
636 KARINA: Entendi. E no Giraffa's? Você gostou de trabalhar?
637 CLEIDE: **EU** fiquei lá um mês! Lá é muito pesado!
638 KARINA: (RISOS) Aham! Muito trabalho?
639 CLEIDE: Muito trabalho.
640 KARINA: Tá!
641 CLEIDE: **EU** não aguentei!
642 KARINA: Aham!
643 CLEIDE: Por **EU** ser **novata**, **eles** já me davam, serviços mais esquisitos!
644 KARINA: Limpar chão?! Essas coisas?!
645 CLEIDE: É... Não! Se fosse só limpar chão, era maneiro!
646 KARINA: Ah!
647 CLEIDE: Desentupir esgoto...
648 KARINA: Aham!
649 CLEIDE: Era limpar umas chapas desse tamanho; desengordurar tudo!
650 KARINA: Meu Deus! Era o Giraffa's de que cidade?
651 CLEIDE: Taguatinga Sul.
652 KARINA: Ah! Tá! E...
653 CLEIDE: Ali perto de uma passarela!
654 KARINA: E descrição de namoros? Assim! É... O... O primeiro namorado é o pai da... da Lola, né?!

655 CLEIDE: É.
656 KARINA: Da menininha mais velha.
657 CLEIDE: É.
658 KARINA: E... E como é que você o conheceu?
659 CLEIDE: Ah! **A gente**... **EU** o conheci ????. **EU** tava fumando uma maconha!
660 KARINA: Aham!
661 CLEIDE: **Meu irmão**...
662 KARINA: Sim.
663 CLEIDE: Porque **meu irmão** antes fumava.
664 KARINA: Aham!
665 CLEIDE: Aí, **EU** conheci **o Lucas**!
666 KARINA: E você gostou dele?!
667 CLEIDE: Não! **Ele** ficou no meu pé! Porque **EU** namorava com **o Silva**, até!
668 KARINA: Aham!
669 CLEIDE: E aí, **ele** ficou na **minha cola**!
670 KARINA: Sim.
671 CLEIDE: E aí **ia** lá em casa! **Me** chamava pra **gente** pra ir pro frevo!
672 KARINA: Aham!
673 CLEIDE: **Pagava** as coisas pra **mim**!
674 KARINA: Mas vocês chegaram a namorar mesmo ou só ficavam ?
675 CLEIDE: Aí, **a gente**... Não! **A gente** namorou!
676 KARINA: Ah! Tá! Quanto tempo?
677 CLEIDE: **A gente** namorou! Uns oito meses!
678 KARINA: Ah! E aí, depois, se separaram?! Depois que ela veio?!
679 CLEIDE: É... Não! E aí, veio **a Lola**! E aí, **a gente** morou junto!
680 KARINA: Ah! Tá!
681 CLEIDE: **Ele** era trabalhador!
682 KARINA: Aham!
683 CLEIDE: **Ele** não era, assim, vagabundo! **Ele** era trabalhador!
684 KARINA: Sim. Aham!
685

686 CLEIDE: Aí foi passando o tempo e **EU** não fui gostando mais **dele**!

687 KARINA: Aham! Entendi. Aí separaram?

688 CLEIDE: Aí **EU** falei pra **ele**, e **ele** não queria aceitar! E **ele** queria me matar!

689 KARINA: Aham! Matar?

690 CLEIDE: Tipo amor obsessivo **ele** tinha!

691 KARINA: Nossa! Mas ele chegou a bater em você?

692 CLEIDE: **Bateu!** **Me** trancou dentro de casa!

693 KARINA: Pra você não sair?!

694 CLEIDE: Pra **mim** não sair. Foi lá **me** ajudar a **me** procurar na rua, com **a minha família!**

695 KARINA: É mesmo?

696 CLEIDE: E **EU** trancada dentro de casa! Só a pão e água! Sem nada!

697 KARINA: Ele foi ajudar a sua família a te procurar na rua?

698 CLEIDE: Foi!

699 KARINA: Enquanto que ele te trancou?

700 CLEIDE: **Trancou!** Foi!

701 KARINA: Gente do céu! E aí? Quem te descobriu lá?

702 CLEIDE: Ah! Minha filha! Não **sei!** E aí, **EU** só escutei **umas pessoas** na calçada da casa onde **a**

703 **gente** morava de aluguel na 600.

704 KARINA: Sim. Aham!

705 CLEIDE: Aí, **EU** comecei a bater: “Ei! Ei! Ei!”

706 KARINA: Sim.

707 CLEIDE: “**Fulano!** Tem alguém **me** escutando?”

708 KARINA: Aí você conseguiu sair?!

709 CLEIDE: Aí, **EU** falei onde é que **EU** morava; **falei** que **EU** estava presa ali já tinha umas

710 semanas, e isso e assim, assim, assim e assim...

711 KARINA: Caramba.

712 CLEIDE: E aí, **EU** passei o número!

713 KARINA: E você já tinha a Lola?!

714 CLEIDE: Já tinha a Lola! **Bebezinha!**

715 KARINA: Nossa!

716 CLEIDE: E aí, **EU** passei o número!

717 KARINA: Aham!

718 CLEIDE: Aí **me**... Aí ligaram na hora...

719 KARINA: Coisa de filme!

720 CLEIDE: Foi! E aí, **vieram**, **minha família!** **Me** resgatou!

721 KARINA: Ah! E ele? O que ele falou?

722 CLEIDE: E **ele** falou bem assim... que era pra **mim** aprender e nunca mais ter traído **ele**;

723 chifrado **ele!** Traía **ele**, né?!

724 KARINA: E você estava ficando com outro cara... outro cara?!

725 CLEIDE: Já **estava ficando** com **o Marcos!**

726 KARINA: Ah! Tá! Entendi!

727 CLEIDE: E **EU** falei só que **EU** não fui vagabunda! **EU** fui honesta! **EU** falei que não dava

728 mais! Que **EU** não gostava mais **dele** e que **estava gostando** de **outra pessoa!**

729 KARINA: Aham!

730 CLEIDE: **Ele** não aceitou.

731 KARINA: E o Marcos, você conheceu como?

732 CLEIDE: Ah! **EU** ia muito na casa **dele**, fumar maconha lá!

733 KARINA: Aham!

734 CLEIDE: Só que **EU** não... **EU** não sabia que **ele** morava lá!

735 KARINA: Sim.

736 CLEIDE: Uma vez, **ele** estava viajando... Uma vez, **EU** cheguei lá de noite...

737 KARINA: Aham!

738 CLEIDE: **Vim** doida! **Vim** de um frevo!

739 KARINA: Sim.
740 CLEIDE: Aí, **EU** cheguei lá de noite e conheci **ele**!
741 KARINA: Aham!
742 CLEIDE: E **a gente** começou a trocar ideia, trocar ideia e **EU** falei: “Então, **me** deixa lá em
743 casa!” **EU** estava bêbada, assim, com uma garrafa de coca, um monte de bagaceira que **EU** fiz **o**
744 **povo** comprar...
745 KARINA: Sim.
746 CLEIDE: Pra **mim**, pra **mim** levar pra casa!
747 KARINA: Aham!
748 CLEIDE: Aí, **EU**... o papo... pô! E **ele**: “**Eu** deixo!”
749 KARINA: Sim.
750 CLEIDE: Aí, **ele**: “Pô! E no outro dia? Como é que vai ser? **EU** posso lá te ligar pra **gente** tomar
751 uma?” E **EU** falei: “Pode!”
752 KARINA: Aham!
753 CLEIDE: E aí, começou! E aí, já estava morando na casa da **minha mãe**, mas **ele** frequentava lá
754 também! **O Lucas**!
755 KARINA: Sim.
756 CLEIDE: Aí ficava! E **EU** ia **ele**! E **EU** via **ele**!
757 KARINA: Aham!
758 CLEIDE: Só que **EU** não tinha nada com **o Marcos**! E aí, no dia em que **EU** comecei a gostar do
759 **Marcos** mesmo, assim...
760 KARINA: Sim.
761 CLEIDE: **O Marcos**, tipo... **Ele** estava vendo que **ele** estava gostando de **mim**...
762 KARINA: Aham!
763 CLEIDE: Aí, **EU** falei: “Olha! **Lucas**, não dá mais certo! Não vem mais aqui! Só traz as coisas
764 **da menina** e está bom!”
765 KARINA: Aham!
766 CLEIDE: “Não vou aceitar, **meu filho**!” **Ficava me** perseguindo!
767 KARINA: Sim. E aí, o... o Marcos, você já ???? logo com ele?
768 CLEIDE: Não. Passou cinco anos!
769 KARINA: Aham!
770 CLEIDE: Ah! Mas também quando começou... Deixa **EU** ver! Pra... Foi! PasSusanm cinco
771 anos!
772 KARINA: Aham!
773 CLEIDE: Cinco, seis, sete, oito. Aí, depois que veio **a primeira**...
774 KARINA: Aham!
775 CLEIDE: Foi **um** atrás do **outro**!
776 KARINA: Um atrás do outro. Ah! Tá! E... É... Descreve os seus filhos, assim...
777 CLEIDE: A **Lola**, ela é, assim, desse tamanho assim!
778 KARINA: Aham!
779 CLEIDE: Ela é magrinha.
780 KARINA: Sim.
781 CLEIDE: Tem o rosto perfeito!
782 KARINA: Ela é... é morena ou branca?
783 CLEIDE: Morena. Mais cla... Mais claro do que **EU**.
784 KARINA: Aham!
785 CLEIDE: Do cabelo liso, cacheado.
786 KARINA: Porque **o Marcos** é branco.
787 CLEIDE: Não. **O Lucas**, ele é moreno...
788 KARINA: Ah! O Lucas!
789 CLEIDE: **O Lucas** é aquele, assim, **um moreno bem clarinho**...
790 KARINA: Aham!
791 CLEIDE: Cabelo bom.

792 KARINA: Sim.
793 CLEIDE: Aí, do cabelo bom, cacheado!
794 KARINA: Aham!
795 CLEIDE: Aí, o cabelo **dela** era grande e **EU** tive que cortar por causa dos piolhos! Com o tempo
796 que **ele** cacheou, já está aqui no ombro!
797 KARINA: Sim.
798 CLEIDE: Deve estar maior, já!
799 KARINA: E como ela é, assim, de personalidade?
800 CLEIDE: **Ela** é muito doce!
801 KARINA: Aham!
802 CLEIDE: **Ela** é muito meiga.
803 KARINA: Que bom!
804 CLEIDE: **Ela** não gosta de gritar.
805 KARINA: Aham!
806 CLEIDE: Não **gosta** que **ninguém** grita com **ela**.
807 KARINA: Sim.
808 CLEIDE: **Ela** é chorona.
809 KARINA: Aham!
810 CLEIDE: **Ela** é medrosa, e **ela** é **um doce de menina!**
811 KARINA: E a mais velha?
812 CLEIDE: **A Susan**, ela já é...
813 KARINA: Ah! Você já falou que ela é toda agitada...
814 CLEIDE: **Ela** é agitada. **Ela** é espevitada. **Ela** corre daqui, corre dali! E **ela** é... Só **a Susan!**
815 (RISOS)
816 KARINA: Ela é mais moreninha?
817 CLEIDE: Não! **Ela** é, assim, mais Luz do que **EU!**
818 KARINA: Sim.
819 CLEIDE: Tem o cabelo bom e os olhos claros!
820 KARINA: É mesmo?
821 CLEIDE: É.
822 KARINA: Nossa!
823 CLEIDE: Aí, **o Matias**...
824 KARINA: E o Matias?
825 CLEIDE: **Ele** já é branco!
826 KARINA: Aham!
827 CLEIDE: **Ele** é branquinho, branquinho!
828 KARINA: Sim.
829 CLEIDE: Cabelo meio loiro.
830 KARINA: Aham!
831 CLEIDE: **Ele** puxou pro **meu pai**, porque **ele** era loiro!
832 KARINA: Sim.
833 CLEIDE: **Ele** já é todo **nenemzinho!**
834 KARINA: Bem pequenininho ainda?!
835 CLEIDE: Não.
836 KARINA: **Ele** está com 2 anos?
837 CLEIDE: Não. Está com 2 anos. Está assim, **EU** acho!
838 KARINA: Aham! Sim. Mas você adora?!
839 CLEIDE: Mas... é... **EU** amo **meu filho!**
840 KARINA: Aham! Certo. E... É... Assim! É... É... Você vê alguma mudança da sua adolescência
841 pra vida adulta? Teve... Sentiu alguma mudança, assim...?
842 CLEIDE: Ah! **EU** senti...
843 KARINA: De visão, de ??? ?
844 CLEIDE: Ah! **EU** vim sentir, assim, mais por agora, porque **EU** sempre fui **moleca!**

845 KARINA: Aham! Sim.

846 CLEIDE: Sempre fui criança!

847 KARINA: Aham!

848 CLEIDE: Até hoje mesmo! EU gostava de brincar com Barbie...

849 KARINA: É mesmo?

850 CLEIDE: Com a minha filha.

851 KARINA: Olha só!

852 CLEIDE: Mas, agora, é que EU estou vendo, assim, que EU mudei...

853 KARINA: Sim.

854 CLEIDE: Nesse período, assim!

855 KARINA: Tá certo, Cleide! E... É... A... A... Assim! Os teus sentimentos associados...

856 associados... perdão!... assim, ao presídio, o que que é isso aqui pra você!

857 CLEIDE: Ah! É um desespero! Cada dia que passa EU quero...

858 KARINA: Desespero?!

859 CLEIDE: Ir embora! ????

860 KARINA: Aham! Sim. Mas, assim, o porquê, além da privação da liberdade, né?! O que mais

861 que tem que você... que deixa você, assim, nessa situação desesperada?

862 CLEIDE: Meus filhos! Minha família!

863 KARINA: Aham! Você fica pensando como eles estão lá fora?

864 CLEIDE: Como eles estão, meu Deus?! Será que tem gente judiando deles e do pai?!

865 KARINA: Aham! E eles vêm aqui te ver?

866 CLEIDE: Não. Minha mãe não traz.

867 KARINA: Ah! Tá! Mas sua mãe vem?

868 CLEIDE: Vem.

869 KARINA: Ah! É... Quem vem te ver é só sua mãe...

870 CLEIDE: Não. Só minha mãe!

871 KARINA: Ou os irmãos também?

872 CLEIDE: Não. Só minha mãe!

873 KARINA: Ah! Tá! Quando vem visitar, só pode uma pessoa?

874 CLEIDE: Pode quatro.

875 KARINA: Ah! Tá! É... E... E... Assim: e o seu relacionamento com as outras gestantes que

876 vivem lá com você? Com as outras pessoas? É bom?

877 CLEIDE: É tudo bem!

878 KARINA: Tem gente boa?

879 CLEIDE: Tem gente boa. Tem gente ra... mal. Tem gente fofqueira. Tem que goste... que goste

880 de ver...

881 KARINA: Aham!

882 CLEIDE: ??? da sua vida. ???

883 KARINA: Aham! Certo.

884 CLEIDE: E assim vai! Você tem que saber viver!

885 KARINA: Aham! Mas a convivência é tranquila?!

886 CLEIDE: É tranquila.

887 KARINA: Certo. E... É... Assim: você... vocês têm relacionamento... vocês encontram, em

888 algum momento, as outras internas também das outras alas, que não estão gestantes?

889 CLEIDE: No banho. As que não estão gestantes?

890 KARINA: É.

891 CLEIDE: No banho de sol.

892 KARINA: E é tranquilo?

893 CLEIDE: É tranquilo!

894 KARINA: Ninguém procura confusão?

895 CLEIDE: Não.

896 KARINA: ????

897 CLEIDE: Já procuraram confusão comigo!

988 KARINA: Por quê?

989 CLEIDE: Uma prima do meu... do meu marido.

990 KARINA: Ah! Tá! Sobre quem era você?!

991 CLEIDE: Não! “EU cheguei mesmo! Porque EU estou aqui porque você ???? pra polícia!”

992 KARINA: Sim.

993 CLEIDE: E EU falei: “Isso é castigo de Deus!” No caso, EU nunca ???? pra polícia, não!

994 Porque um dia antes de ir presa...

995 KARINA: Aham! Sim.

996 CLEIDE: ????... Um dia antes dela vir presa...

997 KARINA: Aham!

998 CLEIDE: Ela tinha feito meu marido me dar uma surra tão grande...

999 KARINA: Nossa!

1000 CLEIDE: Que ela falou que ela me viu na pista fazendo programa.

1001 KARINA: Ah!

1002 CLEIDE: E ele foi e me bateu!

1003 KARINA: E você fazia realmente, às vezes?

1004 CLEIDE: Não! Deus me livre! Nunca! EU fui... EU sou contra!

1005 KARINA: Aham!

1006 CLEIDE: Não gosto disso!

1007 KARINA: Sim. Mas ela falou que te viu?!

1008 CLEIDE: Falou que me viu! Só... Aí quando ele começou a me bater, meu Deus! E ela: “Calma, meu primo! Calma! É mentira!”

1009 KARINA: Aham! Nossa!

1010 CLEIDE: E aí, ele já foi pra cima dela!

1011 KARINA: Aham!

1012 CLEIDE: “O que que você fez eu fazer com ela!”

1013 KARINA: Aham!

1014 CLEIDE: “Agora, ela está aí, machucada, e você, aí, de boa!” E deu uns tapas nela! Deu umas ???? nela!

1015 KARINA: Olha! Gente! Que coisa! E... É... É... Você... Você percebeu que você mudou alguma coisa depois que entrou aqui?

1016 CLEIDE: Mudei bastante!

1017 KARINA: Teve algum aprendizado? O quê?

1018 CLEIDE: A ter mais paciência.

1019 KARINA: Aham! Sim.

1020 CLEIDE: Dar valor à vida, à liberdade.

1021 KARINA: Aham!

1022 CLEIDE: Não quero... é... mais, assim...

1023 KARINA: Sim.

1024 CLEIDE: Pensar melhor antes de você fazer o errado e o certo.

1025 KARINA: Aham! É a primeira vez que você está presa?

1026 CLEIDE: É a primeira vez!

1027 KARINA: Entendi. É... E o seu relacionamento com as pessoas que cuidam de você? Com a equipe, os profissionais de segurança? É tranquilo aqui?

1028 CLEIDE: Eles que são cabulosos!

1029 KARINA: O que que é cabuloso?

1030 CLEIDE: Chega, assim...

1031 KARINA: Cabuloso.

1032 CLEIDE: (RISOS)

1033 KARINA: (RISOS) O que que significa cabuloso?

1034 CLEIDE: Ah! Eles querem botar o terror em cima da gente!

1035 KARINA: Hum!

1036 CLEIDE: Humilha.

951 KARINA: Sim.
952 CLEIDE: **Grita** com a gente. Tem que ser do jeito que **eles** querem.
953 KARINA: Aham!
954 CLEIDE: Quando **a gente** está sentindo dor, **eles** pegam!
955 KARINA: Mesmo com você grávida?!
956 CLEIDE: Mesmo **a gente** grávida!
957 KARINA: Entendi. E...
958 CLEIDE: A comida aqui é horrível!
959 KARINA: É?
960 CLEIDE: Deus me livre!
961 KARINA: Assim: horrível porque o gosto ou porque não tem opção?
962 CLEIDE: O gosto. O gosto. Vem de qualquer jeito!
963 KARINA: Aham! Mas seus parentes podem trazer comida pra você?
964 CLEIDE: Não.
965 KARINA: Ah! Tá!
966 CLEIDE: Aí **a gente** tem que comer aqui dentro!
967 KARINA: Aham! Nossa!
968 CLEIDE: Já vem até azedo!
969 KARINA: É mesmo?
970 CLEIDE: A marmita.
971 KARINA: Meu Deus! E... É... A descrição da rotina aqui, como é que é? Vocês acordam mais
972 ou menos a que horas?
973 CLEIDE: **Acorda**, confere, o café.
974 KARINA: Aham!
975 CLEIDE: Aí...
976 KARINA: O que que é o confere?
977 CLEIDE: O confere é todo dia! Pra conferir se está **todas as internas** na ala!
978 KARINA: Ah! É tipo uma lista de chamada?!
979 CLEIDE: É.
980 KARINA: Uma lista de chamada. Tá! E depois?
981 CLEIDE: Aí, **toma** café...
982 KARINA: Aham!
983 CLEIDE: E **desce** pro pátio!
984 KARINA: Sim.
985 CLEIDE: Não. Aí vem, né?!... tem o primeiro, o segundo e o terceiro horário!
986 KARINA: Aham!
987 CLEIDE: Tem dia que **a gente** desce no primeiro, desce no segundo...
988 KARINA: Sim.
989 CLEIDE: E **desce** no terceiro.
990 KARINA: Aham!
991 CLEIDE: Agora mudou as normas!
992 KARINA: Sim.
993 CLEIDE: Agora **você** desce todo dia oito horas e só sobre meio dia!
994 KARINA: Ah! Tá! Tomando banho de sol?!
995 CLEIDE: É. Que é o ó!
996 KARINA: Ah! Você prefere ficar dentro da cela?
997 CLEIDE: **EU** prefiro.
998 KARINA: Ah! Tá! Mas...
999 CLEIDE: **EU** não tenho dinheiro! Aí, a cantina está lá! **Todo mundo** fica comendo!
1000 KARINA: Ah! Entendi. Lá tem cantina!
1001 CLEIDE: Tem uma cantina...
1002 KARINA: Ah! Certo.
1003 CLEIDE: Que vende as coisas.

1004 KARINA: Entendi.

1005 CLEIDE: Ah! E também não é nem tanto por isso que **EU** fico sem paciência!

1006 KARINA: Aham! Sim. E... É... A... Assim: a ala que vocês fica, que é das gestantes, é mais

1007 tranquila que as outras, ou você acha que você...?

1008 CLEIDE: Ah! Teve um tempo que lá estava um horror!

1009 KARINA: Por quê?

1010 CLEIDE: Briga direto.

1011 KARINA: Briga? Entre as gestantes?

1012 CLEIDE: Entre as gestantes! ???? pau, **pelada** lá no chão!

1013 KARINA: Mas uma vai machucar a outra? Por causa do bebê...

1014 CLEIDE: **Bate** na cara!

1015 KARINA: Na cara? Ah! Tá! Entendi. Entendi. E... É... É... Assim: final de semana. Como é que

1016 é?

1017 CLEIDE: Ah! É o dia mais triste!

1018 KARINA: Por quê?

1019 CLEIDE: Por quê???? **Marcos** ????: “Ei! Hoje era o dia de estar em tal lugar!”

1020 KARINA: Aham!

1021 CLEIDE: Ah! Mas final de semana que é o dia de estar todo mundo! ???? ! É o mais triste!

1022 KARINA: É. Tá!

1023 CLEIDE: Demora a passar!

1024 KARINA: Vocês descem também?

1025 CLEIDE: Desce.

1026 KARINA: Desce? E, assim, quais são as suas expectativas para o futuro?

1027 CLEIDE: Ah! **EU** quero sair daqui renovada! **EU** quero sair daqui e ir direto pra casa **da minha**

1028 **mãe!**

1029 KARINA: Aham!

1030 CLEIDE: **Cuidar** do meu bebê! **Quero...**

1031 KARINA: Você vai voltar com o Marcos?

1032 CLEIDE: Não **sei!** Aí só o tempo é que vai dizer!

1033 KARINA: Aham!

1034 CLEIDE: **EU** quero voltar...

1035 KARINA: Você acha que o Marcos também está livre, assim, está... está mudando?

1036 CLEIDE: Não **sei.** Não **sei.**

1037 KARINA: Você não o encontrou mais não, depois que veio pra cá?

1038 CLEIDE: Não. Só uma vez em uma audiência.

1039 KARINA: Ah! Tá!

1040 CLEIDE: Só que **a gente** não pôde conversar.

1041 KARINA: Aham! Mas você não pode ir visitá-lo uma vez ao ano?

1042 CLEIDE: Não. Porque **a gente** não tem união estável.

1043 KARINA: Ah! Entendi.

1044 CLEIDE: Aí, tipo... Ah! **EU** quero sair daqui! ????. **EU** não quero mais isso aqui, não!

1045 KARINA: Aham!

1046 CLEIDE: Não **quero** mais droga! **EU** quero mudar! **EU** quero voltar a estudar e trabalhar!

1047 KARINA: E em relação às crianças?

1048 CLEIDE: **Cuidar** dos **meus filhos** é o que **EU** mais quero!

1049 KARINA: Tá! E... É... Você acha que vai ser difícil, assim, depois de ter estado aqui? Assim,

1050 é... é... romper com a... com essa coisa da criminalidade mesmo? Dos furtos e tal? Tipo, não é

1051 aquela coisa que você não consegue sair?

1052 CLEIDE: Ah! Não tem ????, moça! **EU** vou deixar! Já **deixei!**

1053 KARINA: Aham!

1054 CLEIDE: Não **quero** saber mais, não! Isso não é vida!

1055 KARINA: E, assim... tem... tem alguma dificuldade pra quem está gestante estar aqui, que você

1056 acha, assim, que agrava a situação?

1057 CLEIDE: Ah! Tem. Tem demais!
1058 KARINA: Aham! Por que, assim?
1059 CLEIDE: Porque... Nossa! É horrível! Às vezes, **você** quer comer uma coisa...
1060 KARINA: Aham!
1061 CLEIDE: E não **pode**!
1062 KARINA: Sim.
1063 CLEIDE: **Você** está sensível; **você** está frágil...
1064 KARINA: Aham!
1065 CLEIDE: Aí chega **as polícia** gritando, atribulando **a gente**!
1066 KARINA: Sim. E a sua convivência com os outros bebezinhos lá? Isso tem mexido com você?
1067 Você gosta?
1068 CLEIDE: **EU** não gosto.
1069 KARINA: Você não gosta?
1070 CLEIDE: Ai! **EU** não tenho paciência...
1071 KARINA: Aham!
1072 CLEIDE: Com **a criança dos outros**!
1073 KARINA: Que chora?
1074 CLEIDE: Assim... Não! Não é, assim, paciência! Não é que chora! Porque **EU** não sei! **Essa**
1075 **gravidez**, **EU** estou, assim...
1076 KARINA: Aham! Sem paciência.
1077 CLEIDE: **De criança**!
1078 KARINA: Aí você não ajuda a cuidar?!
1079 CLEIDE: Mas, assim... **Ajudado**!
1080 KARINA: Ah! Tá!
1081 CLEIDE: **EU** vou lá...
1082 KARINA: Aham!
1083 CLEIDE: **Vejo** um pouquinho...
1084 KARINA: Sim.
1085 CLEIDE: ????.
1086 KARINA: Ah!
1087 CLEIDE: Mas se **ele** maltrata, longe de mim! Porque **EU** odeio... odeio **quem** maltrata criança!
1088 KARINA: Aham! Mas tem alguma que você acha que...
1089 CLEIDE: Ah! Que... Que... Tinha! Lá tinha!
1090 KARINA: Mesmo grávida?
1091 CLEIDE: Não! Não! **EU** estou falando, assim: **ela** judiava **do filho dela**!
1092 KARINA: A... A própria mãe?!
1093 CLEIDE: Isso!
1094 KARINA: Não tinha paciência?!
1095 CLEIDE: Não tinha!
1096 KARINA: Mas será que ela não estava com depressão também, né?!
1097 CLEIDE: Não **sei**! Não! O **dela** era safadeza! **Ela** queria que **o menino** fosse logo embora pra **ela**
1098 ??? na outra ala.
1099 KARINA: Pra o quê?
1100 CLEIDE: Ir... ??? na outra ala.
1101 KARINA: Ah! Tá!
1102 CLEIDE: Ficar desocupada.
1103 KARINA: Porque quando o bebê vai embora, aí...
1104 CLEIDE: Tem que mudar pra ala.
1105 KARINA: Ah! Tá! E quando o bebê vai embora, vocês recebem alguma coisa por isso? Assim:
1106 alguma ajuda pra...
1107 CLEIDE: Não!
1108 KARINA: Ficar mandando pra ele? Não? Ah! Tá! Mas a pessoa tem a opção de ficar com o
1109 bebê até os seis meses?!

1110 CLEIDE: Seis meses.
1111 KARINA: Ah! Tá! Você... Você pretende ficar com o seu até os seis meses?
1112 CLEIDE: **EU** pretendo, minha filha! **EU** quero sair daqui com **o meu filho**! Porque, na verdade,
1113 **EU** queria se criar... **EU** peço a Deus pra sair daqui e ???? ter **ele** na rua! Pra **mim** correr atrás
1114 das coisas **dele**!
1115 KARINA: Aham!
1116 CLEIDE: Só que **EU** não tenho nada ???? !
1117 KARINA: Você não tem nada ainda?!
1118 CLEIDE: Não **tenho** nada!
1119 KARINA: Mas eles dão enxoval aqui?
1120 CLEIDE: Aquele enxoval, assim, mais...
1121 KARINA: Aham!
1122 CLEIDE: Tem umas roupas que vêm boa!
1123 KARINA: Sim.
1124 CLEIDE: Tem umas que não vêm!
1125 KARINA: Aham!
1126 CLEIDE: Mas sempre nunca da **sua** preferência de **você** usar!
1127 KARINA: Eu sei! É verdade! E... É... A antecipação das dificuldades, né?! E... Assim: pra dar a
1128 luz! É tranquilo? Você tem o bebê...
1129 CLEIDE: Ah!
1130 KARINA: É... Com muitas horas de parto? Com muita dor?
1131 CLEIDE: Ah! **EU** odeio! Cara! Cada parto é um parto! Mas **o meu** dói muito!
1132 KARINA: É mesmo?
1133 CLEIDE: E **EU**: “Ah!” **EU** fico... Nossa!
1134 KARINA: Mesmo o da Susan... o da Susan, que você teve em casa?! Menos no dela que doeu?!
1135 CLEIDE: Doeu também!
1136 KARINA: Aham!
1137 CLEIDE: Dói do mesmo jeito!
1138 KARINA: Sim.
1139 CLEIDE: Pode ser pequeno, grande, a dor é a mesma!
1140 KARINA: Quem te ajudou no parto da Susan?
1141 CLEIDE: **A minha sogra. Ela** que pegou **a Susan**.
1142 KARINA: Aham! Certo. E, assim, quais as dificuldades que você acha que vai ter depois que
1143 você tiver o bebezinho aqui?
1144 CLEIDE: Ah! Porque **EU** não sei cuidar de **recém-nascido**!
1145 KARINA: Aham! Mas você conta com alguma amiga aqui dentro pra te ajudar?
1146 CLEIDE: É. **Conto**. É. **As meninas lá!** **EU** fico assim: “Olha! **Gente!** **Vocês** vão me ajudar,
1147 porque **EU** não sei!”
1148 KARINA: Aham!
1149 CLEIDE: “Ah! Gente. **EU** não sei...”
1150 KARINA: Sim.
1151 CLEIDE: Mal segurar.” Parece que vai se quebrar!
1152 KARINA: Aham!
1153 CLEIDE: Não dava conta de dar banho.
1154 KARINA: Sim.
1155 CLEIDE: Aí era **minha irmã** que ia **me** ajudar! **Minha irmã** é mais nova do que **EU**!
1156 KARINA: Te ajudava?!
1157 CLEIDE: Que **me** ajudava!
1158 KARINA: Ah! Tá! Tá certo! Bom! É... A parte da... da entrevista é essa!

ENTREVISTA COM A COLABORADORA LAILA.

Tempo do áudio: 00h 45m 08s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1 KARINA: – Entrevista com Laila em 09/04/2014. Bom Laila, para fazer essa entrevista com
2 você, para você me contar sobre a sua vida, eu vou seguir um roteirinho aqui mas esse
3 roteirinho não é nada fixo tá? A gente pode ir comentando outros pontos que você achar mais
4 importante, tá bom? Bom, eu já te expliquei o que é o termo de consentimento livre e
5 esclarecido, e daí eu queria perguntar pra você, se alguém pedisse pra você contar a sua história
6 de vida, onde você gostaria de começar a contar essa história de vida?
- 7 LAILA: – Onde **EU** gostaria?
- 8 KARINA: – Uhum, em que ponto?
- 9 LAILA: – Hum, **acho** que é a adolescência.
- 10 KARINA: – Na adolescência? Por que na adolescência?
- 11 LAILA: – Porque foi a fase que **EU** mais gostei assim, foi quando **EU** decidi morar fora...
- 12 KARINA: – Sua adolescência você passou onde?
- 13 LAILA: – **EU** passei uma parte aqui em Brasília e outra parte no Rio de Janeiro.
- 14 KARINA: – Ah, certo. Em que lugar do Rio?
- 15 LAILA: – **EU** morei em vários bairros do Rio. Mas **EU** morei na Siqueira Campos, **morei** na
16 Flamengo, **morei** na Barra da Tijuca.
- 17 KARINA: – Certo. Mas você é daqui?
- 18 LAILA: – **EU** sou daqui. **EU** fui sozinha pra lá.
- 19 KARINA: – É mesmo? Nossa. E você é de que cidade aqui de Brasília?
- 20 LAILA: – **EU** sou... que **EU** nasci?
- 21 KARINA: – Aham.
- 22 LAILA: – **EU** nasci no hospital Santa Marta, no Plano.
- 23 KARINA: – Ah. Mas você viveu onde aqui?
- 24 LAILA: – Em Taguatinga. Atualmente **EU** vivi em Vicente Pires, Riacho Fundo, mas a maioria
25 da **minha adolescência** foi em Taguatinga. **Minhas amizades**, **o pessoal** foi em Taguatinga Norte.
- 26 KARINA: – E você estudou aqui?
- 27 LAILA: – **EU** estudei até o segundo grau. **Terminei** o segundo grau no Rio e **fiz** um curso de
28 gestão e marketing no Rio.
- 29 KARINA: – Aham.
- 30 LAILA: – Aqui, **EU** saí daqui **EU** tava com o primeiro ano do segundo grau e **terminei** no Rio,
31 na Faculdade Gama Filho.
- 32 KARINA: – Ah tá. Mas você chegou a trabalhar nessa área de marketing?
- 33 LAILA: – Sim, **EU** era gerente de marketing.
- 34 KARINA: – Ah sim. E quando você veio pra cá, você estava fazendo o quê?
- 35 LAILA: – Aí **EU** voltei pra trabalhar em uma escola de inglês chamado Wizard e foi quando **EU**
36 caí e **comecei** a usar drogas.
- 37 KARINA: – Ah, certo. Você trabalhava de quê na escola? Na Wizard?
- 38 LAILA: – **EU** era gerente de relacionamento, **gerente de nave**, né? Que tinha uma equipe de
39 vendas onde **EU** gerenciava **o pessoal** vender curso de inglês. Era na escola de inglês chamada
40 Time que tem aqui em Brasília e tem no Rio, Belo Horizonte. **EU** morei nesses 3 lugares pela
41 escola.
- 42 KARINA: – Certo.
- 43 LAILA: – Brasília, Rio e Belo Horizonte. Bairro Savassi no Rio e aqui em Brasília pela Time.
- 44 KARINA: – Sim.
- 45 LAILA: – 3 anos **EU** trabalhei lá.
- 46 KARINA: – E assim, você falou que a adolescência foi a fase mais marcante da sua vida né?
- 47 LAILA: – É.

- 48 KARINA: – E foi nessa fase da adolescência também que você teve o primeiro contato com
49 drogas etc?
- 50 LAILA: – Foi, é. Foi mais ou menos com 17 anos, porque até então **EU** desconhecia, mais aí
51 **EU** gostava muito de festa, rock and roll, essa coisa de teatro, **fazia** parte de um grupo de teatro
52 no Acervo das Artes...
- 53 KARINA: – Sim.
- 54 LAILA: – Aí **EU** falei... aí **EU** comecei. **EU** fumava um baseado e aí depois **bebia**, né?
- 55 KARINA: – O baseado é o quê?
- 56 LAILA: – É a maconha.
- 57 KARINA: – Ah tá, certo. Aí você começou a ter contato com drogas...
- 58 LAILA: – É. Aí **meu namorado** na época tinha uma banda de rock and roll aí foi assim. Aí
59 depois **EU** tive uma banda... foi esse o primeiro contato.
- 60 KARINA: – Era o contexto?
- 61 LAILA: – Mas **EU me** lembro de momentos muitos felizes assim, não é essa fase depois dos 25
62 que **EU** acho que onde começou a desandar muita coisa assim pra **mim**.
- 63 KARINA: – Uhum. E você está com quantos anos agora?
- 64 LAILA: – 35.
- 65 KARINA: – Certo.
- 66 LAILA: – Aí, é... foi isso nessa fase **EU** saía, **EU** gostava, **EU** morava sozinha, trabalhava na
67 CEB – Companhia de Energia de Brasília...
- 68 KARINA: – Sim.
- 69 LAILA: – E aí tava assim, era tudo muito curtição, não era nada que **me** deprimia, que **me**
70 deixava mal, que **me** fizesse pegar uma prisão, por exemplo, né?
- 71 KARINA: – Aham, entendi. E a sua infância, você passou em Taguatinga Norte também?
- 72 LAILA: – Taguatinga na QNE.
- 73 KARINA: – Aham.
- 74 LAILA: – Foi em Taguatinga, QNE.
- 75 KARINA: – E você convivia com quem? Na infância, na adolescência?
- 76 LAILA: – Como **EU** e **minha irmã a gente** é pouco tempo, é 9 meses, então era muito **EU**, **a**
77 **minha irmã** e **as vizinhas**.
- 78 KARINA: – Uhum.
- 79 LAILA: – Aí tinha **a Ellen, Kamila, Caroline, Cássia**...
- 80 KARINA: – Uhum, várias amigas...
- 81 LAILA: – É.
- 82 KARINA: – E vocês moravam com os pais?
- 83 LAILA: – **EU** morava ca **minha mãe**.
- 84 KARINA: – Ah, certo. E o seu pai e a sua mãe estão vivos? E têm contato com você?
- 85 LAILA: – São. **EU** moro com **eles**.
- 86 KARINA: – Ah.
- 87 LAILA: – Quando **EU** voltei do Rio depois de 8 anos morando lá, aí **EU** passei 6 meses, foi
88 quando **EU** conheci essa droga que foi o crack, né? E aí foi quando **EU** engravidei...
- 89 KARINA: – Sim.
- 90 LAILA: – Aqui em Brasília, com 31 anos. Aí veio **a minha filha Maria Luz** que tem 3 anos de
91 idade.
- 92 KARINA: – Ah, então você já tem uma filhinha?
- 93 LAILA: – **Tenho**. Aí **EU** fui morar com **eles**. Hoje **a Luz** mora com **eles** e **EU** estou aqui.
- 94 KARINA: – Ah. E a Maria Luz ela... o pai dela é presente? Tem contato com ela?
- 95 LAILA: – Não. Nem **dela** e nem **desse... dessa**.
- 96 KARINA: – É mesmo?
- 97 LAILA: – Porque foi **uma pessoa**...
- 98 KARINA: – Porque foi uma pessoa que você conheceu...
- 99 LAILA: – Na rua assim, na curtição. **EU** não sei quem é porque a droga **ela** me tirava essa coisa
100 de querer **se** envolver mesmo com **alguém** então raramente **EU** tinha algum relacionamento, né?

101 KARINA: – Sim.

102 LAILA: – O pai da Luz chama Lizandro. É um menino que EU conheci comprando droga.

103 KARINA: – Certo.

104 LAILA: – Tanto é que ele é conhecido entre as meninas... elas fala assim “Nossa, é a cara do Lizandro.”

105

106 KARINA: – Uhum.

107 LAILA: – Mas nunca quis que assumisse porque EU sempre pensei assim, os meus pais já têm um grande desgosto por mim, né? E trazer ele que era usuário de crack também, traficante e essa coisa toda, EU falei EU não quero nenhum contato com a família.

108

109

110 KARINA: – Entendi.

111 LAILA: – Então ele não sabe...

112 KARINA: – Que tem uma bebezinha...

113 LAILA: – Não. Então quem vai assumir a paternidade é meu cunhado que inclusive é policial. Então ele quer assumir e ele quer que EU... tomar conta da minha filha. Ele é padrinho dela e agora ele resolveu assumir a paternidade, resolveu registrar.

114

115

116 KARINA: – Ah tá. E o bebezinho que você está esperando? É menino ou menina?

117 LAILA: – Menina.

118 KARINA: – Menina? Ai que legal.

119 LAILA: – Uhum, é outra.

120 KARINA: – E a história dela também é bem parecida com a da primeira?

121 LAILA: – Bem parecida, porque foi... EU passei por 3 internações...

122 KARINA: – Internações em casa de...

123 LAILA: – Em clínica de dependência.

124 KARINA: – Ah sim.

125 LAILA: – Duas foi na Fazenda de Senhor Jesus e uma na casa Mulheres de Deus.

126 KARINA: – Isso aqui em Brasília?

127 LAILA: – Aqui em Brasília.

128 KARINA: – Aham.

129 LAILA: – As duas era 9 meses cada uma...

130 KARINA: – Entendi.

131 LAILA: – EU fiz 9 meses na... em duas clínicas EU conclui o tratamento e nas Mulheres de Deus. EU tava grávida e EU resolvi sai pra terminar a minha gravidez que foi a primeira internação. Aí nessa recaída, última recaída, foi quando EU recaí. Foi quando EU fui para esse local onde me pegaram lá, onde EU estava no meio que me trouxeram pra cá.

132

133

134

135 KARINA: – Uhum.

136 LAILA: – E aqui estou com um artigo que EU nunca imaginava como usuária...

137 KARINA: – O que é esse artigo 33? É o quê?

138 LAILA: – Tráfico.

139 KARINA: – Ah, tráfico. Certo. E daí no caso você está aqui provisoriamente?

140 LAILA: – Ainda sou provisória. Aí vai ter uma audiência que por isso que EU ainda perguntei lá se tinha jeito... você entendeu?

141

142 KARINA: – Sim.

143 LAILA: – Porque EU tenho fé que na audiência EU vou ter como provar que EU sou dependente química, que EU estava naquele local na hora errada, né?

144

145 KARINA: – Uhum.

146 LAILA: – Infelizmente é um risco que... tanto para quem vende, quanto para quem usa, você corre. EU não fiz nada assim, achando “Ah, EU sou uma bobona...”, não, EU estava no local onde entra e sai droga, onde tava a investigação e EU estava lá usando.

147

148

149 KARINA: – Uhum. Isso foi em Taguatinga?

150 LAILA: – Foi em Taguatinga, na Arniqueiras.

151 KARINA: – Ah tá, entendi. Certo. E a maternidade pra você, né? Você falou que quando você teve a Maria Luz você tentou se cuidar, você foi pra casa de internação...

152

153 LAILA: – Sim, foi.

154 KARINA: – Então a gente poderia dizer que a maternidade, vamos dizer, motivou algumas
155 mudanças na sua vida?

156 LAILA: – Com certeza, aliás pra mim foi um choque assim, quando EU saí, a Luzinha... EU
157 fiquei lá até o 6º mês de gravidez... aí terminei minha gravi... Quando EU soube que EU estava
158 grávida, nunca mais EU coloquei... não pensava nem em droga, né? EU não sou fumante mas no
159 uso da droga EU fumava muito cigarro.

160 KARINA: – Uhum.

161 LAILA: – Aí, quando EU saí da clínica, né? Da primeira internação, EU falei “Ah, vou ter a
162 minha gravidez em casa”. Aí o que que EU julguei, né? Quando a Luzinha estava com 5 meses
163 de nascida, EU já muito tempo sem drogas e sem cigarro, sem bebida e sem nada, EU me achei
164 no direito de dar uma escapulida, de sair, de voltar a vida social que pra mim “Não, pelo amor
165 de Deus, EU ainda sou nova, né?” e aí foi quando EU tive a recaída, né?

166 KARINA: – Sim.

167 LAILA: – Então EU achava que por ser mãe que EU jamais voltaria a usar drogas, jamais
168 voltaria para este mundo que num me pertence, certo?

169 KARINA: – Certo.

170 LAILA: – E morava com minha mãe, com a minha irmã. Minha irmã é casada com o meu
171 cunhado, chama Rondi, que é policial que sabe. Investia nessa coisa do meu tratamento, ele
172 pagou todo o meu tratamento mas mesmo assim EU recaí né? E achava que a maternidade não...
173 EU era um amor, uma coisa tão assim... a gente é tão horrível que mesmo na clínica que EU
174 fiquei afastada nessa segunda recaída, ela nunca censurou de mim. Ela veio me visitar aqui, aí
175 ela “Ai mãe, mas que dia você volta pra casa?” Essas coisas todas, né?

176 KARINA: – Sim.

177 LAILA: – E aí EU tenho que segurar, EU tenho que ser forte porque não adianta assim, EU não
178 quero passar pra ela o quanto... mais ela sempre me chamou de mãe, nunca deixou esse vínculo.
179 Me respeita muito, mesmo EU ausente, mesmo nos dias que EU ficava fora, usando droga.

180 KARINA: – Então a sua família tem todo esse cuidado pra não passar essa situação pra ela?

181 LAILA: – Tem, aí vem minha mãe, vem meu pai, vem minha filha, vem minha irmã.

182 KARINA: – Ai, que bom que você tem uma família presente...

183 LAILA: – Tenho, porque assim, a bem da verdade eles sabem assim... Meu pai ainda brinca fala
184 assim “Meu Deus, se EU tivesse vindo te visitar, porque realmente você fazia coisa (risos), né?”
185 porque ele fala assim “Se realmente você tava vendendo e tava ganhando dinheiro com isso, eu
186 lógico, não era uma coisa que eu apoiaria mas se EU descobrisse, EU ainda sim “bem, tá
187 pagando pelo que ela fez”, né? Mas isso só gastou, você parou com a sua vida” sabe? E ele
188 assim, tá presa. Então... pra ele é um...ele fica muito triste ter que vim, mas ele falou “eu não
189 vou te abandonar”, ele sabe que EU não estava... fazendo por estar aqui.

190 KARINA: – E essa visita que eles te fazem? É junto com todo mundo? Com os demais
191 parentes? Ou é separado?

192 LAILA: – É, EU até ia pedir informações, por que o que acontece? Minha mãe sofreu um AVC
193 e ela tem um problema na... o AVC dela é na memória.

194 KARINA: – Ah tá.

195 LAILA: – Aí, o que acontece? Ela fica meio que perdida ali, aquele pátio cheio... às vezes não
196 tem local pra sentar, sabe? Então aquele calor, aquele tumulto, a gente não consegue conversar e
197 EU soube que tem umas visitas que pode ser aqui... Mas é menor o tempo, 40 minutos e você
198 tem mais... É 40 minutos, cê fica... acaba ficando mais tempo com a sua família do que no
199 próprio pátio porque é tão tumultuado que cê não consegue conversar, é tanta gente...

200 KARINA: – Normalmente essa visita dura quanto tempo?

201 LAILA: – Olha, se não me... é de 10 às 3 horas.

202 KARINA: – Ah tá, são horas né?

203 LAILA: – São de 10 da manhã às 3...

204 KARINA: – Ah tá, da mais tempo.

205 LAILA: – Mas para ela EU acho que ainda não está fazendo bem. Aí EU vou pedir informações
206 aí pra ver se tem como ela receber... EU acho que é bem aqui, na GEATI...

- 207 KARINA: – E a sua bebezinha vem também nessa visita? Fica lá no pátio?
- 208 LAILA: – Vem. **Ela** vai vir amanhã.
- 209 KARINA: – Ah tá. Amanhã... Ah, que amanhã é dia de visita.
- 210 LAILA: – É toda quinta-feira isso.
- 211 KARINA: – Ah, tá certo. Então você escreveu a sua família como muito presente, né? E como
- 212 você se sente quando está com eles assim?
- 213 LAILA: – Ah, bem melhor né? (risos)
- 214 KARINA: – Mesmo com toda... é... todos esses acontecimentos, você se sente bem? Não há...
- 215 LAILA: – Sim, **EU** me sinto acolhida porque **EU** achava que... **meu pai** falava assim...antes,
- 216 nuns 3 dias antes de **EU** ser presa, **meu pai** falou “Olha, **minha filha**, não sai de casa hoje, não
- 217 estou com um bom pressentimento...”, **EU** já tava... **as minhas recaídas** eram assim, passavam
- 218 uns cinco.
- 219 KARINA: – Aham, sim.
- 220 LAILA: – Passavam uns 5 dias em casa, uns 5 dias na rua e 15 dias em casa e aí **me** via essa
- 221 coisa, né?
- 222 KARINA: – Ah, você não voltava pra casa? Enquanto estava...
- 223 LAILA: – Não.
- 224 KARINA: – Não era uma saída e voltava? Eram dias?
- 225 LAILA: – Não. 5 dias e aí a última, uma das piores vezes foi que **EU** passei 20 dias sem dar
- 226 notícia.
- 227 KARINA: – É mesmo? Mas nem ligar?
- 228 LAILA: – Não.
- 229 KARINA: – Por quê?
- 230 LAILA: – **EU** não tinha coragem, **me** dava vergonha de ter passado 3 tratamentos, por ter **a**
- 231 **minha filha** **me** esperando, aí **me** dava vergonha e **EU** não consigo... **EU** não conseguia voltar.
- 232 KARINA: – Aham, certo. Mas não por estar debilitada? Era...
- 233 LAILA: – Também, às vezes, debilitada, porque a droga **ela te** deixa **suja, feia**, né? Às vezes
- 234 **inconsciente**... infelizmente no mundo da droga **você** não precisa **você** fazer muita coisa que
- 235 venha muito fácil. **EU**...a forma que **EU** usava para adquirir droga, por exemplo, era fingindo
- 236 para **os outros** na rua, **EU** até o momento que **EU** deixava o carro, né? Porque depois **EU** não
- 237 estava nem saindo de carro mais, **EU** andava com a chave e **falava** que **a minha gasolina** acabou
- 238 e **o dinheiro** vinha...
- 239 KARINA: – Uhum.
- 240 LAILA: – Mas traficar... a prostituição por si só, que **a maioria das meninas** se prostitui, de ficar
- 241 em ponto, **EU** também... **EU** nunca fazia. Mas já aconteceu de **EU** ter que ir para um hotel com
- 242 **um cara** pra poder usar a droga...
- 243 KARINA: – Pra conseguir a droga...
- 244 LAILA: – Pra conseguir a droga.
- 245 KARINA: – Ou seja, a vontade é tão forte que a pessoa se submete a qualquer coisa?
- 246 LAILA: – Né. Mas **EU** acho que mesmo assim **EU** era tão protegida, porque **EU** subia pro
- 247 quarto do hotel e não acontecia nada, **o rapaz**... **o cara** queria realmente era... às vezes, era só
- 248 usar mesmo. Só usar droga e ficava aquela que **a gente** chama lombra...
- 249 KARINA: – Uma companhia para usar?
- 250 LAILA: – É uma companhia pra usar, beber, usar...
- 251 KARINA: – O que é lombra?
- 252 LAILA: – (Risos)
- 253 KARINA: – Deixa eu anotar aqui, lombra.
- 254 LAILA: – Lombra é como se fosse, é aquela viagem né? É aquela curtidão.
- 255 KARINA: – Aquele momento que eles estão... o momento que a pessoa...
- 256 LAILA: – O êxtase da droga, **vamos** dizer assim.
- 257 KARINA: – Entendi. O êxtase causado pela droga.
- 258 LAILA: – Uhum.

- 259 KARINA: – Ok. E a descrição da escola? Você disse que fez o ensino médio e depois fez um
260 curso técnico...
- 261 LAILA: – É, em gestão de marketing.
- 262 KARINA: - ... gestão de marketing, né? E você nunca teve planos de continuar estudando? De
263 fazer faculdade?
- 264 LAILA: – Porque assim, essa empresa que **EU** trabalhei, **ela** era muito motivadora, porque é
265 uma... **o dono de lá**, resumindo a história, né?
- 266 KARINA: – Sim.
- 267 LAILA: – **Ele** foi **um cara** que nasceu em Ipatinga, aí **creceu** muito, hoje **ele** tem mais de 100
268 escolas de inglês, é reconhecido pela ABF.
- 269 KARINA: – Uhum, o que é ABF?
- 270 LAILA: – Associação Brasileira de Franchising, uma das escolas mais... que vende mais
271 franquias. Aí **o parceiro dele é o Bernardinho, técnico da seleção de vôlei**, que era **meu chefe no**
272 **Rio**, que era **dono de uma escola de inglês**. Então **ele** implantava muitos sonhos, **ele** é
273 evangélico, cristão, **ele** fazia culto toda quarta-feira... Então lá...
- 274 KARINA: – Ele está dentro da sua história?
- 275 LAILA: – Aí é onde **EU** entro, o que acontece? Quando **EU** saí do Rio, que **EU** vim para
276 Brasília porque **o meu pai** estava com diabetes, abriu a Up Time aqui. Aí **o Carlos** que era **o**
277 **companheiro de trabalho no Rio**, casou-se aqui em Brasília e abriu essa Up Time que é em
278 Taguatinga, Asa Sul e Asa Norte, 3 e **me** convidou e **EU** falei, olha “**EU** acabei de sair de uma
279 clínica de dependência química de crack...”, **contei** toda a história e, mesmo assim, **ele me**
280 contratou.
- 281 KARINA: – Uhum.
- 282 LAILA: – Aí...
- 283 KARINA: – E você ia ao trabalho? Você conseguia ter um compromisso nos outros dias?
- 284 LAILA: – Então, aí assim, quando **EU** tava nesse foco de voltar à ativa de... né? Até que um
285 belo dia **EU** tive uma recaída no Setor Comercial Sul, descendo da Bancobras, que **EU** fui fazer
286 um trabalho lá...
- 287 KARINA: – Sim.
- 288 LAILA: – Tinha **um usuário** embaixo do local com um cachimbo na mão e foi quando alguma
289 coisa **me** despertou e **fui** lá.
- 290 KARINA: – Sim.
- 291 LAILA: – Aí **acendi** um cigarro com **ela**, **sentei** do lado, quando **vi** já tava usando. E aí ainda
292 **consegui** retornar ao trabalho disfarçadamente, né? Mas a... no mês de uso já esse
293 disfarçadamente, **EU** tive uma recaída que durou 3 dias onde foi o celular **da empresa**, sabe? **EU**
294 andava com um Black Berry pretinho e um netbook porque **tinha** que fazer. Então foi tudo.
- 295 KARINA: – “Foi tudo” como assim? Na troca?
- 296 LAILA: – É, **EU** fui e **fiquei** esses 5 dias... **EU** dei **o netbook da empresa**, **EU** dei o celular e
297 **morrendo** de vergonha, porque com **o Carlos**, né? **O Carlos**, **ele** era **um companheiro**, **meu**
298 **amigo no Rio**, **ele** é muito jovem, né? E também foi **usuário de maconha**, sabe? **Aqueles**
299 **playboy**, sabe?
- 300 KARINA: – Certo.
- 301 LAILA: – Aí **ele** foi e falou... **EU** falei assim “**Tive** recaída e não **tenho** coragem...”, **liguei** pra
302 **ele**, **disse** que não tinha coragem de voltar pra escola e **ele** pediu pra ir lá conversar **comigo**. Aí
303 **ele** foi tão bacana que **ele** me desvinculou porque na verdade **EU** tava nova e **ele** nem podia me
304 deixar lá, mas não descontou sabe? Ainda **me** fez o cheque do **meu pagamento**, **EU** me lembro
305 até hoje R\$ 1.250,00 pra **EU** passar para **os meus pais** para ajudar nas coisas **da minha filha** e
306 não descontou, entende? Então mesmo assim, mesmo **EU** pensar, **a droga**, **ela** me tirava esse
307 foco.
- 308 KARINA: – Entendi.
- 309 LAILA: – E aí, nas palestra que **EU** ia, que é, era dos narcóticos anônimos, **eles** falavam assim
310 “**Laila**, só tem uma saída para a droga: caixão, instituição ou morte.”... é “prisão, instituição ou
311 morte”.

- 312 KARINA: – Sim.
- 313 LAILA: – “...A instituição **você** já passou por 3 vezes”, agora eu estou na fase da prisão e se não
314 resolver é morte.*
- 315 KARINA: – Como é que é? Prisão, instituição... que é a que você ia...
- 316 LAILA: – Os três C, caixão...é.. não, prisão, instituição e morte. Primeiro **você** tenta a
317 instituição quando é dependente...
- 318 KARINA: – Sim.
- 319 LAILA: – Depois **você** tenta pela...
- 320 KARINA: – Prisão.
- 321 LAILA: – Pela prisão, né? Porque **minha mãe** fala que “ **Quem** com porco anda, farelo come”. E
322 se não resolver é a morte, é os 3 caminhos pra drogas.
- 323 KARINA: – E como você se sente, assim, porque parece que você acredita nisso, né? Que ele
324 colocou. Como é que você se sente com relação a isso?
- 325 LAILA: – Uhum. Olha, **as meninas elas** ficam assim, porque **EU** vejo muito assim **das presas** ,
326 que **presas** estão acostumadas a ir e voltar pra cá e **EU** falo assim “Isso aqui pra **mim** foi a maior
327 lição que **EU** tive.”, de qualquer clínica que **EU** passei, de qualquer coisa porque a dor de estar
328 aqui dentro, de se privar, né? **EU** até te confesso que **EU** achei que era bem pior... **EU** não digo
329 nem pelas partes de **agentes** não, **EU** digo pela parte de convivência dentro da cela, de **você se**
330 sentir oprimida, **você se** sentir assim, até no modo de falar ou quando você está chegando, **você**
331 é a mais... a que **eles** mais implicam...
- 332 KARINA: – Ah é?
- 333 LAILA: – É.
- 334 KARINA: - Isso que você está em um ambiente com várias mães, com mulheres grávidas...
- 335 LAILA: – E isso **EU** ainda agradeço a Deus por estar ali, porque, às vezes, **você** ouve muitas
336 histórias de **meninas** que brigaram à toa ou que são **agressivas** ou que te manda fazer coisas, que
337 te manda arrumar a cama **dela** , tudo **você** tem que fazer e ali, ainda na ala por se estar **gestante** ,
338 ainda não acontece...
- 339 KARINA: – Aham.
- 340 LAILA: – Acontece uma coisinha ou outra, assim...Mas **EU** te falo assim, olha, **minha irmã**
341 entrou no pátio e falou assim “ **Lá** , tem que **te** amar muito pra poder tirar a roupa” (risos), porque
342 **EU** vou te falar, **ela** falou assim “ **EU** tava menstruada, tendo que abaixar, né?!” E aí vêm essas
343 cenas e **EU** falo assim “Meu Deus, isso aqui...” **EU** costume dizer que foi Deus que pôs a mão
344 lá naquele local e **me** trouxe pra cá. Aí, **as menina** “Ah, que nada, foi o capeta, que não sei o
345 quê...” aí **EU** falo “Não, foi Deus, porque se não era **instituição** , se não era **minha filha** , se não
346 era **amor pelos meus pais** , nada estava **me** fazendo parar de usar drogas...” aqui **EU** tenho 3
347 meses e nunca **coloquei** nada...
- 348 KARINA: – Uhum.
- 349 LAILA: – Nunca nem **me** passa assim, pela cabeça.
- 350 KARINA: – Sim.
- 351 LAILA: – Sabe? Então **EU** acho que foi uma grande lição pra **mim** , pra **EU** não voltar pra **esse**
352 **mundo** , que **esse mundo** não **me** pertence, né? **EU** tenho **uma família** que **me** espera. Tem
353 **meninas** que **vamos** supor, que tá na mesma situação, que rodaram no tráfico e fala “ **Eu** sair
354 daqui **eu** vou usar, **eu** vou vender de novo... porque não **querem me** dar emprego”, **EU** falei
355 assim” **minha filha** ao sair daqui **EU** vou primeiro beijar o chão ali fora e **EU** não quero nunca
356 mais passar por esse portão”.
- 357 KARINA: – Entendi.
- 358 LAILA: – Sabe, as privações, todo dia é a mesma rotina, **a família** ... **EU** até brinquei com **a dona**
359 **Leida** hoje “Nossa, **dona** , quando **EU** venho pra cá que **EU** consigo ver a paisagem” (risos),
360 sabe? Então é ruim.
- 361 KARINA: – Uhum. E dentro da cela, vocês se ajudam? Porque está todo mundo ali com um
362 bebezinho, né? Dá muito trabalho...
- 363 LAILA: – Olha tem **umas meninas** que...
- 364 KARINA: - ... como é que é?

- 365 LAILA: - ... vamos supor, **EU** particularmente tenho essa coisa de limpar a ala, lavar o banheiro,
 366 né? Aí, assim, **EU** particularmente nunca fui **uma dona de casa**, né? Mas **EU** procuro sempre
 367 estar fazendo. Aí **elas** chamam o chamado... como é que **EU** vou dizer... é o “corre”. É, como é
 368 que é isso? **Você** está com a barriga muito grande e não **tem** condições de limpar o banheiro
 369 “Oh **Laila**, limpa o banheiro pra **mim**?” ... às vezes, vai fruta, tem **grávida** que não usa e dá uma
 370 fruta, um creme de cabelo...
- 371 KARINA: – O “corre” é ajudar uma a outra?
- 372 LAILA: – É, acaba sendo isso sabe?
- 373 KARINA: – Sim.
- 374 LAILA: – Então, particularmente sempre **me** ocupo, **EU** procuro **me** ocupar e aí **as meninas**
 375 falam “Ai se não fosse a... a não, não queria que **você** fosse embora...” **EU** falei assim “Tá é
 376 **louca**, **EU** quero é ir embora”.
- 377 KARINA: – Sim. Nesse período que você estava aqui em Brasília etc, você continuava cercada
 378 por amigos? Como é que era a sua relação com as pessoas?
- 379 LAILA: – Sim, até quando **EU** retornei. **EU** fui trabalhar na primeira escola Wizard, antes um
 380 pouquinho, 6 meses **EU** já conheci o crack, nunca **tinha** visto o Rio, lá era uma vida muito
 381 tranquila também, aí **EU** andei 6 meses... Então, **meus amigos**, **meus amigos** que **EU** posso...
 382 que é amigo da **minha família**, **amigas minhas** que são estudantes. **EU** tenho **amiga** que formou,
 383 que é tudo da mesma época. **Elas** se afastaram porque o próprio crack **ele** consome, **ele**
 384 consegue tirar **você** da **sociedade**.
- 385 KARINA: – Entendi.
- 386 LAILA: – E não é um caso particular **meu**, assim, tem **várias meninas** assim, **EU** **mesma** usava
 387 droga, tinha **uma menina** que era formada em jornalismo, né? Tinha **um outro cara** que deixou o
 388 carro **dele** empenhado na boca. Então tinha várias, várias histórias assim. E aí **elas** começaram a
 389 se afastar porque **EU** já não era **uma pessoa mais sociável**, **EU** já não conseguia sentar na mesa
 390 de um bar.
- 391 KARINA: – Uhum.
- 392 LAILA: – Aí...
- 393 KARINA: – Por que não conseguia?
- 394 LAILA: – Porque a fissura era maior. A vontade de estar sentada... A fissura, o que **EU** posso
 395 dizer? É uma vontade de ficar **você** e a droga, só e não para. Acabou **você** quer mais, acabou
 396 **você** quer mais, te dá fissura.
- 397 KARINA: – Certo. Laila, e a experiência no trabalho e expectativas para futuros empregos né?
 398 Você... quando sair daqui, você acha que você consegue atuar novamente nessa área do
 399 marketing?
- 400 LAILA: – Olha, **EU** não... **EU** já pensei, **EU** quero fazer alguma coisa que se... alguma coisa
 401 relacionada pra ajudar, **EU** pensei em voltar assistente social, **EU** não quero mais trabalhar com
 402 números, com vendas, porque... **EU** conversando com **a minha madrinha**, porque no grupo de
 403 consciência interna, você tem **uma madrinha**, né? Que é o amadrinhamento, que **uma pessoa** que
 404 passou pelo mesmo problema que **você**, só que está h´a muito tempo limpa, sem droga. **Minha**
 405 **madrinha** falou assim “Olha, **EU** acho que...”
- 406 KARINA: – Ah, então tem uma pessoa que fica vindo aqui para ajudá-las? Para conversar...
- 407 LAILA: – É. No **meu** caso...
- 408 KARINA: – Ah, no seu caso.
- 409 LAILA: – É, lá fora na clínica, né? **Ela** já tentou vim, mas **EU** só posso 4 pessoas, **EU** sou
 410 provisória e **ela** me escreveu mas ainda não chegou a carta. Então, **ela** é bem que **uma**
 411 **conselheira**, **ela** falou assim “Vai trabalhar...”, aí o que **EU** pensei, **EU** fiz, **trabalhei** um mês
 412 voluntariamente como **mãe social**, em uma creche chamada Padre Cícero.
- 413 KARINA: – Sim.
- 414 LAILA: – Então, o que acontece? Aí **EU** penso em fazer alguma coisa desse tipo. **Me** ocupar
 415 com **a sociedade**, alguma coisa...
- 416 KARINA: – Bacana.

- 417 LAILA: – Alguma coisa assim, até quando eu via no grupo Shalon que era um grupo que EU
 418 trabalhei que falava que fazia visita em presídio, EU uma vez “Ah, EU queria ir visitar...”
- 419 KARINA: – Ah, então você se identifica com o trabalho social?
- 420 LAILA: – Me identifico. Aí EU não quero mais voltar a essa coisa de vender, de números, de
 421 meta, porque EU descobri que a pressão e quando EU não conseguia, me frustrava e quando me
 422 frustrava EU usava droga.
- 423 KARINA: – Entendi, te leva a...
- 424 LAILA: – Então, quando EU estava ali no auge vendendo e produzindo e crescendo, porque EU
 425 entrei como uma simples operadora de telemarketing e aí EU cheguei até a gerência. Então
 426 quando EU cheguei na gerencia e parei de produzir, EU comecei a ver que a minha frustração
 427 foi aí. E isso tudo não fui EU que cheguei à conclusão, no tratamento que fizeram....
- 428 KARINA: – Que te mostraram.
- 429 LAILA: – Que fizeram essa pirâmide, essa árvore, né? A gente tem que começar a descobrir a
 430 causa. O que te leva a usar?
- 431 KARINA: – Aham.
- 432 LAILA: – Então, quando EU tenho um insucesso, quando EU não consigo atingir. E EU acho
 433 que no trabalho social não, porque o trabalho social, ele ia ser benéfico assim, você vê o retorno
 434 é na hora, quando você... e EU, você não precisa provar “Oh, pra conseguir o meu salário EU
 435 tenho que bater tantos números”, você está entendendo?
- 436 KARINA: – Entendi.
- 437 LAILA: – Então EU penso em fazer isso.
- 438 KARINA: – Laila, você é uma pessoa que a gente nota que tem um bom conhecimento, que
 439 estudou e tudo, né? Que teve... e tem uma família, é.. que te apoia muito. Como é que você se
 440 sentia convivendo com outras pessoas que muitas vezes não tinham isso, né? Porque nesse
 441 mundo da droga, você muitas vezes convive com pessoas que tem uma situação não só
 442 financeira, mas muito diferente da sua em outros aspectos também. Como é que é isso? Essa
 443 convivência?
- 444 LAILA: – Aí, é onde EU te falo do retorno né? Porque é uma coisa tão engraçada, EU chegava
 445 ali naquele meio e EU usava droga com muito morador de rua.
- 446 KARINA: – Sim.
- 447 LAILA: – E sabe o que EU queria, era ouvir as histórias das pessoas.
- 448 KARINA: – Uhum.
- 449 LAILA: – EU sentava no meio fio, usando a droga e ouvindo e, às vezes, EU me pegava até
 450 comovida mesmo com a história.
- 451 KARINA: – Certo.
- 452 LAILA: – Já aconteceu situações de EU chegar em um local com um pão de queijo e
 453 refrigerante pra dar pra meninas, roupa usada, mesmo sendo usuária. Então EU acabava me
 454 comovendo, entrando na história da pessoa.
- 455 KARINA: – Certo. Mas quando tá ali, todo mundo, todo mundo fica igual? Não importa se você
 456 é de uma classe social mais alta ou se você é de uma classe mais...
- 457 LAILA: – Ah, não. Não importa.
- 458 KARINA: – Todo mundo é usuário?
- 459 LAILA: – O que que as meninas fazem, EU como EU tinha uma, assim, era uma pessoa mais
 460 carismática, mas quando a gente via uma pessoa muito nova com condições, eles chamam de
 461 “gado”, é um outro termo que você pode chamar, é o “gado”. O que é o “gado”? é a proposta...
- 462 KARINA: – “Gago” ou “gado”?
- 463 LAILA: – “Gado”.
- 464 KARINA: – Pessoa com condições?
- 465 LAILA: – É a pessoa que “Eita, aquela ali EU vou explorar. EU vou explorar”, isso.
- 466 KARINA: – Entendi.
- 467 LAILA: – No outro termo, “EU vou roubar, roubar”, EU posso falar que, com toda clareza, que
 468 EU nunca... Nossa, a carinha dela, toda arrumadinha, vou dar um jeito de roubá. Isso EU fazia o
 469 quê? Que eles chamam de 171, que era dar o papo pra conseguir dinheiro, ou, às vezes, pra

470 enganar a própria família. Minha irmã falou uma vez pra mim “Sabe por que a gente nunca
 471 desistiu de você?”, mesmo no meu auge da drogadição, EU lembro até hoje um episódio que
 472 EU fui lavar uma calça do meu cunhado e tinha 300 reais em dinheiro dentro da calça. EU tinha
 473 acabado de chegar da rua, 5 dias usando e EU fui e entreguei pra ela. Ela foi e falou assim “Por
 474 isso que a gente ainda não desistiu de você, mesmo nessa coisa...”, então EU não sou uma
 475 pessoa que pegava as coisas em casa pra vender, e EU ouvia muitas histórias assim, né? Ao
 476 ponto de, às vezes, chorar, porque uma menina uma vez contou que a mãe viajou, ela pegou e
 477 vendeu todos os móveis da mãe.

478 KARINA: – Nossa!

479 LAILA: – Sabe? Pegava leite de criança, cesta básica e aí EU brincava lá na favela onde EU
 480 dormia, EU falei assim, “Oh João...” aqueles morador de rua que chegava com um sanduíche,
 481 sanduíche do girafas que eles ganham, eles ia lá trocar.

482 KARINA: – Ah, não era pra matar a fome...

483 LAILA: – Não. Era pra usar e EU falava assim, quando a pessoa que EU chamei de, que EU
 484 comprava droga “Não neguinha, não compra não.” Esses bicho já deve tá tudo de bucho cheio”.
 485 Então ela segurava em troca de droga e isso me cortava o coração. Porque eles conseguiam que
 486 a pessoa raquítica, desmilinguida, explodindo feridas no corpo e EU né? E, às vezes, EU tinha
 487 mania de ficar perguntando “você quer comer? Vocês estão com fome?”, então EU acabava
 488 não me diferenciando muito deles não...

489 KARINA: – Entendi.

490 LAILA: – Porque EU me lembro antes de usar, EU passava e via a pessoa cheirando cola na
 491 rua, no meio das calçadas “Oh meu Deus, o que leva um ser humano a chegar...”, até o
 492 momento que EU me vi na calçada. EU me vi 3 dias sem tomar banho.

493 KARINA: – É mesmo?

494 LAILA: – Sabe? Então EU falava assim, meu Deus, né?

495 KARINA: – Quando a pessoa está com a droga no corpo, a pessoa não lembra de nada?

496 LAILA: – EU era, inclusive, muito consciente, mas sabe que acontece o seguinte, não, se você...
 497 EU vejo nas reportagens que eles usam muito “tava sobre efeito de droga...”, EU acho assim,
 498 tem pessoas que a droga causa uma reação agressiva assim, uma coragem que você cria. A gente
 499 costuma dizer... que você não... ainda não fez.

500 KARINA: – Entendi.

501 LAILA: – Porque o ainda não fez é porque vai acontecer. E chega um momento que se você não
 502 se prostitui, você vai se prostituir. Se você não roubou, você vai roubar, assim, sabe?

503 KARINA: – E nesses casos em que você chegava a trocar, né? Sexo pela droga. Você se
 504 protegia? Você pensava na sua saúde?

505 LAILA: – Sim. Agora Karina, EU não posso ser hipócrita com você, até porque a gente está
 506 tendo uma conversa franca.

507 KARINA: – Sim.

508 LAILA: – Já aconteceu várias vezes de EU ir. Então o meu maior... quando EU engravidei, o
 509 meu medo não foi a gravidez, o meu medo foi o HIV.

510 KARINA: – A doença.

511 LAILA: – De uma sífilis, então quando EU descobri a gravidez, EU falei assim “Faz toda a
 512 revisão”. Quando EU cheguei aqui no presídio, fiz ecografia aqui praticamente EU fiz tudo, vê
 513 se a pessoa não tem alguma doença.

514 KARINA: – Graças a Deus.

515 LAILA: – E graças a Deus EU não tenho nada, nem pra dizer assim, corrimento leve.

516 KARINA: – Aham.

517 LAILA: – Sabe? Porque EU, graças a Deus me protegeu. Quando EU te falo que ele me
 518 protegeu, ele me protegeu o tempo todo, até nesses momentos, porque quando EU me via EU
 519 tava me trocando por droga.

520 KARINA: – Aham, entendi.

521 LAILA: – E a minha irmã falou assim “Lá, não adianta você enganar a gente, se você não
 522 rouba, se você...”

- 523 LENA – Desculpa, vou interromper aqui rapidinho. Quanto tempo mais ou menos que é pra eles
524 virem aqui buscar?
- 525 KARINA: – Mais uns 20 minutos.
- 526 LENA – Tá, pode ficar tranquila. Eu estou perguntando só porque eu estou com duas lá e eu
527 vou pedir lá pra buscar.
- 528 KARINA: – Ah, tudo bem, obrigada, viu?!
- 529 LENA – Tá cooperando aí, né?
- 530 KARINA: – Tá.
- 531 LEDA – Ela é muito boazinha viu.
- 532 KARINA: – É verdade. Obrigada dona Lena. (risos) ... Sim, então realmente aconteceu isso?
- 533 LAILA: – Aconteceu, como EU te falei, eram raras as vezes...
- 534 KARINA: – E como você se sentia depois? Isso já foi se tornando uma coisa mais...
- 535 LAILA: – Aí aconteceu... que chama promoção “Hoje EU peguei uma promoção”, que é
536 quando acontecia esse “gado”...
- 537 KARINA: – Sim.
- 538 LAILA: – E carente de pessoas, né? E começando... tem muitos senhores de idade que usam o
539 crack.
- 540 KARINA: – Sim.
- 541 LAILA: – E é uma realidade assim, que EU me assustava e ao mesmo tempo EU ficava feliz
542 porque ... Eles tinham condições, sabe? Têm carrão, têm dinheiro. E só queriam o quê? Uma
543 menina dentro do quarto e EU aqui posso estar mais desleixada aqui mas EU sempre andei
544 muito arrumada, cabelo escovado. Então eles me olhavam e falavam assim “O que you está
545 fazendo aqui, menina?”, EU era um peixe pra eles.
- 546 KARINA: – Entendi.
- 547 LAILA: – E raramente, às vezes, EU ficava nua na cama, mas não rolava nada... os velho
548 mesmo, eles brochava, né? Por causa do uso da droga, então várias vezes EU tive que me trocar
549 literalmente o sexo pela droga.
- 550 KARINA: – Sim.
- 551 LAILA: – Mas...
- 552 KARINA: – Era mais uma companhia pra poder usar.
- 553 LAILA: – Era mais uma companhia e numa dessas vezes foi quando EU engravidei.
- 554 KARINA: – Mas não com um desses senhores?
- 555 LAILA: – Não. Por que que eu tive a certeza? Do pai da Luzinha, por exemplo, o pai da
556 Luzinha, quando EU comecei a comprar droga com ele, EU comecei a me envolver, então EU
557 só ficava com ele porque...
- 558 KARINA: – Então você gostava dele mesmo.
- 559 LAILA: – É, porque EU tinha a droga, né? E gostava de ficar com ele. Então...
- 560 KARINA: – Mas ele era uma pessoa interessante?
- 561 LAILA: – Era um menino muito bonito. Novo, de família, porém estava na mesma situação... os
562 dois usam droga.
- 563 KARINA: – Entendi. E o pai da bebezinha agora?
- 564 LAILA: – Agora desse, é onde EU tenho a dúvida, porque quando EU fiz a ecografia, pelos
565 meus cálculos quem era o pai que EU achava que era o Aldo, foi feito em novembro e EU
566 estava em torno de uns 5 meses. Entrando o que com isso? A ecografia me mostrou que EU
567 engravidei em outubro. Em outubro EU tive mais uma pessoa que é o Dalton.
- 568 KARINA: – Sim. Que era também do meio...
- 569 LAILA: – Usuário. Todos usuários.
- 570 KARINA: – Entendi.
- 571 LAILA: – Então, mais como EU não troco muito sexo, não sei o quê, EU vi só de uma menina
572 que ela transava com 5, 4 por dia.
- 573 KARINA: – Uhum, pra conseguir dinheiro?

- 574 LAILA: – Pra conseguir. E **EU** não, **EU** conseguia de alguma forma. **Tá** ali, **usar**, **fazer** essa
575 coisa da chave do carro e era **um dinheiro** que vinha Karina, que você não imagina. **Você**
576 comprou a carência com a chave de carro...
- 577 KARINA: – E não tinha gasolina...
- 578 LAILA: – Não tinha gasolina e, às vezes, **EU** estava com o carro mesmo e **EU** parava num local
579 de movimento, com **pessoas arrumadas** “Oh **senhor**, **minha gasolina** acabou, **você** pode me
580 ajudar?” que também é crime, se **você** pegar, **o famoso 171**, então **EU** conseguia muito rápido.
- 581 KARINA: – Uhum.
- 582 LAILA: – Então **EU** não pensava em roubar, **EU** não precisava prostituir mais acontecia as
583 chamadas **“promoções”** com os tal dos **“gados”**.
- 584 KARINA: – Entendi. E Laila, você já comentou sobre o seu sentimento aqui? A respeito desse
585 local. E acompanhamento pré-natal? Você tem feito?
- 586 LAILA: – Aham. Na **minha gravidez todinha da Maria Luz** **EU** fiz, todo o pré-natal e **estou**
587 **fazendo** aqui.
- 588 KARINA: – Tá. E o que esse bebezinho representa pra você? O que você diria que esse
589 bebezinho representa pra você agora?
- 590 LAILA: – Nossa, pra **mim** foi **uma surpresa muito grande** porque assim, porque **EU** engravidei
591 com 31 anos? Né? Porque em 2007 **EU** descobri que **EU** tive câncer de colo do útero.
- 592 KARINA: – É mesmo?
- 593 LAILA: – Aí, que é como se fosse assim...
- 594 KARINA: – O que é causado pelo HPV?
- 595 LAILA: – Que na época... por que **EU** fiquei com HPV? **EU** tinha uma vida muito tranquila, **EU**
596 não era de muitos **parceiros**, mas **o HPV ele** é a cada dia mais comum entre **as mulheres** porque
597 **você** pega com **o cara** lá na adolescência e **ele** fica estacionado...
- 598 KARINA: – É, fica incubado.
- 599 LAILA: – Então o que que acontece? Quando **EU** descobri **EU** já tinha 8 anos que **EU** não ia no
600 ginecologista.
- 601 KARINA: – Nossa, aham.
- 602 LAILA: – E aí **ele** falou “**Lá**, **você** está com um NIP-3 que é um pré-maligno, quase um câncer,
603 é o pré-maligno”. Então **o médico** falou “Olha, a sua película está bem fininha, provavelmente
604 **você** não pode ser **mãe**. Você quer tirar o útero?”, **EU** falei assim “Não, quando **EU** fizer 30
605 anos, eu tiro.” E nessa casa de recuperação **EU** descobri que tava **grávida**. Dizendo **a missionária**
606 que teve essa visão, né?
- 607 KARINA: – Sim.
- 608 LAILA: – Então... qual foi a pergunta? Desculpa.
- 609 KARINA: – O que representa o bebezinho pra você?
- 610 LAILA: – Ah tá. Então, **essa criança** agora pra **mim**, então **a Luzinha** foi assim, uma bênção de
611 Deus que estava lá e **ela** foi a coisa assim, mais... com 35 anos **EU** engravidei de novo, né?
- 612 KARINA: – É uma... representa alguma esperança de mudança pra você?
- 613 LAILA: – Sim, porque **o meu pai** quando veio **me** visitar a primeira vez e soube que **EU** estava
614 **grávida**, foi aqui na porta do presídio.
- 615 KARINA: – Sim.
- 616 LAILA: – Que quando **ele** veio trazer **as minhas coisas**, **ele** falou assim “**Ela** tá aonde?”...”Tá
617 nas celas **das grávidas**”. **Meu pai** “Grávida? Além de **presa** tá **grávida**?” (risos). Aí ele falou
618 assim “**Menina**, o que aconteceu?”, aí **ele** foi muito claro comigo, **ele** falou assim “Ó, **eu** vou ser
619 bem sincero com **você**, **sua mãe** não tem condições mais de cuidar porque teve esse AVC. Já
620 tem **a Luzinha** que é **o nosso anjo**” **ele** fala até hoje que é **uma bênção** porque **a gente** tudo criada
621 veio **a Luzinha**.
- 622 KARINA: – Sim.
- 623 LAILA: – Aí “**Sua irmã** tem 3”. **O meu cunhado** já vai assumir a Luzinha. Então “...ou **você** sai
624 de vez do mundo da droga ou **a gente** vai ter que colocar pra adoção.”
- 625 KARINA: – É mesmo? E como é que você está se sentindo?

626 LAILA: – Quando **ele** falou isso, **EU** fiquei assim, **EU** falei “Nossa, **EU** jamais quero ter **uma**
 627 **filha minha** na mão de **um desconhecido**”, né? **EU** posso trabalhar de novo, **EU** posso criar **ela**,
 628 tantas **mães solteiras**, tantas **mães** que criam **as suas filhas**, né? **Ele** falou assim “**Minha filha**, é
 629 muito simples, até o momento em que **você** quiser cuidar **dela...**, **a gente** fala assim, onde come
 630 **um**, come **dois**, come **três...** e não vai faltar nada. Agora, no momento que **você** voltar a começar
 631 a usar o crack, **a gente** não pode.” **Ele** falou que é automático, vai para **o conselho tutelar** e **me**
 632 tira. Bota pra adoção pra **uma família...** inclusive **ele** citou **um casal** de **amigos dele**, o que
 633 trabalha com... **ele é motorista** muito tempo de **um rico empresário**, que tem uma condição
 634 financeira boa e **ele** falou assim “Olha, **o Enzo e a Glória**, **eles** não têm **filhos** e **ele** falou que se
 635 **ela** não quiser cuidar **a gente** cria”. Olhe só, para você ver como a coisa é tão séria que **ele** já
 636 arrumou um futuro (ininteligível 0:39:02) e **EU** não quero ter que carregar lá no futuro... já
 637 estou com 35, que **EU** dei **um filho meu** porque **EU** preferi ter a dependência. **EU** tenho **uma**
 638 **criança de 3 anos** que fala assim “**Mamãe**, quando você vai embora?”, não dá, então **EU** penso o
 639 que é, pra mudar mesmo.

640 KARINA: – E lá na cela, você já viu uma mãe ter que se separar do seu bebezinho?

641 LAILA: – Sim, ter que se separar e uma inclusive já deu **a criança**, está com **ela** ainda mais já
 642 está vendo os rumores que **ela** vai dar **a criança**. E **ela** fala “Não, é só enquanto **eu** regularizo **a**
 643 **minha vida**”. E **você** vê, porque infelizmente, assim, **o meu trabalho me** fez conhecer muito
 644 **pessoas** assim, de poder vender **EU** tive que conhecer **a pessoa**.

645 KARINA: – Sim.

646 LAILA: – E na droga também. Então **você** vê que **a pessoa** vai voltar pra droga, vai voltar pra
 647 essa vida e que... inclusive **uma** que saiu, que foi embora da audiência, **a gente** já sabe que ela já
 648 trocou **a filha** pelo **crack**.

649 KARINA: – É mesmo?

650 LAILA: – É, a Aline. Ela...

651 KARINA: – Mas não é uma... ah não, uma que eu conversei é a Aline...

652 LAILA: – Não é dessas que vêm falar com você não, **ela** estava antes da **Aline**.

653 KARINA: – Ah, tá...

654 LAILA: – Não, **a Aline** está bem... por causa **do namorado**. Não **a Aline** está lá com **o Bruno**
 655 que é **o filho dela**, está morando em Goiânia que é a cidade dela.

656 KARINA: – Sim!!!

657 LAILA: – **Essa** foi assim, antes **da Aline** e **essa** inclusive **EU** conheci **ela** no centro de
 658 Taguatinga que era aonde **EU** ficava também e, quando **EU** cheguei aqui, **ela** estava com **a**
 659 **nenezinha dela**. Aí **ela** saiu e a notícia que **nós** temos é que **ela** já trocou **a filha...** Trocou assim...

660 KARINA: – Como é que troca? Porque uma pessoa usuária não vai querer um bebezinho, outro
 661 usuário.

662 LAILA: – Não, uma provável **traficante**, ou sei lá, **te** dou tanto pela **sua bebê** e **a criança** vai com
 663 **essa pessoa** e **essa menina** está criando **a filha da Lia** e **ela** está nas ruas usando droga de novo.

664 KARINA: – Mais será que essa pessoa cuida direitinho? Tem amor pela criança?

665 LAILA: – Aí também **EU** não sei.

666 KARINA: – Nossa, é complicado né?

667 LAILA: – Mas **EU** sei que **ela** está lá no centro. **Ela** chegou sem **a bebê**. **A bebê** mal tava... tava
 668 aqui 3 meses nascida, amamentando e **ela** já está lá usando crack de novo.

669 KARINA: – E isso é o que você não quer pra você? Não imagina pra você?

670 LAILA: – Não, de jeito nenhum.

671 KARINA: – Tá. Então a dificuldade que você acha que você vai ter após a bebezinha nascer é
 672 essa, você vai ter que realmente se segurar e dar conta de não voltar para as drogas, para não
 673 perdê-la?

674 LAILA: – Sim aí **EU** vou ter que, como **EU** te falei, por que **EU** quero **me** envolver com
 675 trabalho social? Porque quanto... e isso sempre **a minha madrinha** falou, **ela** inclusive falou
 676 assim “Se não tivesse recaída”, **ela** abriu uma clínica para dependência chamada Fênix, sabe? E
 677 nessa clínica **ela** falava assim, “**eu** quero botar **você** pra trabalhar **comigo**, pra **você** ajudar

678 algumas pessoas como você foi ajudada”. Só que EU tive uma recaída e não funciona mais.
 679 Sabe? Tem que voltar todo o processo de novo.

680 KARINA: – Todo o processo. Aham, certo.

681 LAILA: – EU acho que EU ocupando esse trabalho social, EU tendo um dia a oportunidade de a
 682 pessoa ex-presidiária voltar ao presídio e faz trabalho..., EU falo assim “Será que já teve
 683 alguém?” EU fico ali na cela e...

684 KARINA: – Tem, tem sim. Se você procurar na internet... mas você encontra muito caso.

685 LAILA: – EU fico assim, será que ex-presidiárias que vêm visitam hoje em dia, que fazem um
 686 trabalho social, que passam aqui dentro na unha e na carne (ininteligível ruídos ao fundo
 687 0:42:41).

688 KARINA: – Você aqui, por exemplo, daqui a... você está com 6 meses né? Se você continuar
 689 aqui mais 3 meses, você vai ter o seu bebezinho aqui. Como é que você visualiza essas
 690 dificuldade? Que dificuldades você acha que você teria?

691 LAILA: – Assim, EU...

692 KARINA: – Tendo...

693 LAILA: – EU podendo assim, tentar ao máximo esquecer né? EU não posso ficar me
 694 martirizando muito, porque se... EU passo tudo pro bebê, essas emoções. Ai, EU vejo as
 695 meninas xingando muito, é muito feio, é... Mas EU sou muito consciente assim, sabe?

696 KARINA: – Sim.

697 LAILA: – A partir do momento que EU estava naquele local era um risco que EU corria. Não,
 698 jamais vim como traficante (risos), que EU falava “Meu Deus do céu, EU olho esse artigo assim
 699 e não acredito que EU fui enquadrada como traficante.”

700 KARINA: – E como é que foi? Você estava lá usando e a polícia chegou? E daí prendeu todo
 701 mundo?

702 LAILA: – Olha, o que acontece? Vem na situação... situação é tudo que aconteceu nesse dia. E
 703 estava lá falando que eles estavam de campana desde cedo, que através de denúncias aquele
 704 local era um local de tráfico, onde tem vários locais.

705 KARINA: – Uhum.

706 LAILA: – Então nessa campana, fica essa movimentação de gente entrando, gente saindo, gente
 707 entrando, gente saindo...

708 KARINA: – Aham.

709 LAILA: – E aí, foi quando eles resolveram agir. No momento que eles agiram, EU estava dentro
 710 de uma dessas casas, sem droga, dinheiro, sem nada.

711 KARINA: – Sim.

712 LAILA: – Mas tem filmagens...

713 KARINA: – De você entrando e saindo?

714 LAILA: – Entrando e saindo, né? EU... teve um momento que EU peguei uma droga e entreguei
 715 para uma menina, pra menina usar, né? Mas esse passar, ele é enquadrado por tráfico.

716 KARINA: – Entendi.

717 LAILA: – EU não tive dinheiro, EU não tive nada na minha mão. Mas eles querem saber... o Juiz
 718 quer me ouvir “Por que você passou a droga?” Então assim, uma coisa que EU acredito que
 719 quando a gente não deve a gente não teme, então EU vou apenas só falar a verdade, sabe?

720 KARINA: – Certo.

721 LAILA: – EU estava lá por isso, por isso e por isso.

722 KARINA: – E se você for condenada, quanto tempo mais ou menos você terá que ficar aqui?

723 LAILA: – Olha, pelo que as meninas falam, na Lei de... EU acho que é 10 meses, 11 meses que
 724 você é réu primário. EU ainda desconheço, EU sou ainda réu primária, como EU nunca fui
 725 presa...

726 KARINA: – Sim, você é ré primária... ah tá, ok. Laila, bom... é isso. Eu queria agradecer... vou
 727 parar aqui a gravação agora.

ENTREVISTA COM A COLABORADORA VANDA.

Tempo do áudio: 00h 19m 03s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1 KARINA: – Gravação com Vanda Ribeiro da Silva em 16/04/2014. Ok, Vanda, como eu te
2 expliquei a pesquisa é sobre mulheres gestantes em situação prisional e o que eu faço é estudar
3 sobre as identidades dessas mulheres, né? Você me disse que você está aqui pelo motivo, pelo
4 Artigo 133, né? Que é tráfico. Como é que foi essa história? Como você chegou aqui? O que foi
5 que aconteceu pra você vir pra cá?
- 6 VANDA: – Pra **mim** vim **presa**? É porque **EU** tava na invasão lá na W3 Norte e **EU** trabaio cum
7 carrinho de material, é juntando garrafa, latinha. Aí **EU** tava lá nesse cerrado na invasão, **EU** ia
8 pra lá de segunda e ia pra casa sexta. **Terminava** só sexta de noite, sábado de noite e domingo
9 em casa.
- 10 KARINA: – Você mora aonde?
- 11 VANDA: – **Minha mãe** mora no Jardim Ingá, no Goiás.
- 12 KARINA: – Aham.
- 13 VANDA: – Aí esse tempo **EU** gostava de ir pra Asa Norte, ficar lá na rua no Cerrado, na
14 invasão, né?
- 15 KARINA: – Sim.
- 16 VANDA: – Trabaio. Aí **a polícia** vai lá, derruba **nossos** barraco, fala que **nóis** tá traficando e
17 tudo mas aí **EU** não tava traficando, **EU** nunca trafiquei mas **EU** sou **usuário**.
- 18 KARINA: – Ah tá. Você é usuário de quê?
- 19 VANDA: – De crack. Mas **EU** tô pensando de não usar mais, senão você já viu?! **EU** quero
20 parar com droga, que **EU** já tô...
- 21 KARINA: – Tem muito tempo que você é usuária?
- 22 VANDA: – **EU** uso droga desde os **meus 10 ano**.
- 23 KARINA: – É mesmo? Desde os 10 anos?
- 24 VANDA: – **EU** já tô com 33 ou **EU** já fiz 34... nem **sei**.
- 25 KARINA: – E como é que começou isso? Assim, você morava com a sua mãe no Jardim Ingá,
26 como é que você conheceu esse...?
- 27 VANDA: – **EU** morava na Bahia, no Irecê.
- 28 KARINA: – Ah tá.
- 29 VANDA: – Aí **minha mãe** veio pra cá pra Brasília, aí trouxe **a gente**, **um monte de menino**
30 **pequeno**. Aí **nós** ficamos aí, morando debaixo das ponte, nas invasão, dentro dos mato e tudo.
- 31 KARINA: – Sim.
- 32 VANDA: – Mais **EU** fumei porque **EU** quis! Ao foi **ninguém**...
- 33 KARINA: – Aos 10 anos?
- 34 VANDA: – É...
- 35 KARINA: – Quem foi que te apresentou isso?
- 36 VANDA: – **EU** vi **os povo** fumando, aí **EU** cheguei e falei “Deixa **EU** fumá...” aí **mim** deram.
- 37 KARINA: – Sim. Ah, pra ter contato com a novidade?
- 38 VANDA: – É, pra **mim** conhecer (risos) o que era. Aí **comecei fumá**. **EU**. **Ninguém** não **me**
39 forçô.
- 40 KARINA: – Sim.
- 41 VANDA: – **Acho** faz isso porque **qué**.
- 42 KARINA: – Aham.
- 43 VANDA: – Aí **EU** comecei fumá porque **EU** quis.
- 44 KARINA: – E você foi mãe com quantos anos?
- 45 VANDA: - Com 13 ano.
- 46 KARINA: – É mesmo? Nossa... mas com 13 anos você ficou grávida ou o bebezinho nasceu?

- 47 VANDA: – Aí com 13 ano **EU** engravidei e depois que **o neném** nasceu, **ele** morreu com 9 mês
48 de nascido.
- 49 KARINA: – Ah, que triste. Mas qual foi a causa?
- 50 VANDA: – Ó, na Bahia **os médico** nem descobriu o que foi.
- 51 KARINA: – Ah tá. Ah, você foi embora pra Bahia então, pra tê-lo?
- 52 VANDA: – Foi, e **EU** tive **ele** lá e **eles** não descobriram o que foi que **o menino** tava doente, aí **o**
53 **meu filho** morreu lá e depois **vim** pra Brasília e **fiquei** já mai aqui, e mai lá.
- 54 KARINA: – E depois, o segundo filho?
- 55 VANDA: – **O segundo filho**, **EU** engravidei mais 3 vez e perdi mai não fui **EU** que tomou o
56 remédio, susto, **caí**, aí **EU** perdi.
- 57 KARINA: – Aham.
- 58 VANDA: – Aí depois **EU** engravidei de novo, quando **EU** fiquei **de maior** ou foi **de menor**... **EU**
59 sei que **o meu filho mais velho** tem 13 ano.
- 60 KARINA: – Ah tá, tem 13 anos, né? E é filho de quem? Como você conheceu o pai dele?
- 61 VANDA: – Aí **EU** já tava morando aqui, na invasão, fumando droga. Aí **EU** conheci **o pai dele**,
62 **o pai dele** era **zelador** nesse tempo, num prédio...
- 63 KARINA: – Uhum...
- 64 VANDA: – Aí já mudou **a minha vida**. **Fui** morar com **ele**. Aí **ele** arrumou um emprego pra
65 **mim**, **EU** comecei a trabalhar lá de **zeladora** também, aí **engravidei**. Como foi que **EU** tava
66 **grávida**, **EU** pedi conta do emprego...
- 67 KARINA: – É mesmo? Sim.
- 68 VANDA: – Aí, **tivi ele** e **comecei** a ficar cuidando **dele** em casa e tudo... aí depois **EU** comecei a
69 usar crack de novo, no tempo da mela, no tempo da mela... Aí **o pai dele** não aguentarra mais
70 aquele... de **EU** larga a casa, ir pro cerrado fumar a droga e tudo. Aí mandou **EU** ir embora.
- 71 KARINA: – E o bebezinho ficou com ele?
- 72 VANDA: – E ficou com **o menino de 2 ano**.
- 73 KARINA: – E você não tem contato com ele, com a criança?
- 74 VANDA: – **Tenho**. Aí **ele** foi **no Juiz**, falou pro **Juiz** que **EU** era **azuado de droga** e **o Juiz** tomou
75 **a guarda minha** pra **ele**. Aí falou “**Você** quer que **ela** paga pensão?”, “Não, **ela** não tem
76 condições, não quero que **ela** paga pensão não que **eu** dou conta”. Aí ficou com **o menino** e **EU**
77 ia lá todo dia levar **o menino** pra creche.
- 78 KARINA: – Ah tá.
- 79 VANDA: – **EU** ia levar **ele** e **trazia** pra casa pra...
- 80 KARINA: – Uhum, sim.
- 81 VANDA: – Aí agora... tá...
- 82 KARINA: – Tem alguém que cuida dele além do pai?
- 83 VANDA: – Não, **ele** mora com **o pai dele** mesmo de 2 aninho de idade. **Ele** tá em 13 ano agora.
- 84 KARINA: – Uhum, certo. E o segundo? Como foi?
- 85 VANDA: – Ah, **o segundo EU** engravidei... tá com **a minha mãe**, tem 7 ano **ele**, **o Leonardo**.
- 86 KARINA: – Sim, e a história do Leonardo?
- 87 VANDA: – A história do **Leonardo** (risos), eu... É, foi, é triste mai um pouco, mais tá bem com
88 **a minha mãe**.
- 89 KARINA: – Por que é triste?
- 90 VANDA: – Porque **EU** ficava na rua com **ele**, aí **o povo do SOS Criança mim** trouxe pra cadeia.
- 91 KARINA: – Aham, foi a primeira vez que você veio?
- 92 VANDA: – Foi, aí **me** trouxe pra cadeia e aí **EU** fiquei 1 mês **presa**, que **EU** tarra com **o menino**
93 na rua, que não podia, não pode.
- 94 KARINA: – Uhum.
- 95 VANDA: – **Pedindo** com **a criança**...
- 96 KARINA: – Sim.
- 97 VANDA: – Mai nunca **fumei** droga perto **dele**. Aí **ele** ficou 7 mês no juizado de menor...
- 98 KARINA: – Nossa...

- 99 VANDA: – Aí que **EU** saí **EU** fui lá na vara da infância, **assinei** e **o Juiz** deu a guarda **dele** pra
100 **minha mãe**.
- 101 KARINA: – Ah tá, aí a sua mãe cuida dele?
- 102 VANDA: – **Minha mãe** cuida **dele** até hoje...
- 103 KARINA: – E a sua mãe não é usuária?
- 104 VANDA: – Não, **minha mãe** não mexe com droga, com nada.
- 105 KARINA: – Ela já é idosa?
- 106 VANDA: – **Minha mãe** já tem mais de 80 ano **EU** acho.
- 107 KARINA: – Nossa...
- 108 VANDA: – Já vem de idade.
- 109 KARINA: – E ela dá conta de cuidar do menininho?
- 110 VANDA: – Dá. 50 e pouco, acho que 80 ano não. **Acho** que **ela** tem mais de 50 ano sabe?
- 111 KARINA: – Ah tá.
- 112 VANDA: – Mas **ela** é bem enxuta.
- 113 KARINA: – Ah certo. E o terceiro?
- 114 VANDA: – **O terceiro** mora lá no Maranhão do Codó, **mai ele** **mais o pai**.
- 115 KARINA: – Nossa, Maranhão? E como foi a história do terceiro?
- 116 VANDA: – **O terceiro**...
- 117 KARINA: – Quantos anos ele tem?
- 118 VANDA: – 5 ano.
- 119 KARINA: – 5 Anos.
- 120 VANDA: – **O terceiro** **EU** conheci **o pai dele** aqui e **nós** começemo a morar junto com uns 2
121 ano... **O pai dele**...
- 122 KARINA: – Você conheceu o pai dele onde? Na...
- 123 VANDA: – Aqui, em Brasília.
- 124 KARINA: – Mas na rua também?
- 125 VANDA: – Foi na rua também.
- 126 KARINA: – Ele também era usuário?
- 127 VANDA: – Era.
- 128 KARINA: – Hum.
- 129 VANDA: – Aí **EU** comecei a levar **ele** pra casa e **minha mãe** falou “Larga esse **homem**, que **esse**
130 **homem** aí não é pra **ti** e tal”, e **EU** “Não, **EU** amo **ele**, **EU** vou viver com **ele**”.
- 131 KARINA: – Sim.
- 132 VANDA: – Aí **EU** pensarra que **ele** **me** amava... **EU** acompanhei **ele** pro Maranhão pra casa da
133 **família dele**.
- 134 KARINA: – Aham.
- 135 VANDA: – **O meu filho de 6 mês**. E chegou lá **ele** começou a **me** traí, **EU** comecei a ver com **os**
136 **meus olhos** e caçando confusão, **deu** a doidice de vim embora e na hora de **EU** vim embora **a**
137 **mãe dele** tomou **o meu filho de 6 mês**.
- 138 KARINA: – Nossa.
- 139 VANDA: – Aí até hoje **EU** não tenho o contato **deles**.
- 140 KARINA: – Ah tá, certo. E o outro filho?
- 141 VANDA: – **O quarto** tá aqui na **minha barriga**. (risos)
- 142 KARINA: – Ah, então o quarto é esse?! Então na verdade você não tem 5, você... esse é o
143 quarto?
- 144 VANDA: – É **o quarto**, porque **o outro** morreu, né?
- 145 KARINA: – Ah tá.
- 146 VANDA: – Tem **3** vivo e **1** morto e **esse aqui na barriga**.
- 147 KARINA: – Vanda, e o que essas crianças significam pra você?
- 148 VANDA: – Mai **EU**, significa assim, que dá muita saudade **deles**.
- 149 KARINA: – Uhum.
- 150 VANDA: – **EU** fico pensando assim, se **EU** não fosse drogada, **EU** acho que **EU** tava cum
151 tudinho comigo.

- 152 KARINA: – Aham, certo.
- 153 VANDA: – Então **EU** tinha só **um**, principalmente **o mais velho**, né, 13 ano, **EU** tava ainda com **a**
- 154 **minha casa**, com **o pai dele**.
- 155 KARINA: – Aham, certo.
- 156 VANDA: – Aí **EU** que não dei valor, não **enxerguei** bem.
- 157 KARINA: – Aham. E você já tentou se livrar desse vício?
- 158 VANDA: – **EU** nunca tentei... assim, já **tentei** em casa. Quando **EU** tô na casa **da minha irmã**, lá
- 159 no Jardim Ingá, **EU** passo 2 meses sem fumá, 3 mês. Aí vem aquela vontade e **EU** falo pra **ela**
- 160 “Não, vou pra Asa Norte” aí **ela** “Não vai não **Vanda**, você tá tão bonita, gorda aqui, não vai
- 161 não”, aí **EU** vou.
- 162 KARINA: – Entendi. Vanda, me diga outra coisa. Você já tentou algum tratamento?
- 163 VANDA: – Não.
- 164 KARINA: – Mas por que você está se emocionando? Do que foi que você lembrou? Pode me
- 165 contar?
- 166 VANDA: – A moda é só droga.
- 167 KARINA: – Sim.
- 168 VANDA: – (ininteligível 0:08:04), na vida da **gente**.
- 169 KARINA: – Uhum, entendo. E você já pensou em algum tratamento?
- 170 VANDA: – Não. Quando **EU** sair daqui **EU** quero ir pra uma casa de recuperação pra **mim** parar
- 171 de usar pra **EU** não perder **a minha filha**.
- 172 KARINA: – Sim, sim. E a história dessa filha? Como é que foi?
- 173 VANDA: – **Essa menininha**, **EU** tarra... **EU** tava aqui presa e fiquei quare 2 anos. Aí quando
- 174 **EU** saí, **EU** era doida pra ter **um filho** de novo pra fica **comigo**, aí **EU** engravidei.
- 175 KARINA: – De quem?
- 176 VANDA: – **Do rapaz** lá, do cerrado.
- 177 KARINA: – O que você chama de cerrado?
- 178 VANDA: – Uma invasão com um monte de barraco.
- 179 KARINA: – E fica aonde?
- 180 VANDA: – Lá na W3 Norte, detrás da Casa do Ceará.
- 181 KARINA: – Ah tá, sim. Aí esse rapaz mora lá também?
- 182 VANDA: – É. **O pai dele** mora lá, má **o pai dele** não usa droga não.
- 183 KARINA: – Ah tá. O pai não é usuário?
- 184 VANDA: – Não. Aí **EU** tô... pedindo muito a Deus todo dia que **EU** não vou fumá mais droga
- 185 quando **EU** saí daqui, pá cuidar da **minha filha**.
- 186 KARINA: – Ah sim, claro. E daí, você fica aqui, tem alguém que vem te visitar? Algum
- 187 familiar?
- 188 VANDA: – Não vem **ninguém** não.
- 189 KARINA: – Esse rapaz que é o pai da sua fillha?
- 190 VANDA: – Não vem **me** visitar tamém. **Ninguém**.
- 191 KARINA: – Ele sabe que você está esperando um filho dele?
- 192 VANDA: – **Ele** sabe, que **EU** falei pra **ele**.
- 193 KARINA: – Aham.
- 194 VANDA: – Mar num veio **ninguém** me visita.
- 195 KARINA: – Ah, mas ele já tem outros filhos?
- 196 VANDA: – Nossa, que **ele** é **pai de 5 filho**, só que **ele** é solteiro, sabe? Largou **a mulher**, é
- 197 solteiro.
- 198 KARINA: – E Vanda, por que que você disse que você já veio pra cá várias vezes, né? Você
- 199 falou que essa é qual?
- 200 VANDA: – 6 vez.
- 201 KARINA: – É a 6ª vez, né? E quais foram os motivos dessas vindas pra cá? Você me contou
- 202 que o primeiro foi porque você estava com um bebezinho na rua, né?
- 203 VANDA: – Foi. 55...
- 204 KARINA: – O que é um 55?

205 VANDA: – Roubá no mercado... estourá aquelas loja lá...

206 KARINA: – Aham.

207 VANDA: – Acompanhando os outros pra fazer o que não presta.

208 KARINA: – Sim.

209 VANDA: – (ininteligível 0:09:53) a pessoa nunca vai roubar. EU mesmo como EU saí agora

210 dessa vez, EU não roubava nem uma balinha. EU andava só, ninguém botava na minha cabeça

211 “Bora Vanda, roubá”.

212 KARINA: – Sim, sim.

213 VANDA: – EU não quis roubar. EU prometi pra Deus, EU não vou roubar e nem fui roubar

214 mais, nem uma balinha. EU entrava nas padaria, nos mercados e saia sem nada. EU prometi pra

215 Deus que EU nem ia roubar mais.

216 KARINA: – Aham. Mas quando você ia pra essas coisas, você estava sóbria ou você estava sob

217 o efeito de drogas?

218 VANDA: – EU tava sempre mais alguém.

219 KARINA: – Ah.

220 VANDA: – Botando coisa na minha cabeça “Bora ali Vanda, bora roubá aquela mulhé... bora

221 roubá aquele mercado e tudo”.

222 KARINA: – Vanda, e hoje convivendo com outras mulheres, né? Aqui na cela, como você fica

223 quando você essas mulheres cuidando dos seus filhinhos, convivendo com outras bebês?

224 VANDA: – Ah, EU fico pensando só nos meus filhos.

225 KARINA: – Aham, sim.

226 VANDA: – EU pensan...

227 KARINA: – Aham. Você se sente bem? Convivendo com os bebezinhos? Com as mães?

228 VANDA: – EU sinto bem. Criança nenhuma não me incomoda, EU não fico doida, EU fico

229 tranquilo. EU gosto muito de criança, EU sou uma pessoa que tenho uma paciência bastante por

230 criança e pessoa de idade.

231 KARINA: – Ah. E o seu relacionamento com as demais mulheres lá na ala de bebê e gestante?

232 É bom?

233 VANDA: – É.

234 KARINA: – Ah, certo. E me diz uma coisa...

235 VANDA: – EU não gosto de confusão, EU gosto de invítá problema...

236 KARINA: – Uhum. Se você fosse escolher o momento da sua vida, uma fase da sua vida,

237 infância, adolescência, né? A fase adulta. Qual seria a melhor fase e por quê?

238 VANDA: – Ai, se EU fosse escolher, EU queria escolher quando EU era, EU tinha o meus 6

239 ano de idade, meu 7 ano.

240 KARINA: – Por quê?

241 VANDA: – Porque é criança, é muito bom a gente ser criança, porque cuida...

242 KARINA: – Sim.

243 VANDA: – Porque tem mãe que cuida bem carinhoso com a criança, mas tem mãe que não

244 cuida.

245 KARINA: – No seu caso foi assim? Seus pais eram carinhosos com você?

246 VANDA: – Minha mãe era.

247 KARINA: – E o seu pai?

248 VANDA: – EU não conheci meu pai.

249 KARINA: – Ah tá.

250 VANDA: – Meu pai mora no Rio Grande do Norte, em Natal. EU não conheço ele não.

251 KARINA: – Ah certo. É o seu pai, pai dos seus irmãos também ou não?

252 VANDA: – É. Minha mãe tem 6 filhos cum meu pai.

253 KARINA: – Sim, mas ela criou vocês sozinha?

254 VANDA: – Criou nós tudinho, todos os 6 sozinha e Deus.

255 KARINA: – E o que ela fazia pra sustentar vocês?

256 VANDA: – Ela levantava cedo... umas 3 horas da manhã, ela conta pra nós, pra ir pegar carona

257 pra ir pedir em outra cidade pra criar nós.

258 KARINA: – Ah tá. Ela pedia dinheiro então?
259 VANDA: – Pidia alimento...
260 KARINA: – Ah, alimentos... tá.
261 VANDA: – Arroz, feijão, farinha.
262 KARINA: – Aham, sei.
263 VANDA: – Lá no Irecê na Bahia.
264 KARINA: – Mas você considera que ela foi uma boa mãe, deu atenção a vocês?
265 VANDA: – Foi, deu muita atenção. Lá em casa nós faz o que é errado porque nós não tem
266 vergonha na cara mermo, ela fala pra nós.
267 KARINA: – Aham.
268 VANDA: – “Eu não ensinei isso pra vocês!”
269 KARINA: – Ah, por quê? Tem outros irmãos seus na mesma situação?
270 VANDA: – Tem outra irmã minha drogada tamém.
271 KARINA: – É mesmo? Mais nova ou mais velha que você?
272 VANDA: – Mai nova. Ela tem 20 e... 7, 28 EU acho, já.
273 KARINA: – É mesmo? Foi você que apresentou as drogas pra ela?
274 VANDA: – Não. EU tava lá e ela chegou e já chegou fumanu, EU falei “Oxi, não é pra fica
275 fumanu droga não, (ininteligível 0:12:35)” ela “Você não manda ni minha vida, não sei o quê”.
276 Aí até hoje ela fuma droga.
277 KARINA: – E ela já tem filhos?
278 VANDA: – Tem 4. E ela é mais drogada que EU, porque EU ainda dô o meu controle, sabe?
279 EU tenho o meu controle ainda com droga e ela não.
280 KARINA: – Ah tá. Ela também usa essa mesma droga?
281 VANDA: – É.
282 KARINA: – Ah, certo.
283 VANDA: – Quando EU sair daqui EU vou pra uma casa de recuperação, EU vou mandar levar
284 ela e interná. Então nós vai perde ela pras drogas.
285 KARINA: - O que significa perder alguém pras drogas?
286 VANDA: – É porque a droga mata.
287 KARINA: – Ah.
288 VANDA: – Se fumá demais. Principalmente o crack. Mata.
289 KARINA: – A pessoa passa mal ou você acha que...
290 VANDA: – Passa mai, dá revordose ou então a pessoa fica assim, só o osso e alí morre.
291 KARINA: – Aham, entendi. Vanda, outra coisa, então você só cuidou de um dos seus filhos, é
292 isso?
293 VANDA: – Cuidei só de um. Do Leonardo... ô, do Vando e do Lucas também né? Do João
294 Vitor só que...
295 KARINA: – Sim. Vanda o que significa maternidade pra você?
296 VANDA: – Maternidade?
297 KARINA: – Uhum.
298 VANDA: – Maternidade é de bebê, né?
299 KARINA: – Sim.
300 VANDA: – É ser mãe, ser carinhosa com os filho. Ter paciência, que eles não pede pra vir ao
301 mundo.
302 KARINA: – Uhum, certo. E outra pergunta. Como é que você se sente quando está com a sua
303 família?
304 VANDA: – Ah, EU me sinto mais alegre.
305 KARINA: – Sim. Eles não rejeitam o fato de você ter esse filho?
306 VANDA: – Não, eles fica feliz como EU to em casa.
307 KARINA: – Ah certo.
308 VANDA: – Aí, como EU não tô, a minha irmã vai atrás de mim... EU tenho uma irmã que
309 trabaia e ela vai atrás de mim e fala “Vanda, tu é tão bonita, não fica nessa vida não, fumando

- 310 droga não, vamo pra casa”. Aí **EU** mente pra **ela**, **fala** que **EU** vou no outro dia e não **you**. Aí **ela**
 311 vem de novo atrás de **mim**... **ela** se preocupa muito por **mim**.
- 312 KARINA: – Certo.
- 313 VANDA: – Mas quando **EU** saí daqui **EU** vou tomar o conselho **dela**.
- 314 KARINA: – Certo. Vanda, e por que você... você me disse que não sabe ler, né?
- 315 VANDA: – **Sei** não.
- 316 KARINA: – Mas você chegou a ir à escola alguma época?
- 317 VANDA: – **Cheguei**. **Minha mãe** já botou a **gente** em um colégio só que **EU** era muito danada,
 318 não **ficava**. Só **assistia** à primeira aula e **pulava** o muro e **ia** embora.
- 319 KARINA: – Então você chegou a ir à escola aqui em Brasília? Ou lá na Bahia?
- 320 VANDA: – Lá na Bahia.
- 321 KARINA: – Ah tá. Mais depois de grande você nunca procurou?
- 322 VANDA: – Daqui... aqui em Brasília também já. Já **fiquei**...
- 323 KARINA: – Aham, e o que você sentia na escola?
- 324 VANDA: – Ah, **EU** me sinto bem, só que...
- 325 KARINA: – Você gostava?
- 326 VANDA: – **Gostava**, mas é muito barulho, não **gosto** de escutar barulho.
- 327 KARINA: – Aham, sim.
- 328 VANDA: – (risos) **EU** já fiquei aqui no CRT de Taguatinga, ó, quando **EU** era pequena.
- 329 KARINA: – O que é CRT?
- 330 VANDA: – Onde fica **um monte de criança**.
- 331 KARINA: – Ah tá. Mas por que que você ficou lá?
- 332 VANDA: – Porque **EU** não tinha onde morar e **a minha mãe** morava na Bahia.
- 333 KARINA: – Ah tá. Entendi. É uma espécie de abrigo?
- 334 VANDA: – É.
- 335 KARINA: – Hum. E, assim, você já falou que teve que roubar etc, né? Qual foi a... como é que
 336 foi isso, assim, a primeira vez? Você foi, roubou uma pessoa na rua? Roubou o quê? Como é
 337 que aconteceu isso?
- 338 VANDA: – A primeira vez que **EU** fui roubá, **EU** roubava bolsa **de mulher**...
- 339 KARINA: – É mesmo?
- 340 VANDA: – **O povo** correndo atrás da **gente** e tudo...
- 341 KARINA: – Aham, isso na rua?
- 342 VANDA: – É, quando **EU** era **menina de rua**. **EU** já fui **menina de rua** aqui em Brasília.
- 343 KARINA: – Sim, sim.
- 344 VANDA: – Já **fiquei** aqui na casa Berbe em grande circular. Não sei se você lembra do grande
 345 circular que tinha na rodoviária do prano?
- 346 KARINA: – Era o quê lá?
- 347 VANDA: – Um grande circular. Era um colégio **de menina adolescente de rua**.
- 348 KARINA: – Aí você morava lá? Aí nessa época você roubava...
- 349 VANDA: – Aí **EU** fui trabalhar de dia e de noite **EU** ia pra casa Berbe.
- 350 KARINA: – Ah. Mas aí você roubava pra quê? Especificamente pra alguma coisa?
- 351 VANDA: – **EU** roubava pra comer.
- 352 KARINA: – Ah tá. Por que nesse lugar você não tinha comida?
- 353 VANDA: – **Tinha** mas **EU** não gostava de ficar lá de dia e lá é onde **a gente** estudava, tinha altas
 354 brincadeira, um monte de coisa.
- 355 KARINA: – Ah tá, tá certo. E depois? E aí? Esses crimes foram aumentando?
- 356 VANDA: – Foi. Aí, nesse tempo **EU** nunca fui presa, só ia pro... pra quela delegacia do
 357 adolescente... DCA e voltava.
- 358 KARINA: – Sim. Aham.
- 359 VANDA: – Nunca **caí** no CAJE.
- 360 KARINA: – Aham.
- 361 VANDA: – Depois que **EU** fiquei de maior **EU** só vevo na cadeia, tá reprimido em nome do
 362 Senhor Jesus.

- 363 KARINA: – Sim, tudo por causa do tráfico...
- 364 VANDA: – A moda, pela droga.
- 365 KARINA: – Pela droga. Ah tá. E você cometia essas coisas com mão armada?
- 366 VANDA: – Não. Sem nada.
- 367 KARINA: – É mesmo?
- 368 VANDA: – **EU** não caminhará sem **ninguém**, nem com faca, nem com arma, nem com nada.
- 369 KARINA: – Aham, certo.
- 370 VANDA: – Nunca **gostei**.
- 371 KARINA: – Ok. Tá Vanda. Quais são os seus planos para o futuro?
- 372 VANDA: – **Meus plano** agora de futuro é, ter **minha casa**, criar **os meus filho**. Ter **meus filho**
- 373 tudo perto de **mim** e **trabaia**.
- 374 KARINA: – Mas você acha que você vai conseguir ter todos os seus filhos perto de você? Você
- 375 me contou que tem um no Maranhão, que tem outro... né?
- 376 VANDA: – Se **EU** ficar com **minha mãe** mesmo, **EU** consigo **os meus filho**, honesta né? Sem
- 377 fumá droga, sem fazer o errado e trabaia. Tomá vergonha na cara e pará de usar droga e trabaia,
- 378 **EU** consigo.
- 379 KARINA: - Você me falou que as suas únicas experiências com trabalho foram como babá...
- 380 VANDA: – E zeladora.
- 381 KARINA: – E zeladora né? Certo, certo. Ok, e assim, você pensa nas dificuldades ao dar à luz?
- 382 Os seus partos foram tranquilos?
- 383 VANDA: – O **meu parto**?
- 384 KARINA: – Aham.
- 385 VANDA: – É, tranquilo. Todos foi normal.
- 386 KARINA: – Todos os partos?
- 387 VANDA: – Foram.
- 388 KARINA: – Ah tá. E essa próxima tem a possibilidade de ser?
- 389 VANDA: – **EU** to rezando pra ter normal também.
- 390 KARINA: – Aham, certo. Bom, assim, aqui a gente termina o roteiro da entrevista e eu queria
- 391 saber se você gostaria de falar mais alguma coisa a respeito da maternidade, a respeito do que
- 392 você espera, né? Com esse bebezinho...
- 393 VANDA: – Ah, o que **EU** espero é sair logo daqui e ter **meu filho** lá no HRAN...
- 394 KARINA: – No HRAN?
- 395 VANDA: – Com a força de Jesus. É.
- 396 KARINA: – Por que especificamente no HRAN?
- 397 VANDA: – Por que **EU** gosto de ter filho lá.
- 398 KARINA: – Ah tá, pelo tratamento?
- 399 VANDA: – É, **as pessoas** cuida muito bem e tudo...
- 400 KARINA: – E você amamentou alguma dessas crianças?
- 401 VANDA: – E também... **EU** amamentei todas as 4.
- 402 KARINA: – Ah certo.
- 403 VANDA: – Porque **EU** nunca tive fio aí no Gama. **EU** fico preocupada.
- 404 KARINA: – Aham. Ok, então Vanda, eu vou desligar agora a gravação, tá? Muito obrigada.

ENTREVISTA COM A COLABORADORA SANTA.

Tempo do áudio: 00h 09m 41s

INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO

- 1 KARINA: – Começamos a gravação, entrevista com Santa em 16/04/2014. Bom Santa, eu
 2 queria te perguntar, se você pudesse escolher um momento da sua vida pra começar a contar a
 3 sua história, que momento seria esse? Que fase seria essa? Infância, adolescência, a fase adulta?
 4 SANTA: – Infância.
 5 KARINA: – Por que infância?
 6 SANTA: – Porque não **EU** tive infância.
 7 KARINA: – Você não teve infância?
 8 SANTA: – Não.
 9 KARINA: - Você morava aonde?
 10 SANTA: – **Moro** na Fercal.
 11 KARINA: – Fercal?
 12 SANTA: – Uhum.
 13 KARINA: – E por que você disse que não teve infância?
 14 SANTA: – Porque logo **EU** engravidei, logo **EU** entrei em depressão...
 15 KARINA: – É mesmo?
 16 SANTA: – Aí ...
 17 KARINA: – Você engravidou com quantos anos?
 18 SANTA: – 13.
 19 KARINA: – 13 anos? Mas foi com alguém... algum namorado?
 20 SANTA: – Uhum.
 21 KARINA: – E essa pessoa assumiu a criança com você?
 22 SANTA: – **Assumiu**.
 23 KARINA: – Ah, e é o pai dos seus outros filhos?
 24 SANTA: – Não.
 25 KARINA: – Ah, certo. E você teve então o primeiro filhinho com 13 anos?
 26 SANTA: – Isso.
 27 KARINA: – E depois? E o segundo?
 28 SANTA: – 16.
 29 KARINA: – 16 anos. E o terceiro?
 30 SANTA: – 17 pra 18.
 31 KARINA: – Ah, certo. E como foi que... você me falou que você está aqui pelo motivo 33, né?
 32 SANTA: – Isso.
 33 KARINA: – Que então tem envolvimento com drogas. Como foi que as drogas entraram na sua
 34 vida?
 35 SANTA: – Na verdade o que **EU** fazia era tipo... **EU** nunca usei drogas..., às vezes, tipo, **um**
 36 **“bonde”**...
 37 KARINA: – O que é um “bonde”?
 38 SANTA: – É **alguém me** pagá pra **mim** entrá com droga.
 39 KARINA: – “Bonde” é alguém... que te paga...
 40 SANTA: – Isso, pra **mim** trabalho...
 41 KARINA: – Pagam para entrar... para levar drogas, né? Certo. Mas você não é usuária então?
 42 SANTA: – Não.
 43 KARINA: – Ah, sim. E o que os seus filhos... todos convivem com você?
 44 SANTA: – **Um é adotivo**. **EU** dei pra doação.
 45 KARINA: – Ah, você deu pra doação. Mas você sabe onde ele está? Você tem contato ou não?
 46 SANTA: – Ah, **EU** tinha. Tem, faz 2 anos que **EU** não vejo **ele**.
 47 KARINA: – Ah, tá. O mais velho está com quantos anos agora?

- 48 SANTA: – Fazê 9 em setembro.
- 49 KARINA: – Ah tá. Então 9... qual a idade do outro?
- 50 SANTA: – 7, fazê 8.
- 51 KARINA: – 7 e...
- 52 SANTA: – 5, fazê (ininteligível 0:01:52) de 1 ano e 4 meses.
- 53 KARINA: – Esse de 5 é que...Ah, de 1 ano e 4 meses também?! Qual foi para adoção?
- 54 SANTA: – O de 7, o segundo.
- 55 KARINA: – O de 7. Ah, certo. E você mora com quem?
- 56 SANTA: – Com **meu pai**, com **meu tio**.
- 57 KARINA: – Ah, você não tem mãe?
- 58 SANTA: – **Tenho**. Mas **minha mãe** é separada do **meu pai**.
- 59 KARINA: – Ah, tá. Mas ela conviveu com vocês? Ela participou da sua criação?
- 60 SANTA: – Mais ou menos, assim, não muito...
- 61 KARINA: – Ah, sim. Me diga uma coisa Santa, você estudou?
- 62 SANTA: – Até a 3^a.
- 63 KARINA: – Até a 3^a série do ensino fundamental? Certo. E você estudava onde?
- 64 SANTA: – Na mesma, na Fercal.
- 65 KARINA: – Ah, tá. E como você se sentia na escola? Você gostava? O que representava pra você a escola?
- 67 SANTA: – Ah, era **tudo**. Antes de engravidar.
- 68 KARINA: – Aham. Por quê? Quando você engravidou não pôde mais estudar?
- 69 SANTA: – Aí **começaram** a **me** xingar de **bucho quebrado**, essas coisa assim...
- 70 KARINA: – O quê?
- 71 SANTA: – **Os meninos** começaram a **me** xingar de **bucho quebrado**, coisa assim.
- 72 KARINA: – Ah, entendi.
- 73 SANTA: – **EU** parei de estudar.
- 74 KARINA: – Você sofria uma certa agressão verbal dos colegas e você desistiu?
- 75 SANTA: – Uhum.
- 76 KARINA: – Certo. E outra pergunta, eu pedi pra você escrever sobre maternidade, né? Mas você poderia me dizer em poucas palavras o que representa maternidade pra você?
- 78 SANTA: – Hoje, pra **mim** é tudo.
- 79 KARINA: – Sim. É tudo o quê?
- 80 SANTA: – Ser muito feliz com **os meus filhos**. **Acho** que se não tivesse **meus filho**, hoje **EU**
- 81 não tinha força pra lutar...
- 82 KARINA: – Sim, certo. É a primeira vez que você vem pra cá, grávida?
- 83 SANTA: – Primeira vez que **EU** sou presa.
- 84 KARINA: – A primeira vez que você é presa. E você já está aqui há quanto tempo?
- 85 SANTA: – 4 meses.
- 86 KARINA: – 4 meses, certo. Outra pergunta, você falou que você morava com o seu pai, né? E nessa convivência familiar, como é que você se sentia? Você se sentia bem? Como é que você se sentia?
- 89 SANTA: – **EU** me sentia bem.
- 90 KARINA: – Sim. Você era bem tratada?
- 91 SANTA: – Era.
- 92 KARINA: – Você tem mais irmãos?
- 93 SANTA: – **Tenho** 3. Só que mora... assim, **meu outro irmão** mora, sempre morou só. E **o outro** é tipo **os de rua**, que **ele** é viciado...mora mesmo na rua.
- 94 KARINA: – Ah tá, aham.
- 96 SANTA: – Comigo não, **ela** tipo me cuida. Entendeu?
- 97 KARINA: – Sim. Santa e você já trabalhou alguma vez na sua vida?
- 98 SANTA: – Já, mas nunca fichada, **EU** sempre trabalhei.
- 99 KARINA: – Ah. O que você fazia?
- 100 SANTA: – **EU** doméstica.

- 101 KARINA: – Doméstica? Certo. Outra coisa, você pretende voltar a estudar? Você disse que só
102 estudou até o 3º ano, né?
- 103 SANTA: – 3º ano.
- 104 KARINA: – Quais são as suas expectativas para o futuro?
- 105 SANTA: – Ai, **EU** queria estudar lá, **tando** aqui **acho** que **desanimou**, assim.
- 106 KARINA: – Desanima?
- 107 SANTA: – **EU** tô até estudando...
- 108 KARINA: – Você pode estudar aqui, não é?
- 109 SANTA: – **EU** tô estudando...
- 110 KARINA: – Ah, e por que você desanima?
- 111 SANTA: – Ah, **sei** lá. **Acho** que é meio a idade também...
- 112 KARINA: – Você está com quantos anos agora?
- 113 SANTA: – 22.
- 114 KARINA: – 22, né? Certo. Outra coisa, descrição de namoros, opinião sobre casamento, tem
115 alguma pessoa que te espera? Que você espera ter um relacionamento? O pai desse bebezinho
116 agora...ou alguma outra pessoa?
- 117 SANTA: – Não.
- 118 KARINA: – Não tem? É mesmo? O pai desse bebezinho, você se afastou dele então?
- 119 SANTA: – Uhum.
- 120 KARINA: – Ah, certo. Você me contou que você teve o primeiro bebezinho com uma pessoa
121 que você conheceu lá na Fercal, né? Como é que foi esse envolvimento?
- 122 SANTA: – **Ele** era **amigo da família**.
- 123 KARINA: – Amigo da família, certo. E ele hoje tem contato com as crianças?
- 124 SANTA: – Essa é a única **dele**.
- 125 KARINA: – Ah, tá. Ele tem contato com esse bebê?
- 126 SANTA: – Tem, felizmente **ele** tem. **Ele** tá com **a menina**, **a mais velha**.
- 127 KARINA: – Ah, certo. E você firmou algum relacionamento com algum dos pais das crianças?
- 128 SANTA: – Com esse primeiro, assim.
- 129 KARINA: – Ah, tá. Mas os demais não?
- 130 SANTA: – Não.
- 131 KARINA: – Mas o que foi que aconteceu pra não ter esse relacionamento, esse compromisso?
- 132 SANTA: – Não, cada **um** di boa. **A gente** namorou, ficou e aí cada **um** foi diferente. **EU** nunca
133 tive casamento, só com **o primeiro** assim mesmo...
- 134 KARINA: – Certo. Outra coisa, outra pergunta. Quais são os seus sentimentos em relação a este
135 lugar, a este contexto?
- 136 SANTA: – Faz muito frio...
- 137 KARINA: – Muito frio...
- 138 SANTA: – Muita raiva...
- 139 KARINA: – Por que muito frio?
- 140 SANTA: – Ai, é que... **sei** lá, muito... **dá** muito ódio.
- 141 KARINA: – Pelo tratamento das pessoas?
- 142 SANTA: – Também. Pelo jeito, pela prisão, pelo tudo.
- 143 KARINA: – Sim.
- 144 SANTA: – Pelas **pessoas**.
- 145 KARINA: – Como foi esse fato que te trouxe pra cá? Essa prisão? Onde é que você estava, o
146 que estava acontecendo?
- 147 SANTA: – **EU** tava levando droga pro presídio lá na Papuda.
- 148 KARINA: – Aham. Pra algum namorado?
- 149 SANTA: – Não, pro **marido dessa mulher**.
- 150 KARINA: – Ah, sim.
- 151 SANTA: – Até **peguei** comigo também.
- 152 KARINA: – Sim, aham.

- 153 SANTA: – Aí, disse que tinha denúncia. Disse que EU já tinha entrado uma vez, era a segunda
 154 vez. Aí pegaram e me prenderam.
- 155 KARINA: – Ah sim, mas você já sabia desse risco?
- 156 SANTA: – Já.
- 157 KARINA: – Ah. E como você se sentia, assim, se arriscando tanto e deixando os seus filhos que
 158 poderiam ficar sem o cuidado da mãe?
- 159 SANTA: – Tinha depressão. E EU pensei também que (emocionada) se ficasse aqui ia ser 3
 160 mez, não pensei que ia...
- 161 KARINA: – Entendi. E Santa, diga uma coisa. Você disse que você não é usuária e que você
 162 fazia esse serviço chamado “bonde”.
- 163 SANTA: – Uhum.
- 164 KARINA: – Mas, qual é a finalidade do dinheiro? Assim, o que te levou...
- 165 SANTA: – Ah, no trabalho EU ganho pouco, aí tipo, interessei mais porque ela disse que ganha
 166 bem. Aí toda vez que ela levava, ela ganhava bem, aí EU queria.
- 167 KARINA: – Sim.
- 168 SANTA: – EU tipo, EU mora...assim, EU não tenho condição que os pais só de uma que paga
 169 pensão, entendeu? Aí os outros EU é que cuido só.
- 170 KARINA: – Sim, ah tá. Entendi. Então foi pra sustentar os seus filhos?
- 171 SANTA: – Foi.
- 172 KARINA: – É isso, né? Tá. Outra pergunta, você falou também da questão do ódio né? Por que
 173 o ódio?
- 174 SANTA: – Nossa! Isso EU não sei te explicar. Um ódio que... raiva.
- 175 KARINA: – Uhum. Mas ódio em termos de convivência com as pessoas que estão aqui com
 176 você? Ou ódio por estar aqui?
- 177 SANTA: – Ódio por estar aqui.
- 178 KARINA: – Por estar aqui. Mas a convivência com as pessoas, ela é tranquila? Relativamente
 179 tranquila?
- 180 SANTA: – Na verdade não.
- 181 KARINA: – Não? Por exemplo?
- 182 SANTA: – Ah, muita briga, muita desconfiança...
- 183 KARINA: – Ah, o ambiente assim, que traz isso né? Tá certo. E como você se sente convivendo
 184 com outras pessoas que também já estão com bebezinho, cuidando do bebê? Isso não traz uma
 185 atmosfera boa?
- 186 SANTA: – EU acho assim, em parte não. Que EU lembro os meus filho e EU não aguento.
- 187 KARINA: – Aham, você se emociona. E a parte boa?
- 188 SANTA: – Boa de a gente distraí um pouco.
- 189 KARINA: – Sim. Então você ajuda a cuidar dos bebês?
- 190 SANTA: – Ajudo.
- 191 KARINA: – Ok. Outra coisa, como é que é a sua rotina aqui? No presídio?
- 192 SANTA: – Ah, EU vou no banho de sol, pra escola e pra cela de novo, pra cela.
- 193 KARINA: – Ah, tá. Quanto tempo você passa na escola?
- 194 SANTA: – Acho que umas 2 horas, assim.
- 195 KARINA: – Ah, sim. E você tem aula de português? Matemática?
- 196 SANTA: – Não, não. EU estou na 3º série.
- 197 KARINA: – Ah sim. Tá na alfabetização, né?
- 198 SANTA: – Isso.
- 199 KARINA: – Ok. E os seus filhos estudam?
- 200 SANTA: – Estuda.
- 201 KARINA: – E quem tá levando pra escola? Quem é que cuida deles?
- 202 SANTA: – O mais velho ele tem um ônibus pra escola. E o mais novo... o de 5 anos está com o
 203 meu primo na Bahia. Aí o meu primo tá cuidando dele.
- 204 KARINA: – Ah tá. Mas os outros 3, quem é que cuida?
- 205 SANTA: – Aí tem uma... a minha irmã.

206 KARINA: – Ah, a sua irmã cuida deles. Aham, certo.
207 SANTA: – Aí tem que ficar com a minha irmã. É só 3.
208 KARINA: – E alguém vem te visitar aqui? A sua família?
209 SANTA: – Minha mãe e minha irmã.
210 KARINA: – Sua mãe e sua irmã?
211 SANTA: – Uhum.
212 KARINA: – Ah, então você não se sente assim, deixada aqui, né?
213 SANTA: – Não.
214 KARINA: – Ah, tá. Elas vêm toda semana...?
215 SANTA: – Vem de 15 em 15 dia, mais ou meno.
216 KARINA: – Ah tá. Sobre dar à luz. Os seus partos são tranquilos?
217 SANTA: – É, assim, não muito tranquilo. Tudo cesária, só que o médico disse que esse também
218 ia ser de risco. É tudo cesária.
219 KARINA: – É mesmo?
220 SANTA: – Uhum.
221 KARINA: – Tá. E uma última pergunta Santa, que eu ia te fazer, né? Como você vê as
222 dificuldades que você pode enfrentar saindo daqui? Eu vou melhorar a minha pergunta. O que é
223 que esse tempo aqui representa pra você? Assim, em termos de mudança, como é que isso vai
224 mudar a Santa?
225 SANTA: – Ah, acho que vai ser pra pior.
226 KARINA: – Por que vai ser pra pior?
227 SANTA: – Ah sei lá. Porque isso aqui... EU peço muito a Deus, tipo, acho que o que EU passei
228 aqui acho que EU vou sair com muito ódio, entendeu?
229 KARINA: – Sim. Você...
230 SANTA: – Ainda mais com as pessoa lá fora.
231 KARINA: – Aham. Por que as pessoas lá fora vão te criticar? É isso?
232 SANTA: – É, também.
233 KARINA: – Ah, por exemplo quem? A sua família ou colegas?
234 SANTA: – É. Não, os colegas ou a madrasta do meu filho (emocionada), que EU acho que EU
235 vou saí daqui e fazê uma besteira da minha vida.
236 KARINA: – Ah tá. Ela cuida do seu filhinho?
237 SANTA: – É.
238 KARINA: – De qual deles?
239 SANTA: – Do de 7.
240 KARINA: – O de 7 anos?
241 SANTA: – O Rônei.
242 KARINA: – Ah, certo. Bom, eu espero que dê tudo certo pra você Santa. Eu te agradeço muito
243 pela entrevista, tá? E tudo de bom. Eu vou terminar aqui a gravação. Encerrando.

ANEXO II - NOTÍCIAS ELETRÔNICAS E RESPECTIVOS COMENTÁRIOS DE LEITORES EM DECORRÊNCIA DE EVENTO COM MULHER GESTANTE EM SITUAÇÃO PRISIONAL

Texto I. 09/05/2015 19h49 - Atualizado em 09/05/2015 20h49

Detenta dá à luz em cima de saco de lixo em corredor de presídio no DF

Mulher e bebê passam bem; vídeo mostra momento do parto.

Associação reclama de falta de médicos e enfermeiros na penitenciária.



Na semana do Dia das Mães, uma detenta da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Distrito Federal, deu à luz em cima de um saco de lixo. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.

Em nota, a Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania afirmou que, na semana passada, uma das detentas grávidas chamou a equipe de plantão já com o parto em andamento "não tendo tempo para providenciar a escolta". "Diante da emergência, a equipe de plantão auxiliou no parto até a chegada do Samu que concluiu os procedimentos e encaminhou mãe e filho ao hospital do Gama", informou.

Apesar do parto ter sido tranquilo e a mãe e a bebê estarem bem, o presidente da Associação dos Agentes Penitenciários do DF, Paulo Filgueiras, reclama que há outras mulheres grávidas na Colmeia e não há nenhum médico, enfermeiro e nem mesmo enfermeira.

"Como não temos técnica, não temos preparo, não é da nossa atribuição fazer esse tipo de procedimento", disse Filgueiras. "Amanhã, uma criança dessa ou a mãe pode morrer."

A pasta afirmou que possui uma equipe de saúde composta por ginecologista/obstetra que também atende como clínico, além de enfermeiros, auxiliares, psicólogo, psiquiatra e assistente social.

De acordo com a secretaria, a penitenciária feminina abriga cerca de 590 mulheres, sendo 18 grávidas, e 26 bebês. A pasta afirmou que o número de detentas grávidas vem aumentando muito "em razão do aliciamento de mulheres grávidas para entrarem com entorpecentes nos presídios".

(11 COMENTÁRIOS).

Comentários	Nº Aprovações	Nº Desaprovações
"bolsa família, bolsa cadeia, bolsa prostituta, esqueci alguma bolsa?"	16	24
"Uma pergunta: Alguma dessas crianças foram "concebidas" dentro da cadeia?? Caso afirmativo, acho que o Estado deverá sustentá-lo até a maioridade!!! Ou eu tô errado???"	17	26
"Importante colocação, pois dentro das cadeias acontece de tudo."	5	0
"Se pra quem está solta não está fácil, imagine pra quem está presa."	12	3
"Colocou no mundo mais um bandidinho."	11	44
"A maior inocência do mundo nascendo entre grades... que não siga o mesmo caminho da mãe. É lamentável o descaso do judiciário com as casas penitenciárias, por que não é só apenas pelas condições das presas, mas pelas condições de trabalho das agentes, que têm que se virar com o que têm e com o que não têm para atender a população carcerária."	27	3
"Mais uma sementinha."	10	18
"Devemos celebrar o nascimento de uma criança, diga não ao infanticídio."	22	7
"Uma sociedade fétida não poderia propor a inocência maneira menos indigna de inaugurar sua existência..."	24	3
"Parabéns a essas Agentes! espero ver essas mulheres na TV recebendo o reconhecimento por essa bravura."	51	9
"Aproveitem a oportunidade e providenciem uma laqueadura urgente nesta infeliz !!!!!"	47	67

Disponível in: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/detenta-da-luz-em-cima-de-saco-plastico-em-corredor-de-presidio-no-df.html>. Acesso em 20/12/2015.

Texto II. 18/06/2015 21h23 - Atualizado em 18/06/2015 21h23

Justiça manda GDF construir creche e berçário no presídio da Colmeia

**Instalações devem atender mães de crianças até 7 anos e grávidas.
Pedido foi feito pela OAB; GDF diz que não foi notificado; cabe recurso.**



A Justiça mandou o Governo do [Distrito Federal](#) construir uma creche e um berçário dentro da Penitenciária Feminina da Colmeia, no Gama. O GDF tem dez dias para modificar as instalações do presídio para detentas que acabaram de ter filhos, para grávidas e mães de crianças até 7 anos. Cabe recurso.

O GDF informou que ainda não foi notificado da decisão.

Pela determinação da Justiça, o governo deverá indicar e transferir as internas que atendam as condições previstas para locais adequados, caso não faça as adaptações necessárias. Em último caso, elas podem ir para a prisão domiciliar.

A Colmeia deverá ter plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das presas. Os médicos devem trabalhar também à noite e nos fins de semana, o que não ocorre atualmente. A decisão da Justiça veio depois de um pedido da OAB.

Em maio último, na semana do Dia das Mães, uma detenta da deu à luz em cima de um saco de lixo. Um vídeo obtido pela TV Globo mostra agentes penitenciárias improvisando um espaço no corredor do presídio para que a criança nascesse.

(5 COMENTÁRIOS).

Comentários	Nº Aprovações	Nº Desaprovações
"Plantão de ginecologistas, obstetras e pediatras para atendimento das presas" é sacanagem demais!!! Tem mãe que vê seus filhos morrerem por falta de atendimento médico..."	5	2
"Além de sustentar BANDIDAS temos que sustentar os filhos delas ??? Tá de brincadeira."	11	5
"Só no Brasil os presos tem mais regalias que a população honesta e trabalhadora."	15	3
"Enquanto isso as mães de bem estão sem vagas nas creches do GDF, quem rouba, mata , furta e trafica tem direito a uma creche nova e exclusiva. A justiça é cega mesmo. Que desgosto de ter nascido no Brasil.."	10	1
"Antes, só a palavra 'política' tinha ganhado sentido antagônico, sujo, imoral... a gora é a vez da palavra 'justiça'... O cidadão de bem ainda vai ter que pagar mais essa dessas chocadeiras..."	6	0

Disponível in: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/06/justica-manda-gdf-construir-creche-e-bercario-no-presidio-da-colmeia.html>. Acesso em 20/12/2015.

Texto III. 20/08/2015 08h15 - Atualizado em 20/08/2015 08h15

GDF inaugura berçário com mais 22 leitos na Penitenciária Feminina

**São 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês na Colmeia.
Espaço antigo será exclusivo para gestantes; obra não teve custos.**



Entrada da Penitenciária Feminina do Distrito Federal (Foto: TV Globo/Reprodução)

A Penitenciária Feminina do **Distrito Federal** recebeu nesta quarta-feira (19) uma nova ala de berçário, com 22 leitos a serem usados por mulheres com recém-nascidos. Atualmente, o presídio tem 692 internas, sendo 20 gestantes e 17 com bebês.

Conhecida como Colmeia, a unidade contava com uma ala única com 24 vagas para gestantes e mulheres com crianças. Agora, o espaço antigo passa a ser exclusivo para as grávidas.

Segundo o GDF, a obra não teve custos para os cofres do Executivo. A mão de obra foi da Secretaria de Justiça e Cidadania, e os materiais utilizados foram obtidos por doações de órgãos públicos e um centro universitário, informou.

A pasta afirmou que a maior parte das detentas grávidas chegam ao presídio sem pré-natal. Ao dar à luz e retornar à prisão, a interna passa por uma triagem do núcleo de saúde e é encaminhada para atendimento com ginecologista e equipe multiprofissional.

O Núcleo Materno-Infantil da Penitenciária Feminina faz a doação de roupas conforme o tamanho da criança, além de cueiro, toalha, meias, luvas, cobertos, fraldas e sabonetes, informou.

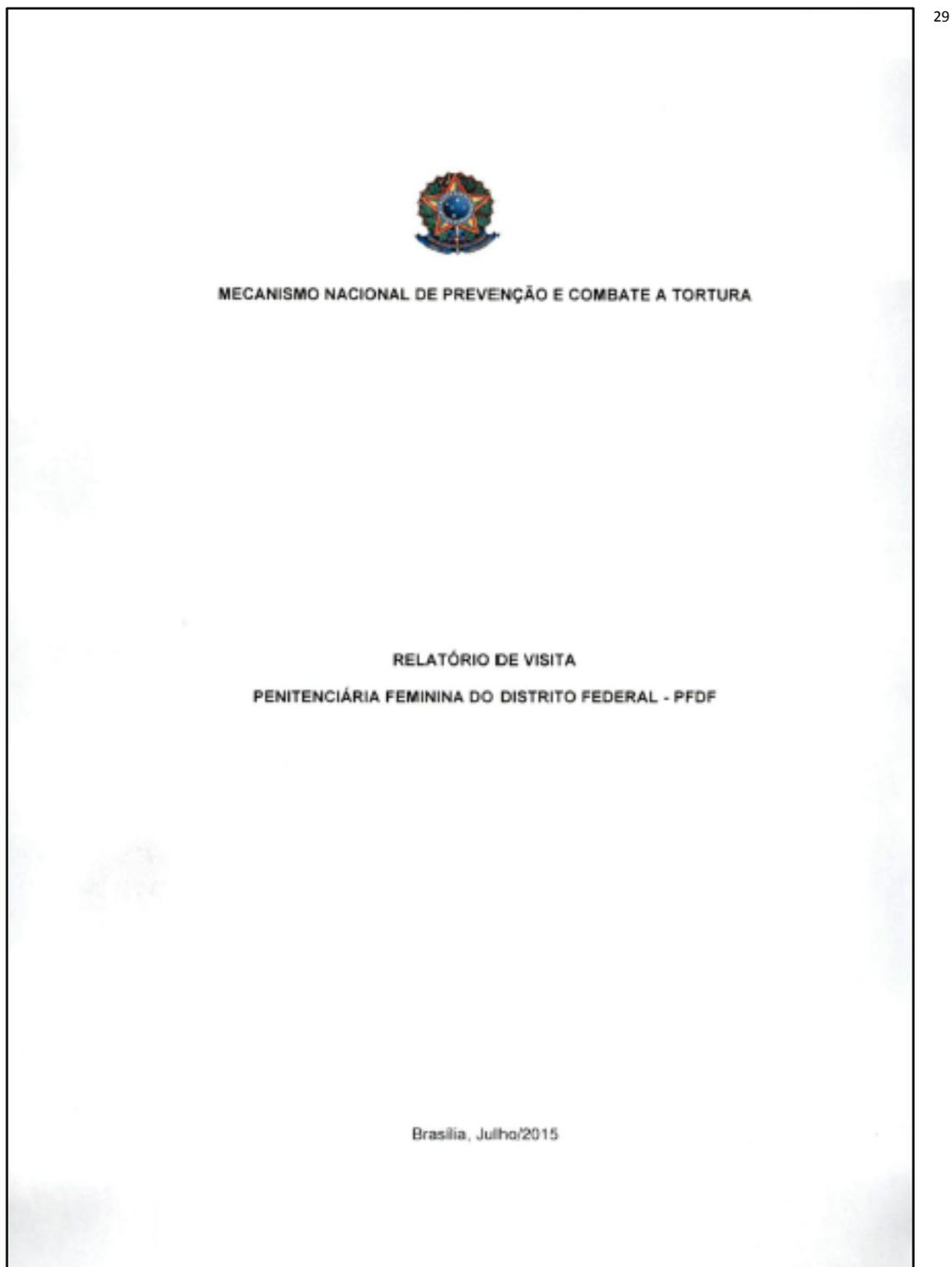
Tópicos: [Brasília](#), [Distrito Federal](#), [Gama](#).

Comentários

"Este conteúdo não recebeu comentários."
--

Disponível in: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/gdf-inaugura-bercario-com-mais-22-leitos-na-penitenciaria-feminina.html>. Acesso em 20/12/2015.

**ANEXO III - CAPA DO RELATÓRIO DE VISITA PENITENCIÁRIA
FEMININA DO DISTRITO FEDERAL - PPDF RELATIVOS ÀS MGSP**



29

²⁹ O Relatório de visita à Penitenciária Feminina do Distrito Federal está disponível no site do Conselho Nacional de Justiça < <http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/sistema-nacional-de-prevencao-e-combate-a-tortura-snpct/mecanismo/2o-relatorio-de-visita-a-penitenciaria-feminina-do-distrito-federal> >

ANEXO IV- TERMOS E EXPRESSÕES UTILIZADAS PELAS MGSP

Armar uma casinha: criar situações que possam resultar em situações complicadas.

Boca: local destinado a compra e venda de drogas ilícitas.

Bonde: pessoa que paga para que uma mulher tente entrar com drogas em presídios.

Bicho: referência à pessoa que não faz parte do seu círculo.

Cabuloso: algo ou alguém que causa estranhamento ou admiração.

Confere: procedimento de chamada das presidiárias, de conferência.

Corre (substantivo masculino): ajuda concedida às presidiárias gestantes. Ex.: quando uma gestante faz um trabalho para outra gestante na fase final da gravidez, em troca de algo, como uma fruta, um creme de cabelo etc.

Dedar: gíria brasileira para denunciar, revelar (crime ou delito).

Desbandear: ato de mudar para um lado contrário.

Drogadição: período de constante uso de drogas ilícitas.

Esparrar: funcionar, dar certo. Ex.: a arma não esparrou.

Ficar na minha cola: pessoa que não desgruda, que, de certa forma, persegue, insiste.

Fissura: vontade incontrolável de usar drogas.

Frevo: sinônimo de festa, eventos para divertimento.

Fuleragem: ação sem valor, ordinária, reles, sem comprometimento de quem a realiza.

Gado: pessoa com mais condições financeiras que chama a atenção de usuários de drogas; pessoa suscetível a cair em golpes.

Limpa: estar sem usar drogas.

Lombra: momento de êxtase propiciado pelo uso de entorpecentes.

Massa: total de mulheres em situação prisional.

Moda: todo o problema ocasionado, no caso, pelo uso de drogas ilícitas.

Melhorado: comida incrementada com molho de tomate, milho, azeitona e creme de leite.

Muvuca: estar no meio da bagunça.

O ó: expressa desagrado a respeito de algo ou caracteriza que algo não é agradável.

Peixe: alguém especial, diferente. Exemplo: uma menina bonita.

Percúrio: quarto dentro da cela da ALA “A”: destinados às mulheres gestantes ou no puerpério.

Pista: local em que garotas se prostituem.

Promoção: sinônimo de uma boa oportunidade. exemplo: quando uma pessoa com idade mais avançada queria apenas a companhia de uma menina para consumir drogas.

Isso era considerada uma boa oportunidade.

Rua: referência o mundo externo ao presídio.

Seguro: cela de segurança para presidiárias que sofreram alguma ameaça, com a segurança fragilizada.

Teco: ação de cheirar uma quantidade de cocaína.

Tionga: pessoa pouca esperta, ingênua.

Xepa: comida servida no presídio, marmita.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS GESTANTES/ FAMILIARES PARTICIPANTES DA PESQUISA

“O QUE ESPERAR QUANDO SE ESTÁ ESPERANDO ATRÁS DAS GRADES: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES EM NARRATIVAS DE MULHERES GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL”

Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luíza Sales Monteiro Coroa/ Pesquisadora responsável: Karina Mendes Nunes Viana

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília - UnB, pelo parecer nº 461.670, de 30/10/2013, telefone 3107-1947, email cepfs@unb.br.

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.
- Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo pesquisa é investigar, analisar e interpretar criticamente como se constitui discursivamente a identidade de mulheres gestantes em situação prisional; as relações entre gênero e poder presentes no contexto prisional e suas implicações sociais.
- Você está sendo convidada a participar exatamente por poder contribuir com a discussão do tema mulheres gestantes em situação prisional.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de sessões de grupo focal com outras gestantes, responder a questionários e entrevistas.
- Os procedimentos serão registrados apenas para transcrição dos dados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- As gravações dos grupos focais, das entrevistas e dos questionários terão apenas a finalidade de registro, para posterior transcrição.

Riscos e benefícios

- Este estudo não possui riscos expressos. Medidas preventivas durante as entrevistas serão tomadas para evitar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre identidades e representações em narrativas de mulheres gestantes em situação prisional.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora responsável.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores (orientadora e pesquisadora) e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações obtidas com os (grupos focais, entrevistas e questionários, etc.) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora responsável (Karina Mendes Nunes Viana) com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade/ será destruído após a pesquisa.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

APÊNDICE II – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ACESSO ÀS NARRATIVAS DE VIDA

Início da entrevista

Explicar o que é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE;

Para estabelecer contato: “Onde você gostaria de começar a história da sua vida?”.

Eixos temáticos

Descrição da infância;

Descrição da maternidade;

Descrição da família e sentimentos ao falar sobre as pessoas com as quais convive;

Descrição da escola e planos de continuar estudando;

Descrição dos amigos e atividades compartilhadas;

Experiências de trabalho e projeções quanto a futuros empregos;

Descrição de relacionamentos;

Descrição dos filhos;

Descrição do início da trajetória criminal;

Uso de drogas;

Descrição dos sentimentos associados à PFDF;

Descrição dos relacionamentos com outras MGSP à PFDF;

Descrição dos relacionamentos com as demais mulheres em situação prisional da PFDF;

Percepção de desenvolvimento e mudança após a entrada na PFDF;

Descrição dos profissionais de segurança da PFDF;

Descrição dos demais profissionais com quem tem contato nas oficinas, no acompanhamento pré-natal e em outros momentos;

Descrição da rotina na PFDF;

Descrição de mudanças comportamentais durante a permanência na ala destinada às gestantes;

Descrição do fim de semana e de atividades realizadas;

Projeções e expectativas para o futuro;

Antecipação de dificuldades para romper com a criminalidade;

Descrição de dificuldades para as MGSP;

Antecipação de dificuldades após o parto.

Encerramento da entrevista

Complementar informações, detalhar pontos de interesse e agradecer pela colaboração.